

JOSÉ DA SILVA PICÃO

A TRAVÉS DOS CAMPOS



USOS E COSTUMES AGRÍCOLA ALENTEJANOS

Biblioteca

ATRAVÉS
DOS
CAMPOS



EMPRÉSTIMO
CONDICIONADO



José da Silva Picao



JOSÉ DA SILVA PICÃO

ATRAVÉS
DOS
CAMPOS

USOS E COSTUMES AGRÍCOLO-ALENTEJANOS
(CONCELHO DE ELVAS)

2.^a EDIÇÃO

LISBOA
NEOGRAVURA, LIMITADA
Travessa da Oliveira (à Estrêla), 6
1947

39 (467.3)
PIC a



À GUISA DE INTRODUÇÃO

MEU caro Dr. Tierno da Silva: — Confesso-lhe: — não sei bem por que títulos, (afora os que me empresta o seu sólido e velho affecto, e o consequente desejo de me ver aqui) eu dou comigo na larga portada deste sério e belo livro, em funções de reposteiro-mor. Confesso-lhe, ainda e mais uma vez: — afigura-se-me um feio acto de usurpação aceitar um posto, por direito pertencente a outrem que, por mèrito próprio, mais o merecesse e com ele melhor se houvesse. Mas confesso-lhe, também com a mesma franqueza: — desvanecidos os meus escrúpulos pelo imperativo da sua insistência, dá-me um triplice prazer este cargo de introdutor em que a sua amizade me investiu.

Em primeiro lugar, o ensejo de poder prestar homenagem a quem, como o Autor desta obra, soube dignificar a nobre arte de escrever pelo bom uso que dela fez, é para o meu gosto de admirar uma consolação enorme. Em segundo, desvanece-me a possibilidade de colaborar, (ainda que tão pobre e apagadamente) num acto de reparação mental, como é o desta carinhosa exumação às inércias do esquecimento em que a ingratição dos vivos o havia sepultado, de um Livro que, pela riqueza da sua substância e pela sugestividade da sua forma, não só tem todo o direito a ser lido pelos que o ignorarem e relido pelos que já o conhecem, mas, ainda e também, todos as condições para continuar a ser, pela constância da leitura, uma força actuante e fecunda de cultura e de amor à Terra. Em terceiro lugar, (este já de natureza pessoal e subjectiva), o falar deste Livro representa para mim um retorno pelos atalhos da memória a tempos distantes, que as primeiras saudades da velhice começam a redourar de pungente encanto...

Eu lhe conto:

DOBRARA o cabo dos vinte anos — verdes e seivosos vinte anos, meninos e moços, animados pelos afagos maternos dessa suavíssima paisagem da beira-Vouga que os trouxera aos peitos e ao colo — quando os asares de uma mal-encetada burocracia atiraram comigo, de surpresa, para as extremas do Alto Alentejo, rês-vès das Espanhas.

O Alentejo!...

Para a minha imaginação de beirão confinado nos horizontes limitados da sua provincia montezinha, e nesses bons tempos, em que a velocidade desfloradora dos transportes modernos não havia, ainda, obliterado a noção e o mistério das distâncias, esta palavra suggeria o quer que fosse de aventura — de tal sorte ela soava dentro de mim a longe, a fim-de-mundo...

Conservo, viva e chocante como se fora de ontem, a lembrança da emoção com que desgarrei da terra e dos alvoroços de iniciação em que fiz a primeira viagem para lá,—começos de um estuante e alviçareiro Junho, ao longo de um comprido dia vistosamente amanhecido por entre os viços primaveris do meu re florido rincão e desoladamente anoitecido nos longes enigmáticos da savana, por entre searas já retisnadas pelo sol, campinas desertas de povoado e exangues, de cor, a caminho de Elvas.

Ainda me sangra nos olhos e na alma o exaspero violento desse crepúsculo! Aos seus reverberos de fogo entrei as portas da cidade, por onde, já noite, diambulei, esbarrando a cada esquina de ruela esgalgada, já mergulhada na sombra, com os espectros do Passado de que as sombras enchiam o velho burgo prene de História.

Revejo-me, mais tarde, por horas altas de uma ardente velada de «travessio», no terraço alcandorado do hotelzito em que me hospedei; e revivo a curiosidade quase dolorosa de minúcias com que os meus olhos excitados e insones perscrutaram a novidade estranha de tudo o que me rodeava:—desde o casario apinhado e miudinho do mumificado burgo mourisco, estorcegado pelo abraço negro das muralhas, todo caiado de um branco que sugeria albornozes, dentro da noite aluarada e branca, até os confins vagos da linha do horizonte, cortando em recta o céu translúcido, como as do mar-alto...

Tonto de fadiga, de calma, de luminosidade, de amplidão, ali mesmo adormeci sob a mais desconcertante das impressões:—a de nas curtas horas de um dia de jornada, não me haver apenas deslocado uma centena de léguas no espaço, mas dado, também, o salto de alguns meses no tempo, tal a sensação violenta de outono com que a amareidão dos campos, a seqidão do ar, haviam agredido os meus sentidos, pela tarde fora, e a noite, então, completava, envolvendo-me no estagnamento cálido da sua livida agonia, por sobre tanta coisa nova em que o meu olhar se estreava.

Essa sensação, agravou-se no dia seguinte, quando, ao desabrochar do sol em brasa por sobre lonjuras descampadas de messes ourescentes ou de charnecas adustas, ferreteadas pelo ritus amargo da esterilidade, atravessei, balaceando-me num churrião de molas de azinho, ao chouto sonolento de uns corpulentos muares, os «barros» de Elvas, caminho de Campo Maior.

Tal jornada foi, por assim dizer, o meu primeiro corpo-a-corpo de homem do Norte e do Vale com o Sul e a Planície.

Oh! E como tudo o que eu ia vendo era estranhamente hostil ao senti-

mento da natureza arreigado dentro de mim pela terra em que me criara — com seus horizontes fechados em abraços sobre nós; sua grandeza suave de montanhas; a doçura idílica dos seus vales; a gama infinita e alegre das suas tintas; a variedade continua das suas perspectivas; a poesia misteriosa das suas alfombras, das suas levadas e dos seus rios...

A toda a roda, por entre farrapos de mato arborescente, de estevas virgens, de olivedos e chaparraes, estiravam-se léguas e léguas de terras de amanhã e de pousio, em chão raso. Um leve encrespar de colinas tentava, aqui, mais além, intumescer a crosta do solo; mas breve abatia como vagas quebradas, na planura teimosa, nivelando-se e empastando-se com a distância nas pinceladas indecisas dos últimos planos.

O quadro que me rodeava era sem dúvida grandioso; mas pobre de graça e de ritmo, de pormenores, de variedade e de cor, para além dos amarelos do sol e das ervagens secas, do verde cinzento dos olivedos e dos azinhais, do azul cru e envolvente da atmosfera. Outros tons, se os havia, perdiam-se, fundidos na cenografia baça dos longes.

Lês a lês do horizonte, o despovoado alastrava. Aqui, além, emergiam da lisura obstinada do solo, projectando-se no infinito, as silhuetas raras e extáticas de pastores, contornos triangulares de «medas», o volume branco de algum «monte», em cujos tijolos rubros a luz se enlabaredava. Esses traços e esses volumes, ganhavam relevos de imprevisto, em que a vista repousava momentaneamente, — para logo tombar, desamparada, nos prainos dourados da estepa. Mourejava-se esforçadamente no pelejar das «assefas», «folhas» além, sob a chicotada candente da luz. Um silêncio ardente, ofegante, pesava sobre as coisas, apenas cortado, aqui, além, por um chocalhar de boiada invisível, o vozeirar longínquo de alguma «camarada» de ceifeiros, o ruído de um moinho de vento, movendo-se com esforço à passagem do travessio, o matraquear de uma cegonha, desenhando fugidias sombras de asas sobre a palidez da imensa e lisa paisagem sem sombras...

Doiam-me os olhos, de tanto olhar aquela vastidão, sem um monte, um colo de verdura, um regaço de águas em que pousarem e descansarem, até que, manhã já alta, a vilazinha fronteiriça, surgiu, enfim! do ermo. Revejo-a com os olhos desgostosos dessa hora: — a brotar do descampado deserto de gentes e mal-trapido de vegetações e a acolher-me, por detrás do seu castelito em ruínas e das suas muralhas escalavradas de fortaleza inútil, com o mesmo e vetusto ar de desconfiança com que, havia séculos, escoldrinhava os plainos incertos de Castela...

Ali me destinava. Por ali fiquei.

Espécie de «ratinho» sentimental, sem «guantes» de cana nem ceitoira afiada nos dedos, mas de pena na mão e odienta manga de alpaca no braço, ali fiquei — desenraizado e triste!

Em cada dia que passava, mais se acentuava dentro de mim, entrado de nostalgia, o apego aos longes do meu vergel natal, cujo humos se diria ir secando e esfarelado nas raízes profundas do meu ser como a terra dos viveiros seca e se esfarela nas raízes das árvores que se tresplamam, longe do humos onde brotaram...

À minha volta, exacerbando-se de agrestia em agressividade, com os desesperos do estio que a mortificava, sempre, aquela desamparada vastidão dos horizontes; aquela monotonia obsediante da planura e suas vastas perspectivas sem paisagem, cenografadas a amarelos de searas e azul de céus: aqueles intermináveis desdobramentos de argila vermelha e enxuta, polvorenta, sangrando às mordeduras inclementes do sol, sem um entreluzir de águas, que lhe matasse a sede; aquela lividez hostil dos rastolhos, de gumes em riste; aquela carência de ramagens, reduzidas, limitadas ao verde cinzento ou metálico dos olivedos, dos sobreiros, dos chaparraís retorcidos; aquele lento rolar, por cima das coisas atônitas, das horas rútilas de calma ou dos letargos ofegantes das noites requeimadas; aqueles abismados silêncios de morte, que constantemente pesavam sobre a aflitiva imobilidade dos campos — continuaram a desorganizar-me os nervos. A tal ponto, meu Amigo, que, acicatado por uma saudade, tornada pela solidão de puro ressentimento da alma em angústia do próprio sangue, fui estendendo das coisas da natureza à natureza das criaturas, que me rodeavam, sem me acolherem, um tal ressaibo de estranheza, de desconfiança, de desentendimento, que, por um tris, me não ia incompatibilizando com tudo e com todos: — terra e gente, clima e costumes.

E foi, então, que conheci este Livro.

Li-o avidamente, nas minhas horas de madorna.

O Autor vivia ali perto, na aldeia de Santa Eulália. Não o conheci. Nunca pelo seu braço seguro e rijo, passeei através dos campos. Mas supongo que, melhor do que conhecê-lo, a leitura da sua obra teve o condão de intervir apasiguadamente no mal-entendido esboçado entre mim e o meio novo. É que, desentranhando à minha sensibilidade a alma das coisas, até aí só conhecidas de fora e por fora, a sua arte insinuou-me, com o poder

de simpatia e de comunicabilidade do seu próprio entusiasmo, não só ao longo mas na intimidade de tudo o que de característico, de típico, de original, de pintoresco, de bom, de belo, de inspirador, existe sobre o solo alentejano. Apresentou-me a Provincia; pôs-me em contacto com a alma da sua gente, tão acolhedora e lhana, desde que ultrapássemos, pela confiança, a crosta de retraimento com que se defende de estranhos; fez-me sentir, em toda a sua plenitude, a geòrgica épica do seu esforço agricola, à flor da gleba dura e avara; a poesia semi-pagã das suas usanças, das suas tradições, das suas festas, da sua religiosidade austera, quase despida de culto externo; desvendou-me, fazendo-me sentir, a beleza magestática, grandiosa, solene, da natureza que me envolvia e que, até ali, meus olhos enamorados da doçura lirica de um vale ribeirinho de Lafões, não haviam sabido decifrar e entender...

Foi, este Livro, enfim, que, revelando-me na profundidade da sua substância intima, um Alentejo, que eu apenas conhecera até ali em extensão, não só me reconciliou com ele, como me ensinou a senti-lo, e a querer-lhe como V. sabe que hoje lhe quero.

Como vê, bom Amigo, este reevocar sentimental de um trecho da vida que passou, com as suas horas de emocionismo e todas as recordações de mocidade que ele sugere, bastaria, só por si, para justificar o grande prazer de falar do «Através dos Campos».

Mais do que um simples prazer, isso seria a alegria de pagar uma divida em aberto.

Não carece, porém, esta bela obra de qualquer estímulo de indole afectiva, para que, em plena isenção critica, se fale dela — e se fale com entusiástico louvor.

Acabo de a reler. Reverefico que ela se nos impõe pelo que em si mesma contém, e não pelo que possa de sugerir-nos de estranho ao seu conteúdo.

COMO «cicerone», expoente de particularidades etnogrâficas, iniciador das curiosidades da intelligência e dos sentidos nos recessos mais intimos de uma região e do agregado rácico que o habita, não conheço entre nós nada que o iguale.

A maneira como nos revela o Alentejo, é perfeita, cabal.

Não nos faz esquecer, claramente, de que entre outros, um genial escritor — o grande e esquecido Fialho — já nos dera desse Alentejo, episódios e

páginas supremas. Fialho, porém, fê-lo fragmentariamente, eruptivamente, fora de qualquer unidade de plano, em ampliações de exaltação literária, que, por vezes, deformam pela ânsia transcendente da beleza plástica, a exacta e mediata objectividade das coisas. Silva Picão, ao contrário, cinge-se à «verdade» limitada dos temas; e trata-os não apenas com a exatidão objectiva de uma observação escrupulosa e de um conhecimento perfeito, minudente, mas ainda com aquele sentimento de solidarizante simpatia, de enternecimento afectivo, que só o amor às coisas descritas por si mesmas e não pelo que possam sugerir, pode comunicar à pena de quem as descreve.

Os motivos transtaganos que, no soberbo água-ofrtista de «Os Ceifeiros», não passavam, como quaisquer outros, de meros ensejos temáticos sobre que a sua desbordante imaginação plástica se expandia e complicava em nevroses de estilo, são para Silva Picão, de temperamento mais realista, sereno e concentrado, não um «meio», mas um «fim», a atingir; não um pretexto para sinfonizar e orquestrar palavras e divagações — mas sim «factos» que, acima de tudo, pretende historiar, descrever e mostrar-nos. Enquanto aquele — esteta-lavrador — pôs os assuntos ao serviço da literatura, este — lavrador — artista — pôs a linguagem e a arte de bem a trabalhar ao serviço dos assuntos. O que fundamentalmente lhe interessa é mostrar-nos a sua provincia, as feições características da sua fisionomia, a fenomologia típica e representativa da sua «maneira de ser» como unidade colectiva, focando-a e reproduzindo-a, pormenor a pormenor, traço a traço.

Mercê desse intento, acentuadamente etognóstico, a sua obra resultou, antes de mais nada e acima de tudo, repositório inesgotável de informes realistas e práticos sobre a terra e a vida transtaganas, em todos os seus aspectos: — paisagístico, social, agrário, agrícola, folclórico, doméstico, ético, etc. Não falha um pormenor. Conhece tudo o que nos conta, como o dono da casa lhe conhece os cantos, ao mostrá-la ao vindiço que chega, ávido de lhe esvicerar os recessos mais íntimos...

Cem por cento alentejano, aferrado à terra, à familia e à tradição étnicas pelos laços gregários do sangue e da vocação, Silva Picão realizou o tipo ideal do camponês de elite, consciente, aristocratizado pela inteligência, a quem não é estranho, em teoria e exercício, nenhum dos sentimentos, das tendências temperamentais, dos usos, dos costumes, das actividades, das alegrias e das dores, de que, e para que vive a sua casta. E daí, a dominante impressão que, ao lê-lo, temos de quase o vermos fisicamente por detrás de tudo o que nos relata — patrão-lavrador, percorrendo conosco, de

jaleca e chapêu rodado, sobre o seu cavalo, a extensão das «Herdades»; maioral de safões e samarra, por entre os rebanhos e as manadas dos «Montados»; ceifeiro — abostelado de pojeiras e suores, torso ao sol, avental de pele apresilhado à cintura, foice reluzente nos dedos, se revive conosco a epopeia esforçada e obscura de «Os Ratinhos». A emoção directa que nos dá das coisas resulta não da sua observação exterior, mas do profundo e vivido conhecimento que delas tem.

No fundo ancestral, atávico, do seu ser, se ele não foi tudo aquilo — de pastor a patrão — sabia, pelo menos, como se goza ou sofre, ao sê-lo. Sabia-o como homem e sabia-o como Artista, que o era: — autênticamente e completamente: — pintor de pulso, quando nos dá a pinceladas largas o desenho e a cor dos cenários em que a acção viva se movimenta; escultor, quando em cinseladuras de carne, nos constroi o vulto das figuras; compositor, quando sugere as músicas erradias dos campos, desde o matraquiar monótono das cegonhas, às melodias do travessio nas velas dos moinhos; das rapsódias pagãs das festas e das touradas ao chocalhar orquestrado das boiadas, na misteriosa invisibilidade dos longes; poeta, quando viola e entende a alma sensível das criaturas, e das coisas, para lá das aparências cerradas e agrestes em que, numas e noutras, a alma se encerra.

Sim! Silva Picão, sem pretensões talvez a sê-lo na acepção requintada do termo, foi, sem dúvida, não apenas um estudioso, um monógrafo limitado mas um Escritor de boa linhagem, a quem um feliz auto-didatismo conservou toda a frescura original do forte temperamento.

Sente-se-o bem na facilidade com que o descritivo lhe corre da pena; no poder de comunicação com que nos leva atrás de si, ao longo dos assuntos áridos de que trata; no sentido de equilibrio com que dimensiona as proporções do pormenor comezinho, na mancha geral da descritivo; no interesse que consegue despertar em nós por minúcias de «especialidades» a que somos estranhos — desde os incidentes, regras e preceitos da lavoura, ao quotidiano rotineiro da existência doméstica; deste, aos pormenores exaustivos sobre jornas, soldadas, preçário de géneros, etc., à aritmética indigesta dos números e das conclusões estatísticas da economia rural.

Como o consegue? Por esse poder de comunicabilidade aliciadora, que é a característica essencial de todo o grande Escritor. Pelo milagre da sua prosa. É que dá gosto lê-la! Isenta de qualquer affectação, comunicativa, arejada, permeável, fluente, sempre singela, mas nunca descuidada, ajusta-se, envolve ou penetra os assuntos, com a animada leveza de uma larga

conversa, rica de ensinamentos, de novidades, e, daí, de interesse para a curiosidade do leitor. Isto, quando a substância temática é, por força das circunstâncias, de carácter meramente dissertativo ou monográfico; mas, sempre que os motivos se alargam, e nos descreve certos aspectos da natureza, o pitoresco colorido de certos costumes ou fainas como, por exemplo «A Vida nos Montes» e «Os Ratinhos», a prosa alarga-se, também. Directa e fácil, aqui remordida pelo sol, além ondulando-se como as searas; nesta página, picada pelo sal das expressões regionais; naquela, vestindo o bom pano da linguagem culta — sabe a terra, cheira ao serpol e ao leite dos montados, soa a alentejano e a português...

Nestes tempos, em que a nossa lingua e a nossa prosa andam a respirar tão mal ler o «Através dos Campos» é fazer uma cura de ares!

POR tudo isto, meu Amigo, e, ainda, pela boa acção que representa mostrar documentalmente que a vida dos nossos campos não é, apenas aquele drama de servidão espezinhada e de patronato espoliador que o falso regionalismo de uma literatura de neo-realismos dirigidos anda por aí a apregoar, a sua iniciativa de fazer ressurgir do esquecimento publicitário o «Através dos Campos», é caso para lhe dar um grande abraço! A hora em que se lembrou de o fazer, deve contá-la entre as horas mais fecundas da sua existência de Lavrador-intelectual.

Nem só se fertiliza a terra, lançando nos regos da arada os grãos da semente. O Espirito e a sua herdade mais rica, que é a Literatura, têm também a sua lavoura e as suas searas.

Cultivá-la é mais do que fertilizar o solo: é fertilizar a Vida.

EM nome das boas-lettras portuguesas — bem haja!-Amigo.

João Corrêa d'Oliveira

José da Silva Picão

BIO-BIBLIOGRAFIA

COM António Tomás Pires — contemporâneo e amigo de José Leite de Vasconcelos, Adolfo Coelho e Teófilo Braga — iniciou-se em Elvas, ai por 1880, um notável periodo de actividade mental no campo da Etnografia, como outro não se revelou, em pequenos meios provincianos.

Tomás Pires foi um grande e incansável rebuscador das nossas riquezas folclóricas que, como escreve Leite de Vasconcelos, «percorreu a maior parte dos sectores da Etnografia». Conhecendo que duas literaturas diferentes florescem lado a lado — a literatura oral e a literatura escrita, a dos simples e a dos letrados — devotou-se pacientemente à coordenação metódica das canções e rimas populares, das adivinhas e comparações, dos adágios, rifões e anexins, dos costumes e da paremiologia, das cantigas históricas e politicas, dos romances e das orações, dos contos e das rimas e jogos infantis, enfim, de tantas admiráveis facetas do género, que não se descrevem em curtas linhas. Foi um emérito trabalhador, que nos legou obra notável — é monumental a sua colecção de 10.600 Cantos Populares Portugueses — e que teve a seu lado, embora em condição modesta e sem renome, os escritores Vitorino de Almada e Soeiro de Brito, ao produzirem os apreciáveis estudos Requebros ou remates de algumas modas de roda com a música respectiva e Ditados tópicos alentejanos.

O certo é que em Elvas se manteve firme o culto pelas investigações etnográficas e assim nos surgiu mais tarde, de forma original e imprevista, o autor do *Através dos Campos*.

Mas a estirpe não feneceu, pois que ainda agora aparece José Alves da Capela e Silva — beirão de nascimento e elvensê por adaptação — com os seus brilhantes trabalhos *Ganharias* e *A Linguagem rústica* no concelho de Elvas.

José da Silva Picão, discípulo inconcusso da mesma escola, foi profundo admirador do erudito Tomás Pires. Prova-o a carta inédita, que a seguir transcrevemos, em homenagem aos dois illustres próceres:

«Ex.^{mo} Snr. Domingos Lavadinho. Consta-me que amanhã se effectuará n'essa cidade uma manifestação de homenagem à memoria do nosso saudoso Amigo António Thomaz Pires. Este facto, a que deveras me associo em espirito, como preito devido à memoria de um dos mais illustres elvenses da nossa época, veio recordar-me outro que ligando-se com aquele na ideia pelo menos — traduz um descuido imperdoavel da minha parte, posto não fosse, como não foi, intencional. Refiro-me à falta de resposta minha, por escripto, ao postal, e livro, que V. Ex.^a me enviou ha tempos, para eu me associar às homenagens projectadas em honra do grande cidadão. Asseguro porém a

V. Ex.^a que esse meu descuido, degenerado depois em obvido temporario, nem por sombras significa mingua de consideração por V. Ex.^a ou menosprezo pela memoria de Antonio Thomaz Pires, com quem privei durante muitos anos e a cuja memoria sou gratissimo. O meu alludido esquecimento, derivou sim de ser criatura distrahida, algo abstrata, cheia de affazeres e soffrendo ao tempo de uma pertinaz doença que muito me abalou.

«Ainda assim, não tendo pachorra para escrever, incumbi então meu sobrinho Augusto Tello de pessoalmente comunicar a V. Ex.^a a minha adhesão ao seu honroso convite, o que elle fez. Eu é que faltei depois!... Consequentemente, e penitenciando-me da falta, venho remedial-a quanto possivel: na próxima 2.^a feira, meu sobrinho Augusto Tello irá entregar a V. Ex.^a a modesta verba com que desde o seu convite resolvi contribuir para a obra iniciada louvavelmente por V. Ex.^a e outros cavalheiros. Pedindo desculpa da demora subscrevo-me de V. Ex.^a m.^o att.^o e cr.^o obg. — José da Silva Picão — Santa Eulália 3 de Out.^o de 914».

José da Silva Picão, filho de D. Maria Francisca da Silva Lobão Telo e de Francisco de Assis Picão, nasceu em Santa Eulália, no concelho de Elvas, a 10 de Março de 1859 e faleceu a 18 de Maio de 1922.

Auto-didata de condição (teve de se sujeitar, já em idade madura, a fazer exame de instrução primária, para poder ser eleito vereador!), havia adquirido hábitos inveterados de leitura. Dedicava-se ao estudo dos tratados agricolas e pecuários e, nas horas de remanso, não lia, devorava as obras de Vitor Hugo, Camilo, Balzac, Eça e Zola, de que por vezes, em animada conversa intima, citava, com a sua voz um pouco gaguejante, os periodos que mais o impressionavam.

Era um espirito arguto e esclarecido. Foi lavrador e escritor. Fruto espontâneo do meio em que nasceu e labutou, sem preparação literária erudita, pôs-se a escrever acerca da sua terra e da sua gente com o à-vontade de quem para além daquele mundo não vislumbrava mais mundo e foi assim, no rude contacto com a natureza e os homens que vivem à semelhança desta, que produziu prosa forte e sãdia, despida de galas postizas, mas realista e saborosa como género outra não houve em Portugal.

Depois de ter colaborado em O Elvense, com o pseudónimo de «João Chaparro» e de haver brilhado na Portugália, a revista monumental de Ricardo Severo, onde publicou alguns artigos subordinados ao titulo Etnografia do Alto Alentejo (concelho de Elvas), José da Silva Picão tenta obra

de vulto e sob os auspícios editoriais do bibliófilo António José Torres de Carvalho lança a público o livro *Através dos Campos — Usos e costumes agrícola-alentejanos* (concelho de Elvas).

Quando a obra apareceu, em 1903, a crítica foi unânime em tecer-lhe os maiores elogios.

Trindade Coelho escrevia ao editor:

«Diga ao Picão que está fazendo uma verdadeira obra prima, uma realíssima e completa maravilha! Que surpreendente verdade em tudo o que ele descreve, e a maneira como descreve! Que admirável artista é esse homem, e como tudo lhe sai espontâneo, vivo, abundante, colorido e cheio de pitoresco, da sua pena desafectada! Com as notas — tão minuciosas e tão preciosas — da vida real, positiva, *Através dos Campos*, que abundância de anotações psicológicas para o estudo da alma do Povo! Este livro não é só singularíssimo no assunto porque não há outro que se lhe pareça sequer: é originalíssimo na maneira como trata o assunto, única a meu ver, que se lhe adapta, chegando, debaixo deste aspecto, a ser um trabalho literário de altíssimo valor! Quer acreditar?! Produz-me emoção absolutamente idêntica à que me causa a leitura dos livros de Júlio Diniz. Não sei dizer-lhe, meu caro António Carvalho, toda a minha admiração por esta obra surpreendente. Eis aqui um livro que fica, um livro que os sábios e os artistas hão-de adorar sempre com enternecimento. Já falei no livro ao Fialho de Almeida. Vou-o procurar para lhe ralhar se ainda não o leu!»

No diário lisboeta *O Popular* o grande jornalista e estadista Mariano de Carvalho classificava o estudo de José da Silva Picão «como o principal e mais perfeito que até agora se tem escrito no nosso país, com respeito a tão importante assunto».

O publicista Tude Mendes de Sousa escreve na *Plebe*:

«Muito têm a aprender no livro do sr. Silva Picão, aqueles que por qualquer circunstância, tenham a necessidade de conhecer a estrutura íntima da lavoura alentejana e aqueles que, por outra ordem de estudos se dediquem à investigação de costumes e tradições dominantes nesta região.»

Anos mais tarde, o escritor dr. Eduardo Pimenta referia-se a José Picão nos seguintes termos:

«Com uma instrução adquirida na modesta escola de Santa Eulália educou-se a si mesmo, de muito novo, cultivando as qualidades invulgares de observador cuidadoso.

«Lavrador e filho de lavradores, lembro-me dele ainda maço montando

uma égua preta, nascida nas manadas marcadas com o ferro de sua casa e percorrendo a vasta lavoura atento aos menores detalhes, agasalhado num forte capotão, nas épocas em que os rios engrossam e a chuva ensopa os alqueives, ou de jaleca e sombreiro nos dias em que o sol aperta e as parelhas redopiam nos calcadouros das eiras inundadas de estonteante luz.

«Mais tarde, um grupo de estudiosos, consagrados nas letras, intentaram o árduo encargo de ensinar à grei o que ela fora e o que ela ainda é. Continuação do admirável esforço do maravilhoso escritor Oliveira Martins. Fundara-se a Portugália, sequência natural da tentativa da «Sociedade Carlos Ribeiro». Faltava o etnografista com a conhecimento perfeito do Alentejo para descrever a vida rústica desta interessante provincia.

«Silva Picão foi escolhido. As páginas que escreveu são modelares de sobriedade, rigorosa observação, com um sabor popular, mas de uma rara clareza e requintada elegância. Mais tarde o editor António Carvalho, o erudito bibliófilo de Elvas, lançou no mercado o primeiro volume da obra célebre — Através dos Campos.»

A identificação do valor da obra encontra-se porém no monumental trabalho do grande mestre, dr. J. Leite de Vasconcelos, Etnografia Portuguesa, onde a páginas 282 do volume I se lê:

«Silva Picão faleceu em 1922, deixando incompleta a sua obra, de que, ainda assim o editor dela, Torres de Carvalho, conseguiu formar dois volumes: I, 1903; II, 1905; ao todo nove capitulos, que passam de um volume para o outro, isto é, 1) as herdades; 2) os «montes» (em sentido rural); 3) os montados; 4) pessoal de uma lavoura; 5) costumes dos campónios; 6) os Ratinhos; 7) alfaias agrícolas; 8) searas; 9) lavouras (muito extenso e sem numeração: começa a p. 11 do vol. II, e vai até p. 100, a última)».

E acrescenta numa chamada:

«Prestaria valioso serviço à Etnografia quem desta obra fizesse um indice metódico (desenvolvido), e outro alfabético.»

O senhor general Lacerda Machado, escritor ilustre, diz de José da Silva Picão:

«Talento espontâneo. Auto-didata, adquiriu uma cultura variada, que raramente se alcança por esforço próprio. As páginas virgilianas do seu livro Através dos Campos, são um poema campestre, o hino triunfal da lavoura alentejana.

«... Por estas e análogas considerações, é de admirar e merece registo, a circunstância singular de que, tendo José da Silva Picão nascido e vivido

no meio rural que nos descreve, nada de interessante lhe escapou ao espírito observador, à sua intuição de etnógrafo. Os pormenores mínimos que relata e define, sem aridez sempre com precisão e inteligência, por vezes levemente tocados de ironia, teriam facilmente passado despercebidos, velados pelo hábito, não só a um espírito menos observador, mas a quem não sentisse o bucolismo que o enfeitava.

António Sardinha tinha por José Picão uma forte admiração literária, aliada a uma estreita amizade pessoal, claramente traduzida na dedicatória da poesia *Canção do espeto no lume*, do livro *Quando as nascentes despertam*.

Sardinha considerou José Picão, num artigo inserto no *Diário de Lisboa* (1924), o «fundador da literatura regionalista portuguesa».

E diz o escritor:

«O seu único livro publicado, *Através dos Campos*, nunca saiu de um círculo estreito de agricultores, na sua maioria os menos preparados para lhe abranger a larga e admirável intensão. Não é só um trabalho de etnografia — detalhado e cheio de cor. Com o ser um breviário perfeito de economia agrária do Alto Alentejo, guarda também nas suas páginas alguns dos mais belos e cristalinos pedaços de prosa portuguesa nos últimos trinta anos. Expressão castiça e sem requintes atormentados, borbulha como um fio de água na corrente. E, brotada do convívio imediato do povo, por ela se verifica que há em cada língua um como que classicismo, que tanto é da aristocracia literária, como da gente rude das aldeias...

«Em José da Silva Picão existia um temperamento de barrista sincero e ingénuo, que modelava de um sopro as suas figuras, tocadas por vezes de uma encantadora e inimitável *gaucherie*.

«Não possuindo o pituralismo alucinante de Fialho de Almeida, nos seus *Ratinhos*, José da Silva Picão consegue, sem esforço, sobrepor-se aos Ceifeiros; o tema é o mesmo, pela harmonia das proporções e ainda pelo condoido sentido humano com que as almas se abraçam e fundem na agonia crispada dos rastolhos. Pena é que *Através dos Campos* não obtivesse uma irradiação maior, porque, se na nossa terra palpita qualquer estremecimento regionalista, é ali que lhe teremos de buscar a origem e a lição. Desde a riqueza do vocabulário, ao movimento da frase e à precisão das imagens, José da Silva Picão é mestre que fica — e que fica com poderosa individualidade...

«Livro único, livro claro, sadio, o livro de José da Silva Picão há-de ser arrolado entre os melhores padrões da nossa literatura contemporânea».

Eis o depoimento de António Sardinha.

Um outro trabalho de José da Silva Picão, A caminho da Cegonha, foi das primeiras rutilações do seu talento.

*Nele se descreve a odisseia de uma aldeia alentejana — Santa Eulália — condenada ao martirio periódico da falta de água, que dificilmente se adquiria em poços ou em escassos mananciais, de onde era tirada por meio de um chocalho. Acerca deste costume — que José Picão descreve pitorescamente — diz António Tomás Pires, no seu interessante opúsculo **Tradições Populares Transtaganas**:*

«A' beira dos poços, em vez de caldeiros para tirar água, vêem-se frequentemente grandes chocalhos a isso destinados». Por isso o povo opina, em seus motejos, que em Santa Eulália quem não tem chocalho não bebe...

A Caminho da Cegonha é uma pequena obra-prima da literatura regional, pelo valor do estilo, acerto no emprego dos vocábulos e rigor descritivo.

Foi pela primeira vez publicada num volumezinho intitulado «O Elvense» — Número brinde aos senhores assinantes em 1894.

Em 1940 o autor destas linhas promoveu a publicação de uma nova edição desta bela novela regionalista.

E o que ainda há a dizer? Parece-nos que mais nada. Eis o pouco — aliás vantajado — que nos sugere a figura do singular escritor-etnógrafo.

Através dos Campos esgotou-se. Depois, estabeleceu-se em volta da obra, lançada na santa paz sepulcral do olvido, uma espécie de alheamento... ou de indiferença.

*Precisava-se de uma reparação. Tomou-a a peito o sr. doutor José Nunes Tierno da Silva, sob cujos auspícios se publica hoje a 2.^a edição do *Através dos Campos*. Bem haja S. Ex.^a, pela sua bela iniciativa — diria um grave apologista. Sem repetirmos a frase — porque o verbalismo estéril e falso, não se conforma com a nossa maneira de ser — acrescentaremos que a iniciativa dignifica a ilustre personalidade que a efectuou. Fica exuberantemente demonstrado que o sr. Dr. José Tierno — pessoa primorosa, nos conceitos, nas fórmulas e nas maneiras — possui uma alta intuição de idolatria regionalista — de amor à sua terra e de acrisolada dedicação à sua grei.*

DOMINGOS LAVADINHO

Da Associação dos Arqueólogos Portugueses

A t r a v é s d o s C a m p o s

A generosa condescendência do insigne escritor e meu bom Amigo, João Corrêa d'Oliveira, um dos mais altos expoentes da mentalidade portuguesa e da mais requintada sensibilidade artística, se deve o precioso prefácio desta verdadeira obra-prima da literatura regional, de que José da Silva Picão foi por assim dizer o genuíno criador e o maior apóstolo de amor à terra mater, realizando o que, em síntese, se poderá considerar a maior e melhor definição do Alentejo.

O leitor, antes mesmo da apreciação directa deste livro, sentiu-se, de certo, atraído pelo deleite da crítica empolgante da Introdução, onde com tanto carinho e delicadeza se denuncia exuberantemente o alto valor de quem a escreveu. Igualmente se associa ao mesmo objectivo, num admirável estudo bio-bibliográfico, Domingos Lavadinho, um dos melhores valores intelectuais da geração actual e um profundo e escrupuloso investigador cultural em todas as modalidades e actividades do espirito, e que tão brilhantemente dirige a Biblioteca Municipal de Elvas.

Rendemos a nossa enorme gratidão pelo esforço, justiça e talento dispendidos pelos dois formidáveis escritores, cuja dedicação à causa alentejana eu creio que os leitores verão exuberantemente confirmada nos primorosos capítulos, que antecedem esta minha ligeira referência.

O meu papel fica, assim, reduzido à mais simples expressão, limitando-me a avivar algumas reminiscências, já desbotadas um pouco pela névoa do tempo, de um passado que muitos se apostam em crer que não mais pode voltar, mas que se me afigura possível trazer até nós, sempre que o tenuíssimo fio da espiritualidade que liga as almas eternamente, impere e presida aos nossos pensamentos.

Algumas impressões pessoais deixarão entrever a minha fervorosa admiração e indesbotável saudade por essa estranha personalidade, que foi o autor deste livro, José da Silva Picão, o mais modesto de todos os escritores, de uma ingênua simplicidade, que feria e encantava todos os que o conheciam e que lhe roubava por completo a mais ligeira visão do que viria a ser a sua obra, projectada através do tempo e do futuro. Nunca teve a consciência do valor da sua obra!

Mais de 40 anos são passados que o admirável architecto da literatura regional trouxe a lume, primeiro num alvoroçante folhetim em jornal elvense e, seguidamente, em livro editado pelo saudoso bibliógrafo António José Torres de Carvalho, esta obra magistral, que é o «Através dos Campos».

Esse trabalho causou já então o maior assombro, pois ninguém divisara

que dentro daquela frágil figurinha do seu autor ardesse a mais rubra chama do talento, numa afirmação intelectual onde a garra do escritor dominava triunfalmente.

Depressa se esgotou a edição e com o dobar do tempo cavou-se a solução de continuidade, que conduziu insensivelmente ao olvido, sendo raros os que ficaram fieis à lembrança desse formosíssimo estudo da vida rústica.

Contudo, alguns admiradores mais perseverantes e esperançosos souberam esperar a oportunidade do ressurgimento dessa bela obra, onde há muito que aprender e ainda muito mais que sentir o vibrar da alma do que poderemos chamar a pedra angular do valor da grei, na sua mais forte ligação psíquica e económica à célula da Nação.

E essa hora abençoada chegou, envolvida na saudade indelével que o grande escritor e não menor amigo soube conquistar ao nosso espirito, e até ao nosso orgulho, que ajoelha em êxtases perante esse mago decantador dos lindos segredos do prodigioso viver rústico, ponto de partida de toda a beleza e de toda a riqueza que informa a vida campesina, que nunca é antiga nem moderna, porque é sempre a constante e perpétua transfiguração da natureza, no seu inesgotável desdobramento humano.

Não fazia, pois, sentido, neste alto de curva cultural, deixar jazer no abandono, pelo menos — já que a obra é incorrupta e ficará eternamente embalsamada no seu próprio valor intrínseco — a assombrosa lição e precioso ensinamento que dela irradia, no seu amor exasperado pela grandeza dos campos e pela do Alentejo, outrora a malsadada charneca e, no dizer de Léon Poincard, a região menos conhecida da Europa.

Hoje, essa grandeza alentejana já entra pelos olhos do português, cantada em todos os tons por escritores ilustres, com a mais nítida compreensão da sua riqueza multiforme.

Desde António Tomaz Pires, glorioso Elvense, um colosso do folclorismo alentejano, com as suas dez mil quadras populares — possivelmente o primeiro da Europa — desde Vitorino de Almada, o exaustivo investigador geográfico do Concelho de Elvas e alguns outros devotados cultores do «Mistério da Campina», até ao doutor Celestino David, incansável e brilhantíssimo nos seus estudos históricos e José Alves Capela e Silva, talentoso e invulgar interpretador e rectificador da linguagem rústica alentejana — toda essa pleiade se lançou na cruzada bendita de arrancar o nosso Alentejo ao encravado e imerecido obscurantismo em que jazeu tanto tempo.

Para tanto, José Picão deu um belo e salutar tributo, ele que, não dispondo

senão de uma instrução elementar, soube por motu próprio ilustrar-se suficientemente, aproveitando o seu inato gênio assimilador e esmerando-se por escrever num estilo tão próximo da natureza e numa identificação tão ajustada com ela, que sem o mais pequeno esforço a copiava com tamanha perfeição.

Era a par disso um cavaqueador de rara vivacidade deleitando-se nas sugestivas leituras do divino Camilo, que adorava no mais alto grau, do encantador Eça, que o deslumbrava com a sua prosa deliciosa, do admirável Trindade Coelho, que o cativava deveras, do escaldante Fialho, que o empolgava e até Balzac lhe era familiar, comprazendo-se em mergulhar o espirito nessa nebulose romântica do grande mestre.

Uma das suas facetas mais expressivas era a maneira como esquadrihava a psicologia rústica, até aos seus refulhos mais intimos, e assim bem sabia que a vida dos campos se equilibra entre os maiores deslumbramentos da alegria e as maiores inquietações da tristeza, tão perturbante e instável é o cenário desse ambiente inconfundível, que um poeta humilde e ignorado traduziu nesta singela quadra:

Mar ou terra, tanto faz
Pr'ós portos de salvamento;
Marinheiros e lavradores
Todos têm o seu tormento.

E para não fatigar mais o leitor permito-me também condensar numa quadra, parafraseada de uma outra de um grande poeta alentejano, tão prematuramente falecido — José Duro — a obra grandiosa deste benemérito escritor.

O livro que aí vai, obra de Arte e de Devoção,
E' um livro genial, um poema de Beleza:
Pensou-o pelos campos, contemplando a Criação,
Esculturou-o na prosa, olhando a Natureza.

A nós, o prazer de acudirmos à consciência no cumprimento de um dever. Isso nos basta esperando que coevos e vindouros aproveitem a lição do Mestre.

O EDITOR

José Nunes Tierno da Silva

ATRAVÉS
DOS
CAMPOS



I

EM geral, os campos do Alentejo, à parte os arredores das povoações, são divididos em grandes tratos de terreno que se denominam *herdades*. Por via de regra, cada herdade ou grupo de herdades anexas sustenta uma exploração agrícola-pecuária chamada *lavoura*.

O dono da lavoura conhece-se pelo nome de *lavrador*, acrescentando-se-lhe o sub-título de *rendeiro* se as herdades que disfruta são propriedade de outrem a quem ele as arrendou. O lavrador típico alentejano é o lavrador *rendeiro*. Ao proprietário da herdade, que não é lavrador, chama-se-lhe *senhorio*.

O conjunto de herdades que constituem uma lavoura designa-se por *cómodo*. A sede do *cómodo* é o «monte», que assim se chama a casa de habitação de qualquer herdade. O monte escolhido para sede do grangeio, acomoda em si o *casco* da lavoura, isto é, toda a *ucharia*, representada por mantimentos, cereais, forragens, alfaias agrícolas, animais domésticos, etc., etc.

Das herdades em que se não instalam centros de lavoura por estarem distantes da que o lavrador escolheu para esse fim, diz-se que andam de *cavalaria*.

Das que se anunciam para arrendamento, e que ficam por arrendar, usa-se dizer: — «estão à vara».

Todas as herdades têm nome próprio, algumas bastante adulterado. Exemplo: Meimoas por Amimoas; Alvaro Anes por Alvaranha; Cochixola por Quexola.

O nome de muitas deriva dos primitivos possuidores. Exemplo: os Falcatos; a do Brito; a do Chaves; a do Pinto; monte dos Frades; a da Misericórdia; etc.

De uma sei que, pelo facto de há séculos estar arrendada a descendentes do antiquíssimo *rendeiro*, o vulgo só a conhece pelo apelido de família dos arrendatários e não pelo próprio que é igualmente o nome do *senhorio*. E' a Torre do Siqueira, conhecida por Torre do Picão.

Outras distinguem-se pelo diminutivo da herdade vizinha mais em evidência. Exemplo: Alcobaça, Alcobacinha; Paço, Passinho; Cangoas, Cagoinhas, etc.

E' frequente haver duas contíguas com igual nome. Exemplo: Pereira de Cima, Pereira de Baixo, Abegoaria de Cima, Abegoaria de Baixo, etc.

Na nomenclatura das herdades, assim como se notam nomes estravagantes e singulares, também se registam outros vulgaríssimos a ponto de se empregarem em duas ou três do mesmo concelho. Nos vulgares predominam as «Pereiras», os «Azinhais», as «Casas Brancas», os «Reguengos», etc. Há também muitas Torres que se distinguem por sub-título qualificativo. Exemplo: Torre do Mouro; Torre de Palma; Torre das Arcas; Torre dos Clérigos, etc.

Topografia Como em quase todo o Alentejo, as herdades da região elvense abrangem vastas planícies e encostas de terrenos cortados pelo rio Caia e seus afluentes, como Algalé, Torrão, Caiola e Varche.

Todas deixam de correr no rigor do estio, apesar de o primeiro ser caudaloso no inverno. O Guadiana, onde afluí o Caia, ainda banha extensas e fertilíssimas várzeas servindo de baliza a Portugal e Espanha.

As margens do Caia, e as de vários ribeiros são em parte guarnecidas de frondosos eloendros, muito floridos em junho e julho. Com flores aos cachos, ocultando a ramagem, transformam-se então em lindos roseirais, de faxas encarnadas, a contrastarem com a vegetação vizinha seca ou amortecida pelos calores estivais. As planícies que ficam a Leste, entre Elvas e Badajoz e aquela cidade e Campo Maior, chamam-se-lhes *barros* em virtude do solo ser em geral bastante argiloso. Estes campos, nus e secos no fim do verão, são singularmente propícios à cultura cerealífera que neles se explora com vantagem e em larga escala. E porque eles dão trigo e cevada em abundância, entende-se com justo critério que não vale a pena arborizá-los ou utilizá-los com outra cultura mais dispendiosa e menos lucrativa.

E' isto o que o bom senso aconselha, embora não agrade aos estranhos que os atravessam no caminho de ferro em agosto, por ocasião dos touros em Badajoz. A esses viajantes, ao notarem a aparente esterilidade daquela zona, por vezes temos ouvido comentarem assim: «Que vergonha haver ainda em Portugal tanta terra inculta!...» «Que deserto!...» «Nem uma árvore, sequer!...» «Este Alentejo é pior que a África!» E por aqui fora com dislates semelhantes, sem suspeitarem que o que se lhes afigura «um vergonhoso deserto inculto», é terra excelente, semeada quase todos os anos. E' nada menos que a terceira região cerealífera do país, produzindo anualmente alguns milhares de moios de trigo e outros cereais e legumes!... Aqui está um exemplo frisante da consciência com que se faz crítica em Portugal.

Para o sul e poente apresentam-se terrenos de natureza diversa, vendo-se herdades de montado de azinho e algum sobro; simultaneamente produzem cereais e pastagens. Ao noroeste e norte observam-se planícies e encostas de terrenos mais *delgados*, de análogos produções, que se prolongam até aos limites

de Barbacena, S. Vicente e Ventosa, com a vizinha freguesia de Santa Eulália, vasta zona um pouco acidentada, granítica e arenosa. As herdades aqui são as maiores do termo. Ao norte, nordeste e leste de Santa Eulália, os *montados* estão velhos e caducos, quase extintos, sem arvoredos novos que os substituam. Ao sul e poente escasseiam, e ao sudoeste ostentam-se vigorosos, com tendência a aumentarem pela criação espontânea de milhares de chaparros.

O terreno é, como já vimos, essencialmente arenoso, produzindo bem em centeio e pastagens de bambural. As *folhas* das herdades, estas, são cortadas por vales pantanosos, na maior parte incultos; noutras esses vales arroteiam-se e esgotam-se para melanciais e meloais, semeando-se-lhes trigo, cevada e aveia no outono seguinte.

Por este processo bastantes se têm «metido a pão» nos últimos tempos, e com vantagem, sobretudo nos anos secos ou de pouca chuva.

De qualquer maneira as herdades a que nos vimos referindo estão limpas de matagais, se exceptuarmos pequeníssimas nódoas de esteva em terrenos inferiores da freguesia de Terrugem e o piornal basto de certas folhas do Reguengo de Barbacena.

Tudo mais encontra-se livre de manchas não havendo terras que se possam considerar incultas ou maninhas. As moitas de piorno e giesta, que muitas havia, em maior ou menor escala, e que outrora constituíam couto de caça e feras, estão reduzidas a proporções mínimas, quase nulas. Das que ainda existem, só medram nos arrifes pedregosos, inacessíveis à lavoura. Isto, entende-se, pelo que respeita as herdades do concelho de Elvas. Nas dos outros concelhos vizinhos, ainda há extensos matagais de carrasco, piorno e outros arbustos silvestres, principalmente nos termos de Arronches e Campo Maior.

No de Arronches, na herdade da Chainça, persistem enormes manchas de esteva, (xara) medronheiro, aroeira, joína, murtinheiro, alecrim, etc., que dão uma feição selvagem àquela zona agreste, ainda habitada por javalis e lobos.

Resumindo: as herdades do Alentejo, analisadas de relance sobre um ponto de vista geral, constituem vastíssimos horizontes em que, a par dos arvoredos de azinho e sobro nos terrenos «dobrados» e montuosos, se vêem planícies enormes aplicadas às culturas cerealíferas ou a pastagens para gados manadios.

De verão a água escasseia em quase toda a parte, encontrando-se apenas de longe em longe nos *pegos* das ribeiras maiores, num ou noutra poço e nas nascentes que regam as hortas. Por esta circunstância as terras transtaganas tornam-se áridas e monótonas no rigor do estio, tristes no inverno e floridas na primavera. Entre abril e maio a natureza perde o tom severo que a caracteriza para se exhibir sorridente e engalada com o verdejar opulento das searas, que se estendem pelos campos fora, e com a matisagem das flores que realçam aos montões nas pastagens dos pousios: quadro festivo de pouca duração que se perde aos primeiros calores de junho.

Em cada herdade de vulto, geralmente, existem as edificações próprias e

indispensáveis à exploração da lavoura. Passando-as em revista, encontram-se: o «monte» e suas dependências, a eira ou eiras para debulha dos cereais, o bardo das cabras e as malhadas dos porcos em número de duas ou mais, cada qual em *folha* diferente.

Em algumas existem atalaias antigas, que o povo atribui ao tempo dos mouros. Afigura-se-me crença errônea, pelo menos em parte. De uma destas atalaias erguida na herdade de Almeida, freguesia de Santa Eulália, sabe-se que foi construída á custa do município de Elvas, no tempo da guerra da restauração, e a requerimento dos habitantes da aldeia, com o fim de estabelecerem vigias que os avisassem das invasões dos espanhois vizinhos, então frequentes, com mira em roubos e destruições. Mas voltemos ao assunto principal.

Perto do monte, como acessório útil bastante apreciado, cada herdade de vulto tem em geral anexa uma horta ou quinta e, por vezes, olival e vinha. Esta última é contudo raríssima. Ás terras que cercam o «monte» chama-se-lhes ferregiaís. Semeiam-se todos os anos, por serem adubados com os estrumes das cavalariças e lixo da limpeza. São os *monturos*, como se diz em certas escrituras de arrendamento.

Convém notar que em herdades atravessadas por ribeiras de importância existem, nas margens respectivas, moínhos, azenhas, hortas e quintas, que pertencem a senhorios estranhos e diversos.

Os habitantes destas vivendas mantêm as melhores relações com o vizinho lavrador, de que precisam. Em geral obtêm deles terras para semear pequenas searas de que pagam *quarto* ou *quinto*, e ainda a concessão gratuita ou onerosa de lhes consentirem os *vivos* nas terras do seu cómodo. Pelo termo de «vivos» designam-se genéricamente os gados e aves que possuem: — umas bestitas quaisquer, alguns porcos, uma ou duas ovelhas, galinhas, patos, perús, etc.

Divisão territorial As divisórias que limitam e separam as herdades chamam-se *linhas* ou *extremas*. Consistem numa estreita faixa de terra inculta, um pouco saliente sobre os terrenos marginaes. Para melhor esclarecer quaisquer dúvidas, muitas herdades são também limitadas por marcos de cantaria, aos centros das lindas, com as iniciais do senhorio ou as do nome do prédio. Geralmente cada herdade divide-se entre três a seis parcelas que se semeiam alternadamente e que se denominam *folhas*. Se a herdade é grande, as folhas costumam ser de 5 a 6 applicando-se mais ao sustento dos rebanhos do que à produção de searas. Se, pelo contrário, é pequena ou mesmo grande, mas apropriada às culturas cerealíferas, o afolhamento é menor limitando-se a duas ou três, quando muito quatro. Nesta hipótese, a seara predomina sobre o gado. A delimitação das folhas nem sempre obedece a regras fixas, invariáveis.

Causas múltiplas, como alargar ou restringir a seara, diminuir ou aumentar os gados, modificam acidentalmente o afolhamento das terras, que, em todo o caso, é demarcado por ribeiros, estradas, arrifes, etc.

Nas herdades de três folhas cultivam-se e disfrutam-se por forma que, em

cada ano uma das folhas se lavra de alqueive na primavera para se semear no outono seguinte; outra está semeada ou de rastolhice e a terceira fica de pousio e de pastagens para os gados afim de no ano seguinte ser lavrada, alternando assim com as outras. Nas que se dividem em maior número, cada ano semeiam-se uma ou duas folhas, *alqueivam-se* e *roçam-se* outras tantas, e as excedentes ficam pousias disfrutando-se-lhes os pastos e roedornos com gados manadios, até lhes chegar a vez de serem limpas e cultivadas. Ao tratar da lavoura explicarei desenvolvidamente este assunto, de que, por agora, só basta dar uma ideia.

As folhas subdividem-se em *tornas*. *Torna* é a classificação dada às fracções de terreno em que se reparte uma folha por vontade do lavrador ou por efeito de divisórias naturais ou estranhas, como regatos, vales, vertentes, estradas, etc. Chama-se-lhes *tornas* porque cada uma é lavrada em separado, *tornando* o arado ou charrua ao sítio onde começou.

A maior parte das folhas e tornas têm nome próprio que as distingue. A origem desses nomes provém da topografia local ou de circunstâncias correlativas. Exemplo: a folha do Curral; a da Atalaia: a do Outeiro da Moira, etc.

Area e lotação Há herdades muito grandes, medianas e pequenas. Entre as maiores, algumas conhecem-se pelo aumentativo de *defesa*, ou por tal se denominam quando se querem engrandecer. As pequenas distinguem-se pelo diminutivo de *malatecas* ou *charaviscas*, quando por ventura se pretende amesquinhá-las.

No grupo das primeiras há algumas de mil hectares, muitas de seiscentos a novecentos e daí para baixo. De entre as últimas, poucas são inferiores a 70 hectares. Mas qualquer que seja o tamanho da herdade usa-se computá-la não em hectares, mas em moios de sementeira de trigo, cereal tipo.

De uma herdade enorme diz-se: «Aquilo é uma defesa; leva oitenta moios ou mais». E para gado então: «bem lhe podem cair rebanhos!...» De outra de menores dimensões comenta-se: «É muito grande; dá para 60 moios cobertos; faz oito ou dez rebanhos sem se verem uns aos outros.» Das pequenas desdenha-se assim: «Uma *malateca*; leva dois moios se levar; um chapéu de terra, que não lhe cabe dentro um *chafardel* de ovelhas.»

A' lotação em sementeira adiciona-se-lhe qualquer outra específica, como, por exemplo, os montados (arvoredo de azinho e sobro) e pastagens, que em muitas herdades é a receita principal, senão a única importante.

A avaliação dos montados faz-se por *cabeças*, quer dizer, pelo número de porcos adultos que engorda a bolota de cada ano. Os montados de herdades excepcionalmente grandes costumam fazer, em média, 100 a 150 cabeças; outras 80 a 100; as pequenas daí para baixo, até as menores que oscilam entre 10 e 20.

As pastagens avaliam-se pelo número de rebanhos e cabeças de tal ou tal espécie, que podem sustentar em cada ano, durante determinada época. Ordinariamente as maiores herdades são as dos montados e terrenos inferiores, assim como as pequenas constam quase sempre de terrenos cerealíferos de pro-

dução superior. Isto, porém, repito, é regra geral que, de resto, tem muitas excepções em qualquer das hipóteses.

Dimensões E' tudo quanto se pode conceber de mais irregular e arbitrário. Há até herdades que a certa altura estreitam bastante, prolongando-se por entre duas vizinhas. A estes prolongamentos chama-se-lhes *mangas* ou *aguilhões*. Em outras notam-se particularidades mais curiosas, verdadeiras anomalias que devem desaparecer.

E' o caso da herdade A ter dentro encravada de todo uma courela pertencente à vizinha herdade B. E a B é por sua vez devassada por uma outra courela nas mesmas condições que pertence inteiramente à herdade A.

Possuidores Antigamente os donos das herdades resumiam-se, a bem dizer, nas três classes predominantes: as ordens religiosas, os titulares e os morgados. Com a abolição dos vínculos e leis de desamortização extinguiu-se o monopólio da propriedade, e, conseqüentemente, terminaram todos os seus defeitos e vantagens: que uma e outra coisa havia nesse regime, por muitos guerreado, por alguns defendido. A enfiteuse tem diminuído bastante, embora subsista nas herdades de domínio directo pertencente a particulares. Os das misericórdias e outras corporações de beneficência e piedade estão vendidos quase todos, poucos pelo seu valor real, muitíssimos com reduções de 10, 20 e 30 por cento. Uma insensatez (para não lhe chamar outra coisa) que as leis permitem mas que se não coaduna com os ditames da razão...

Hoje vemos as herdades nas mãos de senhorios de diferentes camadas sociais, pertencendo ainda muitas a vários representantes da antiga nobreza que as herdaram dos seus maiores. Em virtude desta circunstância há titular que não vende as suas herdades por coisa alguma. Mas a maioria delas está na posse dos grandes capitalistas de Lisboa, dos proprietários ricos da província e de um ou outro lavrador da zona respectiva.

O supremo desejo do lavrador remediado é adquirir um dia uma herdadita que o ponha ao abrigo de certas contingências. Todos os seus esforços e sacrificios convergem para esse *desideratum* que alguns logram obter, mas que muitos não conseguem. O lavrador empenha-se tanto em possuir uma herdade que não hesita em recorrer ao empréstimo para a comprar, pagando-a mesmo por preço superior ao seu valor intrínseco. Acima de quaisquer considerações fascina-o a ideia, aliás louvável, de cultivar terras suas que possa melhorar à vontade, sem receio de que esse melhoramento redunde em prejuizo próprio, por efeito da cubiça desalmada e menos escrupulosa do colega assambarcador.

Que, note-se, entre lavradores, os vizinhos ou colegas amigos constituem o maior número, dispensando-se obséquios recíprocos, respeitando-se mutuamente e dando-se vizinhança uns aos outros. «Dar vizinhança» é tolerar e permitir que os gados de cada qual entrem uma ou outra vez nas terras do vizinho que não estejam guardadas. Enfim, a maioria dos lavradores alentejanos guarda as

conveniências de classe, o que lhes é honroso. Mas a par dos que cumprem com esses deveres, há quase sempre o ambicioso desmedido para quem todas as herdades parecem poucas afim de satisfazer os seus planos vingativos, egoistas e absorventes.

Aparte excepções, os grandes senhorios fidalgos e capitalistas ainda têm umas certas e valiosas considerações pelos seus rendeiros, que é de justiça reconhecer e registar. Se os há que não escrupulizam em aceitar «levantes» de rendas propostas para satisfação de vinganças odientas, ou por ambições desvairadas e egoistas, muitos mais se conhecem que repelem com nobre altivez essas propostas aviltantes.

As casas Cadaval, Conde de S. Martinho, Marquês de Penalva, Duque de Albuquerque e outras tímbram em conservar e proteger os seus rendeiros antigos como procedimento que caracterizava a velha fidalguia portuguesa.

De entre os grandes proprietários modernos também se encontram espíritos guiados pela mesma louvável orientação. O falecido capitalista de Lisboa, António José de Andrade, foi um grande protector dos seus arrendatários lavradores, exemplo nobremente seguido pelos seus dignos descendentes.

Jacinto da Silva Falcão, também de Lisboa, era outro amigo valioso da lavoura alentejana. E como estes, mais alguns que não querem tudo para si, entendendo, com razão, que o rendeiro deve auferir lucros proporcionais ao seu trabalho e capital.

Arrendamentos Realizam-se por escritura pública, a prazos curtos de 2 a 6 anos. Para interesse recíproco do senhorio e rendeiro deviam ser mais duradouros, nunca inferiores a dez anos. A extensão do prazo garantia ao lavrador a estabilidade, e, conseqüentemente, este abalançava-se a empreendimentos dispendiosos, como plantações, limpeza, arroteamentos, drenagens, tudo na mira em lucros maiores, que também melhorariam a propriedade valorizando-a muito mais.

Com os arrendamentos a curto prazo os rendeiros receiam entrar em tentativas de tardio resultado, cujos lucros talvez aproveitassem a outro que não fosse ele, visto não ter a certeza de continuar na herdade. Isto é intuitivo. Não carece de demonstrações. Nos arrendamentos figura um fiador e principal pagador, que toma toda a responsabilidade da renda e outros compromissos. Alguns senhorios, poucos, exigem, além da escritura, letras de câmbio aceites pelo rendeiro, a pagar no dia do vencimento da renda em cada ano.

As condições da escritura variam muito, sendo feitas ao sabor e vontade do senhorio com a aquiescência do rendeiro. Há escrituras de 20 e 30 condições; e algumas são assás violentas, podendo servir de pretexto do senhorio para se desfazer do rendeiro, toda a vez que assim o queira.

As principais condições impostas ao rendeiro são: pagamento da renda em determinado prazo, em casa do senhorio ou seu representante; lavrar e semear as folhas correspondentes a cada ano; fazer os cortes dos montados na época

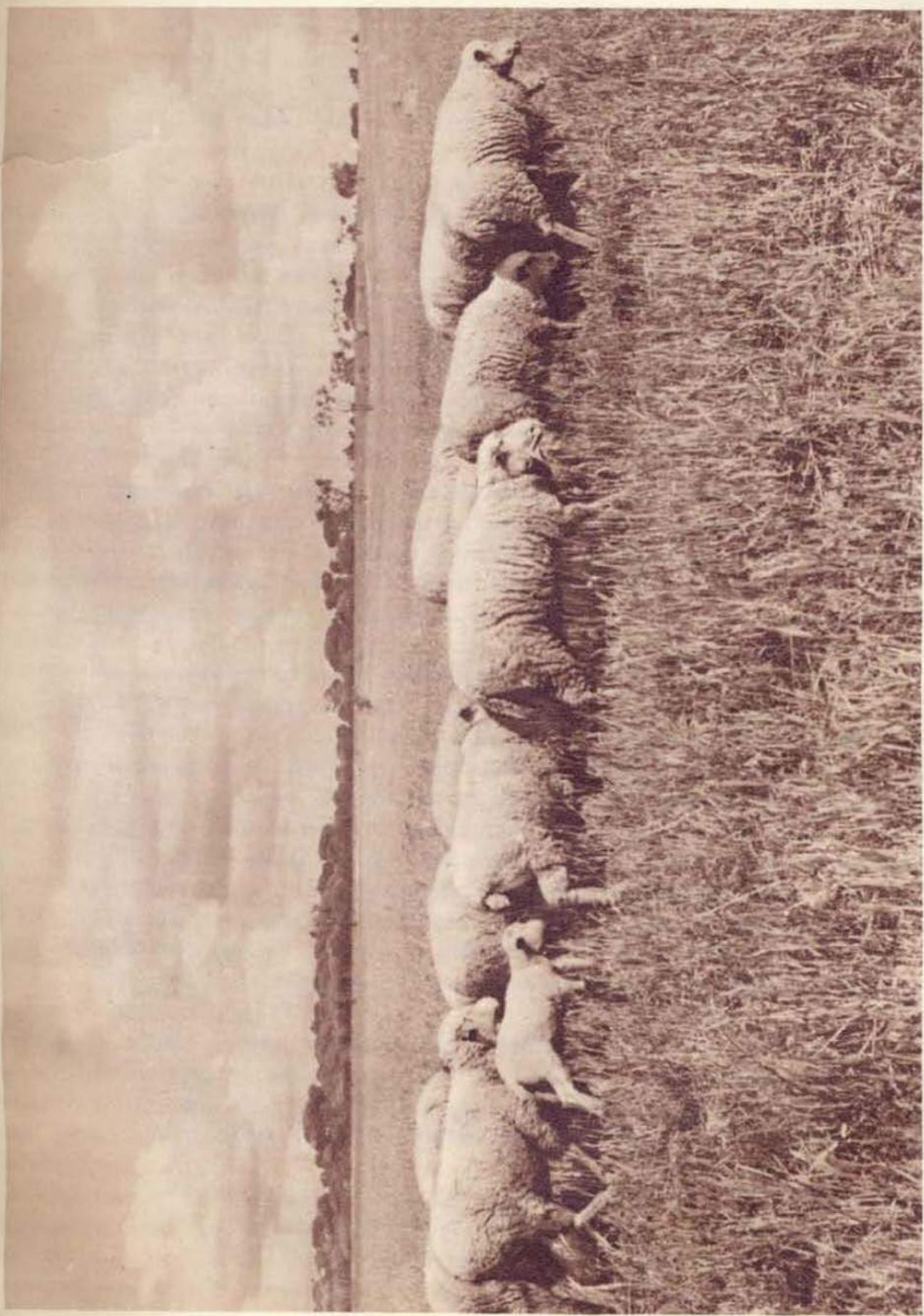
própria e nas folhas respectivas, não podendo cortar e desbastar árvores, chaparros e pernadas reais sem licença do senhorio, e, quando o faça, pagar tal ou qual multa; conservar as lindas bem visíveis, aceirando-as de verão, quando seja herdade de pastagens e arvoredos; trazer o monte asseado e os prejuizos que nele causar repará-los à sua custa; responsabilizar-se pelos prejuizos ocasionados pelos seus domésticos; concorrer para os concertos e melhoramentos que haja a fazer nos montes transportando todos os materiais à sua custa e dando pousada aos operários; não reclamar benfeitorias; não poder sublocar ou encampar sem licença do senhorio; não entrar com relvas e monturos mas sair com eles; não poder alegar esterilidade, incêndios, secas, inundações: invasões de guerra ou outro qualquer successo previsto ou imprevisito que o possa eximir ao pagamento da renda no todo ou em parte; renunciar ao foro do seu domicílio obrigando-se a responder no juizo da comarca em que reside o senhorio quando dê lugar a pleitos judiciais; considerar-se despedido toda a vez que não cumpra pontualmente as condições do contrato, etc. Nalguns arrendamentos de herdades com sobreiros, a cortiça é para o senhorio, se isso representa verba avultada; sendo coisa pouca, quase sempre fica para o rendeiro.

As rendas vencem-se no dia 31 de dezembro de cada ano. Quanto à época do pagamento é conforme as cláusulas do contrato. As das herdades de montados e pastagens obrigam-se os rendeiros a satisfazê-las no dia do vencimento, embora alguns as paguem dias, semanas ou meses depois, por condescendência obsequiosa do senhorio. As das herdades que só produzem cereais, apesar dos arrendamentos serem também por anos civis, só se vencem no dia de Santa Maria de Agosto, immediato ao ano findo em 31 de dezembro último. Exemplo: o rendeiro Fulano, que completou um ano de arrendamento a 31 de dezembro de 1899, paga essa renda no dia 15 de agosto de 1900. A mora dos 7 meses justifica-se pela natureza da herdade, que tendo por única produção a seara, só em esta se colhendo se pode obter receita para satisfazer o encargo. Ainda mais: antigamente todas as herdades de produção cerealífera eram arrendadas a moios de pão. Daí o costume de se satisfazerem nas colheitas.

Hoje ainda se realizam muitos arrendamentos por este modo, que, de resto, é um sistema racional que por vezes equilibra os interesses do senhorio e rendeiro. Quando o cereal colhido é inferior ou misturado de impuridades, não se considera «de recibo»; portanto o rendeiro tem de ir comprá-lo bom, ou satisfazer a renda a dinheiro, reputando o grão pelo preço da estiva camarária ou por outro que convencie com o senhorio. As escrituras previnem estas hipóteses, consignando a forma de as resolver.

A maioria dos senhorios impõe ao rendeiro a obrigação de pagar todas as contribuições, foros e outros encargos que pesam sobre o prédio arrendado, sem que sejam abandonados ou descontados na renda. Outros, poucos, englobam a renda e os encargos, pagando o rendeiro uma verba só.

As *pitanças*, que outrora se estatuiam na maioria dos arrendamentos pouco se usam hoje. Em geral constam do seguinte: carradas de lenha, de duas a seis



Ovelhas afilhadas, pastando

no tempo do *corte*; um ou dois porcos gordos ou arroubas de carne cheia por ocasião das matanças e *fumeiros* (entrudo): um borrego ou chibo pela Páscoa; peru pelo Natal; queijos na primavera; galinhas e frangões em indeterminada época; carradas de palha pela colheita; velos de lã churra para enchimentos pela *tosquia*, etc.

É claro que isto tudo não se afigura na pitação que pesa sobre qualquer arrendamento, antes são raras as que constam de mais de dois ou três artigos. Mas como quer que seja essa usança está caduca, prestes a desaparecer.

A entrada e saída de um rendeiro para qualquer herdade regula-se pelos usos e costumes locais, que constituem lei atacada por todos. Na região de que principalmente me venho ocupando, e nas outras limitrofes, observa-se o seguinte: os despedimentos e alteração de rendas, do senhorio da herdade para com o rendeiro, ou do rendeiro para com o senhorio, é de uso secular, assente e aceite por todos, participarem-se respectivamente durante o mês de maio do ano em que termina o arrendamento.

Não havendo de parte a parte nenhuma participação nesse sentido, subentende-se prorrogado o contrato por um ano mais, pois que, legalmente, em passando maio, nem o rendeiro se pode despedir do senhorio, nem o senhorio despedir o rendeiro. Sobre este ponto têm-se suscitado questões cíveis resolvidas por sentença que se conformam em absoluto com esses usos e costumes.

O novo rendeiro toma posse no dia 1.º de janeiro saindo o antigo na véspera, 31 de dezembro. O novo entra para a herdade encontrando-a devoluta, mas com a folha correpondente semeada pelo rendeiro antigo, para lhe colher o produto no próximo verão, sem que por isso tenha de pagar quantia ao senhorio ou ao novo rendeiro. Isto não excedendo os limites da praxe. Abusando arrisca-se a pagar *quarto* ou *quinto* da produção obtida na terra que semeou a mais, se não sofrer correctivos maiores preceituados nas escrituras de arrendamento. Além da folha do estilo que o rendeiro despedido tem direito a deixar semeada (um terço da herdade ou menos, segundo as folhas em que ela se divide) o mesmo rendeiro, na maioria dos casos e em análogas circunstâncias, pode também semear as «relvas e monturos» de área igual à que encontrou ocupada pelo seu antecessor. Por isso dizem as escrituras: «entra sem relvas e monturos mas sai com eles».

Como *relvas*, no caso em questão, entende-se a terra de rastolhice, que por ter sido estrumada no *alqueive* se lhe queima o restolho no ano seguinte para de novo se semear no próximo outono, produzindo assim dois anos consecutivos. As relvas em semeadura só devem abranger uma torna contígua à folha do alqueive.

Por *monturos* classificam-se os ferragiais contíguos ao monte; ou os *bafos* do monte, como também alguns lhes chamam, se não lhe encontram a feição própria dos ferragiais. De maneira que o novo rendeiro tem de respeitar a seara do antigo, não se opondo aos serviços de que ela carecer até estar ceifada e retirada do restolho.

Por sua vez o antigo, isto é aquele que saiu em 31 de dezembro, cumpre-lhe retirar a sua seara em rama até ao dia 15 de agosto. Digo «em rama», porque o mesmo antigo rendeiro não tem direito de debulhar a seara dentro da herdade que deixou. Só o pode fazer mediante licença do rendeiro novo, o que nunca se pede por não convir ao dono da seara, que precisa de palhas no local para onde se mudou.

De qualquer forma o rendeiro antigo só tem direito a um corte na terra que semeou. Quer dizer: não pode cortar a restolho ou bamburral que escapou à ceifa, o que seria evidentemente segundo corte. Pode porém ganhar os fenos criados nos vales, nesgas, sanjas das terras pantanosas, incultas, existentes na folha da seara e nas nódoas da mesma seara em que não ceifou coisa alguma. Em resumo: no sítio em que ceifou não pode ganhar; no local onde ganhou não pode ceifar.

Entretanto o rendeiro antigo tem ainda o direito de aproveitar o agostadouro da seara última a que me venho referindo, comendo-lhe a espiga e sementes com o gado suino que entender, e bem assim com o número de bois ou bestas estritamente necessárias ao acarreto respectivo.

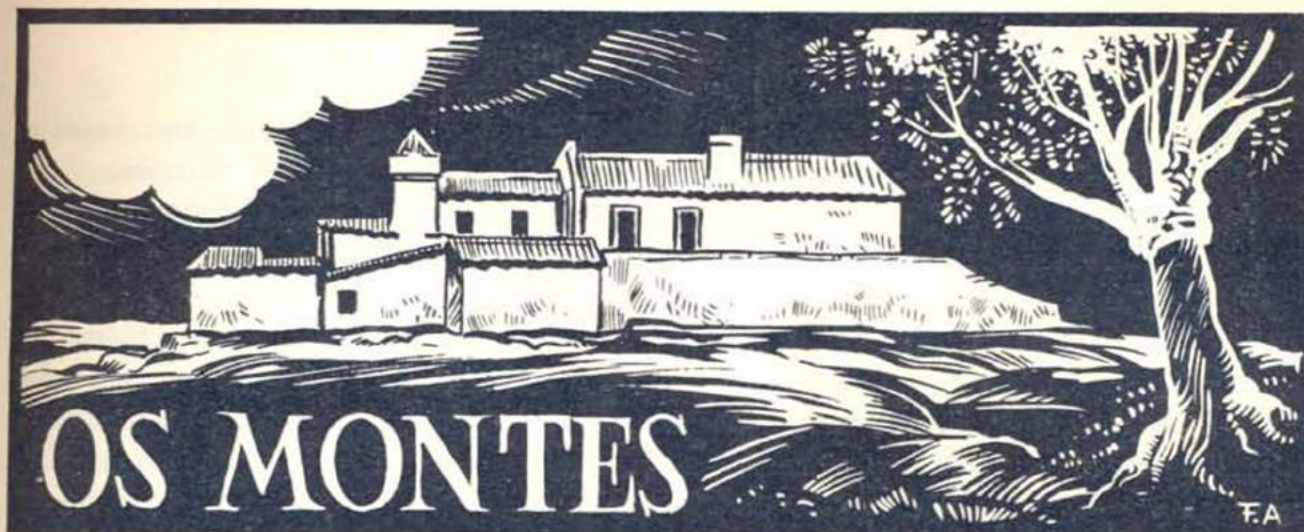
Na hipótese de se empregarem bois no acarreto têm eles de ser no quádruplo do número de carros ocupados. Por exemplo, se os carros forem quatro, e o serviço se efectuar de revezo, como se costuma, podem pastar no restolho 16 bois, metade de dia e todos de noite.

Se, porém, o transporte se efectuar com muares ou cavalares estes só podem comer no agostadouro durante a noite, visto trabalharem o dia todo, excepto à hora da merenda, ao meio dia, em que é de uso serem arraçoados.

Passado o dia 15 de agosto tem que estar a restolhice despejada e o gado fora, para o novo rendeiro ficar no pleno disfruto de toda a herdade.

Nas herdades de montados ao rendeiro que sai cumpre-lhe levantar a bolota até ao dia 31 de dezembro, salvo se há qualquer acordo ou contrato especial que prolongam esse prazo.





II

UM dos característicos mais notáveis da província transtagana, são os montes, isto é, as casas de residência nas herdades, que simultaneamente e por via de regra se aplicam também a sedes das lavouras que se exploram nas mesmas herdades. São, por assim dizer, aquilo a que noutras províncias se chama granjas, casais, quintas, etc.

Acontece porém haver herdades, pequenas, sem monte, já por nunca nelas existir, já por terem caído à mercê de abandono, como consequência da anexação de herdades, respectiva a outra ou outras de superior importância.

Em épocas remotas quando as lavouras estavam mais divididas e menos adiantadas, quero dizer, quando, geralmente, cada lavrador rendeiro vivia só de uma herdade em que semeava pouco e mal, todas ou quase todas tinham monte próprio, embora deficientíssimo. Ainda hoje quem percorre o Alentejo vê de longe em longe as ruínas desses casebres, observando também com maior frequência outros de igual inferioridade que se mantêm intactos, até bem conservados, sem contudo se notar neles a animação própria de um centro de lavoura. Porque assim como há herdades sem monte, também existem montes que não são cómodos de lavoura. Estes, de proporções modestíssimas, como atrás disse, habitam-nos os guardas ou outros criados, principalmente *ganadeiros*. Às vezes, porém, residem neles *caseiros* estranhos ao lavrador da herdade — *seareiros* que lavram por sua conta, a *quarto* ou *quinto*, terras cedidas pelo proprietário ou rendeiro geral. Em contraste com a ruína e decadência dos montes humildes, muitos outros se têm reconstruído e ampliado, sendo hoje bons alojamentos rurais, onde, a par da solidez, reúnem as acomodações necessárias aos diversos ramos da vida agrícola. Pelo que toca a asseio, ocioso é notá-lo. De qualquer importância que os montes sejam, velhos ou novos, grandes ou pequenos, todos o atestam em alta evidência, quer de portas adentro, quer nos muros

exteriores, de uma alvura resplandecente, destacando-se ao longe por entre o verde escuro das azinheiras ou sobre a terra campã das searas e pousios.

Pelo exposto se compreende que os montes, embora se construíssem todos para o mesmo fim, se distinguem bastante, tanto na capacidade como na construção. Nada exageramos dividindo-os em cinco classes:

Primeira: os da aparência acastelada, solarengos, com torres e ameias, de dois andares, cercados por alto muro, que deixa de permeio o pátio de entrada. São os mais antigos e entram no número dos melhores. — Segunda: aqueles que, não tendo vetusta imponência dos primeiros, possuem contudo os requisitos necessários à sede de uma grande lavoura e à habitação confortável do lavrador e sua família. «Cómodos» há deste género cuja superioridade em alojamentos é manifesta sobre os outros. Os montes deste segundo tipo denotam no seu todo uma feição mais alegre e moderna. Compõem-se geralmente de casas altas e baixas, com janelas e portados rectangulares, sem que em volta os resguarde qualquer espécie de muro. As portas exteriores dão para terreiros sem vedação, que se prolongam indefinidamente pela herdade. — Terceira: os de menos acomodações que os precedentes. Com pátio murado ou sem ele, uns ao rés-do-chão, e outros com sobrados, possuem em geral alojamento suficiente para uma lavoura mediana. Muitos montes destes três grupos têm o portado principal encimado por brazões ilustres da velha aristocracia portuguesa. — Quarta: os de poucas casas ao rés-do-chão, em número restrito ao indispensável a uma lavoura relativamente pequena. Se possuem compartimentos para a residência do lavrador, são tão exíguos e diminutos que raríssimas vezes se destinam a tal uso. — Quinta: os dos três a seis casitas baixas, incluindo dependências. Como dissemos noutro lugar, estes *montarecos* habitam-nos os guardas, pastores, caseiros, etc.

Povoam também algumas herdades outras vivendas agrícolas que, pela sua sumptuosidade e condições excepcionais, nada se confundem com os montes. Aludo a algumas quintas de recreio, cumulativamente sedes de lavoura, para o que reúnem os elementos precisos, além dos que lhe sobejam para a residência aprazível de um opulento proprietário.

SITUAÇÃO E ASPECTO

Em geral os montes ficam num dos extremos da herdade, não se conhecendo motivo plausível que justifique esta anomalia.

Erguidos no alto de qualquer colina ou na vertente de uma encosta, dominam vastos horizontes, cujo panorama, se é escasso, das surpreendentes belezas naturais que se admiram nas terras do norte, agrada contudo, pela fertilidade do solo extensíssimo e pelo avultado número de gados diversos que o povoam e animam.

Em volta dos montes não há, é certo, os encantos próprios das paisagens

pitorescas. Falta-lhes o principal, a arborização, nula outrora, mas que ao presente já se observa em alguns, e que tende a generalizar-se pelo emprego de eucaliptos e acácias. Mas, à falta de arvoredo de embelezamento, e como compensação de apreço, mostram à larga um cunho alegre e típico que se destaca principalmente do alvejar dos seus muros, do bulício dos seus habitantes e da imponência das almenaras de palha e feno que se lhes erguem próximo. Antigamente eram ainda aformoseados pelas medas de lenha, núcleo de pirâmides monumentais, caprichosas e correctas, que de longe chamavam a atenção do viadante. Obra paciente e cuidadosa dos criados da lavoura nas *marés vagantias* (épocas de poucos afazeres) em que os trabalhos agrícolas estavam paralizados por invernias ou estiagens.

Erguíam-se para assim se acomodarem os madeiros e achas que se acumulavam em frente dos montes por sobejarem do consumo e procura. Hoje é raro construírem-se medas. O vagar é pouco e a lenha não sobeja.



Os montes consideram-se albergarias francas para caminhanes e mendigos, hospício de necessitados, e até por vezes refúgio de perseguidos. Encarados por outro prisma simbolizam o trabalho e a abastança por que reúnem e exibem à larga os melhores produtos da terra. De feição essencialmente criadora, sintetisa em si toda a vida agrícola alentejana. Toda, desde as messes de lavoura até às aves domésticas, que ali se multiplicam livremente em viveiro fecundo e constante. As aves pelos cantos e estrídulos de suas vozes, repetidas por centenas de galinácios e dezenas de palmípedes, constituem a nota mais alegre e animadora desses centros rurais, sobremodo interessantes.

As construções de cada monte moldam-se geralmente nas dos sistemas vulgares das terras pequenas da província, e compõem-se de habitações para uso doméstico, de casas para fins diversos e de várias dependências exteriores. Entre os maiores, há-os providos de capela para exercício do culto divino, que outrora tinham capelão. Hoje não o têm e em poucas se diz missa. Só por acaso em alguma que fica próxima de sede de freguezia de campo (paróquia erma, sem povoado junto), onde o pároco não encontra ouvintes quando no domingo lá aparece, vindo da vila, disposto a celebrar. Em tais circunstâncias, o prior vendo-se apenas com o sacristão, resolve ir dizer missa à capela do monte. Ali, pelo menos terá meia dúzia de assistentes que o escutem.

CASA DE HABITAÇÃO

A que especialmente se destina ao layrador e sua família compreende: casa de entrada, um indeterminado número de quartos, sala de jantar, dispensa, cozinha, amassaria, casa de pão, etc.

Casa de entrada Só tem de notável as *cantareiras* de loiça, estanho, arame e cobre que ornamentam as paredes, de alto a baixo, em flamantes estanheiras e sanefas de pinho, tintas de azul e encarnado.

Por *estanho, arame e cobre*, designam-se genêricamente os tachos, pratos, panelas, bacias, almofarizes e outros utensílios de cozinha, de variadas dimensões, que noutros tempos se applicavam habitualmente aos usos próprios. Hoje só se utilizam alguns dos maiores como tachos grandes e asadas. Tudo mais, que é bastante e de valor considerável, conserva-se e aumenta-se para figurar apenas nas *cantareiras*, a compor a casa num luzido e brilhante apuro. É o fracasso da lavradora — o seu luxo caseiro, que a vangloria bastante quando estranhos lho gabam.

Dispensa Vasto compartimento abarrotado de comestíveis. Ali se armazena o *fumeiro* dos suínos, isto é, o produto das matanças de oito a doze cabeças grandes, as melhores que saíram do montado.

O *fumeiro* compreende: grossas mantas de toucinho empilhado em salmouras próprias ou em potes de barro e caixotes; as varas de enchido como paios, chouriços, linguiças, morcelas, cacholeiras e farinheiras, cada qual em separado, e todas suspensas por cordas presas ao tecto, formando por este modo a *parreira* ou *latada* de carne cheia, previamente defumada nos vãos da chaminé. Se a carne já enxugou, a *latada* não aparece pois que o enchido passou a armazenar-se em potes de barro ou lata. Em vazilhas análogas e semelhantes, conserva-se igualmente a manteiga ou banha, e os pèzinhos e lacões.

Defrontando com a carne de porco e seus acessórios, estão os potes do azeite e os das azeitonas; as asadas do queijo, os caixotes dos legumes, os tabuleiros de pão de trigo — ralo e branco — os ovos, arroz, frutas, etc. E todos estes mantimentos ali figuram, entre balanças, pesos e medidas, não por ostentação de abundância, mas como providência económica de primeira intuição — alimentar com barateza uma criadagem avultada, que oscila entre 60 a 100 ou 200 homens. E para essa alimentação sair barata, necessita-se reunir por junto e em condições vantajosas os géneros alimentícios de primeira necessidade. É o que fazem os grandes lavradores, quando lho permitem os seus recursos pecuniários. Que nem todos os possuem às vezes, cumpre também acrescentar.

Cozinha Numas partes é de carácter exclusivo, noutras serve simultaneamente para amos e criados. Em qualquer das hipóteses, consiste num vasto compartimento de lareira descomunal, sempre de lume aceso, seja de dia ou de noite. Em volta da casa, pelas paredes todas de alto a baixo, como na casa de entrada, ostentam-se igualmente as ornamentações características dos domicílios rurais alentejanos.

Nas guirlandas e estanheiras, lá se vêem também os serviços de cobre, arame, estanho, ferro e barro, onde se destacam tachos e asadas monstruosas,

por entre pratos, frigideiras e panelas de lotes diversos, tudo realçando pelo brilho, disposição e apuro de um cuidado inexcedível.

A um dos cantos depara-se com o pote da água, elemento que também existe nos cântaros de cobre, lata e barro, que figuram nos poiais. A cozinha, em certas partes, também serve de refeitório da *ganharia* e restante pessoal, como carpinteiros, ferrador, etc. Noutras, porém, as refeições aos criados têm lugar na casa de entrada, junto à porta principal. A mesa costuma ser comprida e estreita, de madeira em geral, e de pedra por excepção.

Amassaria É a oficina do fabrico de pão das diferentes qualidades que se consomem. Tomando por base a importância do consumo, temos em primeiro lugar o pão de centeio, denominado *marrocate*, que se dá aos criados e «malteses»; em segundo, o pão de trigo — *branco e ralo* — que é respectivamente para amos e criados de portas adentro; em terceiro e último, as *perrumas*, pão de farelos de centeio com que alimentam os cães de gado. O *marrocate* fabrica-se em escala muitíssimo superior à dos outros pães: As «casas grandes» consomem anualmente setenta a cem moios de farinha.

A amassaria está provida de todos os seus pertences: *altezas* de madeira e alguidares de barro para os amassilhos; caixotes, sacas ou tulhas para as farinhas e farelos; caniços para os *marrocates* e *perrumas*, peneiras, toalhas, tabuleiros, etc. Se o movimento é grande, a farinha e o pão ocupam uma segunda casa contígua ou separada.

Há montes em que a cozinha e amassaria para a criadagem ficam fora da casa de habitação.

ACOMODAÇÕES AGRÍCOLAS E PECUÁRIAS

Resumem-se nas seguintes: casa de rações para cavalgaduras e bestas, celeiros, queijeira, forno, casa de lã, cavalariças, palheiros, cocheira, atafona, casinha dos ganhões, casinha do abegão, loja dos ferreiros, galinheiro, casa dos pintos, chiqueiro, cabanas, curral, etc. As três primeiras, tanto se instalam em divisórias interiores, contíguas às da habitação familiar, como em casas exteriores separadas. As restantes são, por via de regra, edificações isoladas, alojos de portas afora, como vulgarmente se diz. Pormenorizarei todas que mereçam especial menção.

Celeiros Divergem muito em número e capacidade. A lotação dos maiores não vai além de duzentos moios. Localizados ao rés-do-chão ou em altos, o seu piso é de tijolo ou asfalto. O asfalto introduziu-se há uns vinte anos, sendo decerto o melhor sistema para a boa conservação dos géneros.

Os antigos *silos* (círios) ou tulhas subterrâneas abertas nas cercanias dos montes para depósito de cereais, suponho já não existirem em nenhuma herdade

do Alentejo. No concelho de Elvas têm-se encontrado vestígios bastantes dessa usança árabe, ainda em voga há poucos anos em algumas terras de Espanha.

Queijeira Casa onde se prepara o queijo e outros lacticínios. Costuma ser um amplo compartimento provido de lareira espaçosa que impròpriamente denominam chaminé. Ali se acende o lume para a confecção do atabefe conservação de uma temperatura elevada, necessária a coagulação do leite e à manipulação do queijo nos dias frios. Pelo tecto da casa pendem molhos de folhagem de sabugueiro ou freixo, a que chamam *mosqueiros*. Servem para atraírem a si as moscas, que em enxames acodem às queijeiras, onde, como em toda a parte, se tornam importunas e nocivas, pelo menos aparentemente. Dizimam-nas então com o auxílio do folhedo, onde se acoitam, artimanha simples de excelentes resultados.

A' noite, quando tudo está em sossego, o *roupeiro*, (encarregado da queijeira), chega-se aos *mosqueiros*, e, a cada qual, depois de lhe enfiar um saco que segura pela boca, agita-o com violência para a moscaria se desalojar. O efeito manifesta-se logo por um sussurro alvorotado, indício de boa caçada. Imediatamente vai-se tirando o saco, devagarinho, sacudindo-o a miudo, até ficar de fora com a bicharia no fundo e alguns fragmentos da folhagem. Sempre fechado pela boca é batido no chão, despejando-se no lume. Reconhece-se então a importância do apanho, que frequentemente atinge porções consideráveis.

A queijeira é guarnecida com os móveis e aprestos próprios. Eis os principais: barreleira ou banca em que se faz o queijo; asadas para a coagulação do leite, para a *coalhada*, como vulgarmente se diz; tacho grande de cobre para o almeice (soro) ir ao lume e produzir o atabefe; escumadeira, panela para a água quente; formas de queijos (sinchos de lata); ditas para requeijões (cestinhos de verga e lata); pedras compressoras para espremerem o queijo grande de ovelhas; vasilha do cardo, saleiro, coadores, esfregões, etc.

Ordinariamente, o queijo enxuga e fermenta noutra casa. Em artigo próprio referirei o mais que diz respeito à indústria de lacticínios.

Forno de cozer pão Edificação tosca e grosseira, nada notável quanto à sua aplicação principal. Mas como sob a designação genérica de forno se usa compreender a alpedrada que o precede, impõe-se a referência, atendendo a que este local é o agasalho ou albergue habitual de mendigos e vagabundos que, no geral do Alentejo, são conhecidos por malteses. Que cenas de vadiagem e perversão se não projectam nesses toscos pardieiros, atulhados nas noites de inverno por dezenas de malandros, entre um ou outro infeliz digno de melhor sorte!... Quem conhece o Alentejo sabe perfeitamente como os fornos são teatros de planos criminosos e outras vergonhas sociais que ninguém trata de extinguir... Em alguns montes o forno comunica com a habitação familiar. Neste caso a maltesaria acoita-se em albergue próprio, mais ou menos distanciado.

Os ciganos não pernoitam junto dos malteses, com os quais não gostam de

conviver. Acampam e dormem a certa distância, ao abrigo de muros, penedos ou árvores.

Já agora, e por coerência, aludirei também à hospedagem que se dispensa aos transeuntes de confiança, como futriqueiros, marchantes, caldeireiros, etc. A estes dá-se-lhes pousada melhor em qualquer dependência, ou mesmo nas casas de habitação, se merecem confiança. Enfim a hospitalidade a ninguém se recusa, dispensando-se conforme a posição do que a recebe. Esta prática antiquíssima impõe-se pelas circunstâncias inerentes ao meio e à vida agrícola, cumprindo-se gostosamente com todos, que merecem usufruí-la.

Casa da lã ou laneiro Serve para diversas aplicações, além daquela por que se menciona. De resto, a lã é a coisa que menos tempo a ocupa, por ser costume vender-se e exportar-se no verão, logo depois da tosquia. Mas como em alguns anos se não vende de pronto e é forçoso conservá-la, destina-se-lhe uma casa para armazém.

Cavalariças Costumam ser duas ou três, de mangedouras de alvenaria e piso de calçada. Geralmente falta-lhes a cubagem e ventilação, o que é para lamentar pelos óbvios inconvenientes que resultam. Sendo três as estrebarias, uma destina-se às parelhas de muares, outra às cavalgadas de sela e ganhões, e a outra, a pior, para as bestas de carga. Sendo duas ou uma só, o gado aquartela-se todo junto ou pouco repartido, conforme as circunstâncias.

As cavalariças servem também para depósito dos aprestos das cavalgadas e dos homens que com elas trabalham: carreiros ou almocreves, paquetes, cavalista, lançarote, etc.

Palheiro Casa em que se armazena palha para o consumo imediato do gado cavalgar, muar e asinino que pernoita recolhido. Nos palheiros dormem excepcionalmente alguns transeuntes, quando por acaso não cabem nos alojos próprios.

Cocheira Só se encontra em montes de primeira ordem. Aquartela o churrão e qualquer outro carro de maior valor para cómodo pessoal.

Atafona É a moenda de cereais por «motores de sangue» (bestas ou cavalgadas) que antigamente havia em todas as sedes de lavouras. Hoje vai desaparecendo por se considerar engenhoca imperfeita, atenta a superioridade das fábricas de moagens a vapor e dos moinhos das ribeiras. Os moinhos fornecem de farinhas a quase totalidade dos lavradores.

Casinha dos ganhões Sob este título se designa o dormitório e casa de descanso dos «ganhões» ou moços da lavoura, que constituem a *ganharia*. Como se pode supor, tem o seu quê de semelhante às

casernas dos soldados, conquanto delas contraste bastante pelo que respeita ao arranjo e asseio.

O nome de «casinha» consideramo-lo impróprio. Na maioria dos montes, o alojamento, esse, longe de ser um pequeno cubículo, é pelo contrário uma casa ampla que acomoda à vontade vinte e trinta homens. As «casinhas», especialmente as das lavouras distantes dos povoados, em que os ganhões não têm a facilidade de ir todas as noites às suas residências, sendo, por isso, forçados a pernoitar no monte, oferecem aspecto curioso digno de menção. A par da desordem e extravagância que se nota no rústico mobiliário, ouvem-se colóquios estupendos e cenas engraçadas que definem perfeitamente os instintos e sentimentos das pessoas que ali pernoitam.

Qualquer que seja a forma de uma «casinha» possui sempre lareira espaçosa (a que designam por chaminé) construída a um dos cantos da casa, ou ao centro. Junto da chaminé meia pejada pelas cinzas de lumes fortíssimos, aglomera-se a criadagem que ali passa os serões, primeiro aquecendo-se ou enchugando-se das molhas que por acaso sofreram durante o dia, depois travando palestras ou entretendo-se em distrações diversas. Perto da chaminé estão os burros (bancos rústicos de pernas de azinheira) que servem de assentos e que permanecem estatelados ou de pernas ao ar toda a vez que os não utilizam.

Idêntico abandono ressalta das tarimbas que se erguem em redor das paredes. Formadas por leitos de carros velhos, portas inutilizadas, tábuas, etc., revestidas com rama de piorno, giesta e palha, tudo aquilo está em desordem, assim como a *copa* (vestuário) de reserva dos que as ocupam. Roupas, safões, calçado, chapéus, esteiras, paus, etc., para ali se amontoam, sem que mão cuidadosa se lembre de os arranjar.

Para a coerência ser completa, o ladrilhado ou calçada do piso conserva-se meia oculta pelas franças e gravetos do piorno que, em feixotas, se aplica a combustível de lareira. Enfim um desarranjo absoluto, digno de reparo. Mas que lhe importa aos ganhões semelhantes bagatelas?! No seu modo de ver, está bem assim. O arranjo, a compostura e a limpeza, dizem eles, compete às mulheres, lá nas casitas da vila ou aldeia próxima onde residem. Aí, sim; aí, é que eles gostam de ver o asseio, a comodidade e luxo mesmo com que as esposas, mães e irmãs ornamentam o interior das habitações, e de que justamente se vangloriam por que nada se lhes assemelha, sequer, nas outras províncias de Portugal. Só vendo-se é que se avalia bem. Mas fora dos domicílios, no campo e nos dormitórios dos montes... «era o que faltava, perderem-se as horas de *buena* a compor a tarimba e arranjar a cama... Quem passa o dia agarrado ao *tango*, à noite de todos os modos dorme bem... Inda que seja em riba de pedras ou em pontas de alfinetes!...» E com estas frases justificam o desalinho.

As paredes da casa condizem com o desalinho da roupa e *trabecos*. Apesar de serem caiadas de branco estão em parte enegrecidas pelo fumo da lareira. As restantes menos sujas vêem-se mascaradas de desenhos estapafúrdios, rus-

ticíssimos, feitos a carvão, destacando-se um ou outro que revela traços firmes e vocação artística do autor.

Tudo aquilo é obra dos ganhões *arteiros*, que têm *queda* para as *pintorices*, e que nisso se entretêm algumas noites, distraíndo-se a si e aos camaradas.

Traçam então juntas de bois com o ferro de casa; cenas tauromáquicas; tipos das cidades; as figuras do sol e da lua, monstros marinhos, neptunos, sereias, navios, pavões, cegonhas, lobos, vasos de flores, o sino saimão, etc., etc.

Completando o quadro, é frequente penderem do tecto cordas e paus com que improvisam trapésios. São para a rapaziada fazer *artemages*, o que em calão local significa exercícios ginásticos e acrobáticos. Ali pois espino-team à vontade com o seu trambulhão, à mistura, unanimemente festejado. Ora, o conjunto de tudo isto, casa e habitantes, dá à casinha dos ganhões uma aparência original, que se torna fantástica, quando à noite as chamas da lareira projectam a sua luz esfumaçada e indecisa sobre os vultos da habitação.

A tristeza raro se nota naqueles recintos originaes. Ali as noites decorrem alegres, se a maioria dos assistentes se compõe de rapazes solteiros, exuberantes de vida, alheios a cuidados. Então tudo se anima a valer! Simúlacros de touradas; *artemages*; jogos de brincadeiras para logro dos novatos; tudo enfim que revela despreocupação de espírito. Os velhos, coitados, que já não podem tomar parte naquelas pândegas, sentem-se rejuvenescer, e lá do canto da «chaminé», onde acalentam o sangue amortecido, aplaudem os *divertimentos* da *família* moça e estúrdia — *partidas* que eles também já fizeram e de que se recordam com saudade.

Noutras noites não há *artemages*, nem touradas, nem jogos, nem desenhos; mas o serão passa-se divertido, se não de alegria ruidosa, pelo menos com o prazer suavíssimo que disfrutam as almas simples ao ouvirem narrações estranhas, maravilhosas. Nestas noites os papeis invertem-se: são os velhos que distraem os novos. Aqueles, tomando ares de superioridade paternal, propõem adivinhações, recitam décimas, narram contos de princesas e mouras encantadas, casos de bruxedos, e até episódios das guerras da primeira metade do século, de que eles ou os ascendentes foram testemunhas oculares.

Com que atenção os moços os escutam, e com que ufanía os velhos referem aquelas histórias variadas, de exágeros manifestos! Os que as ouvem, ficam embasbacados a ponto de um ou outro exclamar: «Caramba, rapazes! Sempre o tio Fulano sabe muito!... É um poço sem fundo! Não sei como lhe cabe na cabeça tanta coisa!!! Se fosse homem de letras era um doutor!...

Nas noites grandes, quando se esgota o reportório de historietas e mouras encantadas, muda-se de assunto até que se chega à coscovilhice reles. Nesta altura, diz-se mal dos amos, dos abegões, do prior da freguezia, do exágero das contribuições, e por associação de ideias, dos poderes constituídos. Discute-se enfim, incluindo mesmo a astronomia, que lhes merece comentários e apreciações originaes em que abundam os disparates. Mas quem os diz, fica muito ufano como se proferisse uma sentença.....

Casinha do abegão Dormitório e alojó do encarregado da lavoura e do seu imediato substituto—o *sota*. Serve também para arrecadação das apeiragens e outros utensílios confiados aos dirigentes da lavoura.

Cabanas Por este nome designam as seguintes diferentes acomodações: a loja dos carpinteiros de carros e arados, o depósito de madeiras, as arrecadações de veículos e ucharia de lavoura, as arribanas para gados, etc., etc.

No Alentejo o termo de cabana é um nome genérico que se aplica indistintamente a todos os casarões toscos e espaçosos que se adaptam a quaisquer usos. A cabana que se adapta à oficina dos carpinteiros acomoda muitas vezes as madeiras necessárias ao movimento da lavoura, por não haver casa apropriada para semelhante fim. De qualquer maneira é curioso o seu aspecto: ao centro da casa, sobre o solo coalhado de cavacas e aparas, firmam-se os *gastalhos* onde, enchó em punho, e assentados, trabalham os *mestres*, concluindo a execução dos arados e outras ferramentas agrícolas. Se trabalham em pé vemo-los com o machado, vibrando golpes certos na madeira, dando-lhes as formas gerais de que precisa, desbastando-a assim de *falquejo* para depois a aperfeiçoarem à enchó. Isto ao meio da oficina. Em redor das paredes levantam-se pilhas gigantescas de arados e timões, tendo pela frente outros similares, que por seu turno ainda são amparadas por rimas de alvecas, cangalhos, raios, pinas, etc. Centenas de peças em bruto ou falquejadas, umas dispostas em simetria, outras amontoadas a esmo.

A carpintaria é o centro do cavaco nas escapadelas aos afazeres e às horas de descanso. A pretexto de qualquer coisa entra-se ali para se receberem ou darem novidades, ou para se comentar este ou aquele assunto. A par da carpintaria, também em certos montes funcionam lojas de ferreiros, inovação recente, que não parece generalizar-se. Se alguns lavradores opulentos entretêm forjas a trabalhar para as precisões da sua lavoura e das de alguns vizinhos, o maior número não entra nessa especulação. A maioria mantém o uso tradicional, avençando por ano ou temporada com os ferreiros das povoações próximas.

Prosseguindo nas referências às cabanas, convém acrescentar que todos os montes as têm para uso dos gados. E naqueles em que as há, os únicos animais que as utilizam são os bois de trabalho, durante o inverno, e as éguas e crias de manadas, no fim do verão, às horas da calma. Quando estes gados as não ocupam, servem para arrecadação de carros, palha, feno, etc.

As cabanas mais rústicas, construídas de madeira com tectos de colmo, piorno em giesta, chamam-se-lhe *ramadas*. Os termos de «estábulo» e «arribana», tão adoptados noutros sítios, são desconhecidos pelos campónios do Alentejo. Ignorância análoga se nota também com o vocábulo abegoaria. Este nome apropriadíssimo aos depósitos de trens de lavoura e outras ferramentas agrícolas, mal o conhecem os habitantes das nossas aldeias.

Galinheiro Uma casa qualquer, em que pernoitam e põem as aves domésticas do monte, com excepção dos pavões e patos reais que dormem e nidificam fora ou ao ar livre e à solta. O galinheiro é provido de poleiros suficientes para repouso dos bicos, e de casinholas ou cestos para a postura dos ovos. De noite ali se recolhem dezenas ou centenas de aves diferentes, que se soltam ao aclarar do dia, com excepção das que têm ovo, que continuam recolhidas algumas horas mais, afim de pôrem nesse entretanto. Mas antes, sofrem todas o devido exame, a uma por uma, pelo processo vulgar, geralmente conhecido.

Em alguns montes o galinheiro serve também de pombal, para o que tem nas paredes as casinholas indispensáveis para a criação dos pombos. Neste caso o tecto é provido de uma fresta ou água furtada que permite a entrada e saída dos pombos. Mas o mais comum é o pombal ficar de fora, encostado a qualquer chaminé.

Casa dos pintos Espécie de sucursal do galinheiro, que acomoda as galinhas e peruas chocas com as ninhadas em incubação, e ainda outras que já tiraram e que ali pernoitam com os pintos.

Chiqueiro Curralório que encerra dois ou três porcos adultos para se irem engordando a pouco e pouco com os sobejos das comidas, sementes avariadas, bagaço, frutas, etc. Um mealheiro aproveitador de desperdícios.

O chiqueiro abrange o espaço de uns 20 metros quadrados, em parte resguardado das inclemências do tempo por uma alpendrada ou choço, onde se abrigam os cevões — nome específico porque se designam os suínos assim sustentados.

No recinto a descoberto, vêm-se os maceirões e pias, onde comem e bebem os porcos, anafados bichos que devem considerar-se felizes pela abundância, sossego e repouso que ali disfrutam. No interior do pocilgão ou cá fora, no chiqueiro a descoberto, mete inveja ouvi-los roncar forte, a sono solto e bandido farto, sem preocupações de nenhuma ordem. Quantas criaturas humanas dariam um dinheirão por dormirem assim!

ARREDORES

Os arredores dos montes caracterizam-se por certas dependências indispensáveis ou convenientes aos labores agrícolas e pecuários. Nestas condições estão: a eira, o poço da água potável, os chafarizes para os gados beberem, as malhadas dos porcos, o bardo das cabras, e finalmente a quinta, horta ou quinchoso.

Eira É o terrado em que se debulha e limpa toda a casta de cereais e legumes. Fica geralmente a curta distância do monte, numa das colinas próximas mais varridas do vento oeste, ou seja «bem lavada de travessia», como se diz em frase plebeia. As eiras apropriadas a debulhas de pouca monta, medem a

superfície de 100 metros quadrados, aproximadamente. As das herdades de grandes colheitas, em que se acumulam muitos e vastos calcadoiros, abrangem capacidade bastante maior—mil a dois mil metros quadrados. E há-as de grandeza tão excepcional, que ocupam a importante área de cinco mil metros quadrados. Destas dimensões é a herdade do Falcato (concelho de Elvas), propriedade dos srs. Bagulhos.

O solo ou casco da maioria das eiras, consiste num simples terrado batido a maço, ou sòmente gadanhado e varrido da erva, se de há muito se aplica a esse fim. Vêem-se, porém, muitas eiras calçadas modernamente e algumas sem o centro lageado de ardósias ou pedras de granito.

Nas herdades em que predomina a cultura do centeio, a eira muda de local quase todos os anos, por medida económica na arrecadação e aproveitamento da palha, que, sendo como é, exclusivamente aplicada a forragens do gado bovino, e comida nas próprias almenaras, convém ficar desde logo na folha onde os bois e vacas pastam durante o Outono e Inverno, ou pelo menos noutra contígua. Portanto, em cada ano, numa das folhas de «rastolho» ou de «pousio» — a do *invernadouro* as mais das vezes — escolhe-se um vale inculto bem ventilado, e é aí que se prepara a eira do centeio. Preparo simples e de ocasião, visto o seu carácter ser transitório.

As almenaras de palha e os rilheiros dos cereais em rama, aguardando debulha, constituem o principal embelezamento das eiras. Rilheiros e almenaras, erguidos a capricho pelo pessoal da eira, dão ao local um tom imponente bastante característico.

Poços-chafarizes Cada monte tem próximo um ou mais poços, de três a cinco metros de profundidade, de onde se extrai a água para o consumo da casa e abastecimento dos gados, empregando-se para isso o caldeiro e a corda. As bombas pouco se usam por enquanto. Os poços de boas nascentes valorizam muito as herdades respectivas, atenta a falta de água que se nota em quase toda a província, durante a quadra estival. Poço abundante de água, reputa-se regalia de incalculável valor, sobretudo se a herdade não é atravessada por alguma ribeira boa, onde os gados possam beber no verão. Assim sucede que, na maioria dos poços de nascentes medianas e abundantes, há um chafariz para bebedouro do gado grande, como bois, vacas e éguas, e ainda alguns «maceirões» (gamelões) de madeira para as rezes miudas, como ovelhas, cabras, porcos, etc. A água é tirada pelos «ganadeiros» (guardadores dos gados) empregando também o caldeiro e a corda. Pois não obstante a rudeza do processo, há ganadeiro que sem dificuldade extrai todos os dias, às horas da calma, a água precisa para se saciarem à vontade 60 a 80 bois.

Como nota significativa da escassez e apreço da água nas terras transtaganas, basta dizer que certas herdades que não têm água dentro, pagam foro ou pensão a outra vizinha onde há poços, e que por seu turno estão sujeitas ao encargo de admitirem a beber os gados que naquelas pastam.

Malhada dos porcos Edificações rústicas, primitivas, de forma cónica, com os tectos de piorno, giesta e outros arbustos. Servem para a criação e dormida dos suínos, compreendendo-se também por esta designação da choça dos ganadeiros que os guardam — os porqueiros. Em geral há mais de uma malhada em cada cómodo de lavoura, vendo-se já algumas modernas de construção aperfeiçoada, que divergem bastante do sistema comum. Quando tratar da criação dos porcos farei descrição mais desenvolvida sobre as malhadas respectivas.

Bardo das cabras Nome por que se conhece o redil ou curral em que se ordenham aqueles animais. A sua construção é de carácter transitório, porque todos os anos muda de local, ficando sempre próximo do monte e de modo que da porta principal se veja bem. Convém isso para, às horas do ordenho, o pessoal do monte dar notícia da chegada das cabras e assim seguir logo o encarregado de trazer o leite, montado na respectiva besta, entre as cangalhas com os cântaros.

O bardo vulgar é construído com feixes de mato, como esteva, aloendro, piorno, etc.: uma espécie de palissada em semi-círculo, com entrada exposta ao nascente. Contíguos ao bardo, da parte de cima, erguem-se os *chiqueiros* ou choços em que se recolhem os chibos novos, enquanto não acompanham as mães. Na actualidade estes bardos inutilizam-se no meado da primavera, substituindo-se por outros simples, portáteis, formados por cancelas de madeira de castanho, que se muda de dias a dias para melhor se aproveitarem os estrumes. Uma semelhança do que se pratica com as ovelhas.

Quinta, horta ou quinchoso Por qualquer destes nomes se designa o cercado hortícola e pomífero, que produz hortaliças e frutas para consumo do monte. Se a sua área e valor é grande, ou para melhor dizer, se contém pomares de vulto como laranjais, ameixiais, etc., e se são vedados por bons muros de alvenaria chama-se-lhe *quinta*. Se porém o seu todo é pequeno, ou se mesmo grande, mas que não esteja povoado de muito arvoredos frutíferos, e se sobretudo a vedação se reduz a uns simples valados, denomina-se *horta*. No revestimento das sebes empregam-se as piteiras, figueiras da Índia, canas, silvas, etc. Quando o hortejo se reduz a proporções mínimas toma o nome de *quinchoso*.

Apesar de haver herdades com quintas e hortas encravadas na sua arca, mas pertencendo a donos diferentes, é também certo que quase todas, que são centros de lavoura, têm anexa uma quinta, horta ou quinchoso, disfrutado por conta do lavrador, com o fim de ter hortaliça e frutas para o consumo da casa. E algumas maiores, além de produzirem o suficiente para o pessoal da lavoura, ainda abastecem os mercados diários das povoações vizinhas. Vários processos se usam para obter a água que alimenta as quintas e as hortas. Numas *fazendas* a água corre de pé, nascendo ali mesmo, ou vindo canalizada de fora, de maior

ou menor distância; noutras, embora exista no próprio local, há que extrai-la por meio de noras mouriscas, ou de outros sistemas, como elevadores automáticos, *cegonhas*, bombas, etc. O processo mais vulgarizado é o das noras de diversos tipos, e o menos é o das *cegonhas* e o dos elevadores ou moinhos de vento. Para o trabalho das noras empregam-se muares e jumentos de pouco valor, que se aplicam também a outros serviços.

Por qualquer processo que a água se tira vai toda depositar-se em tanques ou lagos, de onde se solta uma ou duas vezes por dia no tempo estio, para regar as tabuadas, canteiros e leiras em que se divide a terra preparada. À água que sobeja das regas dá-se-lhe saída para fora, indo afluír aos ribeiros.

Muitas quintas e hortas abrangem duas a três géiras de terrenos inacessíveis às regas e que por isso se lhe chamam *sequeiros*. Disfrutam-se com oliveiras, figueiras, amendoeiras, etc.

Em resumo, as quintas alentejanas, na sua quase totalidade, quer sejam acessório da herdade, quer constituam prédio independente, são terrenos de exclusiva exploração hortícola e pomífera, não se assemelhando, portanto, às quintas que povoam os campos das outras províncias. As nossas produzem somente hortaliças e frutas; as outras abrangem grangeios agrícolas e pecuários que no Alentejo são próprios das herdades.

Como nota complementar convém dizer que, se efectivamente alguns montes têm anexa uma pitoresca quinta, ou uma boa horta tidas, justamente, como oásis deliciosos em regiões tão monótonas e abrasadoras, não poucos se nos deparam também que só possuem reles hortejos, mal dando umas couves nas épocas pluviais.

A VIDA NOS MONTES

A vida nos montes decorre tranquilamente, alheia ao bulício das cidades e aos mexericos das aldeias. Os sucessos do dia e os casos de sensação ocorridos nos grandes centros só ecoam no campo por intermédio de qualquer gazeta lida por acaso nas horas vagas, ou pela narrativa fantasiosa dos transeuntes e chegadiços.

Com efeito ao isolamento do lugar alia-se a simplicidade dos hábitos contraídos em mil occupaões, que sugerem idéias e pressentimentos opostos, que por isso mesmo se confundem e equilibram, evitando alegrias ruidosas ou alucinações de desespero. O tempo passa quase desapercibido, tantas são as lidas que o tomam desde o raiar da aurora até pela noite adiante.

★ ★ ★

Logo de madrugada principia a azáfama. Os primeiros a levantarem-se são os criados de portas adentro, isto é, o cozinheiro e o amassador de há muito acordados pelo cantar dos galos.

Às duas e meia ou três da manhã no Outono e começo do Inverno e às



Nas «caianças»

quatro no restante do ano vêm-se já erguidos aqueles homens. O amassador para despachar os amassilhos—dois e três por dia, conforme as precisões. O cozinheiro para cuidar do lume, das asadas com água a aquecer, do ordenho das cabras, etc.

Entretanto os dois bocejam, trocando as impressões próprias da hora e do meio, bate-lhes à porta o abegão e preparar o almoço para a ganharia. Abrem-lha logo, entra e diz:—Deus os salve!» «Salve-o Deus!» respondem os que estavam, retribuindo a saudação.

Os três dirigem-se para a chaminé e aí ao lume matam o *bicho*, fazem o cigarro e falam do tempo. O seu palavriado, a ebulição da água e o crepitar das chamas do azinho que iluminam em cheio toda a casa, denunciam os primeiros rumores da labuta em começo.

É curta a parola. Satisfeito o vício ou o hábito, cada qual trata dos seus deveres. O cozinheiro prossegue nos já iniciados, o amassador põe o forno a arder, e o abegão, enquanto a água abre a fervura, põe a mesa colocando-lhe a toalha, os *marrocates* e as azeitonas.

Ao ferver a água em cachão, vaza-se a esaldar das asadas para os *barra-nhões* já temperados de azeite, sal e alho, preparando-se assim o caldo da assorda, que deste modo imediatamente conduz para a mesa. Depois sai à rua e, em tom forte e prolongado, grita:—«Ao almoço!...» A criadagem acode, entra, almoça e sai. Chega então a vez de se acentuar o movimento. Todos dão rumor de si tratando de marchar para as ocupações, por entre uma vozearia de ditos, entremiados de perguntas e respostas.

Os almocreves deitam fora as parelhas, engatam os carros e gira; a ganharia (moços de lavoura) também se põem a caminho do trabalho; os *malteses* esgueiram-se à formiga receando emprazamentos importunos, e por último os domésticos do monte a pouco e pouco aparecem também. Carros e ganhões saem ainda de noite durante a sementeira do Outono, e ao ser do dia no tempo do alqueive. Entretanto erguem-se os lavradores, chegam diferentes ganadeiros a receberem o almoço e algumas ordens, e assim, num vai-vem de saídas e entradas, a animação generaliza-se. Ao nascer do sol tudo está a postos, no mourejar do estilo.

Despachado dos afazeres do monte, o lavrador monta a cavalo e parte a dar volta aos arados, aos rebanhos e ao mais que tem espalhado pelos campos. Querendo, não lhe falta que ver e providenciar.

A sua assistência no monte é menos necessária. A esposa substitui-o aí com vantagem, tanto mais que, por direito tradicional, é ela que tem o mando nos labores caseiros inerentes ao grangeio agrícola.

Nestas circunstâncias a lavradora põe e dispõe o seu talante. Logo ao levantar merece-lhe particular interesse, a solta das galinhas, o serviço da casa, e o tratamento da *gadeza*, como quem diz dos *bicos* de criação e dos porcos do chiqueiro. Neste propósito e noutros que o decorrer do dia lhe sugere, farta-se de estimular o zelo de criados e criadas, entregando-se ela própria aos



serviços de maior urgência. Esgotada a pachorra, perde o bom humor e desata a ralhar com todos, ou por faltas que nota, ou por hábito contraído. Que as há que ralham por vício e por desfazio! Sem embargo, todas são protectoras da criadagem. E quanto mais ralhonas, mais bizarras e benfazejas, inclusive para esses a quem notam os defeitos e que lhes aturam as rabujices. Parecem-se imenso com aquella boa D. Vitória que Júlio Diniz retratou admiravelmente na *Morgadinha dos Canaviaes*. Cá pelo Alentejo há também donas Vitórias...

Pelo dia adiante prosseguem os labores da comida, dos avios, do fabrico e limpeza do queijo, da remendagem dos sacos, das varrições, dos «esfregados», no arame e cobre do trem da cozinha, e, sobretudo dos lavados e *caitados* nas casas. É da praxe estarem sempre brancas de neve com os pisos de tijolo muito limpos, tão limpos que se lhes possa «lamber mel». (Expressão corrente). E afora isso muitos outros trabalhos. Intervalos de descanso, só às horas do almoço e do jantar, que demoram mais ou menos tempo conforme os afazeres. Isto pelo que respeita aos criados caseiros. Os de fora regulam-se por usanças invariáveis que noutra lugar exporei.

* * *

Entre as ocorrências características dos montes evidencia-se a afluência de transeuntes e visitantes de classes e procedências diversas.

Agora aparece o empoadado moleiro e os seus médios jumentos, com o do chocalho à frente, carregados de farinha para o consumo de casa. Logo é o astuto arrieiro, de vara na cinta e fio e agulha enrolado na aba do chapéu a oferecer a venda do *carreguio* trazido em machos e burros, ou o inverso, com a récua descarregada, a propor compra de cereais para ir vender.

O arrieiro — diga-se de passagem — é um bacharel de argúcias e subtilezas, timbrando em iludir os incautos. Não pretende ganhar muito, assevera ele. Bastam-lhe as *crescenças*. Explicando: se comprar, irá logo batisar o grão, encharcando-o nos ribeiros. De trinta alqueires obterá quarenta... Uma fraude como tantas que por aí se praticam à sombra de impunidade relaxista, senão toleradas por usos velhos.

Possuido de velhacaria semelhante, também o moleiro procura trapacear a medição da farinha que entrega, peneirando-a com as mãos ao encher a rasoira. Mas tanto almocreves como moleiros estão a perder terreno nestas endrónimas que, por velhas e conhecidas, pouco ou nada se consentem já. Adiante.

Como os arrieiros, chegam igualmente muitas outras entidades: o paneiro, o futriqueiro, o amola-tesouras, o da loiça, o caldeireiro, o gateiro e vários quejandos, galegos alguns a oferecerem os seus serviços e a proporem negócio. E simultaneamente, a maioria, pede e obtém comida para eles e para as bestas.

A par desta gente concorrem igualmente os «velhos com santos», espécie de

ermitões andadores, a quem os párocos entregam nichos de lata com uma imagem pequena, para esmolarem pelos montes e aldeias, oferecendo-a a beijar aos devotos. O produto das esmolas divide-se pelo ermitão e pelas despesas do culto, diz-se.

Tanto as imagens como as caixas que as encerram primam pelo grosseiro do fabrico, salientando-se principalmente a porcaria que as enfarrusca. Pela sua rusticidade tornam-se alvo de montejos e graçolas pouco edificantes. Há quem lhes chame *latas de furões* que entram nas habitações, para, a troco de beijocas abeatadas, caçarem boas esmolas...

Verdade, verdade a tal caixa e o santinho nas mãos de mendigo sujo, às vezes piolhoso ratoneiro, representa uma vergonha para o decoro da religião.

Os promotores de festas nas localidades vizinhas também assediam os montes duas vezes por ano com os peditórios do estilo: o de carne pelo entrudo e o do pão no tempo das eiras. A esmola dá-se e afere-se do seu valor não pela fama do santo invocado, mas conforme a importância e representação dos que a pedem. Os festeiros humildes recebem uma insignificância; os de maior categoria, lavradores abastados quase sempre, apanham dádivas generosas.

Mas entretanto ouvem e dizem muita piada a propósito, rindo e troçando o caso. Em geral o peditório é efectuado por rapazes novos, solteiros, que tomam isso como uma pândega. Vão à *esfola*, diz-se por gracejo.

.....

Aí pela crecença do dia, nas sextas-feiras sobretudo, visitam os montes as «velhas comadres» e «afilhadas» que se entregam à pedincha no campo uma vez por semana, pelo menos. Umas são viúvas, realmente pobríssimas; outras casadas e em condições que a sua mendicidade pouco se justifica. A maioria ufana-se de padrinagem e compadrio com os lavradores a quem tratam por senhores padrinhos, senhoras madrinhas, senhores compadres e senhoras comadres. Nem sempre são legítimos estes tratamentos, antes com frequência derivam de afinidades muito forçadas.

Mas como quer que seja, lá aparecem a pedir. Vão à *falca*, comenta o povo, que também chama *escorcha* a este género de mendicidade. A falca consiste em a metade de um *marrocate* (pão de centeio). Ora o termo aquele carece de fundamento. A esmola a que se alude consiste não em uma fatia mas num pão inteiro pelo menos.

E sendo donativo maior, como acontece em muitos casos — farinha, carne, legumes e azeite — chamam-lhe *alforjada* ou *saquilada*, por ser recolhido em saco ou alforje.

As saquiladas só as apanham as comadres e afilhadas de direito, ou as bem cabidas na casa. As «de levar e trazer», como por inveja comentam os menos contemplados.

No entrudo, a tradicional esmola de carne dá-se indistintamente em vários montes às pobres que a vão pedir, variando de valor e quantidade conforme a

pobreza e afeição das pedintes. Pelo que estas procuram catequisar as lavradoras por todos os meios imagináveis. Mal chegam à porta oferecem-se para varrer e lavar, adicionando aos oferecimentos de serviços, vários presentes de ninharias reles como trapos para esfregões, molhos de ervas para misturas, etc.

Os serviços recusam-se as mais das vezes; os presentes aceitam-se por complacência, remunerando-se à larga por meio de comestíveis.

Da parte das mulherzinhas beneficiadas retumbam os agradecimentos e as bajulações às lavradoras, já gabando-lhes as qualidades, já narrando-lhes com exagero e a seu sabor as ocorrências das aldeias de onde são e as dos montes por onde passam. Espécie de gazetas falantes pródigas em bisbilhotice. Mas coitadas procedem assim por necessidades de estômago. E que necessidades, em algumas, Santo Deus!...

Ao cair da tarde outra ordem de indivíduos aborda os montes, ora em grupos de três e quatro, ora isolados, a um e um, todos com manifesto desembaraço.

Novos e ágeis pela maior parte, não inspiram simpatia a quem os vê, antes causam asco e repulsão, pelos seus tipos hediondos, sujos e esfarrapados.

Estes párias desprezíveis, são os chamados *malteses*.

— «Esmola e agasalho a um pobre, senhora lavradora» — dizem em tom altaneiro os mais atrevidos, arrimando à porta de cacete na mão e manta às costas.

— «Vá para o forno... logo ceará» — respondem-lhe de dentro com singular friesa. E o farroupilha lá segue para o forno, resmungando insolências. E assim acontece com outro e outros nas mesmas condições até noite cerrada.

Os rafeiros, ladrando de contínuo e arremetendo com fúria, protestam a seu modo contra tais visitantes. Mas os chegadiços repelem-lhes os ataques afagando-os, ou ameaçando-os com pauladas, conforme as circunstâncias. E desta maneira chegam incólumes ao forno, indo engrossar a matilha que já ali se acoita. Mais adiante farei uma resenha desenvolvida sobre esta súcia de vadios:

* * *

À volta do sol posto, mulheres e homens, amos e criados domésticos, todos em fraternal convívio, sem preocupação de classes, reúnem-se cá fora no terreiro do monte em misteres secundários, se o tempo o permite. Ali, ao ar livre, escolhem-se legumes, debulham-se batatas, migam-se couves e outras hortaliças, escarpeia-se lã, etc. E de mistura, sustentam-se palestras alegres, familiaríssimas, animadas por umas resteazinhas de sol ameno que a pouco e pouco vai desaparecendo até se mergulhar de todo.

Com o ocaso do sol esvai-se a animação dos assistentes, que passam a concentrar-se num remanso de mutismo e quietude mística, sugestionada sem dúvida pelos tons da natureza, infundindo melancolias.

Ao longe soam os chocalhos dos rebanhos, o coaxar das rãs, e o *matraquear* das cegonhas. E como se tudo isto não fosse suficiente para transportar as almas dos simples ao maravilhoso e indefinido, do alvejante campanário da ermida próxima, tangem de espaço as trindades da noite, anunciando o descanso, inci-

tando à oração. Imediatamente os circunstantes largam o trabalho, descobrem-se, e exclamam em recolhimento: — «Ave Maria!...» E todos rezam baixinho, numa religiosidade contrita que se impõe aos cépticos e consola os crentes. ⁽¹⁾

* * *

Entretanto anoitece.

À pequena distância distinguem-se as parelhas de muares, que tilintando-lhes as esquilas e guisos recolhem ao monte, umas de canga com o carreiro a cavalo, outras engatadas.

À medida que se aproximam aumenta o som dos *aljorges* até os carros rodarem pela calçada do terreiro e estacarem para a solta.

O barulho do desengate e recolhimento das bestas com a vozearia dos que chegam a pé ocasiona certo bulício momentâneo. Instantes depois, ceia a criação, medem-se as rações e arraçoam-se as bestas. E em seguida cada um entretem-se como pode «com os da sua *igualha*». Entretengas predilectas, o jogo da bisca *lambida*, contos, adivinhações, etc.

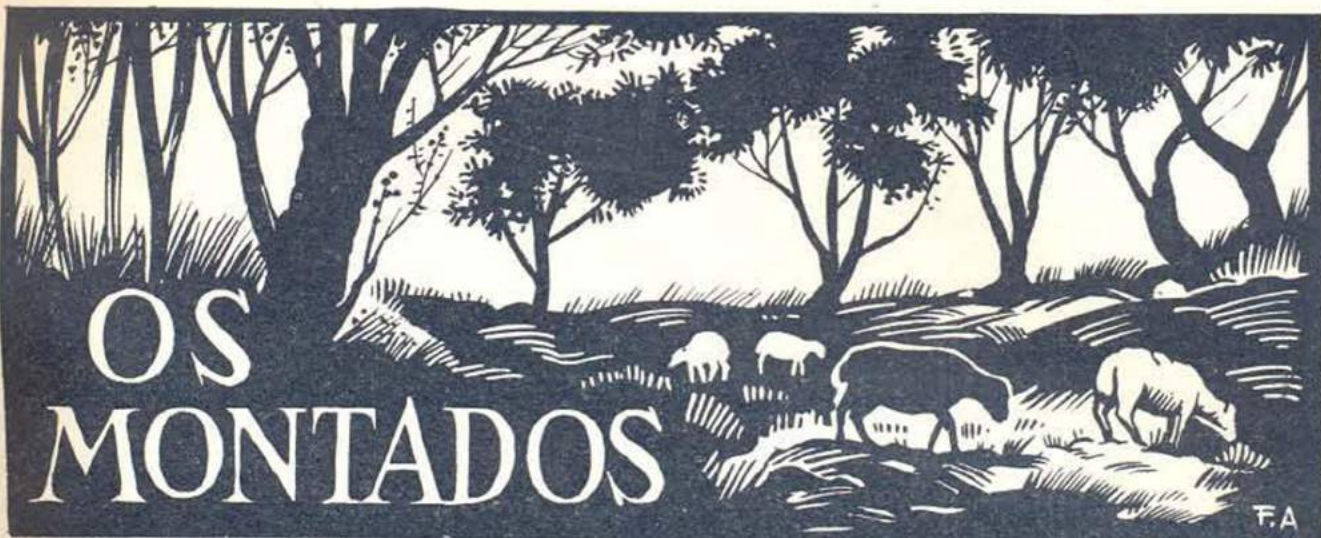
Por volta das nove horas reina o sossego. À esse tempo vai o serão decorrido após demoradas combinações entre lavrador e governos sobre os serviços a efectuar. Mais dois dedos de cavaco com a cigarrada da praxe que o amo lhes oferece e eis tudo concluído. Depois trocam-se as «boas noites» e cada qual recolhe à cama para se entregar a Morfeu num repouso reparador.

Se o monte fica próximo da vila ou aldeia, os moços solteiros, mal ceam, giram a caminho do povoado a conversarem com os namoros, ou a passearem pelas ruas, cantando em magotes. E por lá andam o melhor da noite, até regressarem à obrigação.

(1) Era assim antes, haverá vinte anos. Agora já não é bem assim. No geral, em vez de orações, trata-se de coisas mundanas.







III

MUITAS herdades do Alentejo, a maioria talvez, são povoadas, no todo ou em parte, de importantes arvoredos de azinho e sobro de diferentes idades, valor e extensão, a que se dá o nome de *montados*.⁽¹⁾

Este é o termo próprio, clássico por assim dizer, mas não o corrente em linguagem popular, pelo menos no distrito de Portalegre, onde frequentemente o substituem por outro — o de *matos* — sobretudo se se trata apenas do arvoredado e não dos seus respectivos produtos ou aplicações. O que não impede que na mesma região, seguindo o uso geral, igualmente se denominem *matos* os mata-gais de esteva, e outros arbustos silvestres, que abundam em maior ou menor quantidade nos terrenos bravios, incultos, ou de cultura quinquenal, com ou sem arvoredado.

Por conseguinte, no campo e por via de regra, o termo de — *montado* — emprega-se num sentido quase restrito à novidade da bolota, ou para melhor, nas frases alusivas à engorda dos porcos com aquele fruto. Exemplificarei:

Quando se passa por um *montado* e se lhe aprecia a novidade pendente, diz-se: «este *montado* está bom (ou mau, conforme o caso)».

Todavia se se atravessa a mesma ou outra zona, e se se trata do arvoredado exclusivamente, já se empregam outros termos. Exemplo: «*Mato velho*, sim senhor, mas sadio». «*Mato* assim está para viver».

* * *

As árvores de azinho e sobro representam duas espécies distintas com muitos

(1) Em herdades estranhas no concelho de Elvas, também existem carvalhos; por darem bolota igualmente se incluem nos *montados*. Mas a sua quantidade é bastante diminuta em relação ao azinho e sobro.

Ainda em menor escala encontra-se em um ou outro *montado* umas árvores raras que o vulgo chama *seriqueiros*. São como que a transição do azinho para o sobro. A casca da lenha e a bolota, assemelham-se às da azinheira, mas a folha parece-se com a do sobreiro. Dão pouca bolota.

pontos de contacto. Ambas são de folha permanente, áspera, de puas agudas (menos no sobro) de côr verde escuro (muito carregado no azinho), de tronco e pernadas robustíssimas, que chegam a atingir proporções gigantescas, magestosas. O azinho predomina no sobro, pelo menos no distrito de Portalegre, onde os montados exclusivos de azinheiras são em quantidade muito superior.

Enquanto novas, ou melhor dizendo, até adquirirem mais de metade do seu desenvolvimento, as árvores das duas espécies têm o nome comum de *chapparros*. Em adultas chamam-se-lhe *azinheiras*, às de azinho, e *sobreiros* ou *sobreiras*, às de sobro. Em caducas, os sobreiros conhecem-se por *alcornoques* e as azinheiras por vários qualificativos. Exemplos: *azinheira touqueirosa* (a de tronco ôco); *enraivada* (a de esgalhos ou pernadas secas ou musgosas); *remelgosas* ou *molgueiras* (as muito decrépitas, de pouca rama e lenha); *cabreiras* (as de tronco baixo, curvo, por onde as cabras trepam, roendo-as, etc.) Os chapparros de azinho bastante desenvolvidos, que tomam a *roda* ou *copa* de azinheira, designam-se também por *chapparras*.

Uma terra povoada de chapparros ressalvados, chama-se-lhe *chapparral*; e a de azinheiras *azinhal*, nome que em boa verdade pouco se emprega, preferindo-se o de «mato», aliás impróprio e nada específico. Mas há que aceitar as costumeiras. Em todo caso, quando as árvores se mostram copadas, grandes e sãdrias, chama-se-lhes *mato real*. Se estão velhas ou raquíticas, *galego* ou *ratinho*.

Dá-se o nome de *frade* ao coto restante das pernadas tronchadas ou partidas pelo vento, assim como o de *faro* aos detritos do folhede e outros fragmentos vegetais que se depositam e acumulam no interior dos mesmos tocos. Esses resíduos, de combustão facilíma, apressam a destruição do arvoredo velho por ocasião de incêndios.

Criação Tudo faz supor que os montados antigos se criaram quase espontaneamente, concorrendo pouco a acção do homem para o seu desenvolvimento.

Pelo que se observa ainda hoje em terrenos incultos, cheios de carrascos e chapparros, depreende-se que as azinheiras e sobreiros que aí vemos aos milhares, distanciados ou próximos, em pequenos e grandes agrupamentos, sem a mínima regularidade, antes em disposição caprichosíssima e variada — provêm de antigos carrascais, que dantes ocupavam as terras bravias, Deus sabe desde quando.

A hipótese dos montados serem o produto de bolotas semeadas, ou deixadas pelas aves, afigura-se-me inverosímil sob o ponto de vista geral. Quando muito, pode isso admitir-se para casos isolados de somenos importância.

Os carrascais ocupavam áreas enormes, incultas, de mistura com outros matos silvestres, exactamente como ainda hoje existem em zonas reduzidas. E entre uma vegetação tão espessa, natural era que à mais vigorosa — a do carrasco — fosse triunfando das outras e criando grandes moitas, quase inacessíveis aos gados. Disposição que dava ensejo a que os rebentões maiores e mais defen-



Suínos no montado — À matança

didados, fossem crescendo a pouco e pouco, ao embate de mil contingências e destroços, até se destacarem tanto, que despertavam a atenção do lavrador. Fraca atenção, que se restringia a limpá-los antes ou depois das queimadas, que de 8 em 8 ou de 10 em 10 anos costumavam fazer nas terras sujas, afim de as semear e lavrarem «à face». Mas as roças representam um vandalismo inaudito.

Chaparraes imensos havia, e até sobreirais e azinhais, entre manchas enormes de extraordinária altura, que se roçavam imprudentemente, não se resguardando o arvoredado com aceiros e arruadas espaçosas, que os defendessem, ou sequer poupassem, dos estragos do fogo. O lume largava-se «à valentona», e tudo aquilo se transformava em chamas gigantescas, sob o sol ardente de agosto, por entre nuvens de fumo negro, que se avistava a dezenas de léguas. Era medonho! Os pobres dos chaparraes, uns morriam logo, outros ficavam meios queimados, e os mais resistentes, lá conseguíam escapar, mas com a rama afogueada, em aspecto desolador.

Mas ninguém estranhava. Era *estilo*. E por ser costume, pouco importava que ardessem. Por muitas que se queimassem algumas escapariam. E se todas se perdessem, lá ficava a cepa vigorosa, que outros criaria tão bons ou melhores. E a cepa criava-os efectivamente, embora com atrazo. Porque fosse como fosse, e a despeito de todas as selvajarias, os montados vetustos existem em larguíssima escala por toda a província, atestando o triunfo da natureza sobre o vandalismo dos homens. Triunfo relativo, porque, certamente, se não houvesse devastações, maiores e melhores arvoredos existiriam.

Com os montados modernos, pouco se praticam os sistemas bárbaros, primitivos, ainda muito em voga há cerca de 25 anos. Mas a sua origem é a mesma que a dos antigos. À parte excepções insignificantes, ⁽¹⁾ são filhos do carrasco e desenvolvem-se onde por acaso nasceram. Com a diferença que se tratam melhor que antes, beneficiando-se com arroteamentos e limpezas que os preservam de estragos sensíveis.

TRATAMENTO

Consiste nos seguintes serviços: lavoura; limpeza das terras; limpeza das árvores, e nos *desbastes*.

Lavoura Se não fora o inconveniente de estragar pastagens e ocasionar despesas de vulto, conviria praticar-se anualmente nos montados, pois quanto mais a miúdo se lavram, mais se desenvolvem e melhor fruto dão.

Como porém há que atender também a razões económicas, lavram-se apenas de 3 em 3, de 4 em 4, ou de 5 em 5 anos, conforme o maior ou menor afo-

(1) Estas excepções consistem nas plantações e sementeiras de sobreiros que se têm realizado em alguns pontos, como por exemplo na tapada real de Vila Viçosa e em uma ou duas herdades do concelho de Elvas. Nada, comparativamente, com a chamada criação espontânea.

lhamento em que a herdade se divide. A lavoura repete-se uma e duas vezes contando-se os «ferros» do alqueive e o da sementeira de cereais.

Nas roças, limita-se ao «ferro» da sementeira. E há montados de terrenos tão ordinários que se lavram sòmente para seu exclusivo benefício.

Limpeza das terras Executam-se desde o princípio de janeiro a fins de maio, precedendo a lavoura de alqueive, ou depois, de agosto ao S. Miguel. Consiste na destruição total ou parcial do mato pròpriamente dito. Faz-se por três sistemas: um radical — o *arranque* ou *arroteamento* —; dois superficiais — a *desmoita* e a *roça*.

Arroteamento Significa a extracção de todo o raizame de arbustos daninhos. Espécie de surriba por meio do alvião em que a terra se desbrava e se deixa povoada de carrasqueiras, que pelo seu vigor possam criar os chaparros necessários à constituição do montado, ao seu aumento, renovação e substituição.

Deste trabalho, moroso, feito a braço de homem possante e experiente, pago ao salário de 360 a 400 e tantos reis, secos, colhe-se muita cepa, que se aproveita para carvão. O restante raizame, bem como o folhede e chamiços, juntam-se em *caminheiras* distanciadas das árvores, e aí se queimam a descoberto ou prèviamente tapadas com terra, tomando neste caso a denominação de *moreias*. Assim, a queima torna-se inofensiva e mais útil por que se impede em absoluto o desenvolvimento e estrago resultante das chamas, com a vantagem de se obter muito sisco e cinza, que depois se espalha pela terra como adubo proveitoso. Enfim, o arvoredado beneficiado com arroteamentos, radícula-se e cresce à vontade, a ponto de nos cortes subsequentes se poderem reduzir as moitas ressalvadas, deixando-lhes apenas as vergõntes escolhidas para vingarem, isto é, os chaparrinhos. Os quais, ressalvados de vez, vão adquirindo as formas consentâneas às limpezas que recebem.

Por outro lado as árvores grandes e pequenas, livres de toda a imundície, crescem a palmos, rejuvenescem, e a cortiça e bolota melhoram de volume e qualidade.

Tudo lucra, incluindo a terra, que assim agricultada aproveita-se também na cultura dos cereais. Não obstante — convém acentuar — os arroteamentos absorvem capitais avultados, que não possuem muitos dos pequenos lavradores. E de entre os que dispõem de dinheiro, há os que receam empregá-lo em tais empreendimentos, por não terem a certeza da estabilidade, sendo como são simples rendeiros, por períodos de dois e três anos.

As vantagens manifestam-se, é certo; mas só remuneram cabalmente passados muitos anos, e persistindo-se no propósito. E, entretanto se não alcança o fim almejado, o rendeiro pode ser despedido para dar lugar ao vizinho invejoso e vil que lhe foi subir a renda para lhe escamotear as benfeitorias. Sobejam os exemplos.

Por conseguinte, da incerteza deriva em parte a relutância dos lavradores tímidos e desconfiados para empresas duvidosas, ao passo que os resolutos as empreendem, arriscando-se às contingências.

Aqui ressalta claramente a vantagem dos arrendamentos das herdades a longo prazo, pelo menos por períodos não inferiores a 10 anos. Lucravam todos: o senhorio e o rendeiro.

Pode-se objectar que às vezes se oferecem seareiros para, à sua custa, arrotearem e limparem terras, mediante a concessão de as disfrutarem com searas por dois e três anos consecutivos, e que portanto se deviam aceitar essas propostas vantajosas, como processo de limpeza radical, fácil e económico.

Admitida a objecção, respondo:

O oferecimento desse concurso aceitam-no do melhor grado os lavradores inteligentes que se lhes proporciona com êxito, e por semelhante meio vai-se desbravando muita terra e melhorando muitos montados. Mas também existem outros sujos, em terrenos de pobreza tal, que nenhum seareiro os pede ou aceita. E para tomarem os melhores, é preciso dá-los por 2 e 3 anos, como já disse. Ora os arrendamentos curtos embaraçam ou impedem esses contratos que para terem plena execução e serem proveitosos ao lavrador rendeiro, carecem em muitos casos de prazo maior que o do arrendamento. Isto fora outros inconvenientes, como por exemplo a herdade ser invadida por estranhos pouco conscienciosos que entendem estar em país conquistado.

Por tais contras, alguns arrendatários preferem manter a rotina a dispensarem concessões a terceiro, com que eles rendeiros nada lucram, caso saiam da herdade.

.....

Desmoita Corte superficial, de ligeiro descabeçamento no piorno, giesta, trovisco, etc. À medida que o mato se vai cortando junta-se com forcados, aos montes ou *camínheiras*, nos intervalos das árvores onde se queima, com as cautelas necessárias. A desmoita costuma ser feita por trabalhadores justos a *jornal*, ou de empreitada.

Nesta hipótese avalia-se o trabalho pelo número de dias que pode entreter um homem. Supondo que demorará vinte dias diz-se: «há aqui vinte *homens* de desmoita». Cada jornal ou «homem» ajusta-se a 120 ou 150 reis com as respectivas *comedorias*.

Roça Processo primitivo, que tende a desaparecer, mas antes muito usado para destruir temporariamente as manchas de esteva e outros arbustos que infestam as terras incultas por mais de cinco anos.

Por este uso, o matagal é tombado à roçadoira — *roçado* — ficando no chão conforme cai — estendido a esmo, a secar em esteira farta e interrupta até a época em que se permitem as queimadas, de 15 de agosto em diante. Então larga-se-lhe fogo e tudo arde em poucas horas.

Antigamente, repito, pouco ou nada se defendia o arvoredado, das queimas. Hoje já se adoptam precauções de aceiros, insuficientes em todo o caso.

Por que a despeito de cuidados preventivos, as roças deixam sempre vestígios destruidores, próprios de uma velharia estúpida e vandálica, verdadeiro flagelo dos montados. Dos que a sofrem, quase se pode dizer como daqueles enfermos que melhoram da moléstia mas que morrem da cura.

Na melhor das previsões não passam de limpezas temporárias imperfeitíssimas. A terra continua com o raizame do matagal ardido, que renova na primavera seguinte com maior pujança numa rápida vegetação e que em breve avassala os chaparros. O contrário da arroteada que extingue de vez o mato de cepa e reduz muitíssimo a renovação do saragaço e esteva. Esta acaba de todo, se se persiste no seu aniquilamento. Basta arrancá-la à mão em *pelas* sucessivas, anuais, durante três anos. Serviço barato que se executa com mulheres nas épocas invernosas de salários baixos.

Resumindo: os montados que se beneficiam com limpezas radicais e persistentes mostram aspecto viçoso, luxuriante, que contrasta com o raquitismo avariado dos que estrebucham ao abandono, enegrecidos e dizimados pelo fogo das queimadas.

.....
 Das limpezas das terras, passarei à das árvores, designada pelo nome de *cortes*. Uma é o complemento da outra. Em geral a de cima (a das árvores) precede a de baixo (a da terra). Mas também se efectua as duas simultaneamente.

Os «cortes» Renovam-se de 5 em 5 anos, de 6 em 6, ou de 7 em 7, começando em dezembro e concluindo-se em março ou abril.

Arvoredado por limpar mais de um sexénio, notoriamente se prejudica. As árvores definham-se, enchem-se de musgo, *enraivecem-se* e sobretudo *escasseiam-lhes a bolota*, que chega a faltar de todo.

Torna-se por conseguinte indispensável a limpeza quadrienal ou quinquienal, a *malho* (machado) que, aplicada com prudência e critério, é tão útil como a do arado e enxadão.

Há vários sistemas de cortar, cada qual útil e apropriado às diversas circunstâncias em que se encontra o «mato» e até a cada árvore em especial. O que é excelente num dado caso, pode ser nocivo noutra de condições opostas.

Nas azinheiras altas, sãdías e vigorosas, a experiência aconselha que se abram apenas, deixando-lhe as pernadas reais e outras que não sobrecarreguem em excesso, todas providas de suficientes *polas* ou ramos. Copadas e *enrameadas*, aptas a produzirem bolota no ano seguinte.

Se são novas mas baixas por não terem sido *guiadas* em chaparros, despontam-se um pouco, logo adiante dos vergontões — *verigalhões* — que tendem a elevar-se, para readquirirem a precisa altura e a copa que perderam.

Nas que mostram decadência, com ramos secos e arejados, *recuam-se* ou *troncham-se* sem dó, como processo único de se lhe atalhar a decrepitude. Da

mesma forma que ao enfermo que tem uma perna gangrenada, o cirurgião lha amputa como remédio heróico para lhe salvar a existência, assim a árvore decrépita necessita que lhe inutilizem as pernas doentes para ficar só «no são» e rejuvenescer, embora não mais alcance a primitiva corpulência. Mas antes pequena e viçosa do que grande e doente, condenada a morrer breve. Que só nestes casos extremos se impõe a *troncharia*. Noutros é um crime despojar as árvores, no todo ou em parte, das pernas sãs com que muito bem podem e que tantos anos demoram a criar.

Nas azinheiras velhas, ocas e nudosas, de há muito *recuadas*, a limpeza restringe-se ao indispensável.

Os sobreiros deixam-se com as pernas mais nuas e *guiadas*, quero dizer, menos compostas de ramos, que as outras do azinho.

Os velhos *alcornoques*, prestes a extinguirem raras vezes permitem limpeza vistosa; assim acontece com a azinheira de análoga vetustez.

* * *

Os homens empregados nos *cortes* designam-se por *corta-ramas*.

Uns saem da *ganharía*, outros ajustam-se expressamente a razão de cinco a seis mil reis por mês, comida e umas duas carradas de lenha. O manageiro ganha um pouco mais.

O corta-rama antes de subir para a árvore que se propõe limpar, encosta-lhe ao tronco o *burro* (esteio chanfrado a servir de escada) e por ele trepa a galgar o ponto desejado. Sempre de pé, e munido do machado, procede à limpeza saltando de umas para outras pernas, como pode e sabe. Em que disposições difíceis, incómodas e perigosas ele tem de se aguentar muitas vezes para se sair do trabalho com desembaraço proveitoso!

Do alto da azinheira, no quase extremo de uma das hastes, sem outro apoio, além dos próprios pés, mal se concebe como esse homem se equilibre e possa vibrar o machado sobre a lenha num vai-vem sonoro e cadenciado.

Mas vibra e com fouteza. Os golpes sucedem-se certos e rijos, tanto que o madeiro, fendido em volta, num instante estala, esgarra e cai, vencido de todo pelo ousado trabalhador. Destemida criatura que nem sequer pensa no perigo. Um ligeiro descuido ou imprevista casualidade, e ei-lo da árvore abaixo, aos trambulhões. A quantos têm sucedido desses precalços que alguns pagam com a invalidez ou a morte. Coitados, fazem parte do martirologio do trabalho rude e obscuro, ignorados das multidões sem os elogios das gazetas.....

* * *

A boa conservação e aumento dos montados merece especial protecção das municipalidades alentejanas. Nos códigos de posturas de todas ou quase todas, cominam-se multas aos que derribarem árvores, chaparros e pernas reais, sem motivo justo. Nas escrituras de arrendamento também os senhorios se acautelam dos rendeiros por abusos semelhantes.

Os senhorios mandam examinar os cortes por pessoas de sua confiança. Os munícipes incubem igualmente de semelhante serviço os rendeiros ou zeladores. Quando uns e outros encontram transgressões, entendem-se com o lavrador, resolvendo-se a questão amigavelmente, por indemnizações pecuniárias ao senhorio. Mas se a conciliação se torna impossível recorre-se aos meios judiciais, com a vistoria de peritos ajuramentados. Recurso extremo pouco usado por receio de chicanas e incómodos. O alentejano tem horror às demandas. Prefere pagar às boas, a meter-se com a justiça.

Como curiosidade oportuna, eis algumas frases correntes na apreciação dos cortes, ao serem vistos por entendedores.

Dos que se limparam com demasiada cautela: «Foi muito poupado... cortaram a medo... podiam chegar-lhe mais...», etc.

Dos bastante castigados: «Que grande troncharia!... que esnoca!... por pouco que as não deixam pelas trepas!... Foi a matar!... sem dó!

Dos recuados por necessidade absoluta: «Chegaram-lhe de firme, mas precisavam disto... Estavam que metiam medo... velhas... musguintas... arejadas... Verão como agora reverdecem... Para o ano estão como repolhos... Com boleta à esgarra... Mato assim quer malho.»

Dos cortes bonitos, apurados, em arvoredos viçosos: «Sim, senhor, não há que dizer... fartas de rama... golpe a preceito... bem rodadas... todas compostas... Quem por aqui andou sabia da poda...»

Desbastes Justificam-se e impõem-se sempre que as árvores existam em demasia, a tocarem-se umas nas outras. O arvoredo intenso, sombrio e excessivo, definha, envelhece e quase se esteriliza produzindo menos e pior bolota do que produziria regularmente distanciado, em condições de se desenvolver e bracejar à vontade. Acresce ainda, que o «mato» basto em excesso, sombreia a terra, inutilizando-a para searas e pastagens.

Há pois vantagens incontestáveis nos desbastes quando as circunstâncias os reclamam e se realizam sob um plano metódico e racional. Isto é, arrancando-se o arvoredo caduco, para dar espaço ao novo, e do novo dizimar o supérfluo e pior para vingar o melhor, sacrificando-se a azinheira ao sobreiro, cuja superioridade produtiva ninguém contesta.

As distâncias de umas para outras árvores regulam de 6 a 10 metros, se assim o permite a disposição do arvoredo. Desbastam-se, cortando o tronco da árvore uns 60 centímetros acima da base, ou derrubando-a pela raiz, depois de paciente escavação em volta do pé.

Os cotos dos pés cortados chamam-se-lhes *pitões*.

PRODUTOS

Consistem na *bolota*, *lenha* e *rama*, pelo que respeita ao azinho. O sobro dá a mais a *cortiça* e a *casca* ou entrecasco.

Bolota Fruto seco, oleoso, de côr escura e forma oblonga. A de azinho avanta-se à de sobro em sabor e qualidades nutritivas. Constitui a principal receita da azinheira e a segunda do sobreiro. Tem alta importância para a economia rural da província. Além de ser um bom alimento para gados de todas as espécies que, como tal, o procuram com avidez em cima e por baixo do arvoredado — applica-se principalmente, com notória vantagem, na criação, sustento e rápida engorda de muitos milhares de suínos. Para estes é sem dúvida o melhor dos alimentos. Com razão se diz que *a Natureza criou a bolota para os porcos, e que os porcos nascem para a bolota.*

Considerada sob o ponto de vista geral, a sua colheita, é, em regra, diminuta, comparada com a das outras árvores.

No sobro predominam as produções periódicas: nuns anos novidade cheia; noutros nada.

Com o azinho observa-se menos esse fenómeno. Em regra, e em maior ou menor escala, num mesmo «mato» há em abundância árvores *ventureiras* e estéreis por entre algumas *castiças*. Destacando sempre as de produção escassa insignificante.

Com efeito, se repararmos bem na enorme quantidade de azinheiras de um montado grande, e depois soubermos da sua produção, mesmo nos anos abundantes, reconhece-se logo quanto é fraca. Só dois alqueires que desse cada árvore, os montados produziriam três ou quatro vezes mais da média habitual. Mas assim como são, se por acaso uma azinheira grande, excepcional e castiça, produz 30 ou 40 decalitros, centenas existem que nem meio dão, e muitas nada mesmo em anos consecutivos. A que dá dez alqueires de bolota já se considera muito boa. E pois difícil calcular a produção média de cada árvore mesmo por que o seu número total em cada montado, ignora-se ordinariamente.

* * *

O azinho produz uma só camada de bolota, variando muito em tamanho e qualidade, conforme as castas, a natureza da terreno e os cuidados de culturas. A bolota criada nas terras bravias é amarga e miuda, sobretudo no arvoredado basto, assim como é grossa e de melhor sabor nas terras cultivadas, de «mato» ralo. A bolota miuda chama-se *pombeira* por ser a preferida dos pombos bravos, pela facilidade com que a ingerem.

Em igualdade de circunstâncias, quanto a terrenos e tratamentos, os arvoredos velhos produzem fruto superior aos novos.

A bolota de sobremesa, apreciada por muita gente, escasseia bastante. Só por entre dezenas e dezenas de azinheiras se encontra uma ou outra de frutos saborosos e por acaso alguma doce, no rigoroso sentido da palavra. Estas são estimadíssimas, tendo nomes próprios, como *amendoinhas*, *a dos malteses*, *a do pé caiado*, etc.

As lebres denunciam a bolota doce. Onde a haja roida por elas é com certeza de superior qualidade.

* * *

A azinheira principia a florir ao despontar da primavera, pouco depois dos marmeleiros. Pela novidade dos marmelos formulam-se juizos sobre a produção dos montados. No conceito popular a floração dos marmelos aparece sempre em abundância ou escassez igual à que se verifica semanas depois nas azinheiras e sobreiros.

Como quer que seja, no fim de maio ou começo de junho, reparando-se bem, já se divisa a bolota como cabeças de alfinetes. A que traz o pé curto considera-se viável — *vivedoura* — sã e resistente; se mostra pé comprido, reputa-se inferior de péssimo augúrio, propensa a estragar-se por contingências atmosféricas, como chuvas no verão, seguidas de calores intensos, etc. *Mela* e perde-se bastante.

Em agosto a bolota de azinho é do tamanho de avelãs, meia envolvida no *cascabulho*, mantendo a côr verde, primitiva, que em setembro se modifica, amarelando um pouco, ao atingir maior desenvolvimento, para em outubro se completar, raiando de escuro — *pintona* —. Em novembro escurece por inteiro, com a côr semelhante à das castanhas.

Depois, em princípios de dezembro, abrilhanta-se e aloira, após a queda em perfeito estado de maturação. A caída é morosa, variando de árvore para árvore, em análogas condições, aparentes pelo menos. Ao passo que a de umas azinheiras cai logo que amadurece, a de outras conserva-se por dezembro fora e até janeiro, e ainda indefinidamente precisando varejar-se para se não avelar e recozer-se em cima.

Mas desde que nasce até amadurecer, quanta se inutiliza com o granizo das saraivadas — *pedrisco* — ou por efeito de doenças, principalmente no período final da criação, em que *singa* (cai) avariada.

As chuvadas de setembro e outubro açoitam o *smatos*, derrubando-lhes prematuramente muita bolota em *agrás* — meia verde. Mas nesta altura, já se não estraga em absoluto, porque a aproveita com apetite toda a espécie de gados. Nenhum a desdenha, embora com *peco* — (deteriorada). E ainda um madura, mas pendente das árvores, sofre imenso com as geadas grandes acompanhadas de vento do *suão*. *Escaneves* (como lhe chama o vulgo) que deixam a bolota como que ardida. *Recozida*, diz-se também. Mas só a pendente, repito. A já caída nada sofre, antes se conserva perfeitamente no chão não lhe chovendo muito. Quando se molha grela, sim, um pouco mas estraga-se menos do que estando arrecadada e amontoada em casa de pouca ventilação. *Aí arde e sua*, isto é, fermenta e apodrece se não se beneficia com voltas amiudadas.

* * *

O sobreiro produz três camadas de bolota: *bastão*, *lande* e *janeirinha*, que se distinguem pelo tamanho e época em que sazonom. O *bastão* é grosso,



A paisagem da cortiça

escasso, temporão, vindo em outubro e novembro. A *lande*, menos volumosa, constitui a melhor camada, por em regra abundar como nenhuma. Amadurece em dezembro. Resta a *janeirinha*, assim conhecida por vir em janeiro. É a menos importante por miuda e tardia. As três passam por fases e contingências iguais às do azinho, salvo nos estragos do burgo, que, pelo visto, não ataca o sobreiro, sensivelmente.

Cortiça Casca grossa, fendida e bastante leve que reveste o tronco e pernas do sobreiro. Em atingindo um certo desenvolvimento, perde na época própria, (maio a agosto) as propriedades de aderência, desagregando-se facilmente sem prejuizo da árvore. A qual, descortiçada uma vez, passa a dar cortiça melhor, demorando a criação de cada tiragem 8 ou 9 anos nos sobreiros novos e 10 ou 11 nos velhos. A primitiva chama-se-lhe *virgem*. É assás ordinária por grosseira, muito rugosa, servindo apenas para combustível, inferior e desagradável, e para cortiços de abelhas, na melhor das hipóteses. A das tiragens subsequentes à *virgem*, denomina-se *amadía*. É a cortiça por excelência, apreciadíssima para diversas aplicações, tendo por isso alto valor no mercado.

Entre a *amadía* e o corpo lenhoso da árvore, existe um segundo revestimento menos grosso que o primeiro, que vem a ser a casca propriamente dita, também conhecida por *entre-casco*.

* * *

Logo que o tronco do sobreiro alcança a grossura igual à da perna de um homem ou mais, usa-se descortiçá-lo da *virgem* no tempo próprio, preparando-o assim para a boa produção corticeira. No pé entende-se, e não nas pernas que continuam no estado primitivo, para só receberem aquele benefício anos depois, a pouco e pouco, à medida que se robustecem. O descortiçamento prematuro retarda e prejudica o desenvolvimento da árvore.

Do princípio de junho a fim de agosto procede-se à tiragem da cortiça por conta dos compradores, geralmente, com homens experientes assalariados a 400 ou 420 reis. Trabalho simples a que se procede com o auxílio do machado. Aproveitando quanto possível as fendas naturais, golpeiam perpendicularmente nos sítios a descortiçar e, à cautela, de modo a não ferirem o entre-casco. Em seguida com o cabo do machado e um pequeno impulso desagregam a cortiça que, dando bem, salta em canudos e pranchas de maior ou menor volume.

Após a tiragem, reune-se em grandes montões em carros ou à carga e fica aí a enxugar uns 15 dias, sendo depois *aferrida* (aparada) e enfardada em costais, que, pesados ou não, seguem para as fábricas e estações do caminho de ferro.

Por via de regra este produto pertence aos senhorios das herdades, e não aos rendeiros que só por acaso dele dispõem, se representa quantidade insignificante.

Costuma ser a *carga* a unidade aceite para os cálculos da produção, e também, às vezes, para o preço da venda. Cada carga regula por 8 a 10 arrobas,

variando o preço, segundo a qualidade, a procura e a cotação. A primeira circunstância varia muitíssimo, dependendo bastante da natureza do terreno que sustenta o sobreiro, seu estado, etc. Mas parece-me não se errar muito atribuindo-se o valor em média de 700 a 800 reis por arroba, justa na árvore sem mais despesas para o vendedor primitivo.

Também se usa, e talvez em maior escala, o sistema de venda «a olho», em globo, para sair de uma vez ou por diferentes tiragens, algumas em futuro distante — dez anos e mais.

As vendas adiantadas garantem-se por escritura pública e sinal avultado — um terço, metade ou coisa que garanta bem. Está claro que quanto maior fôr o adiantamento em dinheiro e o prazo para a tiragem, mais depreciada fica a mercadoria.

As grandes tiragens são compradas pelos grandes industriais e fabricantes, e as pequenas por uma aluvião de compradores algarvios, que de muitas parcelas adquiridas em várias herdades chegam a dispor de porções importantes.

Em abril e maio começam a aparecer os algarvios, chouteando em anafados machos, aos grupos de 2 e 3, de herdade em herdade, a farejarem o negócio e a comprarem quanto podem. Por vezes se guerreiam uns aos outros, sem escrúpulos ou considerações.

Há coisa de 15 anos toda essa gente fazia contratos esplêndidos, embarriando os vendedores, que, ao tempo, por inexperientes, desconheciam a importância do artigo. Tal houve então que, julgando vender por uma exorbitância, vinha depois a saber que transacionara por metade ou dois terços menos do valor real. Imagine-se o desapontamento.

Hoje em dia já se conhece melhor semelhante especulação. Ninguém ignora quanto a cortiça é procurada e paga por preços que pareceriam fantásticas aos nossos avós, se eles porventura sonhassem semelhante coisa. Porque antigamente quase se lhe não dava apreço. Era tão ínfimo o seu valor que muitos sobreiros velhos, seculares, permaneciam com o tronco e pernadas cobertas de cortiça virgem, cheia de musgo, atestando bem o abandono e desprezo a que os votavam.

Assim compreende-se que outrora se preferissem as herdades de azinho às de sobro, exactamente o inverso do que se passa na actualidade. Hoje o sobreiro é um símbolo de produção. Está para com os arvoredos como a ovelha para com os gados. Uma e outra, despem-se para vestir o dono...

Dos antigos sobreirais alguns têm sido derrubados para lhes extraírem e venderem o entre-casco, que também vale um dinheirão.

Mas para contrabalançar esses arranques — que nem sempre se justificam em absoluto, antes, algumas vezes, representam um expediente de apuros financeiros, para remover embaraços — surgem em quantidade bastante maior, sobreirais novos, extensísimos, luxuriantes, que aumentam e progridem dia a dia num crescendo espantoso.

Devo porém advertir que no concelho de Elvas não há esse aumento de

riqueza. Os sobreirais aqui, tanto velhos como novos, restringem-se a parcelas minúsculas, insignificantes, relativamente.

Ostentam-se, contudo, em grande escala nos vizinhos termos de Arronches e Monforte, e ainda em importância maior nos de Portalegre, Crato, Ponte de Sor e outros. É como riqueza de vizinhos, tão caracteristicamente alentejanas, não julgo descabidas estas ligeiras e incompletas referências.

Lenhas Resultam dos cortes, dos desbastes, das árvores secas e do raizame das arroteadas. Há diversas classes de lenhas, que se podem englobar em três: a grossa, como *madeiros, pitões, rachas, etc.*; a mediana, compreendendo, *achões, achas e raizes* ou *cepa* — e a miuda, representada por achas, pequenas, delgadas. Isto sem falar do *chamiço* ou *chapota* que fica da *traça*, à roçadoira, rebotalho de tudo.

Os madeiros e pitões são partidos a machado, serrotes e cunhas; as achas e achões, a machado, apenas, e a miuda à roçadoira ou podoa.

Como se sabe, as lenhas destinam-se a combustível, já no estado natural, mas «feita» (traçada) já reduzida a carvão para o gasto local e abastecimento dos mercados de Lisboa e outros.

O gasto da lavoura, compreendendo monte e dependências, consome parte importante, senão toda, como acontece nas herdades de montados pequenos. Só quem presença esse dispêndio pode fazer ideia da sua importância.

Noutros tempos em que havia muito mais lenha e bem menos compradores, os terraços dos montes eram ornamentados com medas gigantescas, pirâmidaes, de toros de todas as dimensões, artisticamente erguidas pelos criados de lavoura nas *vagaturas*. Por este meio armazenavam-se porções avultadíssimas, que assim permaneciam anos, até se derribarem por necessidade de consumo. E além das medas, amontoavam-se a esmo quantidades semelhantes para queimar nos primeiros tempos. Calcule-se, pois, a quanto montaria a totalidade.

Actualmente acumula-se muito menos lenha e economiza-se um pouco mais, mas ainda se gasta bastante nas lareiras dos montes e na que se dá aos criados, por costume, favor ou condição. E a esta temos de adicionar a que os mateiros furtam de fúgida.

As lenhas de azinho são as melhores que se conhecem. A sua combustão é duradoira, intensa e odorífera.

Nada mais atraente no Alentejo do que passar o serão de uma noite frigidíssima em volta da clássica *chaminé*, provida do bom lume de azinho. Conforto delicioso que deixa a perder de vista quantos fogões se inventem.

Já li algures *que a lareira une a família e que o fogão separa-a*. Deve ser assim... máximo se o lume fôr de azinho.

* * *

Antes de se despejar o corte, o carpinteiro, ou outro homem habilitado, vai *assinar* os paus que pela sua configuração especial servem para «madeira» — isto

é as peças apropriadas a empregar no fabrico de carros e outras alfaias agrícolas.

Por muito necessárias e irem escasseando, sempre se procuram com todo o afã e interesse. Eis a lista das principais:

Para carros: *massas, pinas, raios, miulos, câibas, eixos, limões, travessas, cangas* (meios e suadoiros), etc.

Para arados: *gargantas e pontas* (timão); *arados* (dentes) *rabanejos, aivecas, cangas direitas*, etc.

Para diversas alfaias — *grades, pegões, esteios, forcados, cangalhos*, etc. No capítulo — Alfaias agrícolas — encontrar-se-á a descrição correspondente a estes utensílios.

Por agora basta dizer que semelhante madeira segue em bruto para o monte afim de ser falquejada (desbastada). Se sobeja das precisões da «casa», a de excesso é vendida aos lavradores que a precisam. Mal chega para as encomendas.

As lenhas a mais do consumo da respectiva lavoura e correspondentes encargos, são vendidas ao industrial de carvão ou «feitas» por conta do próprio lavrador. O carvoeiro contrata por vários processos: ou compra por junto «à carga cerrada» tal qual a lenha caiu das árvores, ou por uns tantos reis fixos sobre cada saca ou arroba de carvão que se venha a produzir, ficando a seu cargo as despesas todas. As sacas variam de capacidade.

Se o lavrador faz lenha por sua conta e risco, ou vende-a às carradas para as povoações próximas, ou reduz-a a carvão, que fornece directamente aos grandes armazéns, de 140 a 200 reis por arroba, posto no caminho de ferro ou no centro do consumo.

Há ainda outro sistema, misto dos mencionados, que vem a ser o lavrador preparar, reunir e empinar a lenha em fornos, e nesta altura vendê-la em globo ou por fornos aos grandes carvoeiros que por seu turno completam o fabrico.

As lenhas tinham antigamente valor baixo, quase nulo. Mas aí por 1876 a 1878 subiram bastante, atingindo preços elevados, nunca vistos, que depois decaíram até chegarem à barateza em que estavam há pouco. Presentemente voltaram a subir.

É de notar que semelhantes oscilações, dão-se apenas nas zonas próximas dos caminhos de ferro, por efeito da maior ou menor afluência de carvão ao mercado de Lisboa, e quiçá das combinações e acordos dos carvoeiros açambarcadores. Quanto às lenhas distantes das vias aceleradas, os seus preços são sempre insignificantes, assim como permanecem altos nas das regiões muito populosas escassas ou folhas de arvoredos. De onde se deduz serem as lenhas um artigo de valor instável e relativo.

Dá-se até o seguinte curioso facto: — a chamiça que sobeja da traça, dá receita importante nas zonas escassas de combustível, como se observa nos arredores de Elvas, onde toda é pouca para a comprarem os burriqueiros do sítio, que em cargas e carros, a vão revender à cidade.

Pois este mesmo artigo, noutros pontos em que superabunda e a população

escasseia, como sucede em grande parte do concelho de Arronches, longe de produzir receita, ocasiona despesas. Aí, a chamiça, não obstante facultar-se gratis a quem a queira, sobeja na quase totalidade, tendo que se ajuntar e queimar para a terra ser limpa e lavrada sem impedimento.

Como quer que seja uma carrada de lenha comprada no corte, já «feita», é barata, por mil reis, se fôr de achas e achões, e não de madeiros e rachas.

A chamiça ou chapota, vale uns 300 a 600 reis a carrada, quando muito, onde tem valor, entende-se.

* * *

Nas lenhas e carvão — *carvoarias* — empregam-se centenas dos melhores jornaleiros das freguesias próximas, como Santa Eulália, Assumar, Alegrete, Arronches, etc., e também os de outras distantes, sobretudo os do Pego, que têm o epíteto de *pegachos*.

Os de Santa Eulália passam por muito desembaraçados e sabedores, a ponto de serem tradicionais as suas aptidões no género. Tanto, que, desde tempos remotos, os habitantes daquela freguesia são apodados de *carvoeiros*. Apodo com que alguns bisonhos encordoam, e de que os sensatos se riem por conhecerem outros mais deprimentes, aplicados aos moradores de povoações vizinhas.

* * *

De janeiro a junho, «fazem-se» as lenhas. Cada negociante carvoeiro dispõe de uma, duas e três camaradas de 15 a 30 homens, ao salário de 360 a 420 reis secos por «quinzenas» ou temporadas de 13 ou 21 dias. A alteração de preços só se efectua no começo da quinzena à segunda-feira de manhã. As tabernas das localidades acumulam nesse dia as funções de bolsa para a cotação do salário. Por entre a *matadela do bicho*, com *um governo de aguardente* ou duas *decilitradas*, sobem ou descem as ofertas dos manageiros, reguladas pela carência do pessoal ou pela abundância, no caso de baixa.

A alta também às vezes deriva do álcool que esquentam o miolo dos encarregados basófiás. A pinga e a emulação predispõe-os a despiques de ofertas, a ver qual apanha melhor *família*, sobretudo se têm *ousadia* (carta branca) dos amos. Os assistentes ouvem as propostas mas fingem-se moucos, para entreterem tempo e fazer jogo. Quando muito, dizem: «Vou para quem mais me der...» «Quando o pau dá, tira-se-lhe a casca, etc.»

E nisto passam a manhã, a «fazerem praça» e bebericarem em grande algazarra, até que, meios tortos, se decidem a sair, seguros de que o preço não *trepá* mais.

Ajustados finalmente, vão a casa, aviam os mantimentos, e, em conclusão, lá marcham para o trabalho, de sertã na mão, e saco às costas. A sertã é utensílio típico.

As mulheres e mães de alguns acompanham-nos à saída para se certifica-

rem em absoluto do destino que tomaram. E ao verem-nos já distantes, fazem comentários sobre os gastos de cada qual, no vinho e no tabaco.

Entretanto, aguardam-nos saudosas até ao regresso, que se efectua na manhã de sábado, fim de quinzena, ou na última sexta-feira se foram por temporada de três semanas.

Carvão Cada camarada, com seu manageiro, faz a *traça* para carvão, dividida em grupos a trabalharem no mesmo corte. Um deles munido de cunhas, alviões, marrão, serrote e «malhos» (machados), corta a lenha grossa, como madeiros, pitões, pernadas, etc. Os madeiros custam um trabalhão insano e paciente, que só a perícia consumada consegue abreviar.

Outro grupo, somente com os machados, prepara de pronto e a golpe certo os achões e achas, e ainda outro ou o mesmo, mas à roçadoira (podoa), leva a eito e de firme a restante *gandaia* miuda e o que se pode apurar da chamiça.

Simultaneamente, ou no fim, toda a lenha preparada acarreta-se em carros de muares e bois para os diferentes sítios de «boa caída» (baixas) em que se hão-de erguer os respectivos fornos. Para cada um distribuem-se de 30 a 60 carradas.

Os que ficam com vinte ou menos, chamam-se-lhes *bagageiros*. Cada forno empina-se pelo seguinte modo: Primeiro faz-se-lhe a «cama» colocando na base os grandes madeiros, cujos intervalos são preenchidos pelos pequenos. Depois, sobre a lenha grossa, os achões, as achas, e por último a *gandaia* miuda, previamente *desbilrada*, isto é, cortada em pedacinhos, ali mesmo no acto da enforção. Com eles se preenche e remata artisticamente a superfície do forno — figura oblonga com um pequeno vão na base que «respira» pela «boca» e «cuada».

Concluída a empinação, aterram-se ou tapam-se os fornos em termos de se lhes largar lume e «arderem» por 15 a 20 dias, que tanto demora o período da carbonização, chamada *cozimenta*. Durante esse tempo adoptam-se as precisas cautelas e vigilâncias, de maneira que, se por acaso rebenta o forno, irrompendo as chamas, se possa abafar imediatamente com mais terra, para evitar prejuizos totais ou parciais.

Após a cozimenta, extrai-se o carvão a pouco e pouco, separando-o dos *tiços* para ir arrefecendo e se aprontar a imediato transporte em sacas ou a granel.

Tiços, chamam-se aos pedaços de lenha mal carbonizada que por isso tem de ser recozida.

Para o carvão sair bom é necessário ficar bem cozido, o que se conhece se der toada de sineta quando cair um no outro. E o superior, é o de *canudo*, de achas medianas, preferindo-se o de azinho ao de sobro. Podendo ser, as lenhas de cada, são enforçadas à parte.

Desde o largar do lume até final, este fabrico confia-se a homens experimentados — os forneiros — sendo o de mais confiança arvorado em *mestre*. Cada negociante emprega dois ou três forneiros, à *jorna* de 450 a 600 reis secos.

Escuso de frisar o aspecto desses homens cheios de pó escuro, acumulado durante semanas, sem limpezas de nenhuma ordem. Excedem em repulsão qualquer negro da Cafraria. Mas trabalham satisfeitos, comendo e dormindo admiravelmente, como se estivessem muito limpinhos.

Rama É o folheto da lenha. Enquanto verde e tenra, aproveita-se para forragem dos gados bovino, caprino e lanígero, que, de propósito e em determinadas horas, se conduz e «chega» a comê-la pendente dos ramos, caídos no próprio local do corte, nos meses de dezembro a março. A fome obriga as rezes a aceitar com avidez esse parco sustento, quando passam «a meia tripa». Mas regeitam-no ou desperdiçam-no se se abastecem com melhor coisa. Salvo os caprinos, que nunca a desdenham em absoluto, pelas suas tendências roedouras. Se como alimentação exclusiva, é insuficiente, como acessório e aperitivo de outras medianas e melhores, tem valor apreciável. *Aquece* o gado, afirma-se no campo.

Que para as cabras, crê-se ser o complemento de uma boa *pastoria*. Com erva bastante e rama em fartura, põem-se em condições de produzirem muito leite.

Nos grandes cortes de «matos» intensos, sobeja a maior parte da rama. A sua enorme quantidade nunca está em relação com os gados do lavrador, e nem com o de alguns vizinhos que, não a possuindo, aproveitam a alheia que lhes facultam.

Precisamente o inverso do que se passa nos montados pequenos de pouco «mato». Aí a rama é comida «por conduto» derribando-se a pouco e pouco, com receio de que não chegue para as necessidades do inverno, agravadas pela escassez de pastos.

A de sobro é melhor e mais tenra que a do azinho. Mais *macia*, dizem os ganadeiros. E entre a de azinho prefere-se a das azinheiras à dos chaparros, que por ser áspera chama-se-lhe *carrasquenha*.

Encabeçamentos ou lotação Para se aquilatar da sua importância, e também para o disfruto ou venda das novidades em criação, os montados avaliam-se pelo número de «cabeças» de porcos adultos que a bolota respectiva pode engordar. Por isso, a tais avaliações, chamam-se-lhe *encabeçamentos*.

Por «cabeça» ou «cabeça inteira» considera-se o porco já criado, não inferior a dois anos; o de ano a 18 meses passa por «meia cabeça».

Para a completa engorda da cabeça inteira julgava-se outrora bastante um moio de bolota. Era insuficiente para o porco grande sair «feito» — a tombar de gordo. Hoje está reconhecido serem necessários 90 alqueires.

A bolota calculada para a engorda de cada *meia cabeça* parece que devia ser a metade da da cabeça inteira. Mas não é. Bem averiguado reconhece-se que monta aproximadamente a dois terços, como também ascende a dois terços o valor e peso do bácoro de ano a 18 meses, comparado com o do farroupo

superior a dois anos, se o desenvolvimento e corpulência de ambos estiver em relação com a idade.

Em rigor, isto de *cabeças e meias cabeças* não passa de unidade convencional, arbitrária, como farei ver no capítulo referente ao gado suino.

A bolota atribuída a cada cabeça de montado vale doze mil reis aproximadamente. Nos anos escassos pode elevar-se até a catorze ou quinze.

Como observei no capítulo — Herdades — cada montado grande pode fazer em média 100 a 150 cabeças; outros 80 a 100, os vulgares 50 a 80, e os pequenos de 20 a 50. Menos de vinte, não se consideram montados de *lote*. Um montadito, apenas. E se o arvoredado peca por ralo, diminuto, muito disperso, nem por montadito passa. Chãmam-se-lhes árvores *arredias* sem importância de maior.

Todos os montados e árvores que se distinguem em produção certa, mediana ou abundante, classificam-se de *castiços*. Os de natureza oposta, de *ventureiros*.

* * *

Noutros tempos havia homens «entendidos», afamados, a quem os lavradores incumbiam a avaliação das *boletinhas*.

Era quase sempre trabalho gratuito, mas honroso. O vulgo que via os avaliadores atravessando os montados a mirarem as azinheiras «contra o sol» para lhe verem bem o fruto, olhava-os com respeito como homens de tino, de lume no olho e tacto na cabeça. E eles, vendo-se alvo de reparos lisongeiros, sentiam-se ufanos a fazer os encabeçamentos. Depois davam conta da incumbência em termos claros ou ambíguos conforme as convicções que sentiam.

Se acertavam, cresciam-lhe os créditos; se erravam, haviam pretextos de sobejo para justificar o engano.

José Francisco Moura, lavrador no termo de Arronches, foi o avaliador de maior nomeada no seu tempo em todo o distrito de Portalegre. Era um homenzarrão, sobre-negro, de meter medo a um exército, com força prodigiosa, que só se emparelhava à sua grande bonomia e génio galhofeiro. Conta-se que de uma vez tirara a pulso de um poço um novilho de 2 anos que para lá havia caído.

Pelos introitos do S. Miguel e depois era curioso ouvi-lo e vê-lo escarranchado em bojuda égua, de monte em monte a informar os compadres e amigos. Todos o escutavam com particular agrado não tanto pelos informes que prestava como pelas facécias que dizia. Por entre os *pinches* (computos) que botava a este ou aquele montado, saíam-lhe à partes picarescos e historietas das suas «alarvidades» em forças, como ele próprio as classificava. Um alegrista original, fazendo gala em passar por «bruto», sem o ser. O inverso de muitos...

Ao presente procedem às avaliações os guardas das herdades respectivas, os porqueiros *batidos*, nos terrenos, e até o lavrador.

A prática, como o estar-se muito visto nos *matos*, a observação constante, e, sobretudo, a comparação da novidade existente com outras anteriores, habilita a cálculos melhores do que o do avaliador de ocasião que, embora, perito, erra com facilidade.

Eis uma nota das frases usuais na apreciação dos montados por motivo de encabeçamentos. Do conceito de cada uma, ressalta evidentemente o caso a que se aplica.

Nas novidades escassas: — «*azinheiras, sim... mas bolota... viste-a... Nada de geito... Um «pingo», nas melhores... não, em todas... Muitas, nem raça... Vá-se lá avaliar isto... Se lhe botarem trinta, não faz quinze... Assim vê-se um homem «atólico»...*»

Nas medianas: — «*Escapa... podia estar melhor... mas consola... Está às «cordas»... Numas partes, nada, noutras muita... Não é carga geral... Meia novidade... Mas vamos... tomaram muitos...*»

Nas boas: — «*Tem bastante... vê-se uma à outra... E sàdia... segura... Todas têm... Nalgumas, é à esgarra...*»

Nas abundantes: — «*Coisa asseada... Está «reviradinho»... Em muitas aos cachos... a não poderem com ela... mais do que folhas!... E' uma «nobrezia»... Um «esbarrunto»... este ano põe marco!... Vê-se de longe, às pinhotas... Bem podem vir porcos... Se lhe fizeram cem, metam-lhe duzentos... Chega a tudo!...*»

FRUIÇÃO

Do «S. Miguel» aos «Santos» a bolota que vai caíndo é comida por todo o gado indistintamente, sem estorvo de ninguém. Mas o melhor quinhão cabe aos suínos. Em vindo outubro os porqueiros largam-lhe *brocha*, e eles, os da tromba, sentindo-se à vontade, ei-los à *vàdia*, a *baldão*, em grupos e a sós, a correrem como galgos por essas herdades fora, dos donos e das alheias. E' a *malta*.

Cada porco come por onde quer, estragando o que lhe aprás. Se se enxotam uns, aparecem outros e outros, cruzando-se por toda a parte, ao cheiro da *moleza (boleto)*. Os que à noite recolhem à malhada, fazem-no por instinto, livremente. Mas a maioria fica «a monte», onde lhe anoitece, exactamente como os animais bravios!

Bastante primitivo este costume de *malta*, com os seus ressaibos de socialismo, que muitos lavradores reprovam, mas que outros aplaudem.

Tem acabado nalguns concelhos, mas noutros, como o de Arronches, mantém-se inalterável. E' estilo, diz-se.

Geralmente falando, todos os porcos lucram com a *malta*, que os melhora a valer, sem despesas sensíveis. Mas em troco extraviam-se alguns, cuja falta só se reconhece quando se *acaream* no final da época. Os lavradores que por este motivo perdem um ou outro, pagam assim as custas dos seus e as dos vizinhos felizes, que nenhum se lhes sumiu. Vai a quem toca. E' o caso do Deus disse: «quem gánhasse que se risse».

* * *

Por diferentes sistemas se usufrui a *boleto*.

Primeiro: — na engorda dos porcos — *varas*. E' o mais comum, principal-

mente nos arvoredos de importância. Segundo: — com o gado suíno «de vida» — *corridas*. Adopta-se nos montados pequenos, de árvores *arredias*. Terceiro: — apanha-se para venda ou consumo do próprio lavrador. Apanha-se geralmente em todos os montados, mas só em parcelas pequenas, relativamente. Quarto: — vendendo-se a novidade pendente em globo, no todo ou em parte, por ajuste particular, ou em hasta pública, aos lavradores da província e aos espanhois, em resultado de anúncios nos jornais e nas portas das igrejas. Na feira de S. Miguel, em Sousel, costuma haver bastantes anúncios deste género, afixados no exterior das igrejas próximas do recinto da feira. As transacções desta natureza usam-se principalmente com os montados das coutadas dos municípios e dos da Casa de Bragança. Dos de particulares, só se vendem alguns de lavradores pequenos ou medianos, que não querem ou não podem ter porcos. Ainda há outro processo de aproveitamento, consequência forçosa de circunstâncias extraordinárias em anos anormais, escassos de ervas e pastos. Refiro-me aos montados que se lhes disfruta a novidade com gado de qualquer espécie, ou de algumas simultaneamente, para os melhorar com rapidez, ou salvar de uma crise de forragens que lhes comprometa a existência. É por conseguinte um facto excepcional que não constitui uso. Dadas estas noções, entrarei nos pormenores indispensáveis ao exacto conhecimento dos costumes vulgares. Dos mais comuns, que dos restantes basta o que ficou dito.

Primeiro: — *Engorda de porcos* em rebanhos de maior ou menor número com o nome de *varas*.

No primeiro de Novembro, começa a guardaria da bolota, que afinal só se executa a rigor uns três dias depois. Entretanto há que fechar os olhos a uma ou outra cabeça *tresvairada* — perdida — que ainda se não *agrilhou* ao rebanho, em regresso da *malta*. Conseguida enfim a evacuação, dispõem-se as coisas de modo que as «folhas» fracas em bolota, destinam-se ao *piso*, e as melhores ficam de *solo*, guardando-se a rigor máximo.

As do *piso* passam logo a ser corridas pelos porcos, motivo porque se lhes dá aquella classificação. É a *traita* habitual.

As do *solo* deixam-se de reserva até acabar a comida das outras. Depois largam-se-lhes também, mas em termos de aproveitamento relativo, somente às horas do almoço e ceia para comerem «à farta».

No final da época, ou antes, se se reconhece que a bolota sobeja da *vara*, ou se mesmo não sobejando, é indispensável alguma para outras aplicações, apanha-se a que excede ou a que se precisa. Toda a restante que os porcos *estraçoam* ou que regeitam por muito amarga, miuda, ou podre, constitui a *migalha* que se aproveita com suínos «de vida», os quais, aí dos meados da época em diante, entram também no «mato» atrás da *vara*, mas «correndo» somente a terra de que já foge o gado gordo.

* * *

Os porcos da *vara* saem «feitos» (gordos) de quinze de janeiro em diante,

até dez ou vinte de fevereiro. Se demoram mais, entraram tarde, ou lhe encurtaram a comida em princípio.

Quando a bolota acaba antes do meado de janeiro, o gado sai ordinariamente «por fazer», em nutrição incompleta. Ou a comida foi menos do que se calculava, ou os porcos excederam ao encabeçamento.

Segundo uso: — *Aproveitamento com «gado de vida», corridas e porcas de criação.*

Nestas circunstâncias não se destina *piso nem solo*.

Os rebanhos correm o «mato» em voltas constantes, atrás ou adiante dos porqueiros, que de varejão ou *manganilha* em punho batem o arvoredado, quando a *bolela* lhes escasseia. Necessidades bastante elásticas por via de regra, mas sempre de valor e importância muitíssimo menor que as do da «vara».

Aos bácoros dá-se-lhes a manterem-se regularmente, para crescerem e medrarem. Com os *farroupos* e porcas não há sombras de generosidade. Comem «por tempero», «a consolar». O bastante para se irem «sustendo» em termos de passadio sofrível. Tanto, que em a bolota caindo muita de repente, ao efeito de ventanias e chuvadas, encurtam-se as voltas, restringindo-as quanto possível.

Mais podia acrescentar sobre a criação e engorda dos porcos nos «matos». Mas isso cabe melhor na parte que tenciono dedicar aos gados. Aí relatarei pois esses detalhes com o desenvolvimento que merecem. Os que deixo referidos, saíram por associação de ideias e factos que não podia esquecer agora. Resta o apanho.

Além da bolota existente nas parcelas do solo, evitadas dos porcos, recolhe-se mais a seguinte: a das ribanceiras dos ribeiros, para não ser arrasada pelas cheias; a das estradas, subtraindo-a à cubiça dos transeuntes, e por último a das semeadas (searas), se o dono não manda «comê-la» com os porcos, pelas manhãs de geadas intensas em que a terra está dura, inacessível à fossa. Portanto em condições de se não estragar a sementeira com a passagem dos suínos.

O apanho efectua-se com mulheres, de dezembro a fevereiro, ao jornal de 140 reis (secos), ou de empreitada a 15 ou 20 reis o alqueire. Por empreitada só se toma no arvoredado basto de boas *soladas*.

Por um ou outro ajuste, formam-se ranchos nas aldeias, que saem para os montes durante semanas e quinzenas. O mulhierio marcha satisfeito, principalmente as solteiras. Bem sabem que o serviço lhes proporcionará serões estúrdios e bailaricos alegres com os rapazes que namoram. Felizes criaturas que após um dia de trabalho, muitas vezes de chuva e frio intensíssimo, ainda sentem pachorra, para se entreterem com folias!.....

À maneira que a bolota se apanha entra para cestos, que se despejam nos sacos, os quais seguem em carros de muares para os celeiros do monte de onde se vai consumindo ou vendendo. Para a venda sobejam os compradores, desde que o preço não seja exagerado.

Antigamente alguns produtores importantes possuíam casas — *secadeiros* —



para secarem a bolota ao calor de lumes brandos. Avelavam-na, e por conseguinte preparavam-na em condições de conservação demorada. Viam nisso melhor sistema de aproveitamento pelo ano fora.

Hoje está banida a usança, por ser desnecessária, atenta o aumento do consumo.

CONTINGÊNCIAS PREJUDICIAIS

Como todas as coisas, os montados e suas respectivas novidades, estão sujeitos a prejuízos grandes, além dos referidos. Os mais sensíveis, são os roubos dos *boleiteiros*, as invasões dos pombos bravos, e a doença chamada *burgo*.

Boleiteiros Assim se classificam os homens que, no tempo próprio, tomam por indústria os assaltos aos montados para furtos importantes de bolota que depois vendem como sua. Por enquanto só lhes dedico a referência. No capítulo *Malfeitores* terão as honras dos pormenores.

Pombos Causam perdas extraordinárias. Anos vêm, em que de dezembro em diante *arribam* aos bandos sobre os montados cuja bolota devoram audaciosamente em quantidades incríveis.

Só se pode avaliar sabendo-se que um pombo ingere em média seis a oito bolotas. Calcule-se por aqui quantas comerão milhares deles. O que vale é que semelhantes arribações são pouco frequentes e nunca demoradas. Quando os pombos se mostram assim, mudam de poiso a toda a hora, tomando rumos diversos em voos altíssimos de caprichosas evoluções. As *dormidas* no mesmo sítio pouco se repetem.

Nos fins do ano de 1870 e princípios de 1871, o concelho de Elvas e limítrofes foram acometidos por uma tal invasão de pombos bravos que os nascidos não se lembravam de outra igual ou semelhante, sequer. Nuvens deles caíam como avalanches sobre as azinheiras e *solos*, levantando em algumas horas dezenas de moios de bolota!

Por toda a parte se viam nuvens de pombos nos montados e fora deles, como praga semelhante às do Egito. Os lavradores traziam criados a espantá-los com tiros e foguetes. Por seu turno os caçadores não cessavam de atirar também, obtendo resultados espantosos ainda hoje memoráveis.

Foi um acontecimento sensacional que aterrou os lavradores. Felizmente nunca mais se viu outro semelhante. A gente do povo, que tudo quer explicar, atribuía o caso à guerra franco-prussiana. «Lá pelo teatro da guerra os pombos sentiram-se tão apavorados com o tiroteio dos beligerantes que em massa debandaram para cá». Não podia ser outra coisa, dizia o povo.

O burgo De há muito que os montados de azinho (não os de sobro) de certas regiões e limitadas zonas, sofrem uma doença devastadora, motivada por um pequeno insecto a que vulgarmente se chama *burgo*. O bichinho, esse

desenvolve-se nas árvores, durante a primavera, por entre o «olho» ou gomo do folheto tenro, e de aí, passando por diferentes metamorfoses, generaliza-se pelo arvoredo todo, estragando-lhe o fruto embrionário — a bolota — e as próprias folhas. E prossegue na sua marcha destruidora, até ao verão, em que morre, deixando as azinheiras semi-nuas e enegrecidas. A tal ponto estragadas que a produção reduz-se a menos da décima parte da média ordinária senão a zero, por dois ou três anos consecutivos.

O *burgo* que se manifesta numa dada zona aumenta progressivamente nos primeiros anos, atingindo proporções fabulosas nuns, reduzindo-se noutros, até que ao cabo de 8, 10 ou 12 anos declina manifestamente, acabando por se extinguir de todo, sem se saber por quê. «Levanta», diz-se.

Os montados *novadios* de terras vermelhas, são os mais atacados, e menos os das arenosas.

Supomos que se desconhecem as causas primordiais que determinam o *burgo*, e não nos consta que haja antídoto eficaz para o combater e destruir.

Quando entre a população rural se comenta o caso e se procura conhecer a sua origem, após mil conjecturas fantasiosas conclui-se assim:

— «Ora, que sabemos nós; é *calibre* do ano...!» E fica-se nisso, concordando todos. Eu também concordo, à falta de melhor razão...

De positivo, só se sabe que, tendo alguns agrónomos visto os montados invadidos, nada consta lhes fizessem de proveitoso, ou que pelo menos aconselhassem os lavradores a qualquer providência de jeito.

O que, a meu ver, ninguém considera desdouro para os ilustres profissionais. Em assuntos de tal ordem, sem dúvida complexos, quaisquer tentativas para tratamento prático, exequível e vantajoso, sob o ponto de vista económico, hão-de esbarrar em dificuldades e embaraços invencíveis, que esterilizam os melhores desejos.

Nota curiosa — Antigamente, havia lavradores que pediam e conseguiam dos párocos irem benzer-lhes e exorcizar os montados para os preservarem do *burgo*.

«*Era uma fé*» — explicavam eles a quem mofava da esconjuração!... Gente ingénua, sempre propensa ao sobrenatural e maravilhoso...

.....

Outras doenças de somenos importância acometem as azinheiras e sobreiros, sobretudo estes.

De resto em todos os montados, e nuns mais que outros, morrem anualmente algumas árvores — facto normal a que se não liga importância.

LONGEVIDADE

E' bastante longa a vida das azinheiras e sobreiros. Consequentemente, a sua criação e desenvolvimento é assás demorada.

No quase estacionamento da idade adulta permanecem dezenas e dezenas de anos, e mais longo ainda é o período da decadência que decorre lentamente através de séculos. A azinheira sobretudo, é de uma longevidade incalculável, se causas fortuitas ou estranhas lhe não cortam a existência. Velha, mutilada, carcomida e semi-nua — um gigante reduzido a pigmeu, corcunda e manco — exhibe a sua decrepitude grotesca, ante o desfilar de muitas gerações. Por último, já sem préstimo, com as raízes podres e o esqueleto escalavrado, cai enfim agonizante, ao impulso de um vendaval de inverno ou ao golpe rijo do machado vulgar. Desse mesmo instrumento que tantas vezes a limpou durante séculos, que lhe robusteceu a vida nas épocas de prosperidade, mas que depois a foi reduzindo, até por último lhe abater o tronco e a sua valetudinária existência. De 400 anos talvez, e quem sabe se de muitos mais...





IV

DIVERSO e numeroso é o pessoal que se emprega em cada *lavoura*, aumentando ou diminuindo conforme as necessidades do grangeio, o estado do tempo e a existência de braços. A quase totalidade dessa gente *acomoda-se* por ano, temporada, mês ou dias, segundo o trabalho a que se destina e outras circunstâncias consequentes de usos locais e vontade dos contratantes. Por exceção e para determinados serviços de natureza muito especial, usa-se também o ajuste por empreitadas.

O pessoal contratado por ano, mês ou dias, sai quase todo das vilas e aldeias próximas, onde tem os seus domicílios. O das empreitadas é, pela maior parte, gente estranha à região.

Aos criados de ano, chamam-se-lhes *anuais*; aos de temporada, *temporeiros*; aos de meses, *mensais*, e aos de dias, *jornaleiros*, *trabalhadores*, ou homens a dias.

Mas estas nomenclaturas são muito genéricas e comuns a diferentes classes e entidades. Por isso, para se destringer bem cada mister adoptam-se nomes qualificativos, especiais e especialíssimos correspondentes à categoria e ocupação de cada indivíduo.

Aos vencimentos dos *anuais*, *temporeiros* e *mensais* chama-se-lhes *soldada*; ao dos *jornaleiros* — *jorna*, *jornal* ou *salário*.

Salvo exceções raríssimas, todos os criados se alimentam por conta da lavoura, quer seja pondo-se-lhe a mesa conforme o costume do sítio, quer pelo sistema de *comedorias* ou mantimentos do estilo, aviados no fim de cada semana, quinzena ou mês. Dos poucos que por acaso não vencem comida, diz-se que trabalham «a seco». Os esclarecimentos relativos à alimentação, dão matéria para um parágrafo próprio de que oportunamente tratarei.

Reflectindo um pouco, vê-se que toda a criadagem se divide em quatro

agrupamentos, que de modo algum significam classes nem categorias mas núcleos distintos pela natureza dos serviços que desempenham.

O primeiro agrupamento compreende toda a *família* empregada no amanho das terras, acarretos, eiras, desmoitas e outros trabalhos, com exclusão das ceifas e gadanhas. Engloba portanto a *ganharia*, os *carreiros* ou *almocreves* e a *carraça*.

Por *ganharia* ou *malta*, entende-se o troço de homens — *ganhões* — em número indeterminado, que em todo o ano se ocupa principalmente nos serviços culturais e correlativos, à excepção das ceifas. Topa a tudo por assim dizer, não obstante ter a seu exclusivo encargo, as fainas já aludidas. O chefe da *ganharia* é o *abegão*, que tem por imediato substituto, o *sota*.

Os *carreiros* trabalham com as parelhas de muares, nos labores do carro e arado. Ao encarregado, chama-se *maioral das mulas*, e ao imediato, *ajuda*. Os restantes são *carreiros rasos*.

Resta a *carraça*, que é apenas um desdobramento da *ganharia*, mais ou menos temporário. Organiza-se com a gente menos válida — rapazes e velhos que se aproveitam, em separado, para afazeres de pouca monta a que a *malta* não pode atender. Tem por governante o *sota* ou qualquer de confiança e préstimo.

A constituir o segundo agrupamento estão aqueles que não intervêm nos trabalhos agrícolas mas em outros diversos e importantíssimos, como o guarda de herdades, carpinteiros, cozinheiro, amassador, etc., etc.

No terceiro, figura o pessoal transitório, ou melhor dizendo aquele que só desempenha misteres especiais, de ocasião, restringidos a determinadas épocas.

Dos *ganadeiros* (homens ocupados exclusivamente na pastoreação dos gados manadios) forma-se o quarto grupo, que se por ventura é menos numeroso, nem por isso diminui de importância quanto à escolha e responsabilidade dos que o representam.

Resumindo: uma lavoura bem montada, completa e composta de «tudo que lhe é dado» ocupa o seguinte *gentio*:

CRIADAGEM PERMANENTE

Um guarda de herdades, um ou dois carpinteiros, um abegão, um sota, dois boieiros, um cozinheiro, um amassador, quatro a seis *carreiros*, dez a quinze *ganhões*, um hortelão, um tratador de cavalos, e um paquete. *Ganadeiros* — *Pastores*: um *maioral* de ovelhas e diferentes *entregues*, um para cada rebanho, com o seu respectivo *ajuda*. *Porqueiros*: um *maioral* de porcas e dois ou mais *entregues* e correspondentes *ajudas*. Dois *vaqueiros*; um *eguarico* e um *cabreiro*.

O guarda, o abegão, sota, maioral das mulas, boieiros e *ganadeiros-maiorais*, são sempre *anuais*, de *pensão*. E a todos estes, exceptuando o guarda, dá-se-lhes o título de *governos* ou *cabeças*. Nas restantes ocupações (quadro permanente) encontram-se *anuais*, *temporeiros*, *mensais* e *a dias*. Vejamos agora os do

PESSOAL TRANSITÓRIO

Dois corta-ramas; um rancho de 20 a 40 mondadeiras; uma camarada de ceifeiros-ratinhos (30 a 40) com os seus respectivos *enrilheiradores e tardão*; uma camarada de 12 a 20 tosquiadores de gado lanígero; um grupo de 2 a 6 gadanheiros de feno; um ou dois *roupeiros*; um *lançarote*; dois cordoeiros; um melancieiro ou meloeiro; um guarda da eira; um semeador; um embelgador; dois valadeiros; um rancho de mulheres no apanho da azeitona e da bolota; um *assougueiro*; dois *alavoeiros*; um *perunzeiro*, etc.

Deste modo fica enumerado o pessoal permanente, transitório e accidental de uma lavoura importante. Simples enumeração porque o mais que lhe respeita vai largamente consignado nas «*Particularidades de cada ocupação*».

As lavouras pequenas ocupam menos gente, como é bastante maior nas excepcionalmente grandes, que sustenta dois abegões, três guardas, etc. Desde o pequeno lavrador — o *charepe* — de duas ou três juntinhas e meia dúzia de rezes, até ao agricultor opulento de 50 a 60 arados e muitos e numerosos rebanhos de todas as espécies — há margem para hipóteses tão variadas e diversas, que para o caso presente aproveito a que melhor representa a cultura extensiva.

O maior número de lavouras ocupa sem dúvida menos *família* que o referido, mas como nas de entre essa maioria não há, pelo menos, uma que execute todas as práticas e sistemas das grandes «casas» são estas que me servem de ponto de referência, porque, repito, é só nelas que se encontram todas as numerosas entidades que constituem em absoluto o pessoal agrícola-pecuário de um quadro completo. As outras menores, embora importantes, cada qual restringe-se a determinadas especialidades, o que lhe reduz bastante o número de ocupações.

SOLDADAS E SALÁRIOS

Há soldadas de duas classes: uma antiga, tradicional, exclusiva dos criados de ano, de *pensão*. Compreende verba em reis e várias *achegas* ou *avenças* de cubicado apreço com searas, *pão* na eira, lenha, *pegulhais*, etc. O que tudo se designa também por *adições*, *propinas*, *aquidades*, *forras*, etc.

A outra usança, de soldada a dinheiro somente, restringe-se a uma quantia fixa em reis, e está mais em voga para com os temporeiros mensais, e alguns de ano sem pensão de vulto.

Os vencimentos em reis, ainda se baseiam numas tantas moedas de ouro (valor antigo de 4\$800), unidades de há muito abolidas mas que parece eternizarem-se pró-forma nos ajustes dos criados de lavoura. Principalmente nos «de ano». Nos de temporada e meses já se convencionou por mil reis. E nos de entre uns e outros, também sucede falar-se em libras, costume que deverá perder-se brevemente porque nunca chegou a arrear-se, nesta ordem de contratos.

As soldadas com searas e *adições* várias, são as preferidas pelos serviçais,

PESSOAL TRANSITÓRIO

Dois corta-ramas; um rancho de 20 a 40 mondadeiras; uma camarada de ceifeiros-ratinhos (30 a 40) com os seus respectivos *enrilheiradores e tardão*; uma camarada de 12 a 20 tosquiadores de gado lanígero; um grupo de 2 a 6 gadanheiros de feno; um ou dois *roupeiros*; um *lançarote*; dois cordoeiros; um melancieiro ou meloeiro; um guarda da eira; um semeador; um embelgador; dois valadeiros; um rancho de mulheres no apanho da azeitona e da bolota; um *assougueiro*; dois *alavoeiros*; um *perunzeiro*, etc.

Deste modo fica enumerado o pessoal permanente, transitório e accidental de uma lavoura importante. Simples enumeração porque o mais que lhe respeita vai largamente consignado nas «*Particularidades de cada ocupação*».

As lavouras pequenas ocupam menos gente, como é bastante maior nas excepcionalmente grandes, que sustenta dois abegões, três guardas, etc. Desde o pequeno lavrador — o *charepe* — de duas ou três juntinhas e meia dúzia de rezes, até ao agricultor opulento de 50 a 60 arados e muitos e numerosos rebanhos de todas as espécies — há margem para hipóteses tão variadas e diversas, que para o caso presente aproveito a que melhor representa a cultura extensiva.

O maior número de lavouras ocupa sem dúvida menos *família* que o referido, mas como nas de entre essa maioria não há, pelo menos, uma que execute todas as práticas e sistemas das grandes «casas» são estas que me servem de ponto de referência, porque, repito, é só nelas que se encontram todas as numerosas entidades que constituem em absoluto o pessoal agrícola-pecuário de um quadro completo. As outras menores, embora importantes, cada qual restringe-se a determinadas especialidades, o que lhe reduz bastante o número de ocupações.

SOLDADAS E SALÁRIOS

Há soldadas de duas classes: uma antiga, tradicional, exclusiva dos criados de ano, de *pensão*. Compreende verba em reis e várias *achegas* ou *avenças* de cubicado apreço com searas, *pão* na eira, lenha, *pegulhais*, etc. O que tudo se designa também por *adições, propinas, aquidades, forras*, etc.

A outra usança, de soldada a dinheiro somente, restringe-se a uma quantia fixa em reis, e está mais em voga para com os temporeiros mensais, e alguns de ano sem *pensão* de vulto.

Os vencimentos em reis, ainda se baseiam numas tantas moedas de ouro (valor antigo de 4\$800), unidades de há muito abolidas mas que parece eternizarem-se pró-forma nos ajustes dos criados de lavoura. Principalmente nos «de ano». Nos de temporada e meses já se convencionou por mil reis. E nos de entre uns e outros, também sucede falar-se em libras, costume que deverá perder-se brevemente porque nunca chegou a arrear-se, nesta ordem de contratos.

As soldadas com searas e *adições* várias, são as preferidas pelos serviçais,

embora sujeitas a contingências. Mas *no jogo se conhece a sorte*, dizem eles. E portanto *jogam*, arriscando-se às eventualidades. Se num ano perderem, outro virá melhor que os indemneze em cheio. Depois — e aqui é que está o busilis — nos anos *tortos*, em que julgam sair-se mal por as searas mostrarem mau aspecto, tratam a tempo de melhorar a sua situação, pelo menos alguns. Aí por março ou abril, aqueles a quem o caso se afigura sério e que não têm considerações a guardar, abalam a pretexto de qualquer coisa, ou se confiam na benevolência do amo fazem-lhe choradeira pedindo lhes garanta a seara em certa quantidade, um pouco inferior à produção mediana. O amo anuí, se estima o criado, e tudo se concilia, tanto melhor que se a colheita excede ao convencional e garantido, o excesso reverte para o serviçal.

Variam as soldadas anuais e especialmente as dos governos. Os que as *arrancam* maiores, ganham de seis a doze *moedas*, seara de trigo ou de centeio de seis a dez alqueires de sementeira e de dois a quatro de legumes. E mais 40 a 90 alqueires de «pão na eira», lenha, forra de égua, etc. Centeio na eira ou em searas, em lugar de trigo, só se usa na freguesia de Santa Eulália, onde se não concedem searas de legumes, mas sim de melanciais, cultura vulgaríssima no sítio.

As de cereais semeiam-se com semente fornecida pelo lavrador, que a recebe na futura colheita. Cultivam-se como as do amo e à custa deste na *torna* do costume da respectiva *folha*, realizando-se a sementeira e ceifa no meado das correspondentes épocas. A malha ou debulha efectua-se no final do período das eiras. A monda corre por conta do interessado, levada a efeito por mulheres de sua família, ou outras a quem paga.

Para as searas de legumes não há *tornas* especiais, nem o lavrador contrai outros compromissos além de as lavar, semear e recolher, quando e como lhe apraz. O costume das searas de trigo ou de centeio está quase restringido aos abegões. Tem inconvenientes para o lavrador mas também lhe assegura vantagens. Dos abegões que as ganham há a esperar maior zelo e estabilidade do que se as não vencessem.

A *searinha* é o elo que liga o serviçal ao amo. E este concedendo-lha em soldada associa-o às suas prosperidades e desventuras.

Por outro lado, crê-se com fundamento que uma seara de qualquer criado junta na eira, em rilheiro, arrumada à do lavrador (como se usa) torna-se um bom seguro contra incêndios. Em primeiro lugar há da parte do possuidor, e por interesse próprio, maiores cautelas; em segundo a malvadez dos incendiários hesita e desiste dos propósitos infames contra o lavrador quando sabe que, lançando-lhe fogo à seara, vai igualmente destruir a do criado, que não odeia. E então, para «*não fazer mal a um pobre deixa de se vingar no rico*». Se deixa por que nem sempre lhes vêm os escrúpulos.

Das outras *achegas*, as que persistem mais, são o *pão na eira*, a lenha, etc.

As restantes, como forras de éguas, vacas, etc., limitam-se a determinadas lavouras antigas, onde se conservam por respeito de tradição.

Em resumo, quanto maior valor representam as *aquidades* menor é a verba em dinheiro. Em cada emprego predomina determinada *forra*, como frisarei em sua altura.

Outra advertência: as usanças aludidas não contendem com os *ganadeiros*, cujas soldadas e costumes divergem sensivelmente.

Por esta e outras razões omito por agora os vencimentos e costumes de tais criaturas. A diversidade da sua profissão dá-lhes direito a um artigo próprio de que oportunamente tratarei.

Época do ajuste Os criados de ano, entram e encimam pelo «S. Mateus» (21 de setembro), fim e princípio do ano agrícola no concelho de Elvas e parte do de Arronches. No de Campo Maior é a 15 de agosto e noutros pelo «S. Miguel».

Como quer que seja, àqueles de que se pretende a continuação, o amo fala-lhes, perguntando-lhes se *ficam* ou não. O consultado, se deseja ficar, responde: — «Se é da sua vontade, fico». E não querendo, diz: — «Não senhor; comigo não faça conta».

Pelo que o lavrador trata de acomodar a tempo outro que o substitua.

No caso de o criado pedir aumento de soldada ou o amo redução, ambos se entendem oportunamente e decidem qualquer coisa. A *rebaixa* de soldada, toma-a o criado como sintoma de descontentamento ou enfado do lavrador e nessa convicção não a aceita, despedindo-se. Que os há que se resignam e vão ficando. Mas são os menos. Só os *zorros* matreiros.

No termo de Elvas é da praxe os lavradores «falarem» ou *apalavrarem* os criados pelas vésperas e feira de Barbacena (8 de setembro). Se até então nada lhes diz, subentende-se que os não quer. E por conseguinte, os «esquecidos» procuram novo amo.

A praxe esta já não é usada por todos os lavradores. Alguns adoptaram o sistema de não «falarem» aos que os vêm servindo. Mas para que saibam o costume, previnem-nos por uma vez de que os despedirão a tempo quando lhes não convenham.

Aos criados antigos, que, por seus merecimentos ou particular afeição, se conservam numa lavoura 20 e 30 anos, adquirindo foros de vitalícios, o lavrador não lhes «fala», tão certo está da sua permanência e dedicação. Eles nem por sombras se consideram despedidos ou desfeiteados, antes tomam o silêncio como testemunho de confiança e amizade.

Quase se consideram pessoas de família com o direito e dever de a servirem até à morte. Existem alguns de permanência tão antiga que, por assim dizer, viram nascer os amos, tendo-lhe servido os pais e avós! Curiosa cena, observar um desses velhotes quando os patrões se zangam com eles. Entre outros arrazoados, sai-lhes o seguinte:

— «Olhe lá meu amo: quando vocemecê nasceu já eu cá estava... Tem de me aguentar, inda que não queira.»

— Ou por outra: — «*Ora deixe-se de coisas... quem me comeu a carne há-de roer-me os ossos!...*» E o amo, ouve, cala-se e ri para consigo...

Vão rareando essas boas criaturas, modelos de probidade e abnegação, credores de respeitosa estima e amparo. Vão desaparecendo e infelizmente, quase ninguém os substitui. Os novos acusam uma tal instabilidade e indiferença pelos amos, que poucos «criam raízes» em qualquer casa.

* * *

Como disse, são os amos ou seus representantes quem acomodam os criados. Os que têm e desejam conservar, e ainda os estranhos que precisam adquirir.

Quanto aos que saem de uma lavoura e pensam servir noutra, para onde ninguém lhes «falou», usa-se irem eles à cata de *arranjo*, oferecendo-se e tratando-se com o novo amo. Mas tanto lavradores como serviçais não se dirigem logo directamente uns aos outros para o efeito do ajuste. Em dadas circunstâncias o negócio carece de segredo para qualquer dos contratantes ou para os dois mesmo, já porque o lavrador suspeita de um colega com análogos propósitos, já porque o *servo* receia não obter o lugar cubicado e depois ficar também sem aquele em que se emprega. Como os cães de Borba... Coisa provável se o seu antigo amo souber que procurou outro.

Por consequência, quando ocorrem tais dúvidas e receios, servem de intermediários nos preliminares do ajuste os serviçais de confiança que «ficam», como abegão, maioral das mulas, etc. Comissionados estes que se pelam por tais incumbências. Todos a aceitam, procurando facilitar ou impedir o contrato, conforme os sentimentos que nutrem pelo futuro camarada. O amo dá-lhe o devido desconto e faz o que lhe parece.

É dos bons costumes nenhum lavrador sério «desafiar» criados de confiança de outrem para os empregar na mesma ou semelhante ocupação. O *estilo* manda que só se «fale» na *maré* própria a quem se sabe ou consta que sai. Antes e noutras circunstâncias é feio e dá nas vistas.

Mas se no decorrer do ano um lavrador precisa de alguém para preencher vaga extraordinária e para isso se lembra de um *jeitoso* acomodado por fora em obrigação de categoria inferior, pede ao amo respectivo lho dispense, e só depois da cedência lhe manda falar. O procurado, «se sabe onde caem as coisas» (ser cortês) não se ajusta definitivamente sem ter «uma atenção» com o amo antigo.

Na região elvense quando um serviçal se ajusta e fala no assunto, diz: — «*Estou acomodado*» (ou *tratado*).

Noutras variam de termo, exprimindo-se assim: — «*Estou concertado*». De maneira que *acomodar* e *concertar* significam em dialecto rural alentejano, o ajuste dos criados com os lavradores.

* * *

Aos *anuais*, seguem-se os *temporeiros*. Para o efeito da sua acomodação o ano agrícola divide-se em três temporadas: a primeira — a da sementeira outo-

nal — principia pelo S. Mateus (de 21 a 23 de setembro) e finaliza aí pela «Senhora da Conceição ou Natal»; a segunda — a do alqueive e sementeiras de tremeses — principia imediatamente à outra e termina no cabo de maio; a terceira e última — a do verão ou das eiras — vai desde o começo de junho até 20 de setembro à noite.

A temporada do alqueive usa-se subdividi-la em duas épocas: a primeira desde o começo até fins de fevereiro ou março, quando muito; a segunda todo o período restante. A sub-divisão tem por único fim a diferença do preço por mensalidades — menos na primeira época e maior na segunda.

Eis os preços correspondentes às três temporadas por cada ganhão e mês:

Sementeira: — 4\$800 a 5\$500 reis. Alqueive: — 3\$600 a 4\$000 reis de dezembro a fins de fevereiro e 4\$500 a 5\$000 reis em março, abril e maio. Verão — cinco mil e quinhentos a seis mil reis.

Preços estes que se referem a ganhões rasos de *mãoseira* e não aos de maiores responsabilidades, que vencem mais e em proporção com a importância do encargo.

O ajuste realiza-se dias antes da temporada ou já em princípio. As contas ou pagamentos finais, efectuam-se no primeiro dia feriado subsequente ao fim da época, excepto nos que respeitam à do verão que invariavelmente têm lugar no dia 21 de setembro ou na véspera à noite. Assim como aos anuais de pensão costuma falar o lavrador, os de temporada são apalavrados e justos pelos «governos» respectivos (com prévia autorização do amo). De maneira que aos ganhões fala o abegão ou o *sota*, e aos carreiros, o maioral das mulas. O preço é ou não estipulado no acto do ajuste. Antigamente todos se acomodavam sem preço, sujeitando-se ao que os lavradores fizessem no fim. Hoje adoptam-se outras normas mais racionais. Ou se acomodam a «preço feito» ou se convencionam pagar e receber pelo maior que se «abra» de entre os das lavouras vizinhas.

Para o serviçal o ajuste fixo e antecipado não passa de uma ficção. Se depois subir para os companheiros da mesma lavoura ou dos de outras próximas, ele abala ou exige o excesso. E não se estranha por ser corrente. O criado «é pobre e não pode perder».

Mas se se der o inverso, isto é, se o amo ajustar por exemplo a cinco mil reis, e depois outros pagarem a quatro, o dos cinco tem de cumprir a palavra. Não será coerente mas é corrente. E por isso também se não estranha. A propósito: notando-se um dia em palestra de lavradores, esta falta de reciprocidade, um dos mais velhos, observou com espírito: — «Nós tratamos, mas eles os criados) conversam. Portanto as «falas» deles são vozes ao vento»!...

Anuais e temporeiros, embora se ajustem por épocas fixas que em bom direito tinham obrigação de cumprir e encimar, abalam quando querem por futilidades e caprichos, sem atenções para com os amos ou quem os representa. Por isso os que assim saem não têm direito a receber a soldada vencida antes do dia das contas gerais.

Os chamados governos só «partem o ano» por motivo forte, excepcional.

Por seu turno também o lavrador precisa escudar-se em razões imperiosas para pelo ano adiante despedir qualquer, sem incorrer nas censuras gerais. Mas se «manda embora» algum paga-lhe imediatamente sem aguardar pelo cabo do ano ou da temporada.

Enquanto servem e pelo ano fora, todos os criados obtêm do lavrador os abonos de que precisam, correspondentes às soldadas. Alguns chegam a estar *adiantados* e raros são os que não pedem por conta.

Dos que venceram por inteiro, sem abonos nem dias perdidos, diz-se que ganharam a «soldada direita». São poucos. A maioria é *chapa vencida... chapa derretida*. Por esta e outras circunstâncias de fácil intuição, cada lavrador tem o chamado *livro dos assentos*, onde procedem à inscrição dos criados e correspondentes soldadas, tendo cada inscrição colunas próprias para a anotação dos abonos e dias perdidos. Com este livro, tudo se explica e aclara no acto das contas.

* * *

Ao aproximar-se o S. Mateus as parolices nas herdades e aldeias versam principalmente sobre a mudança ou continuação da *família* anual nas lavouras do sítio.

Sobre tão momentoso e palpitante assunto, fantasiam-se conjecturas, sugerem-se mexericos, avolumam-se despeitos, propalam-se boatos e inventam-se carapetões, tudo a propósito de saídas e entradas do numeroso pessoal que então *encima*.

Todos os que servem no campo (e até os estranhos) querem saber uns dos outros e daí o acervo de petas que voam de herdade em herdade num torvelinho de comentários. Tanto se inventa e fantasia sobre este assunto, que à época essa chamam-lhe o *tempo das mentiras*. «S. Mateus à porta, *trapacices* às carradas».

Mas as mentirolas só medram até ao dia de contas, em que tudo se esclarece. Grande dia; com que impaciência se aguarda! Afinal, chega. É, como disse, a 21 de setembro.

Logo ao nascer do sol, os de ano, que saem, largam as ocupações de que imediatamente tomam posse os que entram de novo. Posse apenas, que o dia consagra-se às contas.

De manhã cedo (senão de véspera à noite), o lavrador assentado à banca, munido do livro dos assentos e da folhinha, faz as contas aos criados, pagando a um por um, à maneira que vão chegando. Os que pelo seu comportamento ou serviços especiais merecem galardão, costumam receber maior ou menor gorgeta, que se dá segundo a ocupação, o mérito e a simpatia. Os gratificados usam dizer: — «Meu amo teve um olhamento comigo».

O abegão e o maioral das mulas assistem respectivamente às dos seus subordinados para esclarecerem quaisquer dúvidas sobre adiantamentos e dias perdidos. Se assim mesmo surge alguma que se não consegue aclarar resolve-se geralmente a favor do serviçal para cortar atritos.

Os que saem a bem, quando recebem a soldada, dizem para o lavrador:— «Queira desculpar meu amo, se o não servi à sua vontade». O lavrador responde como julga a propósito. E se fica com saudades dele, acrescenta:— «Vai com Deus... a porta fica aberta». Faz-lhe perceber que pode voltar na primeira oportunidade.

Outros criados recebem e cumprimentam com as seguintes palavras:— «Nosso Senhor lhe dê muito para dar a ganhar aos pobres». Ou por este outro modo:— «Deus nos dê saude, meu amo: a vocemecê para o dar, e a mim para o ganhar». E o amo redargue-lhe:— «Obrigado. Deus te ouça».

Se além das soldadas têm recebido do amo quaisquer favores importantes usam muito da seguinte frase:— «Nosso Senhor lhe pague, que eu não sou capaz»— E como não é capaz, endossa a letra à Divindade, ficando quite com o amo e de consciência tranquila para não mais se lembrar do obséquio. Interpretação chistosa de um falecido lavrador que muitos factos corroboram.

Não obstante é claro que agrada sempre toda e qualquer expressão de respeito e reconhecimento, por banal que seja. Os criados antigos não se eximem ao cumprimento desses deveres. Os novos já afinam noutra diapasão. O maior número está nas tintas, para semelhantes etiquetas.

* * *

Ultimadas as contas todos se vêem com o seu pecúlio. Muitos vão logo pagar o rol ao sapateiro e os bicos que devem pelas vendas e lojas. É um dia de pagamentos e cobranças em que o dinheiro gira a rodo nas aldeias como em nenhum outro do ano. Abençoado S. Mateus!...

À tarde ou no dia seguinte de madrugada, amos e criados todos marcham para a romaria e feira do S. Mateus, em Elvas. Os serviçais vão celebrar com folguedos e farneis o mourejar de um ano inteiro. Ali, nos subúrbios de Elvas, no Senhor da Piedade e no rocío do Calvário, expande-se em grupos multicores, um povo trabalhador, na legítima folgança de horas fugidias que lhe parecem minutos. Junto dos *churriões* e outros «carros tapados» que pejam o terrado, estendem-se os *panos* alvíssimos e come-se à farta, em grupos de famílias, com íntima satisfação. À noite regressam aos lares, e a 23, de manhã, iniciam-se as lidas do novo ano agrícola, voltando todos aos hábitos normais.

Os moços começam logo a pensar na pândega do «S. Mateus» que vem.

Salários Regulam-se pelos seguintes, por dia e homem: De 21 de setembro a 8 de dezembro (sementeira) 160 a 220 reis. De 9 de dezembro a fim de fevereiro (primeira época do alqueive) 120 a 140 reis. De março a maio, inclusive (segunda época do alqueive) 160 a 200 reis. De junho a meados de agosto (eiras) 160 a 280 reis. De meados de agosto a 20 de setembro (palhas e desmoitas) 140 a 180 reis.

O jornal vence-se diàriamente, mas estipula-se e paga-se às semanas ou quinzenas. O trato por quinzena de trabalho sem interrupção do domingo

intermediário, é uso geral durante as sementeiras e também no tempo das eiras em algumas zonas. No resto do ano ajusta-se e paga-se no fim das semanas e à jorna fixa por cada dia, pagando o lavrador ou o abegão, se este recebeu do amo. Como quer que seja o abegão assiste ao pagamento e, sendo preciso, informa dos dias que tem cada jornaleiro. Ao mesmo tempo, ao entregar-lhes a jorna despede-os logo, se os não quer. Mas se pelo contrário ainda os precisa, troca impressões com eles, para lhes conhecer o propósito. Costumeira banal de simples palavriado. Só depois, pelo dia fora e à tarde, nas tabernas e pontos de reunião das aldeias, é que abegões e sotas falam a «preceito» à gente de que precisam, abrindo-lhes ou não o preço por que hão-de sair.

No tempo das sementeiras e no do verão é demorado o ajuste. O trabalhador, ou só se decide à última da hora, aguardando maior oferta, ou trata-se sem preço, mas com a condição de receber pelo mais alto que se pagar. A maioria não sai sem preço feito e assim mesmo só o aceita quando vê que não pode obter mais.

No verão, e na freguesia de Santa Eulália, os salários não se definem antes da manhã do dia seguinte ao da folga, na praça da aldeia, onde a família se junta a discutir o caso. Ali «fazem praça», ouvindo as ofertas dos governos, por entre os comentários de ocasião. Dura isto até às sete ou oito horas da manhã em que se decidem a sair para onde melhor lhes aprás. O trabalho próximo, a simpatia pelo abegão, e o bom trato em alimentação constituem motivos de preferência.

Chegados aos serviços consideram-se justos, mas por qualquer ninharia quebram o compromisso e partem a semana ou quinzena, abalando à surdina sem sequer participarem ao abegão. O que às vezes motiva transtorno. Mas como é usual pouco se estranha, e tanto menos porque os que saem hoje de uma casa, dias ou semanas depois voltam para lá com igual semcerimónia. E como as abaladas são frequentes em todas, e os que desertam de umas lavouras vão logo para outras, substituindo-se assim reciprocamente, as vagas depressa se preenchem. Há apenas mutuação de caras, sem vantagem para ninguém.

De inverno acentua-se a estabilidade, não se discutindo preços. Vai-se com o tempo, que é o da abibe — uma avezita, magrisela e humilde, que em bandos arriba então ao Alentejo. Depois, de abril em diante, «quando vem a rola e canta o cuco», à família pica-lhe a mosca não parando em ramo verde. De mansa que estava passou a brava, tão brava, que aos *adjuntos* dos domingos e segundas-feiras para os ajustes da semana, por vezes se lhe chamam *touradas*. Força de expressão, está claro.

AUMENTO DAS SOLDADAS E SALÁRIOS

Nos últimos anos e por efeito do desenvolvimento da cultura cerealífera, as soldadas e salários têm aumentado bastante, sendo de presumir que ainda se elevem mais nos anos de boas colheitas.



PESSOAL DA LAVOURA
(Esculturas em madeira de Capela e Silva)

1 - Pastor; 2 - Ganadeiro; 3 - Cozinheiro; 4 - Guarda

Nos salários é onde a subida se acentua em maior escala. Sendo como são pagos em dinheiro, de contado, apenas, a diferença parece maior do que nas soldadas anuais com outras avenças. Nestas a subida é relativamente menor em reis. Mas como ao dinheiro se adicionam forras de géneros, searas e pastos, cujo valor também se elevou, não diminuindo as unidades que os representam, os vencimentos respectivos igualmente se avolumaram, embora continuem representados por regalias idênticas às anteriormente ganhas. Um moio de trigo é sempre um moio de trigo, mas o seu rendimento de hoje é maior que outrora. E o mesmo sucede com a *forra* de uma vaca, de uma égua, etc.

Com as soldadas a dinheiro sòmente, a alta dá-se em proporção idêntica à do salário. Em ambos os casos é grande, máximo nas sementeiras e colheitas, que se eleva a 40% a mais dos preços antigos de épocas análogas. De inverno também se nota o aumento mas em escala menor — 20 a 30% se tanto.

O lavrador sensato não se revolta contra esta melhoria de vencimentos. Pelo contrário, aceita o facto como justo e lógico na actualidade em que tudo vale mais que nos tempos passados. O que o agricultor deplora é a escassez do pessoal para as fainas agrícolas, que duplicaram ou triplicaram de intensidade, ganhando em aperfeiçoamento.

De verão sobretudo, seria impossível terminar as colheitas a tempo se não fossem os ceifadores das Beiras — os *ratinhos*, que afluem aos milhares, e as debulhadoras a vapor. As debulhadoras generalizam-se e facilitam-se de ano para ano, e não obstante, em cada nova colheita mais se nota a falta de braços, e consequentemente a subida do salário.

PARTICULARIDADES DE CADA OCUPAÇÃO

Guarda de herdades Entidade inconfundível, essencialmente típica. Cara de poucos amigos, emoldurada por suissas fartas, respeitosas, a quadrarem com o todo da estatura possante e autoritária.

Traz quase sempre mochila às costas e por vezes cartucheira à cinta e carabina ao ombro. Que a espingarda não a usa constantemente, por lhe parecer traste espaventoso, revelador de preocupações de defesa, que o *mundo* pode classificar de *receio* ou cobardia. Por isso o que é «homem» para mostrar o que pode e vale, empunha de preferência um nodoso pau ferrado, distintivo eloquente do seu famoso poderio. Verdadeira vara de justiça, mas de justiça sumária, temida como nenhuma pelos ratoneiros dos povoados.

O guarda de herdades tem como principal encargo a guardaria das searas, pastagens e montados das herdades «à sua conta», cumprindo-lhe coibir os abusos e invasões de toda a ordem, tanto dos serviçais e gados de seu amo, como do dos vizinhos e estranhos. Incumbe-lhe por conseguinte: vigiar com frequência dando voltas repetidas e trocadas, com intervalos de observação atenta — à espreita — nas melhores *avistadas* (outeiros de largos horizontes). Reprender os ganadeiros que abusam por si ou pelos gados que pastoreiam.

Acompanhar, até sair da guardaria, qualquer rebanho alheio que vá de passagem e «de canada», apressando-lhe a marcha para evitar logro de pastagens, com demoras cavilozas e chupistas. Participar ao amo as faltas dos ganadeiros e de outros que lhe estejam incumbidos. Largar ou guardar terra aos rebanhos com prévia consulta e assentimento do lavrador. Não consentir que os «mateiros» levantem chamiça, piorno, ou *arreigotas* de que se careça para o consumo da casa, ou que representem valor considerável. Governar as mulheres da monda, da bolota ou de outro serviço, não incumbido a encarregado especial. Fiscalizar as ceifas e gadanhas, sobretudo as ceifas, reparando na maneira por que vai o *corte*, a *atada*, a *enrilheiração* e o aproveitamento das espigas. Contar os feixes de feno nas gadanhas de empreitada, para dar conta ao lavrador das carradas a pagar. Manter em termos de recíproca vantagem a boa vizinhança estabelecida entre seu amo e os vizinhos, pelo que respeita aos limites de tolerância na entrada e permanência dos gados de uns nas terras dos outros. E finalmente olhar por tudo de que o encarreguem, procedendo com circunspeção, probidade e firmeza.

Poucos reúnem todos os requisitos necessários para o bom desempenho do lugar. Mas aquele que revela os mais essenciais já goza da estima dos amos.

Isto de guardas de herdades é ocupação em que se observam feitios diferentes, posto que em todos predomina a nota de valentia e sisudez. Alguns pecam por brigões e autoritários em excesso, ultrapassando os deveres da prudência com futilidades que chegam a degenerar em conflitos graves. Mas a par destes, encontram-se igualmente muitos outros de critério oposto, bem orientados, corajosos e sensatos. Sem alardearem pimponices de estrondo, mas colocando-se no seu lugar e a sério, respeitam-nos mais que os basófilas petulantes e comichosos. E ainda se vê outro género, contraste dos dois referidos, mas não menos curioso. Pertencem-lhe aqueles em que os actos desmentem as palavras. Pândegos, que «não vêem lobos pequenos», que só falam em ferir e espancar, mas que fogem às ocasiões como o diabo da cruz. Se por acaso, e contra sua vontade, se lhes depara ensejo para demonstrarem o que aparentam, esquecem logo as bravatas e ei-los mansos como borregos. Em geral também olvidam os deveres com igual facilidade. Do que resulta não criarem raizes na guardaria. Mal se denunciam, os amos põem-nos ao fresco para que procurem outra vida.

Que a ocupação é bastante espinhosa e a mais arriscada das do campo não resta dúvida. Todavia nenhuma há tão apetitosa e invejada. Cubiça que se compreende, decifrando o enigma.

O guarda de herdades, apesar dos perigos e ódios que o rodeiam e das responsabilidades constantes que sobre si pesam, goza ao mesmo tempo de certa importância que o envaidece. Livre do rigor dos trabalhos braçais, em que, geralmente, se empregava antes, passa a viver de «corpo direito» e a auferir *ganâncias* de alto valor, como nenhum outro criado. O que justifica o afã com que o emprego é disputado mal se suspeita a vacatura.

O lavrador de que se presume carecer de guarda novo, vê-se assediado por

toda a casta de empenhos e oferecimentos, a ponto de se sentir perplexo e atónito com a preferência. Por fim escolhe ou aceita um, sabendo de antemão que os preteridos ficam despeitados e quem sabe se inimigos seus. Pelo menos vinggar-se-ão, motejando da escolha e do escolhido em coro com os que por hábito e sistema se regalam em ridicularizar os guardas na ausência, sejam eles quem for. Chamam-lhes impostores, brutos, preguiçosos, etc. E comentam-nos assim: — «Parece-lhes que têm o rei na barriga!...» «Barofões impostores... já se não lembram do que eram...» «Bom ofício mas neja para mim... tenho bom corpo para trabalhar...» Estamos no caso da raposa às uvas...

.....

A soldada do guarda consiste nuns vinte a trinta e seis mil reis por ano, 30 a 40 alqueires de trigo ou 50 de centeio, os pastos de uma égua e os de uma burra, a residência gratuita dele e da família num monte pequeno dos do cómodo e o usufruto de qualquer quinchoso *tapadejo* ou curralório contíguo para a cultura de umas batatas, favas, couves, etc.

Mas o essencial é a forra da égua, que todos solicitam como principal objectivo das suas aspirações. Uma égua nas mãos de um guarda é um tesouro incalculável. Tratada a capricho nas melhores pastagens e até nos solos de bolota, essa égua, que pouco ou nada trabalha, pare quase todos os anos uma excelente cria muar, que rende aos 14 meses noventa a cento e quarenta mil reis.

As muares de ano mais desenvolvidas que aparecem na afamada feira de maio de Vila Viçosa, são por certo as dos guardas. Aí as vendem eles ordinariamente, se antes lhas não foram comprar à própria guardaria.

Na feira citada torna-se curioso ouvi-los aos grupos em *aporrias* e confrontos sobre os *mulos* de cada um.

A burra serve-lhes para cómodo pessoal e rendimento das crias. É pequeno, comparado com o da égua, mas ainda vale uns vinte a trinta mil reis.

Portanto, verba em dinheiro, crias e etc., etc., somam uma continha bem boa, própria a aguçar o apetite dos estranhos e fazer as delícias dos que a ganham. O que tem sorte com a égua, sai-se em média por cento e cinquenta mil reis, e anos há que topa a duzentos e arriba. É questão de cria. Se falha, se se aleija ou morre reduz-se a metade ou menos. Questão de sorte também. Uma *aventura*, como eles dizem. E acrescentam: — «A fortuna de um pobre está no traseiro de uma égua velha».

Os guardas arriscam a vida no exacto cumprimento dos seus deveres, mas sendo felizes, prudentes e cautelosos, vencem todos os atritos, e juntam suficiente pecúlio para velhice descansada. Conhecem-se muitos que compram pequenas propriedades.

Há porém que distinguir entre aqueles que ganham o que já disse e que são evidentemente os guardas típicos, e outros mais humildes de guardarias pequenas ou mal pagas, que só vencem quatro ou cinco mil reis mensais. Guardas de «manta às costas» no dizer picaresco do povinho. Como se dissessem: —

«Homens sem eira nem beira, que só possuem pau e manta». Uns valdevinos, que nada têm a perder.

No concelho de Elvas todos os guardas de herdades possuem alvará de guarda rural passado pela municipalidade, o que lhes dá o direito de acoimarem por transgressão de posturas. Por esse facto gozam o privilégio do porte de armas gratuito.

As lavouras muito grandes, ou de herdades dispersas, sustentam dois e três guardas.

Abegão ⁽¹⁾ Encarregado principal de todos os serviços desempenhados pela ganharia de que é mandante e cabeça. «Chavão da lavoura» no dizer de alguns campónios.

Porque o lugar é de alta responsabilidade, o lavrador preenche-o com pessoa capaz já exercitada no ofício, ou mete um novo, desembaraçado e fiel, que tenha «sentido» e revele «bom risco». A experimentar, entende-se: se dá, continua, e faz dele «um homem»; se não, despede-o no fim do ano.

O abegão só recebe ordens do amo, que o considera seu imediato representante nas fainas respectivas.

Trabalha conjuntamente com os camaradas, come com eles, mas pernoita à parte em casa própria, como referi na descrição dos montes.

No trabalho braçal o seu lugar é à direita da gente que dirige, mas às vezes coloca-se no meio para dar saída ao serviço com «o seu corpo» e o dos outros. Na lavoura toma a frente da *piscola* dianteira, escolhendo para si as duas melhores juntas de bois.

Em geral não alardeia exágeros de superioridade afrontosa sobre os subordinados. Deles saiu e com eles labuta, dando-se ao respeito mas sem grandes reservas e até com familiaridade.

Nestas circunstâncias compete-lhe:

Governar e dirigir a lavoura propriamente dita, as cavas, acarretos, eiras, desmoitas, etc. Dar as horas de agarra, as da comida e as da solta. Pôr a mesa, partir a *boia*, distribuir as merendas e bradar ao almoço e ceia no outono e no inverno.

Intervir na acomodação, abonos e pagas do pessoal, pela forma que enunciei nas soldadas e salários, e bem assim no reparo e assento dos dias perdidos.

Estimular o brio dos ganhões, animando-os no trabalho, captando-lhe as simpatias, dando-lhe bons exemplos, e sendo preciso, arrumando-lhe *ferroadas* a tempo, conforme as circunstâncias. Numa palavra, «saber lidar com a *família*, levando-a com geito».

Cumpre-lhe mais:

Com a ajuda do carpinteiro ou só por si, proceder à armação ou enganche das enteichaduras, nas vésperas de se principiar a lavoura «às *águas novas*».

(1) Em Campo Maior chama-se-lhe apeirador, dando-se o nome de abegão ao carpinteiro de carros.

Amanhar as mesmas enteichaduras no local da lavoura, substituindo as peças partidas ou gastas, por outras novas ou concertadas, que de propósito há de reserva. Talhar *apeiros, corneiras e brochas*, dos couros destinados à renovação da *apeiragem*, distribuindo a nova *correama* pela ganharia, afim de cada qual *amaciar* (surrar) as peças que lhe tocam.

Encozer os forcados de madeira logo que se tiram da lenha. Preparar os *manguais* e *encabar* as enxadas, enxadões e machados, lembrando ao amo a aquisição destes e outros utensílios. Tomar à sua conta a guarda e conservação da *apeiragem* e ferramentas. Acudir com a ganharia e com prontidão, seja a que horas for, a todo o incêndio que se manifeste nas herdades do cómodo ou nas dos vizinhos, ainda que estejam de mal com seu amo.

Prestar igualmente auxílio e socorro aos criados da casa que lho reclamem por motivo de doença, desastre ou morte de pessoas, reses e cavalgaduras. Prover quanto possa às ocorrências inesperadas, mandando participar ao lavrador, se o caso tiver importância. E enfim delegar no sota, boieiro ou ganhão de ano, quaisquer atribuições a que não possa atender e que eles saibam desempenhar. Como criado dos que mais se evidenciam, os abegões são discutidos por todo o pessoal, consoante as simpatias ou antipatias de cada um.

Eis uma amostra dessas apreciações:

Do que reputam desembaraçado e inteligente: — «Para governar *píscolas* e entender de terras, tem olho e sentido... Nenhum lhes dá melhor saída... sabe-lhe das voltas e das *quedas* como o primeiro... E apurado... neja como alguns de mãos grandes que atrapalham, sem preceito... E para carregar!... É cada carrada como *almiaras!*... direitas como fusos!... Pois numa eira é que se lhe vê o risco... Ele e quaisquer dois gatos voltam um calcadoiro num assopro!... E então com a pá nas unhas, fuma-lhe a venta a passar um moitão!... Liberal até ali!!!...»

Do sabedor, mas de fraco expediente: — «Sabe... mas muito atadinho... Um *coquinhas* que se enfeza por dá cá aquela palha... Não tem fígados para *ucharias* grandes... Pois para mandar, nunca se entende... tão depressa manda como *desmanda...*»

Do incompetente: — «Ele sabe lá ser governo!... E talhar serviços, como *pachaste...* Sempre contra a direitura... a nunca *encarrilhar*. Para tudo se quer sorte... Nunca passou de ganhão reles e agora a mandar *familha!*... Valeu-lhe o *paleio...* e as imposturices... Mas deixem-no, que há-de perder a aceitação!...»

Acontece que semelhantes juízos sofrem contestação dos que pensam o contrário, originando-se disputas acaloradas. Mas lá diz o rifão: *Cada cabeça, cada sentença...*

* * *

Vale de 150 a 170\$000 reis a soldada do abegão de uma lavoura grande. E em geral, baseia-se no seguinte: cinco a doze moedas, ou sejam 24 a 57\$600

reis; duas searas, uma de 6 a 8 alqueires de trigo ou centeio em sementeira e outra de dois a quatro alqueires de trigo ribeiro ou legumes; «pão» na eira entre 40 a 70 alqueires de trigo ou centeio; duas ou três carradas de lenha; uma ou «meia» cabeça na vara; pastos para uma égua, vaca ou burra. Em alguns concelhos vizinhos do de Elvas, também vigora a *forra* de pastos para uma junta de novilhos.

Em cada lavoura divergem as *adições* da soldada, devendo notar-se que por maior que seja, nenhuma abrange todos os porventos acima mencionados. O uso geral resume-se em dinheiro, seara, «pão na eira» e lenha. Tudo mais constitui excepção e resto de costumes antigos caídos em desuso.

Será escusado repetir que quanto maior é o ganho em reis, menos importantes são as *forras* e searas, assim como se as *achegas* são avultadas, reduz-se muito a verba a dinheiro. Regra invariável, sabida, tanto para a soldada de abegão, como nas de outros serviçais.

Sota É o substituto do abegão e coadjuva-o em tudo que possa e saiba. Por sua vez o abegão também o deve orientar nos serviços que desconheça. Nos trabalhos coloca-se na ponta esquerda, e na lavoura governa uma das *píscolas* à frente da ponta *guiada*.

Não havendo sementeiro próprio, é ele quem semeia e *embelga*, ou semeia somente. E também se incumbem de governar o *corte* das lenhas se para isso não há encarregado extraordinário.

De verão, se as eiras são duas, ele encarrega-se de uma. É afinal uma espécie de vice-abegão com as atribuições e responsabilidades inerentes.

A soldada do sota pode-se computar em 80 a 85\$000 reis, provenientes da verba em dinheiro e do «pão na eira».

Em geral o cargo de sota serve de degrau para abegão, posto que o não seja para os apoucados que nunca trepam arriba. Aquele que apanha a chefatura na própria casa onde serve, por efeito de o amo despedir o abegão antigo, conta logo com um inimigo no seu ex-superior. O qual, despeitado, diz dele o seguinte: «*Maroto... onzeneiro... não descansou enquanto me não arrebitou!... Alguém o arrebitará a ele!...*» Desabafos do estilo, tanto no caso presente como em outros semelhantes. Os criados de pensão despedidos pelos amos atribuem sempre o despedimento a intrigas dos companheiros de graduação. *Arrebitam-nos*, dizem.

Boieiros Costumam ser dois: maioral e ajuda. Ocupam-se na guardaria, apascentação e tratamento dos bois e novilhos de trabalho que compõem a boiada, e ainda nos serviços da ganharia, como adiante explicarei.

O maioral distingue-se do ajuda por ser o principal responsável na guardaria dos bois e por ganhar um pouco mais. Fora isto os direitos e deveres dos dois são análogos. A ambos e por sua altura, conforme a ocasião, compete-lhes dirigir a lavoura na ausência do abegão e do sota.

Apesar de ganadeiros, as suas referências têm melhor oportunidade entre os serviçais da lavoura, a que de resto pertencem também, e com quem estão em maior e mais frequente convívio. O facto de guardarem reses bovinas e trabalharem braçalmente, explica-se da seguinte forma:

A apascentação da boiada requer apenas um homem durante o dia. Mas como em algumas horas da noite nos meses de outubro a março são indispensáveis dois, e como a boiada trabalha geralmente de revezo, quer dizer a metade de manhã e a metade de tarde, sendo por isso necessário um homem para cada revezo, impõe-se a existência de dois boieiros em cada lavoura. Enquanto um trabalha, o outro guarda o gado.

O ajuda lavra com o revezo da manhã; o maioral com o da tarde. Se a lavoura é de *singelo* (o mesmo gado em todo o dia), costume que geralmente se usa apenas pela sementeira do outono, e não em toda parte — ou lavram os dois boieiros todo o dia, sendo as reses tratadas à noite por outro homem, ou eles próprios as tratam, revezando-se, com o auxílio de um rapaz — o *palheiro*.

Quando a lavoura está *parada* (interrompida) e o pessoal se emprega em outros serviços, anda-lhe sempre agregado um boieiro que trabalha como qualquer ganhão. Assim na semana em que o maioral vai para a ganhar a ajuda guarda os bois, para depois se inverterm os papeis, indo o ajuda para a *malta* e o maioral para o gado.

Aos boieiros compete: fornecer e pôr os chocalhos ao gado em harmonia com os usos; fazer o cachaço aos bois com tesouras suas ou emprestadas; distribuir as juntas pelos ganhões, depois do abegão, sota e eles guardadores escolherem para si próprios tendo o abegão a primazia. O ajuda reparte o revezo da manhã e o maioral o da tarde, pelo que é ao maioral que compete distribuir os novinhos de *amansia* pelos ganhões que julga bons para o ensino e *adomação*. Ele também amansa um ou dois em cada sementeira, escolhendo-os entre todos.

Maioral e ajuda, na lavoura e acarretos, cumpre-lhes fiscalizar o bom ou mau trato dos ganhões para com as juntas, repreendendo abusos, e indicando ao amo e abegão a conveniência de despedir os que sejam ásperos ou *maldosos* e conservar os *macios* e *geitosos*. Cumpre-lhes enfim concorrerem quanto possam para o bom passadio dos bois, erguendo-os a miudo na pastagem e preservando-os de águas estagnadas.

A profissão de boieiro é a mais penosa das que se exercem nas herdades do Alentejo. Mòrmente no outono e inverno, em que sofrem inclemências e incómodos tais que merecem desenvolvida exposição.

Em primeiro lugar não dispõem de choças nem malhadas que os preservem dos temporais! E não as têm por que precisam andar por diversos sítios grande parte da noite, *traiteando* os bois, ora na pastagem do *invernadoiro* ou da *coitada*, ora chegando-os à palha, ou ao feno, à rama, ao alcácer, etc. Cada coisa, ou parte delas, a hora diferente e às vezes em locais algo distanciados;

nuns, com o gado preso por horas, noutros, à solta, conforme a época, o costume, os recursos pascígoros, etc.

Por conseguinte tendo de estar «de vela» a maior parte da noite, enrou-pam-se quanto podem. Ao vestuário comum adicionam o clássico *pelico*, a *pelica*, os *safões* lanzudos, o *tapa-cu* e ainda o *casacão* ou capote aguadeiro de burel. Assim *ensamarrados*, munidos do guarda-chuva azul (inovação recente) e do indispensável *cacheiro* (cajado), passam a noite de àlerta, excepto nos intervalos de descanso. O que medeia desde a *socega*, à entrada da noite, até às 10 horas, e o da madrugada. No tempo restante, mal dormitam *cabeceando*, se tomam a sério a *traiteação* dos animais.

Nas horas de descanso, dormem em qualquer *abrigada* de ocasião, onde acendem lume. Aí, ao relento, envoltos na *copa*, estiram-se, de forma que os pés, resguardados pelas botas ou sapatos de atanado, recebam o calor da fogueira, único meio de atenuarem o rigor do frio. Mas mesmo então, por vezes, interrompem o repouso para cuidarem do gado.

Às 10 horas levantam-no para *repastar* livremente no próprio *inverna-doiro*, ou para o chegarem à palha, ao feno, rama, etc.

Decorrido o tempo do *repasto*, costuma-se apartar o revezo da manhã do da tarde, para assim em separado descansarem de novo. É a hora da *madorna*.

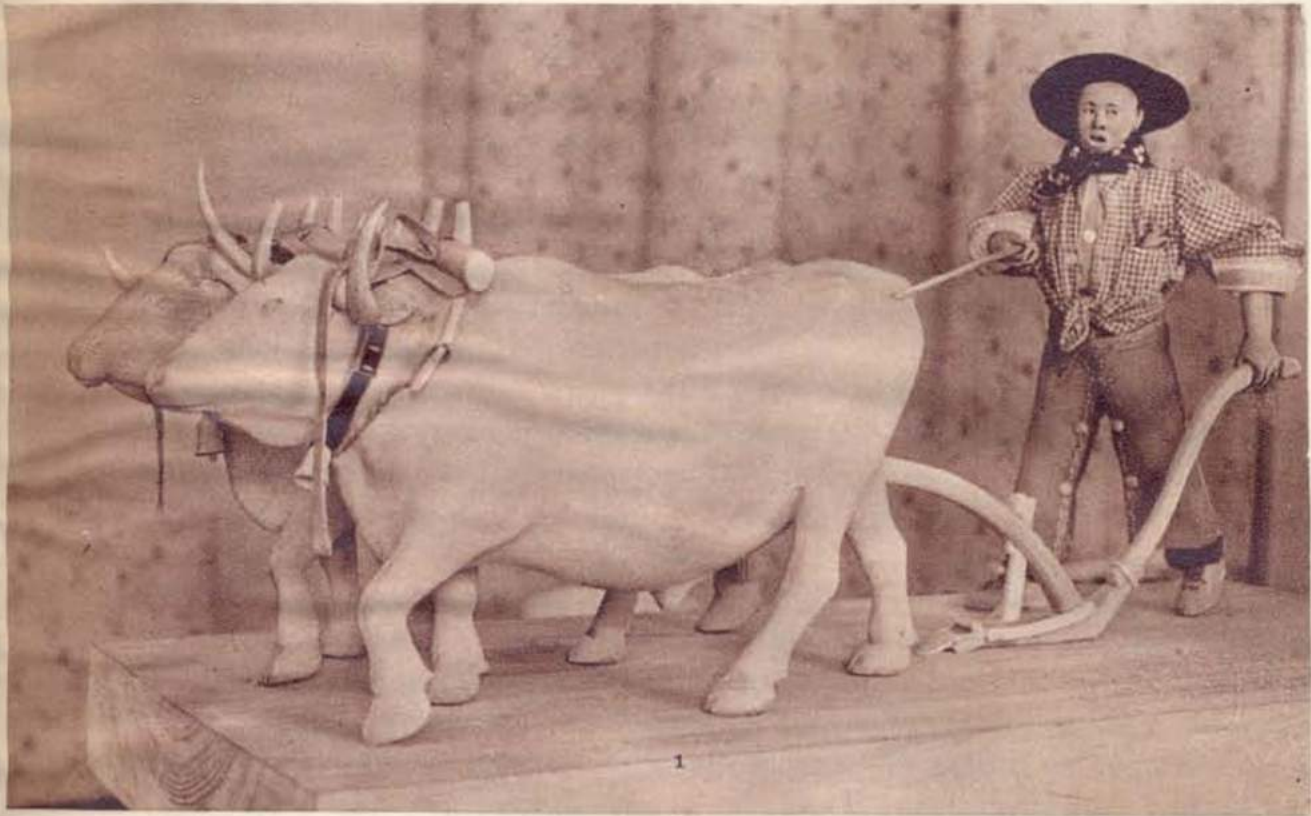
Enquanto o gado *amadorna*, o ajuda pega no competente tarro de cortiça, põe o cacheiro ao ombro e vai ao monte buscar a assorda para ele e o maioral almoçarem no mesmo tarro ali arrimados aos bois.

No acto da apartação, succede em noites escuras tempestuosas, faltar um ou outro boi que se escapou acossado pelo temporal ou que por guloso fugiu para melhor pastagem ou para alguma *folha*.

Se o extraviado pertence ao revezo da manhã, prestes a ir trabalhar, ao ajuda compete procurá-lo e trazê-lo imediatamente. Dada a hipótese, a missão considera-se espinhosa, atenta a escuridão da noite. Mas como se impõe, o boieiro parte a desempenhá-la, esperando auxílio no chocalho do fugitivo, cujo toque conhece de longe como os dos outros das demais reses. Sem embargo pragueja-se e maldiz a oficina e a hora em que a agarrou.

Prosseguindo nas sagas do *badio*, aqui se atasca, além caí, adiante tropeça, acolá esbarra, mas lá segue de *trouxo mocho*, caminhando e escutando, escutando sempre... Ouve enfim um chocalho... Escuta... é o dele, o do *almadiçoado* que o fez andar às aranhas, aos *baquinázios*, altas horas da noite, escura como breu!... — «Ah boi de um filho de curta!... já mas pagas!...» — exclama o encolerizado homem, apressando o passo, até lobrigar a rez.

O boi, ouvindo aquela voz tão sua conhecida, levanta a cabeça, e, instintivamente, principia a caminhar em direcção às *camas* dos companheiros. Mas o guardador não lha perdoa. Como *lembrete* dirige-lhe novas e mais retumbantes ameaças por entre cacheiradas certeiras que alcançam o fugitivo; este, escaramentado e receoso, abrevia a marcha, submentendo-se em absoluto.



PESSOAL DA LAVOURA
(Esculturas em madeira de Capela e Silva)

1 - *Ganhão com a junta* ; 2 - *Ceifeira* ; 3 - *Amanhador*

Se por ventura não aparece a rez ou reses perdidas, o infeliz ajuda fica ainda de pior humor, não tanto pelo facto em si, como pela circunstância de que o malogro dos seus passos desacredita-o bastante. Sabe que em chegando aos arados sem um dos bois do costume, as suas barbas ficam envergonhadas diante da ganharia. Mas tem de se aguentar, cumprindo-lhe substituir o ausente por outro que sobeje ou por um dos do revezo da tarde.

Em tais circunstâncias o maioral aguarda o dia para, em aclarando, ir à cata da rez estraviada, como igualmente faria sendo do seu revezo. Encontrando-a, tem o direito de a conduzir à lavoura para se agarrar ao arado e ser solto o boi que a substitui. Isto traduz um *ataque* para o camarada e portanto só em casos imperiosos ou por pirraça recorre a esse extremo. Mas se recorre aumenta o vexame do ajuda que assim fica exautorado. ⁽¹⁾

.....

Entretanto termina a *madorna*, aproxima-se o alvorecer. É a hora do ajuda marchar com o revezo para os arados, onde têm de chegar antes de luzir a manhã. Cedo sempre, chova ou não. Por consequência ei-lo a postos, de cacheiro em punho a reunir as reses. E para as pôr em andamento, solta o clássico assobio, sinal de partida, a que os bois obedecem. Se algum se esquiva, logo o cacheiro cai sobre ele, lembrando-lhe o dever. E partem todos, homens e animais.

Os pacíficos ruminantes caminham devagar, pausadamente, ao som dos chocalhos. As *mangas*, os *campanilhos*, as *sem-serras* e os *esquilões*, toda a *loiça* enfim, compõem uma orquestra atraente, que o silêncio da noite faz ecoar ao longe pelos outeiros e encostas. É a alvorada do campo, hino do trabalho que por muitos minutos emudece o piar agourento das aves noturnas.

.....

Com o referido, deixo relatados os costumes dos boieiros na época da sementeira outonal. Alguns representam deveres penosos que se agravam frequentemente com os rigores das chuvas ou do frio intenso, próprio das noites grandes, de geadas de arrear.

De dezembro em diante, a chegada dos bois à lavoura é menos cedo; mas os restantes deveres subsistem na essência com escassas variantes até à primavera.

Nas lavouras de singelo ou de revezo em que os bois se tratam à mão, recolhidos em cabanas, a vida de boieiro é incomparavelmente menos incomodativa. Mas esse costume é tão fora do comum neste canto do Alentejo, que poucos ganadeiros lhe gozam as vantagens. Como se sabe, prevalece a apascentação de regime manadio, que demanda sacrifícios e resistência singular.

Com efeito nenhuma ocupação há no campo tão espinhosa e ingrata. Todos se recusariam a desempenhá-la se a via dolorosa das noites aspérrimas,

(1) Costume antigo da freguesia de Santa Eulália caído em desuso.

em cuidados incessantes, se prolongasse pelo ano inteiro. Felizmente não se prolonga além de março.

A primavera e o estio, garantem aos rústicos boieiros algumas semanas de «boa vida», em que se desforram do passado num repouso tranquilo. De dia principalmente, dormem horas e horas, de barriga para o ar, à sombra agradávelíssima de azinheiras ramalhudas. À parte o período dos acarretos, têm então uma temporada de descanso, legítima indemnização de passados sofrimentos. Merecem-na bem, coitados.

.....

Soldadas: sendo a dinheiro regulam entre 84 e 86\$400 reis por ano e homem, ou seja a *moeda e meia* por mês. Outros vencem seis ou oito moedas (28\$800 a 38\$400 reis) e 60 alqueires de trigo ou centeio. Tendo na seara e pão na eira (costume quase banido) ganham 14\$400 reis, searas de seis a sete alqueires de sementeira e 40 alqueires de trigo ou um moio de centeio. Noutros casos falta a seara e o pão na eira, mas cada boieiro vence o pegulhal de uma junta de novilhos. Cada um compra dois bezerros de ano, que vende aos dois anos, lucrando a diferença de preço.

Ganhões São os moços da lavoura pròpriamente dita e de outros serviços, como cavas, acarretos, eiras, etc. Acomodam-se e ganham pela forma e preços que referi nas *Soldadas e salários*.

A colectividade que os agrupa denomina-se *ganharria* ou *malta*.

Saídos de ajudas de entregues de gado, ou de *paquetes*, por vezes figuram na ganharria rapazes adolescentes de 14 a 16 anos, se o serviço é de molde a tais principiantes. Mas esses *galuchos* só se consideram ganhões, depois de lavrarem «de efectivo» toda a época de uma sementeira outonal. Os que alfim passam por semelhante prova dizem muito lisongeados: — «Este ano já fiz uma sementeira!!...» Como se dissessem: — «Agora sim que sou gente!... recebi a *alternativa* de ganhão!...»

Entre os ganhões de uma casa pode haver duas categorias: os «de pensão» e os *rasos*.

De pensão é porventura um ou outro anual que se acomoda com a obrigação de em certo tempo destacar para tal ou qual serviço extraordinário, ou para fazer de encarregado interino por impedimento ou abalada de qualquer «governo» efectivo.

Os *rasos*, ou de *mãozeira*, ⁽¹⁾ *temporeiros* e de *dias*, compõem a quase totalidade e, em regra, sempre se ocupam nos trabalhos ordinários, sob as ordens e vigilância do abegão e do sota. São a massa anónima das centenas de indivíduos que se sustentam das herdades. Delas saem todos que por mérito ou favor ascendem a «governos» ou *cabeças*, e nela rastejam sempre muitos outros mais

(1) Chamam-se de *mãozeira* por trabalharem o mais do ano à mãozeira do arado — à *rabiça*, como se diz noutras regiões.

humildes e infelizes que nunca logram melhor posto. O ganhão raso é simplesmente máquina de trabalho, para que só se exige robustez e um bocado de compreensão. Ganha pouco em relação aos que o mandam, mas não se sente assoberbado por incumbências difíceis. Trabalha se o mandarem e fiscalizarem: se o deixarem, como não tenha brio excepcional, mandreia à grande e sem escrúpulos.

De qualquer maneira em lhe dando a *solta*, só pensa em si, se pensa. O seu viver é tão humilde e ignaro que lhe não consente cuidados. Para que, se está cõscio de que nunca passa de ganhão, sem esperança de subir!... E assim adquire uma rudeza de independência e desassombro que bastante se acentua quando o pessoal escasseia. Isto pelo menos nos de idade adulta, na força da vida, que se julgam válidos para «um tudo». Este «um tudo» quer dizer que se consideram aptos a botar mão de todos os serviços do campo, que são de uso e costume.

Fora das sementeiras outonais e das colheitas, em que tudo acode a ocupar-se nas ganharias, no restante do ano a melhoria do pessoal deixa as lavouras para servir de *jorna* nas lenhas e cavas.

Maioral de mulas Encarregado principal das parelhas de muares que trabalham ao carro, arado e grade. Como emprego de responsabilidade importante, escolhe-se para ele homem prático de bestas, «avezado a arreatas», com tacto para dar saída aos serviços e tino para mandar. Tomando à sua conta os outros carreiros, destina-lhes o trabalho, fiscalizando-os no tratamento do gado e no mais que esteja sob as suas vistas.

Pela sua parte lida igualmente com uma parelha — a melhor, na maioria dos casos — colocando-se no lugar da frente.

Compete-lhe mais: de acordo com o lavrador, distribuir as parelhas pelos camaradas, de modo que as *unhas*, *geito* e *astúcia* de cada um, correspondem às aptidões, instintos e apreço dos animais que se lhes confiam. Alterar o emparelhamento das parelhas quando as circunstâncias aconselhem e com prévia consulta e aprovação do amo. Ser madrugador na «hora de agarra» e despachado nas caminhadas e na lavoura.

Reparar no número e importância dos carreguios dos géneros que transporta por si ou pelos seus imediatos, para dar conta exacta ao amo.

Cuidar do arraçoamento e limpeza do gado, e bem assim de o levar e mandar ir ao ferrador por ocasião das folgas e quando seja indispensável. Fazer o cachaço às parelhas (tosquiá-lhes o pelo do pescoço), e lembrar ao lavrador a conveniência da tosquia durante as respectivas épocas (primavera e outono). Participar-lhe igualmente qualquer doença, manha ou aleijão que apareça em uma ou outra muar. Amansar as serreiras, educando-as com paciência, se não se incumbe a amansia a outro. Zelar pelo asseio da estrebaria e pela conservação dos carros, cangas e mais utensílios — cabrestos, burnis, mantas, apeiros, barrigueiras, arreatas, etc., etc.

O maioral das mulas ganha anualmente umas oito a dez moedas, (38\$400 a 48\$000 reis), um moio e oitenta alqueires de trigo, seara de três a quatro alqueires de legumes e uma ou duas carradas de lenha, senão toda a que precisa para seu consumo. Ganhando dinheiro somente, regula aí por 80 a 90\$000 reis ou mais se a pensão é grande, quero dizer se tem muitas parelhas e carreiros a dirigir.

Entre o maioral das mulas e o abegão torna-se frequente certa rivalidade, resultante de ambos serem «governos» e não mandar um no outro. O abegão apregoa que as parelhas comem muito e trabalham pouco; o maioral farta-se de dizer, que as mulas andam sempre num sarilho e são a rodilha de todos...

Ajuda do maioral das mulas É o substituto do maioral para todos os efeitos. Como ele, trabalha igualmente com uma parelha boa, cumprindo-lhe coadjuvar o seu chefe e camarada em tudo que lhe esteja ao alcance. Ganha uns 72 a 78\$000 reis anuais, ou menos em dinheiro e coisa de 30 a 40 alqueires de trigo.

Geralmente, o ajuda costuma «andar» com a parelha que pucha ao carro, de cómodo pessoal para o lavrador e sua família. Esta circunstância, se por um lado lhe cerceia um pouco as folgas dos domingos e o obriga a trajar melhor nas ocasiões de saídas com os amos, por outro, proporciona-lhe muitos mais dias de *buena*, desferrando-se à grande, com fartas comezainas inerentes à ocupação. Sair com o lavrador e sobretudo com a lavradora, a visitar parentes, ou a romarias e compras na cidade, é caso para bater palmas. E tanto assim que o carreiro de parelha escolhida para esses actos é sempre invejado pelos companheiros. Se por ventura a missão se confia a outro que não seja o ajuda ou o maioral, mais se agrava o despeito. Sabem perfeitamente o que aquilo deixa para quem gosta de trabalhar pouco e comer bem.

Uma pechincha, que o arvorado em cocheiro procura conservar, «fazendo as vontades» aos amos. Que é como quem diz ser «bem mandado», diligente e sobretudo afeiçoar-se aos meninos da casa, entretendo-os com lérias e festas.

Com tais requisitos não perde a papinha de conduzir os amos e vários adventícios, de que recebe boas espórtulas. Como o não hão-de invejar os companheiros! Esta acumulação de carreiro de trabalho agrícola e condutor de carro para cómodo pessoal, só se usa nas lavouras pequenas e nas medianas. Nas grandes, há carro e criado próprio para transporte dos lavradores e familiares.

O ajuda ganha uns setenta e dois a setenta e oito mil reis anuais, ou menos em dinheiro e coisa de 30 e 40 alqueires de trigo.

Carreiros ⁽¹⁾ Embora esta denominação seja também comum ás duas entidades últimamente referidas, emprega-se contudo de preferência para indicar os imediatos a aqueles, os carreiros *rsos*, que andam e trabalham com

(1) *Mulateiros*, lhes chamam nos concelhos do Crato, Alter do Chão e outros.

parelhas sob a vigilância e direcção dos encarregados competentes. A uns e outros também se lhes chama almocreves.

Cada simples carreiro ganha aproximadamente uns 58 a 65\$000 réis anuais.

Todos, incluindo maioral e ajuda, untam os rodados dos respectivos carros, e todos tratam e limpam a parrelha com que trabalham. Na primavera, tempo em que as bestas se sustentam a alcácer ou verde, durante a noite, esse tratamento faz-se por escala entre todos os carreiros, ficando um de plantão em cada noite. E de manhã cedo, «antes de agarrarem», vão ceifar o verde de que precisam.

No mês de maio, se as parrelhas passam as noites «a prado», dormindo e comendo ao ar livre no campo, como por partes se usa agora, os carreiros pernoitam próximos, ficando um de plantão a guardá-las. Se isso se não incumbe a guarda especial, o que é de maior conveniência.

Os carreiros e parrelhas folgam nos mesmos dias que os ganhões, salvo quando surgem afazeres urgentes, inadiáveis, imprevistos ou extraordinários. Para semelhantes casos não há domingos nem dias santos. Em compensação passam o mais do tempo, *repimpados* na taleira dos carros «com os pés no ar» no dizer dos seus émulos ganhões, que assim os comentam vendo-os de tal modo. E se vão de pé, muito direitos e firmes, sobre os carros vazios, em doidas *corrimaças*, como usam frequentemente, os outros que mourejam com o seu corpo, mais lhes gabam o ofício. Os gabados vibram então arreatadas tezas sobre as parrelhas que dirigem e a correria torna-se vertiginosa, para mais lhes realçar as prosápias equilibristas. Pimponices imprudentes, às vezes funestas.

* * *

Carpinteiros Ocupam-se na construção e concerto de carros, arados e demais alfaiais agrícolas de madeira.

Além dos afazeres profissionais encarregam-se de outros estranhos de pequena demora, como por exemplo a medição do cereal para o moleiro reduzir a farinha, e o seu peso ao chegar do moinho. ⁽¹⁾

Outrora os carpinteiros comiam à mesa do lavrador. Hoje comem à parte, alimentação igual à dos familiares do monte, melhor que a dos serviçais do campo.

No verão além do almoço, jantar e ceia, merendam às quatro ou cinco horas da tarde.

Nuns montes pernoitam de portas adentro em leito confortável, outros dormem na cabana, em tarimba provida de colchão de lã.

As grandes lavouras ocupam dois carpinteiros em todo o ano, as medianas, remedeiam-se com um efectivo, e as pequenas servem-se também com um que trabalha às semanas, alternadamente, em duas ou mais casas.

(1) Nalgumas casas este serviço compete ao cozinheiro ou amassador.

Na época do *falquejo* (desbaste a machado das madeiras a empregar) é frequente a aquisição extraordinária de oficial a dias.

Os carpinteiros anuais vencem a soldada a 100\$000 reis aproximadamente, e comida, é claro. Justos «a seco» como só por excepção succede, ganham uns 180\$000 reis por ano ou mais.

Por um ou outro sistema, se também vencem trigo na eira e forra de égua ou de burra, *adições* de suma vantagem que só obtêm os mestres de confiança, de aptidões notórias, — a soldada a dinheiro, diminui bastante, mas menos do equivalente à importância dos porventos. É tanto que se usa calcular o valor dos pastos de uma égua entre 18 a 20\$000 reis, e os de uma burra aí por 6 ou 8\$000 reis, quando está averiguado valerem ambos muito mais.

Os que trabalham de jornal, sem ou com permanência fixa, vencem 300 a 340 reis e comida, ou 500 a 650 reis secos, conforme a quadra do ano e as necessidades.

Os carpinteiros gozam de certa consideração, já por serem menos rudes que os homens do campo e vestirem com outro asseio, já por se darem ares de alguém, superior à ralé miuda. Como «oficiais de ofício», não reputam favor o tratamento de «mestres» que todos lhe dão. Mestres carpinteiros, mas de obra grossa, «de machado e enxó» para se não confundirem com os de «obra fina». No concelho de Campo Maior nem carpinteiros de machado lhe chamam. Conhecem-nos por *abegões*, dando ao verdadeiro abegão, o nome de *apeirador*.

Cozinheiro As suas obrigações divergem de umas para outras lavouras. Se o lavrador e sua família reside no monte o cozinheiro acumula as funções de amassador, sempre que o movimento da cozinha e amassilho não exijam dois homens, um para cada mister. Se porém o amo reside fora da herdade, a acção do criado, com ou sem auxílio de amassador, é sensivelmente maior e mais honrosa. Por que nesta hipótese não se restringe a fazer assordas e olhas mas também é o encarregado do monte, fiel e dispenseiro de tudo que nele se encontra de portas adentro, e ainda no exterior, como galinhas, bestas de carga, cevões, etc.

Assim, além da cozinha e asseio das vasilhas, avia mantimentos, recebe a farinha do moleiro, entrega rações, cuida das galinhas, dos porcos do chiqueiro, das bestas de albarda, da condução do leite das cabras e do fabrico do queijo respectivo. Se pode, vai nas segundas-feiras aos mercados de Elvas, a vender ovos, galinhas, queijos, etc.

Nestes serviços é coadjuvado por um *paquete* (rapaz de mandados) ou pelo amassador (havendo-o), ambos seus subordinados. É igualmente o auxilia a sua própria família, se reside com ele no monte, como acontece em algumas lavouras, embora poucas.

O lugar de cozinheiro com a permissão de ter a mulher e filhos consigo no monte, é bastante cubiçado e faz com que o indivíduo se sujeite a uma soldada pequena na aparência, pois que na realidade torna-se grande por incluir o sus-

tento de duas ou três pessoas mais, o que traduz benefício valioso para o serviçal e onus de vulto para o amo. Mas este prejuízo fica em parte compensado pelo asseio, ordem e importância da criação de aves, que se nota nos montes onde vivem mulheres, incomparavelmente superior à dos só habitados por homens e rapazes.

Como quer que seja, o cozinheiro arvorado em chefe do monte, julga-se com razão creatura bem cotada, e como tal toma certa superioridade sobre os que o rodeiam. Isto e o conceito que ele merece ao amo, desperta a inveja da criadagem vulgar, que o malsina quanto pode. Mas se lhes preparar bem a comida, os aleives caem por terra com a defesa calorosa dos sensatos e justicheiros.

Entre os cozinheiros dos montes encontram-se tipos curiosos, originais. Um conheci, rabujento por sinal, que tinha pancada para a astrologia. Além de conhecer e discutir a fundo a nomenclatura popular das estrelas, no que falava todas as noites, — também se entretinha com as previsões do tempo, dando sota e ás aos parceiros da especialidade. Aquilo era melhor que o Borda d'Água. Pelo que dizia, dispunha de auxiliares preciosos para os seus vaticínios. Como principais, apontava certo galo preto, de crista romana, o velho burro de lançamento — o Brandão — e a Farrusca, *gatorra* feia e arisca, que se assanhava por qualquer coisa. Assim, em o galo cantando «fora de horas», duas noites consecutivas, em o burro aparecendo de orelha murcha, e a gata se não arredando da chaminé, de rabo voltado para o lume, — palpitava-lhe mudança de tempo. E se a estes prenúncios conjugados reunia outros, como rabiarem-lhe os calos, bocejar e doerem-lhe as costelas — «coisa como ponta de *flato*» — então, estava sabido, era chuva a cântaros. Se não viesse nesse dia, viria depois, ou no outro quarto da lua. E acrescentava, corroborando: — «As purgas não obram logo... e as luas fazem *enfeto* três dias antes e três dias depois...»

Outro havia com bossa para os ditos enfáticos, sentenciosos, que lhe davam foros de tribuno entre os ganhões a quem impingia as arengas. Probo, adoutrado e parlador, era igualmente forreta e sovina. Depois de estar doente perto de três anos, indo ao hospital como enfermo mendigo, morreu em casa de uma enteada, coberto de farrapos, mas com vinte libras no bolso.

Por último aludirei a terceiro, verzejador de fama, que se entretinha a cantar o fado e a esgarrada, quando os afazeres lho permitiam.

Entre os serviçais do campo, o cozinheiro é dos mais difíceis de encontrar em termos. Não porque tenha de preparar iguarias finas, está claro, mas por muito convir que esteja à prova de fiel e asseado, mórmente se acumula as funções de encarregado do monte. Por conseguinte, embora seja fácil a sua aquisição, poucos reúnem os predicados necessários.

A soldada varia conforme a pensão e as vantagens inerentes. Os de muitos encargos e de boa reputação, saem-se por 72 a 84\$000 reis anuais. Há-os que

vencem seara de legumes, obtendo por obséquio outra de batatas ou favas nos arredores do monte, de que eles próprios cuidam nas horas *vacantias*.

Amassador Este cargo também requer indivíduo probo, com asseio e prática do ofício. O que o desempenha com acerto, entra no número dos que o amo particularmente aprecia e dos que mais procura conservar.

O amassador cumpre-lhe fazer tudo que diz respeito à armazenagem e peneiração da farinha e ao amassilho, tendição e cozimento dos marrocates (pão de centeio) e das *perrumas* (pão de sêmea para cães).

Estando o lavrador no monte, também fabrica o pão branco para os amos, e o ralo para o restante pessoal caseiro, como carpinteiros, criadas, etc.

No preparo das diferentes variedades de pão, e sobretudo no dos marrocates, precisa ter a máxima cautela. O bom fabrico impõe-se tanto por convir à alimentação dos serviçais, como para evitar que eles os desperdicem e estraguem de propósito, o que geralmente praticam quando lhes não agrada. Sabe-se que em o marrocate sendo ruim, os ganhões só lhe comem a côdea, inutilizando-lhe o miolo, de que chegam a fazer bolas que espetam nos chavelhos dos bois, como protesto de justo e insofrido ressentimento.

Na actualidade é raríssima semelhante manifestação. Hoje existem melhores amassadores e todos porfiam em manipular com apuro. O que isso não consegue deixa o lugar, se antes o não despedem.

A soldada oscila entre 60 a 72\$000 reis anuais, tendo ou não seara de legumes e porventura uma carrada de lenha.

Paquete É o rapaz dos mandados, que se ocupa em ir aviar encomendas às localidades e em conduzir o leite das cabras para o monte, se o bardo fica perto. Também lhe incumbe o acarreto da água para os gastos caseiros, se isso não é feito por parilha de muares, em carro de pipa grande, como geralmente se usa.

Para a grande maioria dos seus afazeres trata e serve-se de uma ou duas bestas que trabalham de albarda e carga, ou de tiro, em carrinho de varais. *Bestiagas* de pouco valor, que se vêem numa fona com as diabruras do rapazelho. Com presunções de *escalda* e atrevido — burro ou muar que lhe caia sob as pernas, por *tanjão* e paciente que seja, ele o despertará pondo-o ligeiro e sentido. Sob pena de o zurzir sem piedade às ocultas dos superiores. São assim os paquetes. A convivência com muita gente torna-os ladinos e manhosos, perdendo o feitio bronco dos rapazes de menos roço.

Mandalete por todos mandado e esfregão de muitos, por vezes se insurge contra a tutela, e mais se experimenta o castigo de um soco.

Nessa altura há-os tão atrevidos, que não hesitam em responder com a frase de efeito, que por conceituosa, é bastante conhecida. É a seguinte: — «*Bata à vontade!... mas olhe que os chaparros crescem, e as azinheiras mingam...*» Ao que, às vezes, lhe contestam: — «*Pois, sim... mas enquanto os*



PESSOAL DA LAVOURA
(Esculturas em madeiras de Capela e Silva)

1 - O vaqueiro; 2 - Mulher da monda; 3 - Ceifeiro; 4 - Gadanheiro

chapparros não crescem... as azinheiras é que vogam...» Ou por outra:— «*Está bem... mas olha que os chapparros precisam de criação!... E então apanha lá mais este para te ires criando... que a azinheira por ora não mingua...*» E em seguida o homem figurado por azinheira, pespega no suposto chaparro, um novo murro, que mais o enfurece.

Esta rudeza de trato e a modéstia do emprego, faz com que o paquete pronto aborreça o lugar. Aí, aos 15 anos, mal sonha com brios de homem, aspira a carreiro ou ganhão, o que afinal consegue, metendo empenho ao amo ou aos filhos, com quem brinca e melhor se entende. Se o não promovem, mosca pela certa, batendo asas para onde lhe cheira coisa melhor.

O paquete ganha entre 1\$800 a 2\$000 reis mensais. Sendo muito novo e de pouco préstimo, vence 1\$200 a 1\$500 reis.

Criado dos cavalos Tratador das cavalgadas de sela e garanhões, acumulando as vezes de picador, moço de recados e de companhia do amo, nas jornadas distantes, a cavallo. Também em algumas casas faz de ferrador, se tem luzes do ofício. Homem enfim, de várias lidas, conhecido por criado grave entre a maioria do pessoal campónio, que, se o pretende ridicularizar ou deprimir, também lhe chama *cavalista*, como que a confundi-lo e emparceirá-lo com o *lançarote*.

Antes em todas as lavouras de grande movimento, havia essa entidade. Hoje, em poucas ou nenhuma se encontra como era há 30 anos. Os encargos inerentes vêm-se agora desempenhados e divididos por várias pessoas. O ensino dos poldros confia-se a um picador de direito ou de facto; o ferrador de profissão ferra as bestas, e o tratador trata do gado e faz de cocheiro se há cavalgadas para o carro de cómodo pessoal. Fora disso, tendo vagar, também se ocupa em transmitir recados.

De qualquer modo, pelo sistema antigo ou moderno, cocheiro ou criado de cavalos, o serviçal esse ganha aí entre 4 a 5\$000 reis mensais, se o serviço é pouco. Isto, repito, nas casas dos lavradores grandes, abastados. Nas dos pequenos, nunca houve, nem há, tal emprego.

Os afazeres que lhe respeitam, e que nestas circunstâncias costumam ser reduzidíssimos, desempenham-se, melhor ou pior, e de fugida, com os diferentes criados do monte, ou com um dos carreiros. Das cavalgadas chega a encarregar-se o lavrador ou os filhos, na falta, ausência ou impedimento do paquete.

Roupeiros São os homens que se acomodam pelo tempo que vai de março a fins de junho, para a *queijeira* do alavão ou alavões de ovelhas, isto é para o preparo e fabrico de lacticínios de tal espécie.

Aos roupeiros cumpre diariamente: irem, em besta de carga, coadjuvar os alavoeiros nos dois ordenhos de cada dia; por meio da mesma besta, preparada com golpelha e cântaros, conduzir nela o leite, dos apriscos para a queijeira; executar com rigoroso asseio e cautela, o tempero e fabrico do queijo, atabefe e

requeijões; chapotar a chamiça e fazer o lume; lavar e limpar a barreleira, sinchos, asadas, alguidares e mais utensílios; esfregar o tacho do atabefe; varrer e lavar a casa da queijeira; conduzir o queijo para os caniços enchugadores e dar-lhes as voltas e limpezas de que precisem, arejando-os ou não, conforme as circunstâncias, etc.

Se o alavão ou alavões reúnem umas 600 ovelhas aproximadamente e o queijo se molda pelo tipo grande, que requer fabrico mais demorado e cauteloso que os outros pequenos — os roupeiros costumam ser dois.

Fabricando-se queijo miudo, ou mesmo grande, desde que as ovelhas não passem de 300, basta um.

Para o cargo em questão, requerem-se homens que além de sabedores, sejam essencialmente asseados: que se lavem frequentes vezes por dia e mudem de roupa a miudo. Só assim conseguem atenuar o fétido que exalam, por efeito da ocupação. Cheiro tão repelente e activo que é de provocar vótimos aos estranhos. Um fedor pior que o das sentinas, principalmente para quem não gosta de queijo.

Dos que preparam com apuro o clássico queijo grande, diz-se que têm «boa mão de massa». O que eles atribuem, uns, às suas aptidões, outros, à sorte. Quando sobre o assunto falam com o lavrador, observam-lhe: — «A sorte é minha; mas a *ganância* é sua».

Se pelo contrário o queijo sai inferior, nenhum roupeiro se confessa culpado. Atribuem o precalço ao *calibre* do ano, ou a... *mau olhado* de alguém que os quis *derrotar!*... Os roupeiros de fama ganham de sete a sete mil e quinhentos reis por mês e um queijo grande por toda a época.

Leiteiro Rapaz que principalmente se emprega, com uma besta, no transporte do leite das cabras, para venda no mercado de vila ou cidade. Com este carácter exclusivo, é ocupação que só se vê nos centros de lavoura distantes do bardo das cabras e da povoação a que se destina o leite. Nos outros próximos, é desnecessária semelhante entidade, que se supre perfeitamente com o paquete. O leiteiro pode ganhar mil e oitocentos a dois mil reis por mês.

Perunzeiro Rapazinho de 10 a 12 anos, guardador dos perús nos arredores do monte. Pela idade e natureza do cargo é o mais humilde de todos os serviçais. De cana em punho, cumpre satisfeito a sua obrigação que, na maioria dos casos, é de grau para paquete ou ajuda de ganadeiro.

Ganha 1\$000 a 1\$200 reis mensais.

* * *

Hortelão Encarregado dos serviços da horta ou quinta, anexa à lavoura. Igualmente se incumbem de ir aos mercados diários das povoações próximas vender a hortaliça e frutas que sobejam dos gastos da casa. Vai «fazer vendas» ou «fazer praças», termos que igualmente se empregam para o fim mencionado. Ganha aproximadamente cinco mil reis mensais.

Semeador Acomoda-se expressamente para a sementeira dos cereais, a razão de sete ou oito mil reis por mês ou menos um pouco, se consegue ganhar também uma searinha de três ou quatro alqueires de semeadura, como alguns obtêm.

Em certas «casas» evita-se a acomodação de criado próprio para semelhante serviço, por o desempenhar o *sota* ou outro criado anual. Seja quem for, quando as juntas na lavoura são poucas, o semeador *embelga* e semeia alternadamente, evitando a despeza de um embelgador.

O que é desembaraçado e não *embelga*, semeia à vontade para 20 a 30 arados, como a terra seja limpa e em sazão de despacho.

Apesar de haver bastantes campônios que se julgam bons semeadores a experiência demonstra escassearem os que realmente o são. Por que o facto de saber repartir a semente por forma que à nascença não revele defeitos de sementeira, é habilidade que poucos possuem.

Já mostra entendimento o que tem a certeza na mão e bom golpe de vista, subordinando a espalhação às condições do dia, da época e da terra. O que se regula por esses preceitos essenciais, muitas vezes se ilude e engana, quanto mais aqueles a quem falta o preciso critério. A verdade é que semear em termos de a seara nascer bem repartida, sem exageros de *bastar* ou *ralar*, na perfeição de se elogiar, torna-se coisa dificultosa pelos muitos inconvenientes que anulam ou transtornam os esforços do semeador, mesmo quando a falta não deriva de imperícia ou imprevidência sua.

Consequentemente, os semeadores de fama são disputados pelos lavradores que, à porfia, procuram acomodá-los. Não é para menos, se atendermos à alta importância do seu papel.

Embelgador Assim se intitula o homem que *embelga* para imediata sementeira, mediante o salário ou soldada de um ganhão. Embelgar, significa dividir a terra em regos pequenos, e descreverem fachas largas e compridas, que se chamam *belgas*. Servem para nortear o semeador na distribuição e espalhação da semente.

A embelgação é feita com a *jangada* de um pequeno arado, movido por qualquer besta. Guia-se ou encurta-se segundo a *caída* de terra ou a disposição que traz a lavoura.

Corta-ramas Ganhões ou trabalhadores empregados na limpeza das azinheiras e sobreiros. Veja-se o parágrafo *Cortes*, do capítulo *Montados*.

Melancieiro ou meloeiro Encarregado da guardaria e tratamento do melancial ou meloal, senão de ambas simultaneamente, quando os dois estão reunidos, como se usa bastante, predominando o primeiro sobre o segundo.

Dantes o melancieiro era um velhote quase inválido, de meia moeda ou

três mil reis por mês. Hoje, que os melanciais aumentaram imenso de importância e extensão — a sua guardaria incumbe-se a homem apto, no vigor da vida, que vence cinco mil reis por mês e comedorias, desde que entra em abril ou maio, até ao levante final da fruta, aí por setembro fora a princípios de outubro.

Cumpra-lhe também o seguinte: proceder às sementeiras respectivas, se antes as não realizou a ganharia ou outros; ressemeiar as casas falidas; desbastar as melancieiras de boa nascença e transplantar as arredias e ventureiras para onde haja faltas; ancínhar e desgramear a terra por ocasião da cava e logo atrás dos cavadores; arrendar a ancinho os intervalos abatidos por efeito de chuvadas seguidas de calor e vento, e bem assim as casas que sofrerem do mesmo inconveniente, servindo-se do sacho para estas; raspar à enxada a erva nascida depois da cava: cuidar da extinção dos formigueiros, romeira e outros insectos nocivos, queimando e enterrando a formiga; no mesmo propósito catar a miúdo o caseame todo, arrancando e enterrando as folhas e matas invadidas de piolho e da *mela*; descastelar ⁽¹⁾ e carregar o melão; fazer enfim tudo que a experiência aconselha para que o melancial triunfe das mil eventualidades a que está sujeito.

Em todos os serviços mencionados, o melancieiro costuma ser coadjuvado por homens ou mulheres, em número correspondente à grandeza do melancial, e à urgência do serviço.

Não é emprego para descanso braçal, pelo menos enquanto a formiga *aperta*. Depois, desde que a fruta começa a *desigualar*, quero dizer desde que há melancias *inchadas* a distinguirem-se de longe, aguilhoando o apetite dos transeuntes, se diminuem ou cessam os cuidados culturais, surgem os das colheitas e aumenta o da fiscalização e guarda. As colheitas ficam sob a sua direcção, embora com o auxílio de tantos homens conhecedores quantos sejam precisos para se despachar pela fresca. A guardaria, tomada a sério, obriga a vigilância constante e atenta.

Os melancieiros erguem no local da obrigação o competente *choço*, com seu sombracho exterior, onde ele e a família passam a residir. Durante o dia, a mulher e os filhos, à sombra da alpendrada, olham pelo melancial, auxiliados pelo indispensável cãozinho. Ao mesmo tempo, a mulher trata igualmente da comida e da costura, enquanto que os filhos espojam-se e cabriolam pelos arredores, alambazando-se de melancia à farta, se porventura já se colhe. Ele, o marido, se os cuidados de cultura ou de colheita o não entretêm, dorme à grande, lá dentro do *choço*, para à noite vigiar, munido de carabina e acompanhado do cão. Este é que se torna o guarda principal. O melancieiro por via de regra e nas horas de menos perigo, com a espingarda ou com as armadilhas de cepo, caça as lebres, raposas e restante bicharia, que aparecem no sítio, atraídos pela gulodice. Mas o dano maior que mais lhe cumpre evitar são os furtos dos

(1) *Capar*, diz-se em algumas zonas.

bichos de dois pés, gente nova das ganharias estranhas, que se pelam por de noite assaltarem impunemente os melanciais, quando a fruta escasseia e o calor a lembra... Se o melancieiro os pressente grita-lhes de largo e eles fogem; mas se o apanham descuidado, ferram-lhe o cão, quando menos o julga.

Em vindo a abastança, cessam os assaltos. A fruta então abunda tanto e dá-se com tal franqueza, que ninguém pensa em furtá-la.

Gadanheiros Tomam esta designação os homens que, de empreitada ou a jornal e com ferramentas suas, procedem ao corte ou *gadanha* dos fenos. Em regra não saem da ganharia, mas sim de entre os que trabalham como jornaleiros nas herdades e fora.

Ao aproximar-se a época, os que por sabedores ou vocação se afeiçoam às gadanhas, tratam de se empregar aí, para o que largam quaisquer outros serviços. Preferência que se justifica, por que nenhum labor mais rendoso se exerce no campo. Trabalho violento decerto, que nem todos sabem executar, mas também de remuneração superior a outros de esforço semelhante.

Por conseguinte, compreende-se o interesse com que o cubiçam os entendidos, e os que o desejam ser, que para o fim a que se propõem agremiam-se aos 4 e 6, de que o mais prático ou desembaraçado se arvora em manageiro.

Com antecedência ou na ocasião, o manageiro apalavra com os lavradores os fenos que julga despachar com a sua gente. Em geral, um grupo de 3 a 4 gadanheiros, não pode servir bem mais de dois lavradores. Mas os da gadanha incumbem-se de quanto se lhes faculte, importando-lhes pouco acabarem ou não a tempo. Os lavradores porém, indagam das forças do grupo e das casas que já ajustaram, e por isso se regulam, contratando aqueles que melhor o podem servir.

A faina da gadanha dura ordinariamente desde vinte e tantos de maio até fins de junho ou princípios de julho, o máximo. As lavouras de muitos fenos ocupam 4 a 6 gadanheiros, nos 40 a 60 dias de temporada; outras de menos, basta-lhes dois a três em metade do tempo, e algumas um ou dois, aí por oito a dez dias. E até as há que de nenhum carecem por desnecessários.

As empreitadas ajustam-se a 300 reis e comida ou 500 reis secos, por carrada de 60 feixes que, enxutos a rigor, pesam 4 a 6 quilos.

Este é o sistema corrente, preferido pelos gadanheiros, que assim, e em fenos bem criados e espessos, despacham 100 e mais feixes por dia e homem. Nos ralos, que ninguém toma de empreitada, usa-se o jornal de seiscentos a setecentos reis secos. De ordinário, cada homem, não chega a cortar uma carrada.

Após um ou dois dias de tombado, e estando enxuto, o feno é enfeixado, atado e enrilheirado pelos próprios gadanheiros, às horas da noite e da madrugada dos dias quentes e estios.

Se está fresco, enfeixa-se a qualquer hora. E se chove adia-se a atada até enxugar.

Enrilheiradores Saem da ganharia ou acomodam-se expressamente, garantindo-se-lhes toda a temporada do verão por cinco ou dez tostões mais por mês, sobre o que vencem os ganhões rasos.

Nestes termos encarregam-se de completar o serviço das ceifas, reunindo e enrilheirando os molhos ceifados e atados pelos ceifadores. Cumpre-lhes terem o necessário cuidado a não lhes escaparem os molhos ocultos entre os bamburais e a fazerem boa enrilheiração, de rilheiros grandes e firmes, que o vento não derrube.

O número de enrilheiradores regula-se pela quantidade dos ceifeiros, espécie da seara e suas condições de desenvolvimento. Só excepcionalmente se carecem mais de dois, e muitas vezes basta um, coadjuvado pelo *tardão*.

Concluidas as ceifas, os enrilheiradores gozam um dia de descanso, indo depois para a ganharia até finalizarem a temporada.

Tardão Rapaz ou homem que em besta ou cavalgadura provida de cangalhas, asadas e barris, transporta a comida e água para todo o pessão da ceifa. Nos intervalos coadjuva os enrilheiradores. Ganha a soldada correspondente à idade e aptidões. Coisa de quatro mil reis mensais, aproximadamente.

Se os ceifeiros são poucos, o enrilheirador respectivo acumula o encargo de *tardão* ou *mantieiro*, que também assim lhe chamam em algumas partes.

Molheiros Rapazes já taludos, ajustados na temporada do verão para darem molhos aos carreiros durante o acarreto das searas, indo depois para a ganharia, até ao S. Mateus.

Ganha cada um 4\$500 reis por mês, ou pouco menos. Nos acarretos de searas distantes da eira, dispensam-se semelhantes auxiliares. Como o mais do tempo se gasta nas caminhadas, são os próprios carreiros que dão molhos uns aos outros.

Guarda da eira Costuma ser homem já decadente, mais ou menos incapaz de trabalhos violentos. Ocupa-se apenas em guardar os rilheiros e os montões de cereal debulhado. Para tanto dorme de dia e vela de noite, no propósito de impedir furtos e outros actos de malvadez, como incêndios, etc.

Serve enquanto se faz a debulha e vence uns 3\$600 a 4\$500 reis mensais, segundo os seus merecimentos e a responsabilidade. Que os há quase inválidos, que ganham menos.

* * *

Ceifeiros À parte as ceifas de pequena monta, desempenhadas por mulheres do sítio nas proximidades das aldeias — os ceifeiros ou ceifadores da quase totalidade das searas, são em geral homens da Beira, que de propósito arribam todos os anos ao Alentejo para se ocuparem exclusivamente na sega dos cereais. Veja-se o capítulo *Ratinhos*, que todo lhe diz respeito.

Tosquiadores Há uns para a tosquia de muares e outro para o gado lanígero.

Os primeiros são espanhóis *guitanos* que, aos grupos de dois a três, tosquiavam, na primavera e outono, as parelhas de muares, ao preço de 500 reis cada uma. Os segundos, os tosquiadores de lã, em camaradas de 15 a 20 indivíduos, procedem de zonas da região, como Elvas, Vila-Boim e Barbacena, além de outros de longe, que vêm anualmente da Serra da Estrela e que por isso se lhes chama *serranos*. Todos tosquiavam por ajustes análogos ou semelhantes. Em aperfeiçoamento são os *serranos* que passam por melhores.

Desde o fim de abril até meados de junho (época própria), os tosquiadores demoram em cada casa três a dez dias, tosquiando a 20 reis por cabeça, indistintamente, ou a 20 reis pelas adultas e a 15 pelos borregos de ambos os sexos.

O lavrador não lhes dá comida mas sim o caldo para as sopas do almoço, e a erva ou palha que as suas bestas consomem.

Cada camarada tem o seu manageiro, que no acto da tosquia ocupa-se exclusivamente em enrolar e atar os velos. Na divisão dos lucros entra no rateio como qualquer tosquiador, tendo a vantagem de comer por conta do lavrador, em comum com os pastores, e o receber um velo em cada casa, ou espórtula de 500 a 1\$000 reis.

Manageiro e tosquiadores, durante o serviço, todos se vestem de calças, blusas e sapatos ordinaríssimos, como os que menos se estragam por efeito da tosquia. O *suco* da lã suja, emporca-lhes tanto a roupa, que o seu aspecto no *tendal* é repulsivo e nauseabundo. Mas a eles não lhes causa nojo, tão habituados estão.

A despeito da imundície que lhes escorre pelo fato, é interessante observar-lhes a destreza no manejar e tenir cadencioso das tesouras sobre o lombo das reses. As quais, apernadas e silenciosas, denunciam no meigo olhar uma certa satisfação pelo alijamento do velo. É ver-lhes a alegria com que se sacodem e pulam, mal as deixam em liberdade.

No afã do despacho por vezes a tesoura golpeia os pacientes animais, que sofrem em silêncio o descuido do tosquiador. Descuido vulgar que se remedeia imediatamente, curando a ferida com fuligem das chaminés, de que se faz prévia aquisição — «*Moreno!*» — grita o tosquiador, vendo a rez golpeada — «*Lá va moreno*», responde o maioral ou qualquer incumbido de ministrar o pó negro para remédio das feridas. E imediatamente o golpe é pulverizado com o tradicional *moreno*. Se os golpes se repetem em excessiva notoriedade, o maioral e lavrador repreendem os tosquiadores.

Cordoeiros Gente da Galiza, que em grupos de dois homens e um rapaz, passam grande parte do ano, nos montes do Alentejo a fazerem cordas, redes, prisões, etc., de junça, cabelo ou linho, em quantidade correspondente às necessidades, como haja existência de material em abundância, especialmente junça que, por ser de fácil e económica aquisição, é o que mais se emprega neste género de fabrico.

Todo o material necessário para a cordoaria é fornecido pelo lavrador. O cabelo procede do que anualmente se corta das crinas e cauda das éguas manadias e do desponte das rabadas do gado vácuum; a junça, da que se ceifa nas ribeiras do cómodo, ou da que se obtém grátis e por paga nas herdades próximas; o linho, por compra em Lisboa, Porto, etc.

Os cordoeiros trabalham de empreitada, vencem comida de ganhão e determinada quantia por cada obra que despacham. Esses feitos e preços constam da seguinte tabela:

Por cada rede mediana de linho, para carradas de palha . . .	Rs.	2\$000
» » » » » junça » » » » . . . »		1\$000
» » corda de carregar, de cabelo ou linho, de 24 metros de comprimento »		200 a 240
» cada corda de carregar, de junça, de 24 metros de comprimento. »		80 a 100
» » » travadeira, » linho, » 12 » » » . »		80 a 100
» » » » » junça, » » » » » . »		50 a 60
» » rolo de corda ordinária, para diferentes aplicações, como caldeiros, cargas, etc., de 30 metros de comprimento . . . »		50
» cada par de arreatas, de linho »		80 a 120
» » dúzia de prisões, de junça, de 3 metros de comprimento. »		100 a 120
» » colar, de linho ou cabelo. »		15 a 20
» » bengaleta »		10 a 15

Valadeiros Gente da Anadia e outras terras do norte que, de outubro a janeiro, aparecem nas lavouras do Alentejo para abrirem e limparem as sanjas ou valas, de que precisam os terrenos baixos pantanosos, afim de se esgotarem das águas que os inundam de inverno.

Como ferramentas usam da pá estreita e comprida de que vêm munidos, e de uma enxada e pá inglesa, que o lavrador lhes fornece. Em cada lavoura ocupam-se, por alguns dias ou meses, dois a quatro valadeiros, que trabalham de empreitada ou a jornal, a seco ou a comida.

Nas reparações e limpezas de sanjas já existentes, usa-se de preferência o ajuste a jornal, de 500 a 600 reis secos ou de 240 a 300 reis e comida. Na abertura de valas novas prevalece a empreitada por metro de extensão, ao preço de uns tantos reis, que aumentam ou diminuem conforme a largura e fundura das valas e o estado e natureza do terreno a cortar.

Nas sanjas comuns, de 0^m,60 de largura por 0^m,50 de fundo, cada metro oscila aí por 15 reis secos, se a terra dá despacho, ou 8 a 10 reis e comida; também as tomam por menos, desde que lhes não abundem as ofertas de trabalho.

Enfim os preços deste serviço regulam-se por circunstâncias tão diversas e variáveis, que difícil se torna fixar bases. Entre o pessoal alentejano há quem faça de valadeiro, mas ninguém com o despacho e perfeição dos homens do norte, verdadeiros profissionais da especialidade.



A caminho da sacha

Realmente toda a gente que os observa lhe admira a resistência e desembaraço com que, em manhãs frigidíssimas, se metem a trabalhar sobre água encaramelada, descalços e de perna nua, manejando a pá com tal destreza e acerto, que parece não sentirem os rigores do frio e das umidades! Assim passam dois e três meses, até que os chamam à terra da residência os afazeres que por lá têm. E para lá marcham satisfeitos, munidos do seu pecúlio.

Lançarote Homem que na primavera se ajusta para tratar do burro de lançamento e conduzi-lo à cobrição das éguas, duas vezes por dia, uma de manhã, outra de tarde.

Acomodado exclusivamente para esse fim, a ponto de em nada mais se empregar, cumpre-lhe arrimar o burro às éguas e facilitar-lhe o que necessário for para a cópula ir a efeito, obrigando-se a dirigir por suas mãos a introdução do penis, quando o burro não acerte, o que é frequente em alguns.

Outrora tão aviltante se considerava essa ocupação, que ninguém do sítio a queria exercer, por melhor que fosse a soldada e maior a necessidade de a ganhar. Antes morrer à fome!

Por consequência o repudiado emprego só a custo o exercia um maltez borrachão, de que todos se desviavam com desdém, não pela miséria que exhibia nos farrapos, mas pelo anátema inerente ao ofício. Coisa execranda, considerada entre o pessoal campónio como a mais abjecta das ocupações. A fantasia popular asseverava até que o lançarote era um amaldiçoado de Deus e da Igreja, sendo-lhes proibida a entrada nos templos e a confissão religiosa!

Os criados da lavoura por princípio algum o consentiam à sua mesa, não bebendo por onde ele bebesse, nem se assentando onde ele estivesse. E como se tal desprezo não bastasse, insultavam e chasqueavam impiedosamente o infeliz, que por seu turno lhes fugia para se poupar às vaias e vexames.

Semelhante prejuízo, tão grosseiro como estúpido, vai declinando muitíssimo. O lançarote de agora é menos escarnecido do que o de outros tempos, diminuindo também a aversão e nojo que o público lhe votava.

O que influi para que na actualidade já se encontrem homens limpos que aceitem a incumbência, não sem tal ou qual vergonha, diga-se também. Mas enfim desapareceram as brutalidades do desprezo exagerado e afrontoso, e isso é o essencial como nota de adiantamento.

A soldada do lançarote regula entre 3\$600 a 4\$500 reis por mês e as comedorias. Estas, para alguns, são melhores que as de outros serviçais, por constarem de pão de trigo e de carne cheia, melhoria que eles impõem no acto do ajuste. Outros, serve-lhes o pão de centeio e o trato de ganhão.⁽¹⁾ E também os há que se acomodam a seco a 9 ou 10\$000 reis por mês, comendo à sua custa.

Além da soldada contam igualmente com as gorjetas dos lavradores estranhos que, por obséquio ou paga, mandam cobrir éguas aos reprodutores do vizinho.

(1) Comida de ganhão, quero dizer comida igual à dos moços de lavoura.

MULHERES

Mais do que se poderá supor, a grande maioria das mulheres campónias, necessitadas, empregam-se, o melhor do ano, nos trabalhos agrícolas das herdades, de que são cooperadoras valiosas e imprescindíveis.

Desde novembro até julho, com pequenas interrupções, cada lavoura entretém pelo menos um rancho de mulheres, em número nunca inferior de 8 a 15, e por vezes de 30 a 50.

Os apanhos da azeitona e da bolota, a espalhação de estrumes e adubos, as mondas, as sachas e colheitas de legumes, a remoção de pedras miudas e as ceifas de somenos importância não contratadas pelos *ratinhos* — são as lidas em que se ocupam centenas e centenas de braços da população feminina do concelho.

Não se imagina a boa vontade com que tais criaturas se entregam aos labores rurais da sua especialidade. Nenhuma outra lhes agrada tanto; nenhuma também lhes faculta melhor salário, sem grande sujeição, e com o atractivo de expandirem à larga os instintos da garrulice.

Assim acontece que semelhante predilecção, sem dúvida antiga, nada diminui, antes se avigora e generaliza, como também vai aumentando imenso a quantidade e importância dos serviços.

As mondas principalmente empregam o mulherio todo, desde a rapariga de 12 a 13 anos até à *cinquentona* de boa fibra, resistente como as moças.

O preço do salário tem alterações, não tanto pela natureza dos diferentes serviços, que, exceptuando a ceifa, todos se regulam pelo mesmo custo em igualdade de circunstâncias — mas por efeito da época, da escassez ou abundância de braços, do estado do tempo, etc. As horas úteis e a proveniência da alimentação também variam, como adiante se verá. Nas herdades próximas dos povoados, onde reside o pessoal, usa-se o sistema a seco, à *jorna* de 140 a 200 reis por dia e mulher, e o de meios dias, também a seco, de 80 a 100 reis por cada, começando-se às onze horas da manhã no inverno e às doze na primavera.

O trabalho aos meios dias é de recíproca vantagem para muitas das serviçais e para os amos. Os amos, a quem ordinariamente escasseia o pessoal, utilizam por essa forma os braços das que só de tarde podem largar as ocupações domésticas. E elas, as serviçais, sem prejuizo dos arranjos caseiros e do tratamento dos filhos, aproveitam as horas disponíveis, ganhando no campo. Com a vantagem igualmente apreciável de que se enfadam menos e despacham mais relativamente do que se trabalhassem todo o dia. Em geral as mulheres nos serviços do campo, por dias completos, aí ao meio dia da tarde sentem-se fatigadas e por consequência empregam todas as artimanhas para se pouparem quanto possam. Mas como o pessoal é pouco, em relação aos serviços e o tempo mal chega para despacho oportuno, uns lavradores adoptam de preferência o costume dos dias inteiros, outros o das tardes apenas e alguns, os dois simultaneamente, destinando o dos meios dias para aquelas mulheres que só assim podem assalariar-se.

Por qualquer dos usos, quero dizer, para os trabalhos cerca das povoações, as dos ranchos saem e regressam diàriamente às suas residências, em marchas a pé, distraídas, em palestras jocosas, a provocarem as rizadas juvenis da mocidade foliona. De manhã, à ida, e à boquinha da noite, no regresso, o mulhierio sai e entra nas aldeias entoando cantigas alegres ao som do pandeiro e das castanholas. Cantigas de amores, com a tonadilha da moda.

Para as herdades mais afastadas, os ranchos contratam-se por quinzenas e aos preços de 140 a 220 reis secos, ⁽¹⁾ ou 80 a 140 reis e comida de ganhão, por dia e mulher. Também se lhes faculta casa para pernoitarem e transporte em carros de muares para a ida e regresso. Em tais condições, a maioria das contratadas são raparigas solteiras, livres de afazeres domésticos, em circunstâncias de estarem ausentes da família, onde nenhuma falta fazem. E que façam, vão da mesma forma, desde que por lá tenham os namorados.

Os trabalhos a dias completos, em qualquer parte, efectuam-se de sol nado a sol posto, com interrupção da hora do almoço e da do jantar ou merenda ao meio dia. Este intervalo demora duas horas no tempo da sesta, nos meses de maio e junho. E nesse mesmo tempo senão do meado de abril em diante, ao cair da tarde, há um descanso de poucos minutos, a pretexto de merendarem segunda vez ⁽²⁾ uma côdea de pão e queijo, laranjas, etc.

A seco ou por comida, aos dias inteiros ou aos meios, perto das povoações ou distantes, os preços máximos acima referidos, só vigoram de abril a junho, quando as searas carecem de muita monda e se impõem outros serviços. Então não há mulheres que cheguem. Se o triplo houvesse, não lhe faltaria trabalho.

Nas ceifas é bastante melhor o salário. Nunca menos de 180 a 220 reis secos por suposto meio dia, que se conta desde o raiar da aurora até às dez e meia da manhã, tendo no entretanto a interrupção do almoço, que dura das sete às oito horas. A superioridade deste salário justifica-se tanto por as ceifas coincidirem com as mondas dos trigos serôdios e colheitas de legumes, como por nem todo o mulhierio ter prática de foíce. A maioria não se ocupa nessa faina. Ou por que lha não querem ensinar as sabedoras, ou por relutância a aprenderem-na, como tarefa violenta para as suas forças.

Antigamente só algumas mulheres de Barbacena e Vila Fernando se empregavam nas ceifas. Há anos para cá o aumento das culturas cerealíferas e a escassez e carestia dos ceifeiros ratinhos, deu origem a que noutras localidades se admittissem as foices por mulheres. Costume que em começo se restringiu a algumas das pequenas searas dos arredores das povoações, mas que depois se generalizou a todas dessa ordem. Nas ceifas das lavouras grandes, próximas das localidades, também alguns anos se aproveita o concurso do mulhierio, mas só em parcelas de searas que se não englobaram na empreitada ajustada com os *ratinhos*, ou por qualquer motivo excepcional.

(1) Indo a seco levam *avios* (comestíveis) para toda a quinzena ou semana.

(2) Merendam segunda vez, se ao meio dia merendarem pão e queijo, ou qualquer coisa própria de farnel. Se porém jantarem olha de legumes ou semelhante, a merenda da tarde é a primeira e única.

No apanho da azeitona e nas vindimas dos subúrbios de Elvas e dos arredores das vilas e aldeias, igualmente se empregam ranchos numerosos, por usos e ajustes que mencionarei na devida altura. Por agora prossigamos com os que pertencem mais ou menos ao pessoal de uma lavoura.

* * *

Nas lidas campestres cada rancho de mulheres é governado por uma das mais trabalhadoras e entendidas, que pela autoridade em que a investem denomina-se *manageira*. Ganha mais 20 reis por dia sobre o salário das outras.

A *manageira* alicia as companheiras e nelas governa em parte, sem contudo lhe pertencer a direcção absoluta do trabalho. Desse encargo incumbem-se o guarda de herdades ou outro homem capaz, que para tanto acompanha o rancho no serviço, dirigindo-o em tudo. Não se entrega aos cuidados exclusivos da *manageira* por se lhe reconhecer incompetência para evitar ou reduzir a *cera* proveniente da tagarelize própria do sexo frágil.

A boa da mulherzinha possui as melhores intenções, sobre o cumprimento dos seus deveres de superiora. Mas coitada, os instintos de loquacidade, levam-na a prevaricar inconscientemente como qualquer, sobretudo em se tratando da bisbilhotice apimentada, prato forte e tentador, a que nenhuma sabe resistir.

Portanto, para reprimir esses excessos e evitar os consequentes prejuízos, entrega-se a direcção e disciplina do rancho a um homem sério, de confiança. O qual, conhecendo a fundo o feitio das criaturas que governa, não as poupa em advertências, e a miudo as repreende, com frases de tom e conceito, apropriadas às circunstâncias. Primeiro, dirige-lhes um gracejo equívoco, envolvendo censura ligeira; depois uma admoestação séria, e por último, esgotada a pachorra, larga-lhes uma apóstrofe vibrante, ameaçadora, que, como água sobre lume, apaga imediatamente o fogo da loquacidade. Remédio de ocasião, de efeito passageiro. Tão arreigado têm o vício, que lhes recrudesce com intensidade ao cabo de poucos minutos. Se lhe está no temperamento...

A idade juvenil de muitas, a propensão de todas, o meio em que se encontram e as liberdades que o campo sugere, são factores que, longe de predisporerem ao silêncio e sisudez, impulsionam irresistivelmente a actos ruidosos, expansivos, que, se se abafam por momentos, explodem afinal, a pretexto de qualquer coisa.

O aparecimento de um lagarto ou de outro bicharoco, dá ensejo a que se perca a seriedade. As moças pelo menos, partem a correr, com alaridos de receios fingidos, que enfurecem o guarda; mas, tão cómicos se tornam, que a ele próprio se lhe esvai a ira, passando a rir como elas, até o incidente terminar.

Se de longe ou perto se avista qualquer homem, caminhando em direcção de se aproximar, esse facto motiva maiores e mais retumbantes folias. Então, é certa a *vaia* ou *baia* ⁽¹⁾ ao pacífico transeunte, a pretexto de se manter a tradição.

(1) As *baias* representam um costume antiquíssimo. Usam-se de mulheres para homens e vice-versa. Mas só as provoca e dá, o pessoal que anda a trabalhar, e unicamente para as criaturas de outro sexo. Com a diferença que às mulheres consente-se-lhes o uso em todas as fainas do campo, ao passo que aos homens só lhes é tolerado no serviço da lavoura propriamente dita. Elas e eles coíbem-se de *baias* às horas do descanso e da comida.

Mal avistam o caminhante, o rancho *embandeira*, isto é, volta-se para o sujeito, e desatam a gritar-lhe: — «*Ai, que o não tem!... ai, que o não tem!... Fora que é feio!... fora que o não queremos!... Arreda, gato velho!... Caminha, bode sarnozo!... Ia bácoro de Arronches!... Não tem!... não tem!... não tem!...*»

O motejado ou prossegue na marcha, nada respondendo, ou redargue «ao consoante». Se não responde, elas continuam com a gritaria até o perderem de vista; se contesta, o mulherio mais se entusiasma, na mente de protelar a folia, enquanto lho consintam. Mas, se por acaso o provocado se desvia do caminho, tomando a direcção do rancho, no propósito, real ou aparente, de demonstrar a falsidade das apreciações, a cena modifica-se logo. Ao receio de um desforço demasiado atrevido, ou por intimação enérgica do governante, moças e velhas metem a viola no saco, afim de o homem retroceder e desistir das intenções. Se porém ele não retrocede e continua a avançar, as mulherzinhas animam-se de novo, e, esquecendo considerações, passam a segunda gritaria com entusiasmo doido, delirante. Como o encarregado consinta, as resolutas e possantes, correm em massa sobre o audacioso, agarrando-o e atirando-o ao chão para lhe darem *culas* ⁽¹⁾ e as velhas o apeararem com outras patuscadas.

Tudo por chalaça algo forte é certo, mas com que poucos se melindram, mesmo por que as *baías*, levadas ao extremo das *culas* e acessórios, raríssimas vezes se praticam.

Em geral, ao principiarem, e depois mesmo, os homens que as ouvem, riem-se da costumeira, seguindo silenciosamente o seu caminho, ou contestando apenas com duas ou três facécias. Outro tanto não sucede com a maioria das mulheres dando-se a hipótese contrária, isto é sendo elas as provocadas.

* * *

Na casa do monte, onde pernoita o rancho, os serões passam-se em variados folguedos, principalmente se a eles assistem os ganhões da lavoura ou os de outras vizinhas, que acodem ao sítio por lhes cheirar a pequenname. De qualquer maneira, a pândega é certa até às dez ou onze da noite. Canta-se, toca-se, baila-se, narram-se contos de princesas encantadas, joga-se um pouco o *padre cura*, e namora-se muito. A execução desta última parte, subordina-se a certas condições. As raparigas não podem conversar à franca com os rapazes, sem prévia licença da manageira. A qual, concedendo-a, é com a cláusula de falarem a um canto da casa, à vista de todos, ou à porta da rua: ela, a rapariga, de dentro; ele, de fora.

Mas há ocasiões em que a governante só permite os colóquios amorosos mediante uma dâdivazita, que lhe console o estômago ou o vício da cheiroca. Neste empenho, resiste a todas as súplicas, cedendo apenas quando os moços *escorregam* marrocatés, queijos ou um pataquinho para meio grosso. Mas uma

(1) Dar *culas* significa segurar o paciente pelos pés e cabeça, e em posição horizontal, bater-lhe os costados e nádegas sobre o solo, bamboleando-o entretanto repetidas vezes, qual manequim com que se brinca à vontade.

vez gratificada, acabam-se-lhe as negativas. Podem os pombinhos arrulhar à vontade, que ninguém os perturbará.

Durante a quaresma cessam os bailes, os toques e todas as cantigas que não sejam religiosas. Os jogos de prendas e as entrevistas amorosas, continuam como antes, senão com maior entusiasmo.

* * *

No domingo imediato à semana ou quinzena de trabalho, as dos ranchos vão receber as férias a casa do lavrador, na aldeia, ou à de alguém, incumbido de pagar. As moças apresentam-se muito garridas e tafulas, em trajos domingueiros, flamantíssimos, a contrastarem frisantemente com o desalinho e desleixo das *maduras* e velhas. Todas se mostram alegres e palradoras, a ponto de o dono da casa lhes dizer que não estão em nenhuma praça.

Concordam todas, aceitando o *lembrete* e repreendendo-se mutuamente, o que atraza um pouco o silêncio exigido. Afinal obtém-se. Mas daí a nada, cada uma chia para seu lado, intrometendo-se nas chamadas e nas pagas de cada qual. Chegam-se a acusar umas às outras de terem vencido dias a menos do que dizem e de receberem mais do que vencem. Denúncias e esclarecimentos geralmente errónias e infundadas, que sempre provocam disputas, averiguada a falsidade. E verdadeiras que sejam, ociosas se tornam igualmente desde que ninguém as reclama. Os enganos, se os há, todos se esclarecem e resolvem à vista da folha e das informações da manageira e do encarregado. Mas a despeito disso tudo e dos *recuões* que sofrem pelos atrevimentos, continuam a dar à língua, a pretexto de justificações reconciliatórias, que põem tudo à boa paz. À saída animam-se ainda mais, despedindo-se quase todas, com um dito lisonjeiro. Vozes ao vento, palavras ocas, de quem precisa agradecer...

* * *

Tudo que as raparigas solteiras ganham nos serviços do campo é «para o seu corpo» — quero dizer para se *ourarem* e vestirem de ponto em branco, não só do necessário, mas ainda para os luxos domingueiros e dos dias de festa, da confissão, etc. Satisfeitas estas primeiras ambições, passam à compra do preciso para o enxoval, e do modesto mas garrido mobiliário com que se propõem ornamentar a futura habitação. Para mais facilmente realizarem esses propósitos, os pais de algumas — Deus sabe com que sacrifício — dão-lhes, no todo ou em parte, os mantimentos de que precisam quando trabalham a seco.

Mais do que as próprias filhas, eles desejam vê-las na posse dos objectos, que em linguagem popular se chama a «casa de uma noiva».

Para a consecução desse suspirado *desideratum*, sacrificam-se as necessidades de alimentação e a saúde. ⁽¹⁾ O essencial para elas é adquirirem ouro, roupas,

(1) Tanto as raparigas solteiras sacrificam as necessidades de boa alimentação aos exageros do vestuário e do mobiliário doméstico, trabalhando a seco, no campo, o mais do ano, que, a maioria, vê-se anémica, ao passo que os rapazes entretidos em trabalhos mais violentos, mas comendo sempre por conta dos lavradores, mostram-se pelo contrário vigorosos e sadios.

estanho, arame, louças, vidros, trabecos, etc. A moça solteira que isso consegue reunir, considera-se feliz, e a mãe reputa-se felicíssima. O amor maternal põe-na vaidosa com o luxo da filha. Muito ufana, mostra às vizinhas e amigas, as prendas que a filha adquiriu à custa de muito suor, de muita privação, de muito trabalho honrado. E as vizinhas e as amigas prestam toda a atenção aos objectos que lhes mostram, gabam-nos e elogiam a dona. Mas depois, na ausência das duas, expandindo-se em invejas ridículas, amesquinham tudo aquilo, censurando as duas. A filha é «uma impostora a querer *desbancar* das da sua *igual*»; a mãe «uma *gavazola* doida, que só cuida de casar a filha». Misérias humanas que abundam em todas as classes...

GANADEIROS

Os campónios, a quem os lavradores encarregam a guardaria e pastoreação dos seus rebanhos, são conhecidos pelo nome comum de ganadeiros, quaisquer que sejam os gados de que se incumbam. Num outro sentido genérico, mas mais restrito, também se lhes chamam maiores, qualificativo este, que embora se aplique indistintamente em várias hipóteses, e sobretudo para o efeito de saudação, só em rigor pertence de direito aos cabeças ou chefes dos diferentes grupos de ganadeiros incumbidos das várias espécies de gados. Não obstante, quando no campo se encontra qualquer guardador de gado, sauda-se assim: — «*Bons dias, maior*...» — E nunca: «*Bons dias, ganadeiro*».

Categorias e nomenclatura A classe dos ganadeiros divide-se em vários agrupamentos, sendo os indivíduos de cada uma designados por nome alusivo às espécies de gado em que se ocupam. Os que guardam bois, são *boieiros*; os das vacas, *vaqueiros*; os das éguas, *eguariços*; os dos porcos, *porqueiros*; os dos lanígeros, *pastores*, e os das cabras, *cabreiros*.

Fica pois entendido que, para a apascentação e guardaria dos rebanhos, há em cada lavoura tantos grupos de ganadeiros, quantos são os géneros de gado nela existente.

Em cada grupo desses encontra-se um *maior* chefe, acomodado com obrigação de dirigir e fiscalizar o pessoal correspondente, ou sejam todos os indivíduos que lhe estão subordinados. Estes, isto é, os imediatos ao maior, chamam-se-lhes *entregues*, como os inferiores aos *entregues* se denominam *ajudas*.

Em regra, cada rebanho, ocupa dois indivíduos: um homem e um rapaz. O homem, ou é o *maior* ou um *entregue*; o rapaz, o *ajuda*.⁽¹⁾ E para auxiliar ambos, acompanha-os um corpulento e sentido rafeiro, senão dois ou três, todos de bisonho aspecto, a infundirem respeito a estranhos de qualquer ordem. Ai daqueles que lhes experimentar os instintos!

(1) Excepto nas boiadas e nas vacadas grandes, em que o ajuda é um homem como o maior.

Nas lavouras excepcionalmente grandes, que mantêm seis e mais rebanhos de lanígeros em herdades diferente e distantes, o maioral respectivo, passa semanas e meses sem apascentar rebanho algum. Tanto tem de vigiar, dirigir, consultar e resolver, de acordo com o amo, que nessas ocasiões de mais nada se ocupa. Mas isto representa excepção fora do uso comum. O corrente, para qualquer espécie, representada por diversos rebanhos, é o *maioral*, auxiliado por ajuda, guardar e tratar de um — o da criação mais nova, como o que exige maiores cuidados. Os outros, ficam também sobre a sua inspecção, mas a guardaria de cada qual, incumbe-se a *entregue* próprio, auxiliado por correspondente ajuda.

Se por acaso, o gado de qualquer género constitui apenas um único rebanho ou manada, o seu guardador reúne os títulos de maioral e *entregue*, governando somente no ajuda que o acompanha.

E não tendo ajuda, como se observa em alguns eguariços, e com todos os cabreiros grande parte do ano — o homem é, por assim dizer, maioral de si próprio.

* * *

Um ganadeiro, além desta classificação comum, essencialmente genérica, pode reunir mais três, específicas: uma, reveladora da espécie de gado em que se ocupa; outra, definindo a sua categoria própria; e a última — a menos constante, nem sempre verificada — como indicativo da natureza ou carácter especialíssimo do rebanho. Porque do mesmo género de animais formam-se rebanhos distintos, cada qual com nome próprio, derivado das condições das reses que os compõem e do fim a que se destinam.

Para mais facilmente se compreenderem essas quatro classificações applicadas a um só homem, darei o seguinte exemplo: — o *ganadeiro* Fulano, *porqueiro* e *entregue* na Casa Branca, anda agora com os *farroupos* e por isso é *farroupeiro*. Ora, como este de *farroupeiro*, há outros qualificativos especialísimos, que mais adiante mencionarei.

Procedência À semelhança da maioria do pessoal agrícola, os ganadeiros são naturais da região onde se empregam, e um ou outro das vizinhas. Na população rural do concelho de Elvas havia antes determinadas famílias, em que por assim dizer era hereditária a ocupação de ganadeiro, e a ponto tal que até em algumas se restringia a tendência para uma só espécie. Tem desaparecido esse costume, mas ainda se observa outro igualmente curioso — o de entre os ganadeiros de cada povoação predominarem as aptidões e preferência para tal ou qual especialidade. Assim em Vila Fernando e Barbacena prevalecem os pastores, e em Santa Eulália os porqueiros.

Ajustes Maiorais e muitos *entregues* contratam-se por ano. Os primeiros, ajustando-se directamente com os lavradores; os segundos, por intervenção dos primeiros, fechando o amo o ajuste. Aos *entregues* incumbe por sua

vez acomodarem e despedirem os ajudas, reclamando dos lavradores «as pagas» respectivas.

Para acomodação e despedimento dos maiores e *entregues* de ano, seguem-se as praxes usadas com os restantes criados anuais, diferindo tão somente em alguns, no que respeita a prazos e épocas de saídas e entradas. Desta maneira, os porqueiros regulam-se pelo ano civil, isto é, de janeiro a janeiro. No caso de despedimento de amo para criado ou vice-versa, o aviso deve-se comunicar respectivamente até ao S. Miguel. Os pastores e cabreiros saem e entram pelo S. Pedro, participando a saída ou despedida por todo o mês de maio. E os restantes como boieiros, vaqueiros e eguariços, encimam e acomodam-se pelo S. Mateus, tal qual os criados de lavoura.

Em geral, os ganadeiros anuais, não «partem o ano», isto é, cumprem o dever de servir pelo tempo que se ajustaram. Neste particular mostram maior seriedade que os ganhões e outros. Mas se abalam extemporâneamente, saem também com os pegulhais, se o amo isso exige. Se porém o lavrador os expulsa antes do vencimento, o que ainda menos se vê, e só se pratica por razões muito ponderosas, o criado tem o direito de não retirar o pegulhal, que assim continua a ser sustentado à custa do lavrador até finalizar o prazo do contrato.

Para os *entregues* mensais de carácter permanente (que alguns há nestas condições), embora vençam todos os meses, como se não despeçam ou sejam despedidos com antecedência de alguns dias, o silêncio deles ou dos amos, significa acordo tácito para continuação indefinida.

Quanto aos ajudas, adoptam-se praxes semelhantes, se bem que nestes é menos duradoira a estabilidade. Ou o rapazelho abala por sua vontade com ou sem autorização dos pais, ou o camarada o despede por motivo fundamentado, ou por qualquer ninharia, se não para meter outro que mais lhe agrada. Os que são filhos dos próprios guardadores conservam-se mais, mas nem por isso se pode contar com eles em absoluto.

Soldadas Variam bastante, já por efeito e índole das categorias, já porque a natureza dos vencimentos subordina-se em geral à espécie dos gados a guardar e ainda aos costumes tradicionais do sítio e mesmo das próprias «casas». Se não o contrário, isto é, moldando-se nos usos implantados há poucos anos por alguns lavradores, usos esses de carácter inteiramente oposto às velhas tradições. Como quer que sejam, direi o bastante no parágrafo correspondente a cada grupo de ganadeiros. Das soldadas que se vencem aos meses, a dinheiro somente, regulam entre 4\$500 a 5\$000 reis mensais cada homem, além da *forra* da burra. Os ajudas vencem aí 1\$200 a 2\$500 reis por rapaz e mês, segundo a idade e importância do seu papel.

Desde os maiores até aos ajudas, todos se alimentam à custa dos lavradores, por comedorias semanais ou mensais, a conto, peso e medida, aviadas nos sábados ou no fim dos meses, conforme se verá adiante no parágrafo *Alimentação*.

Pegulhais ⁽¹⁾ Antigamente o dinheiro constituía a parte menos importante das soldadas. O que preponderava, e muito, era o pegulhal, quer fosse exclusivamente do gado da espécie que o ganadeiro pastoreava, quer também incluisse «cabeças» diferentes. Como por exemplo cabras, que, além de se permitirem aos cabreiros, também se forravam a porqueiros e pastores, ou mesmo éguas que, não as possuindo a maior parte dos eguariços, eram permitidas aos vaqueiros. /

Reprovando em absoluto as *forras*, representadas por gado diverso do que o ganadeiro apascenta e ainda de cabras nos cabreiros, ⁽²⁾ afigura-se-me aceitável e vantajosa para o lavrador a concessão de pegulhais de gado idêntico ao que o ganadeiro guarda. Pelo menos para os maiores que, assim ligados aos interesses do amo, natural é mostrarem mais permanência, zelo e dedicação, do que ganhando só a dinheiro. O sistema pode trazer prejuizo ao lavrador, se o criado não for honrado. Mas neste mundo tudo tem prós e contras e não há medalha sem reverso. No caso sujeito, os prós evidenciam-se por tal maneira, que deixam na penumbra os contras mais ou menos hipotéticos.

Outrora e hoje, os guardadores de gado miúdo, quase todos possuíam e possuem a sua burra, auxiliar valioso para transportar mantimentos e lenha para as necessidades de suas famílias. Com pegulhais de cabras poucos se encontram já. E dos outros, constituídos por animais da espécie dos do rebanho respectivo, só os possuem os maiores e algum *entregue* anual, de estima e valor.

De onde se prova que os pegulhais tendem a diminuir na proporção que aumentam as unidades em reis. Diversas causas para isso concorrem. Como principal, aponta-se o excesso de abusos dos ganadeiros de agora, menos escrupulosos do que os antigos. Sem negar nem discutir o facto, é todavia certo, que outros motivos igualmente influem para a variante do uso. Um deles — forçoso é dizê-lo — deriva de entre lavradores e criados de confiança ir afrouxando aquela arreigada e mútua afeição, resultante da paternal benevolência e bizzarria dos primeiros e da estabilidade, honradez e zelo dos segundos. Qualidades e virtudes que ainda se encontram, mas que declinam evidentemente por... não estarem na moda. É pena que assim aconteça. Porque essa mútua e leal dedicação criava antigamente uma reciprocidade de direitos e deveres, de boamente satisfeitos, honradamente cumpridos.

Tendências e hábitos Não obstante a diferença de soldadas de uns para outros ganadeiros, nota-se que a todos lhes chega para conforto e abastança superior ao dos de outras classes semelhantes.

Por tais razões e por que o encargo de ganadeiro é dos menos fatigantes que

(1) Em terminologia alentejana o vocábulo *pegulhal* significa o animal ou animais de qualquer pessoa que não seja o lavrador, e que este, por favor, paga ou forra, consente nos seus rebanhos, onde pascigam conjuntamente com o mais gado. Aos pegulhais dos ganadeiros também se lhes chama *forras*, em determinadas circunstâncias.

(2) É inconveniente a forra de cabras aos cabreiros por que a separação do leite da cabrada do das do pegulhal, presta-se facilmente aos abusos fraudulentos, de importância bastante sensível.

Com os pastores não pode haver esse contra, por que o leite das suas respectivas ovelhas pertence ao lavrador.

se exercem nas herdades, parece que devia ter muitos pretendentes. Pois nem por isso. Na gente moça então, é notória relutância à vida pastoril. Se em crianças a exercem a contento, pronto se enfadam, mal chegam a homens. Nessa altura, preferem servir nas ganharias, onde trabalham mais, mas, sem lhes cercearem a folga e pândega dos domingos, nas aldeias. Todavia aqueles poucos que aí dos dezoito anos em diante continuam atrás dos rebanhos, por imposição dos pais, ou por outro motivo forte, tomam tal afeição ao gado e ao campo que, como os deixam, não mais querem outra ocupação e nela permanecem por toda a vida. Vêem-se velhos que nunca fizeram outra coisa e só numa classe de gado.

* * *

Os ganadeiros são ordinariamente de índole reconcentrada, fugindo aos *adjuntos*, ⁽¹⁾ e aos excessos de toda a ordem.

Entre os pastores, tidos como os mais pacatos de todos, há, em maior escala, cultores afamados da poesia popular, que recitam a quem lha quer ouvir. Por versos e décimas da sua lavra ou de outros colegas, usam verberar qualquer crime ou escândalo de sensação, sucedido nos arredores, sobretudo os adultérios e desfloramentos que se tornam de domínio público.

Um certo pastor existiu há anos que pagou cara a afeição à poesia. Tendo *armado* várias décimas de escacha para estigmatizar um caso de sedução, não só zurziu a valer o sedutor, mas ainda beliscou forte na seduzida. Foi um acontecimento. A versalhada causou furor, a ponto de correr impressa e ser recitada nas tabernas e bailaricos, como pratinho indispensável em todo o género de reuniões.

Mas o pai da pequena azoou com o successo e jurou vingá-lo. Munindo-se de um cacete, apresentou-se ao festejado poeta, e, com bons modos, pediu para lhe contar as «*décimas da filha*», coisa de fundamento, segundo ouvira dizer.

O solícitado hesitou ao princípio, mas tais rogos ouviu e tão envaidecido ficou, que condescendeu afinal. Recitou, recitou, mas, a certa altura, quando estava no zenite do entusiasmo, o ouvinte desanca-lhe o vara-pau em cima, e — agora o vereis — pespega-lhe uma tunda de rachar. Não passou a pior, pela atitude do poeta, que, suplicando clemência, soltava calorosos protestos de arrependimento. Foi o que lhe valeu. Do contrário teria de ir para o hospital, se não para o cemitério. Mas serviu-lhe a lição. Nunca mais armou décimas, nem queria que lhe falassem em tal.

.....

Os porqueiros salientam-se pelo arranjo, compostura e asseio, qualidades que bastante os caracterizam. A estética preocupa-os tanto, que se lhes nota no vestuário e nos aparelhos das burras, irrepreensivelmente preparados e cuidados por eles próprios.

(1) Por *adjuntos* mencionam-se as reuniões de indeterminado número de pessoas entretidas em palestras ou a beberriarem nas tabernas. Às aglomerações de gente em qualquer parte, chamam-se-lhes *grandes adjuntos de família*. Expressão muito plebeia, entende-se.

Os cabreiros têm fama de *aluados*,⁽¹⁾ especialmente no período da parição das cabras. Período de extraordinária responsabilidade, em que o cabreiro se considera imprescindível e absoluto. Sabe, que se então abalar, outro estranho que o substitua, não conhecendo bem todas as cabras a ponto de as distinguir umas das outras, natural é malograr-se-lhe a criação, por falta de tino na afiliação respectiva.

Nos ganadeiros, como em nenhuns outros criados rurais, persistem hábitos antiquíssimos, merecedores de referência. Assim, como utensílios típicos, usam os seguintes: azeiteiros, de chavelho de bovinos, para azeite e vinagre; cornas para leite; coxo ou concha de cortiça, para beberem água; *barquino* ou serrão de pele de chibo, para depósito de água fresca no verão; alforges de peles de cabra, curtidas; colheres de chifre ou de pau de buxo; caldeiro de ferro, para diferentes aplicações; tarro de cortiça, como vasilha dos almoços e ceias já preparadas.

Para os arreios e aparelhos das burras, se exceptuarmos a albarda, tudo é por eles preparado com peles de cabra, ovelha e cão. As de cão apreciam-nas extraordinariamente por se prestarem a muitos usos, e sobretudo para tapetes e cobrejões das albardas.

O cacheiro (cajado), e as pedras são as suas armas favoritas. A pedra usa-se principalmente na freguesia de Santa Eulália, onde a manejam com admirável destreza, sem auxílio de funda. Ponto que mirem, é alcançado em cheio, mesmo de longe, como se fosse tiro de bala. Assim aproveitam a faculdade da pontaria, para reconduzirem ao rebanho as reses transviadas. É processo simples, mas tem o inconveniente de, por vezes, ocasionar fracturas ou outras diversas lesões. *Doenças de cacheiro ou de pedra*, como se classificam, por ironia, em fraseado campesino. Que, os ganadeiros, como possam, atribuem sempre esses desastres a outras causas diversas.

Os porqueiros adoptam também um comprido azorraque ou açoite, por eles preparado, e com que chamam à ordem os suínos arredios. É um costume exclusivo da região elvense e vizinhas, de magnífico resultado, sem os inconvenientes do cacheiro. Naquele, no azorraque, reparam com espanto os estranhos que o vêem em acção nas feiras e mercados.

Por sua vez os pastores usam do *gravato* — vara-pau com gancho de ferro numa das pontas, com que facilmente seguram e apresam o lanífero que precisam agarrar. Desses é que realmente se pode dizer que são apanhados a gancho.

A adopção da pedra, do cacheiro, azorraque e *gravato*, não impede que alternadamente muitos ganadeiros usem da espingarda, não por necessidade, mas para caçarem próximo dos rebanhos. E entre eles encontram-se escopeteiros de truz, habituados a dar *bigodes* aos caçadores de profissão. Sem embargo, e mantendo os velhos hábitos dos da sua classe, todos continuam a ser os maiores destruidores dos ninhos e criação de caça. Os ninhos de perdizes principalmente procuram-nos com particular interesse. Quantos encontrem, quantos marcam

(1) Estouvados e imprudentes, refilando grosseiramente por qualquer coisa, com alaridos de frases e gestos intempestivos.

com sinais particulares, para lhes tirarem os ovos em terminando a postura. Tal olho têm para semelhantes descobertas que, por esse meio, tiram centenas de ovos, com que preparam e comem apetitosas *freginadas*, num requinte de satisfação glutona. Para eles, as leis do defeso, não passam de letra morta, de que zombam impunemente. Que lhes importa as leis, se menosprezando-as satisfazem as exigências do estômago, sem dissabores e despezas! De mais, só assim, comem ovos em abundância, não lhe custando cinco reis.

Trajos característicos Apenas a *pelica* e as botas de focinheira com presilhas, também chamadas botas leiteiras. A *pelica*, consiste numa espécie de albornoz de inverno, feita com peles providas de lã. Usam-na principalmente os boieiros, vaqueiros e pastores.

As botas de focinheira, mais propriamente se deviam chamar polainas de couro. O seu feitio é parecidíssimo com o das polainas. De botas só possuem o nome e a sola correspondente. Nem calçado são, pois que não dispensam o uso de sapatos. Pouco se usam já, sendo de presumir que desapareçam de todo. O mais vestuário é em tudo igual ao comum das populações rurais, referido no capítulo imediato.

Malhadas À parte as visitas aos domicílios nas vilas e aldeias, onde geralmente vão nas noites de sábados e domingos, a pretexto de irem à roupa e, de caminho, conduzirem na burra a sua carguita de lenha — os ganadeiros pernoitam nas suas respectivas malhadas. ⁽¹⁾ Choças rústicas, que temporariamente se adaptam a lar doméstico quando por lá passam temporadas as mulheres e os filhos dos maiores e *entregues*. Então atingem um cúmulo de arranjo, maximé as dos porqueiros, que pela sua natureza estável, são as de maior desafogo e de melhor construção. Quantas excedem em asseio e abastança a muitas habitações urbanas de gente humilde.

Exceptuando as malhadas dos pastores, todas mais se assemelham às cubatas africanas, quero dizer mostrando a configuração cónica e o revestimento de mato. Aqui o revestimento é sempre de piorno. As dos pastores, pela circunstância de ser forçoso mudarem-se com frequência e facilidade, são o que há de mais rudimentar em choças. Não passam de simples abrigos, representados por uma cancela convexa, tecida de colmo, amparada por duas mais pequenas, uma de cada lado.

Mas boas ou deficientes, de qualquer ganadeiro que sejam, tornam-se tegúrios queridos desses rústicos indivíduos que passam a vida no campo, atrás dos rebanhos. Com pouco se contentam tão prestimosos serviçais. Alheios ao borborinho das multidões e aos trabalhos de esforços violentos, a existência desliza-lhes tranquila e risonha, numa invejável paz de espírito. Nas malhadas ou

(1) Tem excepções este costume. Para os boieiros nada lhes é aplicável, como já tive ocasião de dizer. Os vaqueiros, eguaziços e cabreiros adoptam-no apenas na parte da noite que não repastam os gados. Portanto são os porqueiros e pastores aqueles que mais aproveitam as malhadas.



nos prados, a miúdo se lhes proporcionam horas e horas de ócio, sobretudo na primavera, em que o gado come à farta, abastecendo-se depressa. E então, ao ar livre ou na choça, ocupam-se em entretenimentos úteis e pacientes, que dão nome à chamada indústria pastoril. Pequenos objectos de uso caseiro, muitos, artisticamente esculpidos à ponta de canivete, em madeira, cortiça e chavelho. Deles todos dou menção desenvolvida em artigo próprio, que se encontrará noutro capítulo.

Chocalhos Todos os ganadeiros os possuem em quantidade suficiente às necessidades dos rebanhos. Os porqueiros carecem de poucos por não ser costume enchocalharem-se os porcos, posto que isso se veja excepcionalmente num ou outro suino de tendências vândias. Mas os boieiros, os vaqueiros, egua-riços, pastores e cabreiros, como tenham recursos, possuem larga provisão de chocalhos, para, devidamente arreados, prenderem ao pescoço dos animais, deixando outros de reserva para suprirem extravios e estragos.

No outono e no inverno cada ganadeiro emprega toda a *loiça* ⁽¹⁾ de que precisa e de que pode dispor, preferindo a maior e mais retumbante. Na primavera e verão conservam apenas a miúda e só numa ou outra vez de cada rebanho.

O luxo e vício mais vulgar entre ganadeiros são os chocalhos. Dispensam-lhe os melhores cuidados e neles empatam capital importante, que gastam de boamente, com ufania. É notória a emulação que a este respeito há de uns para com outros. Também merece reparo a usança de se procurarem reciprocamente para fazerem trocas e compras do artigo em questão, comentando os recursos e o gosto de cada qual na matéria supradita.

Os chocalhos fabricam-se nas Alcáçovas, vila do distrito de Évora onde se vendem para serem revendidos nas feiras de toda a província. Que a *loiça* grossa, de maior preço, é mais frequente adquirirem-na directamente na localidade do fabrico onde os maiores igualmente vão ou mandam consertá-la.

Nos diferentes modelos de chocalhos há as seguintes variedades: Tipo grande — *Mangas, sem-serras, castelhanas*, etc. Tipo pequeno — *chocalhas, campanilhos, picadeiros, chocalhinhos*, etc.

Com a mesma designação de *loiça*, e para aplicação análoga ao dos chocalhos, mas restringida aos bois e cabras — usam-se também os *esquilões* e as *esquilas* — espécie de sinetas reduzidíssimas, de toada semelhante à das campainhas. Entre os *esquilões*, há os *toeiros*, de som áspero, e os *finos* de som agudo. E mais um terceiro modelo — as *sinetas* — o maior de todos, aliás pouco usado. Empregam-se sòmente para adornar as boas juntas de bois ou novilhos que se apresentam nas feiras.

.....

Por aqui finalizo as notas mais ou menos comuns a todos os ganadeiros. As referentes a cada especialidade, adiante se encontrarão.

(1) Nome com que os ganadeiros designam genericamente toda a classe de chocalhos e esquilões.

Guardadores de gado vacuum

Compreendem: *Boiros*—*Vaqueiros*—*Açougueiro*—*Novilheiro*.

Boieiros Pela circunstância de, alternadamente, trabalharem com os ganhões, a sua descrição figura entre os criados de lavoura pròpriamente dita, como se pode ver de páginas 70 a 74.

Vaqueiros São dois: maioral e ajuda. Se a vacada é muito grande, e por esse facto se divide temporariamente em dois rebanhos, um, o das vacas paridas e prenhes, continua a cargo do vaqueiro e ajuda. O outro, das reses novas e *forras*, chamadas de *alfeiro*, confia-se a *entregue* extraordinário, que se designa por *alfeireiro*.

Aos vaqueiros cumpre apascentar a vacada, sendo o maioral particularmente incumbido de afillhar as paridas, prender e soltar os bezerros «à estaca»,⁽¹⁾ assinalá-los nas orelhas durante esse período, e bem assim *retamar*⁽²⁾ as mães, quando precise desmamar-lhes as crias.

Soldadas: O maioral ganha aproximadamente 72\$000 reis anuais, não tendo pegulhal. Possuindo-o, de uma ou duas vacas e égua, senão somente égua ou vaca, vence menos em dinheiro o valor atribuído aos pastos dessas *forras*—18 a 20\$000 reis para os da égua e 9 a 10\$000 reis para os de cada vaca. Alguns, sem pegulhal, ganham, além da verba em reis, uma certa quantidade de trigo ou centeio, que igualmente reduz o vencimento em dinheiro.

Açougueiro Apascenta a *açougaria*, isto é, as reses bovinas apartadas para engorda e venda com destino aos açougues públicos. O encargo de açougueiro dura desde janeiro até maio ou junho. A soldada regula entre 4 a 5\$000 reis por mês.

Novilheiro Trata exclusivamente da apascentação dos novilhos, se estes são tantos que não convém trazê-los na vacada ou boiada, o que só sucede nas lavouras muito grandes. Nestas mesmo, algumas há, onde semelhante ocupação dura apenas alguns meses. A soldada regula pela do açougueiro.

Guardadores de gado cavalari

Limitam-se ao *eguarico* e, muito excepcionalmente, a um ajuda e a um *poldreiro*.

Eguarico Como único encarregado da manada das éguas, mais se designa por *eguarico* do que por maioral. Os seus principais deveres são: guardar e apascentar a manada; reparar na *viciação* das éguas para quando estejam

(1) Prendem-se à estaca, nos primeiros dias de nascidos, por terem pouca resistência para acompanharem as mães na pastoria, ou para não mamarem em excesso, quando as mães têm leite em abundância, de sobejo.

(2) Inutilizar temporariamente as tetas da vaca por qualquer processo que obste a mama das crias.

aluadas ⁽¹⁾ as levar ao *lançamento*, regulhando-lhe os *saltos*, pelas horas e intervalos em uso; assistir e dirigir esse acto, peando antes a égua a cobrir e segurando-a pelo cabresto durante a cópula: fiscalizar o lançarote, repreendendo-o quando lhe notar abusos, negligência ou desleixo; usar de todas as cautelas possíveis para a parição das éguas ir a efeito, sem desastre nas crias; tomar a direcção da *cobra* nas debulhas das eiras, munido do competente açoite; tosquiá-las as crinas e rabadas das éguas e poldras; lembrar enfim a *ferragem* das mesmas nas vésperas de debulha, e a cravejação e referração precisas durante essa faina. De verão, se a manada é grande e avultados os calcadoiros a debulhar, o *eguaricho* tem ajuda extraordinário, saído dos ganhões, o qual governa a segunda *cobra*.

Soldada: Sendo só a dinheiro, oscila entre 54 a 72\$000 reis anuais. Ganhando trigo ou centeio e *forra* de égua, ou só uma das duas coisas, abate-se-lhe o correspondente à média desses valores. Os pastos da égua reputam-se entre 18 a 20\$000 reis, como já disse.

Poldreiro É o encarregado da pastoreação dos poldros e machos de um a dois anos. Em geral, só se torna necessário na primavera, ou noutra época em que, por qualquer circunstância, se impõe a apartação do gado novo.

Porqueiros

Afora os rapazes ajudas, de que nada temos a especificar, o grupo dos porqueiros compreende:

Maioral, que é o chefe.

Entregue das porcas, o que guarda as porcas parideiras.

Farroupeiro, encarregado da *corrida* dos *farroupetes* ou *farroupos*.

Vareiro, o que anda com a *vara* ou porcos de engorda.

E ainda outros *entregues*, sem nomenclatura especialíssima, por igualmente a não terem os rebanhos em que se empregam.

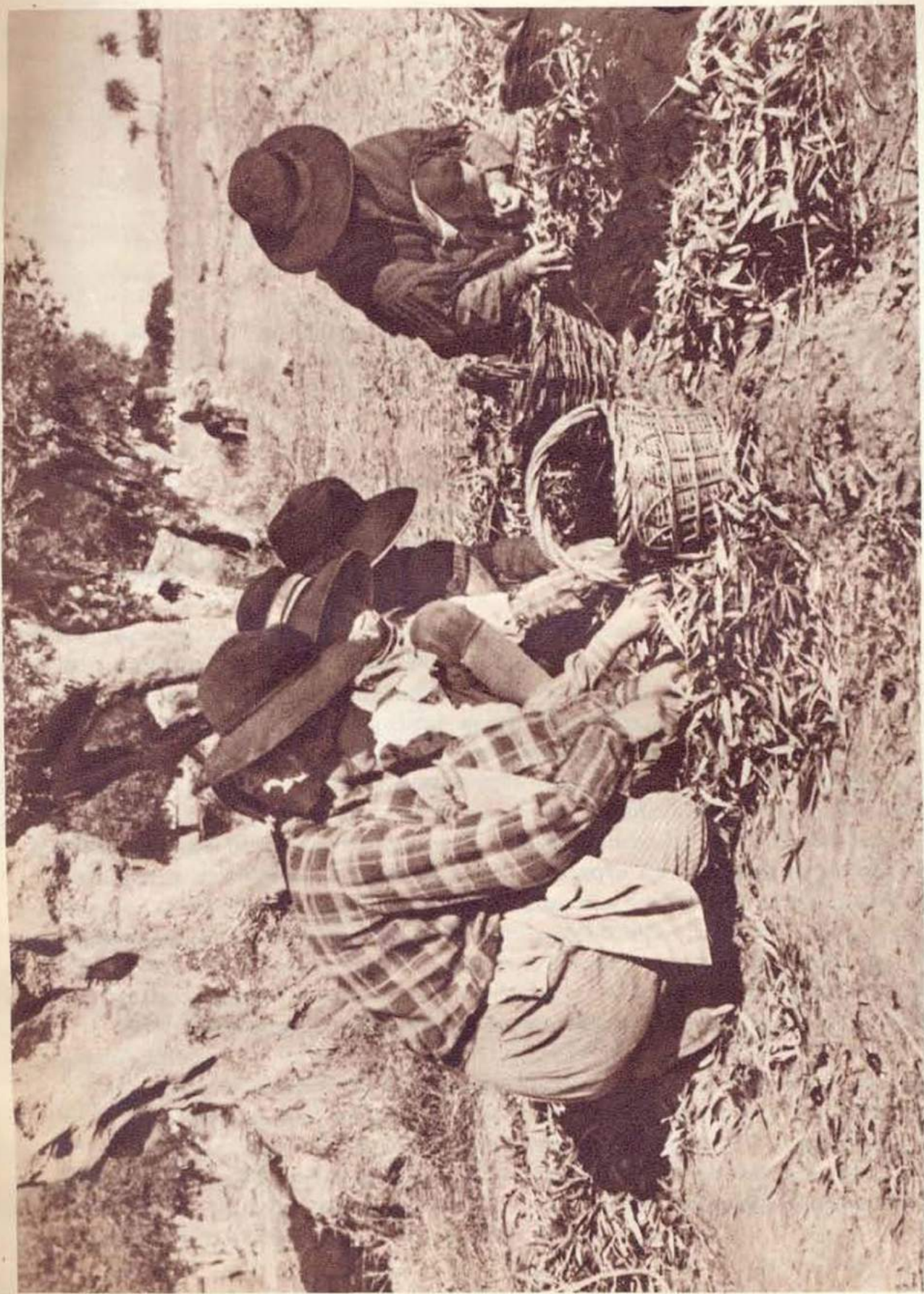
Todos em geral, e cada qual respectivamente, incumbem-lhes o tratamento do rebanho a seu cargo, bem como a conservação e asseio da malhada, já procedendo a pequenos reparos, já renovando com frequência as camas dos porcos, de modo a haver a máxima limpeza nas pocilgas e pocilhões.

Quando as malhadas, de construção rústica, carecem de concertos grandes, aos porqueiros incumbem executá-los, com auxílio de pessoal estranho.

A condução da comida para os porcos igualmente lhes compete, transportando-a nas suas burras, do celeiro para a malhada, se aquele está próximo: ficando longe, dispensam-se desse serviço.

Maioral Além da fiscalização que uma vez por outra, nas horas disponíveis, deve exercer sobre os *entregues*, incumbem-lhe muito particularmente, a *afilhação* das porcas e a criação das bacoradas. Esta é a sua maior e mais

(1) No campo usa-se dizer *aluada* ou *viciada* de qualquer fêmea que mostre excitação genésica.



A apanha da azeitona

espinhosa missão. Para bem a exercer, não guarda rebanho algum, grande parte do ano, passando quatro meses ou mais na malhada respectiva, ⁽¹⁾ ora a assear com escrúpulo as várias acomodações das porcas e bácoros, ora cuidando da alimentação das mães e filhos, principalmente dos bácoros, que, até completarem dois meses, carecem de cuidados constantes e especiais.

À medida que as porcas vão parindo, cumpre-lhe distribuir com equidade os leitões recém-nascidos, para que umas não continuem sobrecarregadas em demasia e outras nimíamente poupadas. Portanto, às de maior prole ou fracas, deve subtrair os bacorinhos em excesso, matando os raquíticos e aproveitando os imediatos para os reunir e amamentar às outras menos fecundas ou robustas. E quando assim não cheguem para todas ficarem bem afilhadas, terá de ir pedir leitões às malhadas dos colegas vizinhos, onde por certo lhos darão se lá sobejarem, como igualmente ele os cederia, dando-se a hipótese inversa. É da praxe.

Realizada a desmama dos leitões, o maioral forma com eles um rebanho de que continua a tratar não só na malhada mas por fora, em pastoria, com auxílio de ajuda. E com os bácoros permanece até às vésperas de nova parição, época em que os confia a outro porqueiro, para se ir dedicar à criação em perspectiva. Entretanto as porcas não parem, trata de pôr em ordem as pocilgas que lhes destina.

A assinalação dos leitões na pocilga, a escolha de marrãs para casta e dos bácoros para varrascos, a castração dos suínos machos, e a assistência à mesma operação nas fêmeas, são outros deveres imperiosos do maioral, como também lhe compete proceder ao encabeçamento do montado, se disso o amo o incumbe.

Soldada: Consiste no pegulhal e em dinheiro. O pegulhal é *forrado* em condições tão diversas de umas para outras «casas», quanto ao número de cabeças permitidas e ao tempo de permanência das criações de bácoros, que se não pode mencionar com absoluta exactidão. Salvo ligeiras variantes, aproxima-se do seguinte: uma burra, porca afilhada e uma cabeça de engorda na vara.

Por «porca afilhada» subentende-se o sustento de uma porca parideira e o das suas duas criações anuais, de 6 a 7 bácoros cada uma. Se a porca pare menos, ou se parindo seis ou sete, lhe morrem alguns ou todos, durante a época conveniada para o sustento à custa do lavrador, o porqueiro tem o direito de preencher as faltas com bácoros da mesma idade, que adquira em qualquer parte. Doutrina esta igualmente aplicável para as *forras* de cabeças adultas que lhe venham a faltar.

A *forra* da criação *ervíça*, nascida em dezembro ou janeiro, dura aproximadamente nove meses, ou seja até ao «S. Miguel» seguinte; a *montanheira*, nascida no fim de junho a princípio de agosto do ano anterior, termina também em setembro, quando os bácoros têm 13 ou 14 meses. Nesta altura, já está nascida uma nova criação *montanheira*, que prossegue criando-se, para sair em igual tempo no ano imediato.

(1) Em duas épocas de dois meses cada uma.

Daqueles de nove meses ou dos outros de treze a catorze, o maioral reserva um para *corrida* como *farroupo*, afim de, no ano seguinte, o meter na *vara*.

Quer porém haja ou não este costume, fica entendido que os nove meses para os *erviços* e os 13 a 14 para os *montanheiros*, são em regra os prazos máximos estipulados para a sua permanência no pegulhal. Devo porém advertir que, tão longo prazo, pode considerar-se costume exclusivo das «casas» dos lavradores (aliás bastantes) que usam vender as bacoradas pelo «S. Miguel», incluindo, na venda ou vendas, os bácoros dos criados, por preço igual ao dos seus, em igualdade de circunstâncias.

Nas «casas» dos lavradores, que vendem as criações suínas antes de setembro e nas de outros que, adoptando sistema oposto, as conservam indefinidamente, para as recrearem e engordarem,—os bácoros dos pegulhais são, em geral, vendidos ou retirados antes de terem a idade atrás referida, senão todos, alguns pelo menos.

Se, como prática já raríssima, o pegulhal vai além dos usos mencionados, compreendendo também *forras de corrida*—neste caso prossegue uma das aludidas criações (no todo ou em parte), que o lavrador continua a sustentar depois do «S. Miguel», não como criação, mas como *farroupetes de corrida* no montado, e nas ervas até ao fim de maio, como *farroupos*. Só até ao fim de maio, tempo em que fatalmente hão-de sair, à excepção da cabeça para a *vara* quando tal *forra* haja, o que nem sempre se verifica. Havendo-a, está claro que o correspondente *farroupo* continua a permanecer, até engordar, no montado.

O pegulhal com porca afilhada e simultâneamente *farroupos* na *corrida* e cabeça na *vara*, atinge uma importância tão avultada, que poucos existem nessas condições, embora em tal hipótese a verba em dinheiro se reduza a 9 ou 10\$000 reis anuais.

Na actualidade, a soldada vulgar em maioral de porcos, de «casa grande», consta de 24 a 27\$000 reis anuais e do pegulhal de *forras* semelhantes às que aludi em princípio, isto é, à burra e à porca, com as criações mais ou menos demoradas. O que tudo monta a verba relativamente importante, se as criações vingarem e se venderem por preços medianos ou altos. Assim como também pode ficar reles e ínfima, no caso de *morrinhas* ou de preços baixos no gado. Para o lavrador sempre sai bastante dispendiosa a soldada em que predomina o pegulhal de porcos, atenta o elevado custo da sua manutenção. O duplo ou o triplo do que antes era, já pelo maior valor das rações, já por hoje se tratarem com mais abastança do que outrora.

Para se aquilatar isso com aproximação, darei mais adiante uma nota de tal despesa, discriminada por parcelas. Custo para o amo, bem entendido, por que para o criado só representa um pequeno emprego de capital, com probabilidades de auferir lucros que nunca ganharia acomodando-se a dinheiro sòmente. Com o pegulhal pode sair-se em média por 150\$000 reis e muito mais em alguns anos, ao passo que ganhando dinheiro apenas, sòmente vencerá uns 90\$000 reis quando muito.

Antigamente maioral e *entregues* de porcos, todos tinham o pegulhal avolumado com *furras* de 10 ou 12 cabras, entre os rebanhos dos suínos, mas só nos meses de janeiro a fins de setembro e princípios de outubro. Nos três meses restantes (época do montado), era do ajuste retirarem-nas, indo colocá-las fora de invernadouro, pagando os maiores 400 a 600 reis pelos pastos de cada uma. Acabaram de todo essas *furras*, verdadeira anomalia, que nenhuma razão justificava.

Entregue das porcas Guarda e apascenta as porcas *criadeiras*, conduzindo-as à malhada, tanto à noitinha para lá pernoitarem, como ao meio dia (estando paridas), para darem mama aos bácoros.

Ao aproximar-se a parição das mesmas cumpre-lhe vigiá-las atentamente, providenciando, primeiro, para que vão parir às pocilgas e não à revelia no campo, onde se lhe podem facilmente estragar os leitões; segundo, acudindo de pronto aos bacorinhos recém-nascidos das porcas que escaparam à sua vigilância, devendo nesse caso conduzir logo mães e filhos para a respectiva malhada. É também do seu dever auxiliar o maioral no acto da afiliação.

Soldada: sendo ganha por homem de confiança e sabedor, aproxima-se da do maioral, diminuindo um pouco na verba em dinheiro e nas *furras* que, em geral, não abrangem *farroupos* nem cabeça de engorda. Se porém a soldada consiste apenas em reis, o que é frequente e próprio de *entregue* justo aos meses, regula aí por 5\$000 reis cada mês.

Farroupeiro *Entregue* incumbido dos *farroupetes* no tempo da *corrida* e depois das mesmas cabeças também, mas já como *farroupos* nas *ervas* e *agostadouros*.

A sua soldada é em tudo semelhante à do *entregue* das porcas, havendo igualdade de aptidões entre ambos. Quero dizer se o *farroupeiro* tem pegulhal, é em condições iguais às do *entregue* das porcas; se ganha dinheiro somente, anda também isso por quantia análoga à do outro, em hipótese igual. Pode ganhar um pouco mais, se a *farroupada* for grande, o duplo ou triplo da manada das porcas, como é frequente suceder.

Vareiro Encarregado de *vara* de engorda no montado, desde o 1.º de novembro ou antes, até à venda dos porcos.

O vareiro ou é um *entregue* qualquer, que no tempo de *vara* toma este encargo, ganhando portanto soldada semelhante às duas últimas referidas, ou se acomoda expressamente, para o fim em questão, a 4\$500 ou 5\$000 reis por mês.

Quaisquer outros porqueiros *entregues* que ainda haja na mesma «casa», não têm nome específico. Assim, àqueles que guardam bácoros no impedimento do maioral, chamam-se-lhes apenas *entregues* e não *bacoreiros*.

ATRAVÉS DOS CAMPOS

Custo calculado à soldada de um porqueiro, com pegulhal de criação e cabeça na «vara»

Criação erviça

Ervas da porca (de janeiro a maio)	600	
Rações para a porca, nos meses da criação erviça (janeiro e fevereiro)	1\$500	
Sustento «a sacco» dos 6 bácoros, desde os 30 dias de nascidos até fim de maio, ou sejam 120 dias, ao preço de 18 reis por dia e bácoro	12\$960	
Agostadouro dos mesmos, nos meses de junho, julho e agosto, a 700 reis por cada.	4\$200	
Ração para os ditos bácoros, no mês de setembro, ao preço de 20 reis por dia e bácoro.	3\$600	
Total da despesa com a criação <i>erviça</i> , até à venda pelo S. Miguel		22\$860

Criação montanheira

Agostadouro de porca (junho a setembro)	1\$500	
Sustento dos 6 bácoros <i>montanheiros</i> , desde os 30 dias de nascença (fim de julho) até entrarem no <i>mato</i> a comerem bolota, ou sejam 90 dias de comida «a sacco», custando a ração 18 reis por dia e bácoro	9\$720	
Montado de <i>corrída</i> dos mesmos, calculando o preço de 2\$000 reis para a <i>montanheira</i> de cada um, em toda a época.	12\$000	
Idem, idem, para a porca	4\$000	
Sustento a bagaço dos ditos 6 bácoros, desde que termina a <i>migalha</i> ou <i>retraça</i> (fim de janeiro) até meados de março — uns 45 dias, a 10 reis por dia e bácoro	2\$700	
Custo das ervas para os mesmos, a 300 reis cada um, desde janeiro a fim de maio	1\$800	
Agostadouro para os aludidos bácoros, de maio a fim de agosto ou setembro, a 800 reis cada.	4\$800	
Total do custo da criação <i>montanheira</i> , até aos 13 ou 14 meses		36\$520
Ervas do <i>farroupo</i>	600	
Agostadouro	1\$400	
<i>Corrida</i>	3\$000	5\$000
<i>Forra</i> de uma cabeça de engorda no montado		12\$000
Pastos de uma burra.		4\$000
Soldada a dinheiro		24\$000
Custo total da soldada (excluindo comida).		104\$380

Pastores

Pondo de parte os ajudas, que nada oferecem digno de menção, os pastores constam; do maioral das ovelhas, que é o chefe; do *carneiro*, que guarda os carneiros, e de dois, três ou quatro *entregues* mais, sem denominação especial, por igualmente a não terem os rebanhos que apascentam. Quando se apartam os *alavões* — rebanhos de ovelhas que na primavera se ordenham para o fabrico do queijo —, os *entregues* e ajudas respectivos, chamam-se-lhes *alavoeiros*.

Os pastores — além de guardarem e apascentarem o gado ovino — cumpre-lhes mais o seguinte: mudar os bardos, ou redis, uma ou duas vezes por dia, ⁽¹⁾ conforme a época, para aproveitamento dos estrumes; limpar as reses das *cagaitas* volumosas que se lhes formarem na lã, próximo das tetas, dos testículos e da cauda; catarem, com atenção, o seu rebanho, logo que o suspeitem invadido de *ronha* ou de *bexiga*, marcando as «cabeças» que encontrarem atacadas, procedendo ao seu imediato curativo ⁽²⁾ e repetindo-o enquanto for necessário; finalmente, regular as horas da solta e recolhimento dos animais, em harmonia com a época, escassês ou abundância de pastos, condições do gado e estado do tempo.

Maioral Chefe de todos os pastores, apascenta igualmente um rebanho, sempre o que demanda maior dedicação e cuidados. Assim, no outono e no inverno, anda com o das ovelhas próximas a parir e as recém-paridas, ou seja a *chicada* mais nova. Na primavera e no verão, guarda o dos borregos ou borregas, e na falta destes, outro que também careça de pastor experimentado.

Afora os deveres comuns a todos os pastores, cumpre-lhe: de acordo com o lavrador e em resultado das ordens e autorizações que tiver dele, indagar do passadio e do estado sanitário dos rebanhos, fiscalizando os *entregues* e recomendando-lhes o que for conveniente; empregar as cautelas possíveis para diminuir as probabilidades de invasões epizoóticas, sempre que essas doenças existam nos gados dos vizinhos; esforçar-se por atenuar semelhantes estragos quando por ventura a moléstia acometa aqueles que estão sob a sua responsabilidade, já obrigando os *entregues* a empregarem os tratamentos que lhe forem recomendados, já auxiliando-os nesse propósito. Mais lhe compete: contar, de vez em quando, o gado todo, inquirindo do número de reses mortas e das supostas ou verdadeiras causas que as vitimaram, participando tudo ao amo, prender as ovelhas recém-paridas que regeitem as crias para, deste modo, conseguir que as aceitem afinal, como é provável; *dobrar* os borregos, quando sejam menos que as ovelhas, por efeito de *morrinhas*; assinalar nas orelhas, o gado novo e bem assim cortar-lhes o rabo, se este antigo costume ainda persistir; ferrar no focinho, com o ferro da «casa» e durante o inverno, os malatos e malatas; com auxílio dos *entregues*, *rabejar*, nas vésperas de se apartarem os

(1) O mais usual é mudarem-se os bardos uma vez por dia, nos meses de setembro a fevereiro; duas, de março a fim de maio; uma, em junho, e de dois em dois dias, durante o verão.

(2) Pelos processos geralmente conhecidos de todos os pastores, além de outros que lhe forem indicados, como terei ensejo de referir, quando tratar dos gados.

alavões, as ovelhas respectivas, tosquiando-lhes a lã dos úberes e partes vizinhas que estorvem o ordenho; fazer as apartações consentâneas a cada época e às necessidades de ocasião; escolher os borregos para carneiros de casta; capar os malatos e os carneiros incapazes de prosseguirem como reprodutores; refugar as *badanas*, assinalando-as; marcar a cal branca no gado preto e a pês no branco, todas as reses lanígeras, uma vez por ano, quinze dias depois da tosquia; repetir o mesmo sinal ou pôr ainda outro, nas *partidas* de gado que forem a qualquer feira; assistir enfim ao tendal da tosquia, superintendendo e auxiliando esse serviço.

Soldada: Antigamente consistia numa simples moeda de ouro (4\$800 reis) anual e no pegulhal que era importantíssimo. Havi-as de 100 a 150 ovelhas, burra, doze cabras e as respectivas criações.

Esse sistema tem-se modificado, mingando as *ferras* à proporção que se eleva o vencimento em reis. Hoje a soldada corrente do maioral de ovelhas, de «casa grande», regula aproximadamente pelo seguinte: 24 a 27\$000 reis e as *ferras* de 60 a 80 ovelhas, burra e as respectivas criações.

Tanto noutros tempos como na actualidade, o leite das ovelhas dos pastores, pertence ao lavrador. Os outros produtos — lã e crias —, constituem receita absoluta dos donos dos pegulhais. A lã vendem-na conjuntamente com a do amo e por preço igual; os borregos têm de sair até ao S. Pedro, prazo máximo para a sua permanência nos rebanhos do lavrador. A cria da burra deve retirar ao ano de idade, por atingir o limite permitido para este género de *ferras*.

Entregues Acomodados a dinheiro, sem mais *ferras* que a da burra, ganha cada um 4\$500 a 4\$800 reis por mês.

Ajustando-se com pegulhal, vence cada um 12 a 14\$000 reis anuais e as *ferras* de 40 a 50 ovelhas e a de uma burra, tudo nas condições estabelecidas para o maioral.

Alavoeiros Costumam ocupar-se dois para cada alavão. Tanto podem ser *entregues* de carácter permanente, como outros, acomodados de propósito para este fim.

Seja como for, desde que não tenham pegulhal, vencem 4\$800 a 5\$000 reis mensais ou uns 500 ou 1\$000 reis mais por mês do que estavam ganhando como simples pastores. A subida justifica-se pelo encargo de ordenharem as ovelhas duas vezes por dia, com o auxílio dos roupeiros. Os alavoeiros são também gratificados com um queijo ou requeijão por dia, afim de mudarem os *apriscos* ⁽¹⁾ todos os dias, e não de longe em longe, como antes se praticava.

(1) Em terminología alentejana os *apriscos* não são os bardos onde pernoitam quaisquer reses ovinas, mas sim aqueles exclusivamente destinados ao ordenho das ovelhas.

Guardadores de gago caprino

Cabreiro Costuma ser um apenas—maioral e entregue de si próprio, por assim dizer, durante os meses em que as cabras não trazem crias a mamar. Mas desde que parem (de outubro a dezembro) até à desmama dos chibos (princípio de março), o cabreiro é auxiliado por um ajuda.

Ao cabreiro cumpre: apascentar a cabrada com todo o zelo, não tendo preguiça em lhe dar o repasto da noite; coadjuvar a construção do bardo, dos chiqueiros dos chibos, e da choça para ele; afilhar as cabras com o tino preciso, de modo que, logo de princípio, conheça o chibo ou chibos que pertencem a cada uma, para distribuir os filhos pelas mães, e nunca os baralhar, arri-mando-os a estranhas, o que transtorna o bom êxito da afilhação; ordenhar com presteza e regularidade nas horas; fazer as camas nos chiqueiros, renovando-as quando seja necessário; assear o bardo, varrendo-o a miudo; lavar os ferrados do leite; assinalar nas orelhas a criação; ferrar no focinho, com o ferro da «casa», os *anacos* e *chibarras*, durante o inverno; escolher os chibos e chibas para casta; capar os que for necessário; refugar o gado velho ou *achacado*, para o amo o vender; etc.

Na ordenhação, cumpre-lhe ser cuidadoso, saceando todo o leite que não for indispensável aos chibos. E, se estes já não mamarem, mais escrupuloso e completo deve ser o ordenho. Em tais circunstâncias, o leite que ficar nos úberes, representa prejuizo para o lavrador e dano para as cabras. As que são muito leiteiras podem *enserilhar-se* (chagarem-se-lhes as tetas), não sendo bem mungidas.

Soldada: Consistia antigamente em 2 a 3\$000 reis por mês e o pegulhal de burra e 12 cabras, ou, em substituição, 15 a 20 chibos. O leite das cabras vendia-o o maioral em sua casa, ao público, ou *queijava-o* por conta própria; as crias desfazia-se delas por ocasião da desmama, em março, ou pelo «S. Pedro», tempo em que fatalmente haviam de sair. Sendo as *forras* constituídas por chibos, o cabreiro comprava-os aos 4 ou 6 meses de idade, para os vender no ano seguinte como *anacos*. Lucrava a diferença do valor de um para outro ano.

Este costume, que ainda vigora em alguns concelhos, está extinto no de Elvas, onde, para o caso em questão, só se usa a soldada a dinheiro—4 a 5\$000 reis por mês.

Chibateiro Rapaz ou homem que guarda e apascenta os chibos ou chibatos.

Na maior parte das «casas» é ocupação transitória, limitada à primavera e verão. A soldada respectiva varia sensivelmente. Se as cabeças a guardar são poucas e novas, e as guarda um rapaz, este vence 1\$200 a 1\$500 reis por mês; se pelo contrário, o gado é adulto e numeroso, e o apascenta qualquer homem, a soldada eleva-se a 4\$000 reis mensais.

Alfaiates

São todos os *entregues* de qualquer espécie que se ocupam com rebanhos

de *alfeiro*. Por *alfeiro* denomina-se o gado novo ⁽¹⁾ de um ou de ambos os sexos, que constituem rebanho em separado, sem nele se misturarem reses paridas ou de prenhez adiantada.

ALIMENTAÇÃO

Em regra, a alimentação de todo o pessoal de uma lavoura é à custa do lavrador. O guarda de herdades, os ganadeiros e poucos mais, fornecem-se por meio de comedias ou comedorias, ⁽²⁾ aviadas no fim da semana, senão às quinzenas ou aos meses, como por excepção também se vê.

O pessoal do monte, a ganharia, a *carraça*, os carreiros e outros, têm comida preparada por conta do amo, em harmonia com os usos e práticas, que mais adiante mencionarei.

* * *

Os avios que competem por semana a um homem ou rapaz, justo por comedorias, são os seguintes: 9 a 10 quilos de pão; 315 gramas ou três quartas de toucinho; 35 centilitros ou um quartilho de azeite; dois litros ou um selamim cogulado de legumes e sete queijos. Estas são as chamadas comedias direitas, que, sem embargo, não constituem regra geral ou inalterável, antes variam um pouco de «casa» para «casa» e de ocupação para ocupação.

Noutros tempos, quando os porqueiros e pastores dispunham de pegulhais completos e grandes, os mantimentos que venciam limitavam-se ao pão, azeite e legumes, não tendo queijo nem toucinho, por se entender que esses víveres eram de sobejo supridos respectivamente pelo leite das cabras, rendimento da lã e engorda do porco na *vara*.

De há anos para cá tem-se banido tal sistema, generalizando-se o das comedorias direitas — único racional.

Aos sábados, todos que as ganham, afluem aos montes com as éguas e burras, para se aviarem dos seus mantimentos e das perrumas para os cães. Tudo por conta, peso e medida, a que eles próprios assistem, para verificarem a exactidão. Aviados de vez, carregam as bestas, dependuram-lhes os azeiteiros das albardas e assim marcham com as comedorias para as malhadas ou domicílios, de onde os vão consumindo. Há porém ganadeiros que deixam no monte os legumes, o toucinho e parte do azeite, para lá lhes prepararem as ceias e eles ou os ajudas as irem buscar nos tarros todos os dias à tarde.

Os boieiros raríssimas vezes têm mantimentos. O usual é receberem comida feita, como se usa para os ganhões.

Os cabreiros durante a época do ordenho, não recebem azeite para almoços, pois que, em vez de açorda ou coisa semelhante, almoçam leite quanto querem.

* * *

O pessoal do monte, de portas adentro, almoça janta e ceia, em todo o ano, a horas indeterminadas, que se retardam ou adiantam conforme os afazeres.

(1) De um a três anos no gado vácuum e cavalari, e de um a dois e meio nos suínos, lanígeros e caprinos,

(2) Em linguagem plebeia emprega-se o termo de *comedias* e não o de *comedorias*.

Os almoços constam de umas sopas quaisquer, ou migas; o jantar, de olha, ⁽¹⁾ e as ceias, de sopas de leite, de atabefe ou açorda, queijo, azeitonas, etc., etc. O pão é de trigo ou de centeio, conforme os usos da «casa». Para os carpinteiros é sempre de trigo, comendo à parte dos outros serviçais.

As olhas, tanto dos carpinteiros como do cozinheiro amassador, ⁽²⁾ etc., são melhoradas com carne ensacada, excepto nas sextas e sábados, que se temperam de azeite. De tudo que se come aos almoços, jantares e ceias, nada é regulado por conta, peso ou medida, pois tudo se dá a sobejar, principalmente se o lavrador reside no monte. Se vive fora, na cidade, vila ou aldeia, faltando no monte a fartura própria da residência de um lavrador, as comidas dos criados aludidos, são menos variadas, mas nem por isso deixam de ser melhores que as dos ganhões.

Para a ganharia, carreiros, *carraça* e mais gente que trabalha por fora, a comida é dada em refeições, que variam de qualidade e hora, segundo a época que vai decorrendo. Em todas e em qualquer tempo, predomina o pão de centeio, conhecido por marrocate, que o pessoal come à franca na quantidade que lhe apetece.

Para o fim em questão, o ano agrícola divide-se em duas épocas: a primeira desde o começo da sementeira outonal (22 de setembro) até ao último de maio; a segunda — a de verão — desde o 1.º de junho até ao «S. Mateus».

Em ambas, no intervalo das comidas, é corrente qualquer serviçal comer a sua *cunha* ou pedaço de pão, sendo isso uso geral durante a lavoura propriamente dita, por ocasião da primeira aguada de manhã e também na da tarde, imediata ao meio-dia.

Comidas habituais na época das sementeiras e alqueives,
desde o «S. Mateus», até ao fim de maio

Almoço Às três horas da madrugada, no tempo da sementeira outonal, o abegão ou o sota levanta-se, sai da sua casinha e vai bater à porta da dos ganhões, a quem acorda, gritando-lhes: — «Vá de levantar e calçar». — Os de dentro respondem, e o de fora, cõscio de que foi ouvido, dirige-se à cozinha do monte, a tratar do almoço, como disse noutra lugar, ao descrever a vida nos montes.

O almoço consta ordinariamente de açorda com azeitonas. ⁽³⁾ Da clássica açorda alentejana, cujo caldo o abegão prepara num instante, lançando a água a ferver em cachão sobre os barranhões, onde o cozinheiro depõs os temperos

(1) Por *olha* denomina-se o cozido de legumes ou hortaliça preparado com gorduras, toucinho ou azeite.

(2) Estes dois comem, em alguns montes, conjuntamente com as criadas do serviço doméstico, da comida que sobejou dos amos.

(3) Em alguns domingos do outono, em que se não folga, usa-se em certas «casas», almoço de migas em vez de açorda.

— azeite ⁽¹⁾ e sal pisado com alho, poejos ou coentros e pimentão. Escaldado o azeite, prova-se, corrige-se a água do sal, e, pronto, está o caldo feito, exalando o cheiro activíssimo dos temperos.

Com o caldo a evaporar, o abegão ou o sota conduzem-no nos alguidares para a mesa, de antemão posta por eles. Só faltam as sopas que, em breve, serão migadas pelos ganhões. Para que estes venham imediatamente, o abegão sai à rua e solta o brado do estilo: — «Ao almoço!...» — Brado estridente, retumbante e prolongado, que, nas madrugadas serenas, chega a ouvir-se a mais de 2 quilómetros de distância. O «governo» que tem boa garganta, timbra com o espaçar, gritando alto, muito alto, para que ao longe o ouçam e lhe gabem a voz.

À chamada, acodem todos. Entram, tiram os chapéus e assentam-se à mesa por ordem. O abegão ocupa a cabeceira, o sota fica-lhe na frente. Em seguida, cada qual puxa da navalha e todos passam a migar o pão para os alguidares, até mais lhes não caber.

Amolecidas as sopas, o «governo» exclama: — «Com Jesus!» — E todos principiam a comer, em comum, dos barranhões mais próximos, num silêncio profundo, em que só se ouve o ruído das colheres de lata e de chavelho, quando tocam no vidrado dos alguidares.

E' demorado o almoço, assim como todas as refeições. O homem do campo tem por hábito comer devagar, aguardando que a comida arrefeça. Não lhe agrada quente, pela preocupação de que lhe estraga os dentes. E o certo é que quase todos os possuem magníficos, não lhes dispensando cuidados.

Cada grupo de 4 a 6 ganhões come num só alguidar, sendo da praxe, cada homem, meter a colher somente no sítio onde encetou. O que transgride o preceito, é repreendido pelos outros, como glutão e malcriado.

Almoçam enfim. O abegão, vendo que todos deixaram de comer, dá o sinal de retirada, pondo-se de pé a despejar a mesa com o auxílio do sota.

Os ganhões saem para a rua, põem o chapéu e atiram fora com os caroços das azeitonas. Depois, vai de cigarrada, em volta da chaminé, na casinha. Um instante apenas, a pretexto de se munirem dos apeiros ou de quaisquer ferramentas que tenham de levar para o trabalho.

A partida, pronto a anunciam os «cabeças», saindo do monte com o saco das merendas, em atitude de marcha. Os carreiros igualmente deitam fora as parselhas, para também se pôrem a caminho...

Marcham todos. A noite ainda persiste, mas as estrelas anunciam a aproximação da aurora.

Isto, repito, no outono, «na força das sementeiras». Depois, madruga-se menos, almoçando-se ao amanhecer, e de dia claro, em março, abril e maio. Mas a açorda subsiste, salvo nos dias «de nomeada», que, a seu tempo, referirei.

(1) Na quantidade de três centilitros para cada homem.

Merenda Tem lugar das onze ao meio dia, no local do trabalho, ao ar livre, suprimindo o jantar, que não é de uso fornecer-se nos serviços de arado e de outros ligeiros, durante a época a que venho aludindo. ⁽¹⁾

A merenda consta de pão e queijo. Um para cada homem, com o pão que tiver na vontade, pouco ou muito que seja.

— «Tirem os queijos, oh *familha*» — diz o abegão, apresentando o taleigo aberto à ganharia. E acrescenta: — «Metam a mão, mas não escolham... Tirem o que lhe calhar...»

Por sua vez, cada qual tira o queijo que lhe compete e igualmente se apossa dos marrocates que calcula comer.

O tamanho e qualidade dos queijos, dão origem a comentários. O ganhão, que é desconfiado, persuade-se que tirou dos mais pequenos, invejando a sorte do companheiro próximo, que tem um que se lhe afigura maior e de melhor aparência que o seu. Destas suposições, surgem pequenas disputas, em gracejo, que muitas vezes terminam pela troca dos queijos, se a desigualdade não é evidente. Sendo, o possuidor do maior, que em começo fingia querer trocar, recusa-se por último, chacoteando o outro que o tomou a sério.

Durante a merenda, a *malta* não está silenciosa. Pelo contrário, falam a propósito de tudo. Os solteiros formam grupo à parte, comentando a seu capricho, os namoros dos ausentes e dos presentes. Ouvem e dizem muita piada, de que uns se riem à socapa, de que outros se formalizam, e de que alguns se envaidecem, avolumando-as a seu sabor, como gabazolas que são.

.....

O abegão é o primeiro a merendar. Os ganhões espaçam quanto podem, mas, afinal, concluem também. Todos então fazem os cigarros com a morosidade do estilo, acendendo-os com fuzil e isca.

Nesta altura, acontece que, um dos motejados na conversa sobre namoros, aproveita a ocasião para exhibir uma bolsa nova de petiscos, bordada a missanga pelas mãos do derraço. Obra de luxo e de fantasia, que ele mira e remira muito ufano, a despertar a atenção dos camaradas. Estes, reparando na prenda, chamam-na a si para a apreciarem e comentarem, segundo o seu critério. De entre os que a gabam, há quem fixe o possuidor e lhe diga: — «Caramba, Zé, que isto cheira a fêmea!... Viva o bem feito!... Bem se vê que *ela* tem mãos de prata!...» E a sorrir-lhe malicioso, conclui: — «Ah, maroto! que já a ganhaste!...»

A tais amabalidades, o Zé fica derretido. Todo baboso, responde: — «Ora adeus, as coisas dão-se a quem as merece!...»

E nestes dichotes prosseguem, até o abegão recomeçar a faina, dando a merenda por finda. Uma hora de interrupção, aproximadamente.

(1) Se por excepção, nesta época, a ganharia se ocupa em trabalhos violentos, como cavas, etc., não há merenda à hora do meio dia, mas sim jantar de legumes, semelhante às ceias próprias do tempo. Na hipótese de haver jantar, a ceia consta de uma segunda olha, ou de quaisquer sopas.

Ceia No tempo das sementeiras e do alqueive, é a principal refeição da ganharia. Efectua-se ao anoitecer, logo à chegada do trabalho. Consta de *olha* de legumes com batatas ou hortaliças, adubada com toucinho ou azeite, conforme os dias da semana. ⁽¹⁾ Nas *olhas* com toucinho, também se usa couve em vez de legumes.

Os domingos, terças e quintas, são dias de *boia*. ⁽²⁾ Nas segundas-feiras, quartas, sextas e sábados, condimenta-se com azeite. Por este motivo, além do cozido, há, para cada homem, o conduto de meio queijo, ou azeitonas à franca.

Nas lavouras em que, nos domingos de folga, a maioria dos ganhões não recolhe ao monte por ficar nos povoados em bailaricos e coisas semelhantes, a ceia dessas noites costuma ser adubada com azeite, transferindo-se o toucinho para o dia imediato, afim da *boia* ser partilhada por todos.

Antes, durante a quaresma, as *olhas* preparavam-se sempre com azeite, excepto aos domingos, que eram «de carne». Hoje, a alimentação dos criados durante a quaresma, subordina-se em tudo aos usos ordinários.

As rações de legumes e condimentos não são iguais em todas as «casas», mas pouco diferem. Na maioria delas, os pesos e medidas do costume para cada homem e ceia, são os seguintes: três decilitros de legumes aproximadamente e dois a três centilitros de azeite, ou 100 a 115 gramas de toucinho. Havendo mistura de batatas, os legumes entram em menor quantidade.

* * *

Ao anoitecer, dá-se a ceia. O abegão ou o sota, senão os dois, põem a mesa, vasam a *olha* da asada para os alguidares, separam a *boia* (quando a há) e conduzem a comida ao seu destino. Depois, um deles sai à rua e grita: — «À ceia!...» — Grito forte, que se ouve distintamente. Fraco que fosse, ouvir-se-ia também, atenta a impaciência com que os ganhões o aguardam.

Mal pois o ouvem, todos entram no monte, todos se descobrem e todos se sentam à mesa nos lugares habituais. Como de costume, o abegão preside, sentado à cabeceira.

Primeiro, migam-se as sopas sobre o caldo da *olha*. Tantas quantas possam ficar embebidas. Feito isso, o «governo» profere a invocação do: — «Com Jesus!» — e a ganharia passa a comer vagarosamente, com o silêncio e ordem que notei ao tratar do almoço.

Quando todos deixam de comer os legumes ou a couve, o abegão — se o dia é «de carne» — puxa a si a palangana do toucinho e parte a *boia* ⁽³⁾ em tantas rações iguais quantos são os homens. E oferece-lha para que a comam em

(1) Em certos dias festivos do ano, as ceias ou os jantares são sensivelmente melhorados, como terei ocasião de referir.

(2) Nas lavouras do Alentejo chama-se *boia* aos nacos de toucinho com que se aduba a *olha* dos criados, e que depois é por eles comido também de mistura com pão.

(3) «*Fulano é quem parte a boia*» — diz-se nos campos de Elvas quando se elogia alguém atribuindo-lhe a primazia de manifesta superioridade em qualquer coisa, sobre outros indivíduos de condições semelhantes. Evidentemente, o conceito da frase, procede daquela prerrogativa do abegão.

seguida, ou a guardem como entendam, para a comerem quando queiram. ⁽¹⁾

Ao terminar a refeição, o abegão, ou se levanta imediatamente sem mais cerimónias, para que os outros retirem, ou mantendo o costume antigo, outrora de rigoroso uso, junta as mãos e diz: — «Demos graças a Deus.»

À voz de — Graças — todos põem as mãos e ninguém deixa de rezar, pelo menos aparentemente. Os homens continuam sentados; os rapazes levantam-se, rezando de pé. Nenhum termina sem o abegão se benzer. Este, concluí afinal e, benzendo-se, diz: — «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!»

Ouvido o «louvado», velhos e novos benzem-se também, e tudo sai em debandada. Os rapazes *noveis*, antes de saírem, pedem e recebem a bênção dos pais, dos avós, dos tios, dos velhos e do abegão. ⁽²⁾

.....

Num momento, os ganhões dispersam pelo terreiro do monte, em grupos vários, correspondentes às diversas idades e inclinações: os velhos e pacatos recolhem à casinha, onde pernoitam; os novos, folgazões, nem sempre os acompanham. Por vezes marcham à pressa para as aldeias ou para onde têm os namoros.

Entretanto, o abegão e o sota levantam a mesa. E, acto contínuo, do que sobeja nos barranhões e do que de propósito ficou de reserva na asada, arranjam a ceia dos malteses, adicionando-lhe as sopas que julgam necessárias.

Se isto reputam insuficiente para abastecer a maltesaria, preparam-lhe mais uma açorda. Como quer que seja, agarram nos alguidares da comida, saem à rua, chamam e entregam-na.

— «Aí a têm...» — diz o abegão dando a ceia aos malteses, que a vêm receber.

— Venha ela...» — respondem os vândios, recebendo-a.

— «Bem empregada!...» — resmungam por vezes, baixinho, o «governo», ao voltar-lhes as costas, de caras ao monte.

.....

Refeições da época do verão desde o 1.º de junho até ao «S. Mateus»

Almoço Realiza-se às sete horas da manhã. Consta habitualmente de sopas de cebola, tendo por conduto azeitonas e meio queijo para cada homem, que o pode comer ou arrecadar, como tiver na vontade.

O intervalo do almoço não demora menos de meia hora, nem mais de uma.

Jantar Dá-se ao meio dia, aproximadamente. Consiste em olha de legumes com toucinho e morcela ou badana, excepto nas sextas-feiras e sábados, «dias de azeite». As quantidades de legumes e de azeite são as mesmas das ceias no tempo das sementeiras e alqueives. As de toucinho e as de morcela, regulam por 55 a 60 gramas para cada homem, ou sejam 110 a 120 gramas de gordura e

(1) Alguns arrecadam-na em marmitas.

(2) Na região elvense, poucas são as lavouras onde ainda persistem estas práticas.

enchido. Mas se a morcela se substitui por carne fresca de badana, como se usa durante os serviços das eiras, essa ração vai a vulto, isto é sem ser a peso; todavia, calcula-se uma rez para o jantar de 16 a 20 ou 24 homens.

Julga muita gente que uma badana é sempre uma ovelha magra. Pode não ser. É nunca é, no verão, único tempo em que se abatem reses para os criados.

Assim como às vacas e bois velhos se chamam *açougueiros*, e como tais, depois de gordos, se vendem para consumo — da mesma forma as ovelhas, em iguais condições, se denominam *badanas*, e nessa qualidade são vendidas para os açougues públicos, ou se matam nos montes para consumo do lavrador e da criadagem. O facto de serem velhas não impede que engordem. A questão é estarem sãdías e terem pastos em abundância.

Ora os pastos escasseiam-lhes de inverno, e esta circunstância, aliada à outra de estarem paridas então, influi para que, nesse tempo, as badanas emagreçam mais que as ovelhas novas. Deriva pois dessa notória magreza, o baixo conceito em que o vulgo as tem, conceito que, se é justo no inverno, não o é depois no verão, quadra em que se mostram gordíssimas, por virem comendo quanto querem desde o princípio da primavera. E tanto assim, que na feira de Fronteira, a 29 e 30 de junho, os marchantes compram quantas aparecem, para fornecerem os talhos dos arredores de Lisboa.

Em resumo, a carne de badana é apreciadíssima pelos criados de lavoura, preferindo-a ao toucinho e à morcela. Quando lha apresentam, reservam e guardam cuidadosamente toda que lhes sobeja, para a comerem depois, a qualquer hora disponível, como petisco saboroso e reconstituente.

.....

Voltando ao jantar, resta dizer que, nos «dias de azeite», cada homem, além da olha, recebe metade de um queijo. Se o não quizer comer, dispõe dele à vontade.

Na maior parte dos serviços do verão, depois do jantar, dorme-se a sesta, o que tudo entretém duas horas. Nas eiras em que se trabalha pelos antigos processos de debulha com éguas, não costuma haver sesta. Portanto, o intervalo do meio dia, restringe-se a uma hora ou pouco mais.

Merenda ou ceia No estio, a última refeição diária, toma o nome de merenda ou ceia. Varia-se de termo, não pela qualidade de comida, mas como indicativo da hora em que tem lugar, que não é a mesma em todos os serviços. Se se come ao sol posto ou antes, chama-se-lhe *merenda*; se de noite, denomina-se *ceia*.

Merenda ou ceia, consta quase sempre de *caspacho*, ⁽¹⁾ acompanhado de

(1) Caspacho ou *gaspacho*, que por ambas as formas se pronuncia, consiste numas sopas de pão em água fria e vinagre com azeite, sal e alho pisado, ao que algumas pessoas adicionam pedacinhos de pimentões verdes, cebola crua e tomates crus. Quanto mais fria está a água, melhor sabor tem o caspacho. É comida própria dos dias de calor, assás vulgaríssima em todo o Alentejo e Estremadura espanhola. Serve-se não somente aos criados de lavoura, mas também em todas as casas das vilas e aldeias, desde a gente pobre até à mais abastada.

Os criados do campo, quando vão comer essas sopas, é frequente dizerem: — Vamos *caspachar*.

azeitonas, ou de metade de um queijo para cada homem. Para variar também se usa substituir o caspacho por batatas cozidas, temperadas de azeite e vinagre.

Am algumas «casas», nas sextas e sábados, põe-se de parte o caspacho e as batatas, e dá-se leite de cabras, em porção que satisfaça a todos. Estas merendas são as preferidas pelos ganhões. Tanto as desejam, que as solicitam dos amos com particular empenho, mostrando-se muito agradecidos se lhas concedem.

Quando a merenda se efectua muito antes da solta, ainda com bastante sol, o que é raro praticar-se, há, para isso, meia hora de intervalo. Depois, volta-se à labuta, para se largar definitivamente ao sol posto, ou depois, ao escurecer.

* * *

Na maioria das lavouras da freguesia de Santa Eulália é vulgar, na época própria, as refeições dos criados terminarem por sobremesa de melancia, em quantidade proporcional à existência da «fruta» na «casa» respectiva. Se abunda, franqueia-se à larga, para todos se abarrotarem à vontade; se escasseia, dá-se por parcimónia. No princípio da época cabe apenas uma talhadinha a cada indivíduo. O suficiente para provas de «molhar a guela» e todos se «fazerem novos».

Nas lavouras das outras freguesias, também o pessoal se contempla com as frutas que abundam, como laranjas, ameixas, melão, figos, etc.

Em toda a temporada do verão, a ganharia e outros criados semelhantes, não comem em local certo, mas sim onde fica a geito; nos montes, de portas adentro ou na rua, no sombracho da eira, e no próprio sítio em que se trabalha.

Na hipótese de se comer por fora, usa-se o seguinte: o almoço vão recebê-lo ao monte dois ou três ganhões, que imediatamente lho entregam em alguidares, põem estes à cabeça e marcham para o seu destino. O jantar transporta-se, em reluzentes asadas de cobre, sobre as cangalhas de uma besta, conduzida pelo paquete ou cozinheiro. A merenda ou ceia é, em geral, preparada pelo abegão ou sota no próprio sítio do trabalho, para o que dispõem dos recursos indispensáveis. Nas tardes em que se serve leite, vai o paquete levá-lo em cântaro, logo que chega do bardo.

Qualquer que seja a refeição e o local em que se realize, nunca se observa a seriedade e compostura que se vê à mesa do monte, nos almoços e ceias do outono e inverno.

Comidas melhoradas em dias de nomeada (1)

Pelas matanças do fumeiro As matanças dos porcos gordos para o preparo do fumeiro, proporcionam ao pessoal da lavoura melhoria de alimentação. Nas manhãs dessa faina, todos que a desempenham,

(1) Dias festivos.

bebem o seu copito de aguardente, a pretexto de aquecerem o estômago e *matarem o bicho*.

Depois, ao almoço, concluída a chacina, regalam-se à vontade com boas talhadas de chouriço e morcela frita, acompanhadas de azeitonas e vinho. A superioridade dos *puxativos* estimula-os a encherem e *emborcarem* os copos com frequência, pondo-se todos meio tachados e alguns a cair.

Em geral, a pinga dá-lhes para se pesarem na romana que serviu para os porcos, havendo antes palavriado de *aporfias*, sobre o peso de cada um.

Desde a primeira matança até à última, carreiros e ganhões costumam ser contemplados com mais dois almoços melhorados: o primeiro, deveras apreciadíssimo, consta da tradicional *cachola*; ⁽¹⁾ o segundo, de migas com torresmos. Comidas gordas, de avariar o estômago a muita gente boa, mas neja eles, que os têm à prova de bomba para resistirem impunemente a toda a espécie de fartotes.

Durante o carnaval Na quinta-feira de «compadres», na de «comadres», no domingo «magro», e nos três últimos dias de entrudo, o almoço compõe-se de sopas e carne de porco ensacada. À ceia, além da olha do costume, há morcela, chouriço e farinheira em abundância tal, que sempre sobeja.

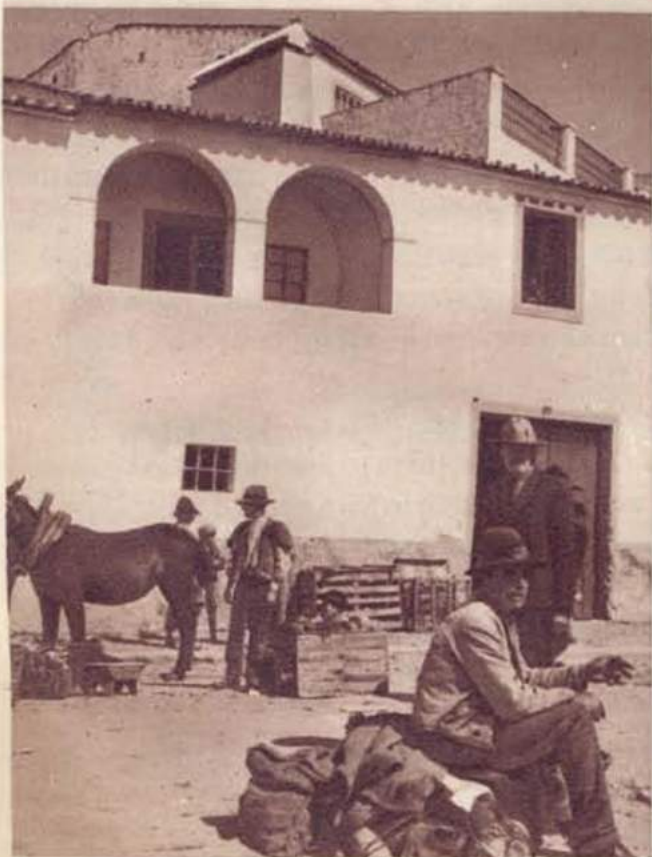
Nas lavouras onde mais se observam as tradições antigas, a ceia do domingo gordo, ou o jantar de terça-feira de entrudo, quando não é uma e outro, além do cozido com chouriço e morcela em fartura, consta mais de um prato de meio — galo capado, ou galinha com arroz — e sobremesa de arroz doce, ou filhoses com mel. O vinho é acessório certo e em quantidade que não consente tristezas.

Antes do banquete terminar, já os efeitos do álcool se patenteiam à grande, em crescente animação. Animação de carnaval, que faz esquecer reservas e afoita a atrevimentos.

Por contágio e sugestão, as criadas aproximam-se da mesa e de chofre, enquanto umas enfarinham e mascarram alguns dos comensais, outras puxam os assentos dos descuidados, que assim vão a terra antes de se precatarem. Estrugem então as gargalhadas francas e estrepitosas por entre um reboleço doido, quase saturnal.

Os homens, sarapintados de negro e branco, procuram a desforra, agarrando-se às mulheres para as mascarrarem também. Elas escapam-se-lhes como podem, e se alguma é filada, grita às outras que lhe acudam, que lhe valham... As que não recebem socorro, arriscam-se a um estimulante esfregão de barbas, com o seu apertão de costelas, ou pelo menos a partilharem da mascarra e farinha que lançaram sobre os homens. Sem embargo, prossegue a retouça e cada qual ataca e defende-se como pode, em lutas de corpo a corpo, por entre um tiroteio de laranjas, ovos, talos, etc. De tudo se lança mão, em batalha

(1) Guisado de fressura e sangue de porco com muitas gorduras e temperos, predominando a pimenta e o pimentão.



Aspectos de povoação

desenfreada, delirante e brutal. Só termina por intimação dos amos ou por os combatentes abandonarem o campo, estenuados de forças, inundados de suor. Do ardor da refrega resultam rasgões de vestidos, amolgadelas de brincos e também, às vezes, galos, arranhaduras, etc. Mas como foi por estúrdia, relevam-se os prejuizos e as contusões. Os rapazes nunca encordoam.

Por parte das raparigas, se as há «que vão à serra», as outras, mais complacentes, amansam-nas logo, pedindo-lhes que não *desconfiem*, que vai de *adevertimento*, de gozo... e que no «entrudo passa tudo...» E passa. Num momento os amuos esvaem-se como fumo, ficando todos em boa paz.

No dia da agarração Neste dia, em que se ferra o gado vácuum e cavalar, melhora-se sensivelmente o almoço ou o jantar da criadagem, dando-se-lhe carne ensacada, ou *ensopado* ⁽¹⁾ e vinho. Da pinga resultam as alegrias e expansões que é fácil prever. Vai isso, por miudos, no artigo *Ferras*.

Pela Páscoa No domingo da Ressurreição — também chamado da «Festa de Flores» — era outrora uso geral, darem-se bolos a todos os criados, e foliar completo aos de maior categoria, como abegão, sota, guarda, maioral das mulas, etc. Este costume tem acabado em muitas casas, mas persiste noutras. Ontem e hoje, a dádiva dos «bolos da festa» é sempre de iniciativa da lavradora, e é ela própria que os distribui no sábado de Aleluia à noite ou no domingo de manhã.

O foliar completo, para os criados de pensão, consta de dois ou três bolos grandes de manteiga, e de outros tantos biscoitos, também avultados. Um dos bolos, ornamentado com fitinhas, leva ao centro três a quatro ovos cozidos, mas inteiros, sendo por isso aquele que mais particularmente representa o foliar.

Para os ganhões e restante criadagem, cada foliar limita-se a um bolo de manteiga, de um quilo aproximadamente e de um biscoito taludo, ou somente do bolo.

O abegão e outros criados que, por circunstâncias especiais, se querem distinguir, recebem oferta maior. A cada um desses, a ama avia-lhe o *pano*, onde, além do foliar comum, introduz outros bolos diferentes. Se os filhos do criado são afilhados dos lavradores ou de sua família, recebem também foliar próprio, distinto do dos pais: os dos rapazes, representam um lagarto ou um borrego; os das raparigas, uma pintainha ou uma pomba. Em uns e outros, figura sempre um ovo cozido.

Em dia de Ascensão Em algumas lavouras, aliás poucas, o leite das cabras, do ordenho da manhã deste dia é dado, como almoço, aos ganhões, ou em vazilhas, para que o levem às famílias.

(1) Guisado muito semelhante ao conhecido «carneiro com batatas». Difere em quase nunca ser carne de carneiro, mas sim de chibo, cabra ou ovelha, cortada em grandes pedaços, que se chamam presas.

Na freguesia de Santa Eulália e outras, o leite de um dos ordenhos do dia da Ascensão, senão o dos dois, distribui-se à pobreza dos arredores que, à hora própria, corre aos montes para receber essa esmola. Segundo a crença popular, o lavrador que, em dia de Ascensão, der, de boamente e com fé, o leite aos pobres e aos criados, está livre de ter sarna na cabrada.

Pelos «Santos» Noutros tempos, era de uso, na véspera do dia de Todos os Santos, melhorar-se a ceia dos criados, dando-lhe feijão amarelo, queijo de ovelhas, uvas e frutas secas, como castanhas, passas, nozes, etc. No dia seguinte, cada criado recebia um bolo grande, dos chamados «de manteiga». Eram os «Santos». Acabou de todo este uso.

Pelo acabamento da sementeira A ceia do dia em que se acaba a sementeira temporã (outonal), distingue-se das ordinárias por ter chouriço, morcela, vinho e castanhas, tudo à franca e a sobejar. O vinho produz uma algazarra dos demónios e bastantes bebedeiras.

Por ocasião de casamentos e batisados Naquelas lavouras onde, até certo ponto, os serviçais são quase considerados como pessoas de família, eles partilham também das festas dos amos, por efeito de bodas ou batisados.

Nesses dias, todos almoçam e jantam ensopado, carne de porco, galinha com arroz, bolos, vinho, frutas, etc., tudo em extraordinária abundância. Se a festa é por celebração de casamento, também se usa dar folga ao pessoal, para mais realçar o festejo.

À noite permite-se bailarico de criadas com criados, ao som do pandeiro e de cantigas de roda.

* * *

Nas casas de lavradores que estão de luto carregado, pela morte de parente próximo, não há folares nem melhorias de comida em dias festivos. O luto não se coaduma com esses regabofes.

Jejuns Eram antigamente celebrados nas ganharias e restante pessoal, senão todos, que a Igreja preceitua, pelo menos os das festas de maior devoção, como o da véspera do dia de Todos os Santos, o do Natal e o de quinta-feira de Endoenças. Presentemente, em poucas ou nenhuma lavouras se satisfaz a formalidade dos jejuns. Digo formalidade, porque não era outra coisa. Esses jejuns, mais pareciam pretexto para fartas comensinas, do que actos de devoção e penitência. Tanto assim era, que nenhum criado havia que, propondo-se-lhe escolher entre a alimentação ordinária e a usual em dias de jejum, não optasse sempre pela última.

Jejuando, o sacrifício limitava-se à abstenção do almoço, quando se absti-

nham, porque muitos nem isso, comendo às escondidas pão e queijo, de que se muniam surrateiramente na ceia anterior. Mas mesmo que nada almoçassem, pouco se incomodavam. Às onze horas da manhã ou antes, em vez da habitual merenda do pão e queijo, aparecia-lhes um farto jantar de feijão branco ou amarelo, muito bem condimentado, frutas e queijo grande de ovelhas. Queijo *bravo*, como em frase picaresca lhe chamam os criados, querendo assim dizer que esse queijo é de superioridade e apreço tal, que poucas vezes o apanham... Depois do jantar havia, à noite, a ceia, que se diferenciava das ordinárias por constar de arroz com bacalhau, queijo de ovelhas, passas, nozes, vinho, etc. Enfim, uma penitência muito suportável... Passou à história, e suponho que sem prejuízo para a salvação das almas.

DIAS FERIADOS

Além dos habituais domingos de folga, imediatos ao fim das quinzenas ou semanas de trabalho ⁽¹⁾ — a ganharia e os outros criados que se empregam nas chamadas ocupações braçais, guardam, a rigor, os seguintes dias santificados: Ano Bom, Reis, Ascensão, Corpo de Deus, S. João, Todos os Santos, Nossa Senhora da Conceição e Natal. O meio dia da tarde de Quinta-feira Santa e o da manhã de Sexta-feira da Paixão, não são tão geralmente guardados, havendo lavouras onde se trabalha nesses dois meios dias para se folgar em segunda-feira de Páscoa ou na imediata, a dos Prazeres de Nossa Senhora, também chamada segunda-feira de Pascoela, ou de «passar águas». ⁽²⁾

Para os dias de Nossa Senhora das Candeias, de S. Pedro, do Coração de Jesus e Santa Maria de Agosto não há regras invariáveis, guardando-se ou não, conforme a urgência dos serviços ou a vontade dos lavradores e dos criados. Nos dias de S. José e de Nossa Senhora da Encarnação não se usa folgar.

Na freguesia de Santa Eulália sempre se dá feriado na segunda-feira de Páscoa. Nas de Barbacena e Vila Fernando guarda-se, pela mesma forma, a segunda-feira de Prazeres.

Pelos três dias do Carnaval só se folga no Domingo Gordo e na tarde de terça-feira. Mas na quarta-feira de Cinza, vai de descanso também, pelo menos em muitas partes. Este feriado, torna-se forçoso, em consequência do pessoal não comparecer ao trabalho, por ficar arrombado das folias carnavalescas.

Em conclusão de feriados, há ainda, os dois dias do fim e princípio do ano agrícola, por ocasião do S. Mateus a 21 e 22 de setembro e outros por motivo

(1) Por ocasião das sementeiras, e no tempo das eiras, usa-se trabalhar por períodos de quinzenas, não se considerando de folga o domingo intermediário. Nas restantes épocas do ano trabalha-se às semanas, descansando-se todos os domingos. Se porém na semana há um dia santificado em que se folga, trabalha-se no domingo anterior ao dia santo, ou no imediato.

(2) Por antigamente se usar, neste dia, ir-se às ribeiras a passar as águas, como preservativo contra a sarna.

de festividades locais, cuja guarda, claro está, que se restringe à zona onde se celebram os festejos.

* * *

Os criados cujas ocupações reclamam assistência permanente, nunca, em regra, gozam de dias feriados. Quando podem e precisam, escapam-se por algumas horas aos afazeres.

Nas noites dos sábados ou dos domingos, a grande maioria desses serviçais vão sempre a casa a mudarem de roupa e ver a família. Se precisam estar ausentes da obrigação por um ou mais dias, pedem licença ao amo e saem, fazendo-se substituir por pessoa idónea, a quem pagam do seu bolso. Ou o amo os manda substituir por sua conta, descontando-lhes os dias perdidos.





V

REFERI no capítulo anterior todo o pessoal de uma lavoura, e as suas atribuições correspondentes. No presente, tratarei dos hábitos domésticos e outros, desse mesmo pessoal, que sejam dignos de menção.

Naturalidade e domicílio Pondo de parte os *ratinhos* (ceifeiros vindos das Beiras) e poucos mais indivíduos, de encargos igualmente transitórios — os serviçais das lavouras alentejanas nascem e residem nas povoações próximas das zonas onde trabalham. As pequenas vilas e as grandes aldeias são aquelas que fornecem maior contingente. De algumas se pode afirmar que, pelo menos, quatro quintas partes da sua população masculina, válida, empregam-se todo o ano a servir nas herdades. Andam lá pelo campo agarrados à «obrigação», mas o domicílio estabelecem-no nas povoações. Cada chefe de família tem aí o seu lar, onde vive habitualmente a mulher e os filhos. Ele em pessoa, só o utiliza quando folga e quando está doente ou desacomodado. Muitos residem em moradia sua, adquirida por herança, compra ou construção. Outros, habitam casa arrendada aos semestres ou por ano, com vencimento no fim de junho ou de dezembro.

Uma das principais aspirações do criado de lavoura é adquirir de propriedade uma casita na aldeia, que o poupe a mudanças e a exigências e caprichos dos senhorios. Ter uns *buraquinhos* onde se possa alojar, é o seu maior empenho. Os que conseguem enfim realizar esse propósito, quase sempre à custa de privações e sacrifícios, senão com o auxílio e protecção dos amos, como também acontece — tomam à casa tal apego, que só a vendem por necessidade extrema, imperiosíssima. Há exemplos de indivíduos velhos e inválidos mendigarem, tendo ainda casa sua. Se os increpam por esse facto, respondem: — «Então hei-de arrancar-

-lhe uma pedra para comer?...» Outros, desculpam-se afirmando que não encontram comprador, que o prédio está arruinado, etc.

HABITAÇÕES

Suas ou arrendadas, as mulheres dispensam às moradias inexcedíveis cuidados de conservação, arranjo e limpeza. São o ninho de família, ninho amorosíssimo, a que consagram arreigada afeição, em sacrifícios de tempo, trabalho e dinheiro.

Com os asseios de caiados na casa e nas frontarias, a maioria das locatárias, tocam a raia do exagero. Caições parciais vão a efeito de vez em quando, sob qualquer pretexto. Caições gerais, de baixo a cima, em que os *trabecos* se desalojam e amontoam desornadamente para depois se collocarem em termos, à custa de um trabalho enorme — é da praxe realizarem-se por ocasião de bodas, de batizados, e nas épocas do estilo: pela Páscoa, de verão, nas vésperas da festa grande da terra e pelo natal. Quem não cair a valer, em qualquer destas ocasiões, incorre na censura pública, embora seja pobre. Que, em geral, nunca há ensejo para semelhante censura. Faltarão dinheiro para pão, mas nunca para meia arrobinha de cal, pelo menos. Que o digam os caleiros de Borba, que todas as semanas vendem carradas de cal branca nas vilas e aldeias do concelho de Elvas.

Com os lavados e varrições há a mesma ou maior azáfama. Lava-se e varre-se a toda a hora, de portas a dentro, e varre-se a rua nos sábados à tarde pelo menos. Cada moradora obedece aos usos, varrendo e limpando a parte da rua que defronta com a casa que a habita — isto é *varre a sua testada*. O centro da rua considera-se marco para os encargos da varrição correspondente aos habitantes dos prédios fronteiros. Desta maneira, a iniciativa dos particulares supre, com vantagem, a falta de varredores.

Com efeito, as ruas públicas das povoações rurais, onde ainda não chegou o vasculho municipal, atestam tanto ou maior limpeza que as ruas da cidade.

* * *

Muito brancas e alegres — as paredes exteriores e interiores das moradias dos campónios desta parte do Alentejo, revelam, como as outras das classes abastadas, um cunho de garridice tal, que difficilmente se encontrará semelhante em qualquer outra região.

Cada habitação compõe-se geralmente de dois a quatro ou cinco compartimentos ao rez-do-chão: casa dianteira ou de entrada, um ou dois *sotãos* (quartos), ou um quarto e uma pequena cavalariça. Tudo de alvenaria, com tijolos nos tetos e nos pisos.

Casa dianteira Costuma ser a mais espaçosa e a de maior importância. Tendo em si a lareira, serve de cozinha e igualmente de acomodação a vistoso mobiliário: cadeiras altas, de pinho, tintas de roxo, com assentos de

bunho; algumas baixas, sem pintura; um ou dois tripeços de cortiça, e mesas diversas, pelo gosto do das cadeiras. As mesas melhores e mais altas ficam bem visíveis da porta da rua, encostadas à parede e enfeitadas por cobertas de ramagem com tigelas, jarras, terrinas, copos, candieiros, etc. Até relógio e outras coisas bonitas, que põem embasbacadas as respectivas possuidoras.

Sobre as paredes ostentam-se variadas e sorridentes armações de madeira, tintas a vermelho e listões azuis, como estanteiras, prateleiras e sanefas, expondo os objectos do estilo, a começar nos reluzentes tachos de arame, esfregados a capricho ⁽¹⁾ e a terminar na humilde candeia de ferro ou de lata, suspensa do dependurador.

A parede fronteira à rua destaca-se, de entre todas, por exhibir as maiores e mais lindas *cantareiras*, ⁽²⁾ bem como outras decorações típicas e originais.

Em cima, na *guirlanda* ou cimalha de alvenaria, propositadamente construída para tais exhibições, salientam-se os tachos de arame, armados uns sobre os outros, dos maiores aos mais pequenos, e a fileira de pratos de estanho, que mais parecem de prata, pelo brilho e apuro da limpeza.

Abaixo da *guirlanda*, num dos intervalos que medeiam entre os portados, vê-se o espelho guarnecido de cordões e borlas de estambre, e a par, no mesmo campo e noutros, as prateleiras e estanteiras com os engradamentos preenchidos por filas de pratos de estanho e de loiça de várias cores e padrões.

Sobre as portas interiores nota-se decoração análoga. As sanefas aí colocadas, a suspenderem mirabolantes cortinados de ramagem até ao piso, sustentam em cima garridos castiçais, jarras, garrafas, bandejas, etc.

Se os moradores não possuem utensílios e adornos de estanho e arame, o que é raro, as armações preenchem-se com loiças baratas de Coimbra e semelhantes.

De qualquer maneira, se muita capacidade há, muitas prateleiras se armam e preenchem com artigos de melhor ou pior qualidade.

A entremear, adicionam-se, de espaço a espaço, pequenas armações, de colorido igual às maiores, e apropriadas aos objectos que expõem. Resumem-se em uma ou duas caixas com almofarises, outras tantas copeiras e um dependurador de candeias. Os almofarises entronizados nas caixas, a luzirem como ouro, merecem particular reparo pela originalidade da disposição. As copeiras também se destacam por lhes realçar o prato e o copo de vidro para a água, numa limpidez cristalina, e bem assim a correspondente toalha, pendida do gancho — toalha branca como neve, de rendas enormes nas pontas, engomadas a capricho. Figura ali não para uso habitual, mas para que se veja a habilidade da dona da casa ou das filhas, nesse género de labores.

Por último, completando o quadro, disseminam-se, pelos campos que sobejam, jarras, canecas, o gomil e outras bogigangas, sustidas em preguinhos.

(1) Os tachos de arame e de cobre, os pratos de estanho e outros objectos semelhantes, de metal, são escrupulosamente esfregados com areia e *erva estancheira*, nos dias de ceu limpo, por ocasião de caídos.

(2) Chamam-se *cantareiras* a todas e quaisquer exhibições de tachos de cobre e arame ou de pratos de estanho e loiça, com que se decoram as paredes de uma casa.

Desde a altura das cadeiras até quase ao teto, pouco ou nada fica por compor. Quem não tem meios para adquirir armações vistosas, supre esses engradamentos por tabuinhas simples, caiadas de branco, e sobre elas expõe a pratalhada. O essencial é mostrar bastantes loiças e vidros, quantas mais melhor, que as *cantareiras* tornam-se a pedra de toque, porque se aquilata o arranjo e bom gosto da dona. Por tanto, cada qual faz o que pode, para não ser humilhada pelas visinhas, no que respeita a «cacos» e coisas tais.

Ter a habitação desguarnecida de loiças, traduz pelintrice e desmazelo vergonhoso, a que nenhuma mulher se sujeita de boa vontade. Antes passar fome.
.....

As outras paredes da casa dianteira recebem menos enfeitos de *cacaria* e semelhantes atavios, pelo motivo de ficarem a ocultas dos transeuntes que passam pela rua. Sem embargo, ainda se guarnecem suficientemente, havendo recursos.

A loiça vidrada, de barro grosseiro, como alguidares, palanganas e cântaros para água, igualmente se mostra em quantidade, mas em lugar retirado, sobre as *pilheiras* ⁽¹⁾ e poial, que há para o vasilhame tosco.

Encostada a um dos ângulos da casa, ocultos da rua, ergue-se a chaminé. A tradicional e confortável lareira, onde se prepara a comida e onde se passam os serões de inverno, ao calor benéfico de um luminho aprazível, tão delicioso naquele tempo frigidíssimo que, em algumas noites, a pequena distância do brazido, estendem-se camas provisórias para repouso dos rapazinhos, senão mesmo dos pais ou de qualquer outro familiar. E o *sono assado* ao borralho, sobre uma cadeira baixa, qual será a criatura que o não tenha dormido?!...

Ampla e atraente, a lareira alentejana é de inverno o teatro de todas as cenas domésticas, desde o idílio das moças a quem os pais consentem namoro à vista, até às desavenças estrepitosas dos esposos rabujentos. Palestra-se, costura-se, come-se, namora-se, bisbilhoteia-se, ri-se, ralha-se, chora-se, e sonha-se. Sonha-se, sobretudo. O menos que se faz à chaminé é aquilo para que se construiu — para misteres de cozinha.

Mas a cozinha do pobre despacha-se num *flaite*, num sopro. A açordita pela manhã e, quando muito, uma parca olha pelo dia fora. Quantas lareiras há em que se passam dois e três dias sem se lhe pôr jantar ao lume!...

Sobre a face exterior do pano da chaminé, salienta-se a cimalha de alvenaria, com as panelas vazias, as «tijelas de fogo», e a almotolia de lata para o azeite. No interior, por cima do lar, a pilheira ou pequeno armário com o gral e o saleiro de cortiça, e a maior altura a trempe e as travessas que apanham o vão, para se collocarem as varas de carne a defumar — o fumeiro, se por acaso o há. Em baixo, na lareira pròpriamente dita, a tenaz para mecher o lume, e aos cantos o canudo de assoprar, a ferra de apanhar a cinza, o espeto e a vassoura.

(1) Armários sem portas, abertos nas alvenarias.

Desde o rez-do-chão até metro e meio ou dois metros de altura, o interior da chaminé atesta asseio igual ao que se nota no restante da casa. Para o lume a não enegrecer, as mulheres caíam-na aos sábados, branqueando os chamados *baixinhos*. Após a caiação, lavam-lhe e esfregam-lhe o lar, onde primeiramente espalham a decoada ou *cenrada*, para eliminar as nódoas que porventura haja.

Em algumas lareiras antigas vê-se uma tosca boneca de tijolo ou de cantaria, destinada, ao que parece, a preservar a alvenaria dos estragos do fogo. Nas modernas, em vez da boneca, colocam-se tijolos sobrepostos, ou uma laje de granito.

Com esta narrativa, faz-se ideia aproximada da ornamentação da casa alentejana de gente pobre, das povoações rurais.

O colorido dos móveis, a limpeza das loiças, o brilho dos metais, a alvura das paredes e a ordem impecável que em tudo se patenteia, são motivos de surpresa para o estranho, que se lhes deparem desprevenido. Aquele conjunto todo, que mais se assemelha a bazar de feira do que a residência de labregos humildes, denota inquestionavelmente, decidido gosto pelo belo. Gosto arreigadíssimo, indistritível e exagerado, a ponto de se lhe sacrificarem bastante as necessidades de alimentação. Não é caso para louvar, mas merecem registar-se.

Quarto de cama O *sotão* ou quarto de cama, é o mais bem preparado dos compartimentos interiores, posto que, em geral, lhe escasseiam bastante as condições higiénicas de ar e de luz. Nas modernas construções já se principia a atender a esses requisitos de salubridade. Menos decerto do que o suficiente, mas mais do que outrora.

Guarnecido por quadros de oleografias baratas, com imagens de santos, o *sotão* aloja uma excelente cama, com o seu esteirão ou prancha de cortiça aos pés da cabeceira, duas arcas ordinárias para arrecadação de roupas, duas ou três cadeiras, e uma mesa alta, com objectos semelhantes aos contidos nas outras da casa de fora. Estes são os móveis comuns em quarto de trabalhador ou de ganhão. O que pertence a criados anuais de pensão, ou a qualquer outro campónio obscuro, mas com meios para manter a família em relativo conforto, arranjo e abastança, reúne mais coisas apropriadas, como por exemplo o lavatório completo, um «Senhor» crucificado, sobre a mesa ou em oratório de madeira, senão aberto nas alvenarias. Em regra, o «Senhor» é um tosco crucifixo, barbaramente esculpido e sarapintado. Que pelo preço que se adquiriu não se pode exigir melhor — seis tostões a um quartinho, se tanto. Mas como é a fé que nos salva, segundo se diz, as possuidoras de tais esculturas adoram-nas e apreciam-nas com ingénua simplicidade, crentes de que possuem a verdadeira imagem do Redentor. Chegam a afirmar a sério, que têm um Pai do Ceu muito bonito, como não se vê melhor nas igrejas.

Como compartimento reservado às investigações dos mirones indiscretos, e à falta de melhor, o quarto de dormir acomoda também algumas das provisões

de maior valor — a saca do cereal, a da farinha, a tarefa com a carne de porco e o tabuleiro do pão cozido. Claro está que estes recursos em casa de criado de servir, só existem nas daquelas cujas soldadas lhes permitem reunir, por junto, semelhantes comestíveis. Os outros mais pobres, que constituem a grande maioria, não amassam pão e nem sonham em fazer fumeiro. As suas famílias comem a crédito das vendas. E já se julgam com sorte se o crédito lhes não falta.
.....

Voltando ao mobiliário, pormenorizarei o aspecto e luxo da cama conjugal, a mais notável coisa que se observa no *sotão* referido.

Até há poucos anos, o leito dessas camas, a que vulgarmente chamam *catre*, era sempre muito alto, de madeira de melhor ou pior qualidade, sendo vulgares os de pinho, tintos a vermelho escuro, a cola e verniz, com ou sem ornatos de pintura e de chapas de metal amarelo na cabeceira. Leitos gigantescos, de cabeceira avantajada, com torneados de bilros ou macetas nas colunas, e os pés até à altura dos enchimentos, mas sem armação sobreceiente. Estes leitos, já de si enormes, avolumados, como são, pelas descomunais enxergas e colchões, formam camas tão desmesuradamente elevadas, que para se utilizarem, sem maior esforço, carece-se do auxílio de uma cadeira alta, por onde se possa trepar. Ou então uma escadinha! Alguns chega-lhes a cabeceira ao teto da casa, e a outros é necessário reduzir-lhes os pés para lá caberem.

Presentemente poucos ou nenhuns se constroem por semelhante modelo. De dia a dia generalizam-se os de ferro, mais cómodos, elegantes e económicos. «Catres da moda», como lhes chamam as aldeãs.

De madeira ou de ferro que sejam, os preparos respectivos constam do seguinte: duas meias enxergas, ou um enxergão; um ou dois colchões de riscado, repletos de lã; dois lençóis; cobertor ou cobertores; e por último, coberta de ramagem, de cor alegre, toda guarnecida de folhos, a cairem sobre o cortinado do roda-pé, corrido em volta. De entre as roupas brancas, destacam-se: as duas almofadas, cheias de lã, enfronhadas em *facinhas* de rendas e folhos, muito catitas, claras de neve; o travesseiro, também de lã, envolto em fronha alvíssima, com guarnições de rendas e laços de fitas nas pontas; e, de resto, a ampla dobrez do lençol de cima, terminando por rendas engomadas, a produzirem um vistão sobre o colorido da colcha.

Em gente pobre, chega a parecer fantástico tudo isto. Pois não há aqui fantasia. Há, sim, expressão de verdade, que os incrédulos podem verificar, querendo. E note-se que, a respeito de enxovais de cama, existe mais de um em cada casal. O que ficou mencionado, costuma ser o do noivado e dos dias solemnes, como festas, batisados, etc. Para o uso corrente, exceptuando o enxergão e colchões, que sempre são os mesmos, há mais uma ou duas mudas de roupas, menos espalhafatosas, mas igualmente confortáveis e asseadas.

A propósito: assim como existem donas de casa que dormem habitualmente no *catre*, com ou sem os filhos pequenos — outras há, que passam muitas noites consecutivas sem se utilizarem do leito. Obsecadas pela monomania do luxo

caseiro, vêm a cama tão tafula que, de boamente, sacrificam as suas comodidades pessoais à conservação e duração desses atavios. Portanto, dormem com os filhos em qualquer *camastralho* estendido no chão da casa dianteira. A cama boa, de colchão e lençóis, só serve quando o marido vem a casa, ou por motivo de doença de qualquer da família.

Outros compartimentos Ocupam-se segundo a sua capacidade e as precisões.

Sendo dois, um serve para dormitório da rapaziada, e outro, o pior, geralmente uma pequena cavalaria, acomoda a lenha ⁽¹⁾ e os utensílios reles, como os «cacos» da cal, o coxo dos despejos, etc.

Sendo três, aquartelam isso tudo também, convenientemente separado e em melhor disposição. Compartimentos devolutos, nunca há.

* * *

Nas moradias mais humildes, restringidas à casa de entrada e quarto, os *trabecos* acumulam-se um pouco, mas nem por isso se olvida o asseio e o arranjo.

Quintal Não existe em todas as habitações, mas as que o têm, são muito mais apreciadas e valorizadas. O quintal anexo, constitue desafogo e acessório de primeira ordem, que se aproveita para culturas de primavera, ou para arrecadação de lenhas e cerrado de animais. Em alguns, há o competente poço, que, em regra, não passa de depósito de água ordinária, só aplicada a caiados e lavados.

A maior parte dos quintais costumam ser povoados de oliveiras, figueiras e uma até duas parreiras.

A propósito: antigamente, as parreiras de latada, também eram vulgares nas ruas das vilas e aldeias, sobre os portados principais das casas de habitação, em feitio de alpendre, firme em colunas de ferro ou de alvenaria. Produziam magnífico efeito, proporcionavam óptimas sombras e davam uvas esplêndidas. Ainda restam algumas, formosíssimas, sem causarem estorvo nem prejuizo. Foi erro grande, arrancarem-se muitas outras, que havia em análogas condições.

«Os vivos» Com ou sem quintal, grande número de moradores humildes dos povoados rurais, criam em casa os seus *vivozinhos* — meia dúzia de galinhas, um ou dois bácoros de vez em quando, e, por acaso, a sua ovelha ou borreguito e um *barrinho*, o que, de resto, se observa em menor escala. Os lanígeros e asininos, como taronjos e estúpidos que são, carecem de guardaria e pastos, que a gente pobre lhe não pode dar, por falta de logradouros

(1) Na aldeia da Terrugem e em Vila Fernando, a lenha dos respectivos habitantes, deposita-se nas ruas públicas. Cada qual tem-na ao lado ou em frente da casa onde reside e não de portas adentro. É um costume curioso, que dá ideia muito honrosa da probidade daquela gente. O simplório que isso fizesse, em outra terra do concelho, não teria lá um cavaco ao cabo de poucos dias.

comuns. ⁽¹⁾ Não assim as galinhas e porcos, de instintos maravilhosos para tratarem de si, em liberdade absoluta, sem auxílio de ninguém.

Como quer que seja, *bicos* e *alimais* recolhem-se à noite no quintal ou em compartimento, fechado com todas as cautelas e providências de asseio e limpeza. De manhã cedo, bácoros e galinhas, são arraçoados à meia tripa, e em seguida soltos e enxotados para a rua, afim de irem caçar o que o papo e o bandulho lhes exigir, até à noitinha, hora em que regressam para tornarem a comer por conta dos donos. Pelo dia adiante, que girem, que farejem e comam por onde encontrem, se puderem. Os porcos principalmente, marcham logo, em carreira veloz, a apanhar os *caídos* das ruas, e de aí passam a fossar e revolver pelas estrumeiras e azinhagas próximas, se reconhecem a impossibilidade de invadir os ferregiaes e vinhas confinantes, onde decerto encontrariam melhores atractivos. Que, de vez em quando, satisfazem esse intento, escalando, comendo, refocilando e destruindo, mas arriscando-se também às contingências de pedradas certas, de lhes fracturarem as pernas ou as costelas, e às fugidas esfalfantes, que os põem estonteados.

Como se lhes repare nos estragos, o proprietário lesado repreende a dona do animal delinquente, a qual desculpa-se como pode e sabe, pedindo se lhe releve o descuido. Releva-se-lhe, em geral, se não há antecedentes agravantes, de fresca data. Mas se o abuso se repete, e, como consequência, se corrige por coimas ou indemnizações, da parte da acoimada fervem as descomposturas ao queixoso e à entidade que acoimou. A dona do suino clama que não deixa viver os pobres, «que aquilo dos estragos foi nada; que os *alimais* não têm sentido de alma cristã; que entram por onde podem; que a culpa foi do dono da fazenda, que a não guarda nem veda bem; que o gulozo do zelador é um refinado ladrão a viver de corpo direito à custa do povo», etc.

E assim, descompondo e ouvindo, conseguem engordar o porco e criar as galinhas à sua custa e à alheia. Cumpre, porém, reconhecer que, até certo ponto, a gente pobre das aldeias, precisa viver desses expedientes para satisfação de encargos imperiosos, que talvez não pudessem solver por outra forma menos incorrecta. O porquinho «criado à porta», é o mealheiro donde tiram para despesas grandes e inevitáveis. Dado, em pequeno, por qualquer lavrador a quem o pedem, ou comprado à desmama por uma bagatela, vendem-no em gordo, aos chacineiros para, com o seu produto, pagarem a renda da casa e as contribuições. Que remédio, portanto, senão tolerar-se a usança aos necessitados, e, consequentemente, os pequenos descuidos resultantes de semelhante costume... ⁽²⁾

(1) Excepto em Barbacena, onde há rocios e coutada, que o povo disfruta com gados de todas as espécies.

(2) Para evitar os abusos e inconvenientes da criação e permanência de porcos dentro das povoações, e ao mesmo tempo não destruir essa verba de receita aos respectivos moradores — as municipalidades de Arronches e de Monforte mantêm as antigas *aduas* para suinos. Esta instituição consiste na existência de um rebanho, composto exclusivamente de porcos do povo, que pasciga nos logradoures públicos e municipais, sob a guarda e direcção do *adueiro* e seu ajuda.

Em dezembro de cada ano, a câmara põe em praça o cargo de *adueiro*, que é adjudicado a quem o desempenha por menos, à custa dos muniçipes donos dos suinos, e mediante uns tantos réis e pão que deles tem a receber o arrematante, por cada porco de mês de guardaria. Na actualidade, está isso arrematado em Arronches por 20 réis e meio quilo de pão de trigo

VIDA DOMÉSTICA

E' simples. Os homens só accidentalmente estão em casa. Mal lhes vai, se aí se demoram. Doença no caso, ou «boa vida» forçada. Azar certo, de qualquer maneira.

As mulheres gozam mais o conchego do lar. Para o seu arranjo e conservação trabalham habitualmente, posto que muitas das disponíveis e isentas de encargos de crianças saem também aos serviços do campo, em determinadas épocas, como disse noutro lugar.

Mas isso não significa abandono absoluto do lar, e nem sequer diminuição de zelo pelo cumprimento das obrigações respectivas. Aos trabalhos de campo só vão as que podem ir, as que não fazem falta em casa, por terem mãe, filhas ou irmãs que as substituam. Aquelas que têm afazeres domésticos a reclamarem assistência permanente, essas ficam todas. De portas adentro ou fora, trabalham para si e para os seus, a cuidarem dos filhos, dos caiados, da lavagem da roupa, da costura, da engomação, da condução da água, das idas à lenha ⁽¹⁾ e de tudo, enfim, que exija a sua intervenção.

Como os caiados, a lavagem da roupa e a aquisição de água boa, entram no número dos serviços que desempenham de melhor agrado.

Ir à ribeira e ao poço são, em geral, lidas fatigantes, mas executam-se de boamente, e tanto melhor quanto mais árduas se tornam. Assim parece, pelo menos.

Na aldeia de Santa Eulália, as mulheres vão lavar ao rio Caia, distante seis quilómetros, e nem por isso se poupam a esses incómodos, deveras penosos na quadra estival.

Desde o começo da primavera até ao fim do outono, vão para lá de madrugada, a pé em ranchos numerosos, cada uma com o seu canastro de roupa à cabeça, muito lestras e galhofeiras. Talvez para não se lembrarem das fadigas do regresso, sobretudo no pino do verão, à hora do calor, sobre um sol ardentíssimo, que lhes afogueia o rosto e as inunda de suor.

Não obstante, nenhuma se esquivava às jornadas da ribeira, antes se com-

por cabeça. O *adueiro* tem mais os estrumes provenientes da limpeza dos pocilhões e curralados, onde o gado pernoita.

Desta maneira, cada chefe de família tem o direito de trazer na *adua* dois ou três porcos, pagando o estipulado, e alimentando os porcos em sua casa duas vezes por dia, de manhã e ao sol posto. A essas horas, o *adueiro* chega o rebanho às portas da vila e abandona-o, para cada cabeça correr à vontade, em direcção à residência do dono, à cata do almoço ou da ceia. É interessantíssima a entrada dos suínos na vila. Parece uma legião de invasores impacientes e esfomeados, que, em correria vertiginosa, se cruzam pelas ruas, atropelando o que se lhes depara, até esbarrarem na casa dos donos, que invadem a grunhir, às trombadas, cegos pela voracidade! Como eles se atiram ao maceirão em que lhes apresentam a comida!...

Depois, são os donos que se incumbem de os conduzir à *adua*. É assim que também se chama a malhada respectiva, propriedade municipal, de magníficas condições de alojamento, situada no rocio público.

(1) À lenha aos matos, em feixes à cabeça, só vão as mulheres e os rapazes dos trabalhadores muito pobres. Mulheres e filhos de abegões e outros criados anuais de pensão, fica-lhes mal irem à lenha, nem tampouco precisam ter esse incómodo. Em geral, recebem-na directamente dos lavradores, às carradas, como propina que entra nas soldadas dos maridos e filhos, ou por dádiva voluntária. Os ganadeiros costumam surtir de lenha a família, levando-lha eles nas burras, quando vão a casa, à noite.

prazem em ir lavar a roupa sua e alheia, ⁽¹⁾ mais a miudo e melhor do que usam as das terras vizinhas, em bons lavadouros próximos.

E' que o Caia atraí-as a si, pela limpidez apreciável das suas águas e pelas sombras frescas dos eloendros e salgueiros, retiros deliciosos para liberdades de lavadeiras. Moças e velhas, passam aí, ocultas, a calma do meio dia, acarradas em desalinho negligente, à frescalhona, senão em camisa, como usam as muito pobres, enquanto as saias lhes enxugam nas lezírias e nos juncos. Mas este repouso à sombra e à ligeira, não compensa o custo da caminhada, repetida duas e três vezes por semana. O que impele o mulherio a essas jornadas violentas são as águas da ribeira, águas esplêndidas, que concorrem imenso para a fama das *aldeanas* como óptimas lavadeiras. E elas, coitadas timbram em conservar a fama que justamente conquistaram.

A que por indolência prefere lavar os «trapinhos» nos péguitos dos ribeiros, é classificada de *chelendrona* preguiçosa — *porca* de *chiqueiro* a chafurdar em lamaçais. Lá diz o conhecido remate de cantigas populares:

Ailé, aldeia de Santa Olaia,
A moça arranjadeira
Vai lavar a roupa a Caia.

Com a aquisição de água para consumo caseiro, nota-se fenómeno semelhante. Quanto mais custosa, mais capricham em a ter com fartura.

Na freguesia aludida, onde as nascentes escasseiam como em poucas partes, havendo apenas uns poços reles e desviados, que representam um atraso e incúria vergonhosa — as mulheres só terminam as fainas diárias das idas ao poço quando, após um trabalho insano, conseguem encher de água potável o avultado vasilhame de que dispõem. Pois transportam-na a pé, de cântaro à cabeça, e de sítios distantes dois e três quilómetros! Advertindo que, no verão, como não tenha havido invernia rigorosa, têm de aguardar que a água nasça e esperar pela *vez*, durante horas, para encherem um cântaro com o auxílio da corda e *chocalho*, arvorado em balde ou caldeiro. ⁽²⁾ Nem a alcançam por outro meio, inda que seja altas horas da noite.

Nos anos de estiagens prolongadas, avolumam-se espantosamente todas essas dificuldades, e, sem embargo, a água abunda em casa da mesma forma, ainda que à custa de vigílias e canseiras das respectivas moradoras. Outras, menos afeitas, sucumbiriam. Mas as *aldeanas* resistem e conformam-se.

(1) Muitas, das mais pobres, são «amas da roupa» (lavadeiras de casas abastadas, mediante uma verba anual, paga em dinheiro. E outras, em número diminuto, lavam também a de homens celibatários, sem casa nem família, que, por isso, lhes pagam para lhes cuidarem da roupa.

Entre mães, irmãs e mais parentas, é vulgaríssimo substituírem-se reciprocamente, nas lidas à ribeira, por motivo de qualquer impedimento.

(2) Diz-se na aldeia de Santa Eulália, quem não tem *chocalho* não bebe. Está longe de succeder assim. Só não bebe quem não quer. Apesar da água ser custosa de alcançar, até na cozinha do mais pobre, se dá da melhor vontade, a todos que a solicitam.

Habitadas às labutas do campo, desempenham resignadas mais essa da fonte, sem dúvida menos custosa do que outras que executam a cada passo, na senda espinhosa da sua humilde existência. Às vezes, por se lhes turvar o espírito com a visão das desigualdades sociais, maldizem o seu triste fadário, invectivando as protegidas da fortuna, que nem sequer sonham com semelhantes sofrimentos.

Mas tais desabafos não passam de enfados ligeiros, que se esvaem de pronto. Porque, afinal, as jornadas ao poço, a par das fadigas e tempo que demandam, proporcionam atractivos irresistíveis. São ensejo magnífico para as mulherzinhas darem curso à murmuração, narrando e ouvindo o que de bom e mau se diz e fantasia pelos arredores.

Lá mesmo a encherem, ou nas *esperas*, aguardando a vez, tagarelam à larga e à grande. Falam de tudo e principalmente em intriguinhas de namoros.

Para variar, abordam também ao bom e mau governo desta ou daquela, não esquecendo comentários sobre a bizarria ou sovinice das *graves*, termo de consideração irónica porque designam, às vezes, as conterrâneas de tom.

.....
* * *

Geralmente, a mulher governa em absoluto na casa. O marido, ganha; a mulher, administra. Ele, entrega-lhe a *massa*; ela, aplica-a como entende, a ponto de ser ela quem compra o tabaco para ele. Da mesma forma, arrenda a casa para onde pretende mudar-se; despede-se da que habita: paga as rendas e as contribuições; compra a farinha para o amassilho da semana, podendo e precisando; avia-se na lojas e vendas, e o marido dá por tudo para se não esvecer com *barafundas*. Farto de lidas no que é de outrem, não tem pachorra para tratar das suas. Se por acaso se mete nisso, é somente para ser eco da mulher. Para lhe comprazer, quando o consulta, se consulta. Como homem de brios, não lhe quer ir à mão. Ela que ponha e disponha. Se boa cama fizer, nela se deitará.

Se ambos pensam em comprar casa para morar, também o negócio se planeia e decide sob o influxo da esposa. Casa em rua que não lhe agrade, por boa e barata que seja, não se compra. Se, pelo contrário, for cara, mas a rua agrade, compra-se logo, dê por onde der. Quando muito, por descargo de consciência, ele diz lá para os seus botões: — «Mulheres, são o diabo... tortas como um garrochol... Vejam para onde lhe havia de dar... Mas se uma pessoa tem de ir com elas... com as filhas... Deixá-lo... vá *pr'aí*... Se for asneira, *tamem* ela a paga... Mais disso... Para quem é a casa?... Para a mulher, está bem de ver... Quem está no ninho é a fêmea... O macho gira... Mas quando vem ó ninho, quer *caranso*... E o *caranso* só é bom, às boas...»

.....
Não obstante, há maridos que ralham frequentemente com as mulheres, com ou sem razão. Entre estes, também um ou outro, oferece e dá o seu soco

bem puxado, de longe em longe, não tanto por lhe chegar a mostarda às ventas, mas para mostrar que é tezo, que em ele estando, a casa cheira a homem. Farroncas de ocasião, que em nada abalam o predomínio da consorte. Às boas ou às más, a chorar ou a rir, ela é a rainha do lar, de soberania discutida momentâneamente, mas nunca destronada.

Para tanto, basta-lhe trazer o marido bem vestido e calçado, remendadinho a capricho, e ao mesmo tempo não lhe faltar com o tabaco, boa comida e boa cama, nos dias e noites que vem a casa. Se nos domingos lhe ralhar para que se barbeie, lave e vista em traje domingueiro, tanto melhor.

Ora, a todos esses deveres e atenções, e a outros análogos, atendem, solícitas, as mulheres dos campónios, sacrificando-lhes de boamente a sua alimentação, descanso e vestuário. Comprazem-se em trazer os maridos «como uns brincos», em cocheço de compostura e asseio, que não dê motivo a censuras, antes as eleve no conceito público.

Possuidas da mesma louvável orientação, e sempre no propósito de agradarem, muitas, nos domingos em que se não folga, vão a pé, com os filhos, às lavouras onde trabalham os maridos, a distâncias de 3 e 4 quilómetros, para aí jantarem com eles, do que lhes levam de propósito de suas casas, em cesto também provido de loiça, toalha e talheres, tudo muito limpo e asseado.

O jantar consta da olhazita na panela, pão de trigo, vinho e fruta. Nessa ocasião, nem eles nem elas comem à custa do lavrador; mas cada homem recebe do abegão os marrocatés e queijo que lhe pertencem.

À vista da mulher com os filhitos pela mão e o cesto da paparoca à cabeça, a lembrar a saborosa ôlha, a boa pinga, e outros mimos que ela lhe traz espontâneamente — qual será o marido, *estalfado* de trabalhar, que nesse momento não faça beicinho de ternura agradecida à previdente cara-metade?... Essas e outras carícias, elevam a mulher ao fastígio do poder doméstico, que exerce radiante, sem contudo se esquecer do que deve ao marido. Isto enquanto a velhice se não aproxima. Depois, como ambos tenham filhos moços, crescidos, desafina bastante a harmonia conjugal, se bem que a preponderância feminina continua a subsistir. A sua supremacia afirma-se a toda a hora. É senão veja-se o seguinte, que é significativo: Se a mulher tem pai, mãe ou irmãos inválidos ou precisados de amparo, o seu lar alberga-os também, e o marido não estranha, antes estima. Mas se é ele que tem ascendentes ou irmãos a carecerem de asilo e amparo, a companheira tais artimanhas urde e emprega, que, em geral, não os aceita em casa, ou se aceita é em termos tais, que os necessitados fogem de semelhante hospitalidade, preferindo mendigar. O dono da casa, revolta-se contra a deshumanidade da esposa, mas ela acaba por convencê-lo de que não há tal: que são os sogros ou cunhados que a odeiam e que se lhe não utilizam as sopas e a moradia, é para a pôrem mal com ele e a desacreditarem aos olhos do *mundo*. É o marido, à força de ouvir essas endróminas, acredita-as ou finge acreditá-las. Se lhe ficam remorsos e deseja passar por bom filho, concilia as coisas, protegendo os seus com alguns cobres. De portas adentro não os pode



Vida pastoril: — O rebanho de ovelhas — A boiada



UTENSÍLIOS DOMÉSTICOS

- 1 - Pote de cobre ; 2 - Chocalho ; 3 - Cafeteira ; 4 - Bilha de cobre ; 5 - Prato de faiança ; 6 - «Gato» de ferro ; 7 - Pequeno garrafão em cerâmica ; 8 - Frigideira de barro ; 9 - Tarro ; 10 - Tigreja

ajudar. Seria uma guerra viva. Em casa só entra à franca a família dela. A dele, passa à roda. Quando muito, entra de fugida e por cerimónia, por motivo de doença, casamento, e morte.

Mais ainda: se o casal não tem filhos, acareia-se como tal, um pequenito da família da mulher, preferindo-se o das irmãs ao dos irmãos. Dos da do marido, nunca.

* * *

A mãe cuida dos filhos, naturalmente. Amamenta-os e cria-os no berço, ao colo e na cadeirinha de braços, de cortiça. Se não têm leite em abundância, recorre às vizinhas *condoidas*, com recursos de lactação. ⁽¹⁾ A criancita anda assim às mamas *pelo amor de Deus*, como se costuma dizer.

Preventivos de *apendiques* e berloques contra os efeitos da lua e malefícios de bruxedos, de mau olhar, não faltam a nenhum. Signo saimão, figas, mãozinhas de toupeira, bentinhos, medalhinhas, etc., tudo isso acompanha a criança, no cinto dos cueiros e ao pescoço. Para atalhar as «febres das luas», não bastam as bugigangas. Recorrem às rezas e bênçãos das benzelhonas afamadas. E aquilo é como quem diz: mal tira-te de aí... Com quatro bocejos e meio, duas carantonhas e umas tretas de rezas manhosas, a lua safa-se do corpinho do inocente, e deixa-o fresco como uma alface... Quanto pode a credice estúpida!...

Do ano em diante, os pequerruchos arrastam-se pelo chão a andarem «de gatas», até firmarem-se de pé. Nesse entretanto e depois, as mães escarrancham-nos de ilhargas à cintura, e assim saem com eles «aos mandados», a mercarem do que precisam.

Aos primeiros filhos que vêm, os progenitores, prodigalizam-lhes toda a casta de carinhos compatíveis com os meios.

Aumentando-lhes a prole, as carícias diminuem sensivelmente, e tanto mais quanto maior se torna. Pais pobres, que tenham 4 ou 5 filhos, dizem, sem reboço, que Deus lhes faria grande esmola se lhes levasse um ou dois. Por isso qualquer criança dessas que adoça, pouco ou nada se trata. Se morrer, enterra-se. Vai para o Ceu e livra-se de penar neste mundo e no outro. Para fezes e mergulhos na vida, bastam-lhes dois ou três. Os restantes, que morram anjinhos, para, no outro mundo, pedirem a Deus pelos pais e pelos padrinhos. Pelos padrinhos primeiro, segundo a crença popular.

Sendo a prole diminuta, os pais esquecem as belezas do Ceu, e, sem hesitar, preferem a conservação dos filhos na terra, embora entreguem ao acaso a sua saúde, educação e desenvolvimento.

Um ou dois que sejam, andam em criancitas num apuro de vestuário e asseio, que chega a ser pasmoso em gente de tão poucos recursos. Que não se prolonga por muito tempo, diga-se também. Dos três aos dez anos, ou antes ainda, as mães dão-lhes alta para traquinarem e garotarem à vontade, rotos,

(1) A câmara municipal de Elvas concede subsídios de lactação às mulheres muito pobres que o precisem e requeiram.

semi-nus e sujos, sem que isso as preocupe. Pelo menos procedem assim com os rapazes — *capitães* de pé descalço, com liberdade de vadiarem pelas ruas e arredores da terra, sem *suprema* de ninguém. Às raparigas dispensam maiores cuidados de arranjo, a par de outra *sujeitação*.

Rapazes ou raparigas, as mãis apenas os castigam quando lhes causam prejuizos, como por exemplo, quebrarem-lhes louça, perderem-lhes dinheiro, ou *cortarem-se* com *rebaldarias* de furtos. Por qualquer dessas faltas, vai tudo raso: — pagam os delitos de *fragante* e os atrasados. O azorrague cai-lhes em cima, numa fúria selvagem, que contrasta com a tolerância que as mães lhes dispensam, ouvindo-lhes e consentindo-lhes impùnemente, e a toda hora, palavrões indecentes e insultantes, de que até muitas se riem. Se estranhos lhes exprobam semelhante inconveniência, respondem:

— «Ora são *inocentes*, coitadinhos. Não sabem o que dizem... *Zucar-lhes*, para quê? Quanto mais se lhes *zuca*, pior... *Entes* falarem mal, que furtarem. A gente era o mesmo... Filho és, pai serás...»

Mas não obstante considerarem-nos inocentes, cobrem-nos de impropérios à menor contrariedade, tratando-os por filhos de *curta*, etc.

— «Se outrem lho há-de chamar, menos de verdade, chamo-lho eu, que bem sei que não o sou.»

Assim se pretendem desculpar quando alguém de respeito as admoesta por esse tratamento injurioso. Nisso ficam sem o mínimo receio de perderem a reputação. O tratamento de *curta* e *filho de curta*, é tão vulgar e admissível entre o povo rústico do Alto Alentejo, que se profere a toda a hora, sem intenção injuriosa. Até se ouve em voz alta, como gracejo de intimidade! Triste gracejo...

Dos seis aos dez anos, a maioria dos rapazes vai ao mato, ao feixe de lenha, para consumo da casa. Das raparigas, poucas vão: as mães preferem terem-nas de portas adentro, a fazerem *liga*, meia ou renda.

Dos rapazes, só vão à escola coisa de metade, se tanto, e somente quando querem ir. Às mães pouco lhes importa isso, e os pais menos. Por acaso um ou outro, de melhor critério, se empenha em que os filhos aprendam a ler. Com as raparigas observam-se factos semelhantes, notando-se, que, as de algumas freguesias rurais, populosas, inda que quisessem aí frequentar a escola, não podiam, pela simples razão de a não haver. ⁽¹⁾

Os de um e outro sexo, logo que aos dez ou onze anos principiam a ganhar no campo, passa também a disfrutar maiores carinhos dos pais. Dessa idade em diante, por muitos que sejam numa casa, a todos, os pais ambicionam vida e de todos cuidam com interesse. A amizade cresce em escala proporcional e simultânea com o desenvolvimento dos filhos. Principalmente da mãe, que os considerando *casadoiros*, faz sacrifícios loucos para os calçar e vestir de ponto

(1) Em Barbacena, por exemplo, onde só há escola para o sexo masculino.

em branco, auxiliando-os com outras ajudas maiores, que são da praxe dispensarem-se. É coisa notável. Nessa altura a mulher, cujo desvelo pelo marido vem afrouxando desde que a prole se desenvolveu — reduz mais sensivelmente esses afectos para os prodigalizar aos filhos, que, ao tempo, são o único enlevo da sua alma. Do marido vai-se esquecendo, até quase o desprezar, se o infeliz chega a velho, não ganhando para si. Quantas os tratam de bagatela, com modos bruscos de aborrecimento, como coisa safada que já deu o que podia dar. O desgraçado lamenta-se, procura reagir, mas por fim resigna-se.

Todavia, em quanto a invalidez o não o submete à dependência absoluta, mostra, de vez em quando, uns arrancos de energia e protesto contra a baixeza humilhante em que a mulher o coloca.

Poucas vezes surte efeito o seu protesto. Em regra, fica vencido e enxovalhado, como lhe acontece sempre que censura o luxo dos filhos. Se esse assunto vem à baila, em *trapuxas* de desavenças matrimoniais, a que foi carinhosa companheira doutros tempos, põe-se como uma pantera, e uiva para o marido da seguinte maneira:

— Que tal está o *fundição*!... Não vê que os rapazes precisam andar compostos, para lhes não fazerem chacota os da sua camada!... Em moço foi trinta vezes pior que os filhos, e em velho leva a mal que eles trajem bem... Pois são seus filhos... Coitadinhos... *esmartuçam-se* com trabalhar e não têm metade do que você tinha quando imposturava nos *balhos* e pelas ruas, feito pavão... Agora, ganha *matuta* e meia, e quer *chalantear* e comer à grande... Pois coma do que eu como, e vista como eu visto, que não me envergonho de andar com farrapos... E ando como devo andar, que já não estou a parecer bem a alma do diabo nenhum... Faça como eu faço, e não seja *emplicante*... *empalagoso*, a *entrever* com tudo... *Enté* com luxos e namoros das filhas!... Deixe-as luxar... luxam com o que ganham, a trabalhar como umas moiras... Se namoram, namoram moços de vergonha na cara... Não são como outros, que, se não fizeram das suas, foi por que lhes não deram *atilha*... Uns raios me partissem na hora em que me casei!...»

Estes despropósitos encolerizam o marido, que, por desforço, ameaça a mulher de lhe ir aos queixos, se continua a ladrar. E acrescenta:

— «Você, sua zurra, cuida que vou de encontro ó arranjo dos filhos?!... Nunca!... Que luxem, mas numa ordem... sem abrasarem o que o negro *argenceia*... O que ganham, chega-lhes... Pois que fadistem à sua custa, neja à minha, para andar um maltrapilho... Irra! que inda ganho *prós* meus trapos, para você e *prás* filhas!... *Prás* filhas, ouviu?! Que *emplico* com elas!... Mentira... Que namorem com todos os diabos!... mas com juízo... É que merquem o que lhes é dado... não quero que sejam menos que «as mais»... Mas por se olhar por elas, que não falte *prós* meus *arremendos*... Senão um dia faça-a a você num feixe, *siora* língua de cabra. E hoje se me faz *encazinar*, quebro-lhe um *tanganho* nas costas... Arre, que é torta, mas eu endireito-a!...»

Então a ameaçada, vendo o caso bicudo, muda de tática e desata num

berreiro de choros e lamentações, que põem o marido perplexo. Para o motim não se avolumar, o esposo em questão, decide-se a sair de casa por algumas horas, seguro de que, com a sua ausência, se restabelecerá o socego. Já na rua, diz lá para os seus botões:

—«Que a leve o diabo! Se lhe vou ó *faval*, às ganas que lhe tenho, arrisco-me a pagá-la por boa... Nada, que ponha tudo no corpo dos filhos, que eu passarei como Deus quiser... O que um homem passa pelos filhos!... Tomara eu as filhas casadas... Em isso acontecendo, *rento-me* na mãe, mais mal agradecida que uma serpente!...»

No entanto, ocasiões há, em que o pobre do marido, perdendo a paciência, não sai para a rua, e, cumprindo as ameaças, serve-se do tal *tanganho* que, qual vara mágica, chega a produzir milagres estupendos...

* * *

Batisados Pouco oferecem de notável. Em tempos que não vão longe, era vulgaríssimo os criados de lavoura, e especialmente os «de pensão», convidarem para padrinhos dos seus filhos, os lavradores das proximidades, e de preferência os filhos dos respectivos amos, embora fossem crianças. Esta circunstância, longe de servir de obstáculo, parece qua até influia para os convites se realizarem e repetirem com maior foiteza. Os pequenos, de calças e saias curtas, figuravam a miudo como padrinhos, e ainda hoje os guindam a essas alturas de vez em quando. Aos pais e irmãos acontece-lhes outro tanto, pelo menos aqueles que vivem em maior contacto com a população pobre das aldeias. Há muitos exemplos, de pessoas gradas, servirem de padrinhos duas e três vezes no mesmo dia e na mesma localidade.

Também se conhecem indivíduos, que por muitos filhos que tenham, convidam sempre padrinhos de uma só família—a do amo ordinariamente. E, a propósito, quando os convidam, justificam-se dizendo:

—«Já agora, tenha paciência: não bato a outra porta; não me abaixo a mais ninguém!...»

Não obstante, estes usos vão diminuindo sensivelmente, sendo mais vulgar, os pais da criança, convidarem pessoas da sua classe para padrinhos. Parentes próximos, sobretudo moços solteiros, um de cada sexo, que se não namorem. Namorando-se, o batismo não fica valioso à face de Deus, afirma a superstição popular!... Também, segundo a mesma crença, ninguém teme a Deus, se pode negar a ser padrinho de batisado—«a ajudar fazer almas cristãs»—Quem a isso se recusar, perde a salvação da alma. Portanto, de melhor ou pior vontade, ninguém ousa recusar-se. Inda que não receiem as penas eternas, temem a censura dos crentes.

* * *

Os batisados costumam efectuar-se nas tardes dos domingos ou dias santificados. Pela Páscoa, Natal e outras festas solenes, realizam-se dezenas deles em cada freguesia rural das mais populosas.

Nessas tardes, o prior não larga o batistério e o sacristão anda num sarilho a acolitar o pároco e a repicar os sinos. Ambos trabalham extraordinariamente e ambos recebem as propinas do estilo, ⁽¹⁾ oferecidas pelos padrinhos. O sacristão regula a execução e duração dos *repeniques* pela importância das espórtulas. Se foi mesquinha, o toque é curto e vai de empreitada; se, pelo contrário, o satisfizeram, esquece-se a badalar

À hora aprazada, é da peça o pai da criança ir a casa dos padrinhos, para daí estes o acompanharem à sua, afim de seguirem para a igreja. Se os compadres não são indivíduos da mesma casa, tem de paguear cada um por sua vez.

Todos reunidos e a postos para o batisado ir para a igreja, trata-se de escolher o nome para o neófito. Sendo rapaz, a escolha é atribuição do padrinho, assim como compete à madrinha, se a criança for menina. Mas ambos, embora usem pôr o seu nome ao futuro afilhado, costumam não fazer uso da prerrogativa sem primeiro consultarem os pais do néné. Estes, ou pedem para o filho se ficar chamando como um dos padrinhos, ou dizem o seguinte:

— «Em o nome sendo à vontade dos padrinhos, também é à nossa.»

Todavia, lá para consigo, desejam que a criança receba o nome de um dos dois compadres, senão o de um deles progenitores. E em última análise, outro que seja vulgar, ou pelo menos de fácil pronúncia. Nome esquisito pouco usado, é-lhes bastante desagradável. Quando por ventura uma criança o recebe, os pais ficam despeitadíssimos. E comentam assim:

— «Parece mesmo nome de mangação... é fazer pouco dos pobres... Nem uma pessoa sabe como o há-de nomear!...»

Efectivamente, os tais nomes arvezados, nunca os pronunciam como realmente são. Estropiam-nos por tal maneira, que provocam a hilariedade.

Marcham, enfim, para a igreja, a pé, a passo solene e vagaroso, com a seriedade própria do acto. Na frente, os dois padrinhos e entre eles a parteira, de chaile preto ou mantilha pela cabeça, com a criança ao colo. ⁽²⁾ Vai tafulo o pimpolho: touca, vestido, cueiros e capa de cores alegres e rendas vistosas. Um catita.

Logo atrás, segue o pai e às vezes o avô ou avós, e o pagem de madrinha ⁽³⁾ — seu marido, pai ou irmão. Ninguém mais, não falando no rapazio que se vai agregando.

Todos os dos cortejo vestem os melhores trajos que possuem, de harmonia com a sua posição, estado e idade.

Há poucos anos ainda, era da praxe os homens apresentarem-se nestes

(1) O prior recebe, pelo menos, 480 reis do padrinho e 240 reis da madrinha, ou quem suas vezes faz. O sacristão, 160 a 200 reis de cada um. As pessoas abastadas costumam dar mais.

(2) Numas freguesias, à ida para a igreja, o padrinho ocupa o lugar da direita e a madrinha o da esquerda; noutras, usa-se o inverso. Mas por qualquer forma, à volta cada um toma lugar oposto àquele que ocupou na ida. É pelo menos o costume mais usado.

(3) Como é sabido, nem todos os batisados levam madrinha. Muitos se realizam com dois padrinhos homens, tocando um com a prenda de Nossa Senhora. Neste caso, é claro que não há pagem.

actos e outros igualmente solenes, com chapéus redondos enormes e de capas compridas, de sorrubeca ou pano azul, conforme os meios e a idade. Os lavradores também trajavam de capa, mas à espanhola, para se distinguirem dos criados. Hoje, todos vão «em corpo» e de chapéus mais reduzidos.

De qualquer classe e idade que seja, a madrinha chama sempre a atenção do público, que nunca perde o ensejo de a observar atentamente, pelo menos para lhe reparar nos enfeites. Madrinha solteira, campónia, apresenta-se séria, de olhos baixos e mãos cruzadas. Traja vestido claro, de sofrível roda, com cinto de fitas largas e compridas, formando laço de pontas enormes, caídas sobre a traseira: cordão e brincos de ouro, veu preto e grinalda. Um pouco sensaborona, valha a verdade.

Chegados à igreja, fazem oração, discutem de novo o nome da criança, batizam, trocam parabéns, legalizam o assento, ⁽¹⁾ satisfazem as propinas ⁽²⁾ e saem. O pároco acompanha ou não, segundo a norma que adoptou ou a consideração que dispensa aos figurantes. Mal saem, repicam os sinos, e o rapazio que garoteava no adro e à porta da igreja, acode em chusma a acompanhar o batisado, com o cheiro nas amêndoas. Pulando de contentes e a chilrearem alegres, lá caminham com o séquito, uns atrás, outros a par e adiante, e todos em folia desenfreada.

Da igreja a casa, ⁽³⁾ o cortejo regressa com o vagar e compostura análogo ao da ida, sendo igualmente alvo da curiosidade do *gentio*.

Chegam e entram. Os padrinhos dão os parabéns à comadre, dizendo-lhe:

— «Aí tem o seu filho batisado: Deus lhe dê saude e fortuna para o criar.»

E os progenitores respondem:

— «Muito obrigado... Nosso Senhor avivente os padrinhos para fazerem muita alma cristã.»

Ao que estes, algumas vezes, redarguem:

— «Que não seja o último, que vocemecês tenham.»

— «Ai, credo! Com este e os que para aí estão, já temos bastante... Não era demais ir um para o Ceu!...»

Acto contínuo, enquanto a mãe pergunta à parteira se o pequeno chorou quando recebeu a água batismal — pronúncio de felicidade — cada padrinho, abrindo a sua bolsa de amêndoas, ⁽⁴⁾ apresenta-a a todos da casa, para cada qual tirar à vontade. Todos tiram. Não obstante, sobejam muitas. São as do rapazio, que na rua as aguardam ansiosos e impacientes. Pronto os satisfazem.

(1) Lendo-o, o pároco na sacristia, perante os padrinhos, que o assinam, sabendo escrever. Cumpre notar, que nem sempre se observa esta prática, pois há párocos que, por afazeres ou descuidos, só lavram os termos de registo paroquial, dias e semanas depois de efectuarem os respectivos actos.

(2) Ao pároco, sacristão e parteira. As propinas dos primeiros, já ficaram anotadas. A da parteira não tem tabela fixa. Cada padrinho dá o que lhe aprás, de 200 reis para cima, até 500 ou 1\$000 reis.

(3) Em Campo Maior é costume os moradores, por onde passa o batisado, de regresso, lançarem amêndoas sobre os padrinhos, caso os queiram considerar, ou sejam pessoas da sua amizade.

(4) Bolsas de damasco, de cordões e borlas, contendo uma dois ou três quilos de amêndoas, que quaisquer pessoas foram deixar por incumbência dos padrinhos. Também acontece levarem-nas eles próprios, e até à igreja, para oferecerem amêndoas ao pároco e ao sacristão logo depois do batisado. Este uso é já raro e quase exclusivo das freguesias do campo, ermas

Os padrinhos, ou alguém que os represente, assomam à porta ou à janela, e, de bolsa em punha, zás, lá vão as amêndoas aos punhados, atiradas com força em diferentes direcções. Imediatamente estrugem os gritos da garotagem, clamando uníssona:—«*Prá qui!... Prá qui!...*» E as amêndoas lá caem em diferentes pontos, ocasionando trambulhões, socos, atropelamentos, choros e gargalhadas. Um rebuliço bravo, nota das mais alegres dos costumes alentejanos.

Acabadas as amêndoas, os padrinhos recolhem, mas o rapazio continua a berrar, até que se cansa e dispersa. Se as amêndoas foram poucas, dá surriada aos padrinhos...

Após o referido, termina a festa com chá ou café e seus competentes bolos e doces, oferecido pelos pais da criança. O pai, a parteira e todos de acompanhamento, sentam-se à mesa. A mãe fica de fora, com a criança ao colo. Uma pessoa de família serve os comensais.

Findo o chá ou o copo de água, (que também se usa), os padrinhos beijam o afilhado, dão as *baetas* ⁽¹⁾ à comadre, despedem-se e saem. O pai da criança acompanha os compadres a casa, e aí de novo lhes agradece o «favor e a esmola que recebeu».

Estes são os costumes seguidos nas aldeias e vilas, por parte das pessoas que aí habitam. Mas a gente que reside nos montes ou em outro qualquer lugar, fora das povoações, usa algumas práticas diferentes, impostas pela distância que os separa da sede da freguesia. Assim, por ocasião de batisados e bodas, vão da casa à igreja e vice-versa, em churriões e carros «tapados», puxados a muares, arreados a capricho. À saída da igreja deitam amêndoas aos rapazes que se juntam, reservando algumas para espalharem à chegada, a quaisquer garotos que lá lhe apareçam. No regresso, em vez do chá ou do café, é mais comum haver banquete.

Quase o mesmo se pratica nas chamadas freguesias de campo, cuja sede está isolada e erma no meio de qualquer herdade. Aí, os cortejos aludidos, realizam-se também em carros melhores ou piores e até em cavalgadas e bestas de aparelho — sistema pouco visto no concelho de Elvas, mas muito vulgar no de Arronches. Nas freguesias deste termo, semelhantes jornadas constituem, em regra, cavalgadas curiosíssimas, a que não faltam os episódios correspondentes.

Atrás de anafadas éguas, irrepreensivelmente arreadas, caminhando a travado ou a galope com um ou dois cavaleiros, seguem, apressados, vários muares e jumentos, de vistosos aparelhos, conduzindo igualmente diversas entidades. Carros, vai um, se tanto, para os personagens de maior representação.

* * *

Dos batisados resultam padrinhados e compadrios numerosos, que vão muito além do que se pode supor. As crianças batisadas, os pais e os avós, ficam

(1) Dádíva em dinheiro mais ou menos avultada, ou um vestido. Cada padrinho, entende-se.

sendo, respectivamente, afilhadas e compadres, não só dos verdadeiros padrinhos, mas ainda do marido ou mulher deles e bem assim dos pais, avós e sogros, e até do prior e da parteira. Por outro lado, os dois padrinhos e seus ascendentes e consortes, contraem também recíproco compadrio, que abrange igualmente o pároco e a parteira.

Desta maneira, há pessoas que são compadres de toda a gente da localidade. Não é caso para envaidecimentos, mas há quem goste.

Bodas Antes que se efectuem, precedem-nas os seguintes preliminares: Combinado o casamento entre os namorados, a noiva previne a mãe para esta participar ao pai de que será pedida em determinado dia. Nesse dia, o noivo acompanhado de seu pai ou de quem o represente, lá aparece a pedir a mão da pequena, realizando ele próprio o pedido ou aquele que o acompanha. O acto efectua-se com a seriedade própria, mas sem fraseados especiais, como consta usar-se em alguns pontos do país.

Diz-se que, antigamente, os rapazes simplórios que tencionavam casar, aprendiam determinadas frases de efeito, para empregarem na ocasião de pedir a noiva. Entre outras, cita-se a seguinte: — «Ao que venho, venho, ao que digo, digo; venho pedir a sua filha para casar comigo...»

Feito o pedido, o pai da noiva responde segundo as impressões que sente sobre o caso. Se lhe agrada, diz que se for da vontade da filha, da dele também é. Se lhe desagrade, responde em termos ambíguos, ou com franqueza rude, manifestada pela seguinte forma:

— «Da minha vontade não é, mas se ela quiser não a *estrovo*... que siga a sua *sina*... Depois não se queixe... Comigo, não contem para nada... Deus os ajude e a mim não me desampare...»

A mãe denuncia-se mais. Em regra, aprova sempre. Mas, por excepção, também se vê o contrário, isto é, não querer, ou fingir não querer. Se realmente não quer, atira *catanadas* fortes, e faz chinfrim.

Seja como for, mulher e marido, chamam a filha e, por formalidade, perguntam-lhe se quer ou não casar. Ela diz que sim, está claro, e o casório fica resolvido.

No caso de aprovação e contentamento unânime, a entrevista dos noivos e dos pais prolonga-se pela noite fora, em palestra animadíssima, tratando-se logo dos *pregões* (proclamas), dos convites dos padrinhos e da forma por que se há-de celebrar o casamento: se «à calada», à *capucha*, ou se com grandeza, isto é, com a assistência de convidados e realização de banquete.

Como pertence ao noivo fazer as despesas do bródio, é ele ou o pai que primeiro falam nesse assunto. A não ser por motivo de reparação tardia, ou por luto rigoroso, os seus bríos e os usos locais, levam-no a declarar que «faz boda», e que haverá banquete e que fará convites aos amigos e parentes. Por conseguinte, diz aos futuros sogros que podem convidar também a *família*

que quiserem, que ele fará outro tanto, não olhando a gastos. O pai acode em reforço, acrescentando:

— «Quem olha a gastos, não se mete em funções... Um dia, não são dias... Onde não chegar o rapaz, chego eu... ou os amigos, se for preciso... Não será, graças a Deus.»

E para corroborar, conclui asseverando que ele, homem de barbas de vergonha na cara, não acompanharia seu filho a pedir filhas de outrem, se o não sentisse com posses para mudar de estado e com que se governar algum tempo.

Tão bizarras declarações são escutadas, com infinito prazer, pela gente da noiva, que, lá para consigo, nunca levariam a bem outras em contrário.

Mas, para salvarem as aparências, respondem que de toda a maneira ficam contentes; que não querem incómodos, que farão poucos convites, para se não tornarem pesados, etc.

A restrição nos convites é abertamente combatida pelo noivo e seu pai, no propósito de demonstrarem cabalmente que não são somíticos, e que se sentem na bolsa, embora a realidade esteja muito longe do que aparentam. mas é da peça alardear abundância, e por isso arrotam.

À vista de tão insistente arrazoado, os pais da noiva acabam por declarar que enfim sempre convidarão a sua parentela, vista a boa vontade de quem faz as despesas. Nessas intenções já eles estavam desde o princípio, mas parecia mal dizerem-no. As escovinhas dos escrúpulos são precisas, por também serem do estilo.

Arrumada a questão, vem à baralha outra de maior transcendência. Tem de se combinar sobre quem hão de ser os padrinhos: se criaturas da *eguala* dos noivos, ou se gente grave. Não há-de o noivo convidar padrinhos *lapões* e a noiva madrinha fina. Ou o inverso: a noiva ir à igreja acompanhada por mulher campónia, grosseira, e o noivo entre figurões de gravata ou lavradores ricos. Tem de dizer o tom com o som.

Nisto não há divergências, assentando-se logo que os dois padrinhos e a madrinha serão todos da mesma *classeta*. Discutem-se porém os prós e os contras que haverá em convidar dos de colarinho alto ou dos de gente *lambaruça*. De resto, optam pelos que julgam convir-lhes melhor. Se escolherem pessoas humildes, justificam-se alegando não serem interesseiros nem impostores: que vão bem acompanhados com pobres como eles, gente que não é de cerimónias, que tenha de se andar com *ezéquias* de cortezias.

No caso de optarem por padrinhos de condição social superior à sua, afinam noutro diapasão, sem que por isso lhes faltem argumentos com que se justifiquem. Favores recebidos, queda para as pessoas, de pendências, oferecimentos antigos mais ou menos fantasiosos, etc.

De qualquer maneira é-lhes forçoso justificarem-se perante os auditórios das soalheiras e outros pontos de tagarelice.

Não sendo o casamento da vontade da família da noiva, o noivo e quem o acompanha saem logo que formulam o pedido e ouvem a resposta. As delibe-

rações restantes reservam-nas para depois, confiando que o tempo aplane as principais dificuldades. Se passados dias os embaraços continuam, cortam-nos de vez, esquecendo contemporizações, e os dois — noivo e noiva — resolvem tudo como melhor podem, através de todos os obstáculos.

Conhecida a oposição ou a má vontade de qualquer das famílias dos nubentes à realização do consórcio, uma rede de intriguinhas e mexericos envolve as duas respectivas parentelas. Entre o mulhério chega a haver brigas de descomposturas vexatórias, no meio da rua, que às vezes terminam por cenas de pugilato.

Os pobres noivos vêm-se em calças pardas para manterem aparente neutralidade. É claro, que em semelhante colisão, inclinam-se para aqueles que lhes protegem as aspirações. Mas também desejam acalmar as iras e ressentimentos dos do campo oposto. Em regra, não conseguem realizar esse intento conciliador, pois à medida que o enlace se aproxima, mais se acirra a desavença entre as duas famílias.

Chegado o dia da boda, faz crise a intrigalhada. Ou as pazes se realizam por intermédio de pessoas amigas e após um cortejo de choros e exprobações recíprocas, ou os agravos se avolumam e o ódio cresce, como resultante de mútuas desconsiderações, imaginárias ou reais.

* * *

Logo que principiam a correr os pregões, a noiva deixa de ir aos trabalhos do campo, ao poço, e à ribeira. Também lhe é vedado ir à missa ou a qualquer diversão. Até casar só sai por absoluta necessidade: a dar parte do casamento, ao exame de doutrina a casa do prior e à confissão na igreja, na véspera do consórcio.

Noivo e noiva convidam os padrinhos antes de correrem os proclamas. Demora maior, podia ser tomada pelos convidados como falta de consideração às suas pessoas. Os padrinhos aceitam geralmente, mas se por ventura se recusam, o caso torna-se intrincado para os nubentes, por recearem que a pessoa ou pessoas a quem ainda tenham de recorrer, igualmente se neguem, com o fundamento de não servirem para «pratos de segunda mesa».

Mas como lhes é forçoso sair de semelhante situação, decidem-se a convidar outro padrinho, que, em regra, aceita. Sucede porém observar o seguinte: — «Pois sim, contem comigo... Aceito porque não tenho *cachaça de opinioso*... Se fosse como alguns, não servia para as faltas... Mas eu cá, não sou de disfarces... Basta de mais aquelas... Por um alho, não se desmancha uma alhada...»

O noivo fica um pouco estúpido com tais observações; no entanto, como já contava com elas, balbucia várias desculpas e tudo se concilia.

Se o caso se passa com a noiva, há ainda maiores amuos de vaidade por parte da nova madrinha. Não obstante, tais satisfações lhe dão e tanto a lisongeiam, que se resolve a aceitar, esquecendo os escrúpulos.

Cada padrinho dá ao afilhado a importância de uma libra aproximadamente, se não um chibato ou um saco de trigo. A madrinha oferece à afilhada o vestido para o casamento, pelo menos, e às vezes, outros adornos mais.

Em troca, o noivo aos padrinhos e a noiva à madrinha, costumam oferecer o *frete do estilo*, que antigamente consistia num cesto ou bandeja com biscoitos, bolo podre e pão de ló, de preparo caseiro, e que hoje se restringe a uma grande caixa de doce, comprada nas confeitarias.

Os dois noivos ou seus pais dão parte do casamento aos parentes e pessoas de amizade. A noiva amplia a participação às lavradoras que lhe dispensam favores.

Ele, recebe a dádiva de quinhentos ou mil réis de cada pessoa a quem dá parte; ela, brindam-na, com prendas de utilidade, para uso doméstico: pratos, vidros, roupas, móveis, etc. Que de alguns, aliás poucos, nem ele nem ela apanham vintém ou coisa que o valha. Ouvem-lhes a participação e o convite, agradecem-lhes e aceitam-no, felicitam-nos por mudarem de estado, mas a respeito de afrouxarem, não tomam nada. Comem-lhes o isco, comparecendo na função e abarrotando-se à grande, mas não caem no anzol, largando a espórtula.

Outros, procedem em sentido oposto: primam pela generosidade, dando mais do que podem, sobretudo se tencionam figurar no acompanhamento e assistir ao banquete. Conheci um pacóvio, que o seu maior prazer era convidarem-no para bodas e brindar com bizarrria os respectivos nubentes.

Nada o envaidecia tanto, como figurar num acompanhamento de noivado, com o seu traje de gala. Tão notória se lhe tornou a monomania e tão frequentemente se lhe repetiam os convites, que a soldada mal lhe chagava para gastar com os casamentos dos outros.

Por fim, bem a seu pezar, viu-se forçado a ir pela prenda, sem largar cinco reis. Desde então começou a ser esquecido, e pouco tardou que não visse casar todos, sem nenhum lhe participar. Morreu pouco depois; talvez de desgosto pelo esquecimento a que o votaram.

* * *

Como disse, o noivo faz o gastos da boda e leva o que pode para o sustento do casal nos primeiros tempos. Isto na melhor das previsões, porque os há que, liquidadas as despesas, não lhes sobeja para comer durante uma semana. Em todo caso, dois ou três dias antes do consórcio, interrompem o trabalho em que se ocupam e passam «à boa vida» até ao fim da semana imediata ao dia de núpcias.

Boa vida, é modo de dizer. Averiguando-se bem, reconhece-se que o modesto noivo, à medida que se lhe aproximam as delícias do himineu, vê-se assoberbado por uma série de incumbências, que as circunstâncias lhe impõem. Para ele é certo o rifão de que se não apanham *trutas a barbas enxutas*. Vale-lhe a força de vontade e a satisfação de se ver noivo.

Em primeiro lugar, antes de pedir a pequena ou pouco depois, precisa de

arrendar casa — aquisição bastante difícil, pela falta de habitações que se nota nos povoados rurais, apesar de em todos se terem construído muitos prédios nos últimos vinte anos. Mas a população aumenta em maior escala que as moradias. E tanto que, devido a essa falta, vai sendo vulgar residirem em comum duas famílias no mesmo prédio — pai e mãe, com filha e genro.

Calcule-se, por conseguinte, as cogitações e fezes que tem de sofrer o pobre rapaz para alcançar, de renda, o prédiozito que pretende habitar. Se por felicidade se lhe depara um, toma-o logo à sua conta, quase sem discutir o preço da renda. Se o não obtém, apesar de todos os esforços e entrevistas inúteis com os senhorios, resigna-se a ir viver em comum com os sogros, cortando cerce o primeiro entrave dos preliminares antinupciais.

.....

Oito dias antes da boda, o noivo tem de passar pelo incómodo de ir pessoalmente avisar os padrinhos, o pároco e os convidados, do dia e hora em que tenciona casar. Aos convidados, é da praxe, repetir-lhes que conta com eles, que lhe não falem a acompanhá-lo, que leva muito em gosto que tomem parte no ajuntamento, etc.

Depois, já de todo entregue aos preparativos da cerimónia e do banquete, procura depachá-los com esforços de trabalho pessoal, que lhe permitam economias de dinheiro. Ele próprio, ou coadjuvado por alguém, conduz do mato a lenha para casa, em carro e parelha emprestados; especula sobre a maneira mais económica de obter a farinha para o pão e bolos da boda; despacha os papéis; ⁽¹⁾ e por último vai às herdades para trazer o chibato ou chibatos que comprou ou lhe ofereceram para o bródio. Na véspera à noite ainda tem de servir de magarefe, abatendo e esfolando as reses que sacrifica à voracidade dos convidados e dos chegadiços.

No dia do casamento, desde que vem da confissão, logo de manhã cedo, até à hora de dar a mão, os afazeres multiplicam-se-lhe, mas a todos atende pela vontade que o anima...

* * *

Do governo e arranjo da boda, que é como quem diz, do preparo dos bolos, do despacho na cosinha e do serviço do almoço e do jantar, encarrega-se a mãe ou irmãs do noivo, a quem ele ou o pai entregam o *cabedal* para os gastos correspondentes — Que não haja faltas... Que apareça tudo que é dado... — São as instruções que pai e filho dão às mulheres e que elas cumprem à risca. Neste propósito, as encarregadas falam à cosinheira de fama, insinuam-lhe o que pretendem, coadjuvam-na no que podem, e ao mesmo tempo vão ou mandam, às casas abastadas, pedir emprestado os utensílios de que precisam, como

(1) Certidões e outros documentos indispensáveis para a celebração do casamento. Se neles figura dispensa de proclamas, chamam-se-lhe *papeis cerrados*. E nessas circunstâncias, diz-se: — Fulano e fulana não se apregoam; casam por *papeis cerrados*.

vasilhame de cosinha, louças, vidros, toalhas, talheres, etc. E tudo se lhe empresta de boamente, como facto trivial que está nos hábitos do campo.

* * *

Assim como o noivo faz as despesas da boda e do banquete nupcial, a noiva cumpre-lhe adquirir todo o mobiliário e roupas de cama, conforme notei nas páginas 94 e 95, ao tratar da aplicação dos salários das mulheres.

Por conseguinte, a rapariga pedida em casamento, se ao tempo ainda não possui a mobília e enxoval precisos, trata de os adquirir desde logo, contando sempre com as ofertas que espera receber. O pai e a mãe auxiliam-na com donativos importantes.

.....

Na semana que precede a celebração do consórcio, enquanto o noivo se ocupa nos afazeres que já mencionei, a noiva e sua família incumbem-se de assear e mobilar a habitação do futuro casal.

As vizinhas e as amigas coadjuvam-nas desinteressadamente, salvo a ideia de assistirem à função, ou pelo menos a perspectiva de um presente de bolos, ou de um prato de ensopado no dia de boda.

Mas haja ou não esse estímulo, todas se empenham em assear e ornamentar a casa com o luxo e garridice imposto pelas usanças tradicionais. Usanças arreigadíssimas, a que nenhuma noiva se exime, antes muitas procuram ir além do vulgar. Humilhada se julga aquela de que se não diz que «leva um casão.»

Os preparos terminam pelo arranjo do sotão e da cama do noivado, coisas que ficam prontas ao anoitecer da véspera da boda, para imediatamente se exporem à admiração e parecer do mulhério prèviamente convidado. A visita à casa e à cama da noiva constitui uma diversão atraente, a que concorrem todas que a podem aproveitar. As apreciações e reparos que aí se ouvem, proporcionam cenas curiosas, que talvez tenha ocasião de reproduzir noutra lugar desta obra.

* * *

Por volta das dez horas do grande dia, o noivo e seu pai tratam de reunir os parentes e amigos com que contam para o almoço. Dos da noiva concorrem ou não, conforme a cordealidade ou frieza de relações entre as duas famílias. Ela e a madrinha não comparecem; os padrinhos só vão sendo de classe análoga à do afilhado.

Nesta altura do almoço, o infatigável noivo entra no período agudo das massadas estopantes. Por ser da peça e não incorrer nas censuras, lá vai feito boleguim, de casa em casa e de taberna em taberna, a chamar os parentes e os amigos onde nem sempre os encontra, tendo de esquadrinhar por toda a parte, para lhes descobrir o paradeiro.

Depois mesmo de os encontrar e de lhes dizer o que pretende, ainda por vezes sofre decepções, que chegam a esgotar-lhe a paciência.

A poder de rogativas, todos prometem ir, mas poucos seguem logo. Alguns, mais carraços, têm de ser avisados segunda e terceira vez, fazendo esperar e arreliar os pontuais. Quase têm de os levar aos empurrões.

Áfinal, e após inúmeras diligências, a *família* reúne e o almoço efectua-se. Consta de sopas de *verde* ou sangue cosido, com fressuras misturadas, ensopado, queijo, frutas, bolos, vinho e licor. Chá ou café, só aparece se entre os comensais figuram pessoas finas. Mas, em compensação, bebe-se vinho e licor à franca. Alguns dos bebedouros ficam avinagrados, por tal modo loquazes e fastidiosos, que os restantes esquivam-se a aturá-los. Vão, portanto, embirrar com o noivo que, pela sua posição excepcional, até isso tem de sofrer!

* * *

Horas antes do consórcio, a noiva entrega-se aos preparos da *toilette*, auxiliada pelas amigas que a rodeiam. O penteado e a colocação do véu e da grinalda, exigem conhecimentos especiais de bom gosto, que, no conceito do vulgo feminino, só possuem as «mestras» de fama. É por conseguinte, uma dessas habilidosas a incumbida de tais adornos, mediante convite prévio ou oferecimento espontâneo. Ao verem-na passar, toda assodada, à hora oportuna, as vizinhas assomam à porta e exclamam:

— «Aí vai Fulana... Aquilo vai pôr o véu à noiva... Sempre tem umas mãos muito delicadas... E bom sentido... Onde põe os olhos, *asserva* tudo...»

As maldizentes, redarguem:

— Há quem lhe ganhe... Se sabe, não faz maravilha... Teve boas mestras... *Entes* de aprender com as «graves era uma *citola* chamarem-na... Noiva que compusesse, ficava sem *doairo*... Agora, às abas das «ricas», já *fanfa*...»

O noivo prepara-se em menos tempo, trocando o fato que de manhã levou à confissão, por outro novo e mais custoso. Sem embargo, veste-se à pressa, porque, depois de «composto», acompanhado do pai, tem de ir às residências dos dois padrinhos, para, por seu turno, estes se lhe reunirem e com eles regressarem a casa, onde, ao tempo, já os esperam os convidados pontuais. Para os negligentes, ainda qualquer tem de servir de criado, correndo a avisá-los de que está tudo pronto, que estão à sua espera, que são horas, que se não demorem, etc.

Áfinal, lá os acarretam todos, a poder de paciência e de estafas.

Da parte da noiva observam-se praxes semelhantes. O pai e os irmãos, logo que a vêem preparada, dirigem-se ao domicílio da madrinha, para esta, o marido e filhos, os acompanharem a casa, e de aí seguirem à igreja. Se quando chegam a casa, ainda faltam convidados, alguém se incumbem de os ir chamar, até que compareçam, depois de muitas arrelias.

Noivo e noiva, antes de saírem para casar, ajoelham-se diante do pai e da

mãe, e, comovidos, pedem-lhes e recebem a benção de cada um. Os pais, sensibilizados também, ficam lacrimejando igualmente. Se o casamento não é à vontade da família, as lágrimas correm de fio, especialmente dos olhos da mãe e das irmãs do nubente, que, em semelhante hipótese, fazem papelinhos de todo o género, para alardearem desgosto e quisilarem o outro consorte e sua família.

* * *

Na ida para a igreja, o noivo forma um cortejo e a noiva outro, indo cada qual por sua vez. Antes, tomam-se as necessárias prevenções para os dois acompanhamentos se não encontrarem no trajecto. É da praxe a noiva chegar primeiro.

Ambos os cortejos seguem a pé, graves e cerimoniosos, cõscios de que se tornam alvo do povinho, que afluí às esquinas e largos das ruas para lhes observar os trajos e aspectos.

A noiva toma à frente do seu séquito, ao lado direito da madrinha. Veste pouco mais ou menos como as noivas de toda a parte: ⁽¹⁾ vestido claro, de fitas largas à cintura, com o laço e pontas caídas; véu branco e grinalda de flores de laranjeira. Nas orelhas, ao peito e nas mãos, ostenta respectivamente brincos, cordão, broche e anéis de ouro. O pior para ela é que parte das joias, na maioria dos casos, pertencem às parentas e amigas que a vestiram, e que lhas collocaram para lhe serem agradáveis.

Ourada em excesso ou suficientemente, a noiva caminha de mãos cruzadas cabisbaixa, descobrindo-se-lhe no entanto vestígios de choro recente. Mais parece seguir para um enterro, do que para a maior solenidade da sua vida. Mas para satisfazer a costumeiras asnáticas, tem de fingir tristeza, e nesse propósito lá vai aparentando aquilo que não sente.

A madrinha veste segundo a sua posição. Sendo mulher humilde do campo apresenta-se de véu preto antigo ⁽²⁾ e vestido de lã.

O noivo marcha também na frente do seu cortejo e entre os dois padrinhos. Traja jaqueta, colete e calças de pano preto ou de casimira escura, cinta de merino encarnado, sapato branco e chapéu redondo. À semelhança da noiva, mostra-se taciturno e preocupado.

Os padrinhos, de trajos festivos, ao uso local, aparentam satisfação evidente, sem contudo perderem a nota da seriedade a que o seu papel os obriga.

Como nos batizados, antigamente nas bodas, os homens do campo, pobres

(1) Ao contrário do que geralmente se observa por toda a parte do país, em algumas pequenas vilas e aldeias do distrito de Portalegre, como Arronches e outras, usa-se o curiosíssimo costume das noivas irem casar de coca ou mantilha preta e vestido da mesma cor, exactamente com o mesmo esquisito traje com que vão à igreja noutras ocasiões. As madrinhas aparecem vestidas de igual forma. Nada menos elegante nem mais impróprio. Faz lembrar o *Noivado do Sepulcro*.

(2) Os veus com que se enfeitam as madrinhas de condição humilde nas bodas e batizados, são geralmente antigos e emprestados pelas lavradoras, que os conservam de propósito para esses empréstimos. Se os não conservassem, teriam de indeferir os pedidos que frequentemente lhes fazem, o que daria ensejo a murmurações, ou ver-se-iam na necessidade de ceder algum veu moderno que possuam, sujeitando-o a estragos e usos prejudiciais. Nesta colisão, como conhecedoras e mantenedoras dos costumes, fazem reserva de veus para os empréstimos às comadres, afilhadas e amigas.

e remediados, iam à igreja de capa larga e comprida, com chapéu de borla, de abas reviradas. Hoje, vão «em corpo», e também com os fatos melhores que possuem.

* * *

Todos reunidos na igreja, efectua-se o casamento. Em seguida, os noivos dirigem-se aos respectivos sogros e, ajoelhando-se-lhes, pedem e recebem-lhes a bênção. Depois, ouvem os parabéns dos assistentes, que se resumem no seguinte: — «Deus lhes dê vida e saude por muitos anos e bons. Nosso Senhor os cubra de boa sorte...», etc.

Entretanto os padrinhos dão a górgeta ao sacristão,⁽¹⁾ e imediatamente, acompanhados do pároco e dos noivos, vão à sacristia para legalizarem os termos, se antes se não procedeu a esse acto. Nesta altura, o pároco é convidado a reunir-se ao acompanhamento e assistir ao banquete. Ele agradece, aceitando ou não. Em geral, não aceita.

Concluidas todas as formalidades, os dois séquitos reúnem-se e fundem-se num só, dispondo-se a sair.

Enquanto o matrimónio se efectua no interior do templo, o pequeno adro da igreja paroquial enche-se de curiosos de ambos os sexos, ávidos de presenciarem a saída da boda. E' um espectáculo destituído de novidade, mas sempre apreciado e concorrido, à falta de melhor.

— «O que tardam a sair...» Dizem várias mulheres impacientes, com os filhos a tiracolo.

— «Estarão com o assento» — observam diversas.

— «Qual história» — replicam outras. E concluem: — «Inda não tardam.»

— «Lá saem já!... Lá saem!...» — Exclamam radiantes as mais atentas.

Efectivamente, à porta principal assoma o cortejo, caminhando para o adro. Principiam os comentários do mulheroio:

— «Que linda vai!... Faz uma noiva muito bonita.»

— «Hum... Nem por isso... Leva olhos de chorar...»

— «Pudera, não havia de chorar... são coisas que chocam uma pessoa...

Inda m'alembro...»

— «E que chore... Por isso não se faz feia. Tomaram muitas...»

— «E o vestido!... Reparem para o vestido... Como lhe diz bem... Está à moda...»

— «Ai, nina, a capela!... Coisa asseada!... Bonita prenda...»

— «Credo! não é para tanto... Tem-se visto melhor...»

— «E o noivo!... Olhem o noivo!... O que vai de sério!...»

— «Mas bem vestido...»

(1) De 160 reis para cima, de cada padrinho e da madrinha. Os emolumentos ao pároco são pagos pelo noivo e variam de freguesia para freguesia. Noutros tempos, em algumas localidades, o pároco recebia do noivo um frasco de vinho e uma galinha.

— «Bota fina...»

— «Colarinho de lustre...»

— «Botões de ouro, grandes... alamares de prata... cordão de ouro no relógio... um dinheirão!...

— «Quem sabe se tudo será dele... *Quem o alheio veste na praça o despe...*

É assim, com os elogios de umas e os desdêns de outras prosseguem os comentários das palradoras. Entretanto, a boda passa entre as alas da multidão e os olhares prescrutadores dos mirones, que fixam atentamente os noivos e toda a comparsaria, para lhes não escapar o mais ligeiro pormenor.

Na frente vai a noiva, a madrinha e seu pagem. Logo atrás, o noivo, entre os dois padrinhos, e por último, os parentes e os convidados.

Ao sairem, os sinos tangem os repiques do estilo — mais ou menos espaçados, segundo a gôrgeta que o sacristão recebeu — e, ao soarem os badalos, o rapazio que traquinava pelo terreiro aos saltos e cabriolas, larga as brincadeiras e corre em massa a formar o couce do acompanhamento, numa indisciplina de incorrigível balbúrdia. Muitos garotos tresmalham-se da chusma, seguindo uns aos lados do cortejo, e outros, tomando-lhe a frente, como se fossem a sua guarda avançada. Pelo caminho vai engrossando a turba de rapazes e raparigas, que se acotovelam, esmurram, espezinham e beliscam, em alegria doida, na perspectiva de muitas amêndoas, confeitos e rebuçados. Uma boda dá-lhes mais regabofe de gulodices, que cinco ou seis batizados...

Os noivos e seus pais, bem como o pessoal restante, caminham vagarosamente à altura da gravidade. Os primeiros mostram-se comovidos e cabisbaixos; enquanto que os padrinhos e comparsas revelam satisfação, cumprimentando sorridentes para a direita e para a esquerda. Como quem diz: — «Cá vamos...»

À maneira que avançam, das janelas e portas, lançam-lhes flores, grãos de trigo e folhas de oliveira, galanteria que os obsequiados agradecem levando a mão ao chapéu.

Chegam enfim a casa, onde se realiza o banquete, que tanto pode ser a destinada à residência dos cônjuges, coma a do pai do noivo. Optam pela de maior capacidade.

À porta aguarda a boda um rancho de moças, em trajos e penteados garridos, que espargem flores sobre a comitiva. A vizinhança regorgita nos limiares dos portados, e a rua coalha-se de gente, que acode de diferentes direcções, ao impulso da curiosidade. Repetem-se enfim os comentários do largo da igreja, com tanta ou maior pasmaceira. O rapazio fura por onde pode, galgando obstáculos para tomar posições favoráveis ao apanho das amêndoas, que dentro em pouco lhe atirarão. Com as mulheres *tassalhonas*,⁽¹⁾ que se lhes metem de permeio, nos mesmos intuitos, provocam pequenos desaguizados,

(1) Mulheres de linguagem licenciosa, habituadas a andar pelas ruas, descalças e em desalinho de vestuário, falando alto com quem encontram e intrometendo-se onde não as chamam. A antítese da mulher comedida, recatada e séria, que veste com honestidade e arranjo.

clamando que só vadias e gulosas se atrevem a cerceiá-los. Elas contestam iracundas, alegando igualdade de direitos.

.....
 Noiva e madrinha, antes de recolherem, era costume voltarem-se para o povo e fazerem mesura de agradecimento. Hoje, já se não usam esses salamaleques.

Ao entrarem todos na modesta moradia a que se destinam, ouvem-se os parabéns do estilo, dados pelas pessoas que não foram à igreja. A noiva dirige-se à sogra e, ajoelhando-se, pede-lhe e recebe-lhe a bênção. Em seguida, é muito abraçada e beijada pelas amigas solteiras.

Entretanto, os padrinhos munem-se das bolsas cheias de amêndoas, confeitos e rebuçados, e, abrindo-as, apresentam-nas aos circunstantes, para que tirem à franca. Ninguém regeita: uns tiram duas ou três, «por bem parecer», outros, aos punhados, sem vislumbres de cerimónia. Não obstante, sobejam as precisas para contentar a turba que estaciona na rua.

Imediatamente, os padrinhos e representante da madrinha, desentensiam-se dos grupos que enchem a casita e assomam à porta, para regalar o povoleu que, anciosamente, os aguarda. Um sussuro de satisfação celebra-lhes o aparecimento. Eles correspondem, mostrando-lhes as bolsas e espalhando-lhes o conteúdo, por entre sorrisos de agrado. É uma sementeira rija, assemelhando-se a chuva de saraivada grossa caindo forte sobre as pedras da calçada e as cabeças do povinho. ⁽¹⁾

Ainda as primeiras amêndoas não caem não chão, já o *gentio* brada: — «*P'rá qui!... P'rá qui!...*» E ao passo que a gritaria prossegue e aumenta em tons ensurdecedores, os garotos correm como doidos para os sítios visados. Na sofreguidão de obterem apanho avultado, e querendo acudir a toda a parte onde chegam as guloseimas, cruzam-se em sentidos opostos, num borbórinho delirante. Chocam-se, atropelam-se, amontoam-se, espezinham-se, roubam-se esbofeteiam-se e contundem-se, rindo uns, chorando e praguejando outros, ao som de berros agudíssimos. Pagodeira de estalo, incomparavelmente superior à que se passa nos batisados. Mais quilos de amêndoas e o quintuplo de gente.

— «*P'rá qui!... P'rá qui!...*» continuam a clamar alto centenas de vozes, à maneira que os projecteis de açúcar caem como balas sobre os pontos alvejadados. As mulheres abrindo os aventais, e os rapazitos, de chapéu na mão, acercam-se dos padrinhos e imploram-lhes dádivas. Se por acaso os ouvem e atendem, a onda do rapazio audaz precipita-se sobre os contemplados e esbulha-os quanto pode. Quem mais unhas tem mais apanha, embora à custa de pragas. Quantas mais lambarices se espalham, maior é a algazarra e os gritos de: — «*P'rá qui!... P'rá qui!...*» Afinal, as bolsas esvasiam-se e o gáudio afrouxa, até cessar por completo.

Antigamente, se não se aventavam amêndoas ou confeitos em abastança,

¹⁾ Não há ainda muitos anos, acontecia alguns padrinhos, uma vez por outra, substituírem as amêndoas à rapaziada por moedas de cinco reis. Acabou esse uso.

havia, pela certa, surriada aos padrinhos, por parte da garotagem. Largavam a correr, vociferando: — «Padrinhos de capa rota, que não têm outra!... Capa rota!... capa rota!...» E, entremeando, repetiam a miude, em alarido retumbante, a última palavra de Cambrone!... Hoje, há menos realismo nessas assuadas zombeteiras.

Nos introitos das amêndoas, o noivo vai a casa da sogra, para lhe pedir e receber a bênção, e principalmente, para a convidar a acompanhá-lo, afim de assistir ao bródio.

Se o novo genro não cumprir esta formalidade, a recente sogra julga-se desconsiderada e de aí tira pretexto para não comparecer às comesainas.

Passado o período de bulício ocasionado pelo rapazio, vai para a mesa o jantar: sopa de macarrão, olha acompanhada de carne cheia, arroz com galinha, ensopado, fricassé, (impròpriamente chamado cabidela), coxo frito,⁽¹⁾ salada, frutas, bolos, arroz doce e vinho. Isto, nas bodas de *esbarrunto*, em que se alardeia abundância. Noutras, menos espaventosas, o menú reduz-se consideravelmente, sem contudo faltar o ensopado, tido e havido como prato de resistência indispensável.

Como os comensais costumam ser muitos e as acomodações poucas, servem-se primeiro os noivos, os padrinhos e as pessoas mais gradas. À este primeiro serviço chama-se a primeira mesa. À segunda, concorrem os convidados e parentes de menos cerimónia, e à terceira e última, as mulheres anteriormente ocupadas com o serviço e os rapazes adolescentes.

À mesa, a noiva ocupa o lugar de honra, à direita da madrinha, tendo, na frente o noivo entre os padrinhos.

É da praxe, a noiva comer pouco ou nada. Se alguma coisa debica é para satisfazer às instâncias da madrinha. Por sua vontade abstém-se de tudo, mostrando fastio e acanhamento. O noivo come mais, mas sem evidenciar apetite. A ambos, os convidados instigam a comer bem, dizendo-lhes vários dichotes de ocasião. Eles ouvem e sorriem, mas não se convencem. Para manterem a linha, sacrificam o estômagô.

Ao meio do jantar desponta a animação. À medida que o vinho mingua nas garrafas e nos copos, os cérebros esquentam-se e as falácias generalizam-se, pelo menos entre os maiores bebedores. Com as primeiras presas de ensopado começam as *saudes*, que noutros tempos «deitavam-se» em versos e décimas, umas de improviso, outras tradicionais ou «armadas» expressamente dias antes e de propósito.

O costume persiste, mas não com a voga e interesse que despertava outrora. Em todo o caso, aos comensais em evidência e sobretudo aos noivos, sempre se fazem brindes. Se saem em verso, recitado enfaticamente por voz clara e vibrante, os circunstantes aplaudem, exclamando: — «*Pra que viva!... Pra que viva!... Viva o bem feito!... Viva!...*»

(1) Guisado de borrego ou de chibo, preparado na frigideira, com manteiga de porco e alho.

Entretanto se come, mandam-se presentes de ensopado e de outras viandas, às pessoas amigas que não concorrem ao festim.

A abundância da comida chega a todos, incluindo os pobrezinhos a quem se distribuem os sobejos.

.....

Antes e depois do jantar, a noiva e a madrinha alojam-se no quarto da cama, sentadas em frente da porta e aí permanecem o mais do tempo, pela noite adiante, até o baile terminar.

O sotão faz as vezes de sala e guarda-roupa, à falta de melhor aloj.

.....

Às nove ou dez horas da noite, depois de se levantar a mesa e da casa se desobstruir, principia o baile — o *balho* ou *barulho*, como também lhe chamam. Concorrentes, todo o pessoal que assistiu ao jantar e os rapazes e homens que apareçam, façam ou não parte dos convidados. A porta escancara-se de par em par, para que entre e veja quem queira, como executante ou espectador. Só se fecha, quando se reconhece não caber mais *familha*, ou que a *assoíça* de balbúrdia é excessiva, perturbando a ordem e a regularidade do *adevertimento*.

Portanto, a função reveste-se de todos os carecterísticos e incidentes próprios dos bailaricos populares, ou para melhor dizer dos chamados «*balhos* de candeia», ⁽¹⁾ cujos pormenores referirei em parágrafo próprio, inserto noutro lugar.

Nos bailes das bodas, há sempre toque de guitarra e de armónio. Os tocadores são alvo de deferências especiais, como oferecimentos de vinhos, licores, aguardente, bolos e charutos.

Os noivos, bailam e dansam pouco ou muito, conforme o gosto que sentem pelo salsifré.

Pares no *terreiro*, ⁽²⁾ nunca faltam, chegando a havê-los em excesso, como em demasia são os espectadores, o que produz uma temperatura asfíxiante, suportada sem queixumes. Acima das comodidades pessoais prevalece a paixão pela dança e as delícias inerentes ao namoro. Quem não namora, goza também, espreitando os gestos e palavreado dos pombinhos que arrulham. Fervem os comentários trocistas sobre a *manteiga* que se derrete.

Enquanto os novos se entretêm no baile com o furor próprio da mocidade, reúnem-se noutro compartimento certos tipos mastaços, amadores de *desgarrada*, e aí passam o serão, cultivando o seu canto favorito, tão original como desenxabido. Nada menos harmonioso do que esses versos de pé quebrado, improvisos desconexos e coxos garganteados em tom plangente e arrastadíssimo, por entre ais e suspiros de choramingas piegas a dedilharem na copa do chapéu. É uma cantilena fastidiosa e narcótica, em que dois ou três maduros cantam em competência e alternadamente, ora aludindo ao acto nupcial que se festeja, ora ao mérito e demérito das suas próprias pessoas, ou das dos presen-

(1) São assim conhecidos, por que sendo geralmente dados por pessoas pobres, a casa costuma ser iluminada à luz de candeias.

(2) O piso onde se baila.

tes, em termos louvaminheiros, ou a descadeirar, celebrando qualidades ou descobrindo *malanqueiras*.⁽¹⁾ Tudo à boa paz, entende-se. Para variar, também abordam noutros assuntos: no *profano* e no *divino*. No *divino* regalam-se por fazer citações bíblicas, recheadas de anacronismos. No fim de cada cantiga, os ouvintes aplaudem com palmas e vivas. Após os vivas, todos molham a guela com a sua pingola de aguardente ou de licor, para entreter a animação e inspirar os cantadores.

Este singular certame toma em começo um carácter íntimo, circunscrito aos apaixonados no género, e bem assim ao noivo e aos padrinhos, que de propósito se chamem para ouvirem e apreciarem.

Depois aumentam os curiosos, mediante prévio consentimento. Isto em algumas bodas. Noutras, a *desgarrada* não se canta de portas adentro, em concorrência com o baile, mas sim muito depois, por lembrança interesseira de estranhos, a horas mortas e em plena rua. Veremos isso mais adiante.⁽²⁾

.....

Sobre a uma da madrugada, quando o bailarico está no auge do entusiasmo, os velhos notam o adiantado da hora por entre bocejos de sonolência e frases sugestivas, para a função concluir. A gente moça indigna-se e protesta contra a ideia, julgando-a extemporânea. O pai do noivo, ouvindo os comentários, discorda da rapaziada e, em tom faceto, assevera serem horas de descanso e que todos precisam deitar-se. Os noivos não se pronunciam, ou secundam o pedido dos bailadores. Em que pensem de outra forma mal parece dizerem-no. Entretanto o pequenname continua a insistir e rogar pelo prolongamento da dança, o que de resto conseguem, embora por pouco tempo. A certa altura, o pai do noivo, teimando na ideia, dá o «louvado»⁽³⁾ em voz vibrante, e o baile conclui-se abruptamente, com visível pesar da juventude.

Mal termina, a aluvião de homens e de rapazes que enchia a casa, sai em tropel para a rua. Os convidados de ambos os sexos, dispõem-se a sair também, despedindo-se dos noivos. Alguns dirigem-lhes remoques de gracejo, que despertam risadinhas.

.....

Minutos depois, os desposados encontram-se completamente sós, livres enfim de formalidades estupantes.

Ao recolherem ao leito nupcial, a luz que ilumina o quarto conserva-se acesa indefinidamente, até se extinguir. Por respeito a uma antiga superstição, nenhum dos cônjuges se atreve a apagá-la. O que isso fizesse, lavrava a sentença de ser o primeiro a morrer.

(1) Fracos de qualquer. Pecadilhos notórios, etc.

(2) A *desgarrada* não é somente cantada por motivo de bodas, ouvindo-se também em qualquer outra ocasião a pretexto de passatempo. Ouve-se principalmente nos serões de inverno, à lareira das tabernas, no tempo do vinho novo e de castanha. Um *magusto* com *desgarrada* e boa pinga, é diversão de primeira ordem. Para quem gosta, está claro.

(3) Todos os bailes populares, de portas adentro, terminam pela intervenção do dono da casa ou de quem o representa, que no momento oportuno, exclama em voz alta: — «Louvado seja Cristo». — Equivale a dizer: — «Acabou-se a função! ponham-se na rua» — É sentença irrevogável, sem apelo nem agravo. Todos a acatam sem a mínima discrepância.

Muitas outras crenças existem a respeito de bodas. Eis algumas: Chuva em dia de casamento, considera-se augúrio de felicidade para os noivos. No acto do matrimónio, as luzes das velas que mais brilham no altar indicam que o nubente fronteiro às mesmas velas vive mais que o outro, colocado em frente das menos brilhantes. Se no dia da boda, falece na freguesia qualquer mulher, a noiva morre primeiro que o marido, assim como se morre homem, toca ao noivo ir adiante.

* * *

Se o serão do noivado de corresem os descantes da *desgarrada*, ou se mesmo havendo-os, outros cantadores se lembram de os dar depois à hora da sossega, ainda os recém-casados têm de sofrer esta última impertinência. Nem mesmo na cama os deixam em paz. Em tais circunstâncias, quando tudo parece entregue a Morfeu, o grupo dos garganteadores chegam à porta dos noivos, batem-lhes de mansinho e começam a guinchar-lhe as suas cantigas predilectas na tonadilha do estilo. São os descantes com que felicitam os desposados, desejando-lhes toda a sorte de venturas. O pobre noivo, dando ao diabo os descantes, salta da cama arreliadíssimo, e, em roupas menores, assoma ao postigo, aparenta satisfação, agradece, e ainda por cima gratifica os importunos, dando-lhes também bolos e vinho, se tem pachorra para tanto. Os gratificados aceitam e agradecem por sua vez, acrescentando-lhe que não era necessário tanto incómodo; que se acautele com o ar da noite... que se vá deitar... que durma bem... que descanse, etc.

A vítima, obedece automaticamente, vergada ao peso das ironias. Os de fora endereçam-lhe outra cantata, celebrando a bizarrria ou mesquinhez da espórtula, e em contínuo retiram, para irem massar pela mesma forma os padrinhos, que igualmente os gratificam de melhor ou pior vontade.

.....

No dia imediato reúne de novo a gente da boda, para tomar parte no almoço, derradeiro número da festa. À mesa ouvem-se *saudes* semelhantes às do dia anterior e várias *anedotas de picardia* ⁽¹⁾ com vista aos nubentes. Passam por estúrdia e por efeito da pinga que se beberica a miudo.

* * *

Nas bodas da gente que reside no campo, seguem-se costumes semelhantes aos que deixo referidos (próprios das vilas e aldeias), com a diferença de que a marcha para a igreja e o regresso efectua-se em carros vistosos e cavalgaduras de sela, muito bem arreadas. Pelo caminho vão em correrias alegres de que, por vezes, resultam formidáveis trambulhões.

Antes do séquito chegar ao monte, após o casamento, alguns jovens cava-

1) Chalaças de insinuações maliciosas. *Picardia* significa malícia, como *anedota* traduz chalaça em determinadas hipóteses.

leiros correm de lá a toda a brida, e saem ao encontro do cortejo, para oferecerem o ramo aos noivos: um cesto ornamentado de flores, com bolos e licores, de que os noivos e convidados se servem um pouco, por mera formalidade. Cumprida a praxe, os do ramo, encorporam-se no acompanhamento que, pronto, chega ao seu destino.

A costumeira das amêndoas aparece igualmente. No adro da ermida, depois do consórcio, e no local do banquete, à chegada da igreja, oferecem-se e espalham-se a quem aparece. Só falta o alarido ruidoso, que se nota nos povoados.

* * *

Resta falar das bodas à *capucha*, realizadas de noite, em que ambos os noivos, ou pelo menos um, são pessoas velhas, solteironas ou viúvas.

Nestas circunstâncias, trata-se o casamento em segredo, para o público não saber o dia e a hora em que se celebra. Baldado empenho, porque de resto o sigílio transpira sempre, devido à besbilhotice aldeã. E então, os alquebrados nubentes, não se escapam ao ridículo que os aguarda, que é como a pena expiatória da asneira que praticam, se é asneira casar depois dos 50 anos.

Quando saem da igreja ou já em casa e na cama, os seus ouvidos, por avariados que estejam, sentem-se atormentados por monumental chocalhada, com que alguns patuscos, munidos de mangas e chocalho, lhes azoimam os ouvidos, num badalar atroador. Depois, percorrem assim as ruas vizinhas, fazendo ouvir a *música* à porta dos padrinhos. E' uma alvorada cómica, que desperta todos. Muitos não precisam acordar, porque prevenidos do chinfrim, aguardam-no impacientes, para se rirem à custa alheia. Os noivos é que vão à serra com semelhantes *amabilidades*. Tem-nos havido que se enfurecem a valer, reclamando a intervenção das autoridades. Há anos, em Campo Maior, um caso destes degenerou em tragédia, de que foi vítima um popular, varado por uma bala dos agentes da ordem pública. Se bem me recordo, a vítima era um dos da assuada, que, se também não estou em erro, tinha a agravante de ser dirigida ao regedor da paróquia.

* * *

Como nos batizados, uma boda dá origem a numerosa padrinhagem e basto compadrio. Os noivos e seus ascendentes ficam sendo, respectivamente, afilhados e compadres, não só dos padrinhos e da madrinha, como também dos consortes e progenitores destes e até do pároco. Por outro lado, os pais e avós dos desposados, contraem compadrio recíproco, o que igualmente se usa entre os padrinhos, seus ascendentes e consortes. Com razão se diz que o Alentejo é a terra dos compadres.

Enterro Ao dar-se um falecimento de adulto, os choros e gritos angustiosos da família alarmam toda a vizinhança, que imediatamente acode a certificar-se do ocorrido e a associar-se ao pranto.

A casa enche-se de mulheres em alvoroto, a inquirirem o que se passou e

o que se vai passar. Por entre as consolações que prodigalisam aos parentes do defundo, e as frases com que celebram os dotes do extinto, apetece-lhes darem fé de tudo, remirarem o falecido, comentarem-lhe o aspecto, e meterem enfim o nariz em toda a parte, oferecendo-se para o que preciso seja. Umam propõem-se a lavar o morto e outras a vestirem-no e aviarem-lhe o enterro, tudo gratuitamente se se trata de pessoa pobre, ou por módica gratificação, quando a família possui haveres.

Logo que passam as primeiras impressões, acendem-se alguns candieiros com azeite, que se colocam em volta do cadáver e aí permanecem acessos, até se ter a certeza de que o corpo foi dado à terra. Apagam-se somente quando regressam do cemitério as pessoas do acompanhamento.

Por efeito doutra antiga superstição, em acto contínuo ao falecimento deita-se à rua a água dos cântaros que haja em casa nessa ocasião e que, segundo a crença, ficou empestada, endemoninhada pelo espectro da morte.

Desde que se dá o óbito até o cadáver sair para a sepultura, não falta gente a acompanhar os enlutados, sobre tudo à noite, no velatório, que é da praxe ser concorridíssimo e durar até pela manhã.

Os velatórios não decorrem com a sizudês e respeito que impõe a presença dos mortos. Enquanto os alanceados pelo desgosto gemem ais pesarosos ou cabeceiam sonolentos, rendidos pelo cansaço do desgosto e vigílias anteriores, a maioria dos assistentes formam grupos e cochicham sobre assuntos alheios a coisas fúnebres, de molde a desopilarem os espíritos acabrunhados pelo cenário que os rodeia.

Ao amanhecer, a assistência diminui, para engrossar depois à hora do enterro. À essa hora, reúnem de novo as pessoas que tomaram parte no velatório e outras que não puderam concorrer. A família do finado desperta então do torpor a que se entregou, para de novo chorar o morto e lhe enaltecer as qualidades.

* * *

Na casa de entrada arma-se a câmara ardente. Um pequeno altar um cruifixo e dois modestos castiçais, por entre os candieiros alimentados com azeite.

O cadáver, vestido ou amortalhado,⁽¹⁾ de mãos cruzadas ao peito, atadas por laço de fita roxa, é deposto sobre a humilde eça, revestida de lençóis e ladeada por quatro tocheiros. Em baixo, no chão, uma caneca com água benta e alecrim, com que os visitantes aspergem o defundo, ajoelhando e orando.

* * *

O enterro realisa-se a pé,⁽²⁾ qualquer que seja a categoria do finado. Quatro

(1) Em geral, vai vestido com os melhores trajos que possui. Sendo moça solteira leva grinalda na cabeça e ramo de lores na mão. Vai de palmito e capela, como se costuma dizer. A mortalha de linho ou de pano cru, que antigamente se usava para as pessoas pobres, está de todo banida.

(2) Só pessoas pobríssimas e desamparadas são enterradas gratuitamente, «pelo amor de Deus». Quem dispõe de recursos, por fracos que sejam, considera-se deprimido, não pagando enterros dos seus. Por pouco que possuam, julgam-se obrigadas a esse dever, e ainda ao de dar umas pequenas esmolas por alma do falecido. Quatrocentos e oitenta reis, pelo menos, distribuídos por doze pobres.



O traje domingueiro

ou seis homens pagos pela família do morto, ou por seu oferecimento próprio, gratuito e espontâneo, conduzem o cadáver ao cemitério na tumba dos pobres, ou em ataude alugado, para servir somente até à sepultura.

Acompanham o féretro, o pároco e sacristão, as mulheres da vizinhança e as viúvas e órfãos pobres, se por ventura esperam receber esmolas.

Desde que o pároco sai da igreja até o cadáver recolher ao campo santo, os sinos dão os dobres do estilo, como deram os sinais de óbito ao toque de trindades imediato ao falecimento.

Se o enterro é de pessoa de alguns haveres, acompanham-no, mediante paga, as irmandades da freguesia, de cruz alçada, com os irmãos revestidos de opa, de vela em punho, formando alas. Uma espécie de procissão, nada edificante pelo desarranjo e remendagem das opas.

Em esquife ou caixão, o cadáver vai descoberto, para satisfazer a curiosidade do público ávido de sensações, e por resolução unânime da família, que julga honrar-se patenteando o vestuário e o asseio com que o morto segue à cova. O antigo prior da freguesia de Santa Eulália, Domingos António do Carmo, após muitas relutâncias por parte dos paroquianos, conseguiu que os defuntos se transportassem velados por um pano decente. Não obstante, o povo nunca viu bem essa inovação, e tanto que, logo que o mesmo pároco deixou a aludida freguesia, o velho uso ressurgiu e mantém-se, com prejuizo da hygiene e do respeito devido aos mortos.

* * *

Nos funerais de gente abastada, como proprietários e lavradores, o féretro é conduzido à mão por criados de estima do falecido. Precedem-no dois ou três eclesiásticos e as irmandades, acompanhando na retaguarda os criados da casa, as ganharias dos lavradores vizinhos, e a maior parte da população da paróquia, bem como várias pessoas das freguesias limítrofes. Muitas mulheres choram ou lacrimejam, umas por hábito de carpideiras officiosas, outras por sentimento real e sincero. De vez em quando, o cortejo estaciona, para os padres cantarem os responsos que a família encomendou.

Concluido o funeral, distribuem-se esmolas de 80 a 100 reis pelos pobres que compareceram. Nunca menos de cem ou mais.

* * *

Pelo falecimento de crianças, a que vulgarmente se chamam *anjinhos*, observam-se costumes semelhantes aos dos adultos de classes análogas, havendo, é claro, menos demonstrações de pesar. Alguns, pouco ou nenhum desgosto ocasionam, dada a indiferença de certos pais pela morte de filhos pequenos.

Os velatórios decorrem alheios a tristezas. Constituem reuniões prazenteiras, animadíssimas, com atractivos de anedotas, risadas, contos, adivinhações, etc. Até se joga o *padre cura!*... As mulheres menos expansivas, aproveitam o tempo fazendo meia e renda.

Os cadáveres dos anjinhos são transportados ao cemitério por rapazitos da vizinhança, a quem se dão amêndoas ou gorjeta. Como os dos adultos, o corpo vai à vista, mas guarnecido de flores e fitas.

★ ★ ★

Trajos Tinham outrora a feição local, característica, inconfundível e duradoura. Hoje vê-se o contrário, pelo menos na gente nova. Homens e mulheres vestem ao capricho de pretendidas modas, que passam depressa, que ninguém sabe de onde precedem, usando também simultaneamente o que a sua fantasia lhe sugere, ou o que gostaram de ver a outros em qualquer parte.

Em suma, o vestuário do povo rural na actualidade, baralha-se e varia tanto, que impossível se torna descrevê-lo em todos os seus detalhes. Predomina a macaquice — a tendência para parodiarem os trajos das pessoas abastadas do campo e os dos operários das povoações.

★ ★ ★

No fato de trazer dos homens, há menos modernismos, embora já não tenham a uniformidade e persistência de outras eras. Sem embargo, é aí que se conservam alguns trajos típicos dos muitos que dantes havia. Assim, continuam a usar a jaqueta ⁽¹⁾ e colete de surrebeca e a cinta encarnada ou preta. Os feítios e as fazendas divergem um pouco, mas a forma essencial conserva-se.

Desapareceu o calção de tripe e a polaina de saragoça, sem dúvida um traje lindíssimo, acentuadamente campesino, de realce inimitável. Em troca vieram as calças de alçapão, ⁽²⁾ que se usaram por muitos anos, de cutim azul de um único padrão, para todas as estações. Hoje quase todas são de portinhola, de cotins de padrões diferentes, ou de surrebeca, no inverno.

A calça antiga, exceptuando no tempo do calor, era acompanhada de polaina curta sobre os sapatos. Mas a polaina também passou à história, por capricho da moda e por não se adaptar às botas cerradas de canos compridos, que se usam agora, principalmente no tempo da lavoura. Os sapatos continuam a subsistir, mas servem mais de verão, época em que também se usam as alpargatas, outra macaquice que está a generalizar-se.

Há coisa de vinte anos, nenhum trabalhador do campo usava meias de pé nos dias de semana, e poucos por ocasião de folga. Na actualidade, já muitos as trazem conjuntamente com as botas ou sapatos. Mas ainda os há de pé fresco, calçando em canelas, sem se quererem habituar às meias.

O chapéu de borla redondo e preto, de abas enormes, reviradas, com fita

(1) A jaqueta ou *véstia*, exceptuando nas ocasiões de assistência a actos de muito respeito, só serve nos dias de frio intenso ou de chuva. Às horas de trabalho e de descanso, arrumam-na em qualquer parte, à vista. Nos domingos, nas ruas da aldeia e em casa, trazem-na ao ombro o mais do tempo. Novos e velhos preferem andar em mangas de camisa.

(2) Calças de alçapão, atado atrás por correia de pele de cão, segura a ilhozes ou colchetes. Os bolsos ficavam de lado, inclinados para a traseira e prendiam em baixo, à base do alçapão, por botões de moedas de cobre.

negra e cordão de seda verde, está sensivelmente reduzido, e já não possui a borla que o caracterizava. Só se vê por acaso no de algum casmurro conservador, dos que se não atrevem a largar a calça de alçapão.

No fundo da copa do chapéu colocam o lenço de assoar de cores, que mais serve para limpar o suor do que para asseio do nariz.

De inverno, principalmente entre rapazes, há quem prefira o gorro ao chapéu, sobretudo nos domingos, em passeio pela terra.

A camisa, que era invariavelmente branca, perdeu a uniformidade e os acessórios que a distinguiam. Compunha-se de colarinho alto com botões de prata; peitilho sobreposto, rendilhado, de malha aberta, a que chamavam *segredo*; mangas, de ombros bordados, com *preguinhas* e *serrilhas*, e punhos presos a botões de prata. As modernas, de cores diferentes, desde a branca até à vermelha, já não têm *segredos*, nem *preguinhas*, nem *serrilhas*. Moldam-se nos feitios comuns de toda a parte.

Antes, poucos indivíduos vestiam camisola, mas os que a vestiam usavam-na branca, por cima do colete, e apenas em algumas freguesias. Hoje, e em toda a região, usam-na interior e exteriormente, de fazendas e cores variadas.

Tanto no trabalho como aos domingos, é vulgar a blusa — a que chamam *maranhêira* — que antigamente era de riscado aos quadradinhos, e que ao presente varia de tecidos e padrões, ao capricho e gosto de quem a põe.

Para resguardo, durante a estação invernososa, conservam inalteráveis, os safões, o pelico e o tapa-cu. ⁽¹⁾ Este usa-se menos e só às horas de trabalho.

Das roupas de abrigo de outros tempos, resta apenas o capote ou casacão aguadeiro, de burel, escuro, com mangas e um só cabeção. Todavia, usam-se também, e em maior escala, talvez, outros capotes de diferentes cores, feitios e

(1) Os safões constam de duas peles reunidas e preparadas de forma a adaptarem-se sobre a cintura e calças de qualquer sujeito. Seguram-se ao corpo por meio de correias, fivelas ou botões presos à cintura e às pernas, do lado de dentro. Uns compõem-se de peles de carneiro, de lã curta, branca ou preta, debruadas de ourelas; outros de peles curtidas, de cabra, chibato ou bezerro.

Os safões lanuzados, especialmente os de cor preta, que são os mais usados, fabricam-se em diferentes terras do distrito de Évora por pessoas que vivem dessa indústria. Aparecem à venda, em grande quantidade, nas diferentes feiras do Alentejo, como por exemplo na do S. Miguel, em Sousel. E aparecem em diversas condições de fabrico e execução. Desde os de melhores peles, com forro de riscado e guarnições de pano, bordadas a estambre, com os seus cordões de seda e botões de metal amarelo, até aos mais modestos, de pelame ordinário, desprovidos de forros e de ornatos. Todos se gastam por que nem só os usam os trabalhadores do campo, mas também lavradores, proprietários, etc., como excelente agasalho em dias de frio.

Os safões de pele curtida e rapada, costumam ser obra de ganadeiros habilidosos, que nas horas vagas, se entretêm com esses trabalhos para si e por encomenda, mediante o fornecimento das peles e a paga ou gratificação correspondente. Apesar de feitos por curiosos e de se destinarem quase exclusivamente às lidas do trabalho, muitos aparecem com luxo e feitio superior aos de lã. Na frente, ornatos de paciente execução, em couro e pano sobrepostos e costurados a capricho, como estrelas, corações, rosas, iniciais e datas, a destacarem-se sobre o fundo vermelho do pano. Nas extremidades, debruns da mesma pele ou de outra mais flexível, a ponto de correia de cão.

Enquanto ao pelico é uma espécie de colete, de pele de cabra ou de cão, com o pelo conservado. Introduce-se pela cabeça, revestindo o corpo, desde o pescoço até à cintura, excepto os braços que ficam, livres e a descoberto. Alguns pelicos mostram na frente ornatos iguais aos que se usam nos safões de pele curtida, conforme referi. Em geral, procedem de fabrico caseiro, para o que muitas mulheres se julgam habilitadas. Mas os feitios mirabolantes e pacientes, incumbem-se aos curiosos entendidos e afamados.

Do tapa-cu pouco há a dizer. Uma pele qualquer, como um lenço pequeno, provida de duas correias, que se coloca na cauda, prendendo à cintura, para resguardo das nádegas.

tecidos. Dos de burel ou dos outros, cada campónio, bem enroupado, possui dois: um bom, para os domingos, na aldeia; outro inferior, para campo.

Neste particular, os antigos ainda se mostravam mais previdentes e luxuosos. Homem que se presasse, desde o abegão até ao ganhão raso, tinha pelo menos o capote aguadeiro para uso corrente, a boa manta de lã de guarnições de baeta colorida, com que janotava nos domingos de inverno, e a capa de briche ou de pano azul, comprida e de farta roda, com alamares na gola, que só servia para actos solenes. Pelo dinheiro em que importava e pela aplicação que tinha, era objecto de singular apreço, que todos procuravam adquirir, embora à custa de sacrifícios. Sem capa, ninguém se atrevia a casar. O que a não alcançasse em solteiro, passava por valdevinos desastrado ou pelintra sem vintém. Também, adquirida em folha uma vez, durava a vida do possuidor, e havia-as que se transmitiam de pais a filhos, a poder de cuidados de conservação.⁽¹⁾ Mas isto já se considerava deprimente. O tom e os costumes exigiam uma nova para cada moço chegado a homem. A estreia da capa, era, por assim dizer, a consagração da maioridade, e, a par, o testemunho de que o dono soubera ganhar e reunir um razoável pecúlio.

Pois, apesar da importância que se lhe ligava, jaz hoje no esquecimento. Ou fosse porque tinha de acabar um dia, como todas as coisas, ou porque a época actual, impondo outras despesas de vestuário, não permite a aquisição de velharias caras, é certo que ao presente só usam capa, os velhos que a adquiriram há muito, e que teimam em conservá-la como recordação dos seus bons tempos.

Por causas semelhantes acabou a manta de lã, de feitio genuinamente alentejano.

Enquanto solteiro, o homem do campo tem o fato do trabalho, o dos domingos, e o fino para confissão, bodas, batisados e dias de festa.

Do de trazer é o que disse atrás. Remenda-se, lava-se e serve até à última.

O dos domingos só difere do habitual, por menos usado. Diferencia-se apenas pelo asseio e arranjo, máxime no chapéu, camisa e cinta, com lenço novo de assoar, à vista.⁽²⁾ De resto, tudo isso vem a acabar por substituir o fato de trabalho, logo que outro melhor o coloque fora do uso domingueiro, ou o de semana esteja incapaz.

Com o traje de gala há que distinguir. O de há 25 ou 30 anos era lindíssimo. Chapeu preto, redondo, de borla; camisa engomada, de colarinho, com botões de ouro; peitilho de rendas e punhos com botões de ouro; jaqueta de pano preto e alamares de prata; colete de corte aberto, de pano liso ou com ramos de veludinho; cinta encarnada de merino, caindo-lhe as franjas sobre o lado esquerdo; lenço de seda à mostra, entre a cinta e o colete; calção de tripe ou de malha

(1) Só se inutilizavam com os estragos da traça. Quando se reconhecia estarem muita picadas, desmanchavam-nas e faziam fatos para rapazes pequenos.

(2) Lenço de algodão, de cores vivas e padrão vistoso, ou encarnado, liso, dos de «coco». Destes, alguns são bordados pelas namoradas dos possuidores, desenhando-lhes bonecas, ramos, as iniciais dele e dela e até frases amorosas.

azul, com grande abotoadura de pesetas e fivelas de prata, seguindo-se-lhe a liga encarnada e cordões verdes ou azuis, sobre polaina comprida de briche, abotoada por moedinhas de prata nas extremidades, ⁽¹⁾ deixando a meia branca a aparecer. Nos pés, sapato branco, de cabedal fino.

Alguns, substituíam a polaina por botins ou *borseguins* de couro, muito flamantes, de onde pendiam correias em molho, a caírem sobre a abertura que mostrava a meia alvíssima. Esta variante avolumava o custo do traje, mas mais lhe realçava a elegância, embora denunciasses procedência espanhola. Não assim a polaina, de fabrico português e alentejano.

Que se saiba, nunca houve traje campestre tão garboso como o do calção. No entanto saia caríssimo e foi talvez devido à carestia que deixou de usar-se, a ponto de só hoje o vestirem os que há muitos anos o compraram.

Como nota interessante consigno aqui os preços dos artigos que constituíam esse vestuário festivo, dos criados de lavoura do concelho de Elvas:

Chapeu	1\$500
Camisa bordada	1\$800
Oito botões de ouro	20\$000
Colete	1\$200
Jaqueta	5\$200
Alamares de prata para a jaqueta	6\$000
Calções	4\$800
Fivelas de prata	4\$000
Abotoadura de 72 moedas de peseta, sendo 48 para as pernas dos calções e 24 para dependurar ao lado dos bolsos, 12 em cada um	17\$280
Polainas	1\$500
Abotoadura de 36 pequenas moedas de prata para as polainas	4\$320
Cinta de merino	1\$500
Um par de sapatos	3\$600
Soma — Reis	72\$700
Adicionando-lhe o custo aproximado da capa e alamares	16\$000
Importava tudo em Reis	88\$700

Verba importantíssima para um pobre trabalhador do campo. Mal se concebe como a podiam juntar. Que de privações e economias não precisavam fazer! Mas era despesa de uma vez na vida, no melhor tempo da mocidade. Aquilo tudo durava mais que o primitivo dono.

O traje festivo de agora é muito menos elegante e de efémera duração. Chapeu de abas direitas, preto; camisa vulgar engomada, de colarinho e peitilho com botões de ouro, e punhos com botões de prata; jaqueta, colete e calça de pano preto ou de casimira de qualquer cor; cinta encarnada ou azul, de merino;

(1) Nos menos luxuosos, a abotoadura da polaina compunha-se dos chamados botões de roca, de metal ordinário e não de moedas de prata.

lenço de seda, entre a cinta e o colete; relógio ordinário preso a corrente de prata ⁽¹⁾ e sapatos ou botas de cabedal fino.

Quando as calças substituíram os calções, todas que faziam parte do traje de gala, ostentavam abotoaduras de pesetas, pendentos dos bolsos. Durou pouco essa moda.

Nas jaquetas ainda aparecem os alamares de prata, posto que já também se vêem sem eles e sim com botões, semelhantes às que usam os lavradores.

O campónio tafulo de hoje em dia, possui dois fatos finos, que, em boa verdade, não duram a terça parte do que durava um antigo. É, porém, isso que lhes agrada, para vestirem de novo com relativa frequência, embora recorram, como recorrem, a artefatos inferiores mas vistosos, de illusória aparência. O essencial é botar figura e dar nas vistas. Neste ponto estão inteiramente de acordo com as ideias da época.

* * *

Nas mulheres observa-se maior variedade de vestuário do que nos homens. Todas têm bastantes lenços, blusas, ⁽²⁾ aventais, saias, vestidos e chailes de algodão ou lã, de cores alegres, uns para uso habitual, outros para os domingos e outros — os melhores — para os dias de festa. De blusas, aventais e lenços possuem provisão avantajada para variarem a miudo.

Todos esses atavios, bem como os vestidos e saias, divergem tanto, que seria fastidioso descrevê-los minuciosamente. Basta dizer que a sua nota típica e inalterável é o garridismo das cores vivas, e um pronunciado gosto artístico na maneira de as combinar. Nos trajos domingueiro e festivo, o colorido alegre e variado destaca-se sempre numa bela e pitoresca disposição.

O vestuário vulgar de todos os dias, compreende lenço de algodão na cabeça, atado em cima, «à moira»; *maranheira* de chita ou de casteleta, lenço ao peito, atado atrás da cintura e saia e avental de chita. O domingueiro pouco difere: cabeça a descoberto, mostrando o penteado, ou oculta por lenço de cache-nez, também «à moira»; roupinha e saia de brocado de algodão; meio chaile de lã, franjado, atando à cintura, e avental de chita ou de armur.

Nos dias de gala: lenço de seda na cabeça, atado ao pescoço, e blusa e saia de brocado de algodão, a que chamam *piqué*, com enfeites de rendas e fitas de seda.

Para os diversos trajos possuem os correspondentes chailes, dos padrões conhecidos em todo o país. Os destinados aos dias de festa, são de lã, de cor clara, com vistosa barra de seda.

Não há ainda muitos anos, o chaile era invariavelmente posto pela cabeça, dobrado pelas pontas, a ocultar o lenço e um pouco do rosto.

Este costume está reduzido aos actos correntes da vida ordinária aldeã. Mulheres novas e velhas, já trajam de chaile e lenço ao pescoço quando vão à

(1) O relógio anda envolvido numa bolsita de estambre, obra e oferta da namorada.

(2) As blusas também são designadas por outros nomes, tais como roupinhas e *marinheiras*.

cidade, e as raparigas usam-nos assim também nos dias de festa e à missa dos domingos.

Às touradas, arraiais e bailes vão muitas em cabelo, com flores no penteado.

O calçado condiz com o restante. Cada mulher possui botas, sapatos e meias, apropriadas às diferentes classes de vestidos.

Raparigas solteiras, poucas ou nenhuma andam descalças ou em canelas, e a que tal pratica é somente em casa, recolhida, ou nas caminhadas pelo campo.

Ouro, nunca falta no mulhierio novo, pelo menos nas orelhas. Arrecadas ou argolas nos dias de semana e domingos, e brincos por ocasião de festas, confissão e bodas. As de mais recursos também possuem cordão para o pescoço. A que logra comprá-lo com a competente medalha, cruz ou Nossa Senhora da Conceição, realiza uma das suas maiores aspirações. Muitas, só o obtêm em casadas, como dádiva briosa do marido, na feira do S. Mateus imediata ao casamento, ou em outra, por efeito de boa soldada ganha nesse ano.

Aneis de ouro é raro possuírem-nos, mas usam-nos de prata, um ou mais.

Homens e mulheres, possuem diferentes trajos e vestem com apuro, enquanto solteiros e nos primeiros anos de casados. Depois, à medida que avançam na idade, abandonam a compostura do vestuário. Dispondo, como dispõem, de poucos recursos, têm de applicá-los principalmente, aos encargos da família, reduzindo o seu fato próprio à extrema modéstia, maximé as mulheres, que, nessa altura, passam a andar rotas e desalinhas.

O homem conserva um pouco mais o arranjo e concheço da sua pessoa, mas por fim, a falta de meios, os filhos e a diminuição dos cuidados da consorte, arrastam-no também a idêntico desleixo, embora mais tardio.

Em geral, elas e eles, acabam a vida cobertos de andrajos, sem um vislumbre sequer do que foram na mocidade. Se, por ventura, desses tempos lhes resta alguma coisa boa, são os filhos que a utilizam. Eles, os pais, despojando-se de tudo que tenha valor, já se reputam felizes se lhes dão de comer e lhes asseiam os farrapos. Quantos vivem, tão desditosos, que nem isso logram dos seus!...

* * *

Alcunhas São attributo inerente à grande maioria dos homens do campo e a muitas mulheres. Impostas pelo público, como alusão a defeito físico ou moral do sujeito, senão por qualquer outra circunstância, ou herdadas dos ascendentes — os que as recebem tornam-se muito mais conhecidos e tratados pelos *anexins* ⁽¹⁾ do que pelo nome, geralmente vulgaríssimo e assás confundível. Em que lhes desagrada, têm de se conformar com a substituição, desde que foi sancionada pela vontade popular.

Dos homens, só escapam à *crisma*, os raros de nome próprio arrevezado,

(1) Pelo que respeita a empregarem-se para chamar ou tratar pessoalmente o indivíduo, há que exceptuar os de carácter afrontoso ou assás obscenos.

ou fora do comum. Mesmo de entre aqueles que herdaram a alcunha dos progenitores, abundam os que apanham outras novas.

Uma ou duas que sejam, por qualquer motivo, é frequente, com o tempo, o público pronunciá-las por abreviatura, que por fim prevalece, esquecendo o cognome que a originou. Exemplo: Cascabulho, por Casca; Rebolim, por Rebola, etc.

Nada mais fantástico do que os *anexins* aldeãos. É uma nomenclatura grotesca, desde os termos indefiníveis, banais, até aos acentuadamente pornográficos. Para haver de tudo, não faltam os engraçados e os lisongeiros, se bem que este último género não prima pela quantidade.

* * *

Tratamentos Entre pessoas da mesma idade ou aproximada, reina o de *tu*, assim como tratam por *manos* os imediatamente mais idosos, e por *tios* os velhos.

Pessoa desconhecida, com quem tenham de falar, chamam-lhe *tiozinho*, camarada ou colega.

Nas ganharias, os íntimos tratam-se por colegas, parceiros, parentes e compadres, posto que em muitos o parentesco e o compadrio são pura fantasia.

O você usa-se pouco, e, em geral, quando se emprega, traduz mau humor ou azedume. Se sai *voicê*, pior. *Voicê*, é como o outro que diz: «patife... malandro, etc.»

Aos amos é raro tratarem-nos por sr. fulano ou o senhor. Preferem o *voce-mecê*, e, na alternativa, «meu amo cá, meu amo lá»; ou «sr. compadre e sr. padrinho», quando há compadrio ou padrinhagem. Os que timbram em campar por cortesias, dão senhoria aos lavradores de notória influência e importância. Os camaradas avessos a cortezias, troçam os que as usam, chamando-lhes *measureiros* e *fiñidos*. Talvez tenham razão. À lavradora chamam-lhe *senhora* ou *minha ama*.

O lavrador com filhos, distinguem-no por amo *velho*, e aos filhos por amos *novos*. É a esposa acontece-lhe o mesmo, tendo filhas. Ela, em começo, custa-lhe a conformar-se com o epíteto, de ama *velha*, mas por fim habitua-se.

Antigamente, a gente do campo quando aludia, em conversa, ao pároco respectivo, tratavam-no por sr. prior ou por padrinho prior. Agora, é simplesmente o *padre*, na hipótese mais amável, advirta-se. Ao menor despeito ou sem o mínimo ressentimento, muitos, por mero gracejo, antepõem-lhe qualquer adjectivo picaresco, nada edificante.

DIVERSÕES

Como alentejanos da gema, aferrados ao lar, os campónios da região elvense são pouco propensos a folguedos distantes e dispendiosos. Gostam de se divertir, mas em família, sem o luzimento das romarias e círios espaventosos, que se



O carro de molas, tapado, pronto para a romaria do S. Mateus

observam no norte e centro do país. As festinhas e touradas nas aldeias, constituem as suas distrações favoritas, restringindo-as em todo o caso às das localidades onde residem. Às de fora das terras vizinhas, pouco ou nada concorrem, se exceptuarmos a romaria anual do Senhor Jesus da Piedade, em Elvas.

Como passatempo habitual, por ocasião de folga, preferem os bailes e a taberna. Na taberna beberricam pouco e falam muito. Falácias apenas, de que raríssimas vezes nascem desordens.

* * *

Bailes ⁽¹⁾ Os genuinamente populares, conhecidos por *balhos* de *candeia* e de porta aberta, consistem em diversos bailados ao som do cante dos rapazes e raparigas, ⁽²⁾ com acompanhamento do indispensável pandeiro ⁽³⁾ e das castanholas, em certos casos. Para variar, também dansam polcas, mazurcas, valsas e contradansas, a toque de guitarra ou de armónium, como apareça tocador que se ofereça, ou se preste a tocar mediante pedido e oferta de beberetes, senão a seco, unicamente por amor à arte. Convidado de propósito, com ou sem antecipação, não é costume em *advertimentos* vulgares de gente pobre, que se remedeia e até prefere, a cantoria ao toque. Convite prévio a tocador, só se usa em funções de boda, e não em todas.

Figurando no *balho* pessoal sabedor, entra-se por tudo que se conhece de antigo e de moderno, desde os fandangos e a *pombinha branca ai Dom Solidom*, até à contradansa, marcada... à *francesa*, em termos estropiados.

Mas o que toma o mais do tempo são as «saías», com as voltas correspondentes, ao som de cantigas e do pandeiro, acompanhadas por estalos sonoros dos bailadores, com os dedos polegar e máximo de ambas as mãos.

As «saías» nada têm de gracioso nem difícil, mas agradam de preferência por ser o género que melhor se quadra às cantorias de predilecção popular. É aí que os *cantistas* afamados exibem as suas faculdades vocais e poéticas, que embasbacam os ouvintes apreciadores. Ao mesmo tempo, a simplicidade do bailado permite o acesso dos menos entendidos, dando lugar a que todos se divirtam, saibam ou não.

* * *

Os bailes efectuam-se à noite, nas casas dos locatários que se prestam a obsequiar a mocidade, e de dia, de improviso, nas ruas e largos das aldeias, às

(1) Em linguagem plebeia, alentejana, como já disse ao tratar das bodas, os bailaricos das aldeias e do campo designam-se por *barulhos*, *balhos* e *funções*. O *barulho* vai estando esquecido, pelo menos no concelho de Elvas.

(2) Elas só cantam estando a bailar. Eles cantam dentro e fora do terreiro. É mesmo mais vulgar cantarem de fora, entre a chusma dos espectadores.

(3) O pandeiro faz lembrar um pequeno tambor pela semelhança dos sons e de matéria prima — pele de ovelha ou de cabra, que as raparigas preparam a seu modo. Difere, contudo, na forma, que é quadrada e não cilíndrica. Alguns têm os aros forrados de baeta vermelha, com guarnições de preguinhos amarelos e guisos. Não passam de instrumento rudimentaríssimo, de remota antiguidade; produzindo sons aspérrimos, que nenhum encanto oferecem. Todavia, ainda hoje o apreciam e usam as raparigas, como o estimavam e usavam há 40 anos. O pandeiro é, por assim dizer, o piano das moças campónias.

Os moços não os possuem, nem os tocam. Apenas os estúrdios dispõem de pandeireta à espanhola, que só serve pelo Carnaval.

tardes dos domingos e outros feriados, principalmente no Carnaval. Também se presenciavam de noite, ao ar livre, nas vésperas de S. António, S. João e S. Pedro, nos locais de fogueiras e mastros.

Os bailes caseiros são os mais frequentes e animados, indo a efeito por deliberação espontânea de quem os dá, ou por rogos e instâncias da gente moça, não incluindo os das bodas, que se realizam sem necessidade de sugestões nem empenhos. A praxe impõe-nos, como nota de regozijo imprescindível.

As noites de Carnaval e dos dias festivos, o livramento ou o regresso do serviço militar de filho ou irmão, a mudança de casa, ⁽¹⁾ o restabelecimento de doença grave de parente próximo e a visita de pessoa amiga, de longe, são factos que servem de pretexto para funções de dança. As causas verdadeiras resumem-se numa — o namoro. E tanto que muitas se efectuem fora das ocasiões citadas, sem outra razão que as justifique.

A propósito: quem há vinte anos se atrevesse a dar um baile na Quaresma, era fulminado pelas censuras severas do público, mais estrondosas que os anátemas da igreja. Estranhava-se imenso esta suposta irreverência e ninguém queria passar por hereje para divertir outrem. O escrúpulo e o fanatismo iam tão longe que, nas «funções» de terça-feira de entrudo, mal soava a meia-noite, o dono da casa acabava o baile sem contemporizações de nenhuma ordem. E se, por acaso, algum o protelava, a pedido, era certo aparecer o regedor e os cabos de polícia, de espadalhões em punho, a intimarem-no para lhe pôr fim, sob pena de ser preso!...

Hoje, há muita mais tolerância e bem menos escrúpulos, cessando de toda a abusiva intervenção do regedor. Por muito que pese às velhotas beatas, já não é motivo de escândalo bailar-se na Quaresma.

.....

Quem «arma» um *balho* em casa, além de contar com as moças de sua família e as das vizinhas, tem de ir convidar as restantes que sejam precisas. Depois, à hora aprasada, vai de novo ter com todas para as conduzir à função na companhia das mães, irmãs ou tias. É da peça cada rapariga fazer-se acompanhar por mulher parente, casada ou viúva. Com os rapazes não há cerimónias. Os usos e costumes dão ingresso livre a todos, sem pedirem licença, nem serem convidados. Até se lhes consente fumarem às escâncaras, de chapéu na cabeça, como se estivessem na rua.

Antes do *adevertimento* começar, a porta abre-se de par em par, franqueando-se entrada a todo o bicho homem e garoto, tanto àqueles que se propõem a cantar e bailar, como aos que só vão a namorar, e ainda aos poucos que não «atentam» para namoros nem bailaricos. Vão na onda, arrastados pelos companheiros ou aguilhoados pela curiosidade.

Dos primeiros e segundos nunca faltam, ou por *lamiré* dos derriços ou por

(1) Na que deixam de habitar, quando a despejam dos móveis. Muitas vezes, nestas circunstâncias, o baile obedece ao propósito de sujar a casa ao novo inquilino.

lhes dar o cheiro. Os passeios e voltas a que se entregam pelas ruas, falando e cantando, põem-nos ao facto de quantos *balhos* haja na terra. Em todos entram, mas demoram-se apenas nos que lhes «faz conta», onde podem gozar e onde querem «dar fé» de suspeitas bréjeiras. Aos demais concorrem de fugida, para os verem de relance.

* * *

As moças pimponas dão começo à função, indo de moto próprio para o *terreiro*, a bailarem umas com as outras. Formada a *roda*, discutem qual há-de cantar.

— «Canta tu, comadre» — diz uma.

— «Não, tu é que principias... Já sabes a *moda* nova...⁽¹⁾ Eu inda a não *encarrilho*...»

— «Mas canta a *velha*, que *tamém* é bonita...»

— «Nada, a nova é que há-de ser... Anda, não te faças *fin*...»

— «Ora, deixa-te de disfarses... Tu *tamém* a acertas... Se não te *astreves* *sòzinha*, eu dou-te o *ponto*...⁽²⁾

Com estes preâmbulos, ou semelhantes, resolve-se a dificuldade, cantando uma das duas, ou ambas, a *moda* nova ou a *velha*. E' o prelúdio das cantorias e o chamariz ou reclame aos moços, se por acaso faltam. Faltando, não tardam a aparecer. Em pouco tempo, a casa enche-se de homens e de crianças.

Enquanto uns vão separar as moças que bailam juntas, duplicando os pares, outros puxam as que restam sentadas para bailarem também.

Aqueles chegam-se às que andam na *roda* e dizem-lhe: — «Dêem lá licença...» E sem mais aquelas, como coisa que não admite disputas, cada qual agarra-se à sua, que se lhe entrega impassivelmente.

Os que se dirigem às sentadas, falam-lhes assim: — «Anda daí...» E, para corroborarem, acenam-lhe com a mão e com a cabeça. Elas levantam-se logo, sem se fazerem rogadas.

Como possam e pretendam, todos os solteiros tratam de se *encasalar*, filando-se às que namoram ou pretendem namorar, e na falta, às mais bonitas ou melhores bailadoras. As feias e pesadas, só em última análise.

Rapariga que «ponha pé no *terreiro*», lá permanece indefinidamente, a não ser que saia por causa de força maior ou por desfeita ao «par», o que só se explica por desforço de agravos recebidos anteriormente ou na ocasião. Fora dessas circunstâncias, cumpre-lhe manter-se firme no posto.

Os rapazes obedecem a outras normas. A todo o tempo estão sujeitos a escorraçarem-nos, pelo menos durante algumas voltas. Se dos espectadores algum pretende bailar com qualquer das que volteiam no *terreiro*, deita o olho

(1) A toada ou música nova com que acompanham a letra das cantigas e *remates*. O texto das cantigas persiste inalterável através dos anos. A música varia de tempos a tempos, se bem que sempre conserve uns *ressaibos* de melancolia. Em cada ano ouve-se, pelo menos, uma *moda* nova, inspiração de acaso, de cantador de *geito*.

(2) O princípio da cantiga, tanto na música como na letra.

à que prefere, e, acercando-se-lhe, diz para o que a acompanha: — «Dá lá licença» — O que traduzido, significa: — «Arreda daí... agora fico eu...»

Como é uso correntíssimo, com que todos se conformam, por estar nos hábitos, o intimado sai imediatamente, entregando a rapariga, sem o mínimo protesto. Ela aceita a troca em silêncio, ainda que lhe desagrade. Se lhe desagrade, aceita por acatar os costumes e fugir a murmurações. Recusar-se, traduz grosseria notória, que nunca se comete sem motivos de malquerenças ou arrufos. Mas, se à moçoila repugna o novo par, pode desquitar-se dele por dois modos correctos. Primeiro: pedir licença ao fulano para sair a pretexto de incómodo ou cansaço, mas somente depois de bailar com ele algumas voltas. Antes, não lhe fica airoso. Segundo: recorrendo ao estratagema de fazer sinais a rapaz afeiçoado, disponível, para que por meio da tal licença a vá libertar do tipo com que embirra. O solicitado, compreendendo-a, faz-lhe a vontade e livra-a do importuno.

O escorraçado do *terreiro*, tem o direito de voltar, indo «puxar» qualquer rapariga que esteja sentada, ou fazendo a terceiro, como antes lhe fizeram a ele. Se, porém, deseja bailar de novo com aquela de que o privaram, tem de aguardar alguns minutos, para, por sua vez, pagar-se na mesma moeda, arredando o tipo que o fez sair; o qual pode também fazer outro tanto, regulando-se pelas mesmas praxes.

Com esta sencerimónia dos homens, imposta à passividade das mulheres, as pobrezinhas nem sempre bailam com quem lhes agrada. O que lhes vale são os estratagemas mencionados.

Com os pares em namoro, é do estilo respeitar-se-lhe o idílio, não os perturbando com pedidos de licenças inoportunas. A tanto só se atreve quem tem razões para se julgar preferido e querer arrotar de conquistador na presença do rival. Mas arrisca-se a perder o tempo e a fazer má figura. Moça de juízo, que se veja requestada por dois pretendentes, só dá *atilho* a um, se não se esquivar aos dois, embora para consigo escolha aquele de que mais goste.

* * *

O *balho* anima-se a pouco e pouco, até atingir o auge de concorrência e do entusiasmo. A par sobe também a temperatura. A aglomeração de gente, o fumo dos cigarros e o pó dos tijolos do piso, produzem uma atmosfera estonteadora e sufocante. A casa transforma-se em estufa, e os assistentes inundam-se de suor, que lhes escorre em fio pelos rostos rubros como pimentões.

No *terreiro*, os pares sobejam, acotovelam-se e pisam-se, bailando e dançando a custo, por falta de espaço. Em redor, na lareira e até no sótão da cama, mulheres e raparigas, sentadas umas nas outras e não poucas de pé e em cima de cadeiras, aglomeram-se, empurram-se e apertam-se, para disfrutarem melhor.

As casadas, com os filhitos ao colo, a mamarem ou a dormir, sustentam palestras jocosas sobre os namoros que presenciavam. Quantos apreciam maliciosamente, metendo-os a ridículo! As *previstas*, com bossa para a má língua,

reparam mais nos paleios e gestos dos pares em derrick, do que no baile propriamente dito.

O mesmo acontece às que têm filhas solteiras, na roda ou por fora. Às filhas e aos respectivos namorados, não os largam de olho para se certificarem se elles fazem a corte ou se as desprezam por outras. Ficam furiosas, se lhes bispam deslealdades.

Enfim, ao mulherio que circunda a casa, não lhe faltam assuntos para se distrair e disreitar. E a todos atendem nas mais insignificantes minúcias.

À porta da rua, observando e comentando, estacionam rapazes e homens, em quantidade tão excessiva, que os da retaguarda ficam de fora, aguardando ensejo de entrarem, a custo de apertos, pisadelas, empurrões e insolências.

A conter os da frente, figura o dono da casa, ou outro por ele, investido no mando, de cacete na mão, para manter a ordem. Não obstante, é impossível evitar o sussurro de dentro e de fora, o que abafa um pouco o som das cantigas e o dos instrumentos.

As cantigas e seus remates, escutam-se com singular apreço, mórmente quando são variadas e proferidas por boas vozes.

O reportório que a tradição conserva é enormíssimo, e avoluma-se a toda a hora com improvisos esplêndidos, que nunca mais esquecem; que se transmitem de boca em boca, enriquecendo o cancionero. ⁽¹⁾

Após os primeiros cantos das raparigas, entram em cena os cantadores do sexo forte, alternando com os do fraco. De entre ellas e elles não poucos brilham patenteando os seus recursos vocais, em quadras aprendidas na tradição ou «armadas» de momento, ali mesmo na ocasião, pelo próprio que as canta ou por outro que lhe fica junto, com «sentido» para *versar*.

Se os *cantistas* de dois sexos entram em *desafio* de competência mais realçam em afinação de *toada* e variedade de cantigas. Os que nunca esgotam o reportório chamam-lhe *pego sem fundo*. Estabelecido o certame, cada qual canta alternadamente, dando réplicas e trélicas repassadas de ironia, amor, despeito ou outro sentimento, que pretendam manifestar. Mal termina um, o competidor responde logo, e assim prosseguem até cansarem ou falhar o estro ao menos inspirado.

Outros, porém, os substituem depressa, o que faz crescer a animação e a par a balbúrdia da parola e dos dichotes com que se entretém a chusma de mirones *aficionados*, que pejam o portado da rua. Há ocasiões em que os chascos e os falatórios excedem aos limites da tolerância. O dono da casa intervém e exclama: — «Haja rumor...!» O que dito por ele, naquelas alturas, quer dizer:

(1) O senhor António Tomás Pires, elvense muito erudito e um dos principais folcloristas do nosso país, recolheu da tradição oral, de todas as províncias, dez mil cantigas, que pacientemente coordenou, com superior critério na sua interessante obra "**Cantos Populares Portugueses**", o cancionero mais vasto que se tem coligido em Portugal. Dessas dez mil cantigas, a metade, pelo menos, são de procedência transtagana, o que honra bastante a poesia popular do Alentejo.

Deste valioso trabalho está publicado o 1.º volume (*Elvas — Tipografia Progresso, 1902*), 437 páginas, compreendendo 2561 cantigas, devidamente classificadas. O 2.º volume está sendo impresso na mesma tipografia.

— «Silêncio... menos bulha... quem manda aqui sou eu... tomem cuidado!...»

Se não lhe obedecem e continuam a *grazinar* alto, formaliza-se mais e grita-lhes: — «Ou o barulho *assocega* ou *zunem* todos p'rá rua... Silêncio!... já disse... Deixem ouvir, com todos os diabos!... Isto não é república...»

As mulheres tagarelas fazem coro, exclamando com fingida indignação:

— «*Baia*, uma gente sem *lacha*... Nem *sequera* deixam *adevertir a família*...»

— «*Ai nina* que *assuisse!*... Cuidam que estão numa praça... Nem guardam decoro às pessoas de vergonha na cara...»

— «Botem-nos fora... Que vão fazer pouco das mães e das irmãs...

Ora os vândios!...»

Os que bailam, também se pronunciam baixinho contra os palradores, segredando:

— «Há tal que só vem às funções para estar de escárneo ou armar motim...»

— «Tivessem eles aqui quem lhe desse *corda*, outro seria o seu *porte*...»

— «Pudera! Como não têm *presa* cá dentro, não querem saber dos mais.

Fazem gala na *arruína*...»

— «Por via deles daqui a pouco dão o *louvado*... Verão...»

— «Os piores são esses fandangos que ainda cheiram a cueiros... Não têm *assuprema* nenhuma...»

— «Ora adeus... São todos de todas as *libreas*... Até casados. Valia mais que se fossem deitar com as mulheres... Eles é que *atoçam os fedelhos*.»

Entretanto se passam semelhantes comentários, os repreendidos e censurados, temendo a expulsão com que os ameaçaram, entram na ordem por algum tempo, para depois voltarem as chocarrices tarimbeiras. Não sabem estar em sossego num baile de porta aberta. Dos ralhos que ouvem pelas incorrecções, riem-se e mofam à surdina. Se os expulsam, avolumam a algazarra cá fora, na rua. Às vezes intervêm os cacetes.

Com incidentes perturbadores ou em relativo sossego e cordura, o que também se consegue por excepção, e a muito custo, o baile prolonga-se pela noite fora, até o dono da casa dizer em voz alta: — «Louvado seja Cristo!...»

Esta frase religiosa em acto tão profano, equivale a um — Basta! — decidido e irrevogável. É intimação formal para o baile concluir e se pôr ao fresco a gente estranha à família de casa. Efectivamente a função termina logo, e a seguir todos saem: os homens, em tropel, aos gritos de: — «Haja saúde» — ou — «Boas noites». — As mulheres, chilreando, aos abraços e beijocas de umas para com outras, após os agradecimentos aos donos da casa.

Estes, sentem-se fatigados pelo adiantado da hora e pelas folias em que os meteram. Depois, quando a sós, reparam na poeira da casa, na desordem dos trabecos e no gasto do azeite com as luzes das candeias, dão ao demónio o *adevertimento*. Não lhes basta aturarem filhos e filhas de tantas mães, senão verem a almotolia vazia, as cadeiras quebradas, as louças partidas e as paredes

sujas. A dona esbraveja por tudo isso, mas depressa amansa, lembrando-se que assim tem de ser, para as filhas gozarem. *Não se apanham trutas a barbas enxutas.*

* * *

Se nas «funções» de portas adentro, a ordem é pouca, nos bailaricos em plena rua, ainda é menos, porque não resultam de organização premeditada, nem se subordinam a autoridade alguma. Surgem de repente, improvisados pelas moças da vizinhança, a pretexto de passatempo momentâneo. Se os rapazes afluem e se portam em termos correctos, o entretenimento persiste por algumas horas; senão afluem, ou se, mesmo afluindo, ocasionam balbúrdia e travessuras, morre à míngua de influência, ou acaba de estoiro para se evitarem *banzés*. Outras vezes escangalha-se o bailarico por efeito de retoijas carnavalescas.

* * *

Festas e touradas Realizam-se em diferentes domingos e mais dias feriados do verão. Em cada vila e aldeia, há todos os anos uma festa rija, promovida pelos lavradores, em honra de Nossa Senhora, sob a invocação de Senhora do Rosário, do Passo, da Conceição, etc. Apesar de serem as principais, nada oferecem de notável, que se não pareça com o que se vê em muitos pontos do país, salvo as touradas, de que adiante falarei. O restante, resume-se em mais ou menos filarmónicas, foguetório, procissões, arraiais, bazares, etc.

Na maioria das localidades, além da festa aludida, para que contribuem todos os habitantes, cada classe ou grupo de classes, promove outra menos ruidosa, ao santo que arvora em patrono. O pessoal das lavouras concorre muitíssimo para estes festejos, que, pela maior parte, são de sua absoluta iniciativa. Há povoações em que se efectuam anualmente quatro e cinco festinhas, cada qual promovida por determinada ordem de serviçais, agremiados em mordomias. Na aldeia de Santa Eulália, por exemplo, os abegões, boieiros, vaqueiros e ganhões, festejam S. João Batista; os pastores e cabreiros, S. Pedro, e os porqueiros, Santo Antão. Estranha ao pessoal agrícola, mas em condições semelhantes, realiza-se também a de Santo António a cargo dos almocreves arrieiros e dos carvoeiros. Todas quatro, e outras análogas, nas freguesias vizinhas, são pequenas festas de pobres, de assistência circunscrita à gente da localidade e a meia dúzia de rapazes dos arredores. Constam apenas de música por filarmónica barateira, missa cantada, sermão, procissão, e por último, touros, de tarde — a diversão principal, quase imprescindível. Não tourada em forma, ou coisa que se assemelhe, mas á vara larga, dentro da povoação, grátis, com gado alentejano, desembolado, de trabalho e de criação, em que se dá liberdade de lide a toda a gente. Quem quer faz de toureiro, já chamando as reses com o lenço, jaqueta ou chapéu, já picando-as à vara de agulhão, ou simulando pre-

tendidos passes de capote. Outros ou os mesmos, arvoram-se em forcados, fazendo pegas quando e como melhor lhes aprás. Tudo sem ordem e ao capricho dos executantes. Não obstante, é espectáculo que o povo aprecia como nenhum, tornando-se o principal, senão o único chamariz da festa.

Côncios desta verdade, os festeiros empregam esforços incríveis para que os lavradores lhes emprestem bois ou o quer que seja de bovinos, para o povo se divertir e botar fama do caso.

Dos lavradores ouvem os festeiros muita negativa, mas a tantos recorrem por diversas vias, e tais súplicas empregam, que sempre alcançam, de um condescendente, o favor ambicionado. Agradecem-no reconhecidíssimos, e desde logo o apregoam aos quatro ventos, para que todos saibam que haverá touros, que a *família se adevvertirá* «sem ter boca para falar».

Se os não houvesse, o juiz e os mordomos ficariam derrotados no conceito dos conterrâneos. Entre o público aldeão, festividade sem touros, é como olha sem toucinho e fogueira sem rosmaninho.

* * *

Na madrugada do dia da festa, ou na véspera, de tarde, os festeiros e outros amadores, em ruídos azáfama, tratam de preparar a praça para a corrida no melhor largo da povoação, e bem assim o correspondente curral de encerro — o touril — numa das ruas que comunique com a improvisada *arena*. Preparos simples que o pessoal despacha rapidamente, vedando as desembocaduras das ruas por meio de carros, pranchas e paus ligados por cordas. A comunicação do touril para a praça efectua-se por uma porta provisória, que se adapta ao emalheamento. Para se não interromper a circulação no largo, fica por tapar um pequeno espaço da entrada de maior trânsito, que só se fecha depois, à hora da corrida.

Os carros da vedação, e outros que se arrumam aos prédios, servem de acomodações para os espectadores, quer em cima, sobre os leitos, defendidos pelas enfueiraduras e tendais, quer em baixo, entre as rodas, onde os assistentes espreitam, agachados, pelas enraiaduras. Para a música reservam-se dois carros dos encostados às casarias, que ofereçam melhores condições de segurança e observação. Carros não faltam, devido à condescendência dos donos que os emprestam e ao zelo e pachorra dos populares, que os conduzem à mão com a melhor boa vontade.

Terminados os preparativos do *circo*, os festeiros asseiam-se e encadernam-se de ponto em branco, para se apresentarem janotas nos actos subsequentes.

Neste meio tempo chega a filarmónica, vinda de Elvas ou de uma das vilas próximas, o que equivale a dizer que principia a festa.

— «A música!... Chegou a música!... Aí vem a música!...» — exclamam, de todos os lados, os alviçareiros tagarelas, numa entonação de visível contentamento.

Os filarmónicos apeiam-se à entrada da terra, entram em forma, e, em contínuo, rompem tocando pela rua fora. Tudo se alvoroça, principalmente a garotagem, que acode em correrias a ouvir as gaitas, acompanhando-as incessantemente, numa alegria doida. Com um enorme cortejo de rapazio, os músicos prosseguem em direcção à casa do juiz, que por sua vez lhe sai ao encontro, colocando-se-lhes na frente até vê-los à porta. Aí prolonga-se a tocata, e finda que seja, o festeiro convida-os a entrar, para lhes oferecer vinho, licores e bolos. Eles entram, servem-se e saem, rompendo de novo com outra marcha. Tocando sempre, dirigem-se às casas dos restantes festeiros, para depois irem à casa do regedor e à do dono dos touros. E' da praxe tocarem à porta de todas estas personalidades e em casa de todos entrarem para se servirem dos bebetes e acessórios do estilo. Bastas libações de estimulantes néctares e uma pancada de bolos, que supre o almoço. Não obstante, merecem bem as pinguinhas e os biscoitos, porque a estafa de assopro, a que obriga tão esfalfantes cumprimentos, é de arrombar os pulmões aos pacientes músicos!...

A propósito: até ao ano de 1871 ou 1872 a música que animava as festinhas das aldeias limitava-se a um velho tambor e a um desconjunturado *pífaro*, ambos tocados por veteranos ou gente parecida. Mas naquele ano as filarmónicas fizeram uma tal concorrência ao *pífaro* e ao tambor, que os suplantaram de todo, para nunca mais se ouvirem.

* * *

Às dez horas da manhã, na residência do juiz ou entidade equivalente, reúnem-se de novo os confrades e de aí seguem para a igreja paroquial, com o respectivo guião ou bandeira, acompanhados da música e do rapazio. Se o santo figura noutra igreja, vão lá primeiro com a bandeira, para o transportarem processionalmente à sede da paróquia onde se faz a festa.

Enquanto as cerimónias religiosas se realizam na igreja, cá fora, no adro, põem-se em leilão as fogaças ⁽¹⁾ oferecidas, bem como a carne e cereais provenientes dos peditórios do entrudo e do verão. Fogaças, carne e cereais, vendem-se por preços variáveis — baratos, se a concorrência é frouxa; subidos, se há animação entre pretendentes basófiás, que não querem ser suplantados. Os festeiros pimpões fazem render o leilão, cobrindo, por sua conta, os lanços dos estranhos. Assim botam figura e defendem os interesses do santo.

.....

A missa e o sermão decorrem com visível despacho, sem incidente notável. Antes do meio dia já a procissão está na rua, fazendo o trajecto do costume. Os mordomos lá vão com toda a gravidade, muito anchos da sua vida, ostentando as respectivas insígnias: — o juiz, a vara; outros graduados, o pendão e os cordões, o andor, etc. O que hasteia o pendão, segura-o com todo o aprumo, envolvendo as mãos num vistoso lenço de seda.

(1) Chibos, borregos, leitões, galinhas, frangos, pombos, coelhos, cestos com bolos, parras com uvas, melancias, etc.

A imagem do santo festejado e outras que o acompanham, salientam-se nos andores pelos mirabulantes adornos com que se enfeitam. S. João Batista, que vestia peles de camelo; S. Pedro, humilde pescador; Santo Antão, um asceta, e outros de tradicional humildade, figuram-nos carregados de fitas ber-rantes e cordões de ouro, pendentes do pescoço ou enleados sobre o resplendor de prata!... Estas tafularias, são obra das mulheres dos festeiros, que se arvo-ram em aias das imagens, indo compolas à igreja na véspera da festa. Impam de satisfação por lavarem e enfeitarem os santinhos.

Atrás do pálido, e a contrastar com o reduzido número dos que adiante envergam opas, indecentes pela maior parte, acompanha o Santíssimo, a quase totalidade da população masculina. Não obstante este testemunho de fé, a missa e o sermão efectuam-se com escassa assistência e singular frieza, como se fossem actos de secundária importância.

O grande atractivo, que todos aguardam com ansiedade, é a toirada. Os estranhos à província, que por acaso a presenciavam, não lhe encontram graça nenhuma, mas os naturais do sítio, pelam-se por semelhante brincadeira.

Portanto, mal a procissão recolhe, os festeiros apressam-se a reconduzir a bandeira e a imagem, para imediatamente tratarem de toiros. Desenvencilha-dos das opas, ei-los a correrem para fora da terra, em mangas de camisa, seguidos de povoleo, para auxiliarem a entrada do gado.

Como se não tresmalhem, o que é raro, os bichos entram depressa nas ruas da povoação, tocados pelos boieiros e curiosos, atrás das *madrinhas* — os cabrestos — (chocas), que, agitando as mangas, arrastam-nos ao toril.

— «Os toiros!... Aí vêm os toiros!... Fugam!... Fugam!...» Assim bradam, com prazenteiro alarme, os entusiastas, desmentindo com o riso os conselhos de fuga. Ninguém foge e tudo assoma às portas e janelas para verem as rezes e lhe comentarem o aspecto. Tanto podem ser bois de trabalho, matreirões, como novilhos de 3 a 4 anos, vacas, novilhas, bezerros e bezerras, ou de tudo isso um pouco, desde o toiro reprodutor, até aos bezerritos. Sejam como fôr, somam vinte ou mais, que se correm desembolados, pela maior parte. Para salvar as aparências e dar satisfação à autoridade, embolam-se dois ou três mansarrões, ou um excepcionalmente bravo e possante, que, pela sua reconhecida bravura e alentada corpulência, não ofereça probabilidades de ser agarrado. Há lavradores que dão uma casca medonha se lhe pegam os bois. Julgam-se deprimidos nos seus brios de criadores. Um prejuizo absurdo e insensato, que já existiu em maior escala.

Recolhido o gado, espera-se que a música descanse para se começar a corrida. Entretanto, na praça, vão afluindo os espectadores, que, a pouco e pouco, ocupam os lugares, tanto os dos carros, como os das janelas, sacadas e varandas dos prédios em volta.

Os moradores do sítio, não obstante ficarem encurralados, de bom grado aceitam o encerro, pela satisfação de disfrutarem o pagode dentro de suas casas,

em companhia alegre dos amigos e dos estranhos que lhas invadem, confiando na benevolência. Os foitos e estúrdios, não se incomodam em obstruir as portas que dão para a praça. Pelo contrário, abrem-nas de par em par, enquanto dura a função, para, dos limiares respectivos, a gosarem a seu modo, fazendo frente aos cornúpetos que lá chegam, senão facultando-lhes a entrada para os admirarem como hóspedes.

Deixando-lhes a porta livre, provocam peripécias e investidas sencermosias, com que esperam rir imenso, já pelo facto em si, já pelo susto que se apodera dos timoratos.

Seguindo orientação opostá, os medrosos trancam os seus portados, com pranchas ao centro, que lhes sirvam de parapeito e lhes permitam ver sem perigo de marradas. As janelas, sacadas e varandas, enchem-se à cunha com o pequenamente e o mandamismo de consideração. Não há uma só que não regorgite de moças muito enfeitadas, em trajos multicolores, como açafates de rosas. Quem possui janelas ou coisa que o valha, põe-se atónito para atender o mulherio flamante que, antecipadamente, pede um lugarzinho de onde vejam com segurança. Tanto importunam os moradores do largo, que estes decidem-se a dar o sim a todas, caibam ou não. Mas elas lá se arranjam como podem, sem se importarem com bagatelas.

Nos carros e nos prédios, tudo se preenche e apinha, mais ou menos comodamente. Abundam as posições caricatas, desde as dos cautelosos em exagero, que se sentam nos telhados, gatinhando para lá chegarem, até às mulheres menos exigentes, que se assolapam entre os rodados, espreitando pelas fisgas e abertas. Acomodam-se assim centenas e centenas de pessoas, sem contar os *aficionados* que ficam na arena: uns dispostos a lidarem e correrem, outros resolvidos a chegarem-se para os edifícios e aí formarem barreira, colocando-se na defensiva, a pé firme e de pau forrado, para afrontarem com as arremetidas dos cornudos. Pelo menos alardeiam semelhantes intenções, com fumaças de valentes, embora depois fujam a escape, logo que o perigo se avizinhe.

.....

* * *

E menos de uma hora todos estão a postos: a música, nos carros, de pé, tocando ou não, segundo as exigências do público ou o capricho do mestre; o lavrador, à porta do touril, de vara ou pampilho em punho, para dirigir a corrida; os festeiros, ao lado, muito ufanos, mostrando os molhos de fitas com que brindarão os agarradores. A autoridade local — o regedor — também está à vista, em qualquer parte, de bengala ou cacete, rodeado de cabos de polícia, manuseando espadalhões ferrugentos, que lhe servem de arma e distintivo.

Dentro do touril estacionam muitos curiosos, que, apreciando as rezes, comentam-nas ao sabor das impressões que sentem pelo lavrador.

Entre os apreciadores figuram ganhões, e outros criados de lavoura de onde

são os bois. Como tais conhecem-nos a fundo, e por isso comprazem-se em lhes citar os nomes e as qualidades.

— «Aquele — o *Alfaiate* — é testo como um raio... Quem lhe aguentar os *impados*, há-de ter *estamago*», diz um.

— «Pois este — o *Esbandalha* — o nome diz... Em avançando para a *família*, é de uma pessoa dar às tranças, se lhe não quer cheirar o bafo», — acrescenta outro.

— «Já o *Morgado* não é assim... Bota-se à gente como um leão... Metam-se com ele... experimentem-no», observa terceiro.

— «E o *General!*... Aquilo fuma-lhe a venta... À solta tem picos... E' preciso levá-lo com *astúcia*... O que se descuidar está-lhe em cima...»

— «Grande gado, oh parente!...»

— «E' verdade, rapaz... Isto é que vai ser tourada!...»

— «Nem eles fossem de *nosso amo*... O gado lá de casa sempre fez flor...»

Nada faltando de essencial, fecha-se o espaço que ficou para o trânsito, completando-se o entrincheiramento. Quem se atrever a transpor as barreiras, arrisca-se a partir as costelas, a esborrachar o nariz ou a ficar descomposto. As espectadoras retardatárias, que se destinam às janelas, arrostam com esses precalços, galgando os carros com o auxílio dos parentes e um certo equilíbrio, que lhes permite vencerem o obstáculo e seguirem a marcha, atravessando o largo. Em que saltem incólumes, não se escapam às chufas e zumbaías da multidão, que as não poupa, vendo-as caminhar muito lirós e remechidas, de olhos baixos e o rosto afogueado, como que a furtarem-se aos apupos dos trocistas. Se lhes gritam que fujam, que vai sair o boi, as infelizes perdem a linha e desatam a correr, como corças, o que aumenta a assuada, estrugindo as galhofas e os assobios.

Entretanto, o povinho, impaciente, reclama o começo da corrida, bradando: — «Venha gado!... Venha gado!...»

Começa a lide. Ruidosos aplausos celebram a saída da rez, que, mal assoma, põe em debandada os grupos que se entretinham na praça. Tudo foge: uns procuram empoleirar-se onde possam, outros distanciam-se apenas no propósito de tourearem, e alguns vão engrossar as colunas dos fleugmáticos encostados às paredes.

O bicho que sai primeiro costuma ser fraco, de pouco respeito. Sai a título de ensaio, por assim dizer, para desafogar a praça e unir fileiras. Dá umas voltas, marra ou corre, conforme os intintos, ou não marra nem corre, e daí a nada, regressa ao touril.

A filarmónica tem de tocar de vez em quando, senão o povo indigna-se e berra:

— «Música!... Música!... Haja música!... Não é só ganhar o dinheiro!...»

Ao primeiro chavelhudo sucede-se outro, de boa pinta e melhor sentido, e

deste em diante alternam-se os que prometem com os duvidosos, salvo quando se efectua uma pega boa, em que, após o recolhimento do agarrado, é certo sair bicho de maior tezura, como o haja. Vai desafrontar o companheiro que se deixou vencer.

A lide e as pegas consentem-se a toda a gente, como já disse, mas os bezerros de ano só costumam ser toureados pelos rapazinhos. Os homens coadjuvam-nos e animam-nos, quando muito.

Boi, vaca ou novilho, demora-se na arena enquanto dá sorte investindo e marrando. O que revela mansidão, recolhe depressa. Há-os tão pacíficos que nem despertam com os zargunchos das aguilhadas. Outros, azedam-se com esse estímulo e lá se fingem bravitos à força de ferroadas. Que remédio...

.....

Rez que marre e não seja temida, o que é frequente em vacas e novilhos até 2 anos, os *aficionados* procuram-na e provocam-na. Ela corresponde, correndo para os lidadores, que são às dúzias a chamarem-na e a esquivarem-se-lhe com as jaquetas, lenços e chapéus, ao mesmo tempo que outros, pela retaguarda, a espicaçam com as varas. Fervem as aguilhoadas, e tanto abusam delas que chega a intervir o lavrador, reclamando morigeração.

Em correrias e investidas, o animal percorre e esquadrinha por toda a praça não alcançando os *artistas*, que, a poder de muitos, defendem-se recíprocamente, em *quites* mais ou menos habilidosos, que lhes permite safarem-se escorreitos e sãos, deixando o bicho logrado e raivoso. Em berros espumantes, manifesta a sua ira contra o martírio que o aflige... Sem embargo, numa ou outra vez, o caso muda de figura, isto é, o cornúpeto alcança os pseudo-toureiros e atira-os ao chão, o que provoca uma gritaria entusiástica, como a colhida ou colhidas não sejam de gravidade. Trambulhões simples ou arranhaduras ligeiras, consideram-se bagatelas insignificantes, de que até mofam os padecentes!

Após alguns minutos de larga pagodeira e fartas peripécias, o animalito cansa e já não corre às chamadas. Só trata de se escapar, caminhando para a porta do touril, que encontra fechada, ou tentando fugir de salto pelas trincheiras, sobretudo por onde entrou quando o trouxeram do campo. Salta ou não, conforme a ligeireza de que dispõe e as dificuldades que encontra.

Nos seus assaltos aos carros dá origem a reboliço bravo entre os curiosos aí apinhados, que, cheios de susto, redemoïnham, rebolam e caem, ao passo que os de baixo, prevendo as consequências, furam e esguincham por onde podem para não serem esmagados na ratoeira. Uma confusão ultra-cômica, de que nem todos saem ilesos. Os espectadores vizinhos, sentindo-se seguros, riem-se a valer dos que se vêem em calças pardas. Os mais entusiastas, como a rez não consiga fugir, gritam com insistência: — «Á unha!... Á unha!... Vá de agarrar!...»

Os brados de: — «Á unha!» — que, igualmente, se ouvem em muitas outras ocasiões, são vozes ao vento as mais das vezes, a que os agarradores não ligam importância.

Como vítimas escarmentadas, só agarram quando querem, e em circunstâncias favoráveis. Então, avançam garbosamente para o bicho, batem-lhe as palmas e agarram-no de caras, sem o mínimo desmancho, ou desastradamente, à custa de testeiradas e safanões, que concluem por boleus de arromba, com a sua chavelhada à mistura, mas sem graves consequências, além de rasgões no fato e ligeiras beliscaduras. Boa fibra, não há dúvida.

Realizada a pega, as palmas estrugem e a música celebra a acção, tocando expontâneamente ou por exigência do público, que nunca se farta de ouvir os bombos, os pratos, os cornetins e os clarinetes. Reclamam música a todo o instante, e quanto mais pancadaria tiver tanto melhor, que sem bulha de instrumentos não agrada.

Quando alguém se propõe a agarrar, é dever do lavrador conservar a rez na praça até os intentos se realizarem ou haver mostras de desistência. Se, porém, os *aficionados* desistem dos propósitos ou se, tentando-os, os não levam a efeito, o animal recolhe imediatamente. O lavrador que não segue estas praxes, provoca celeuma de protestos, que terminam com a reparição da rez recolhida, ou com a saída de outro chavelhudo.

Para acabar com motins, rixas e desaguizados de semelhante género, nada mais eficaz que a saída de um boi bravo. Um boi de respeito é melhor agente da ordem pública do que o regedor e todos os cabos de polícia. Mal aparece em cena, abafa as reclamações e põe em debandada os magotes de díscolos.

Haja o que houver e suceda o que suceder, as pegas provocam aplausos ruidosíssimos, que ressoam ao longe, apregoando o entusiasmo delirante que vai na praça. É para isso nada como as vacas, novilhos e bezerros, que, em geral, dão sorte, sem causarem desastres de importância.

A lide do boi e do touro reprodutor, de notória braveza e corpulência, effectua-se com menos pessoal e maiores cautelas, pelo muito respeito que o bicho infunde. O animal desse feitio, vê-se quase isolado no meio da arena, à falta de homens que o queiram tourear. Apenas de largo o citam três ou quatro dos que se fiam nos pés, nos músculos e nas unhas. Os outros, tratam de se pôr em lugar seguro, sem se importarem com a algazarra e assobios dos simples espectadores, que os instigam à *faena*, chacoteando-os pelo receio.

Aos destemidos, que permanecem no posto, o público convida-os a pegar. Mas estes também não correm a foguetes. Por honra da firma limitam-se a entreter de largo o matreirão, fugindo-lhes a escape mal o vêem avançar. O povo, porém, não se farta de os influir, já gritando-lhes: — «À unha!...» — já oferecendo-lhes dinheiro. Cinco tostões, dez, quinze e muito mais, mostram e oferecem, com estrondo, diferentes espectadores, ou seja pelo empenho de verem agarrar com valentia ou para enquisilarem o lavrador, senão também por mera basófia, pressupondo que lhes não aceitam as espórtulas. E ainda outros oferecem no intuito de gozarem, não com a pega, mas com o estoíro que dará o

parvo que se afoite à aventura. E' um gostinho selvagem, mas gostos não se discutem...

Há trinta anos, quando abundavam os agarradores de fama, ⁽¹⁾ nenhum resistia às tentações e promessas de dinheiro. Chegavam a agarrar por pimpõnice espontânea e por emulação, tirando-se a vez uns aos outros. Hoje, nota-se o contrário. Os poucos que agarram, só, de longe em longe, se atiram a bois valentes, temíveis. Mas, enfim, se calha, à voz de quinze tostões, ou ao efeito de cantatas lisongeadoras, surge um pimpão *liberal*, que, sem se importar com a respeitabilidade do matuto, corre-lhe para a frente, e cai-lhe na cabeça. Fica-se com ele ou vai a terra, está claro. Se fica e lhe apara as primeiras pancadas, aguentando-se no balanço, dezenas de curiosos correm a coadjuvá-lo, afim de melhor se haver e a pega ir àvante. Como vá e seja real, trovejam os aplausos. A música toca e o público aclama o agarrador. Com que ufanía ele ouve os aplausos! Visivelmente impressionado, recebe as dádivas prometidas, as fitas dos festeiros, os abraços dos colegas, e por acaso uma gorgeta inesperada de qualquer entusiasta. Aceita o que lhe querem dar, mas nunca pede, como fazem os forçados nas verdadeiras touradas. ⁽²⁾

Se a pega falha, o agarrador paga o atrevimento. Na melhor das previsões, apanha um trambolhão, que o deixa atordoado. Mas passa-lhe depressa. E' questão de água fria, de um copo de vinho e de um cigarro. Isso de tombos, desmaios e arranhaduras, são insignificâncias, comparativamente com azares de fracturas, barrigas furadas e outras coisas tétricas, que mandam o pobre diabo para o cemitério, ou o inutilizam por um par de meses.

E' o resultado lógico da selvageria, que outra classificação não têm, as pegas em tais condições.

Realmente, qualquer brutamontes, por musculoso que seja, defrontar-se peito a peito com um boisão traiçoeiro e desembolado, de chavelhos enormes e ponteagudos, no vigor da vida e das faculdades, sobre terreno áspero de calçada ou macadame, sem ter por socorro quem saiba de toureio, constitui audácia de valentia brutalíssima, que só se compreende em indivíduos de ignorância crassa. Que ainda os haja, admite-se; que os incitem a esse arrojo estúpido, custa a crer.

Podem continuar por muito tempo as corridas à vara larga — e continuarão de certo, dada a predilecção do público — mas as pegas aos bois e touros desembolados, hão-de acabar um dia — cedo talvez — à falta de néscios boçais que se metam em semelhantes fofas. Bem basta que se atrevam com vaquinhas e novinhos.

* * *

Abstraíndo as selvagerias das pegas em animais desembolados, de avantajada corpulência, as touradas dentro das povoações, em praças de improviso,

(1) Havia-os de inexcelível coragem e aptidões em Vila Boim, Barbacena, Santa Eulália e Assumar, concorrendo a todas as touradas do sítio e arredores.

(2) Noutros tempos, os bois de reconhecida braveza, saíam à praça enfeitados com *jardineiras* de fitas e lentejoulas (*moñas*), na testa, para os agarradores as tirarem como prémio de acção. Algumas continham moedas de prata, o que se fazia constar no acto de sair a rez, como incentivo à aventura da pega.

oferecem, como já notei, episódios engraçadíssimos, que suprem, em parte, a ausência absoluta de todas as regras da tauromaquia. Agora, é uma vez que salta a trincheira e se evade, pondo em alarme os espectadores do sítio por onde se esgueirou e os transeuntes e moradores das ruas que percorre. Logo é outra, que entra num dos prédios que dão para a praça, causando lá dentro um motim dos demónios, principalmente no sexo fraco. Os homens riem a bom rir, mas as mulheres, coitadas, não ganham para o susto. As mais impressionáveis e *assustadiças* vêm-se em cólicas, deveras comprometidas.

Por ocasião das pegas succede apparecerem as consortes dos agarradores, a dissuadirem-nos de semelhantes prosápias. E, então, é curioso ver as mulherzinhas, em corpo ou de chaile traçado, saltarem os carros, e correrem, muito abespinhadas, ao meio da praça, a ralharem com os maridos e a pretenderem retirá-los da arena. Eles refilam-lhe, recusando-se, e elas enfurecem-se, praguejando-os. Entre eles e elas trocam-se gestos de ameaças cómicas, que terminam por socos e pela retirada das intrometidas. O povinho dá-lhes surriada, apupando-as pelo insucesso.

Outros incidentes divertidos se presenciavam, como cair um palanque, empinarem-se os carros, resvalar um patusco que toureia, etc. Todos estes precalços, ocorrem, em geral, sem consequências funestas. O público celebra-os ruidosamente, numa alegria doida e comunicativa, que, de resto, partilham também os que apanham os sustos, as contusões e os boleus. Folia completa, sem entraves de nenhuma ordem.

A tourada acaba ao lusco-fusco. Se agradou, os entusiastas dão vivas aos festeiros, ao lavrador, aos bois e ao... santo!

O gado sai imediatamente para a *pastoria*, livre enfim do flagelo a que o sujeitaram.

Depois da tourada, ou antes, conforme o tempo de que dispõem, os festeiros e os mordomos realizam um banquete ou um copo de água em casa do juiz, a pretexto «de correr o ramo», e deliberarem sobre quem hão-de ser os promotores da festa no ano immediato.

O *ramo* consiste num cesto com bolos, sobre toalhas de rendas, guardado de flores, tendo ao centro um pão de ló, de onde se ergue um vistoso ramallete. Colocado no meio da mesa, aí figura durante o bródio, até que no fim o juiz o retira e o passa de mão em mão, correndo a roda, para que o «agarre» quem o pretenda e lhe chegue a vez. Com efeito, o que está nessas intenções, e o ensejo se lhe proporciona, levanta-se, ergue o cesto nos braços, e grita enfaticamente: — «Viva S. Fulano»!... O que significa dizer: — «Honremos o nosso santo!... Sou eu o festeiro novo»!... Os mordomos correspondem com outros vivas de entusiástico assentimento, confirmando-lhe a autoridade de que se investiu. E passam a nomear os auxiliares do novo juiz, como: tesoureiro, escrivão, etc., se a festa não

se incumbem a uma única entidade, como também sucede em determinadas circunstâncias. ⁽¹⁾

Liquidado o assunto, o cesto com o ramo é entregue a um rapaz, que o coloca à cabeça para o conduzir no préstito que vai formar-se. Entretanto, chega a música, para celebrar o caso e ir tocando.

O juiz velho entrega ao novo a bandeira, e este, recebendo-a, sai à rua a mostrá-la ao público, ao som de vivas estrepitosos. Em seguida, o cortejo forma-se e marcha adiante da música, com o ramo à frente, para casa do novo festeiro, onde se repetem os vivórios e as libações de vinhos e licores.

À noite celebra-se o acontecimento com rijo bailarico. É o *balho* da *bandeira*, assás concorrido pela melhor mocidade.

* * *

Jogos Perderam o cunho másculo e recreativo que os caracterizava noutros tempos. Há trinta anos, se tanto, os homens distraíam-se nas horas de ócio a jogar à malha e à barra, a saltarem a grandes distâncias e alturas, a levantarem pesos enormes, a *pulsarem* uns com outros, medindo as suas forças musculares, e, enfim, em vários exercícios semelhantes, que se podiam classificar de jogos atléticos.

Na freguesia dos Prazeres, do vizinho concelho de Monforte, efectuava-se e efectua-se uma pequena romaria na segunda-feira de Pascoela, onde outrora os populares das circunvizinhanças passavam a tarde nesses exercícios, divertindo-se a si e aos curiosos. Quem pulasse e jogasse à barra nos Prazeres, com ferro de arado ou coisa mais taluda, era sujeito experimentado, que não temia defrontar-se com outros pimpões de fama. Também — cumpre acrescentar — raro era o ano que lá não havia bordoadada rija, entre os campeões de força e ligeireza.

Na actualidade, tanto no concelho de Elvas como nos limítrofes, já se não pula nem se joga à barra. Como eram entretenimentos salutareos, puseram-se de parte, preferindo-se-lhe a *chapa* ⁽²⁾ e o *chinquilha*, em que os *patos* são depenados sem dó nem consciência dos espertalhões que os exploram. O mesmo acontece com os jogos de cartas e cartões muito em voga, tendo estes a agravante de decorrerem sob a atmosfera insalubre da taberna, onde muitos homens do campo consomem os dias e noites dos domingos, perdendo o salário da semana ou a soldada do mês, nos jogos da *ronda*, *pedida*, *trinta e um*, *monte*, etc. Isto não

(1) Em algumas localidades, a cerimónia da entrega da bandeira tem lugar à porta da igreja ou no interior do templo tomando-a o festeiro novo das mãos do antigo, ou das do pároco.

Se ninguém «agarrar» o ramo o festeiro ou festeiros velhos continuam a servir, ou exoneram-se perante o prior, a quem entregam a bandeira. Neste último caso, a festa não se faz no ano imediato, e por isso diz-se que a bandeira ficou arrumada. Arrumada indefinidamente, até haver devotos que a queiram agarrar.

(2) Jogos de azar, com moedas de cobre, que se atiram ao ar e caem no chão, ganhando-se ou perdendo-se, conforme a face da moeda que fica voltada para cima. *Caras* ou *cruzes*, como se diz em calão, ganhando as *cruzes* ou as *caras*, segundo o que se convencionou, ou o que está em uso.

falando nos menos nocivos e mais corriqueiros, como a *bisca lambida* às partidas, que só custam as correspondentes *corridas* de café reles e outras murraças, que ingerem os jogadores e os mirones.

Em conclusão, o vício pelos jogos de azar, que antes era quase desconhecido entre ganhões e trabalhadores do campo, vai generalizando-se e medrando consideravelmente, produzindo, é claro, os seus funestos resultados. Como seria preferível que os esquecessem de todo, ressurgindo os da malha e de barra!...

As mulheres jogam jogos de prendas aos serões e nos velatórios dos anjinhos, bem como outros de retoíça brincalhona, às horas de descanso nos trabalhos campestres. Nada mais e já não sabem pouco, para se divertirem e se lograrem reciprocamente.

Restam os jogos infantis, acentuadamente populares, com que se deliciam os garotos. Usam-se muitíssimo, variando de nomes e de género, de terra para terra e de época para época. Para o efeito em questão, a parte do ano que decorre desde o outono até meados da primavera, divide-se em várias temporadas, cada qual destinada a um jogo, embora se joguem outros por todo o ano. Os principais são: o do *pião*, *bola* ou *boleia*, *bogalhinha*, *funda*, *saca-pelouros*, *cabra-cega*, *esconde-esconde*, *varre-varre*, *vassourinha*, *pata*, *risquinha*, *truque-manduque*, *salta-la-una*, *salta-la-mosca*, *dos moiros*, etc.

Os dos pião e outros, são bastante conhecidos; portanto, desnecessário é pormenorizá-los.

A *risquinha* e o *truque-manduque*, representam-se por figuras geométricas, que se riscam no solo, cortadas por traços que as dividem em diversos campos. Os jogadores — dois ou mais, e cada um por sua vez, alternando — percorrem a figura, «a pé coxinho», empurrando com o pé uma pequena malha ou moeda de vintém, que nunca deve transpor determinados limites, nem estacionar nas divisórias. O jogador perde, se lhe falha o equilíbrio e interrompe a marcha até ao fim do percurso, ou se o andamento da malha não satisfaz às regras estabelecidas. Ganha, porém, se cumpre todos os requisitos.

Quem ganha, escarranchar-se às *calabritas* em cada um dos parceiros, que, respectivamente, e na devida altura, são obrigados a servirem de bestas, carregando com o vencedor em carreira maior ou menor, pelo tempo e distância que se estipula.

Se, pelo contrario, o jogador perdeu, invertem-se as posições, sendo ele que lhe toca servir de burro, aguentando o peso dos outros, a um por um, em corridas iguais.

À *salta-la-una* e *salta-la-mosca*, brincadeiras semelhantes, um rapaz põe-se de cabeça para baixo, dobrando a espinha, quase em posição de quadrúpede e os companheiros, desviando-se-lhe a distância, correm de lá para ele, saltando-lhe por cima. Se saltam com agilidade, bem está; se não saltam em termos, vão, por escala, substituir o que estava de *bruços*, depois de pagarem a inépcia com uma cavalhada a cada figurante, pela forma usada na *risquinha* e no *tru-*

que-manduque. Quer dizer, a questão resume-se em servirem de cavalgaduras os que perdem e de cavaleiros os que ganham. Todos representam ambos os papéis, aproveitando-os para se fazerem pirraças, sobretudo os mais ladinos e possantes, que se comprazem em enganar os broncos e os fracos. Como cavaleiros, seguram-se e castigam-nos, obrigando a *besta* a fraquejar e estender-se. Como *cavalgaduras*, fingem de poldros manhosos, ressabiados, escouceando e esbravejando até cuspirem o pacóvio que se lhe *encalabritou* nos lombos. É dos livros.

O jogo dos moiros oferece outras particularidades. Os rapazes formam linha, dando-se as mãos, e depois, o que fica na ponta direita, diz, muito baixinho, ao primeiro que tem ao lado: — «Aí vêm os moiros!...» — O qual transmite a participação ao imediato, no mesmo tom, e, assim, a frase corre de boca em boca, até ao último da esquerda, que se volta para o que o informou e, também em segredo, pergunta-lhe: — «Para quê?» — O interrogado, em vez de responder, transmite a pergunta ao que se lhe segue, que, por seu turno, a passa adiante, num sossego de seriedade cómica, até chegar ao participante, que responde: — «Para nos matarem». — E segue o dito, da direita para a esquerda, em análoga confidência, chegando ao último ouvinte, que observa: — «Com quê?» Esta nova interrogação percorre os trâmites da primeira, em vozinhas, quase imperceptíveis, até ao da ponta direita, que informa: — «Com uma espada de cortiça». — O que ouviu, transmite a notícia ao vizinho imediato, e deste vai de *deu em deu*, ou seja, de rapaz em rapaz, até recebê-la o da ponta esquerda, que exclama estrepitosamente: — «Morram os moiros!...» — Como se os movesse uma pilha eléctrica, os rapazes caem de chofre e de costas, à excepção dos dois das pontas, que ficam de pé.

Os prostrados e estendidos permanecem de olhos cerrados, inertes, como se os fulminasse uma apoplexia. Os de pé, dirigentes da brincadeira, observam-nos verificando se realmente persistem mudos e quedos. Em acto contínuo, passam a erguer um por um, pegando-lhe pela cabeça e braços, mas sem que os erguidos verguem os joelhos ou façam tregeitos. De contrário, perdem o jogo e têm de pagá-lo por meio de *culas*, *gritos* ou *cavalinhos*.⁽¹⁾

Embora nenhum perca, há, em regra simplórios, a quem os velhacos atribuem faltas e os convencem de que perderam. Portanto, gemem, pagando à sua escolha, com uma das penas aludidas — a menos rigorosa, entende-se.

No decurso dos jogos e depois, a garotagem grazina doidamente, comendo dezenas de travessuras, com o seu cortejo de assobios, galhofas, pragas e imprecações, que explodem ao impulso da verdura dos anos e do ardor do sangue que lhes pula nas veias.

Por muitas diabruras que façam recíprocamente, todos se relevam após as

(1) As *culas* são o que já tive ensejo de explicar — boleus com os costados sobre o chão, ou murros pelas costas. Os *gritos* constam de uma vozeria estrondosa e ensurdecadora, aos ouvidos da vítima, por parte dos companheiros. Os *cavalinhos* significam dar cavalaria a cada parceiro, pela forma referida na descrição dos outros jogos.

primeiras impressões. Depois, com o tempo, a memória aviva essas pequeninas garotices, despertando saudades indeléveis, que os anos e a velhice não conseguem apagar.

* * *

Pelo Entrudo Desde o dia de S. Sebastião (20 de janeiro) até à meia noite de terça-feira gorda, brinca-se e joga-se o Carnaval, como nas demais povoações do campo de outras províncias, mas com menos entusiasmo do que antigamente.

Posto que em pequena escala, ainda persiste o costume de se atirar com laranjas, talos e ossos, arremessados com força e pontaria certa. Onde se sustentam esses tiroteios, é do sujeito fugir a escape e passar de largo, para evitar *galeirões* ou ferimentos. Que, se por azar os receber, terá que rir da gracinha, para não fazer má figura.

A par das *laranjadas*, subsistem igualmente outras brincadeiras antiquadas, como mascarar as pessoas, atirar-lhes ovos goros, pôr brasas com pimentões — *pimentoadas* — às portas das habitações, para fazer tossir e sufocar os moradores, etc.

Os mascarados vão sendo raríssimos, e, em boa verdade, não valem um caracol. O povo chama-lhes *ensaiados*, dando o nome de *caraças* às máscaras que lhes velam o rosto.

A exibição dos *ensaiados*, regala imenso os rapazinhos. Ao verem-nos na rua, de *caraças* sarapintadas, não os largam um instante, emprestando-lhes a nota alegre, de que muito precisam.

Na quarta e quinta-feira de compadres, e nos dias análogos da semana imediata — a das comadres — o rapazio de algumas aldeias prepara-se com quantos chocalhos alcança, e em bandos, percorre as ruas e arrabaldes, a dar as chocalhadas tradicionais. Sobretudo na véspera e dia das comadres, em que as correrias dos garotos, com *mangas* e outros chocalhos volumosos, produzem um barulho atroador até altas horas da noite. Por onde os rapazes passam, as mulheres saem à rua e atiram-lhes água para cima, o que, longe de lhes arrefecer o ardor, mais os incita a badalarem freneticamente. Só retiram quando lhes aprás, ou se lhes aparece homem de respeito, disposto a zurzi-los.

Na quarta e quinta-feira de compadres, ao passo que os moços empunham bandeiras vistosas de lenços de seda, adornados de fitas e flores, como nota festiva da solenidade desses dias (fantasia de brincadeira, está claro) — as moças mostram-lhes outras, de esteirões, ossos, ortigas e pinceis velhos dependurados — ou bonecos de palha a roerem ossos — a demonstrarem que a semana é de fome e não de festas.

Na véspera e dia das comadres, mudam-se as cenas. As mulheres, além de

põem luminárias à noite nas janelas, e aí tocarem os almofarizes, como testemunho de regozijo, aparecem de dia com bandeiras de luxo, a alardearem prazer e fartura. Os homens protestam, passeando com outras de significação contrária — as tais grotescas de farraparria, esteirões e ossos, que simbolizam a miséria.

Aduzindo carradas de argumentos em abono das suas respectivas ideias, rapazes e raparigas, valem-se da aparente rivalidade, para, em chalaça, trocarem dichotes e descomposturas. Ao mesmo tempo, diligenciam roubar-se as bandeiras, o que produz retoças, balbúrdias e lutas de corpo a corpo, bem como assaltos às janelas e varandas, ordinariamente infrutíferos, por serem pressentidos e malogrados a tempo.

Os que porventura conseguem tirar uma bandeira, celebram a partida zombando dos espoliados, que ficam arreliadíssimos. As mulheres, principalmente, não se conformam com o furto, e, como possam, empregam todos os ardís para tirarem a desforra.

* * *

Na noite de serração da velha Nesta noite, (meado da Quaresma), os rapazes estúrdios saem à rua para, em alegre reinação, *serrarem* a velha mais rabugenta da aldeia. Com um cortiço e uma serra, vão ao local onde ela reside, e aí, em frente da porta, procedem à paródia.

Um que tenha piada, finge ser a suposta paciente, e, imitando-lhe a voz, solta ais doloridos, enquanto que outro corre a serra sobre o cortiço, produzindo o som correspondente.

À medida que se avoluma o ruído da serração, a imaginária velha repete e aumenta o berreiro, clamando que a vão serrar e lhe acabam com a vida.

Por entre os queixumes e pragas que guincha, lembra-se de fazer o testamento, e fá-lo em termos cómicos, rimando as frases e salpicando-as de facécias. As torturas que a amarguram não a inibem de discretiar jocosamente sobre o seu triste fim, e no mesmo estilo dispor dos haveres. Pouco mais ou menos expressa-se assim:

— «Á minha comadre Maria, deixo uma tigela vazia. Ao sr. Prior a minha pele para um tambor. À Ana à Perdiz, a *muquita* do meu nariz. Ao Sebastião o meu sebento casacão». Etc.

Com semelhantes chocarrices, e outras alusivas aos aleijões físicos e a velhos pecadilhos da sua pessoa, consideravelmente exagerados — a testadora contempla toda a vizinhança e os conterrâneos em evidência, que também apanham remoque na descrição dos legados.

O rapazio, acode a ver e ouvir; as vizinhas assomam à porta, e a brincadeira comenta-se. Em regra, desperta mais hilariedade do que reprovação.

A certa altura, fraqueja o sussurro da serra sobre o cortiço; a voz da

ATRAVÉS DOS CAMPOS

paciente estingue-se, e, os que se arvoram em padres, cantam os responsos — uma cantilena de larachas, endossadas à pobre vítima. A qual recolhida em casa, resigna-se ao vexame, fazendo ouvidos de mercador, para não dar benefício maior, ou, seguindo orientação oposta, sai à rua e pespega descomposturas de rachar nos estúrdios que a afrontam. Insulta como quer e quando quer, sem que os insultados se melindrem. Bem ao contrário, riem-se e regalam-se em lhe ouvir as diatribes, até que se enfadam e retiram, deixando-a em paz. Como lhes reste pachorra, ainda vão contender com outra velhota irascível.





VI

TANTO no concelho de Elvas, como em muitos outros do Alentejo, e até em Espanha, as ceifas dos cereais nas herdades, são geralmente executadas por milhares de homens e rapazes que de propósito, vêm das Beiras e que o público conhece pelo nome de *ratinhos* ou *ratos*. É uma alcunha pouco lisongeira, mas os alcunhados não a repelem nem se amofinam por isso. *Ratinhos* foram seus avós e pais, *ratos* se consideram eles, e outro tanto sucederá a seus filhos e netos. O hábito de virem ceifar às terra alentejanas, é tão antigo e inalterável, está tão arreigado e persistente, que deverá subsistir por largos anos, como vantajoso que é para lavradores e serviçais. Ai das colheitas do Alentejo, se lhes faltassem os ceifeiros beirões!...

Essas centenas e centenas de braços, cuja totalidade comporia uma grande legião, dividem-se em muitos agrupamentos ou *camaradas* de 50 a cento e tantos indivíduos, de antemão recrutados pelo respectivo manageiro.

Cada agrupamento tem o seu manageiro em chefe, que delega parte dos poderes nos encarregados dos *cortes*, em que a mesma *camarada* se desdobra ao chegar ao Alentejo e se dividir para as diferentes ceifas que ajustam. Esse encarregado toma o nome de *manageiro do corte*, e como tal governa sobre a gente que lhe distribuem.

Castanheira de Pera, Águeda, Anadia, Oliveira do Bairro, Arganil, Goes, Louzã, Figueiró dos Vinhos, Pedrogão Grande, Certã, Proença-a-Nova e outras, são as zonas que fornecem maior contingente de *ratinhos*.

É — nota curiosa — entre esses homens, não se encontram apenas os que se entregam aos labores do campo nas suas naturalidades, mas também muitos de profissões e hábitos diversos — sapateiros, alfaiates, barbeiros, etc. É que para todos eles, as ceifas do Alentejo proporcionam-lhes melhores lucros do que os ofícios que exercem nos seus rústicos lugarejos.

Manageiro E' um fulano que adquire essa importância por a ter herdado dos seus antecessores, ou por a empolgar a outro de menos mérito e astúcia, ou, enfim, por excepcionais aptidões, que lhe ganharam a simpatia dos amos e a confiança dos companheiros. De qualquer maneira, antes de possuir o penacho, fez largo tirocínio como simples ceifeiro, tornando-se tipo de nomeada entre os seus conterrâneos. Pequeno proprietário, ou modesto industrial, dispõe de meios suficientes para preponderar sobre os que alicia e dirige. Não quer isto dizer que os domine em absoluto, mas respeitam-no e obedecem-lhe até certo ponto.

O manageiro vem ao Alentejo no começo da primavera, para conhecer o estado das searas, e ao mesmo tempo *apalavrar* as ceifas dos lavradores, seus antigos fregueses, e por ventura as de outros que possa contratar. Todos ou quase todos, incubem-se do trabalho de duas e mais «casas», havendo-os que chegam a açambarcar seis a oito. Para obter freguesia nova sem perder a antiga, o manageiro que dispõe de muita gente, mete empenhos sem conto, tratando de se insinuar por todos os meios imagináveis. Com os amos antigos também se desfaz em salamaleques, para não lhe incorrer no desagrado. Se algum o despede, procura evitar o cheque com torrentes de lamúrias e choradeiras, que, por vezes, anulam o despedimento. Neste acto, pode o lavrador incripá-lo de quantas lhe lebrem; pode, no acto da reprimenda, invetivá-lo com paixão e injustiça, rememorando queixas antigas e recentes, que ele tudo isso ouve humildemente, sem mostras de indignação, e até concordando com o censor, a quem protesta arrependimento, jurando servi-lo melhor do que nunca. Não querendo perder a freguesia, sujeita-se a descomposturas, de que para consigo se ri, como raposa matreira, que lhe não importam vexames, desde que aufrira proventos. Ao interesse sacrifica os brios, precisamente ao contrário do criado Alentejano. E assim consegue manter a clientela e aumentá-la progressivamente, senão encontra de permeio outro competidor mais sabido.

Concluída a excursão pelos campos do Alentejo, o manageiro regressa à terra suficientemente enfronhado do que viu e ouviu. Com semelhantes dados, logo que chega, continua a alistar os homens de que precisa. Das impressões que sente, só diz o que lhe convém. Cada alistado paga-lhe duzentos e quarenta reis de matrícula, que satisfaz meses depois, quando terminam as ceifas. Entretanto e desde logo, têm direito a que o engajador lhes abone quaisquer pequenas quantias de que precisem.

O alistamento não constitui contrato indissolúvel, como se podia depreender. Antes de partirem para as ceifas, e ainda depois, à chegada, alguns dos alistados quebram o compromisso por simples frivolidades. Como encontrem quem os desafie, facilmente desertam para outras *camaradas*, que lhes ofereçam maior vantagem. Quanto a abonos recebidos, reembolsam-nos ou não segundo a consciência. A maioria ferra calote.

.....

O manageiro da *camarada* não ceifa em determinado corte, mas superin-

tende em todos, aumentando-lhe ou reduzindo-lhe as «foices», conforme exigem as circunstâncias, hoje reclamadas pelo interesse de comunidade que representa, amanhã pela conveniência do lavrador a que deseja agradar, e no outro dia pelo adiantamento ou atrazo do trabalho, de umas para com outras «casas». Por isso, anda numa dobadoura, demorando-se apenas onde reconhece ser mais necessário. Alguns trazem tantos cortes e tão distantes que em nenhum ceifam. A cavalo ou a pé, passam a época em constante fiscalização, de herdade para herdade. Nas caminhadas, fazem escala pelos montes e povoados. Nos montes para trocarem impressões com os lavradores; nas vilas e aldeias, para haverem a correspondência no correio, e, de passagem, empinarem o seu copázio. Em geral bebem-no de borla, oferecido pelo amigo taberneiro, onde a camarada faz gasto, desde que chega até que marcha. Salvo excepções, o manageiro tem «boca livre» na taberna. Bebe pela prenda e do «bom», como engodo para trazer freguesia que dê consumo à zurrapa. Valores entendidos a troco de cigarradas.

Os lucros do manageiro consistem numa quota parte da soma total obtida nas ceifas de que se incumbiu, sendo, para o efeito do rateio, considerado como simples ceifeiro. E aufere mais os tais doze vinténs, que lhe paga cada *ratinho*, e as luvas ou propinas que, por uso antigo, recebe dos lavradores.

As luvas representam o melhor dos seus lucros. Cada lavrador de grande movimento, dá-lhes dezoito a vinte mil reis; os medianos, dez a quinze, e os pequenos, três a seis. Portanto o que serve muitos lavradores, arrecada no fim da refrega 120 a 150\$000 reis. Para um trabalho de três meses, quando muito, é bem bom. Vale a pena vir da Beira.

Os manageiros dos cortes igualmente entram no rateio das verbas ganhas pela camarada, tendo mais a gorgeta do lavrador, que oscila por um terço da que obteve o manageiro chefe. O facto de servirem ou não a contento dos patrões, influi imenso na importância da espórtula.

* * *

A viagem Os *ratinhos* saem das terras beirãs para as ceifas alentejanas aí pelos meados de maio ou depois, se vem tardia a maturação das searas. Acompanha-os o respectivo manageiro principal, se o mesmo não se lhes antecipou, para os esperar no sítio a que se destinam, e entretanto reconhecer circunstanciadamente a influência ou falta de braços, o aspecto definitivo das searas, os ânimos dos lavradores, as intenções e «forças» de outros manageiros seus colegas, etc.

A viagem é feita a pé, excepto os que jornadeiam em burros. Ao entrarem nas localidades que encontram no trajecto formam colunas, e assim de muchila

e pau às costas, atravessam as povoações, entoando cantigas beirãs. Uns cantam, outros tocam em *pifaros* de que vêm munidos, e todos fazem ruído com as brochas dos sapatos sob as pedras das calçadas. Orquestra original, pouco harmoniosa, mas bastante notória. Entretanto, chegam a um dado local, seu conhecido, e aí, à sombra, estacionam para comer e descansar. Forma-se pois o bivaque, em que são consumidas as últimas broas de milho, regadas por golos de vinho detestável, que desde a Beira vem vascolejando nuns pequenos e sujos cabaços guarnecidos de latão. Se a pinga dos cabaços já se escorripichou, bebem outra semelhante ou pior nas tabernas do sítio.

Acolhidos com agrado pelas populações locais, onde quer que chegam trocam cumprimentos amistosos e trocistas. Afoitamente se pode dizer que nunca se levantam rivalidades entre beirões e alentejanos. A vinda dos primeiros é estimada pelos segundos.

Caminhando o melhor de uma semana, chegam alfim ao termo da viagem, onde descansam a valer dois a três dias, tratando então do ajuste definitivo. É digo definitivo, porque os preliminares, como já notei, foram muito antes tratados por alto, entre o lavrador e o manageiro.

* * *

Carácter Na sua permanência no Alentejo, os *ratinhos* mostram-se agradáveis, cortezes e humildes para toda a gente da região, e sobretudo para os lavradores e quem os represente. Mas à humildade que se lhes traduz nas palavras e gestos, associam visível desconfiança, que se acentua principalmente quando tratam dos seus interesses.

Parecem simplórios mas não o são. A ingenuidade boçal que aparentam, é a máscara com que procuram ocultar a perspicácia. Perspicácia e malícia bem notória, embora a queiram disfarsar com as doçuras do palavriado. Nisto são mais espertos que muitos criados alentejanos.

Num inabalável propósito de severa economia, praticam actos de extrema sovínice. Antes, nas tabernas, associavam-se aos três e quatro para, em comum, beberem um quartilho. Hoje, estão menos forretas. No entanto, afirma-se, que um cigarro lhes dá fumadas para dois ou três. Asserção exagerada, certamente, mas sintomática também. Quando, no regresso à Beira, vão embarcar às estações do caminho de ferro, acontece regatearem o preço da passagem: — «Oh senhor, faça isso mais baratinho...» — dizem eles ao empregado da bilheteira, depois de lhe perguntarem e ouvirem o preço do bilhete. E o empregado, impacientando-se, explica-lhes bruscamente a impossibilidade da redução.

Se pretendem seguir em grupo, como está sendo corrente, reclamam bilhete de *garupa*, que lhes despacham sem reparo, tão conhecida é a expressão.

.....
 Timbram em manifestar sentimentos religiosos muito mais arreigados que os dos trabalhadores alentejanos. Rezam com frequência e não faltam à missa

nos dias de folga. Ao partirem das suas terras, cada qual promete 40 reis às *alminhas* ⁽¹⁾ se regressarem com saude.

À chegada, cumprem a promessa, e ainda mandam celebrar missas em acção de graças.

.....

Em asseio e compostura, deixam muito a desejar os srs. *ratinhos*. Creio que o desleixo e a porcaria que se lhes nota não é tanto devido aos hábitos, como à circunstância de se verem em terras estranhas, onde não podem chegar os cuidados das mães e das esposas. Que, verdade, verdade, para se apresentarem menos sujos bastava lavarem-se um pouquinho em cada semana, nos poços e ribeiras dos sítios onde trabalham. Mas não estão para massadas. No seu entender, basta-lhes lavarem-se na madrugada dos dias de Corpo de Deus e do de S. João, como praticam todos os anos, antes de irem gozar o descanso festivo nas povoações próximas.

.....

Pelo decurso da temporada, e sobretudo nos dias de Corpo de Deus e do de S. João, únicos em que folgam, todos escrevem às famílias, como também delas recebem correspondência amiudadas vezes.

As «cartas *ratinhas*» são o que se pode conceber de mais minucioso e massudo. Os que as subscrevem, além de escreverem ou ditarem banalidades sem conto, nunca se esquecem de pormenorizar como estão de saude todos da *camarada*, como decorre o tempo, como encontraram as searas, quanto ganham, com quem trabalham, quando regressam, como os tratam de alimentação, etc., etc. Depois, passam a pedir informações do que por lá vai: do aspecto dos vinhedos, dos milhos e das batatas; se o compadre fulano, que ficou doente, já está melhor ou morreu; se o sicrano do Casal de Baixo perdeu a demanda com o sicrano do Casal de Cima; se tal ou qual parente, que foi para o Brasil, já de lá escreveu e o que diz; se nos arraiais, de festas recentes, houve bordoadas, etc. E finalizam com uma enfiada de recomendações para os parentes, vizinhos e amigos. Para ela, esposa ou mãe a quem se dirigem, «as saudades são tantas, que só à vista terão fim...» O endereço no sobrescrito condiz com o conteúdo da carta. Vai repleto de indicações supérfluas, que, ordinariamente, produzem efeito negativo, desnorteando os empregados dos correios.

Os que não sabem escrever, incumbem a correspondência aos companheiros habilitados, ⁽²⁾ ou dirigem-se a estranhos, pedindo-lhes esse serviço: — «Pagamos o trabalho da sua pessoa, como for de razão, meu senhor». — Uns, negam-se-lhes para se esquivarem a incómodos, outros, prestam-se-lhes de melhor ou pior vontade. Os que anuem, já sabem que precisam revestir-se de pachorra. Em geral,

(1) *Paíneis* em nichos, que se encontram nas encruzilhadas dos caminhos da Beira, representando as Almas do Purgatório.

(2) Em nenhuma *camarada* falta gente que saiba escrever. A percentagem dos analfabetos é muito menor que nos alentejanos.

os obsequiados pretendem ditar as suas missivas, não se conformando com laconismos e insistindo por repetições inúteis.

Pessoa conscienciosa que lhes escreva, nunca aceita remuneração, é claro. Mas eles sempre perguntam quanto devem. E, como se lhes responda negativamente, agradecem reconhecidíssimos. Chegam a convidar o improvisado secretário para os acompanhar à taberna a beberem um decilitro. Têm recebido destes convites pessoas finas, que, recusando-os, sorriem do caso, ou enfadam-se deveras se lhes insistem no oferecimento. Enfim, o indivíduo que uma vez escreve a correspondência de um *ratinho*, não lhe ficam saudades de o obsequiar de novo.

* * *

Apreciados como ceifeiros, os homens da Beira revelam resistência e aptidões incomparáveis. Mais adiante se verá quanto é árduo o seu labor. Podemos considerá-los escravos do trabalho, que exercem com assombroso desembaraço, sob os rigores do sol estival e à mercê de privações de toda a ordem. Tudo para ganharem honradamente meios de subsistência para si e para os seus. Motivos tão louváveis, dão-lhes direito à nossa admiração e simpatia. Neste ponto, ninguém lhes regateia os mais rasgados encômios.

Ajustes Segue-se o sistema de empreitadas que, ou se baseia no presumível número de homens necessários para o fim em vista, ou pelos moios de semente que levou a seara. Com a adopção da empreitada — a homens — se, por exemplo, o lavrador contrata a ceifa por vinte homens, ao preço de 22\$000 reis (média usual), já sabe que vinte indivíduos⁽¹⁾ lhe ceifarão tudo, num período mais ou menos demorado, pela quantia de 440\$000 reis e comida. Quando o contrato se regula por moios de semente, o lavrador que ajusta por vinte moios, a 18\$000 reis cada moio de semente (média aproximada), importa-lhe a ceifa em 360\$000 reis e comida. Não se fixa o número de *ratinhos*, mas subentende-se que, em começo, excederá quanto possível ao de moios ajustados, para, no meado da época, ficar a par e depois se reduzir tanto quanto possa compensar a *camarada* do reforço que forneceu em princípio.

O ajuste «a moios» é quase exclusivo das lavouras em que preponderam as culturas do centeio, cevada e aveia — «as segundas».⁽²⁾ Nas que predominam o trigo, prevalece a empreitada — «a homens».

O uso a moios, sai mais caro. Mas convém, pela natureza das *segundas*, principalmente centeio e aveia, que requerem ceifa temporã, para não *desbagoarem* nos rastolhos, como acontece, se a foice lhe chega tarde. Logo o lavrador faz os seus cálculos e, por conveniência própria, procura pagar em relação a

(1) Digo indivíduos e não homens, por que nas ceifas contratadas por qualquer dos dois sistemas, figura uma considerável percentagem de rapazes adolescentes.

(2) Por ocasião das ceifas, usa-se denominar por *segundas* as searas de centeio, cevada e aveia. É um termo de ocasião, que não se emprega no restante do ano.

determinado número de moios, a que corresponda a gente precisa para despachar em 30 a 50 dias.

Ao manageiro também lhe serve o sistema, se pode distrair das ceifas de trigo — a homens — todos os braços aí desnecessários em começo, e com eles ir reforçar e coadjuvar os dos *cortes* do centeio. Os quais, por sua vez, como já disse, retribuirão depois a ajuda, indo auxiliar os dos de trigo na mesma proporção.

Isto se usava até há poucos anos. Hoje, porém, vão estando abandonados os contratos a moios, por não oferecerem a reciprocidade de vantagens que tinham antes. Muito mais generalizada a cultura do trigo, e assás restringida a do centeio, nem a ceifa deste cereal carece de tanto homem, nem a do trigo lhos pode emprestar, retardando-se. Acresce ainda a circunstância de as ceifas dos trigos começarem mais cedo que outrora, pelo facto de actualmente predominar a cultura dos trigos moles temporões, que amadurecem pouco depois do centeio e exigem ceifas imediatas, sob pena de prejuizos consideráveis, o que é menos sensível nas ceifas tardias das outras variedades.

A empreitada «a homens» entretém 60 a 80 dias aproximadamente. O estado das searas, a sua espécie, o tempo e a agilidade dos que as ceifam, são factores essenciaes que, por assás variáveis e sujeitos a contingências, destroem os melhores cálculos.

Para o ajuste das ceifas — a homens — parte-se do princípio que um ceifeiro despache o resultante de cinco *quarteiros* de semente (75 alqueires). Ora como as searas tanto podem ser de uma só espécie como de duas, três e quatro, e como as sementes diversas, variam também quanto à superfície da terra que preenchem em sementeira, claro está que a presunção é arbitraria ou convencional, sem bases sérias que a justifiquem. Assevera-se não obstante, que um *ratinho* despacha, em toda a época, quantidade muito superior à que se lhe atribui pelo cálculo acima aludido. Só despachará menos, em boas searas de centeio ou de trigo ótimo, excepcionalmente desenvolvido.

Em todo o caso, homens de maior cotação nunca saem por menos de 400 a 500 reis diários. E digo de maior cotação, porque nem todos recebem com igualdade. Pelo contrário, cada sujeito ganha conforme os seus supostos ou verdadeiros merecimentos, apreciados e julgados pela colectividade em que se incorporou, como demonstrarei mais adiante.

A maioria dos rapazes, apesar do seu pouco valimento como trabalhadores são tidos como homens para os contratos das empreitadas. Assim, a ceifa justa por verba correspondente a 20 homens ou 20 moios, é executada por 14, 15 ou 16 adultos, e os restantes que faltam para o computo dos 20, suprem-nos crianças, que nunca excedem em número ao dos homens que representam.

O lavrador desgosta-se quando o percentagem dos rapazes se torna reparável. Mas como é usança antiga, tem de conformar-se, a não ser que o abuso seja extraordinariamente gravoso. Sendo, queixa-se ao manageiro principal,

que se vê forçado a atendê-lo, diminuindo-lhe a garotagem e aumentando-lhe os homens. Paga a diferença, outro lavrador menos onerado até então. O manageiro lá arranja endrôminas e contradansas de pessoal, conseguindo que os rapazitos escapem como homens, para o beneficiarem a ele e aos mais ceifeiros adultos. Uma exploração vil, que os pais das crianças consentem, por irem feitos no jogo...

* * *

E' demorado o ajuste definitivo. Entre *ratinhos* e lavradores chicaneia-se e repiza-se o assunto com demoras fastidiosas, intercaladas por incidentes irritantes, que põem em risco o êxito das negociações. Antigamente, eram os manageiros que contratavam com os lavradores, sendo as suas resoluções aceites religiosamente por todos da *camarada*. Hoje, esse negócio é discutido e julgado por mais entidades. Além do manageiro em chefe, intervêm, pelo menos, três ou quatro *ratinhos*, dos considerados e preponderantes — espécie de comissão executiva, que deixa na penumbra a autoridade do manageiro, durante o ajuste. Então o «cabeça», quase que é um chefe de caninha verde. A chefia passa, nessas horas, para os comissionados da *malta*,⁽¹⁾ que são os que verdadeiramente discutem e resolvem o caso com o lavrador. Este e aqueles ou tratam apenas de se entender quanto ao número de *homens* ou de *moios* que servem de base para a empreitada, deixando a questão de preço para o que for corrente na freguesia, ou pago em tal ou qual lavoura vizinha — ou, simultâneamente também, discutem e assentam no preço. «Preço feito», segundo a expressão consagrada.

Durante os arrazoados do ajuste, fervilham os argumentos entre as partes contratantes. Cada qual puxa a brasa à sua sardinha, e nisso consomem horas e horas, senão dois e três dias, interrompendo-se e repetindo-se as conferências. É a comédia da praxe, com actores para todos os papeis. Os comparsas são representados por grupos de ceifeiros que, a distância respeitosa, reparam atentamente nos gestos e discussão dos personagens principais. O manageiro, ora se inclina para os camaradas, ora para o lavrador. Na preocupação de não perder «a casa», nem de se ver abandonado dos seus — ameaças que lhe retumbam aos ouvidos, arripiando-lhe os cabelos — chora e ri, humilha-se e roja-se, com ares de vítima, consoantes ao caso. Nos intervalos, trata de varrer responsabilidades e dar explicações, indo, em segredo, conferenciar respectivamente, e por sua vez, com o amo e com os da *malta*. Nessas conferências íntimas emprega toda a lógica e manha de que dispõe. Torna-se um diplomata.

.....

Por fim, o contrato fecha-se e tudo se acorda à boa paz. O manageiro exulta e respira. Loquaz e prazenteiro, protesta que a *família* há-de cumprir o

(1) O termo de *malta* por vezes é aplicado à *camarada*, exactamente como se usa em algumas ocasiões para com a *ganharía*.

que tratou, nem que a ele lhe custe os olhos da cara. Que não custará, por que sua gente é a escolha lá dos sítios. São «foices» valentes, de levar tudo razo, das de não haver *pão* que as sustenha, das que *ategam* firmes até ao cabo, sem *acuarem* uma hora. Gente de primeira, que nem ele arranjava outra, para crédito e fama das suas barbas honradas...

Os factos subsequentes nem sempre correspondem às afirmativas do homem.

.....

Nos anos de boas colheitas, em que escasseiam os braços, algumas *camaradas* — aliás poucas — quebram o ajuste, indo oferecer-se a outras «casas», que presumem lhes proporcionarão melhores vantagens. Nesses mesmos anos, chega a haver desavenças entre *ratinhos* e lavradores, tendo que intervir, como mediador, a autoridade administrativa. É um recurso extremo e portanto, excepcional.

Com os ajustes das pequenas ceifas não costuma haver demoras. Os que as tomam e os que as oferecem, resolvem o negócio sem preâmbulos de importância, nem referências a preços. Tácitamente, conformam-se com os estipulados e aceites nas lavouras maiores.

* * *

O pessoal da *camarada* reparte-se em tantos *cortes* quantas as searas que ajustaram. O manageiro distribui a *família* a seu capricho, e cada contingente desses segue logo para a ceifa que o chefe lhe distribuiu, capitaneando-o o respectivo *cabeceira* (manageiro do corte), também nomeado pelo outro, de acordo com o lavrador. O *cabeceira*, torna-se desde então, o imediato representante do manageiro geral, governando os *ratinhos* que lhe entregaram. No trabalho, toma lugar na ponta direita, e daí encaminha e comanda. O lado esquerdo da ponta oposta, preenche-o outro ceifeiro de confiança, a quem pertence secundar os esforços e planos do da direita, tornando-se seu substituto e auxiliar. Ganha como qualquer, à parte um *olhamento* de cinco ou dez tostões, que o lavrador lhe queira dar.

* * *

Alimentação Costuma ser à custa dos lavradores, regulada por quantidades certas (comedias), ou a «rastolho feito», isto é, por meio de comida semelhante à dos ganhões. «Boca livre», a «encher a barriga», como também se diz.

O primeiro sistema — o das comedorias — vai estando banido, e apenas se usava nas empreitadas «a moios». À cada moio ajuntado, correspondiam os *marrocates* de sete alqueires de farinha de centeio, 5 arráteis de toucinho, 5 quartilhos de azeite, 24 queijos, 1 badana e os legumes, azeitonas e vinagre que consumissem. Os sobejos e *forras* que venciam por conto, peso e medida, levavam-nos consigo para a Beira, ou, querendo, eram-lhes abonados em dinheiro pelos lavradores, mediante preço convencionado.

À parte o pão, de tudo forravam muito. Das badanas, apenas comiam duas: uma, pelo S. João, outra, no dia de Corpo de Deus. Com o azeite e toucinho, também eram parcimoniosos, poupando quanto podiam. Um jantar de legumes para vinte homens chegava a ser adubado com um quilo de toucinho, ou um decilitro de azeite! O queijo, forravam-no todo, para mimosearem as famílias.

Para suprirem semelhantes privações — aliás voluntárias — comiam grande quantidade de legumes, muito pão e muitíssimas azeitonas. No consumo do pão, alargavam-se tanto, que excediam a quantidade que ganhavam. Mas, por obediência aos usos, o lavrador não lhes descontava o excesso. Se não contassem com isso, economizá-lo-iam também.

A comida a «rastolho feito» assemelha-se à dos ganhões, durante o verão, com a diferença que, em regra, as olhas não constam de carne ensacada, nem variam de legumes. Predomina a olha de favas, alternada com a de grão de bico.

O almoço, às 7 horas da manhã, resume-se em sopas frias com cebolas e azeite refogado.

Ao meio dia, comem o jantar — olha adubada com toucinho ou azeite, conforme o dia da semana. De azeite, nas sextas e sábados; de toucinho, nos restantes dias.

À tarde, meia hora antes do sol posto, merendam o tradicional *gaspacho*, refeição frugalíssima, mas bastante apreciada em todo o Alentejo e grande parte da Espanha. O *gaspacho* dos *ratinhos* distingue-se pela excessiva quantidade de vinagre com que o preparam. Como os deixem, não há vinagre que os sacie.

Tanto aos almoços como aos jantares e às merendas, servem-se condutos de azeitonas ou queijo.

Essas são as práticas mais seguidas, posto que também haja variantes. Nas ceifas de certas lavouras, é costume melhorarem o jantar dos domingos e dias de folga, adicionando-lhes morcela ou carne de badana. E para a merenda das sextas e sábados, substitui-se o *gaspacho* por sopas de leite.

* * *

Auxiliares alentejanos Em todos os *cortes* ou *camaradas* parciais de *ratinhos*, figura um grupo de serviçais alentejanos, que se emprega exclusivamente nas lidas complementares e auxiliares da ceifa, ganhando, comendo e trabalhando por conta do lavrador. Também comem no rastolho, à parte dos *ratinhos*, comida igual ou diferente, preparada e conduzida em separado. Igualmente trabalham os mesmos dias e quase as mesmas horas que os ceifeiros, vencendo, por isso, soldada diversa da dos ganhões, como referi no *Pessoal de uma lavoura*.

Compõem o grupo, dois a quatro campónios: o *tardão*,⁽¹⁾ — homem ou rapaz que, numa besta, munida de cangalhas ou puxando a carrinho de varais,

(1) Manticieiro lhes chamam os *ratinhos*.



Os «Ratinhos» na ceifa

acarreta a comida e a água; os enrilheiradores, que *acareíam* os molhos ceifados e atados, transportando-os à mão para os montões ou rilheiros que erguem pelo rastolho, e por último, dirigindo todos, o encarregado de olhar pelo desempenho da ceifa e serviços atinentes. Pode-se considerar o representante do lavrador. Geralmente, é o guarda de herdades quem acumula e assume essas funções fiscais.

Nas ceifas, independentemente dos chefes dos *ratinhos*, torna-se necessária a vigilância assídua, enérgica e inteligente de um homem estranho aos interesses da *camarada*, que, por não participar dos seus lucros, zele pelo amo, melhor que os manageiros. Podem estes recomendar cautela e perfeição; podem mesmo repreender abusos e faltas, mas as suas recomendações não passam de fogo de vista, de armar ao efeito, sem resultado proveitoso para o dono da seara.

Lá nos rastolhos, para o trabalho ir com perfeição, só se respeitam as *ferroadas* do encarregado alentejano. Este, sim, que põe todos «a direito», aliando a prudência à energia. O que se compenetra da sua missão, cuida do seguinte: indicar, ao manageiro do *corde*, a saída que deve dar ao trabalho, de maneira que o «pão» forte e muito grado seja tombado de manhã cedo, «acudindo-lhe» pela *marzia* (orvalhada) e não durante a calma, horas em que *desbagoa* ou *des-cabeça*; instar com os *ratinhos* para que tenham cautela no aproveitamento das espigas, obrigando-os a recuarem para colherem as que lhes escaparam à foice; atender à *atada*, exigindo-a boa e firme; dirigir a enrilheiração e coibir, enfim, todos os abusos ou negligências.

.....

O *tardão* recebe ordens do encarregado e do manageiro do *corde*, mas deste somente para serviços que se correlacionem com a condução da água e da comida. Quando o vagar lho permite, coadjuva os companheiros da enrilheiração.

* * *

Nas ceifas Ceifeiros e enrilheiradores, começam a mourejar ao romper do dia ou antes, havendo luar. Aqueles, arrimam-se à labuta quase em roupas menores, sobrepondo um avental de peles que termina em safões. Os menos destemidos, vestem calças de saragoça, muito remendadas. Na cabeça, um chapeuzinho safado, e ao pescoço lenço à ligeira, como preservativa contra os raios do sol. Para se defenderem dos golpes da foice, adoptam canudos de cana aos dedos indicador, médio e anelar da mão esquerda. Também se acautelam do roço das galvelas, envolvendo o braço esquerdo em manga de peles, a que chamam *braçadeira*. Lembra a manga de alpaca, que usam os amanuenses.

.....

A *camarada* estende-se em linha e procede à ceifa, com a gente adulta. Os rapazes ficam atrás, entretidos na *atada*. Muitos, são crianças, que mal podem com os molhos que preparam. No entanto, mostram-se diligentes e lesto, talvez por temerem a censura e o castigo. Outros, ainda mais pequeninos



ocupam-se a guardar a *copa*, ⁽¹⁾ no sítio onde o pessoal pernoita, e, simultâneamente, ceifam ou fingem ceifar, nas proximidades do acampamento. Aí sòzinhos desviados dos superiores 100 ou 200 metros, não se ralam com a incumbência. Como os deixam à vontade, dormem a sua soneca.

.....

Ao nascer do sol, a *cabeceira* interrompe a ceifa, descobre-se e exclama em voz alta: — «Bendito e louvado seja o Santíssimo Sacramento!...»

Imediatamente os outros *ratinhos* tiram o chapéu, poisam as foices no ombro, juntam as mãos, e cada qual reza, em voz baixa, um Padre Nosso e uma Salvé Rainha. Os da *atada* rezam também, mas não interrompem o trabalho para não se atrazarem.

Rezadas as orações, voltam à lida com maior azáfama, até que às sete ou oito horas há segunda interrupção, por causa do almoço. Em almoçando, a faina continua com o mesmo despacho, mas aí pelas onze horas, a fadiga e o calor alquebra-os de tal maneira, que o desembaraço é menor. Alguns fraquejam tanto, que usam de manha para tomarem fôlego: — a pretexto de qualquer coisa interrompem o trabalho, erguem a cabeça e saem-se com ditos chistosos, que provocam o riso dos companheiros e lhes proporcionem parola. Assim ouvem-se-lhes dichotes, que, afinam nos seguintes tons:

— «Oh rapazes! que dizem *bocês* àquela cachopa gorducha e branquinha, que é criada lá no monte!?... *Caramba*, que se ela me quisesse, levava-a p'rá terra, ainda que fosse às *calabritas*!...»

Um dos adoutorados, observa:

— «*Bae-te* lá criatura... Fazenda daquela *nom serbe p'ra* homes como nós... As mulheres do *Lanteijo* são finas de mais p'rá gente... Mira-as bem, e verás que não lhes aparecem as canelas. Têm medo que se lhes constipem com o ar!...»

Um terceiro, confirma:

— «É' tal e qual... Capazes eram elas de irem descalças e de saia curta, pegar na rabiça do arado ou no cabo de uma enxada, de sol a sol, lá nos lameiros, amanhando os milhos e as *coibes*, como fazem as nossas companheiras...»

Ouvido este arrazoado, cada *ratinho* sai com uma nova comparação entre beiroas e alentejanas, terminando todos por conferirem a superioridade às primeiras.

A respeito de formosura e plástica, divergem as opiniões: uns, são ainda pelas beiroas, outros, pelas transtaganas, e a maior parte por umas e outras, sentindo-se perplexos a respeito de preferências.

.....

Cerca do meio dia, aparece o *tardão*, montado na besta em que transporta a comida. O quadrúpede vem ajoujado de utensílios, donde se destacam as

(1) Fato e outras roupas de abrigo.

asadas de cobre, de um brilho extraordinário, contendo o jantar dos *ratinhos*. Luzem tanto, porque, segundo o costume, foram esfregadas pelo cozinheiro, ao arredá-las do lume.

Ao avistar-se o jantar, suspendem-se as apreciações sobre o sexo frágil, e entra-se em assuntos relativos à paparoca.

— «Ora até que enfim... aí temos o *raio do mantieiro*... Queira Deus que ele traga a *comidinha* bem amanhada. Isto cá por dentro está vasio como um tambor... O homem que nasce com a sina de vir ao *Lanteijo* comer favas e *gaspachos*, no meio destes descampados, em que uma pessoa se derrete em suor, mais lhe valia morrer à nascença... Má sorte a minha, que não meteu nos cascos do sr. meu pai mandar-me a aprender a letrado ou a clérigo!... Isso é que são *bidas!*...»

— «Oh compadre, tu achas justiça direita ceifarmos nós trigo e comermos centeio?...»

— «Acho, sim. O *bocado* não é para quem o faz, é para quem o come. Não sabes tu, pateta, que o pão de trigo engasga os *lambaruços* como nós. Eu, se o comesse, atravessava-se-me na guela e depois... ou morria engasgado, ou teria de chamar o mestre barbeiro para me tirar as côdeas com um alicatel...»

Neste comenos, o manageiro anuncia o jantar, e, seguidamente, interrompe-se a ceifa para se cuidar do estômago...

.....

Janta-se à sombra da mais frondosa azinheira, ou a campo descoberto, se falta esse conforto. Os enrilheiradores, guarda e *tardão*, formam rancho à parte, próximo dos *ratinhos*.

O manageiro agarra na asada e vasa a olha nos alguidares, distribuindo-a por todos em partes iguais. Entretanto, a *camarada* divide-se em grupos, e cada um rodeia o alguidar que lhe pertence. De joelho em terra, ou assentados no rastolho, cada *ratinho* acomoda-se como pode, e, em acto consecutivo, todos passam a migar as sopas para dentro dos barranhões que receberam a olha.

O manageiro profere a frase habitual: — «Com Jesus» — e, imediatamente, homens e rapazes, tiram as colheres dos chapéus e principiam a comer.

Ao princípio o jantar corre silencioso, mas do meio em diante anima-se, mercê das frases picarescas dos que se reputam graciosos. Os do pessoal alentejano também entram no cavaco, encaminhando-o para assuntos alusivos aos costumes da Beira. Então os *ratinhos* descrevem, a seu modo, as cenas populares da vida beirã, recheando-as de petas, destinadas a iludir os do grupo transtagano. Estes, porém, não se deixam mistificar. Mal se ouvem, sorriem e mofam, como quem não engole patranhas. Os beirões, por seu turno, troçam também as costumeiras alentejanas que lhes parecem ridículas. Estabelece-se um tiroteio de piadas e epigramas, com que todos se distraem.

Nas suas divagações, é corrente os nossos patrícios perguntarem o seguinte aos da Beira:

— «É verdade vocês entregaram as suas mulheres aos abades, quando vêm para o Alentejo?»

Os *ratinhos*, que demasiado compreendem a conhecida chalaça, sorriem maliciosamente. Em regra, um dos interrogados toma a palavra e responde:

— «É verdade e mais que verdade. Eles são uns *santinhos*, e por isso, nós, quando saímos da terra, entregamos-lhes as mulheres, para que as benzam e as livrem de «maus olhados»...»

— «É a peso que os abades tomam conta delas — acrescenta outro beirão ladino. — Quando vamos de cá, levamo-las à balança... se pesam o mesmo ou menos, bem correu o negócio...»

— «E se pesam mais?» — pergunta imediatamente um alentejano.

— «Se pesam mais — responde o *ratinho* — a elas, partem-se-lhes os *canastros*, e a eles, os senhores abades, dá-se-lhes uma *coça*, valente, até deitarem pelo espinhaço a gordura dos lombos...»

Esta informação é acolhida com gargalhadas e comentários adequados, pouco respeitosos para os reverendíssimos abades.

Os rapazinhos, conquanto não compreendam bem o motivo das galhofas, vão na corrente e riem como os homens. Questão de contágio...

.....

Depois do jantar dormem a sesta — repouso de uma hora ou hora e meia, que lhes parece um segundo... Acordados pelo manageiro, esperguiçam-se e voltam a ceifar. À essa hora, o trabalho é custosíssimo, mas desempenham-no herdicamente. Por mais que lhes doa, esquecem os sofrimentos e entregam-se à empreitada, para a vencerem com vantagem. À mira nos ganhos, incute-lhes o alento que lhes faltaria sem esse incentivo. Mas o estímulo do dinheiro, avigora-lhe a coragem.

Regueiros de suor fétido encharcam-lhes os corpos afogueados e semi-nús, despertando-lhes sedes abrasadoras, que lhes escaldam o sangue e lhes queimam a língua. É ver a ansiedade com que os pobres aceitam a barrica de água, que lhes oferece o *tardão*. Com que avidez tomam a vasilha e a emborcam, esvasiando-a às goladas, passando-a de mão em mão, até a esgotarem!... A água é o seu salvatério. A sofreguidão com que a ingerem, bem o patenteia.

Mitigada a sede, ei-los a manobrar de novo, prosseguindo resolutos, como os lutadores antigos nos campos das batalhas. Poucos os igualam; ninguém os excede. Homens de ferro, com têmpera de aço não há seara opulenta que os detenha. Na alucinação da refrega, quando as ideias se lhes concentram no trabalho, só lhes ouve o passo nos *bamborraís* e o estalejar dos caules das espigas derrubadas pelos polpes das foices. E que destreza de golpes!... Aquilo é

caminhar para diante, e tombar gavelas para trás. Para trás, as gavelas, para diante, a *camarada*, que avança, que avança sempre, deixando um lastro de paveias, como campo juncado de flores, à passagem vitoriosa de um exército triunfante.

Os rapazes, coitaditos, vêm-se numa fona, a reunirem à pressa a multidão de paveias estendidas sobre o rastolho. Mal apanham e enfeixam umas, já outras os aguardam, e após estas, outras e outras, que lhes não consentem demoras. Num assopro, torcem o *negalho*, enfeixam e atam, correndo adiante, para se não atrasarem...

.....

A faina continua pela tarde fora, sob a acção asfixiante do sol, à temperatura de 40 graus, calor horroroso, agravado pela violência do serviço. Mas não importa. Os ceifeiros aguentam-se no posto e prosseguem avante, sem olharem a consequências. Alguns, pagam caro a ousadia, adquirindo moléstias graves, que os arrastam à «Santa Casa», onde nem todos se curam.

Com efeito, de verão, é importante a percentagem de doentes *ratinhos* nos hospitais alentejanos. Ninguém mais digno de dó, que essas desgraçadas criaturas. Estão ali padecendo o trabalho insano a que voluntariamente se entregaram, para melhorarem o passadio dos filhos e das mulheres. Dos filhos e das mulheres, ausentes muito longe... E, afinal, a quantos se lhes malogram os projectos, e quantos não morrem no enxergão da Misericórdia, aos empurrões do cínico enfermeiro, sem o carinho da família, rodeados de estranhos, outros padecentes humildes, de quem só ouvem queixumes!...

* * *

Quase ao pôr do sol tem lugar a merenda. Vão *gaspachar*, como diz a gente do campo. Nesse acto, repetem-se as cavaqueiras e lêem-se as cartas trazidas do correio. Que alvoroço e curiosidade a dessas ocasiões, em que recebem notícias da parentela!... As boas novas, celebram-se com sorrisos... as más, anuveiam os semblantes, marejam os olhos...

.....

Concluída a merenda, os rapazes vão dar água aos burros — animalejos de raças inferiores, que só impam de fartos durante as *assefas*. Depois de um longo período de fomes e trabalhos penosíssimos, suportados pacientemente nos frios lameiros das terras beirãs, os modestos jericos vêm ao alentejo gozar dois meses de vida folgada, comendo à franca nos abundantes rastolhos das searas, ali, ao alcance dos donos.

E ao passo que estes, os *ratinhos*, trabalham como uns negros, aqueles, os burros, encarando-os filosoficamente, zurraram e escouceiam à grande, quem sabe se por troça aos seus legítimos senhores. É possível que as asininhas criaturas se

riam lá para consigo da vida trabalhosa dos donos, que ao tempo contrasta com a deles, toda de folguedos e abastança. ⁽¹⁾

* * *

O lavrador frequenta as ceifas dos *ratinhos*, e raras são as ocasiões em que não encontra motivos de queixa. Mas, se censurar as faltas, logo os increpados se defendem, aduzindo argumentos e reflexões. E dos argumentos passam à lisonja, gabando a seara ao amo, no propósito manhoso de lhe dissiparem os despeitos. Eis as suas argúcias:

— «Não se pode apanhar todo, *senhor nosso amo*. Sempre tem de ficar alguma espiguinha. O gádinho aproveita tudo, e o senhor não perde nada.»

Se a seara é inferior, das que não permitem elogios rasgados acrescentam:

— «E fique o sr. *labrador* sabendo, que há-de colher mais do que muitos cuidam... Assim ela fosse nossa.»

Como prémio de consolação, o manageiro confirma, acrescentando:

— «Está fraquito, mas grado; pesa como chumbo!...»

Se, ao contrário, a seara é excelente, ou mesmo regular, os louvores retumbam em todas as bocas, sempre com intensões lisongeiros. Ouçamo-los:

— «Veja se *acolhe* celeiros grandes, senhor *labrador*. A falar a verdade, isto não parece trigo; parece um *canabial*! Até a gente traz os pulsos abertos! Este é do tal feroz, que faz *acuar* os valentes!»

— «Bem podia o senhor pagar-nos mais um homem, que não o pagava de graça... *Caramba* que nunca vimos coisa melhor: os rilheiros não despegam uns dos outros, as espigas de palmo e meio, e os bagos como pinhões! Uma seara assim, é um louvar a Deus!...»

— «Esta seja a mais somenos...» — observa enfaticamente o manageiro. E, voltando atrás, ceifa algumas espigas que escaparam, e exclama:

— «Haja cautela, oh rapazes. Tenham cuidado com as espigas... para se criarem, levaram tempo e dinheiro. Dinheiro como terra... que se eu o apanhasse nas unhas, comprava o melhor casal lá da nossa freguesia!... Nada de *estragamentos*, que não é esse o nosso brio. Se o rastolho for bem feito (e pisca o olho ao lavrador) o patrão paga a pinga no dia de S. João...»

A perspectiva da pinga anima todos. Um rato atrevido, volta-se para o lavrador e pergunta-lhe:

— «Nesse dia o jantar será de *grãos* e *choiriço* grosso, não é *berdade*, senhor nosso amo?...»

O lavrador sorri, e responde que efectivamente o jantar será de grãos de bico e boa morcela. Quanto ao *choiriço*, finge-se mouco.

O manageiro adverte:

— «Nesse caso, o patrão fará favor inteiro. A *badana* para a *olha* do dia

(1) Muitos destes burros são adquiridos no Alentejo, em novos, por compra dos *ratinhos* aos lavradores e ganadeiros, nas vésperas de terminarem as ceifas.

santo, mandará o sr. *labrador* escolhê-la das maiores e das mais gordas que houver no rebanho. Faça-nos isso, e verá como a rapaziada fica contente...»

O lavrador defere esta segunda pretensão, recomendando mais cautela na ceifa e menos *bandeiras* ⁽¹⁾ no rastolho.

Para corresponder ao arrazado do amo, o manageiro julga-se no dever de dirigir nova exortação à *camarada*, o que faz, mais para armar ao efeito, do que para ser atendido.

Entretanto, o sol começa a esconder-se acolá, para as bandas do poente, donde chegam ligeiras virações que, como o oásis no deserto, refrigeram suavemente aqueles corpos insolados.

Ao sopro das brisas, a seara marulha em ondulações, e os ceifeiros, beneficiados por aragens tão amenas, celebram o conforto entoando trovas beirãs... Que bem lhes sabe, aquele delicioso e fresquíssimo vento *travessio*, ⁽²⁾ ao pôr do sol das tardes de verão, em plena campina alentejana!...

.....

É noite cerrada quando os *ratinhos* largam as foices para irem descansar. É a *desapega*, como eles designam a solta do trabalho.

Ao largarem a foice, rezam as orações da tarde (um Padre Nosso e uma Avé Maria), e em contínuo estendem a *copa* no rastolho, preparando, por este meio, as camas em que tencionam dormir. Alguns metem alhos nos bolsos, para que o cheiro os preserve dos insectos.

Dormem no rastolho, na hipótese de o tempo ir quente e seco, como é próprio da estação calmosa. Às vezes, porém, não acontece assim: trovoadas medonhas, acompanhadas de chuvas torrenciais, rugem ameaçadoras, pressagiando desastres iminentes, que apavoram o pessoal.

Nesses momentos críticos, os humildes ceifeiros fogem a escape para o monte mais próximo, se porventura têm a sorte de estarem perto de um monte ou mesmo de uma choça. Não se lhes proporcionando esse precioso refúgio, envolvem-se nas mantas, e desta maneira, transidos de susto, procuram livrar-se das chuvas, arrimando-se aos penedos e às árvores — abrigos insuficientes, de onde sempre saem mais ou menos molhados.

E nessas horas tremendas, em que fuzila o relâmpago e ribomba o trovão, eles procuram amparo na misericórdia divina, que imploram com fervor, já cantando o *Bendito e louvado*, já rezando a *Magnífica* e outras orações.

Volvida a bonança, a coragem anima de novo aquela pobre gente, que — diga-se de passagem — sofre menos com as fadigas da ceifa, do que com as inclemências da estação. Estas sim, que os mortificam a valer: ontem, era o calor asfixiante dum sol tropical; hoje, os aguaceiros violentíssimos de uma trovada de respeito. E na madrugada de amanhã, ao darem princípio ao seu

(1) Chamam-se *bandeiras* às espigas que escapam ao golpe da foice e que, portanto, ficam superiores ao corte do rastolho.

(2) No Alentejo, chama-se *travessio* ao vento do poente e noroeste, como se designa por *suão*, o do nascente, e *peço*, o do sul. O *travessio*, predomina nas tardes de verão.

labor quotidiano, embrenhar-se-ão pelos rastolhos assás úmidos, pondo-se numa lástima tal, que dá dó vê-los repassados até por cima dos joelhos, com as ceroulas coladas às pernas, a escorrer-lhes a água pelos sapatos!

Pois, apesar de saberem que permanecerão neste mísero estado enquanto durar a orvalhada, não desistem do seu intento: — com mais ou menos custo, continuarão a ceifar a ceara — sempre na ideia fixa de se aproximarem do dia memorável em que as suas foices luzentes irão aos ares, como testemunho de regozijo, pelo vencimento da empreitada...

* * *

Afinal, concluíram-se as ceifas — as *assêfas*, como vulgarmente se diz. Os manageiros dos diferentes *cortes*, receberam dos lavradores as importâncias das empreitadas respectivas, na presença do manageiro chefe da *camarada*.

Um e outros igualmente embolsam as costumadas gorjetas que, em regra, reputam exígua recompensa aos seus importantes serviços. Isto é o que eles dizem, em frases lamuriantes e sentimentais. Os amos pensam exactamente o contrário: — persuadem-se que foram demasiado generosos, por entenderem que podiam ter sido mais bem servidos.

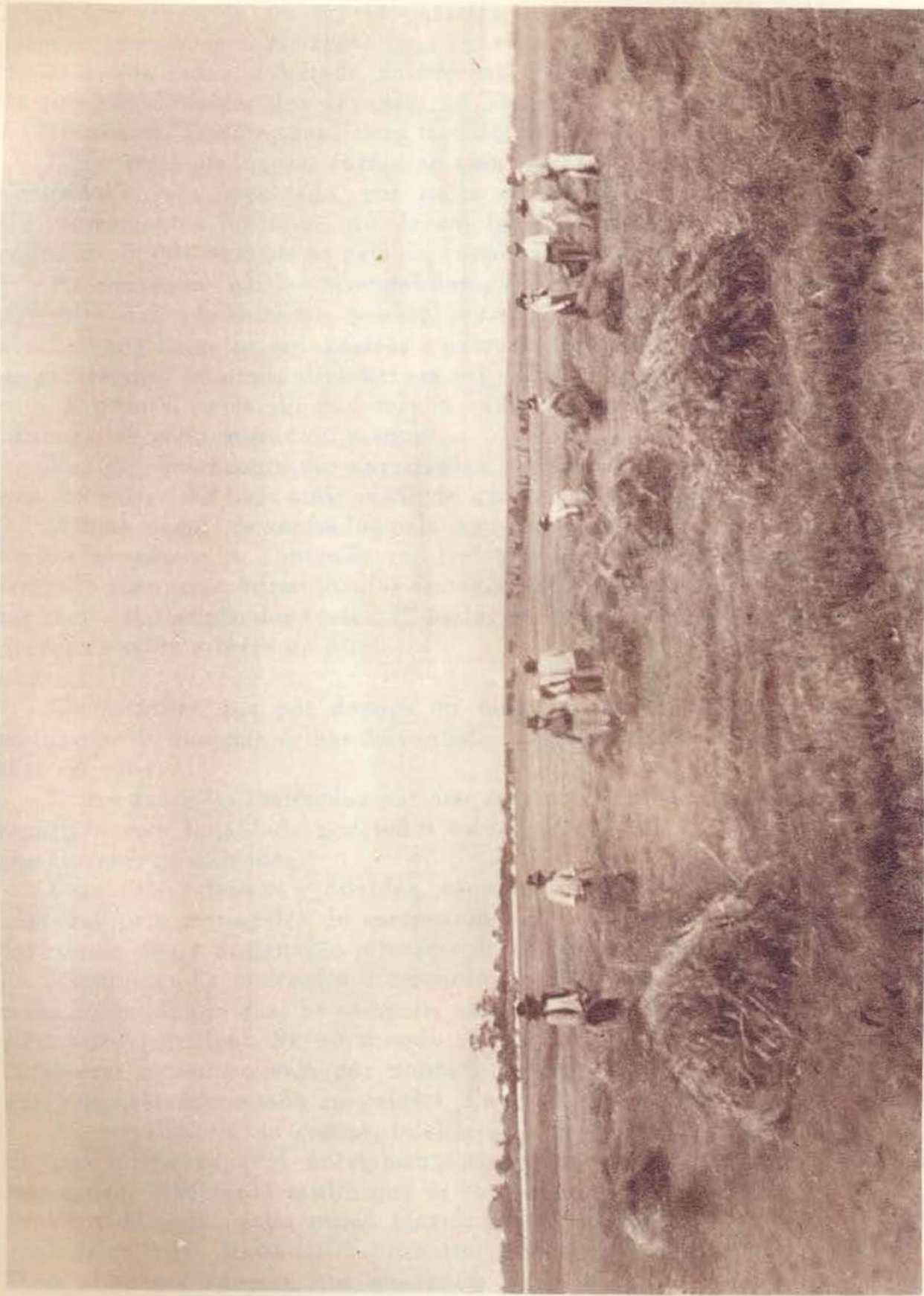
De resto, todos se conformam, e melhor ainda os gratificados, se o lavrador lhes adoça a boca com um presentito de queijos, ou com a venda barata de um *burraco* reles.

.....
No dia aprasado pelo manageiro em chefe, a *camarada* reúne-se de novo nas cercanias da povoação mais a geito e é aí que se fazem as contas gerais. Eis o processo:

Estende-se uma manta no chão, e, imediatamente, os manageiros dos *cortes* vão aí depondo as quantias ganhas pelas suas respectivas *maltas*, reunindo assim a soma vencida por todo o pessoal.

Seguidamente, os interessados que sabem escrever, constituem-se em comissão fiscal para verificar a importância amontoada, e rever a exactidão das operações aritméticas que hajam de fazer-se, por efeito de rateios e descontos — operações incumbidas a um rapaz, forte em números, mas que se não aceitam como boas e certas, sem primeiro serem conferidas pelos outros da comissão. Estes mesmo, só se convencem da exactidão dos seus algarismos, submetendo-os à prova dos nove meia dúzia de vezes, sem nunca lhes sair errada. E ainda assim, para que não fiquem sombras de dúvida, os mais desconfiados e incrédulos, propõem a prova real, como de maior confiança e menos falível. Mas, em regra, esse alvitre não é aceite. Segundo o parecer da maioria, a prova dos nove não falha, graças ao «bom sentido» dos que a *enzeminam*, e às «contas de cabeça», simultâneamente feitas pelos melhores calculistas, e que jogam certo com as dos números à pena.

Com semelhantes minudências e cautelas, a importância total reunida em



Enrilheirando o cereal

montão, é repartida em tantas parcelas quantos os indivíduos da *camarada*. Depois, procede-se à *joeiração*, que consiste em tirar de cada montículo, destinados a cada rapaz, a metade, dois terços, três quartos ou mais, da importância do quinhão. Se além dos rapazes, há homens de notória inferioridade como trabalhadores, os quinhões destes também são dizimados.

Com estas deduções, forma-se uma verba especial, para se repartir em separado e com igualdade, por todos os adultos que «sairam por inteiro». Os *joeiramentos* fazem-se, ou devem fazer-se, segundo a inaptidão dos *joeirados*, depois de ouvidos os pais ou outros parentes que os tutelam.

As contendas azedas acompanham, em certos casos, as classificações sobre o mérito dos adolescentes, pois ao passo que os seus superiores os equiparam aos homens bons, os manageiros e os que não têm cachopos na *camarada*, são de parecer inteiramente diverso: em sua opinião, os rapazinhos ficam bem pagos com a quinta parte do que toca a cada homem. E para alguns, qualquer ninharia de meia moeda ou menos!...

Em tão desencontradas apreciações, o exagero de todos é evidente, embora nas dos primeiros haja mais razão do que nas dos últimos.

Afinal, depois de repisados pela centésima vez os argumentos capciosos de ambas as partes, a contenda resolve-se, ficando vencido o que pugna pelo *joeirado* que nestas, questiúnculas é o mais fraco, e que portanto terá de se aguentar com a imposição dos fortes. E' assim em todas as coisas. O direito da força, prevalece sobre a força do direito.

.....

Os *ratinhos* que por doença ou outra causa justificada perderam dias, meios dias ou *quarteis*, é-lhes descontado esse tempo, das verbas que lhess couberam em rateio.

E das deduções realizadas por esse motivo reúne-se uma nova soma, que é repartida com igualdade por todos os ceifeiros adultos, incluindo os próprios que sofreram o desconto.

Para evitar lapsos e dúvidas, as perdas referidas foram oportunamente anotadas pelo manageiro do *corte* num caderno especial, que aparece no acto das contas com a designação pitoresca de *rol das perdizes*.

Resolvidas as *joeirações* e descontos de dias perdidos, cada *ratinho* toma posse do dividendo que lhe compete, pagando imediatamente os doze vintens ao manageiro principal. Se ao mesmo devem algum *biquinho*, igualmente lho satisfazem então, ou seja por vontade própria, ou por advertência do credor, que, como escaramentado em calotes, é avesso a moratórias.

Ao terminarem as contas, celebra-se o fausto acontecimento com libações de uma pinga razoável, previamente comprada na taberna recomendada pelo manageiro. Não tarda muito que se conheçam os efeitos do vinho. Meia hora depois, tudo aquilo anda numa alegria doida, manifestada por mil maneiras, qual delas mais sintomática: cantam, gritam, tocam, bailam, choram, etc. Uma algazarra enorme, que ensurdece quem a ouve. E tudo isso é lógico.

Os vapores alcoólicos, e a ideia de estarem de marcha para a terra natal, com as notas no bolso, produzem sensações demasiado fortes para as gozarem à calada.

* * *

No dia imediato ao das contas, efectua-se a partida para a Beira, a pé e em burros, por uns, e no caminho de ferro por outros. Estes, querendo economizar, caminham algumas léguas a pé, já embarcando na estação imediata à mais próxima do ponto de partida, já apeando-se a considerável distância do termo da viagem.

Lá nas suas localidades, todos são esperados ansiosamente pelas mães, pelas esposas e pelos filhos. Todos lhes celebram o regresso indo esperá-los ao caminho, numa iminência vizinha da estrada, de onde os possam lobrigar ao largo. E ao avistarem-nos no cume do outeiro mais distante, os gritos de júbilo ecoam por aqueles serros fora, de mistura com as girândolas de foguetes, de que, em estes sucessivos, anunciam aos casais vizinhos, a chegada feliz dos laboriosos emigrantes.





VII

FORÇOSO é confessá-lo. Na alfaiaria agrícola do Alto Alentejo, sobretudo nos campos de pequeno grangeio, persistem todos os instrumentos da lavoura antiga, que se conservam e usam por efeito de tradições arreigadas, uns, pelas condições geológicas de algumas zonas, outros, e muitos por circunstâncias de ordem económica, nem sempre justificadas, mas facilmente compreensíveis.

Como quer que seja, e não discutindo os prós e contras de semelhante apego, é indubitável, que, sem se banirem em absoluto os velhos instrumentos agrários, uma evolução lenta, mas criteriosa, vai introduzindo e generalizando muitas alfaias modernas, das melhores que as indústrias mecânicas fornecem à agricultura.

O ferro lanceolado do arado romano, que lavra o solo, na ocasião das sementeiras, alterna com as relhas das charruas que preparam o alqueive; o ronçeiro o gemebundo carro manchego, de origem remotíssima, arrastando-se pelas estradas ao impulso de pachorrentos bois, desvia-se da sua directriz para dar passagem à potente e resfolegante viadora a vapor; os toscos arneiros de pele de porco, com que os nossos avós joeiravam os cereais, cederam o lugar a ótimos crivos de metal; os carros de muares, mais completos e melhor acabados que os de há trinta anos, sustentando bojudas e gigantescas redes de palha a granel, cruzam-se com outros, com o triplo do mesmo género, em fardos, que a prensa mecânica comprimiu em alguns segundos, poupando espaço e tempo; a gadanha simples, braçal, começa a ser batida pela gadanhadeira puxada por quadrúpedes; as ceifeiras tentam suplantar e avantajar-se às foices manuais, e embora o não consigam por enquanto, é possível que num futuro quiçá breve, novos aperfeiçoamentos lhes conquistem o triunfo; o arcaico e ferrugento caldeiro, preso a corda de junça, para a tiragem da água nos poços, vai sendo

substituído por bombas cómodas, perfeitíssimas; os ancinhos, forquilhas e forcados, de acabamento rústico, baralham-se com similares superiores de aço e ferro; e por último, como contraste frisante e sintomático, os estalos dos açoites estimulando as cobras de éguas nas suas voltas donairosas pelos calcadouros de trigo, e os ecos dos manguais, batendo firmes nas camadas do centeio, são abafados pelos silvos e roncós das locomóveis e debulhadoras que, a dois passos de distância, laboram em igual mister, num afã assombroso, inacreditável há cem anos.

Sem dúvida que tudo isto é pouco, comparativamente com os espantosos progressos e aplicações em voga nos países adiantados. Mas quem viu a lavoura do concelho de Elvas há meio século e hoje repara nos aperfeiçoamentos introduzidos desde então na sua alfaiaria, tem de convencer-se que relativamente muito se tem avançado, e que por consequência os lavradores são menos rotineiros do que pretendem os seus detratores. Deixemo-nos, porém, de divagações e vamos ao objecto principal do capítulo — a descrição sumária dos instrumentos da lavoura e acessórios. Seguirei a ordem alfabética, que se me afigura a melhor para o efeito de compilação e compulsão.

* * *

Aguilhadas Varas de castanho com que se guiam as juntas de bois, tendo na ponta um pequenino aguilhão, com que se estimulam os animais, e no cabo uma pá de ferro — a *arrilhada* — para limpar o arado das raízes e da terra que se lhe acumulam entre as *aivecas* e o *mexilho*.

As aguilhadas vendem-se aos feixes de 25 varas nas estâncias de Portalegre e nas feiras do outono.

Aguilhão V. *aguilhadas*.

Agulhas Peças de madeira que seguram o eixo do carro manchego.

Aivecas Apêndices de madeira, do arado, em forma de orelha, pregadas obliquamente nas faces laterais do *dente*, próximo do ferro. Duas em cada arado, servem para alargar o rego e desviarem a terra do sulco aberto. Gastam-se e partem-se muito no centro, sendo necessário renová-las com frequência no próprio local da lavrada. O *abegão* é a entidade que procede a esses reparos, com o auxílio do ferramental, que o acompanha.

Alcofas Empregam-se de todos os tamanhos para diversos fins, e mórmente para nelas se dar a ração de palha e farinha aos bois nas lavouras de singelo, à hora da merenda, ao meio dia. Compram-se nas feiras, fazendo parte dos utensílios de palma, que se conhecem pela designação comum de *Algarve*, em virtude da sua procedência algarvia. Nas feiras, quem precisa comprar alcofas, golpelhas, esteirões, etc., diz: — «Vou comprar *algarve*». E depois comenta: — «O *algarve* está por tal ou tal preço...», etc.

Alqueirão A medida do alqueire. Posto que esteja proibida para medições de compra e venda, emprega-se de preferência ao decalitro, para uso particular, por ter configuração mais cômoda para o medidor.

Alteza Vasilha grande, de madeira, onde se amassa o pão, principalmente o de centeio — *marrocate* — e as *perrumas*. Para estas, há uma *alteza* exclusiva.

Alvião Ferramenta de ferro e cabo de pau, com que se arranca a cepa do mato.

Ancinhos Utensílios de madeira uns e outros de ferro forjado ou fundido, de diversas dimensões, em feitiço de pente, com maior ou menor número de dentes. Empregam-se nas debulhas dos cereais, principalmente nas eiras em que se trabalha pelos processos antigos, já para arrastar a palha do solo, já na limpeza do grão, extraíndo-lhe os cachos e vários corpos estranhos.

Apeiro Peça de couro, que serve nas cangas para apoio e sustento da ponta do arado ou da vara do carro. É feito de uma tira larga e comprida de couro de boi, umedecida previamente, cujas extremidades ligam uma à outra por costura de pequenas correias. Depois, é surrado e *amaciado* ⁽¹⁾ com muita pancada e roços, seguidos de unturas com borras de azeite, passando logo a uso para adquirir as *quedas* próprias, que não mais perde em se amoldando ao serviço.

Arado O instrumento mais simbólico e característico da lavoura alentejana. E' construído com madeira de azinho, sobro, freixo ou mosqueiro, preparado a machado e a enxó, reunindo também vários acessórios de ferro, adiante mencionados. Salvo pequenas modificações, conserva a feição antiquíssima que lhe davam os romanos. Mas não é o arado primitivo, como geralmente se diz. ⁽²⁾

Movido por uma junta de bois ou parelha de muares, de cavalares ou de asininos, ⁽³⁾ lavra a terra, preparando-a para as culturas cerealíferas e leguminosas. O arado alentejano, vulgaríssimo, compõe-se principalmente de quatro peças essenciais: *rabanejo* (rabiça), *dente*, *garganta* e *ponta*. As primeiras duas, depois de unidas por uma viela de ferro e dois *tarugos* de pau, formam a pri-

(1) Os *apeiros* e outros, de correame de couro cru, usado no gado bovino, como *brochas*, *tiradeiras*, etc., são *amaciados* ou *sorados* pelos *ganhões* de lavoura, às horas vagas, por impedimento de chuvas ou qualquer outra circunstância. O *abegão* talha e cose a *apeira*; os *ganhões* *surraram-na*.

(2) O arado primitivo era uma vara com um gancho no extremo. Servia o gancho de *relha*, o cabo de pau representava o *temão*.

Quando o homem domou o cavalo e o boi, adoptou à *relha* um cabo ou *rabiça* para que lhe fosse mais fácil o dirigi-la e utilizou a força dos animais para dar movimento à máquina. Mais tarde, quando, em vez de madeira e de pedra, se começou a fazer uso do ferro, o trabalho do lavrador aperfeiçoou-se singularmente.

Teófilo Braga. *O povo português nos seus costumes, crenças e tradições*. Esta nota, e outras de semelhante natureza que tenciono reproduzir, constituem uma interessante colecção de Notas Agrícolas que o sr. António Pires publicou no jornal *O Elvense* a propósito da Exposição Agrícola do concelho de Elvas, em setembro de 1892.

(3) Os cavalos e jumentos só muito excepcionalmente se empregam em serviços de arado. Com jumentos só lavram alguns seareiros dos mais pobres. A maioria também lavra com muares.

meira parte, a que geralmente também se chama *arado*,⁽¹⁾ embora o não seja no rigoroso sentido da palavra. A *garganta* e a *ponta*, ligadas pelo processo acima dito, compõem a segunda parte, que tem o nome de *timão* ou *temão*. Como já disse, o *rabanejo* e o *dente* empalmam-se com dois *tarugos* e a correspondente *viela*. Adiante do empalme, próximo do *couce* ou rectângulo que lhe dá a configuração, o *dente* apresenta uma pequena concavidade, que recebe a *espiga* da *garganta*, tendo posteriormente mais dois orifícios em direcção oposta: o primeiro, perpendicular, por onde se introduz o sustentáculo do *timão* — uma barra de ferro chamada *teiró*, alçada a meio metro; o segundo, transversal, em que se aloja o *mexilho* — espécie de gancho de ferro que, por sua vez, ampara as *aivecas*, pregadas em baixo, próximos do *ferro* de lavar.

O *ferro*, de feitio lanceolado, encaixa no *dente* à força de pancadas sobre o *bico* e nos *polegares* ou *azelhas* com que emoldura ao arado.

O *rabanejo* tem em cima, na parte inferior, a cavidade denominada *mãozeira*, para o *ganhão* se apoiar quando lava.

Já disse que o *timão* constitui a segunda parte essencial do arado completo, compondo-se, repito, da *garganta* e da *ponta*. A *garganta*, de configuração *arqueada*, com uma abertura perpendicular no dorso para encaixe e sujeição da *teiró*, recebe na extremidade dianteira a *ponta* ou peça final. Esta, sobreposta à *garganta*, como acabo de dizer, limita-se a um pau direito, com quatro buracos no extremo, para, em qualquer deles, entrar a *chavelha* que prende o arado ao *tamoeiro* e à *canga*.

O *timão*, *enteicha* (engata) nas restantes peças, encaixando a *espiga* na concavidade do arado, junto ao *couce*, ao mesmo tempo que a *teiró* se lhe introduz pela fenda que o atravessa. A qual *teiró* é apertada depois com uma *cunha* de chanfro, voltada para a esquerda, que se chama *pescás*. Esta *cunha* desloca-se facilmente, elevando-se ou baixando-se conforme se quer *temperar* o arado, para ficar *aberto* ou *serrado*. O acto de montar o arado chama-se *enteichar*, bem como se denomina *enteichadura* o seu completo conjunto, desde que o acompanhem os pertences indispensáveis, a *aguilhada*, *canga*, *apeiro*, *brochas* e *corneiras*.

O arado chama-se *caneleiro*, quando o *rabanejo* fica relativamente alto e o *dente* com pouca inclinação. Apresentando aspecto contrário, denomina-se *escouçado*.

O *timão* é *abafadiço*, se tem pouco desenvolvimento a sua curvatura, considerando-se *arcado* na hipótese inversa.

(1) O termo de — arado — além da significação vulgar, aplica-se também ao conjunto do *rabanejo* e *dente*, e num sentido mais restrito, como denominação da última das duas peças referidas. Assim, por ocasião dos *cortes* nos *matos*, e no preparo das *madeiras* — os pedaços de lenha com que se fazem os *dentes* para *enteichaduras*, sempre se lhes chamam *arados* e como tais se consideram geralmente.

Na apreciação da importância de uma lavoura, ou em determinadas alusões, é frequente dizer-se: — «O lavrador Fulano deita tantos *arados*...» — «Os *arados* de Síciano andam em tal parte...» — «Hoje nos *arados* deu-se este ou aquele caso...» De onde se conclui que o termo em questão também se emprega para designar as *juntas* e *homens* que trabalham na lavoura.

Armas As peças com que se arma a gadanha vulgar. — Coleira de ferro, articulada, provida de *jargunchos* mui agudos, com que se *armam* os cães rafeiros dos rebanhos para lutarem vantajosamente com os lobos. A coleira de *jargunchos* nos cães de gado, torna-os mais corajosos, não temendo os ataques das feras, antes acometendo-os com valentia e denodo. O instinto revela-lhes o valor e a importância de semelhante defesa, que eles mostram compreender, sacudindo ufanos a sua temível armadura.

Arneiro Nome por que vulgarmente se mencionam todo o género de crivos e joeiradores, para limpeza de cereais e legumes. Antigamente, os arneiros empregados eram manuais, de fabrico tosco, com aros de madeira e fundo de peles. Depois, passaram a usar-se os de lata, de idêntica configuração, e mais tarde vieram os de arame, uns de manivela e cilindro, rotativos; outros, em forma de siranda. E' escusado acentuar a superioridade de todos estes sobre os antigos.

O mais perfeito dos joeiradores modernos usados no concelho de Elvas, é o crivo Margot, que só tem o inconveniente de dar pouco rendimento, encarecendo portanto a joeiração.

Arreios V. *Aprestos de cavalgadura*.

Arrilhada Pá de ferro no cabo das aguilhadas, com que se guiam as juntas da lavoura.

Asadas Pannels muito grandes, de lata, de ferro ou de cobre, que de todos estes materiais as há em abundância nas lavouras grandes e pequenas. As melhores e mais caras — as de cobre — além de servirem para o preparo e condução de comida, constituem também objecto de ornamentação das cozinhas e casas de entrada dos montes, o que já notei noutra lugar. Enquanto que as de uso ordinário se mascarram e esfregam todos os dias, as de reserva ostentam-se resplandecentes nas prateleiras e *guirlandas*, misturadas com o restante cobre e arame.

Nos começos do verão os caldeireiros aparecem nos montes para estanharem o interior das asadas que precisam desse preparo, e para venderem outras novas, o que por vezes conseguem, graças à predilecção da lavradora por semelhantes utensílios. As asadas de lata applicam-se principalmente para aquecer água e coagular o leite.

Azeiteiros Chavelhos grandes de bovinos, munidos de rolhas, onde se transporta azeite e vinagre para avios de ganhões e ganadeiros. Em todas as lavouras há abundante sortimento destas vasilhas.

Azorrague Correia comprida, presa a um cabo com argola e chocalhinho. Serve para enxotar galinhas, cães, etc., e também para ser experimentado pelos garotos, como correctivo de travessuras.

Balamedes Toda a casta de utensílios de lavoura e outros de uso doméstico, de feitio tosco, incluindo bagagens reles, que hajam de transportar-se ou remover-se. É termo de calão, mas muito usado.

Balde Forquilha grande, de madeira, com que se baldeia a palha das eiras para as almenaras e carros armados com redes.

Baleios Pequenas vassouras de palha, de giesta ou de outros arbustos, com que nas eiras se varre, ao de leve, o grão *desempalhagado* e reunido em *pelas* ou em montões, para se limpar definitivamente com auxílio das pás.

Banca Mesa comprida e estreita, onde come a ganharia. — *Barreleira* para o fabrico do queijo.

Barquino Pele de chibo em forma de odre, para vasilha de água fresca, no verão, que os ganadeiros preparam com apuro para seu uso e de estranhos, a quem os vendem ou oferecem.

Barranhões Alguidares de lata, de cobre ou de barro, para as necessidades da cozinha e para receberem a comida.

Barreleira Banca de madeira de uns 2^m,20 de comprimento por 0^m,50 de largo, para o fabrico de queijo. Em cada lavoura costuma haver duas: uma para o queijo das ovelhas, e outra para o das cabras. Também as há de pedra, mas a experiência demonstra serem preferíveis as de madeira.

Barricas Das pequenas, de capacidade para quinze a vinte litros, usam-se como vasilhas de água para os ganhões, no campo. Das grandes, de duzentos litros ou mais, vê-se uma, pelo menos, no pátio de cada monte, colocada em carro apropriado, onde se transporta a água para o gasto diário.

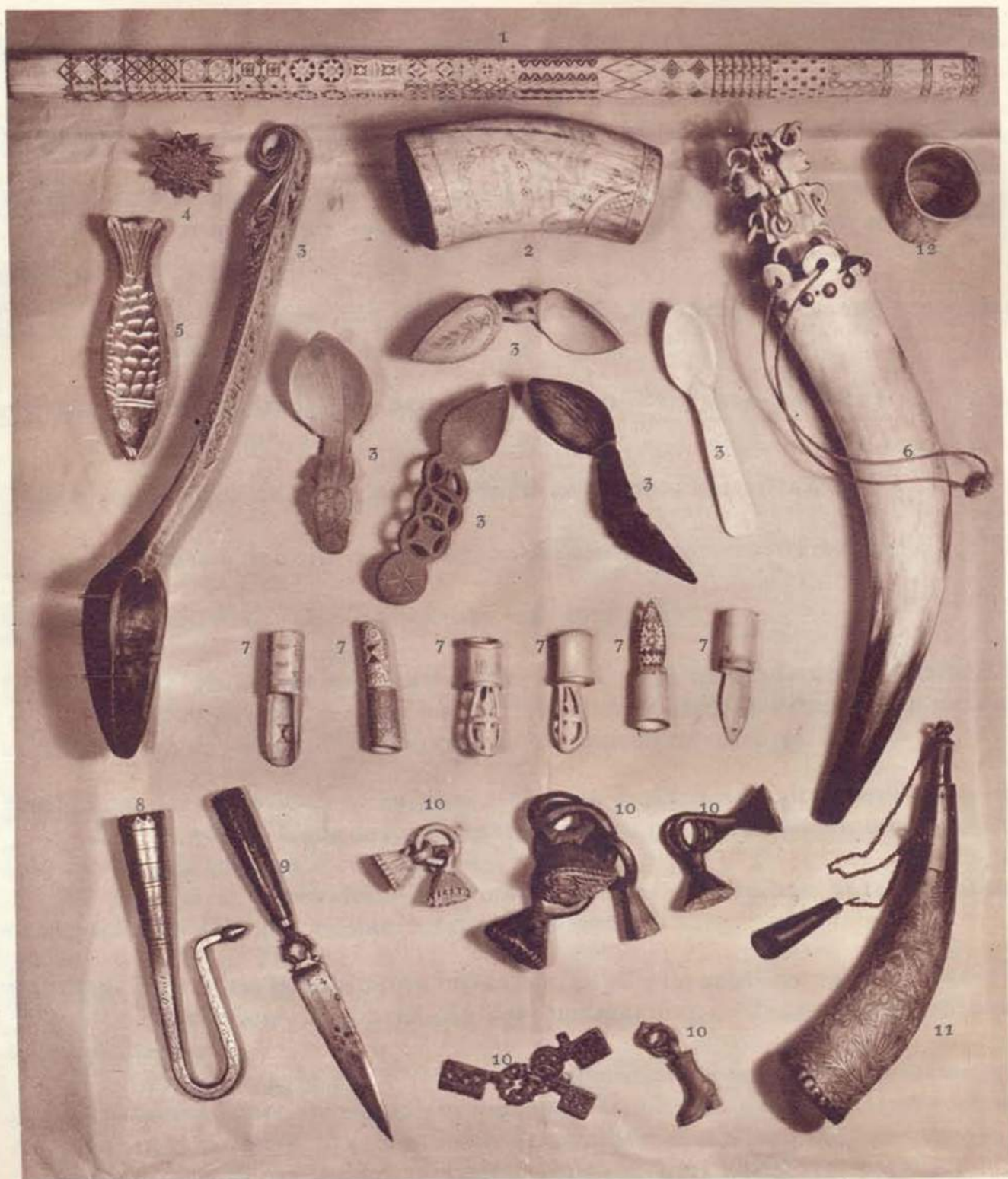
Barris Vasilhame de lata para azeite, que modernamente se têm introduzido em substituição dos odres. — Pequenas vasilhas de barro para água.

Belga V. *Jangada*.

Bocins Argolas de ferro no interior das *massas* dos carros, em volta dos buracos por onde se alojam as pontas do eixo.

Boquilhas Acessório de ferro, sobreposto nas *massas* das rodas para as resguardar, bem como as pontas do eixo e outros pertences.

Borlandejas Argolas que se empregam entre as *tornejas* e os *bocins* das rodas dos carros de muares.



ARTE POPULAR ALENTEJANA

1 - O Pendão de festeiro; 2 - Corna; 3 - Colher; 4 - Botão; 5 - Prisão para fazer meia ao ombro; 6 - Azeiteiro; 7 - Canudos da ceifa; 8 - Gravato; 9 - Faca das matanças; 10 - Chavões; 11 - Polvarinho com medida para a pólvora; 12 - Copo de chifre

Borlandões Argolões colocados nos eixos dos carro, entre os *limões* e as *massas*.

Bota-fogo Gancho de ferro, com que se bota lume nas queimadas e roças.

Brazão Argola pregada na canga dos bois para substituir o *apeiro* de couro. Esta substituição considera-se desvantajosa, e por isso está sendo pouco usada.

Brochas Correias tecidas, de couro cru, que se prendem aos *cangalhos* para segurarem os bois à canga.

Burros Tripeças rústicas de azinho e sobro, que os ganhões preparam para seus assentos.

Cabanejos Cestos de verga para a condução de pão, hortaliças, etc.

Cacheira Cajado, de volta muito pronunciada, com a correspondente cachaporra.

Cacheiro O mesmo que o precedente, mas sem volta.

Caixotes De pinho, de diferentes dimensões, para arrecadação de farinhas, legumes, sal, etc. Antes, as farinhas e legumes depositavam-se em sacas grandes, de palma do Algarve, não se usando os caixotes.

Caldeiros De ferro ou de folha, para a tiragem da água nos poços, com o auxílio de corda. Cada lavoura gasta por ano muitos caldeiros, metendo em conta os que se perdem e os furtados.

Os ganadeiros aproveitam-nos como caçarolas e marmitas, para preparo e transporte dos almoços e ceias, à falta de tarros.

Cancelas De feitio portátil, compostas com pegões de azinho e varas *terísias* ⁽¹⁾, destinam-se à construção dos *apriscos* das ovelhas e dos bardos de todos os lanígeros.

Cada cancela regula por $3^m,75 \times 1^m,00$, constando de dois pegões ligados por quatro *varelas* e duas travessas em diagonal. Um bardo de sofrível capacidade carece de 24 cancelas. As dos redis de ovelhas recém-paridas no outono e inverno, costumam ser tecidas com giesta, para melhor abrigarem o gado.

Cangas Adoptam-se dois tipos: um, exclusivo para bestas e cavalgadas; outro, para bovinos. A canga de muares, de madeira de azinho, compõe-se de três peças, que formam três curvaturas, das quais se chamam *suadou-*

(1) Chamam-se *terísias* aos paus de castanho serrados de alto a baixo, em duas *varelas*, para se applicarem no fabrico de cancelas.

ros as duas extremas, que recebem os *cangalhos* e que assentam nos *burnis*, assim como se denomina *meio* a do centro, onde se coloca o *apeiro* para engate do *chavelhão*. Ligam a canga aos *burnis*, colocados sobre o pescoço das bestas, duas *tiradeiras*, ou *barrigueiras* que vão atar na cabeça dos *cangalhos*.

A canga dos bois, de procedência análoga à das mulas, limita-se a uma travessa direita, quatro *cangalhos* de madeira, e três *castelos* ou pequenos paus erguidos ao centro, para, entres eles, ficar o *apeiro*. Algumas, em vez dos *castelos*, têm dois chanfros, e outras um argolão de ferro, dependurado — o *brazão*, que supre o *apeiro*. Os *cangalhos*, apresentam em baixo duas mossas para, em qualquer delas, abotoar a *brocha*. As *brochas* e as *corneiras* são os únicos objectos que prendem os bois à canga.

Cangalhas Engradamento de madeira e correntes de ferro, para nas bestas com albarda se transportarem cântaros, pequenas barricas ou asadas. Usam-se principalmente na condução de água, leite e comida, em vasilhas que se adaptem ao engradado.

Cangalhos Peças das cangas.

Cangão Pequena canga, apropriada a um só animal, que puxe carrinho ou arado de varais.

Canços Esteiras de canas ou engradamentos de ripa para *enxuga* do queijo, ou depósitos de pão de centeio e de *perrumas*.

Cântaros Usam-se de barro, de lata e de cobre. Os de cobre, como vasilhas para água, existiam antigamente em todas as «casas» grandes, e ainda hoje persistem em algumas, recomendando-se pela solidez e duração.

CARROS

Os carros empregados nas lavouras, constam de quatro tipos: carro alentejano, de uso comum, para muares; carreta; carro manchego, para bois, e carrinho de varais, para uma besta.

Todos se compõem de quatro peças principais: — *leito*, eixo e duas rodas, peças que se constituem com outras subsidiárias, adiante referidas, umas de madeira de diferentes qualidades, predominando o azinho e o sobro; outras de ferro, como é vulgar em todo o país.

Carro alentejano, de uso comum É o melhor e mais completo, apesar de ser exclusivamente puxado por muares.

Gira sobre duas rodas grandes, diâmetro de 1^m,50 a 1^m,55, tendo cada uma 12, 14 ou 16 raios, a *massa* e as correspondentes *pinas*, bem como um ar expesso, com o pezo de 60 kilos, aproximadamente.

As rodas prendem ao eixo por dois pregos curvos — as *tornejas* — que o atravessam nas pontas, impedindo a deslocação, e ainda por duas argolas, denominadas *borlandejas*.

Sobre o eixo ⁽¹⁾ firma o leito, composto com a *perítica*, *limões*, *travessas*, *taboado* e *taleiras*. Mede na base, isto é, da *taleira* da frente à da retaguarda, uns $2^m,55 \times 1^m,15$.

A *perítica* sustenta todo o embarrotado, prolongando-se dois metros para a frente, como vara de engate, e quinze centímetros para trás, a formar o *rabicho*, simples ornato, sem nenhuma aplicação.

As *travessas*, passando através da *perítica* e dos *limões*, formam o viga-mento que sustenta o taboado. Dos dois *limões* — barrotes de quatro faces, paralelos à *perítica*, tendo de permeio as tábuas — erguem-se os fueiros do engradado, para resguardo dos volumes a transportar.

Cada engradamento consta de oito a dez fueiros ⁽²⁾ direitos, de 65 a 70 centímetros de altura, harmònicamente distanciados e introduzidos nos furos do tendal e nos da face superior do *limão*.

Os *tendais* restringem-se a dois paus roliços de castanho, colocados horizontalmente nas pontas dos fueiros, e por entre os orifícios de que são providos para esse efeito, afim de lhes darem coesão e solidez. E, em muitos carros, as extremidades dos *tendais*, na traseira, são encimadas e ligadas por uma travessa de meia volta — a *ponte* — que se lhes sobrepõe e atarracha para reforço e ornato.

O leito monta, como disse, sobre o eixo, segurando-o dois espigões de ferro — os *mata-bois* — que se tiram e põem a pancadas de martelo, armandô-se e desarmando-se com extrema facilidade.

O carro de muares, sendo, como é, o mais adoptado para o transporte de géneros e materiais diversíssimos, cujo alojamento demanda *carrego* de configuração e preparo variado — modifica-se-lhe o engradado do leito, consoante à natureza e volume da carrada. ⁽³⁾ Para lenhas e outros artigos encaixotados ou ensacados, basta a enfueiradura ordinária e as cordas chamadas «de carregar». Para a palha a granel, empregam-se fueiros e travessas especiais, muitíssimo altos, de onde pendem redes enormes de linho ou de junça, que, desde a altura de três metros, apanham todo o corpo do carro, terminando na dianteira e retaguarda por duas grandes e bojudas bolsas, a quase rojarem pelo chão.

Nos acarretos das searas em rama e nos dos fenos, reforça-se a enfueiradura usual com quatro fueiros altos e ponteagudos, que se introduzem nos *gatos* da face exterior dos *limões*.

Para a remoção de terras, estrumes e todos os objectos susceptíveis de

(1) Até há poucos anos, os eixos dos carros de muares eram todos de madeira de azinho, sobre, mosqueiro ou freixo. Mas de há anos para cá, vai-se introduzindo o sistema de eixos de ferro, posto que em muitas lavouras ainda subsiste o uso antigo.

(2) Os fueiros costumam ser de madeira, excepto os quatro das extremidades que, em geral, são de ferro, atarrachados ao tendal, e embutidos nas *taleiras*.

(3) Volumes diversos, conforme o artigo que compõe a carrada. As de lenha, cereais em rama e fenos são sempre muito altas de configuração piramidal.

cairem pelos flancos dos fueiros, usam-se os *taipais*, que transformam o leito numa verdadeira caixa, de capacidade aproximada a um metro cúbico. Dois dos *taipais* encostam às enfueiraduras, vedando-as em todo o comprimento e altura; os outros dois — as comportas — resguardam a frente e a traseira.

Por vezes os *taipais* são substituídos por tecidos de esparto, que se denominam *espartões*, e que se tornam vantajosos para a condução de melancia, melão, etc.

Enfim, é tão variada a aplicação do carro de muares, que ainda é ele o veículo predominante na condução de gente do campo. Descoberto ou «tapado», pela forma adiante mencionada, puxado por bestas de todas as condições, desde as de somenos valor até às mais custosas e bem arreadas, vemo-lo com frequência nas vias públicas, em marchas pachorrentas ou velozes, acumulando-se às dezenas nas feiras e arraiais da província.

O carro «tapado» é provido de uma armação revestida de toldo de lona, em branco ou oleado a cores, como abrigo à preservar os viajantes dos rigores do sol e das chuvas. Essa armação consiste em quatro aros de ferro ou de verga de castanho, sobre os *tendais*, tendo por cima o caniço e o pano do toldo.

Quando a armação é portátil, que se tira e põe cada vez que serve ou tem de servir, denomina-se «barraca», e como tal só a adoptam actualmente os campónios de poucos recursos. Já não sucedia assim há bons cincoenta anos atrás, tempos em que tão exígua comodidade só era usada por alguns lavradores de meios. E digo alguns por que a maioria, segundo a tradição, não entravam nessas fofas. Caminhavam em cavalgaduras de albarda e em carros manchegos, descobertos, puxados a bois.

A armação ou *tapiço* permanente, torna os carros mais confortáveis e vistosos que a outra à ligeira, por ser acompanhada de certos acessórios e comodidades relativas, que muito os melhoram. O que assim é preparado chama-se *churrião*. Veja-se adiante, na altura correspondente a esse nome.

Carreta Carro de formas menos apuradas que o precedente, com as rodas de dez a doze raios cada uma, formando o diâmetro de 1^m,30. O leito mede 1^m,88×1^m,8, excluindo os prolongamentos da *perítica* e do *rabicho*. Garnecem-no seis a oito fueiros toscos, de cada lado, muito compridos para as carradas altas e curtos para as baixas. E, em qualquer dos casos, desprovidos de *tendais*. A *perítica* regula por uns 2^m,50, além da *taleira*, prolongamento indispensável para uma junta de bois. No restante, a carreta assemelha-se ao carro comum, podendo ser puxada indistintamente por bestas ou bovinos, se bem que se presta mais para bois. Em regra, só se emprega nos acarretos das searas, nos dos fenos e nos das lenhas.

Carro Manchego E' o mais antigo de todos os veículos usados na lavoura. De construção pesadíssima e bastante sólida, suporta cargas imensas, resistindo e aguentando-se nos solavancos dos caminhos escabrosos,

tão vulgares nos nossos campos, e isto devido à estrutura antiquada do seu rodado. Enquanto que nos outros veículos, as rodas giram sobre o eixo, no velho carro manchego sucede exactamente o contrário:—o eixo é que gira sobre dois vãos especiais, pendentos dos *limões*, cada qual formado por duas peças de madeira — a *agulha* e o *recocão* — e é desse giro que resulta o movimento das rodas e portanto o do carro. ⁽¹⁾ Movimento custoso e demorado, que produz uma chiadeira dolente e aguda, quando caminha vagaroso, vergando ao peso do carreguio. A rotação do eixo roçando na *chumaceira* produz esses gemidos singulares — a *cantarela* característica e inconfundível, que se ouve de muito longe, sobretudo à noite e de madrugada, em sons penetrantes, de sugestiva melancolia.

O leito do carro manchego de 1^m,80×1^m,18 é igualmente tosco, tendo a vara ou *perítica* 2^m,50, contados, é claro, desde a *taleira*, até à ponta. As espigas que prendem ao eixo em vez de serem de ferro, como os *mata-bois* dos outros carros, resumem-se numas peças de pau, a que já aludi — a *agulha* e o *recocão* — peças que passando perpendicularmente através dos *limões* e da *chumaceira*, prolongam-se e recurvam para baixo, de modo a deixarem, entre ambas, vão suficiente para o giro do eixo, como já disse. Os fueiros, privados de *tendais* são compridos ou curtos, conforme a natureza das carradas.

O carro em questão, além das particularidades singulares que ficam referidas, destaca-se também pela constituição das suas duas rodas, bastante diferentes das dos outros carros. Nas dos manchegos não há *massas*, nem *raios*, nem *pinas*, mas somente *cãibas* e *miulos*. E os aros de ferro, em vez de inteiriços, de uma só barra, constam de diversas *lhantras* pregadas às *cãibas*, com pregos de grandes dimensões.

Cada roda, de 1^m,12 de diâmetro, compõe-se de duas *cãibas*, que lhe formam a circunferência, e do *miulo* ou prancha que se lhe atravessa ao centro, e que no meio, num buraco quadrangular, recebe e atarracha a ponta do eixo.

Em resumo, o mesmo carro, não obstante o seu feitio pesado, há-de ainda persistir por muitos anos, posto que já não tenha o uso que teve outrora.

Sem embargo, no atraso e desleixo de viação ⁽²⁾ que infelizmente se observa por essas herdades fora, convém usá-lo em determinadas circunstâncias, nas zonas de maus caminhos.

Carrinho de varais À parte a redução das formas e a substituição da *perítica* por varais, de que toma o nome, é em tudo igual ao carro comum, próprio para parelha.

(1) O tipo mais antigo dos carros dos romanos, o *plaustrum*, tinha rodas cheias e apresentava esta particularidade digna de ser notada, que as duas rodas, munidas cada uma de uma abertura central, de forma quadrada, eram espetadas sobre os eixos de pau, os quais eram guarnecidos de pinos (*tourillons*) redondos, permitindo-lhes girar sobre o carro. Este modo de construção tem-se conservado até hoje em Portugal. É ainda sobre este tipo que os indígenas da ilha Formosa constroem os seus carros.

Renleaux, *Coup d'oeil sur l'Hist. du devel oppements des Machines dans l'Humanites*, pág. 15.

(2) Apesar dos arredores das grandes vilas e cidades do Alentejo estarem retalhados por numerosas estradas, algumas de necessidade pública muito discutível, havendo-as até que não passam de meros passeios, ou de servidões de um ou outro influente — os campos afastados das grandes povoações, poucas estradas possuem e essas poucas estão num deplorável estado de conservação.

Destinado a uma só besta, o carrinho aludido usa-se muito no serviço de recovagens dos montes e nos transportes de hortaliças, água, etc., havendo lavouras que empregam dois e três. À medida que se vai abandonando o sistema de cargas em cangalhas e albardas sobre o lombo de burros e muares, aumenta o emprego dos carrinhos, com vantagem para os donos e alívio para as bestas.

Ceifeiras Apesar de traduzirem um adiantamento no progresso da agricultura, o emprego quase experimental que delas tem feito alguns lavradores da região elvense, foi, ao que parece, tão pouco satisfatório que os mais deles não têm prosseguido com a inovação, abandonando-a como desvantajosa por enquanto, sendo a principal razão esses maquinismos funcionarem mal nas lavradas de rego largo e sulco aberto, sistema usado nas searas de sementeira outonal e então indispensável nos terrenos úmidos e alagadiços. No entanto, devemos crer que com o tempo, e após alguns aperfeiçoamentos que se lhes venham a introduzir, as ceifeiras hão-de implantar-se a valer entre nós, nas zonas que melhor se prestem à sua adopção. Nestas condições, ninguém deixará de as empregar, como de há muito se empregam as debulhadoras. Pois umas e outras foram ao mesmo tempo oferecidas e apresentadas à experiência do lavrador, não só pelos agentes das casas construtoras, mas também pelos poderes do estado, no louvável intuito de desenvolver o progresso da agricultura. ⁽¹⁾ Mas — coisa notável — as debulhadoras *pegaram* e multiplicaram-se, ao passo que as ceifeiras quase se pode dizer que ainda não saíram do campo de ensaios, de resultados práticos algo duvidosos. É pena que isso aconteça, dada a falta de braços que sempre se faz sentir por ocasião das ceifas, não obstante o avultadíssimo reforço de ceifeiros que as Beiras fornecem ao Alentejo.

Charruas Introduziram-se há uns 25 anos, mas já antes haviam sido experimentadas por vários lavradores. Todavia, só começaram a usar-se eficazmente aí por 1880, difundindo-se mais nos últimos dez anos. As que se empregam, são as de tipo pequeno, para lavouras superficiais, conhecidas por *charruecas* ou arados de aiveca móvel, para uma junta ou parrelha, dos n.ºs 1 e 2 e suas variantes. Estas pequenas charruas, são de reconhecida vantagem no preparo dos alqueives, cuja lavrada fica incomparavelmente superior à do arado romano.

Chavelha Peça de ferro que prende a ponta do arado ao apeiro da canga.

Chavelhão A chavelha em tamanho maior, apropriada ao engate do carro de muares. Distingue-se pela *cabeça* ou prolongamento superior, de uns dez centímetros acima do orifício da vara onde engata.

(1) O ministério das obras públicas facultou há anos aos lavradores do distrito de Portalegre diferentes máquinas agrícolas, como ceifeiras e debulhadoras, pela forma e condições que adiante referirei, quando tratar das debulhadoras.

Chavões Timbres de madeira de buxo, para marcar bolos, caprichosa e lindamente esculpida a canivete pelos ganadeiros e outros homens do campo. Fabricam-nos por entretenimento e vocação, nas horas vagas, assim como muitos outros objectos de madeira e chavelho, para oferecerem aos amos e a pessoas de amizade.

Chocalhos Veja-se o artigo *Ganadeiros*, na página 102.

Churrião Carro de cómodo pessoal, puxado a parelha de muares presas à canga e arreatas. ⁽¹⁾ Este carro salienta-se pela armação garrida que ostenta — barraca permanente e luxuosa, em forma de canudo — com ou sem assentos no leito — mais usado pelos lavradores e suas famílias, do que por gente de outras classes.

A sua introdução no concelho de Elvas data de há 50 a 60 anos, época em que se desenvolveu o gosto pelas parelhas de muares, e, conseqüentemente, por este género de veículos, único compatível com o atraso da viação e dos costumes do tempo.

O churrião compõe-se de todos os pertences essenciais do carro comum, crescendo-lhe a armação do tejadilho (aros, caniço, etc.), com revestimento de linhagem oleada a cores mirabolantes na parte exterior, e, interiormente, forrado e decorado com estofos, borlas, guarnições e cortinados de juta e outros artefactos, de maior ou menor custo, segundo o gosto ou os meios do possuidor. ⁽²⁾

Qualquer destes transportes, pintalgados de verde, azul, encarnado ou amarelo, com traços, iniciais do dono e data do acabamento, a cores berrantes, espalhafatosas, se não denotam elegância, também se lhe não podem chamar feios. Têm pelo menos o cunho retintamente alentejano, que os torna inconfundíveis. E alguns importam em subido custo, pelo valor dos tecidos que os guarnecem interiormente. Os churriões privados de bancos — e não os têm muitos, incluindo mesmo os luxuosos — a falta de assentos, é suprida por almofadas presas às enfueiraduras e por um esteirão e colchão de lã, sobre o tabuado do leito, a que se adiciona vistosa coberta de ramagem. Desta maneira, quem se transporta em churrião sem bancos, em vez de ir assentado, vai encostado às almofadas de pernas estendidas sobre o colchão, quase deitado. Não é das posições mais incómodas, sobretudo se o leito assenta em molas de aço, como já é frequente. Se, porém, falta essa vantagem, mal vai ao passageiro. As tábuas e as «molas de azinho» ⁽³⁾ põem-lhe os ossos a rabiar. Que, se for

(1) As parelhas que trabalham ao churrião, são para esse efeito engalanadas com vistosos aprestos. De entre os mesmos destacam-se as guisadas e as cabrestadas ou cabeçadas, com franjas e borlões de tecidos em cor carmezim, e outras muito vivas, que encobrem a maior parte da cabeça dos animais.

(2) A confecção dos churriões costuma ser executada por carpinteiros de carros ordinários, ou por curiosos afamados, arteiros, com queda para pintorices. Se o carro é armado e preparado no monte, as filhas moças do lavrador superintendem na obra e coadjuvam o artista.

(3) Frase picaresca porque se traduz a ausência de molas, tomando-se por «molas de azinho» os limões e o eixo que em tais circunstâncias, são em regra da referida madeira.

em assentos, decerto não vai melhor. Sofre igualmente as sacudidas dos topes e estonteantes cabeçadas. No melhor dos casos irá sempre fazendo medidas, ao impulso dos solavancos.

Quando o churrião começou a apear no Alentejo, somente o usavam os lavradores de fortuna. Depois generalizou-se imenso até 1878 ou 1879, época em que principiou a decair. Na actualidade mais se lhe acentua a decadência, posto que nas feiras e romarias ainda apareçam muitos carros de semelhante tipo, mas decerto em menor número do que se via há vinte anos.

Pela redução progressiva que se lhes nota, tudo leva a crer que está próximo o seu fim. Os carros de molas denominados *char-à-bancs*, sendo, como são, muito mais cómodos que os *churriões*, empurram estes para fora das estradas modernas, aniquilando-os em absoluto, ou reduzindo-os a uma circulação humilhante, que não irá além dos caminhos escabrosos, abertos ao acaso.

* * *

Coadores Panos de estopa, por onde se coa o leite quando chega do bardo e se vasa dos cântaros para as asadas. — Peça de casteleta ou de burel, para coar a solução do cardo macerado que se mistura no leite, afim de o coagular.

Cobra Corda de cabelo, provida de colares do mesmo género, com que são *encobradas* as éguas para, nas eiras, debulharem os cereais reunidos em calcadouros.

Cordas Artigo de que precisa haver abundante provisão em todas as lavouras. Usam-se de junça, de esparto, de linho e de cabelo. As mais usadas são as de junça, pela sua extrema barateza e valor, que não despertam ideias de furto aos serviçais que as empregam, como acontece com outras melhores e mais caras. Sobre o custo e dimensões das cordas, veja-se o artigo *Cordoeiros*, na página 96.

Corneiras Correias tiradas de couro cru, com que se prendem os bois à canga.

Cornas Vasilhas de chavelho, com rolhas de cortiça, em que se transportam merendas de carne, azeitonas, etc.

Couros Os das reses bovinas que morrem, reservam-se para se retalharem em correame destinado a apeiragem das muares e dos bois. Se a existência é superior ao gastos do consumo, os couros de sobejo vendem-se aos peleiros ambulantes, que os procuram de vez em quando.

Se um lavrador carece de couros para *apeiragens*, em virtude de lhe não morrer gado, demora quanto pode a compra desse artigo. Uma superstição vulgar diz-lhe que em comprando couros, terá *morrinha* nas reses.

Debulhadoras Representam a alfaia agrícola moderna mais perfeita e vantajosa, posto que o seu custo seja relativamente caro e inacessível à bolsa do pequeno e do mediano lavrador.

As debulhadoras mecânicas estão de há muito introduzidas no concelho de Elvas e nos limítrofes. Quem primeiro as empregou nesta região, foi o falecido Joaquim Lúcio de Couto, lavrador abastado, inteligente e empreendedor, que no ano de 1879, tendo uma seara importantíssima e reconhecendo a impossibilidade de a debulhar a tempo com as suas éguas, alugou, para maior despacho, a Sebastião Alvarez, de Borba, uma debulhadora *Ransomes*, de que fez uso. Pela primeira vez silvou então uma locomóvel de máquina agrícola nas ubérrimas campinas elvenses, cabendo essa honra à herdade da Gramicha, a poucos quilómetros de Elvas. Os silvos levaram longe a fama da nova máquina, maravilhando os campónios que ouviam a descrição do engenho e mais ainda os que o viam funcionar.

O próprio sr. Couto tão satisfeito ficou com o resultado que, poucos anos depois adquiria uma debulhadora *Garrett*, de que usou até, trespassar a lavoura. Mas ao tempo de o sr. Couto adquirir a *Garrett*, já os srs. Reynolds, de Estremoz, haviam utilizado outra máquina nas eiras da sua lavoura do Reguengo de Barbacena. Todavia, ninguém mais dos sítios abraçava o novo sistema de debulha, que, apesar de perfeito, era caro e mal compreendido pelos trabalhadores rurais.

De 1881 a 1889 nenhum lavrador de Elvas adoptou as debulhadoras, já pelos motivos expostos, já por que a agricultura alentejana debatia-se, então, angustiada aos efeitos de uma crise medonha que a arruinava. Não obstante, o tempo e as ideias da época venceram todos esses obstáculos, como adiante se verá. Nas circunstâncias que se davam, não é para admirar que fosse preciso o decurso de oito a dez anos para se desvanecerem as dúvidas e desconfianças que sempre acompanham todas as inovações. Historiemos:

No ano de 1890, encontrando-se por acaso, num comboio de viagem para Lisboa, os srs. Ramiro Marçal, agrónomo do distrito de Portalegre, Francisco da Silva Lobão Rasquilha, lavrador em Santa Eulália, ambos encetaram palestra sobre questões agrícolas, vindo à tela a especialidade máquinas.

Disse o primeiro ao segundo que, se os lavradores quisessem empregar ceifeiras e debulhadoras mecânicas, julgava possível obterem-nas do governo, alugadas, bastando para isso requerê-las com empenho à direcção de agricultura, mediante o compromisso de lhes darem trabalho avultado. A uma e outra coisa se prontificou imediatamente o sr. Rasquilha, acordando logo com o ilustre agrónomo irem os dois no dia seguinte à presença do sr. Elvino de Brito, director geral de agricultura, para lhe exporem a pretensão e pedir-lhe deferimento.

Assim o fizeram efectivamente, obtendo do sr. Elvino as melhores promessas.

Em abril do mesmo ano, visitando a cidade de Portalegre, o ministro das

obras públicas, sr. Frederico Arouca, o sr. Ramiro, num discurso que pronunciou no banquete dado em honra daquele estadista, lembrou, entre outros alvitre de protecção aos lavradores, a conveniência do Estado lhes alugar máquinas agrícolas, de que eles se pudessem utilizar com proveito, sem grande sacrifício pecuniário.

Como representante do governo, prometeu o sr. Arouca dispensar essa concessão, que já de há muito existia na sua mente, a par de outras medidas que tencionava pôr em prática para atenuar a crise agrícola que naquele tempo flagelava o país e especialmente o Alentejo.

Com efeito, ao aproximarem-se as colheitas chegaram as prometidas máquinas. Na estação de Santa Eulália desembarcaram uma locomóvel e uma debulhadora «Clayton» e uma ceifeira «Osborne». Na de Portalegre ou na do Crato, ficou uma compressora.

A debulhadora serviu por bastante tempo nas eiras dos srs. Francisco da Silva Lobão Rasquilha e José Joaquim da Silva. O primeiro applicou-a à debulha do centeio na herdade de Almeida, freguesia de Santa Eulália, e à do trigo na do Revelhos, concelho de Arronches, e Reguengo, freguesia de Barbacena. O segundo empregou-a em centeio, na herdade do Baldio do Conde, junto a Santa Eulália, e também em trigo na eira das Longas, freguesia da Ventosa.

Nesse primeiro ano o aluguer da «Clayton» foi de 10% sobre o valor dos cereais debulhados, e mais os seguintes onus para o lavrador:

Prévia reparação dos caminhos por onde ouvessem de transitar as máquinas, sua condução para o local da eira; recondução para o depósito ou ponto que particularmente se convencionasse, e finalmente, fornecimento de água e combustível, bem como vasilhas para água.

Todas as despesas feitas com o pessoal empregado na debulha ficavam a cargo exclusivo do governo, sem a menor remuneração por parte do agricultor.

Reconheceu-se a carestia de semelhante aluguer, ainda onerado por condições gravosas, e por isso, e em resultado de propostas apresentadas às estações competentes pelos agricultores srs. Lobão Rasquilha e Miguel de Sá Nogueira, determinou-se superiormente que os dez por cento fossem reduzidos a sete para o trigo, seis para o centeio e cevada, e cinco para a aveia, subsistindo nestes novos contratos todas as demais condições atrás descritas.

Esta redução foi recebida com unânime aplauso e logo se lhe reconheceu a utilidade. O número de propostas para as debulhas das colheitas de 1893 passou a ser muito superior às dos anos anteriores em que se pagava a primitiva percentagem.

Mas, ou porque a quantidade dos cereais a debulhar fosse grande, ou porque as máquinas gastavam muitos dias no transporte de uns para outros sítios, é certo que a debulhadora não pôde satisfazer em tempo oportuno a todas as propostas apresentadas e aceites. E como a época das colheitas ia decorrida, sem que as máquinas saíssem das eiras em que trabalhavam nos concelhos do Crato e Portalegre, os proponentes de Elvas e os de Arronches, desistiram das suas propostas, à excepção dos srs. Lobão Rasquilha e José da Silva, esperaram,

mas que só foram servidos quase no fim do verão, demora que muito os contrariou, como é fácil de presumir.

De resto, a debulhadora do governo ainda depois debulhou parte da seara do Dr. Gorjão, na Várzea Redonda, concelho do Alandroal, distrito de Évora. Contudo era manifesta a insuficiência de uma única debulhadora na sexta região agronómica (distrito de Portalegre), região assás extensa, onde há zonas cerealíferas de importância superior.

Impunha-se por conseguinte a necessidade de os poderes públicos adquirirem outra máquina análoga, estabelecendo-se dois depósitos oficiais, um ao norte e outro ao sul do distrito. O funcionamento de uma só debulhadora tornava-se desvantajosa para os agricultores e para o próprio Estado. As máquinas quase que gastavam tanto tempo em caminhadas como nas debulhas propriamente ditas.

O inconveniente era pois manifesto e urgia remediá-lo. Mas como a solução demorasse, resolveram ir solicitá-la verbalmente os srs. Augusto de Andrade, grande proprietário do concelho de Elvas e Lobão Rasquilha, lavrador no mesmo, os quais se apresentaram de facto e para esse fim ao sr. Elvino de Brito, que logo prometeu satisfazer-lhes o empenho, com a máxima boa vontade.

Efectivamente, pouco tempo depois, a Direcção Geral de Agricultura, remetia para Elvas uma segunda debulhadora «Clayton», afim de ainda servir nas colheitas de 1894.

Mas não foi isso possível, porque quando a nova máquina chegou, já as debulhas haviam acabado. Em todo o caso, as providências para os anos futuros pareciam asseguradas. E estavam com certeza. Nesse entretanto, ou passados meses, foi definitivamente resolvida a instalação de dois depósitos de máquinas agrícolas no distrito de Portalegre, providências que se tomaram logo, montando-se um depósito ao norte do distrito, com sede no monte da Crucieira, concelho do Crato e outro, zona do sul, na aldeia de Santa Eulália, concelho de Elvas.

Entre os agentes do governo e os senhorios dos prédios que se adaptaram a depósitos, acordou-se não pagar ao Estado renda alguma, mas em compensação terem a preferência os donos dos armazéns no aluguer e uso das máquinas.

.....

Ao passo que o governo e os seus delegados nas regiões agronómicas do sul, concorriam para o emprego das debulhadoras de cereais, as casas construtoras estrangeiras, por intermédio dos respectivos depositários e agentes, começavam também a procurar os lavradores para venderem essas e outras máquinas agrícolas. Semelhante propaganda, conjugada com o enorme desenvolvimento que a agricultura tomou de 1894 para cá, fruto das leis protectoras dos cereais, promulgadas nesse meio tempo, deram em resultado a aquisição de muitas debulhadoras por parte dos lavradores. Em dois ou três anos compraram-se tantas que os poderes do Estado acabaram com os depósitos oficiais, instalados em 1890. Reconheceu-se que eram então já desnecessários, por não passarem de elementos de vulgarização. Deveriam sim conservar-se, se a par das máquinas houvesse

pessoal competente, expressamente incumbido de instruir os campónios que pretendessem aprender a trabalhar com elas. Que esses depósitos fossem centros de escolas móveis, dirigidas por práticos assás familiarizados com as engrenagens e funcionamento dos maquinismos. Mas os depósitos não tinham semelhante carácter e portanto não se tornou sensível a sua extinção.

No concelho de Elvas há hoje 17 debulhadoras dos sistemas «Clayton» e «Ruston»⁽¹⁾ que trabalham nas eiras dos respectivos proprietários e algumas servem também nas dos lavradores vizinhos que as tomam de aluguer, por não quererem ou não poderem possuir máquina sua. O preço do aluguer costuma ser de 5% do valor do cereal debulhado, acrescentando o custo do combustível, água e salários do pessoal empregado, com exclusão do maquinista, fogueiro, alimentadores e oito homens auxiliares para chegarem os molhos. Em regra, estes oito homens pertencem à ganharia da casa, mas o dono da máquina abona ao lavrador o custo destes salários. Por sua parte o lavrador costuma dar comida ao maquinista, fogueiro e alimentadores que, como já fiz ver, vencem por conta do proprietário da máquina.

Em anos abundantes, as debulhadoras não chegam para as necessidades do concelho, como aconteceu no verão de 1903, em que as eiras terminaram no mês de setembro.

Quando as debulhadoras vieram, o pessoal campónio vociferava contra a inovação que, diziam, vinha baratear-lhe os salários e simplificar extraordinariamente as colheitas. Com o rendimento espantoso que as máquinas produziam (acrescentavam eles), os trabalhos das eiras durariam dois terços menos do que pelo sistema antigo, e por conseguinte que fazer depois, desde o meado de Julho até ao S. Mateus? Em que se haviam de empregar nesse tempo centenas de pobres, não havendo searas a debulhar, serviço único, que entretinha antes toda a gente até ao fim de agosto? As interrogações pareciam ter fundamento sério, digno de reflexão, e não poucos lavradores se preocuparam com o caso, temendo crises de falta de trabalho, a par de vinganças traiçoeiras dos que ostensivamente clamavam contra a introdução das máquinas, ameaçando os lavradores que as usassem.

Como porém o homem põe e Deus dispõe, os factos subsequentes vieram dissipar todos esses receios, desvanecendo também, senão no todo, pelo menos em grande parte, as antipatias que ganhões e trabalhadores alardeavam contra as máquinas. É que com a vinda desses modernos e poderosos engenhos coincidiu a protecção à cultura cerealífera, que deu em resultado o alargamento enormíssimo dessa mesma cultura e por consequência a precisão de braços e a subida importante nos salários e soldadas.

(1) A debulhadora «Ruston» alcançou o primeiro prémio no concurso de máquinas, que se realizou recentemente na cidade de Évora. Não temos pretensão de fazer reclame à casa construtora deste nome, mas seria injustiça ocultar o seu triunfo na capital do Alentejo.

Nunca os ganhões e jornaleiros ganharam tanto no verão como ganham depois que as debulhadoras se difundiram. Ainda bem que assim sucede, conciliando-se os interesses que pareciam antagônicos. ⁽¹⁾

* * *

Dente Parte do arado onde se introduz o ferro que lavra a terra.

Eixos Para carros de muares, usam-se de madeira e de ferro, predominando os de madeira nas grandes lavouras. Os de ferro, exigem cuidados de conservação, que a maioria dos carreiros não querem ou não sabem dispensar. Os carros manchegos e as carretas montam em eixos de madeira.

Enfardadeiras Máquinas compressoras de palhas e fenos que há vinte e tantos anos se introduziram nesta região, e que ultimamente se tem generalizado bastante.

Movidas por parselhas de muares, ou a vapor, que por um e outro processo funcionam em número avultado por todo o concelho de Elvas, são de notória vantagem para a agricultura cerealífera.

Com tais máquinas aproveitam-se as palhas em absoluto, reduz-se-lhe o volume por efeito da prensagem, e assim enfardada e comprimida em fardos de fácil carregamento, deixa-se em ótimas condições de armazenagem, conservação e transporte. Precisamente o inverso do que succede com a palha a granel, que se desperdiça imenso, tanto nas almenaras e palheiros, como nos transportes em redes.

Em geral, as enfardadeiras pertencem aos negociantes que compram a palha aos lavradores, e trabalham, é claro, por conta dos mesmos negociantes. Há, porém, lavradores grandes que prensam as palhas com máquinas suas, e outros que as alugam.

Enfueiradura O conjunto dos fueiros e tendais de um carro.

Enteichadura O todo de um arado, com seus respectivos acessórios: «ferro», canga, chavelha, aguilhada e correame.

Enxadas Ferramentas de ferro, largas e espalmadas, de cabo comprido de madeira, com que se cavam as terras para batatas, melanciais, vinhedos, etc. Adoptam-se de dois feitios: *rasas* ou *raseiras*, e *ponteagudas* ou de *bicos*. As primeiras, servem com vantagem nos terrenos arenosos, de fabrico fácil. As segundas, usam-se nas terras argilosas e em outras que ofereçam resistência.

(1) O mais que resta dizer sobre debulhadoras, tal como o seu rendimento de debulha nos diferentes cereais, pessoal que ocupam, etc., fica reservado para o capítulo que trata das colheitas.

Enxadões Instrumentos semelhantes às enxadas, diferenciando-se por serem mais grossos e compridos, mas menos largos. Com os enxadões procede-se às desmoitas do piorno, giesta e outros arbustos, e aos arranques de cepa. São utensílios que se confundem com os alviões, se bem que os alviões costumam ser mais fortes, estreitos e compridos.

Enxó Ferramenta de carpintaria, que, com outras, o abegão trás na lavoura propriamente dita, para consertar os arados e renovar-lhes as aivecas.

Escadas Encontram-se de várias dimensões e altura em todas as sedes de lavoura, servindo principalmente para os homens treparem e procederem ao *asseteamento* de almenaras, malhadas e pocilhões.

Escopro Instrumento de carpintaria que também acompanha o abegão para o conserto dos arados. Serve para alargar o buraco das *gargantas* por onde entra a *teiró*, e o dos arados em que se aloja o *mexilho*.

Espartões Tecidos de esparto em forma de esteira, que, em determinados acarretos, guarnecem e revestem as enfueiraduras dos carros. Os espartões vinham antigamente de Espanha, mas na actualidade preparam-se em Elvas e em outros centros agrícolas do país.

Estacas Varas de azinho com força, que amparam as cancelas dos bardos. — Paus curtos e grossos, que se cravam no solo, junto aos *mangedourais*, para se prenderem os bois. «Prender à estaca», como se diz vulgarmente.

Esteios Paus compridos com esgalhos, que se aplicam nas construções dos bardos de cabras, malhadas, choças, etc.

Esteiras Fazem-se de bunho, colhido de verão nas ribeiras. Servem para as camas dos criados «de portas adentro», e para colocar sobre os carros, quando transportam sacos com cereais. Nos montes costuma haver provisão de esteiras, feitas por qualquer entendido, nas ocasiões de poucos afazeres, ou às horas vagas, por amor à arte ou mediante gorjeta.

Esteirões Usam-se de tecido de palma, comprados nas feiras aos algarvios, para aplicações semelhantes à das esteiras.

Ferrados Receptáculos de barro tosco ou de lata, com duas asas e a competente bica, para onde se ordenham as cabras e as ovelhas. Os destinados às ovelhas, são mais pequenos. Num bardo de cabras e num aprisco de ovelhas, empregam-se três ferrados pelo menos, que aí permanecem em toda a época: dois ou mais, para os ordenhos, e um, o pior, para os cães do rebanho comerem as *perrumas*, de mistura com água e leite.

Ferros de arado Cada lavoura, bem provida, costuma ter «ferros» no triplo do número de arados que «deita» pela sementeira outonal, ou sejam três *ferragens* completas: uma para estar em serviço, outra de reserva, pronta a substituir aquela, e a terceira na loja do ferreiro a consertar.

Ferros de marcar gado Todos os lavradores têm «ferros» para marcar a fogo os seus gados, sendo maiores os que se aplicam aos gados bovino, cavalari e muar, e pequenos os que se empregam no gado miúdo, como ovelhas, cabras e porcos. Estes ferros representam iniciais ou manógramas dos nomes dos possuidores ou dos seus ascendentes, mas também há lavradores que os usam em forma de cruces, estrelas, traços, etc. Em certas «casas», o ferro dos gados miúdos é de configuração diversa do reservado para os gados vácuum, cavalari e muar.

A catalogação completa e conscienciosa dos ferros dos gados em Portugal, devia estar feita de há muito, constituindo objecto exclusivo de uma obra que faz falta.

Temos esperança que não tardará a sua publicação. Ao que parece, disso tratam homens competentes, que já anunciaram e que têm solicitado os indispensáveis informes. Desse anunciado livro é principal autor o sr. Vitória Pereira, oficial do exército, que em 1887 publicou um trabalho útil sobre o mesmo assunto, mas deficiente, a avaliar pelas lacunas que se lhe notam na parte que respeita ao concelho de Elvas. É de justiça acrescentar que dessa deficiência só foram culpados alguns criadores elvenses, que sendo convidados a dar os precisos esclarecimentos, esqueceram-se de os fornecer. Ainda assim, no catálogo do sr. Pereira, publicado em 1887, mencionam-se 275 ferros portugueses⁽¹⁾, sendo 237 conhecidos e 38 classificados desconhecidos.

Entre os 237, figuram 15 de lavradores do concelho de Elvas, e nos 38 inserem-se 4, também deste termo. Dezanove, portanto, número muito inferior à realidade, mesmo nessa época. Hoje então ascendem ao dobro ou triplo. Oxalá todos venham estampados no livro que se aguarda.

Foice Só se encontram em limitado número entre a alfaiaria agrícola de um lavrador. Em geral, pertencem aos próprios ceifeiros, sendo todas do feitio comum e antiquíssimo que já usavam os gauleses. Os lavradores somente possuem foices para a ceifa do *alcácer* ou verde que dão às bestas e aos bois na primavera.

Forcados Usam-se de pau e de ferro, para chegar molhos aos carros, e também nos serviços das eiras e outros. Os forcados de pau «encozem-se» ao fogo, quando ainda estão verdes, entalando-se e comprimindo-se entre os degraus de uma escada «de mão», onde se conservam alguns dias, atados

(1) Também estampa ferros espanhóis, e por sinal que muitíssimos, especialmente da Andaluzia e Estremadura.

pelas pontas, para adquirirem a volta e *queda* apropriada. Depois são aperfeiçoados pelo carpinteiro.

Forquilhas Empregam-se de madeira, e são providas de quatro a oito dentes de zambujeiro. Servem principalmente nos trabalhos das eiras, para o que se preparam e consertam nas vésperas das colheitas.

Para as remoções de estrumes e palhiços, adoptam-se forquilhas de ferro, de diferentes modelos e procedências.

Fueiros Paus que compõem o engradamento e vedação dos carros, entre os *limões* e os *tendais*.

Gadhanhas Espécie de foices muito largas e compridas, que servem para cortar os fenos. Mantêm em absoluto o tipo primitivo de que há memória. Em regra, estes instrumentos agrícolas não pertencem ao lavrador, mas sim aos gadanheiros, que os manejam. O lavrador possui por acaso uma ou duas gadanhas para o corte de fenos a jornal, sistema que só adopta em pequena escala e por excepção.

Gadanheiras Começaram a empregar-se nos últimos anos, de vários sistemas, nas lavouras grandes, onde se experimentam as principais inovações. Dão resultado nos terrenos planos e limpos de pedras.

Gamelas Vasilhas de madeira, para os bois comerem palha com farinha, farelos, etc.

Garganta Peça de madeira que, sobreposta na *ponta*, constitui a parte do arado chamada *timão*. Veja-se *Arado*.

Golpelhas Vasilhas de palma para condução de palhas e de muitos outros artigos que se transportam em bestas com aparelho de carga. Às golpelhas maiores chamam-se-lhes *ceirões*. Das pequenas faz-se larga provisão, por serem applicáveis a muita coisa e estragarem-se depressa.

Grade Em agricultura, dá-se este nome ao instrumento que destorroa a terra dos alqueives, puxado a uma junta ou parelha, dirigida pelo correspondente guia.

No concelho de Elvas ainda persiste a grade antiga, de madeira tosca, com lâminas de ferro, vulgarmente conhecidas por *facas* ou *dentes*. Consta de dois rojões de azinho, recurvados, com *dentadura* e duas travessas, tendo também duas argolas com destino a prenderem as *arrastas* de engate.

Este instrumento rudimentar e baratíssimo, dá bons resultados, sobretudo nas terras delgadas, de fácil desagregamento. Nestas terras, chegam a empre-

gar-se grades que nem dentes possuem. Apenas os rojões de madeira e nada mais. Não obstante, também se usam outras, que contrastam em absoluto pelo seu cunho moderno — grades articuladas de ferro, dos vários modelos que vendem as casas construtoras. ⁽¹⁾

Gral Vaso de madeira aberto em lenho macisso, reforçado exteriormente com cintas de ferro, onde se maceram os pimentões para tempero da carne de porco a ensacar, e bem assim o cardo para a coagulação do leite com que se fabrica o queijo.

Gravato Varapau munido de gancho na ponta, que os pastores usam atrás dos rebanhos, para com o gancho presarem por uma perna a rez lanígera que se proponham agarrar. É a maneira mais fácil de apanharem sem custo qualquer cabeça ovina.

Jangada Arado com varais para uma besta. Ordinariamente serve só para *embelgar*, isto é, para abrir regos de pequeníssimo sulco, com que se retalha em *belgas* a terra que se vai semear e lavrar de sementeira. As *belgas* destinam-se a nortear o semeador na distribuição da semente.

Joeiradores Veja-se *Crivos*.

Jugo Canga que se coloca junto dos cornos dos bois, obrigando-os a trabalhar de cabeça assás erguida. Usa-se unicamente nas lavouras dos *barros*.

Lençóis Preparam-se de estopa, para os carros, por ocasião dos acarretos das searas para as eiras, afim de se aproveitarem os grãos de trigo e de centeio que desbagoam das espigas.

Lhantrados Barras de ferro, com que se preparam os aros para as rodas dos carros. Quando se inutilizam nessa aplicação, aproveitam-se para chapas de reforço nos *limões* e outras *serventias*.

Limões Barrotes faceados, que constituem as extremidades laterais dos leitos dos carros.

Maceirões Vasilhas de madeira, estreitas e compridas, para bebedouro dos gados junto aos poços sem chafariz, ou em outro sítio, para onde se transporte água, com análogo destino. Servem principalmente de verão e em

(1) A grade que ainda hoje se usa nas lavradas, a que os romanos chamavam *crates dentata* e de que fala o naturalista Plínio (XVIII, 50), é, segundo Reynier e Cancalcan, de invenção gauleza. — Notas Agrícolas do sr. A. Pires, publicadas no jornal *O Elvense*.

tempo de estiagens extraordinárias, nas zonas escassas de nascentes. Também se utilizam para comedouros dos cevões nos chiqueiros.

Machados Ferramentas imprescindíveis para limpar o arvoredo, «fazer» a lenha e «tirar» a madeira. Também se lhes chamam *malhos*.

Madeiras Todas que se apuram nos «cortes» de azinho e de sobro e as outras de freixo, mosqueiro, choupo, etc., que se criam e cortam nas margens dos ribeiros e nas hortas, em condições de servirem para arados, carros e outras aplicações similares, são cuidadosamente apartadas e assinaladas pelo carpinteiro, como já tive ensejo de dizer e permonizar na página 43, no capítulo *Montados*.

As madeiras para alfaias agrícolas representam uma despesa avultada para o lavrador que tem de as comprar, como sucede a alguns. É o pior é que muitas vezes nem as encontram à venda com facilidade, tanto é a procura e a escassez. As peças para o fabrico de *gargantas* e «arados» são as que mais escasseiam, por serem precisamente as que maior consumo têm.

Mangas Chocalhos de enormes dimensões, que no inverno se põem nos bois e vacas, embora já se usassem muito mais, sobretudo nos bois. Nas vacas ainda persiste o costume na época própria, mas somente para as *vadias* e *gulosas*, useiras em se escaparem da vacada para invadirem «folhas» ou pastagens guardadas.

Manganilho Varejão munido de correia, de onde pende uma vara curta e grossa, com que os porqueiros batem e sacodem a bolota das azinheiras e sobreiros, para os porcos comerem na ocasião.

Manguais Paus com que se procede à malha ou debulha braçal do centeio, como outrora se usava em toda a parte e hoje pouco se vê.

O *mangual* consta de duas peças — *mangueira* e *perítico* — presas por correias denominadas *meãs*, e pelas argolas ou articulações em que terminam os revestimentos de couro que lhes envolvem as extremidades. Ao revestimento da ponta da *mangueira*, chama-se *camisa*; o da ponta do *perítico*, designa-se por *carapulo*.

A *mangueira*, vara comprida de castanho, representa a haste que o malhador empunha no acto da malha. O *perítico*, lenho curto e nodoso, de zambujeiro, de uns 90 centímetros, terminando em *cachaporra*, serve para vibrar as pancadas nas espigas do centeio, revolteando nos ares, ao impulso vigoroso dos braços que o manobram.

Martelo Entre os apetrechos que acompanham o abegão nos serviços dos alqueives e sementeiras, figura sempre um martelo, como traste imprescindível para o amanho das enteichaduras.

Massas O centro das rodas dos carros.

Mata-bois Pequenas vergas de ferro, que atravessam os *limões* e o eixo dos carros.

Meio Peça central da canga de muares.

Mexilho Gancho com duas hastes, que se introduz no arado para amparar as «orelhas» das *aivecas*.

Miulo Prancha central das rodas dos carros manchegos.

Padiola Utensílio para remoção de pedras e outros objectos.

Pás As de madeira, servem para a limpeza do grão nas eiras e para as voltas dos cereais nos celeiros, «apadejando-os» e removendo-os assim de um para outro ponto. Destas pás, as melhores são as de noqueira, que os lavradores mandam preparar pelo carpinteiro da casa, ou as compram nas feiras de maio e junho. Uma pá bem feita, é singularmente apreciada por todos os homens do campo.

Fora das fainas das eiras e da baldeação de cereais, empregam-se as pás de ferro inglesas. E ainda se adoptam outras de madeira, compridas e estreitas, ou de ferro, largas e curtas, para meter e tirar o pão do forno.

Pegões Paus onde encaixam as varelas que compõem o engradado das cancelas dos bardos e apriscos.

Perítica Vigota que sustenta o leito dos carros de lavoura, prolongando-se para a frente, como vara de engate. As *períticas* costumam ser de castanho, mórmente nos carros de muares. Para as carretas e manchegos, também se emprega o choupo, pinho, etc.

Pescaz Cunha chanfrada, que reperta a *teiró* no orifício da *garganta*.
Veja-se *Arado*.

Pespinheiro Ferro com duas hastes, que substitui as *aivecas*. Só se usa em algumas lavouras dos *barros*.

Pinas Peças que formam a circunferência das rodas dos carros.

Pipa Barrica grande que se usa em carro, para abastecimento de água nos montes.

Ponta A parte posterior do *timão*.

Quartão Medida antiga, de barro, correspondente à quarta parte do almude.

Rabadas Madeixas de cabelo da cauda dos bois, com que se ornamentam as corneiras ou tiradeiras das juntas do abegão e outras entidades «de pensão».

Raios Os paus que encaixam nas *pinas* e *massas* dos carros.

Rastilho Espécie de grade dentada, para com uma parelha se rastilhar e sulcar de leve as terras semeadas, muito abatidas por chuvas copiosas, seguidas de calores intensos.

Rasoura Medida antiga de madeira, correspondente a meio alqueire.

Recocões Acessórios do carro manchego (dois em cada carro), que atravessam o centro dos *limões* e vão circunscrever a rotação do eixo.

Redes Usam-se dois tipos de redes: as chamadas de *alfirme*, com que se preparam de pronto redis ligeiros para gado lanígero, e as outras maiores, de junça ou de linho, para a condução de palha a granel, em carros. Esta, merecem particular menção, pela quantidade de palha que comportam e pelo fantástico efeito que produzem quando nos carros se erguem alterosas e repletas, movidas por boas parelhas.

Compõem, como disse noutra lugar, carradas gigantescas, terminando para a frente e retaguarda em bolsas colossais, de malhas tensas, a tocarem no chão. Para bem da parelha, o peso da carrada não está em relação com o volume. Sem custo grande, os animais puxam aquela monstruosidade, que avança impavidamente, pejando e sujando os caminhos. No verão, as estradas e ruas apresentam vastos vestígios desses acarretos necessários, mas incómodos para os transeuntes e moradores dos sítios por onde passam. Nos dias de vento o mal agrava-se. Ao sopro da ventania e dos movimentos do veículo, a palha menos comprimida escapa-se da rede, e depois de remoinhar pelo espaço em torvelinhos caprichosos, introduz-se e cai por toda a parte, como hóspede importuno e sencerimonioso. Fruto do tempo, que os hábitos toleram.

Respigador Aparelho com dentes de arame, recurvados, para aproveitamento das espigas nos rastolhos. Introduziu-se há anos, mas não se tem generalizado o seu uso.

Rodo Ferro recurvado, embebido em varejão, para espalhar o brasido do forno de cozer de pão. Utensílio de madeira com que nas eiras se arrojam e juntam os cereais *desempalhados*, arredios dos calcadouros.

Roçaduras Ferramentas com que se roça o mato e se *chapota* a chamiça e lenha miuda.

Sabicões Barras de ferro, que reforçam a parte inferior do eixo dos carros.

Sacos Uma lavoura qualquer dispõe de sacarias suficientes para os acarretos e remoções dos cereais e legumes. Por muitas que haja, é axiomático dizer-se que nunca chegam, tanto se repartem e tantas são as aplicações. Cada sacaria consta de dez sacos, marcados a tinta e óleo, com as iniciais do dono, número da sacaria, nome da «casa» a que pertence, e a era, tudo em caracteres graudos, visíveis de longe. Esta profusão de sinais e distintivos tem por fim pôr o objecto em condições de ser reconhecido, quando por ventura se veja depois de extraviado. Mas a despeito de semelhantes cautelas, é correntíssimo extraviarem-se sacos, uns realmente perdidos, outros sonegados, principalmente no tempo das eiras, em que a *barafunda* dos acarretos ocasiona muitas faltas.

Cada saco comporta 8 a 11 decalitros de sementes, o máximo, salvo os de linhagem, de fabrico a vapor, que se compram já preparados e que são maiores, mas de pior qualidade que os de fiação caseira, procedentes das povoações beirãs.

Estes últimos, usam-se de preferência, embora custem mais. Pela maior parte talham-se e preparam-se nas casas dos lavradores, com estopa, comprada em peça aos paneiros ambulantes. A estopa preferida e paga como melhor, é a de Arouca e a de Oliveira de Azemeis. E há lavradores que ainda se fornecem dos antigos sacos de *leteiro*, que vêm da Beira Baixa já prontos, constituindo também manufactura das pequenas indústrias domésticas. Em qualidade, são superiores a todos os outros, mas pecam por estreitos, motivo porque vão estando banidos.

A reparação e arrecadação dos sacos, está a cargo da lavradora. E' a ela que os criados se dirigem, para lhe pedirem ou entregarem sacos, e dela ouvem reparos e reprimendas, pelas faltas e estragos. Os criados ouvem e defendem-se como podem, mas não se ralam. Sacos e cordas, extraviam-se e deterioram-se imenso, por mais cautelas que haja e por muito que os donos gritem e barafustem.

Sachos Posto que figurem no ferramental de uma lavoura, é sempre em pequena quantidade. O seu maior emprego é nas mondas e sachas, mas aí, por costume antiquíssimo, são as próprias mondadeiras que os fornecem.

Saleiro Pequeno cortiço, arrimado ao canto da «chaminé», contendo o sal da cozinha.

Sementeiro Saco com o cereal da semente, que o semeador traz ao ombro e a tiracolo, no acto de semear.

Serras Das manuais, de carpintaria, costuma haver algumas, de diferentes tamanhos, para serrar *aivecas* e outras coisas. Das mecânicas a vapor, já funcionam duas no concelho de Elvas.

Serrote Instrumentos de que nem todas as lavouras precisam. As que os necessitam, têm-nos dos grandes, para serrar madeiros transversalmente, e dos pequenos para enxertar zambujeiros, etc.

Sinchos Formas de lata para fabrico de queijos. Dos pequenos, para queijinhos, costuma haver cento e tantos a duzentos ou mais; dos grandes, para queijos de ovelhas, dez ou doze aproximadamente. Como intermediários entre os pequenos e grandes, figura uma certa porção dos medianos, para as chamadas *merendeiras*.

Suadouros As extremidades da canga de muares.

Tabuleiros Empregam-se compridos e estreitos para o serviço da amassaria do pão de centeio e das *perrumas*. Os do pão de trigo, têm menos capacidade.

Tachos Artigo de que é costume haver abundante e variada provisão, desde os de cobre e arame, de diversas dimensões, que pela maior parte só servem para ornato das prateleiras e guirlandas, até aos de lata e de ferro, empregados nos serviços da cozinha, amassaria e queijeira.

Taipais Tabuados encostados às enfueiraduras, para conterem as carradas de estrume e outras semelhantes.

Taleigos Saquinhos para merendas e objectos miudos.

Taleiras As travessas dianteira e traseira do leito de um carro, ambas sobrepostas no respectivo tabuado.

Tamoeiro Vide *Apeiro*.

Tarefa Pequeno pote de barro para vasilha de azeitonas ou de carne, azeite, queijos, etc.

Tararas Pequenas máquinas, providas de ventoinhas, com que se limpam a braço cereais e legumes. Pouco se usam na região elvense.

Telizes O conjunto dos apetrechos agrícolas e de outras coisas de uso pessoal que, reunidos, se transportam em carros ou em bestas, por ocasião de mudança de «arados», de rebanhos de gado, ou de pessoal trabalhador. É um plebeísmo antigo, hoje somente empregado por criados velhos, de lavoura. É sinónimo de *bafâmedes*, outro vocábulo rústico com igual significação, mas mais em voga.

Tarugos Pauzinhos preparados a enxó para cavilharem e ligarem o *rabanejo* ao arado e a *garganta* à *ponta*.

Temão ou **timão** ⁽¹⁾ A parte do arado completo, constituída pela *garganta* e *ponta*.

Tendais Os paus que completam as enfueiraduras dos carros. Vide *Carros*.

Terísias Varas de castanho, com que se preparam as cancelas, para bardos e apriscos.

Tiradeiras Vide *Corneiras*.

Tornejas Ganchos de ferro que atravessam as pontas do eixo dos carros, impedindo a deslocação das rodas.

Travessas Barrotes de azinho, que se empregam nos leitos dos carros.

Trilhos Aparelho rústico e antiquíssimo, para debulha de cereais com o auxílio de uma parrelha de muares ou de cavalares, sob a direcção do correspondente condutor. Consiste numa armação de madeira, em que funcionam três cilindros de ferro ou de madeira, cravejados de facas laminadas, para triturarem e esmagarem a palha, durante o movimento de rotação em que giram. Como acessórios, reúnem a lança para engate, e a cadeira ou assento do condutor, sobreposta em cima. ⁽²⁾

Sentado na cadeira, de arreatas em punho, voltadas sobre a canga, o guia do trilho serve-se de um chicote para estimular as bestas e dirigir o trabalho. Torneando e *quarteando* o calcadouro, segundo as circunstâncias reclamam, os animais puxam como pedem, e a engenhoca lá se vai movendo conforme o passo dos quadrúpedes, caminhando soluçante por entre a palha que fragmenta.

Nas eiras de grande movimento, só se empregam os trilhos como auxiliares das «cobras» de éguas. Mesmo nestas condições, tudo faz supor que em breve se abandonem, se continuarem a generalizar-se as debulhadoras a vapor. No futuro, o trilho servirá sòmente aos pequenos seareiros.

Tripeças Assentos rústicos com três pés, muito usado nos montes.

Vasculhos Vassouras grandes, de giesta e outros arbustos, para varrer os bardos das cabras, as eiras, as cavalariaças e os terreiros dos montes. Preparam-nos os criados «de portas adentro», nas horas de poucos afazeres, ou compram-se aos malteses, quando aparecem a oferecê-los.

(1) Vulgarmente, diz-se *timão*.

(2) Segundo Wilkinson, a espécie de *trilho* que empregam ainda agora os fellak egípcios para bater o cereal, e que segundo duas passagens da Bíblia, era conhecido entre os hebreus no tempo de Isaias, teria sido antigamente armado por baixo com pontas de sillex, pontas hoje substituídas por lâminas de metal, fazendo saliência na face inferior e sobre os eixos, que gira à medida que a máquina avança.

(Rebello da Silva. *Memórias sobre a população e a agricultura de Portugal* — Notas agrícolas do sr. A. Pires, insertas, há anos, no jornal *O Elvense*.)

Verrumas No ferramental que o abegão traz na lavoura figura uma ou duas verrumas, para abrir os buracos das *aivecas*.

Viadoras Caminheiras a vapor, principalmente destinadas a rebocarem vagons, debulhadoras e outras máquinas grandes, que tenham de se remover e transportar pelos caminhos ordinários.

Foi o sr. Alfredo Andrade, grande e ilustradíssimo proprietário do concelho de Elvas, quem, no ano de 1901 ou 1902, introduziu a primeira viadora nesta região. Adquiriu-a para a utilizar na sua lavoura de Fonte Alva, freguesia de Santa Eulália, onde efectivamente está funcionando.

APRESTOS DE CAVALGADURAS

Pela conexão que têm com as alfaias agrícolas, cumpre mencioná-los no mesmo capítulo, embora à parte e por outro método, isto é, abandonando a ordem alfabética seguida até aqui. Portanto, a catalogação dos arreios e atavios das bestas e cavalgadas figurará em parágrafos, correspondentes à classe e emprego dos solípedes que usam esses preparos. Eis a menção dos principais:

Para mueres em serviço de carro e arado Cabrestos com sírgolas de correias e duas argolas nos lados da focinheira, para introdução e segurança das serrilhas e *aranhas*, ligadas às arreatas. Das sírgolas pendem esquilas ou chocalhinhos, se estão em uso no sítio esses adornos buliçosos. ⁽¹⁾

Com *louça* ou «à calada», adoptam-se cabrestos de três tipos, pelo menos. Primeiro: *encarneirados*, em atanado e panos de liga (algodão, linho, etc.), com entre olhos do mesmo preparo, *enteixugados*, ⁽²⁾ tudo com guarnições e apon-toados de estambre e pano de cores vivas, umas em relevo, outras em abertos. Segundo: *encarneirados*, em linho, à ligeira, também com entre olhos *enteixugados*. Terceiro: somente de cabedal, de talhe semelhantes aos outros.

Os cabrestos, munidos das correspondentes serrilhas e arreatas de linho e correntes de arame, compõem os pertences indispensáveis para a simples condução de uma parelha. Depois, para o trabalho da parelha em carro e arado, adicionam-se-lhe os *burnis*, *mantas*, *canga*, *tapetes* ou *tapiços* e *barrigueiras*.

Os *burnis*, constam de dois chumaços grandes, de palha de centeio, revestidos de couro azeitado e de *carneiras*. À volta que tomam, dá-lhes a configuração elítica. Servem, colocando-se sobre o cachaço dos animais, um em cada, afim

(1) O uso de esquilas ou chocalhinhos nos cabrestos das mueres, não é geral, nem permanente. Mesmo nos sítios onde o costume está arreigado, acontece banir-se temporariamente durante o verão, e quando os donos das bestas estão de luto carregado, por morte de parente muito próximo.

Em algumas zonas usa-se substituir as esquilas e chocalhos, por guisos dependurados dos *burnis*. Guisos ou o quer que seja de *louça* deste género, pertencem sempre aos carreiros, que os compram e consertam à sua custa, exactamente como fazem os ganadeiros.

(2) Cabelos de teixugo, compridos, guarnecendo e sobressaindo das extremidades dos entre olhos, focinheira, etc.



ARTE POPULAR ALENTEJANA

1 - Algibeira; 2 - Meias feitas à mão; 3 - Luva feita à mão; 4 - Alforge rameado, de pele; 5 - Manga com medronhos, para a ceifa; 6 - Lenço de chita, para os ombros; 7 - Manguitos para os trabalhos: da monda, e ceifa, e alegumes; 8 - Bolsa bordada a missanga para o relógio

de neles firmar a canga. Por detrás, para reforço e resguardo, junta-se a cada um a correspondente manta ou fardo de linhagem. *Burnis* e mantas, põem-se nas bestas de cima para baixo, e atam-se, em baixo, pelas pontas, envolvendo-lhes a maior parte do pescoço.

Logo a seguir, põe-se a canga e seus pertences, de onde se destacam os dois tapetes ou tapiços, dependurados dos *cangalhos*. São atavios vistosos e úteis, que ficam bem nas muares e as defendem um pouco das chuvas e do sol. Em geral, constam de panos de lona, pintada a cores, com a data e as iniciais dos donos, ou de peles de cão, bonitas e completas.

Para ligar a canga aos *burnis* e ambas as coisas à parelha, empregam-se as *barrigueiras* — duas fortes ligaduras, encordoadas, de lã ou de linho, senão duas correias largas e extensas, com ou sem rabadas de boi na pontas. Quaisquer que se adoptem, cada *barrigueira* ou correia, sai da cabeça do cangalho de dentro, passa por baixo do sovaco e barriga da muar, e, açambarcando-lhe os costados e as espáduas, vai atar em cima, em nó corredio, no cangalho oposto, deixando laço de ponta caída. Com todos estes preparos, a parelha fica apta a engatar e trabalhar.

* * *

Como foi observado na página 217, em nota correspondente ao parágrafo *churrião*, os cabrestos das muares que puxam carros de cómodo pessoal, denominam-se *cabrestadas* ou *cabeçadas*. Têm formas análogas às do primeiro dos modelos referidos, mas de maior aparato e custo, condizendo com o garridismo dos tapetes e *barrigueiras* que os acompanham, e que em tudo são superiores aos de uso ordinário.

Com revestimentos de lã, umas e de seda, outras — as *cabrestadas* realçam pelos relevos e franjados de rutilantes cores, aplicações de teixugo, cuidadosamente tratadas, borlões, penachos, vidrilhos, etc. A cabeça dos animais quase que não se vê, oculta pelos franjados. No pescoço, destacam-se espaventosas coleiras de guisos, no mesmo gosto. Guiseiras e *cabrestadas* fazem um feitarrão, que parece ser compreendido pelas próprias muares. Elas pelo menos assim o demonstram, sacudindo o cachaço a miudo, como que manifestando prazer com o tinir dos *aljorges*.⁽¹⁾

Nas éguas e cavalos «montadas» dos lavradores *Cabrestada* de freio e rédeas; albardão e col-dres com manta enrolada à frente; silha de fivela por baixo do capeado do albardão; loros e estribos; peitoral e rabicheira.⁽²⁾

Para a prisão à mangedoura, cabrestão vulgar.

(1) Este nome de *aljorges* é muito corrente no campo, para designar os guisos grandes.

(2) O albardão de coldres com manta enrolada à frente, vai caindo em desuso, assim como o peitoral. A sela está a substituir tudo isso.

Nas éguas dos guardas, vaqueiros e eguariços *Cabrestada* de freio e rédeas; ou de serrilha e arreata, com enxota-moscas de pequeninas correias pendentes da testeira; albardão raseiro, sem capa; peles de cão ou de outro animal, sobre o albardão, cobrindo-o todo; silha por cima, a descoberto; loros e estribos, e por último rabicheira ou atafais de vaqueta. Para a prisão na mangedoura, cabrestão ordinário. Para estacionamento a prado, peias de ferro com ou sem cadeado. As peias, quando se não aplicam, costumam figurar ao pescoço das respectivas cavalgadas.

Em muares de aparelho Cabresto de couro com freio e rédeas; albardão raseiro ou de coldres; silha interior; loros e estribos; atafais ou rabicheira. É' aparelho próprio dos machos e mulas em que transitam os compradores de lenhas, peles, e cortiças, bem como os dos capadores, paneiros, etc. Para a mangedoura, cabrestão simples; no estacionamento a prado, peias de lã.

Nas burras dos ganadeiros Cabresto de couro, com fivelas de metal amarelo e ornatos diversos, pendentes da testeira ou ligados da testeira à focinheira; ⁽¹⁾ arreata de correia simples ou tecida; albarda e peles de cão, inteiriças, por cima, com silha de correia e argola nas pontas, atando em nó corredio. Na traseira, atafais de couro, com fivelas grandes, amarelas. Em aparelhos de asininos não se vêem melhores nem mais bem cuidados, especialmente os das burras dos maiorais dos porcos. As destes e as de outros ganadeiros, é frequente trazerem coleira ao pescoço, com uma pequena esquila ou chocalhinho.

Nas bestas de carga, dos montes Aparelho semelhante ao das burra dos ganadeiros, mas de pior qualidade e com menor estimação. Cabresto e atafais de linhagem ordinariíssima; arreata de corda, de esparto ou de junça; albarda e silha inferiores, e por cima da albarda duas peles de badana, mais ou menos rotas. Para o *carreguio* propriamente dito, uma gópelha, ceirão ou cangalhas, conforme a natureza dos artigos a transportar. Utensílios para carga e preparos do aparelho, é vulgar exhibirem-se num estado de desleixo manifesto, por estarem a cargo dos *paquetes*, condutores e tratadores dos animais que usam esses pertences. Ora os *paquetes* são rapazes de 12 a 14 anos, mais inclinados a diabruras que a cautelas e arranjos.

(1) O cabresto costuma ser confeccionado pelo próprio ganadeiro, nas horas vagas. Os ornatos da testeira, que tanto os caracterizam, variam bastante: uns, limitam-se a correias pendentes, em forma de enxota-moscas e ainda a aplicações de correias, em diagonal, na frente, da testeira à focinheira, cruzando-se e formando *espelho*; outros, constam de crescente (meia lua) de metal ou de dentes de porco, do signo saimão, de uma estrela em metal, etc.

Nos machos e burros dos almocreves arrieiros Cabresto e arreata vulgar, de linhagem, acompanhado de boçal de esparto, para evitar que a besta coma na seara e pousios marginais das estradas. Aparelho para carga de sacos: suadouro de linhagem, e por cima dois chumaços com palha de centeio, chamados *lombinhos*. Sobre os *lombinhos*, a servir de albarda, enxerga raseira, e por último a silha e o *mandil* — pano de estopa, debruado de ourelas ou de casteletas, com guarnição de cadilhos encarnados, pendentos. Na traseira, atafais singelos.

* * *

Os arreios e mais pertences aqui referidos, como aprestos das calvagaduras e bestas, moldam-se um pouco nos seus congéneres da Estremadura espanhola e Andaluzia. Questão de semelhança vaga e nada mais, porque o fabrico desses utensílios é genuinamente nacional, caracteristicamente alentejano. Todos eles ou quase todos, são produto dos correeiros e albardeiros de Evora, Estremoz, Elvas, Portalegre, etc., etc. Os correeiros e albardeiros expõem à venda os respectivos artefatos nas lojas das suas oficinas, mas pouco vendem aí. Vendem e muito, nas feiras de Vila Viçosa, Fronteira, Sousel, Borba, e outras, onde armam grandes e vistosas barracas, de um vasto sortimento. Nestas feiras poucos lavradores e homens do campo deixam de adquirir arreios e preparos para os seus gados. Muitos fazem até provisão de reserva, para o gasto de seis meses a um ano. Outros, adoptam o sistema de contratarem albardeiros e correeiros para irem servi-los aos montes, mediante salário.







VIII

NA agricultura alentejana as searas ocupam lugar culminante, a região elvense, é, das que mais se distingue e avanta, neste importantíssimo ramo agrícola. Aqui, como em toda a província, as searas constam de trigo, centeio, cevada e aveia. De cultura extensiva nas herdades, em *folhas* de 2 a 10 ou 12 moios de sementeira, e quase intensiva nas tapadas, ferregiais e courelas dos arredores das povoações. A cultura do trigo vai num crescendo manifesto, embora inferior ao que se observa noutras zonas, onde pouco se semeava ainda há doze anos. Em Arronches e no Crato, por exemplo, havia terras e terras incultas, ou cultivadas de longe em longe e mal, que de 1892 para cá, estão a ser arroteadas com incremento febril, applicando-se a cereais. Onde em tempos que não vão longe, só vicejavam estevas, carascos e saragaços, hoje desenvolvem-se e criam-se extensas searas, que aumentam de ano para ano nos terrenos que se conquistam à charneca. ⁽¹⁾ Ora o recente alargamento da cultura cerealífera no termo de Elvas, não pode equi-

(1) Sobre o alargamento das culturas cerealíferas eis o que escreve o sr. Anselmo de Andrade, na página 25 do seu notabilíssimo livro *Portugal Económico*:

«Deduz-se dos factos apontados que no decénio findo se deu ao amanho das terras sensível desenvolvimento, tendo sido acrescentada a superfície cultivável e reduzida consequentemente a sua parte inculta. As provas indirectas, que serviram de permisso a esta conclusão, são confirmadas pelo que mais directamente se tem intentado averiguar. Dos cálculos, a que mandou proceder o sr. Augusto José da Cunha, sendo ministro das obras públicas, resultam apreciáveis diferenças em alguns distritos, onde as suas ordens foram começadas a executar. Na província do Alentejo, onde por cálculos anteriores se contavam 57% de terras incultas, aparece agora essa percentagem reduzida a 50% aproximadamente, o que representa uma nova superfície cultivada de 100 a 120 mil hectares.»

Vê-se, portanto, pelas notas transcritas, que no último decénio, as terras incultas do Alentejo ficaram reduzidas a 50%, ao passo que anteriormente calculava-se subirem a 57%. Mas isto, é claro, refere-se a toda a província.

No distrito de Portalegre a superfície dos chamados terrenos incultos é sensivelmente inferior a 50% e talvez até 30. O acrescentamento da área cultivável, nos últimos dez anos, também se nota em maior escala do que a de 7% calculada ao geral de toda a província.

parar-se ao do das terras que ainda ontem estavam bravias. Não pode equiparar-se pela simples razão de que as herdades elvenses, limpas de matagais desde tempos remotos, são por isso mesmo applicadas a searas desde então, não havendo, portanto, margem para expansões, como as que se efectuam nas zonas que estavam ocultas. Todavia a impossibilidade de conquistar terras para alargar as sementeiras, remedeia-se, até certo ponto, com a melhoria de processos culturais e com a alteração dos afolhamentos, que antes eram quinquenais ou quadrienais, ao passo que hoje são trienais, alguns; bienais, muitos, e quadrienais poucos. Acresce a circunstância que todas essas folhas, no ano em que se alqueivam, recebem estrumes e adubos que antigamente não recebiam ou recebiam menos, e assim, e por esse benefício, são em parte semeadas dois anos consecutivos, abrangendo campos consideráveis, outrora reduzidíssimos — campos que englobam duas e mais tornas, e que na segunda sementeira — chamada de rastolhice ou de relvas — avolumam bastante a área da seara.

Por outras palavras: a cultura cerealífera no concelho de Elvas aumenta, é certo, mas aumenta cerceando as pastagens dos *invernadouros* e *coutadas*.⁽¹⁾ Alargam-se as searas, mas diminuem-se os pousios, o que obriga a reduzir a criação do gado vácuum, limitando também o regime manadio das boiadas. Não digo que isto seja um mal, que não é, decerto, mas é um facto notável que merece consignar-se.

Nas herdades desbravadas nos últimos tempos, o caso muda de figura. Aí, as terras que noutros tempos só serviam para míseros roedouros dos gados, agora, depois de limpas, se nem todas, ou poucas mesmo, se prestam para demorado e proveitoso sustento de bovinos, dão pelo menos alguma erva, que todos os rebanhos aproveitam com vantagem.

* * *

Para bem do país, a avaliar pelo desenvolvimento que se está operando na lavoura do Alentejo, é de presumir que num futuro próximo, a mesma lavoura produza trigo bastante para o consumo da nação.⁽²⁾ A certeza de preços convidativos, que a tabela oficial garante ao lavrador,⁽³⁾ o aproveitamento

(1) Por *invernadouros*, entende-se as pastagens de pousio, guardadas desde abril até setembro ou outubro, para de outubro em diante se largarem ao gado vácuum e cavalari. As boiadas costumam entrar primeiro para tirarem a flor, isto é, para aproveitarem os melhores pastos, ou os mais apetitosos.

Por *coutadas*, no caso em questão, consideram-se as terras de rastolhice, guardadas às «águas novas», em setembro ou outubro, para se largarem aos rebanhos de gado vácuum, cavalari e caprino, quando tenham boa pastagem, de fevereiro ou março em diante.

(2) Toda a gente que acompanha de perto o progresso e a expansão de cultura cerealífera no Alentejo, está convencida, de que, a continuar-se assim, dentro em pouco, o país produzirá trigo para o seu consumo. Recursos não faltam. Quem duvidar, leia as seguintes reflexões do sr. Anselmo de Andrade, insertas na página 35 do *Portugal Económico*:

«Com as provadas aptidões da região transtagnana e de uma parte da Estremadura, para a produção de cereais, e em duas províncias, onde as terras incultas cotadas abaixo das altitudes improduttivas são extensíssimas, não é, por certo, uma utopia de economista esperar um aumento de produção nacional, equivalente pelo menos ao nosso deficit de cereais.»

(3) Os preços convidativos que a tabela official garante ao lavrador, devem-se, em grande parte, à poderosíssima e constante interferência da Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, sempre pronta e incansável na defesa dos legítimos interesses da lavoura nacional. Foi ella que em 1888 levantou o brado de veemente protesto contra o abandono que então soffria a agricultura pátria, a estrebuchar agonizante, pela concorrência afrontosa dos trigos estrangeiros. Foi a Real

cuidadoso dos estrumes, tão descuidado antigamente, e o recurso milagroso dos adubos químicos, ao alcance de todos, são incentivos que impelem o lavrador moderno a semear o máximo que pode. Com as rendas e contribuições subidas que está pagando, o lavrador sabe por experiência que só apura receita remuneradora agricultando bem e muito, lavrando e semeando a tempo, sem se esquivar a despesas, como de facto se não esquivava. Já não tem o acanhamento rotineiro de outrora, subordinado à orientação de agricultura pouco e gastar pouco. Agora, arroteia terras, dilata os afolhamentos, estruma e aduba quanto pode, lavra melhor, monda com escrúpulo e em grande escala, e amanhã a tempo, não sacrificando a perfeição e a oportunidade dos serviços a economias negativas. Tudo isto conjugado, produz o espantoso acréscimo de cultura e produção que se está dando. Semeia-se e colhe-se o triplo dos cereais que se semeavam e colhiam há 20 anos. Ninguém ignora este progresso, mas não será ocioso registá-lo.

* * *

A seara de cada lavoura, de uma ou mais herdades, semeia-se na *folha* ou *folhas*, preparadas de alqueive, nos ferregiaes dos montes ⁽¹⁾ e nas terras de rastolhice, que, por terem sido estrumadas no ano anterior, ou que pela sua notoria fertilidade, se julgam aptas para segunda seara. Estas terras de rastolhice, «encorporadas» às de alqueive, para efeito de nova sementeira, são queimadas em agosto, precedendo a desmoita dos rebentos de piorno, se os há. A queima do rastolho fertiliza o solo ⁽²⁾ e facilita a lavoura. Cada *folha*, tanto pode receber uma única espécie de semente como duas ou três. Depende isso da natureza do terreno, da força das circunstâncias, ou do critério do lavrador.

Como já foi dito, as searas de trigo predominam por toda a região, se exceptuarmos a zona granítica de Santa Eulália, em que se avantajam as do

Associação, que nesses tempos angustiosos, convocou os memoráveis congressos agrícolas de 1888 e de 1889, que fizeram resurgir e levantar a agricultura portuguesa. Foi também por iniciativa dos seus principais dirigentes que se fundou o saudoso jornal agrícola — *A Época* — um campeão denodado, que galhardamente batalhou em prol das reivindicações da lavoura nacional, cujos interesses estavam sendo espezinhados pelos omnipotentes moageiros e assás obliterados pelos governantes. Foi uma guerra santa, em que afinal triunfou a verdade e a justiça. Os frutos si se estão vendo e recolhendo, com indiscutível vantagem para o progresso e riqueza da nação.

Cumpra pois, não esquecer a gratidão e reconhecimento que todos os lavradores devem à Real Associação Central da Agricultura Portuguesa, e não menos aos cavalheiros que a têm representado. De entre estes já alguns dormem o sono eterno, como o dr. Carlos Pinto Coelho, Visconde de Coruche, D. José de Saldanha, Conde de Ficalho, Leonardo Torres, etc.

Neste livro, consagrado a assuntos agrícolas, são inteiramente cabidas estas referências e considerações, que não encerram nenhuma novidade, mas que traduzem um preito de justiça.

(1) Os *monturos*, como se usa dizer nas escrituras de arrendamento.

(2) A teoria, aliás velhíssima, de que a queima das rastolhices fertiliza o solo, é aceite por todos os lavradores, mas posta em prática nem sempre dá resultado satisfatório. A cinza dos rastolhos compõe uma camada tão ténue, que as mais das vezes é arrastada pelos ventos, antes que o arado a misture na terra. Por isso há quem prefira lavar as rastolhices sem as queimar.

Os que assim praticam, são de parecer que a terra fica mais beneficiada com os detritos dos rastolhos, que o arado lhe mistura e envolve, do que ficaria com os escassos resíduos de fogos passageiros.

O sr. António Pires, nas suas *Notas agrícolas*, observa que o costume das queimadas no Alentejo acha-se entre os Fullah, o que prova a sua origem primitiva. E acrescenta: «Diz Gustave d'Eichthall, citando Leander: Este progresso da indústria pastoral reagiu, felizmente, sobre a agricultura dos Fullah; cada ano, antes das sementeiras, arrancam e queimam as más ervas e depois misturam as cinzas com o estrume, que têm em abundância».

centeio. À parte esta excepção, a cultura do trigo prepondera na maioria das herdades, sobretudo nas terra campas, *delgadas* e nos *barros*.

Em escala imediatamente inferior, temos a da cevada e logo depois a do centeio. A aveia fica em último lugar, tanto pela terra que a produz como pela quantidade que se semeia. Para ela destinam-se as terras piores de alqueive, ou as de rastolhice, já depauperadas por recentes produções do outras sementes. ⁽¹⁾

Restam-nos os legumes: favas, grão de bico, chicharos e feijão frade, culturas relativamente insignificantes comparadas com as dos cereais. Em regra, os legumes são produzidos nas terras de alqueive, a pretexto de se beneficiarem essas mesmas terras para as sementeiras cerealíferas do outono seguinte. ⁽²⁾ Representam por assim dizer uma cultura secundária, subsidiária da dos cereais. Esta sim, que atinge altíssima importância. De trigos, centeio, cevada e aveia, colhem-se anualmente, centenas e milhares de moios, que pela maior parte vão abastecer os grandes centros consumidores.

Desde o verão até pelo inverno fora, as estações ferroviárias de Elvas e Santa Eulália estão abarrotadas de trigo e outros géneros, que todos os dias saem em dezenas de vagons para Lisboa, Porto, Coimbra, etc. Porções enormes que na sua quase totalidade provêm das lavouras extensivas que se exploram nas herdades circunvizinhas. Consequentemente, os múltiplos serviços que demandam as searas, ocupam todo o ano numerosas parelhas de muares e de juntas de bois, assim como o pessoal referido num dos anteriores capítulos. O que são todas essas fainas rurais, que empregam tantas pessoas e gados, vai ver-se em seguida.

Serviços culturais Constam dos seguintes: lavouras pròpriamente ditas, gradagem, desmoita, adubação, sementeira, monda, ceifa, acarretos e debulha. Para os trigos e cevada praticam-se escrupulosamente todos estes serviços e em certos casos outro mais como arroteadas, abrição de sanjas ou valas de esgoto, restilhagens, etc. Para o centeio dispensa-se um ou outro «ferro» de lavoura e a monda rigorosa. A aveia prescinde também de benefícios que não pode compensar. Como modesta e humilde que é, satisfaz-se com uma ou duas lavradas, sem mais cerimónias de preparos.

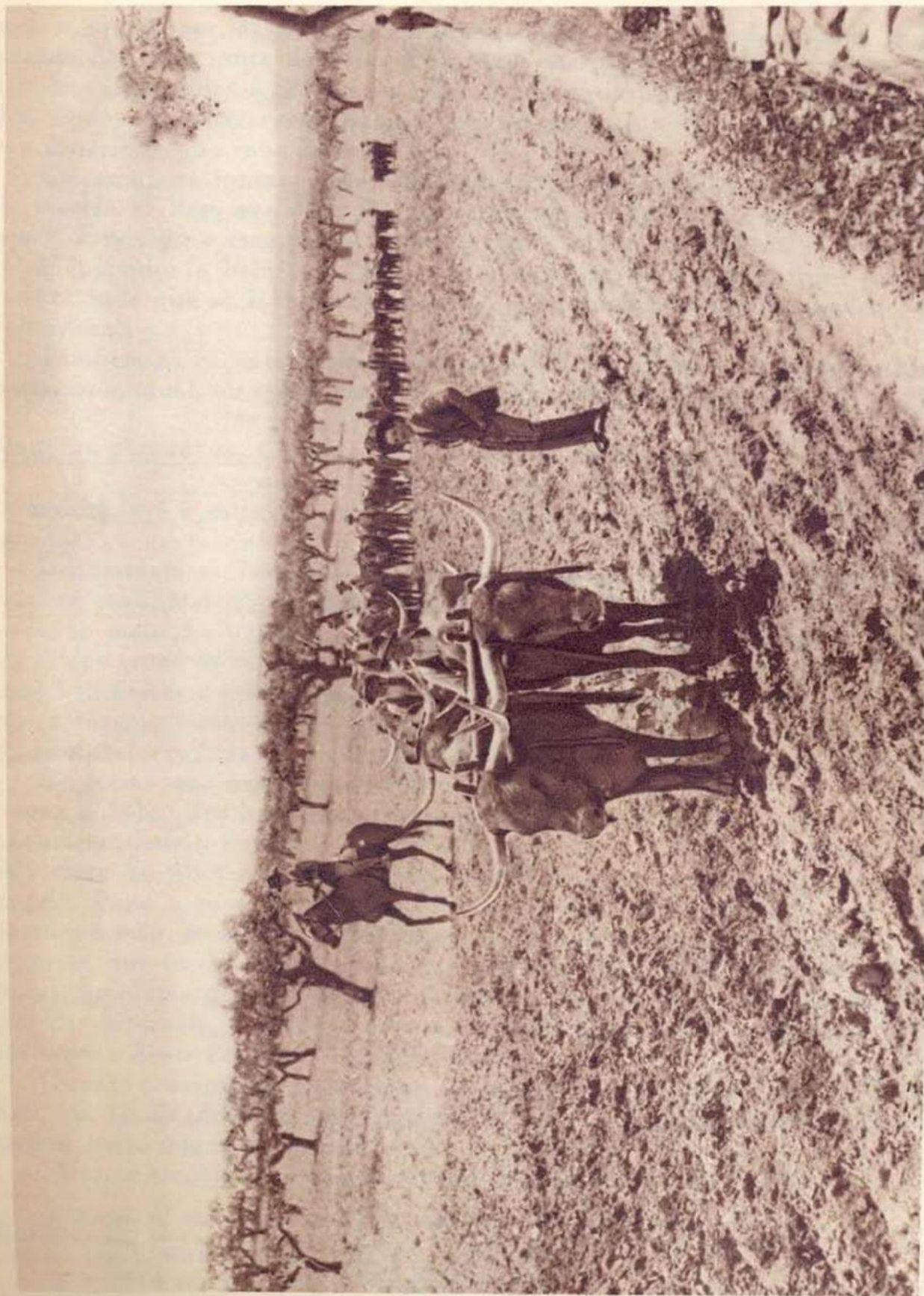
LAVOURAS

Animais e instrumentos que se empregam As lavouras executam-se com charrua ligeira, de *aiveca* móvel ou com o arado romano. Com charrua nos «ferros» do alqueive. ⁽³⁾ Sòmente

(1) Como se vê, alternam-se as culturas variando as espécies de sementes. É uso antiquíssimo, cujas vantagens são demonstradas cientificamente pelos agrónomos.

(2) O lavrador sabe de há muito pelas lições da experiência, que a cultura dos legumes tem a vantagem de beneficiar as terras para a produção de cereais.

(3) A charrua emprega-se quase exclusivamente no primeiro «ferro» ou lavrada do alqueive. Chama-se *alqueive* ao conjunto das lavradas preparatórias que precedem a sementeira, como se explica noutro lugar.



A caminho da lavoura

com o arado, por ocasião da sementeira. Charruas ou arados, cada qual é puxado por uma junta de bois ou por uma parelha de muares. As juntas dirigem-nas os ganhões, o boieiro e o abegão, com o auxílio da aguilhada. Das parelhas cuidam os almocreves, guiando-as com as arreatas e um pequeno chicote — a *bengaleta* — no cabo da arrilhada.

Em geral, as juntas de bois figuram em número superior ao das parelhas de muares, se bem que estas já foram menos, e é de supor que ainda aumentem. ⁽¹⁾ Em todo o caso, e por enquanto, se uma lavoura deita 20 arados, 14 ou 15 são movidos a bois, e os restantes a muares. Este é o costume corrente, embora haja que só lavre com muares, e outros, mais excepcionalmente, com bois apenas.

Também se encontra quem agriculte com bois e muares em número aproximadamente igual, ou igual, mas isto também se não vê muito.

Singelos e revezos Chamam-se lavouras de *singelo* aquelas em que se lavra com os mesmos bois aos dias inteiros, desde a «agarra» da manhã, até à solta, ao sol posto, excepto nos intervalos da merenda e das águas.

Denominam-se lavouras de revezo as que empregam uns determinados bois, de manhã desde a madrugada até às onze ou onze e meia, e outros de tarde, do meio dia em diante até ao pôr do sol. Os que lavram de manhã, escolhidos entre os melhores, são *revezados* (substituídos) pelos da tarde — em regra bois fracos e velhos, emparceirados com novilhos da amansia. ⁽²⁾ Há também o sistema mixto de, na mesma lavoura, figurarem juntas de revezo e juntas de singelo, prática excepcional, só justificada por circunstâncias imperiosas.

De forma que uma lavoura que «deita» exclusivamente arados de revezo, precisa o dobro dos bois que precisaria se apenas «deitasse» singelo. Portanto, empata em bois o dobro do capital. Mas este onus é de certo modo atenuado pelo custo da alimentação do gado, menos gravosa no de revezo que no de singelo. Para o sustento destes últimos, puxa-se mais pela bolsa, por serem tratados à mão, ao meio-dia jungidos à canga, e de noite presos às mangedouras, ao passo que os de revezo ainda que por acaso se alimentem presos, comem rações diminutas por trabalharem menos tempo e pascigarem a prado. Isto na pior das hipóteses, pois dispendem ainda menos, quando só passam com o que apanham a dente em pleno regime manadio.

Quanto a despacho, é manifesta a superioridade do sistema de revezo, cujos bois, em igualdade de circunstâncias, lavram mais, relativamente, por terem melhor passo que os de singelo.

Noutros tempos só se usava singelo nas lavouras das herdades de terras

(1) Nas lavouras importantes só por excepção muito rara se empregam outros animais, como vacas, cavalos, éguas e jumentos. As vacas ainda se vêem lavrar em searas de *charepe* humilde. Os seareiros de poucos recursos também chegam a servir-se de jumentos. Mal lhes vai quando chegam a esse extremo de penúria.

(2) Os novilhos que estão a receber ensino no trabalho do arado. Cada um costuma trabalhar com um boi velho e pacato, que lhe serve de amparo e *madrinha*.

impróprias para invernadouros e coutadas. O uso do revezo vogava em toda a parte em que se podia sustentar o regime manadio das boiadas, que era bastante económico, atento o insignificante preço que, então, custavam as pastagens. Hoje, pela carestia dos pastos e redução dos pousios, vão-se limitando os revezos e generalizando os singelos. Mesmo nas «casas» onde o revezo prevalece, interrompe-se no todo ou em parte da sementeira outonal, para se substituir temporariamente pelo singelo, afim de se deitarem mais juntas, tantas quantas seja possível. Nessa época «arrima-se» à lavoura toda a força disponível. Há que aproveitar o tempo e a boa «maré», factores essenciais para o bom êxito da seara.

As muares, lavram todo o dia, como se fossem bois de singelo. Mas a sua lavoura não se lhe chama de singelo nem de revezo. É a lavoura das parelhas, e nada mais.

Distribuição das juntas (*Quem as distribui*) — Como ficou observado no *Pessoal de uma lavoura*, o abegão escolhe para si a melhor junta de bois, ou as duas melhores juntas, conforme o caso de a lavoura ser de singelo ou de revezo. Imediatamente escolhem os boieiros: primeiro o maioral e depois o ajuda e, após estes, o sota, escolhendo a seu capricho ou sujeitando-se à indicação dos boieiros, segundo o costume estatuido na «casa» ou na freguesia. ⁽¹⁾

A escolha das juntas dos governos costumam fixar-se no princípio da época e uma vez escolhidas, persistem compostas com os mesmos bois por tempo ilimitado. As juntas dos ganhões são organizadas a capricho do boieiro do respectivo revezo. ⁽²⁾ Ele é que indica aos ganhões os bois que hão-de agarrar, distribuído-os e emparceirando-os segundo o seu critério, mas tendo em vista a índole das reses e as aptidões dos homens. Para os velhos e rapazes principiantes, bois pacatos. Para os adultos no vigor da vida, quaisquer, desde os matreiros e manhosos, até aos *azedos* e *ariscos*. Para estes, ganhões com unhas e tacto, que os *adomem* e entendam.

A distribuição do revezo de manhã cabe ao ajuda, por ser o boieiro que de madrugada apresenta os bois nos arados e também por ele lavrar durante esse meio-dia. À do da tarde, compete ao maioral, por razões análogas.

(1) As juntas do abegão, boieiros e sota, diferenciam-se, por serem as melhores e mais emparceiradas. Em geral, também se distinguem por trazerem esquilões em bons arreios e corneiras largas com rabadas de boi pendentes das pontas.

(2) Excepto para os ganhões *apeireiros*, de carácter permanente, que têm também o direito, de escolher juntas para si, mas somente depois de escolherem os governos, e como compensação do encargo que os sobrecarregam.

Por *apeireiros*, designam-se os ganhões que transportam apeiros das juntas do abegão e dos boieiros, tanto de manhã cedo, do monte para os arados, como à tarde, à solta, dos arados para o monte. A pensão de *apeireiro* ou é incumbida a determinados ganhões, que a desempenham todos os dias, a troco de escolherem juntas, como acontece em algumas zonas, ou por escala a dois ganhões, em cada dia, sem direito de escolherem juntas, regulando-se a escala pelos lugares que os homens ocupam à mesa ou na *piscola*. Este último sistema é o mais seguido. Se na lavoura trabalham filho ou filhos do lavrador, como antigamente era vulgaríssimo na temporada da sementeira, estes também têm *apeireiros* com usos e encargos análogos aos do abegão e aos dos boieiros.

No caso da lavoura decorrer com juntas de singelo, pertence ao maioral dos bois distribuir e emparceirar todas as juntas dos ganhões.

* * *

Horas de «agarrar» (*Dias amenos e dias de chuva*) — Desde que se começa o alqueive em dezembro ou janeiro, «agarrar-se» e principia-se a lavrar ao nascer do sol ou antes um pouco. Do princípio de março em diante *enrega-se* com o sol nascido, e tanto mais alto quanto maiores vão sendo os dias.

Pela sementeira outonal, como o gado possa e o tempo convide, começa-se ao raiar da aurora, ou, pelo menos, ao aclarar do dia. Se, porém, a sementeira está de resto, se «vai de cabeça abaixo», como se costuma dizer, agarrar-se cedo, mas não se começa logo. A ganharia entretém-se a fumar uma cigarrada, aguardando dia claro para ir lavrar.

Na hipótese contrária, isto é, quando o serviço está atrasado e a época vai decorrida, o abegão agarra e começa muito cedo, sobretudo havendo luar e bom tempo. Ordinariamente, a *família* conforma-se com a antecipação, atentas as causas que a motivam. Por acaso, algum que chia não é por mal; é por falar, para dizer *anedotas*. Se falam, dirigem-se ao abegão nos seguintes termos ou outros parecidos:

— «Olhe que a claridade é da lua... Inda a *manhem* não rompe...» — diz um.

— «Nem daqui a uma hora» — observa outro. E vários acrescentam:

— «Nada, o melhor é uma pessoa «agarrar» à meia noite!...»

— «Tá visto... Á meia noite é que deve ser, para a assorda esmoer bem...»

Remoques facetos, à boa paz, com uma pontinha de ironia, de que o abegão se ri e os próprios que os proferem.

Mas se a ganharia anda *escabreada* e a forçam a «pegar» de noite, mal principiam a lavrar desatam aos gritos, simulando o regougo das raposas. Pretendem significar, que se as raposas regougam é por que a noite subsiste. O abegão finge não ouvir, mas toma a gritaria como um ataque irrespeitoso, de que se vingará oportunamente. Em lhe calhando, pagam-lhas pela certa, pondo ao fresco os *badios* que lhe não têm *suprema*... que lhe não guardam *decoro*...

Nas madrugadas escuras, por efeito de nublados e falta de luar, a aproximação do crepúsculo matinal não se lobra, é claro e, nestas circunstâncias, o abegão agarra e começa o trabalho, dizendo:

— «Hoje alguém fica enganado... Nós, ou o amo...»

A isto respondem-lhe os ganhões:

— «Os enganados, *semos nós*... vocemecê vai pelo seguro...»

Querem dizer que na incerteza das horas, o abegão não se descuida e prin-

cipia mais cedo do que principiaria estando a atmosfera limpa de nuvens — ceu *esgaseado*, como se diz em linguagem rústica. ⁽¹⁾

O chefe da lavoura ouve as observações do pessoal e não responde. Em lhe parecendo, acende o cigarro, pega na aguilhada, segura o rabanejo, endireita a junta e grita:

— «Vá fora!...»

E os ganhões vendo-o e ouvindo-o, resolvem-se a imitá-lo, seguindo-lhe os movimentos, de melhor ou pior vontade.

Desta maneira, à hora convencionada, com rigorosa ou elástica pontualidade, a lavoura principia sem preocupações pelo aspecto do dia. O dia, está sabido, tanto pode apresentar-se de uma amenidade deliciosa como brusco ou tempestuoso. Em que chova mesmo, entrega-se como se não chovesse. «El-rei não manda chover... manda caminhar...» Portanto caminha-se, que por bagatelas não se detém a faina. O mais que o pessoal faz é defender-se da molhada, enroupando-se o melhor que pode. Cada qual veste o pelico, o tapa-cu, os safões, a jaqueta e o capote aguadeiro, envergando tudo isso, para assim *ensamarrados*, suportarem e defenderem-se do temporal.

De manhã, ou pelo dia adiante, a chuva só interrompe a lavoura quando cai a cântaros, alagando o solo, inundando os regos. Então, sim. O abegão reconhecendo a impossibilidade de continuar, dá o sinal de paragem, ⁽²⁾ os subordinados imitam-no, e, a seguir, todos abandonam o posto, deixando as juntas agarradas aos arados. Bois e muares, quedam-se cabisbaixos e impassíveis, suportando sem um queixume as bâtegas de água que lhes escorrem sobre o pelo. Não tugem nem mugem, mas no seu olhar de inequívoca melancolia, lêem-se expressões de má-gua pelo tom lutoso do meio que os cerca... E a chuva fustiga-os impiedosamente, ao passo que os homens fogem a escape para os abrigos das pedras e das árvores, onde se assolapam e ageitam até passar a tormenta... Mal *escampa*, abegão, ganhões e carreiros, voltam a agarrar-se ao *tango*, ⁽³⁾ e a labuta prossegue como antes da chuvada, a não ser que a terra atasque e não agüente. *Atascando*, é forçoso deitar fora — levantar para outra *folha* ou *torna* menos fabricada, ou mais *enchutia*, que permita lavrar-se em termos. Não a havendo em tais condições, solta-se e interrompe-se a faina por alguns dias, para a terra *orear*, de modo que enxugue em condições de se lhe meterem de novo os arados. Tem de se ir com o tempo. E mal vai ao lavrador que arrostar com os entraves do tempo.

Nas merendas ao meio dia Lavrando-se de *singelo*, solta-se às onze ou onze e meia da manhã, merendendo os homens, os bois e as muares no próprio local da lavoura, durante hora e meia a duas horas.

(1) Estes comentários sobre incerteza de horas, eram frequentes, ainda há poucos anos, mas hoje já são raríssimos ou talvez mesmo nunca se ouçam, pelo motivo de a maioria dos ganhões já usarem relógio de algibeira e saberem às quantas andam. O relógio e as indicações que dele tomam, impedem que o abegão aproveite os nublados para lhes tirar alguns minutos de descanso.

(2) Parando e encostando a aguilhada ao rabanejo com a ponta inclinada para cima.

(3) Ao arado ou ao trabalho.

Os ganhões merendam o costumado pão e queijo, como ficou consignéado na página 115, no artigo *Alimentação*.

Os bois comem palha de trigo, em alcofas ou gamelas, misturando-se-lhe farinha, farelos, etc. ⁽¹⁾ Também se usa a aveia em rama, em vez da palha de trigo com mistura. A ração dos bois, se não consta de aveia em rama, é distribuída pelo abegão, em 4 a 5 *posturas*, de um punhado cheio por cada vez e boi. Antes da *postura*, os ganhões aviam de palha as alcofas ou gamelas, e cada um por si apresenta a correspondente vasilha ao abegão, para receber a ração respectiva. O abegão avia e despacha de pronto, alargando as mãos para os bois grandes ou magros, e encolhendo-as para os pequenos. Para os da sua junta abre-as quanto pode, e, se lhe parece, deita-lhe dose dobrada. Dá-lhe força dupla, para ficarem quentes e de pé ligeiro.

Se a merenda do gado consta de aveia em rama, distribui-se a aveia aos molhos e em golpelhas, uma para cada grupo de duas juntas. Por um ou outro sistema, cada ganhão passa arrazoar os bois a seu cargo, dando-lhes a aveia em pequeninas gavelas. Dá-lha com geito e pachorra, metendo-lha na boca para a comerem sem desperdícios de vulto. E entretanto, o ganhão, vai-se alimentando a si próprio com falcas de pão e queijo.

No dizer do pessoal campónio, a aveia em rama é a melhor coisa que o gado come. Não há bois que a masquem, desdenhosos. Pelo contrário todos a aceitam com avidez. «A aveia é muito gulosa», dizem os ganhões...

Os carreiros sobre a fiscalização do maioral, tratam das parelhas, pondo-lhe bornais com palha e cevada.

À solta do gado para ir merendar, e mais tarde, antes da merenda concluir bois e muares bebem água em maceirões e caldeiros ⁽²⁾ no sítio onde comem, ou vão bebê-la aos poços e ribeiros das proximidades. Prefere-se que bebam junto da comida, para se não perder tempo em caminhadas.

Carreiros e ganhões, lipam e renovam a palha tantas vezes quantas se torna preciso. Não obstante, os homens, concluem a refeição muito antes do gado. Enquanto os bois e as muares não acabam de merendar, anima-se e avoluma-se a palestra dos da malta, por entre as fumadas de cigarros que a maioria saboreia. Isto sem prejuizo do tratamento das juntas, que a todos compete reparar. É' pelo menos o seu dever. Se há quem o esqueça, o abegão corrige-lhe o descuido com frases de censura.

Nas lavouras de revezo para-se de merenda quase à mesma hora que nas

(1) A ração varia em quantidade e qualidade, por razões de ordem económica e outras que seria prolixo especificar. Usa-se farinha de centeio, de chicharos, de cevada, de sêmea das fábricas de moagem, da aveia em grão, etc. Nos últimos dois anos, a escassez e a carestia das ferinhas e das sêmeas, concorreu para que também se consumam bagaços de sementes oleaginosas, fornecidos por casas de Lisboa. Duas quintas partes do coconote, uma de mendobi, outra de coco e outra de linhaça, tudo misturado na proporção referida, compõe uma alimentação bovina de primeiríssima ordem, sob o ponto de vista económico e nutritivo.

(2) Neste caso, a água é previamente conduzida para o local da merenda numa barrica grande, montada em carro, tirado por parelha de muares.

de *singelo*, para o pessoal e as parelhas comerem, e se revezarem os bois. Mas não se pára sem que chegue o revezo da tarde, que vem substituir o da manhã. Em aquele chegando, solta-se e agarra-se em menos de dez minutos, salvo se surgem enredos e embaraços com os novilhos de amansia. Se os novilhos enredam, dificultando a agarra e a prisão, a demora é bem maior.

Agarrado o revezo, a *família* merenda e, ao cabo de quarenta minutos, volta a lavar, mas com outros bois — os de revezo da tarde, é claro. Os do da manhã, marcham nesta altura para a pastagem, tocados pelo boieiro ajuda. Os carreiros e as parelhas continuam comendo e em terminando, entregam com as juntas de *singelo*.

* * *

Aguadas Chamam-se *aguadas* aos intervalos em que a lavoura suspende para o gado descansar e o pessoal beber. ⁽¹⁾ Quem quer come também a sua falca de pão ou mesmo um marrocate. O abegão dá o sinal da *aguada*, parando e gritando:

— «Água!...»

À voz de: — Água!... — tudo pára. E' costume parar em terreno plano, de ladeira acima. De ladeira abaixo, os bois ficam em posição forçada, que os impede de descansarem convenientemente.

Em regra, há quatro *aguadas*: duas de manhã e duas de tarde, quer se lavre de revezo ou de *singelo*. Mas nos dias pequenos, e, sobretudo nas lavouras de *singelo*, como os bois estejam bons (vigorosos), acontece suprimir-se a última *aguada* da manhã e a última da tarde. Esta, principalmente.

A primeira, de manhã, a maior das quatro, dura 30 a 40 minutos e dá-se das 8 horas em diante. A segunda, no caso de haver, tem lugar cerca das 10 e meia demorando 8 a 10 minutos. Aí, pelas três horas, decorre a primeira da tarde, que entretém 15 a 20 minutos. E meia hora antes do sol posto, realiza-se a última — a mais pequena — que dura coisa de seis minutos. «E' só uma *mijada*», como se usa dizer para lhe justificar a pequenez.

Sendo necessário adiantar serviço, ou havendo demoras por incidentes ocorridos, o abegão *esquece-se* de dar a segunda *aguada* da manhã ou a segunda da tarde, à semelhança do que pratica na maior parte dos dias de dezembro e janeiro. Os ganhões comentam a partida, observando: — «Hoje a raposa abalou com ela...»

Nas épocas de escassez de pastos, os bois comem «à mão» um penso ligeiro, durante a primeira *aguada* da manhã ou na primeira da tarde, senão em ambas, para de certo modo se indemnizarem da mesquinhez da pastagem.

(1) Nas lavouras de poucos arados, a água para consumo da ganharria é conduzida às costas, em barrica, pelo ganhão, que por escala serve de aguadeiro do dia. Em sendo preciso, o ganhão mete a junta para dentro da lavrada, pára-a aí e larga-a, afim de ir à fonte ou ao poço mais próximo. No regresso coloca a barrica próxima da píscola e volta a lavar. As lavouras maiores entretém aguadeiro permanente (velho ou rapaz), que transporta a água em besta munida de cangalhas com barricas ou cântaros. Nas *vsgaturas*, o aguadeiro ocupa-se em serviços conexos de pouca monta, como cortar lobas a enxidão, cuidar de ferramentas, etc.

Em muitos dias, também, se aproveitam os aludidos intervalos, para se mudarem os ferros dos arados.

Durante as *aguadas*, é da praxe não defecar ninguém da ganharia, incluindo carreiros. Quando muito, só o abegão toma essa liberdade, sem ouvir reparos. Outro que transgrida, *abaixando-se*, apanha surriada e sujeita-se a pagar vinho à malta.

Mas a não ser por motivos imperiosos, inadiáveis, o preceito observa-se à risca e da melhor vontade. Todos sabem que lhes convém cumpri-lo a rigor, porque lhes fica ensejo para depois, isoladamente, nas horas de trabalho, botarem fora e folgarem de novo uns instantes, a pretexto de «dar de corpo». Calcule-se, se haverá ou não capricho na observância da praxe.

.....

Também por ocasião de *aguadas* não se admitem *baías* às mulheres que se avistam de passagem. Como vai de descanso, entendem que se deve disfrutar em sossego. E as mulherzinhas transeuntes, vendo as juntas paradas, exultam do caso e aceleram o passo, para se escaparem aos apupos. As mulheres recatadas, compreende-se. As folionas e *voluntárias*, que não têm papas na língua, prefeririam ouvir e responder *pachovadas*.⁽¹⁾

* * *

A solta E' invariavelmente, ao sol posto, seja em que época for, tanto pelo sistema de revezo como pelo de *singelo*. E no acto de soltar, o abegão tira o chapéu e diz: — «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!... Antigamente dizia-se que os bois deviam ver o pôr do sol já fora da canga.

.....

A agarra de manhã cedo, as *aguadas*, a merenda, a solta e a própria faina aratória, subordinam-se a muitas outras praxes e regras, que vão mencionadas nos parágrafos seguintes, e em outros, compreendidos em anteriores capítulos.

* * *

Alqueives. Lavradas de alqueive e lavradas de sementeira Em geral, a *folha* ou *folhas* de pousio que se pretendem agricultar para sementeira de cereais, são lavradas a charrua ou arado, com a necessária e possível antecedência, tantas vezes quantas o costume preceitua, a terra precisa e a semente exige. Cada lavrada ou «ferro», tem nome próprio, segundo a ordem cronológica e propósito que a motiva.

Dão-se «ferros» de alqueive e «ferros» de sementeira. Os de alqueive, representam a cultura preparatória, e tanto podem ser dois como três, ou um apenas,

(1) Pachouchadas. Palavrões algo obscenos.

se causas extraordinárias impedirem outros. Como quer que seja, alqueiva-se nos meses de janeiro a junho, adiantando-se ou retardando-se o serviço conforme o decorrer do tempo e a falta ou abundância de ervas. Não escasseando os pastos, pode-se lavrar cedo sem receio de cercear os pousios. Faltando as pastagens, tem de se aguardar a aproximação de primavera, para se lavrar sem preocupação de que as ervas faltem para os rebanhos.

Ao primeiro «ferro» ou lavrada, chama-se-lhe *relva*,⁽¹⁾ ainda que muita gente lhe dá o nome de *alqueive*. Mas, este termo, como creio que já disse, emprega-se geralmente num sentido mais genérico. Em rigor, a palavra *alqueive*, significa o conjunto das lavradas preparatórias, o que se procede no inverno e na primavera.

O segundo «ferro», subsequente ao da *relva*, conhece-se por *atalho*, e se por ventura ainda outro se lhe segue, durante a quadro primaveril, o que não é vulgar, denomina-se *terceiro*. Por tanto, a *relva* e o *atalho*, são os serviços de arado ou de charrua que exige o amanho de um alqueive bem acabado. A sua boa ou má execução, influi poderosamente no preparo das lavradas seguintes — as da sementeira — e muitas vezes até no bom êxito da seara. Convém sem dúvida lavrar sempre com perfeição, mas no «ferro» de *relvas* e no da sementeira, mais que nos intermediários. O primeiro é a base e o último o fecho de toda a labuta aratória.

* * *

Na maioria dos casos, o *alqueive*, depois de pronto na primavera, fica em *branco*, até à próxima sementeira outonal, principal, senão único objectivo do seu preparo. Se, porém, o terreno se presta à cultura dos legume, aproveita-se logo, semeando-se-lhe grão de bico e chícharos. Mas quer fique em *branco*, ou se lhe semeiem legumes, a terra alqueivada lavra-se de novo mais tarde, desde as «águas novas» de setembro ou outubro até novembro, para se lhe semear a seara por excelência: — trigo, centeio, cevada ou aveia. Neste segundo período de lavoura, a terra cultiva-se com dois «ferros» mais, ou um apenas. Recebendo dois, o primeiro chama-se-lhe *revolta*. O seguinte, ou para melhor dizer, o definitivo, quer seja o segundo da época ou o único, por se ter prescindido do da *revolta*, chama-se-lhe apenas o da sementeira. Este último «ferro» serve para cobrir a semente. De forma, que as terras para searas de trigo e cevada, nas herdades, preparam-se em regra com duas lavradas de *alqueive* e duas de sementeira. Em regra, repito. Excepcionalmente, podem receber mais ou menos, por efeitos de causas múltiplas e acidentais, que se torna prolixo escrever.

Para o centeio, as lavradas reduzem-se em geral a duas ou três, posto que nas terras ótimas para este cereal, também se use lavrá-las tantas vezes, e com tanto apuro, como se procede para com os trigos. Para a aveia, são mais que

(1) Na região agrícola de que trata esta obra, o termo *relva* tem duas significações. Primeira: para designar as terras que se queimam de rastolhice, afim de se lavrarem e semearem em seguida. Segunda: o primeiro «ferro» do *alqueive*, seja em que terra e época for. Nunca se emprega como sinónimo de prados ou ervas em pousio.



Lavrando

suficientes os dois «ferros» do alqueive e um de sementeira. Que até se semeia de um único «ferro», lavrando-se «à face», de pousio, para cobrir a sementeira. E' preparo reles, mas nem por isso deixa de ser vulgar.

O que fica exarado sobre «ferros» ou lavradas, refere-se às searas de sementeira outonal, que são as que predominam por toda a parte, numa extensão e importância incomparavelmente superior às outras de primavera. As de primavera — searas de trigo ribeiro, de grãos e de chicharos — lavram-se de *relva* e de *atalho*, de dezembro a março, para após o *atalho* receberem a semente, e, logo em seguida, a lavoura final que as vai cobrir. Três «ferros» ao todo, quando muito, intercalados e beneficiados com uma ou duas gradagens de grades de rojão ou de outras melhores. Muitas terras preparadas e semeadas de trigo ribeiro na primavera, são simultaneamente consideradas alqueives para searas de sementeiras outonal e como tais se semeiam de novo no outono, com trigo, centeio, cevada ou aveia, beneficiando-se antes com a lavrada de *revolta* e a definitiva da sementeira.

* * *

Tornas, cantos, boquilhões e lobas Toda e qualquer *folha*, sub-divide-se em *tornas* — porções de terreno limitadas por regatos, estradas, arrifes, vales, vertentes, etc. Chamam-se-lhes *tornas*, por cada qual constituir um campo distinto, que se lava em separado, de harmonia com a sua configuração geométrica. Por outras palavras: as píscolas dos arados *tornam* de uma a outra ponta, lavrando em voltas ou caminhadas, de vai-véns sucessivos, crescendo ou recolhendo a lavoura, segundo as «caídas do terreno», e sem ultrapassarem os limites convencionados.

As *tornas* prestam-se a ser lavradas com um importante número de juntas, e ordinariamente assim acontece, sobretudo nos terrenos planos e desembarçados de pedras, como são os barros de Elvas e os de Campo Maior. Em planícies e encostas como estas, é vulgar ver em movimento uma *ucharia* de 20, 30 e mais arados, todos pertencentes ao mesmo lavrador.

Em muitas *folhas*, principalmente nas zonas acidentadas e pedregosas, a cada *torna*, estão adestritas pedaços de terreno conhecidos por *cantos*, uns e por *boquilhões*, outros.

Por *cantos*, designam-se os prolongamentos da *torna*, estreitos e muito pronunciados, que dificultam a «direitura» da lavoura, executada com bastantes juntas. Para remediar o inconveniente, esses prolongamentos lavram-se à parte com uma ou duas juntas, sendo «cortados» (demarcados) pelo rego do arado que manobra o abegão, ou pelo de outro dirigente, a quem calhou «endireitar» a terra em fabrico.

Os *boquilhões* reduzem-se a campos mínimos, separados da *torna* por meio de vales, regatos, etc. Lavram-se também à parte com uma ou duas juntas.

Chamam-se *lobas*, aos espaços que escapam à *píscola* na sua passagem, junto dos penedos e das árvores. As juntas e as parelhas não podem aí lavar, em virtude do desvio que forçosamente têm de descrever para não esbarrarem nesses obstáculos. «Passam-lhe à roda», segundo a frase do estilo.

À semelhança dos *cantos* e dos *boquilhões*, as *lobas* lavram-se com um ou dois arados de ganhões ou carreiros sabedores, que as «cortam» transversalmente, em sentido oposto à lavoura da *torna*. Para o caso, preferem-se parelhas de muares, por se dirigirem e voltarem melhor que os bois, despachando mais.

* * *

Armação das tornas Diz-se «armar» ou «agarrar» a terra, dos primeiros regos que se abrem numa *torna*. De começo, «arma-se» com poucos arados e, sendo preciso, «endireita-se» a armação, cortando os cantos e as curvas que fazem estorvo ao prosseguimento regular da lavoura. Depois o *governo* vai guiando a lavoura, para dar ingresso às juntas da sua *píscola* e ainda para cortar terra às outras *píscolas*.

Desta maneira a lavoura cresce, «enche» e avança, segundo a direcção que lhe imprime o abegão. Em regra, avança na ponta guiada ou dianteira, e morre ou recua na outra aposta — na ponta morta. Mas em certas ocasiões vão guiadas as duas pontas e então, a lavrada cresce em ambas.

* * *

Píscolas Denominam-se *píscolas*, os turnos de juntas ou de parelhas em que se dividem, o conjunto de arados que lavram numa determinada *folha* ou *torna*.

As lavouras pequenas costumam «deitar uma *píscola* de 6 a 10 arados de bois e outra de duas a três parelhas de muares, o máximo.

Nas lavouras grandes figuram duas a três *píscolas* de bois, de 8 a 10 juntas cada, e bem assim a das muares, com todas as parelhas disponíveis, como não excedam a 8 ou 10. Indo além desta quantidade, chegam a compor duas *píscolas*.

A ordem das juntas e das parelhas na composição das *píscolas*, obedece a praxe estatuidas e acatadas.

Cada *píscola*, formada em coluna, tem à frente a junta do *governo* respectivo, e na rectaguarda a do imediato subalterno, ou a de quem o represente. Os dois ficam nos extremos: o primeiro, na ponta dianteira ou *guiada*; o segundo, na da traseira ou *morta*. E entre os arados extremos das duas pontas, manuseados pelos dirigentes, enfileiram os dos dirigidos — os dos ganhões rasos — tendo lugares certos ou não, conforme o uso local, que neste assunto diverge de zona para zona. Assim dispostos, são tantos os arados quantos os regos que se abrem no decurso de cada volta.

Quando as juntas de bois formam duas ou três *píscolas*, vai lavrando na avançada a do comando exclusivo do abegão, para este dirigir daí toda a faina e, simultâneamente, ir cortando as pegas necessária ao andamento das

outras *píscolas*. As quais lavram paralelamente, a certa distância nas terras cortadas pelo abegão. Por seu turno, o governo da *píscola* mais próxima da do abegão, recorta terreno à outra que lhe fica da parte de baixo. E assim sucessivamente, ficando em último lugar a *píscola* ou *píscolas* das parelhas. Estas obedecem também a preceitos análogos, sendo respectivamente governadas e dirigidas pelo maioral das mulas e ajuda.

.....
 Como já disse, sempre que se torna necessário, saem das *píscolas* as juntas ou parelhas precisas para lavrarem à parte os cantos, ou *boquilhões* e as *lobas*.

* * *

De águas fora e de águas tomadas A lavoura do arado antigo, fica de «águas fora» ou de «águas tomadas», segundo a direcção que toma em relação à «caída» do terreno. De «águas fora», quer dizer regos a favor da corrente para que as águas das chuvas escoem à vontade para os regatos e vales próximos. De «águas tomadas» significa lavoura ao inverso da outra, que sustenha ou demore as águas.

Em certos sítios, para evitar diferentes armações, lavram-se de «águas tomadas», terrenos baixos que reclamam lavoura de «águas foras». Mas neste caso remedeia-se o inconveniente por meio de *margens* — regos fundos e largos, abertos em sentido oposto à lavrada da *torna*.

* * *

Lavoura miuda, larga e enfiada A miuda, consiste em deixar a terra com os regos bastante unidos e de pequeno cume. É a melhor lavoura, sobretudo no primeiro «ferro» do alqueive. Usada no da sementeira, carece de *margens* ⁽¹⁾ abertas nas covas ou baixios pouco ou nada escoantes.

A lavoura larga ou aberta — regos de gumes espaçosos e distanciados — usa-se de preferência no atalho e na revolta. Lá diz o ditado: *Atalho, em que seja com um ramalho... Revolta, até com uma arreigota...* ⁽²⁾ A lavoura larga e profunda no atalho, tem a vantagem de pôr a terra em melhores condições de ser calada com os raios do sol, no verão, que muito e muito a beneficiam.

Nas sementeiras de terrenos arenosos, já preparados com um bom alqueive também se adopta a lavoura aberta. Adianta o serviço e não prejudica, antes convém, excepto nas encostas íngremes, com terrenos de fácil desagregamento.

Por lavoura *enfiada*, classifica-se a de transição ou meio termo entre as duas já aludidas, ou seja a que não fica muito fechada, nem muito aberta.

De qualquer modo, e em todas as épocas, os regos devem ficar fundos, se a camada arável o permite. Mas nas terras de pouco chão, com menos de cinco

(1) Regos largos e fundos, como já disse.

(2) Prolóquio antigo, a significar que a lavoura de *revolta* é sempre vantajosa, mesmo sendo mal feita. Por análoga razão também se afirma que o «ferro» do atalho é bom, *inda que seja com um ramalho*.

centímetros de espessura, não se pode obter essa vantagem. Aí, as lavradas têm de ser superficialíssimas, de fundura inferior à que se pode obter com o velho arado romano, único que as pode lavar. Sem embargo, chegam a produzir regularmente no anos de boas colheitas.

* * *

Preceitos diversos As juntas devem caminhar perto umas das outras, em coluna cerrada, para na *píscola* não haver intervalos espaçosos, o que parece mal e atrasa o despacho. Sempre que o abegão nota essa irregularidade, censura-a gritando: — «Oh! rapazes: cheguem-se uns para os outros. Isto para serem *juntas*, devem ir *juntas*...»

Mas nas terras de penedios vastos, nunca as *píscolas* andam completas, nem as juntas unidas. Os pedregulhos e arrifes que as embaraçam e pejam, obriga ao desvio e dispersão. Cada um fura por onde pode, com tanto que revolva terra.

Seja como for, desde que na lavoura figurem muitos arados, há quase sempre juntas paradas, fora das *píscolas*, por mais que se arrelie o abegão e principalmente o lavrador. Mas tem de ser assim por causa dos reparos nas entechaduras e para satisfação de necessidades urgentes por parte do pessoal. Antigamente, nas lavouras de menos de dez arados, enquanto um ganhão botava fora com a junta para se *agachar*, não saía outro por análogo motivo. O que tal pretendesse tinha de esperar pelo regresso do companheiro... Hoje não se olha para semelhantes ninharias. Persiste, porém, o costume de ninguém sair para beber ou fumar. Quem apeteça água ou pretenda fazer o cigarro, tem de aguardar pelas aguadas. Só pode deixar o arado, se por acaso lhe aparece um *chegadiço*, que o queira substituir. E às vezes aparecem: gente que procura trabalho, convalescentes em passeio, ou transeuntes que saem do caminho para conversarem com os *parceiros* da ganharia. Adventícios de ocasião, que não desdenham dar meia dúzia de regos com o arado do amigo predileto. Chega a ser da cortesia uma ajudazinha de semelhante natureza. O ajudado recompensa-a, puxando da petaca e fazendo um cigarro para o amigo e outro para si. Cigarros graudos, sem vislumbres de sovínice, que os dois acendem e chupam como guloseima deliciosa. E de tocha acesa, ambos caminham atrás da junta, em cavaqueira íntima, regalada com baforadas de fumo que atiram ao vento...

Na lavoura com o arado antigo o ganhão caminha e guia de dentro da terra recém-lavrada, segurando o rabanejo com a mão que lhe fica de fora e a aguilhada com a outra. Na de charrueca segue-se sistema oposto: o homem agarra e governa a rabiça, caminhando da parte de fora.

As juntas e parelhas estacam nas pontas da lavrada, para voltarem e lavrarem em marcha inversa à que vinham trazendo. Cada junta pára à voz do: —

«Oh!... aí...» do respectivo ganhão, que a seguir alivia e puxa o arado para si, segurando a mãozeira com certa pressão. Ao mesmo tempo, toca no boi, que vai ao rego e «ampara-o» com a aguilhada. Pelo estímulo, pelo hábito e pela resistência que encontra no rabanejo, o boi do rego principia a voltar e o companheiro a recuar. Enquanto um boi volta e o outro recua, o homem coadjuva a manobra, inclinando e arrastando o arado, até que a volta se efectua. Consecutivamente, o ganhão põe tudo em tiro, mudando de mãos o rabanejo e a aguilhada. E antes ou logo depois, limpa o arado de terra e raízes que se lhe acumularam entre as *aívecas*.

A volta das parselhas realiza-se quase pela mesma forma, mas com maior rapidez, devido à ligeireza do gado e ao recurso das arreatas.

Voltados os arados, cada homem segue abrindo o seu rego, encostando-o aos outros já feitos. Vão lavrando miudo ou largo, fundo ou superficial, segundo o estado da terra e as ordens do abegão. Este ou quem o representa, manda lavrar, conforme a sasão da terra, a época, o tempo que vai, e o motivo da lavrada.

Se uma junta se afasta do rumo devido, o rego em vez de fazer aresta com com o que lhe fica paralelo, como é de preceito, deixa pelo contrário um certo espaço inculto, de permeio, a que se chama *camalhão*. Assim, quando acontece esse precalço, o ganhão faz vir a junta ao rego, para o defeito não prosseguir, e, imediatamente, brada ao companheiro de atrás: — «Lavra bem...» — Ou: — «Mete para dentro...» O companheiro, ouvindo-o, repara no «mal lavrado», e, desde logo, encaminha a sua junta em sentido de abrir o *camalhão* pelo centro, com que o defeito desapareça.

.....

Indo o arado bastante fundo diz-se *aberto*. E se ultrapassar os limites do preciso, caminhando «de estaca», com tracção dificultosa, considera-se *destemperado*. Se pelo contrário vai à superfície, *riscando* ou *arranhando*, julga-se *cerrado*. Em qualquer das hipóteses, trabalha mal e carece de *tempero*, mudando-se de furo a chavelha do *tímão*.

Se o arado peca por *aberto*, o ganhão diz alto para o imediato da frente: — «Deita lá um furo atrás...» E indo *cerrado*: — «Bota lá um furo adiante...» O camarada, volta-se e satisfaz-lhe o pedido conforme a recomendação.

Se algum da ganharia conserva o arado *cerrado* para ter menos trabalho, sem se importar com o péssimo serviço que faz — o abegão, como repare, ou obriga o madraço a lavrar em termos, ou vai ele em pessoa corrigir o abuso. Quando o chefe da lavoura «põe furos» adiante no arado de outrem é, na mente de que o tipo abale, vèxado e sacudido pelo ataque que lhe infligiram.

Às vezes o *destempero* de uma enteichadura é tão exagerado, que se não emenda com a mudança de chavelha, mas sòmente por meio de pequeninas cunhas que se encravam junto da *teiró*, principal regulador. Então, para se cor-

rigir o defeito, a junta sai da *píscola* e mete para dentro da lavoura. O ganhão deixa-a aí parada, reúne as ferramentas, e vai ter com o abegão, participando-lhe o inconveniente. O abegão, ouve-o, entrega-lhe o posto, e segue a endireitar o arado de harmonia com as seguintes regras. Para *abrir*, afim de o *timão* alcançar ponte e o ferro agarrar bem, introduz uma cunha no buraco da garganta e a *teiró*, no lado da traseira, ou em baixo no dente, na face que arrasta sobre a terra e na retaguarda do orifício por onde se mete a *teiró*.

Para *cerrar*, põe apenas uma cunha adiante da *teiró*, no buraco do arado, face inferior.

Com a introdução e reperto das cunhas por meio do escopro e do martelo, o abegão depressa regula a enteichadura. Mas só se convence depois de a experimentar. Como a prova o satisfaça, dá a missão por acabada e regressa à *píscola* a assumir o seu posto. O ganhão que o substituiu, volta ao lugar que lhe pertence.

* * *

Mudança de ferros Sempre que se põem incapazes de servir, por rombos ou muitos gastos, os ferros dos arados são substituídos por outros consertados de *aguços*, *amanhos* ou *remontes*, ⁽¹⁾ senão novos, o que é raro. É raro, porque os ferros forjados duram anos e anos, à custa de consertos frequentes.

Uma ferragem faz boa lavoura durante quatro a seis dias, se a terra está branda ou *fagulheira*. Estando *rezia* ou *encruada*, chega-se a enferrar duas vezes por dia, ou uma pelo menos, como sucede nos períodos de estiagem, em terrenos endurecidos. Os ferros gastam-se, segundo o estado e a quantidade do solo que rompem. As terras arenosas arrombam e inutilizam muito mais que as outras.

O lavrador que capricha em trazer os seus arados bem enferrados, possui três ferragens: uma a lavrar, outra de prevenção, pronta a substituir a que está funcionando, e a terceira na loja do ferreiro, para de lá regressar consertada quando entrar a receber amanhã qualquer das outras duas.

Enferra-se a toda a hora que seja preciso, ainda que se suspenda a lavoura por instantes. Mas como não haja urgência maior, aproveitam-se as paragens das aguadas, ou as da merenda, senão a solta à noite, ou a agarra de manhã. Na ocasião oportuna, o governo diz em voz alta:—«Vá de enferrar...» E todos da ganharia, obedecendo, tratam de substituir o ferro gasto da sua enteichadura por outro amanhado. A seguir, transportam os incapazes para um

(1) *Aguço*, como facilmente se percebe, limita-se a um reparo simplicíssimo no bico do ferro. *Amanho*, traduz o empalme de um terço de ferro, ou menos, substituindo-lhe a parte deteriorada por outra nova, batida e caldeada no restante. *Remonte*, significa conserto radical, maior que nenhum.

dos carros das mulas, ou para sítio indicado pelo governo. Entretanto, comentam a perfeição ou imperfeição artística do mestre ferreiro.

.....

Mudança de relhas A substituição das que se gastam ou partem nas charruecas por outras novas, está a cargo exclusivo do abegão que as vai renovando isoladamente, à medida que se deterioram. É para este efeito, procede como quando tempera e conserta os arados e as charruas. Quero dizer, enquanto põe a *relha* com a chave e mais ferramentas, substitui-se na *píscola* pelo ganhão da charrua a que tem de atender.

As *relhas* das charruecas, uma vez gastas ou quebradas, não mais servem na lavoura. Por serem de ferro fundido não vale a pena consertá-las. Depois de arrombadas, juntam-se em grandes porções, para se venderem como sucata.

* * *

Madeira partida Quando se quebra o timão, o arado, ou as *aívecas*, de qualquer enteichadura, o ganhão respectivo mete logo para dentro da lavoura com o arado e a junta, parando à distância de poucos passos. Aí deixa a junta e vai buscar as ferramentas e a madeira a empregar. ⁽¹⁾ Depois, tendo tudo reunido, chega-se ao abegão ouve-o de melhor ou pior catadura, entrega-lhe a junta e dispõe-se a ir tratar do amanhã. ⁽²⁾ Mas primeiro orienta o subordinado na direcção que deve seguir a lavoura. Se julga necessário, também inquire do facto para que é chamado. E se do que apura encontra motivo para *ferroada* no ganhão, arrima-lhe sem reбуço para que sirva de emenda. Em regra não serve, mas é como se servisse, na mente do «governo», está claro.

O repreendido, ou aguenta em seco sem dar cavaco, ou *retroca* da mesma moeda, com desculpas de cabo de esquadra. Como seja torto e azedo, respinga e mosca, voltando as costas e abalando. Também acontece ser o abegão que manda embora o ganhão, na hipótese de reincidência manifestamente abusiva. Farto de o ver estragar sem tom nem som, põe-no a andar, indicando-lhe a

(1) As ferramentas encontra-as num dado sítio, a poucos passos, onde o abegão as colocou ou mandou colocar. A madeira, como arados e timões, está no monte, na cabana do carpinteiro, se o monte fica muito próximo. Estendo distanciado, em que não seja muito, há provisão dela nos carros das mulas que acompanhem a lavoura. Onde quer que esteja, perto ou longe, aí tem de ir buscá-la às costas o ganhão que a necessita para a sua enteichadura. Vai de vontade, demora quanto pode e escolhe a que lhe agrada, como o deixem. Quanto a *aívecas* costuma sempre haver reserva, junto da lavoura.

(2) Do *amanho*, é modo de dizer. Porque, afinal, o abegão limita-se a substituir as peças partidas por outras novas ou reparadas pelo carpinteiro. O outro o chefe da lavoura, apenas procede ao encaixe e montagem dos timões nos arados, ou vice-versa, e a oposição das *aívecas*. Não obstante tem de trabalhar com a enxó, o escopro e a verruma. A verruma para abrir os buracos por onde mete os pregos das *aívecas*; o escopro e a enxó, para acertar os encaixes da enteichadura.

.....
Muitos ganhões gostam de consertar os seus arados para o que, julgando-se aptos, pedem licença ao abegão, que lha concede ou recusa, segundo o seu critério. Nunca se devia consentir em tal, principalmente aos inexperientes ou madraços. Pouco práticos nesse serviço demoram muito a fazê-lo e de ordinário fica mal feito. Resultado: o amanhã dura pouco, e, como consequência, lá tem de ir afinal o abegão ou o sota proceder a segundo reparo, que não seria preciso se o primeiro ficasse bom.

O amanhã dos arados por serviços que não sejam *governos*, só muito excepcionalmente se deve consentir a algum ganhão jeitoso, que pela sua reconhecida tendência valha a pena admitir-se.

estrada. E vai-lhe dizendo que procure outra vida. Com aquela «não faz filhoses», à míngua de *sentido*, ou à falta de *opinião*...

Com o auxílio da enxó, do escopro, da verruma e do martelo, o abegão efectua o conserto, substituindo a peça ou peças inutilizadas por outras novas ou reparadas. Imediatamente mira e remira a enteichadura, engata, faz experiências lavrando um pouco, e afinal, certificado de que tudo ficou bem, recolhe as ferramentas na alcofa e encaminha a junta para a «boca» da torna, onde a deixa pronta a incorporar-se na *píscola*. Em contínuo vai ocupar o seu posto na lavoura para que o ganhão siga a lavar com o arado que lhe consertou. Antes de se separarem, abegão e ganhão comentam o amanhã e as condições da madeira empregada. O carpinteiro também é objecto de referências, boas ou más, segundo o conceito que lhes merece. Em regra, apodam-no de trapalhão ou empreiteiro.

As peças e acessórios de madeira que compõem os arados e charruas, gastam-se e partem-se com o uso e o embate de contingências mais ou menos inevitáveis. Causas frequentes, a escabrosidade dos terrenos, os descuidos do pessoal, e, por vezes, a impaciência do gado, quando na primavera está gordo e a mosca o apoquentam.

O arado (dente), além de se quebrar por gasto, *desdenta-se* e parte-se com os impulsos que sofre, sobretudo quando o ferro anda largo na parte traseira dos polegares.

O timão, ou, melhor explicando, a garganta, quebra-se nos topes das moitas e das pedras, quase sempre pelo buraco da «teiró», se o tope for *direito*. Sendo de *torcilhão*, o pau estala e fragmenta-se na ligação com a *ponta*, quando não sucede partir-se a própria ponta também, junto da viela que ampara e empalma com a garganta.

A ponta quebra-se pela causa já aludida, ou em resultado de um dos bois lhe cair em cima, empurrado pelo companheiro, ao passarem por um estreito acanhado e dificultoso.

Quanto ao rabanejo, é o que está menos sujeito a azares, sendo também o que menos se gasta. Só se parte ao impulso de pancada forte ou tope brusco, se a mãozeira se escapa ao ganhão, ou se este é forçado a abandoná-la na passagem por algum entalão de difícil acesso.

Restam as *aivecas*, que se detioram e inutilizam em quantidade muito maior que tudo mais. Daqui que dali, o abegão é chamado a pôr *aivecas*, no que se não repara muito por serem apêndices de pouco valor, que se gastam e partem com facilidade.

A cautela ou negligência do pessoal influi bastante na conservação e duração da madeira, especialmente dos arados e dos timões. Por isso alguns lavradores usam pagar mais 10 reis por dia a cada homem que não faça lenha da sua respectiva enteichadura. Estimulam-no assim a maiores cuidados, e

obtem-nos em parte, com as equivalentes vantagens, mas não tantas como realmente se podia conseguir. Há ganhões que em não lhes agradando o arado ou o timão, partem-no de propósito, com fingido descuido, no primeiro ensejo que se lhes depare. Mais: nos dias em que se partem muitos arados, mofam do caso, e sorridentes dizem uns para os outros: — «Grande *esnoça* fizemos hoje!... *Baia* uma *esgarnacha*!... *Tamém*, se não fosse o gasto, sobravam os carpinteiros...»

.....

E' uma despesa importante esta da madeira consumida na lavoura. E nas terras de areia, sobe consideravelmente, por limarem como nenhumas, apesar de se lhes applicarem arados, timões e *aivecas* dos mais grossos que se alcançam.

Nos terrenos de moitais de piornó e de carrasco, também se quebra madeira em percentagem grande, máxime se o raizame é basto e pouco visível, como quando as moitas estão cortadas de fresco, que não mostram rebentões. Aí, como falte a cautela, o arado prende de vez em quando nas raizes que encontra, sendo facilimo partir-se com a força que o gado faz para o libertar. O ganhão cumpridor, evita o embaraço, levantando o arado ligeiramente ao passar pela moita, mas de modo que o rego não fique interrompido. O preguiçoso, em vez de *aliviar* no momento preciso, inclina o rabanejo para o lado de menor resistência, de maneira que o ferro e o dente resvalem, saindo incólumes. E' artimanha cômoda, posto que inaceitável. Com a inclinação da enteichadura, interrompe-se o rego e faz-se *camalhão*, coisa feia e imprópria. Mas quer se levante ou incline o arado, este nem sempre se move a tempo de evitar que se prenda e parta, ou que pelo menos fique preso, estacando a junta. E também se observa o contrario: não parar a junta e a cepa estoírar e arrancar-se, prosseguindo a lavoura sem prejuizo, graças ao potente esforço dos animais e à resistência da enteichadeira.

O estoíro e arranque da cepa por semelhante forma, considera-se um feito notório, que o ganhão celebra jubiloso, exclamando: — «Eh bois valentes!...»

Na hipótese de o arado prender sem quebrar madeira nem levantar raizes, o ganhão, acudindo a tempo, socega a junta e ameíga-a assim: — «Oh! aí... oh!... Atrás boi... atrás...» — E bate-lhe as palmas, atirando-lhe para a frente com uma pedrita ou torrão. Se estas artimanhas falham, intervém o ganhão da junta immediata que, voltando-se, acena aos bois desobedientes, obrigando-os a recuar. Em os bois recuando, o arado solta-se com pequeno esforço. Mas se por excepção, persiste encravado, com o ferro *espetado* até aos polegares — o ganhão respectivo pede o auxilio dos camaradas, que em tal altura acodem, mas chasqueando-o pelo insucesso. O insucesso e a troça põem-no corrido, porque a intervenção dos companheiros constitui vexame e inépcia, prevista e punida com a perda da *boia* ⁽¹⁾ a benefício da ganharia, na primeira ceia de carne.

(1) A igual castigo fica sujeito se, enquanto trata de soltar o arado, deixa cair a aguilhada ou a abandona, em vez de a encostar ao peito, de ponto para o ar e pá na terra, como é da praxe. Que semelhantes castigos — diga-se em abono da verdade — quase nunca são applicados. Em geral fala-se neles a pretexto de trocar os delinquentes.

Não obstante, o chasqueado resigna-se para que a enteichadura se desobstrua de vez, como realmente se desobstrui a poder de esforços.

.....

Pelo que fica dito, e por outras razões, que seria ocioso relatar, convém entregarem-se as juntas a ganhões jeitosos, com tacto e habilidade. Nas terras de penedios e arrifes, mais se impõe a escolha do pessoal, pelos obstáculos que se deparam a cada passo: — arrifões e pedregulhos a pejarem o terreno, formando labirintos estonteantes, espaços reduzidos, que, por muito ferteis, convém lavar, embora à custa de pachorra, de jeito e de tempo.

Ao entrar uma junta por qualquer desses gargantões apertados, o ganhão sabedor, fala aos bois, ameiga-os *ageitiva-lhe* o arado, de modo que lavre e saia incólume do escolho. Para isto os melhores bois e os melhores ganhões, encontram-se na freguesia de Santa Eulália, habituados uns e outros a lavrarem em terras embaraçadas. Tornas extensas, retalhadas em curralórios e nesgas sinuosas, onde só cabe uma ou duas juntas. Nestas circunstâncias as *píscolas* desmantelam-se e esbandalham-se para cada arado lavar por onde possa. E onde o ferro não consiga penetrar, o ganhão remedeia a falta por ocasião das voltas, revolvendo o solo com a pá da aguilhada. ⁽¹⁾

Sempre que se lava por entre brenhas penhascosas, interessa ver como os bois de uma junta se colocam nas difíceis e incómodas posições que o caso exige, ora trepando, ora descendo, galgando ambos num sítio para noutro imediato avançar um só boi, afim de os dois, por sua vez, transporem a saída — saída tão estreita e escabrosa, que a miúdo os animais resvalam e caem, ferindo os curvilhões. O ganhão vai sempre animando os bois tocando-lhe de leve com a aguilhada, e afagando-os de mansinho com as frases habituais: — «Vamos lá, Brazido!... Oh rego... Cerejo!... Eh boi!... À roda... Aí... à roda... oh!... oh!...» E os bois obedecem, vão ao rego, e se por acaso se afastam e negam, um oh!... oh!... mais alto e intimativo, com maior pressão de rabanejo, fá-los vir às *aivecas* e caminhar em termos. O ganhão jeitoso consegue este resultado sem esforço grande; mas o áspero ou desastrado malogram-se-lhe as tentativas. Na maioria dos casos só consegue quebrar madeira — fazer *esgarnacha*, como eles dizem.

Golpes nos bois *Corta-se* um ou outro boi nas unhas das patas traseiras por serem atingidos pelo ferro do arado, quando a junta foge sem governo ou a lavar, se o arado escapa ao ganhão, sacudido por tope violento. Em geral, só acontece esse precalço quando a junta lava com enteichadura de *tímão* curto. O *tímão* comprido desvia os bois do ferro, e portanto preserva-os de serem golpeados.

Em muitos casos, o golpe nas unhas faz coxear o boi, posto que sem gravi-

(1) A arrilhada

dade. No entanto, pode produzir consequências piores, como inutilizar a rez por muito tempo ou para sempre.

Geiras Por *geira*, considera-se a porção de terra que lavra por dia o arado de uma junta de bois ou o de uma parrelha de muares. Esta é a definição comum da palavra, mas no campo varia um pouco de significação, applicando-se, principalmente, para aquilatar o trabalho de lavoura que demanda ou demandou determinado terreno. Exemplo: se uma *torna* se lavrou num dia com vinte arados, diz-se que essa *torna* levou vinte *geiras*, e não se diz que as *representa* ou *mede*.

Como se sabe, a *geira* era uma medida agrária antiga, equivalente a meio hectare, pouco mais ou menos.

A LAVOURA NO OUTONO

Não há época de maior intensidade de lavoura do que a desses lindos dias do outono, que decorrem desde o S. Miguel até princípios de dezembro. É a época das sementeiras dos cereais e, simultaneamente, das lavradas definitivas que as antecedem. É enfim, o preparo das searas nos alqueives e queimadas das herdades e ferregiaes. Grande lida, não há dúvida. Lida afanosa que emprega todo o *gentio* de jeito e todo o gado que sirva. Quem tem forças na chavelha aproveita-as a valer, pondo em tiro o máximo número de arados. Mas não basta ser muita a *ucharia*. Para o trabalho luzir, cerceiam-se as horas de descanso, reduzem-se as *folgas* ⁽¹⁾ e *aviva-se* o passo do gado. Tudo se conjuga para se fabricarem as terras a tempo, ao impulso de esforços tenacíssimos que tomam a atenção de toda a gente interessada, desde o lavrador de gravata até ao charepe de saragoça, desde o abegão de «mãos grandes» até ao ganhão «de manta às costas». Só se cuida de lavrar, de lavrar muito e semear muito. A seara é tudo. Por ela deixa-se tudo.

Neste propósito o lavrador alheia-se dos outros ramos da sua profissão, para atender principalmente ao andamento das *píscolas*. Como possa, não larga os arados, a observar-lhe o despacho, a vê-los «despejar» terra e enterrar semente — a «encherem» cantos e tornas, prosseguindo impávidos para um dia acabarem. Quando chegará esse dia? — interroga para consigo o lavrador. E como não saiba responder de improviso, faz cálculos, estabelece confrontos e tira conclusões. Conclusões várias, que por falíveis e opostas que sejam, não o desviam do fim almejado — concluir as lavradas e as sementeiras a tempo *avel* e não «à noite», por assim dizer, já quando as chuvas do Natal lhe têm alagado os terrenos. A ideia de acabar cedo, sem faltar à terra com os serviços que lhe são dados, domina-lhe o cérebro. E empenha-se neste desideratum com singular afinco. Se o consegue, impa de satisfação. Como seja vaidoso, cresce-lhe o rego-

(1) Os dias feriados.

zijo se reparar no que vai por casa dos vizinhos e notar que eles ainda estão atrasados.

Na hipótese contrária, isto é, quando o lavrador chega a convencer-se que será o último ou um dos últimos a concluir a refrega, rala-se e amofina-se, por fleumático que seja. Mas aparentemente, para que o não disfrutem, mostra cara alegre e justifica o atraso com toda a lógica de que dispõe. Nem todos podem acabar cedo e ao mesmo tempo, é certo; mas todos pretendem não ser dos últimos, por interesse próprio e para lustre de brios. Ninguém quer ficar com a «chave», que assim se diz no lavrador que na freguesia foi último a terminar. É lisongeiro ser-se o primeiro e desagradável o último, sem dúvida. Mas, melhor ou pior, tudo se explica e justifica, com encómios ou censuras para os visados, segundo o conceito em que estão para os críticos que os apreciam, colegas e não não colegas. Os criados fazem coro com os patrões. Na presença, está claro. Na ausência variam de tom, conforme sopram os ventos.

Se como fica dito e é inegável, o lavrador, no outono, em pouco mais se ocupa do que no amanhã e sementeira das terras, os criados e todos que vivem do campo dedicam também os seus pensamentos e comentários a essa labuta intensa. É a ordem do dia e da noite, que entretém todo o cidadão, incluindo os próprios ignorantes de lavoura. Estes, absorvidos pelo meio, julgam-se no dever de também discretarem sobre a matéria, proferindo a sua sentença, fundada nas teorias de entendedores ou pseudo-entendedores, que citam a cada momento, como oráculos veneráveis e infalíveis...

Assim, quase se não fala noutra coisa, com uma prodigalidade de detalhes que preenchem os serões e as horas de ócio, nas lojas, nas boticas, nas tabernas, nas cazinhas dos ganhões e nas praças públicas. Nas povoações e no campo, inquere-se do número de arados que «deitam» os diferentes lavradores e o que semeiam; apreciam-se os serviços de cada «casa», tanto na execução como no adiantamento e atraso que denotam; comentam-se os salários e as causas da alta ou baixa; citam-se os nomes e as qualidades dos ganhões que servem este e aquele; discutem-se os abegões, sotas, boieiros e semeadores; vaticina-se sobre o futuro das searas e o calibre do ano; há, enfim, carradas de considerações e prognósticos sobre o tempo, não esquecendo referências vastas a respeito do bom ou mau gado das lavouras em foco.

Se a *audiência* é entre criados, nunca fica por discutir onde se agarra mais cedo e onde se solta mais tarde; quais os abegões que dão merendas e aguadas grandes, e quais os que as dão pequenas. Com maior calor, comentam e parlam sobre o trato da *família* nos montes das circunvizinhanças, concluindo por descomporem ou elogiarem os amos. O cozinheiro e o amassador apanham por tabela.

Isto é a súpula das palestras a que o assunto obriga, fora do verdadeiro campo de acção.

Nas herdades, no próprio teatro da lida, onde o movimento de arados se

patenteia nítido e real, como um formigueiro tenás e incansável, ninguém o presença de perto ou afastado, que o não observe atentamente. É um quadro de grande relevo, que nunca se olha com indiferença. À luz do sol outonal e em planuras desembaraçadas, agrada ver o desfilarem das juntas a passo certo, de cabeça erguida, a puxarem o arado e a voltarem terra, sempre obedientes aos ganhões que os governam e guiam.

★ ★ ★

Fantasiemos que nos transportamos a um monte, sede de lavoura, aí ao romper da manhã de um belo dia de outubro, precisamente à hora da ganharia sair do monte, depois do almoço, em atitude de caminhar para os arados. Supunhamos que chegamos lá e que, a seguir, acompanhamos o pessoal e as parelhas na sua marcha para a lavoura e aí permanecemos depois em observação durante o dia. Imaginemos isso e vejamos o que se passa.

Ganharia e seus dirigentes estão almoçados com a tradicional açorda, antes do amanhecer. ⁽¹⁾

Logo que saem do almoço, um ganhão qualquer toca o búzio no terreiro do monte, fazendo ecoar sons agudíssimos e íntensos, sinal de preparativo de marcha, próprio da época e da hora. ⁽²⁾ É o segundo sinal, que o primeiro reboou forte e cheio, quando os ganhões se ergueram das tarimbas para irem almoçar. Antes e depois do almoço o búzio da ganharia vibra sonoro e retumbante por diferentes vezes, correspondendo a outros que se ouvem das herdades próximas. É um despertar à vida, quebrando o silêncio da manhã, ainda envolta em trevas.

Entrementes, as parelhas saem e engatam, e os homens procuram munir-se da copa e dos apeiros. ⁽³⁾ Uns minutos mais, entrecortados por ditos e parolas com a cigarrada da praxe, e tudo se vê em acção de sair. Dá o exemplo, o abegão e o maioral das mulas, pondo-se em marcha para o local do trabalho.

Se a lavoura fica perto, todos caminham a pé; se, pelo contrário, dista um pouco, seguem nos carros. A pé ou de carro — a pé quase sempre — a *malta* caminha sem preocupações visíveis, antes salientando-se pela loquacidade faceta com que abordam vários assuntos, à medida que vai caminhando. À princípio os idosos tomam a vanguarda e vão narrando as suas proezas de «algum dia», que é como quem diz — as suas façanhas da mocidade — algumas fantasistas, muito exageradas. Eis uma amostra:

— «Isso é que eram tempos!... Haviam homens e faziam-se acções!... A mocidade de agora sabe lá o que é trabalhar!... Uns fandangos... não pres-tam para nada e ganham dois dobros do que a gente ganhava quando era como

(1) Sobre o almoço e pormenores correlativos, veja-se o artigo — *Alimentação* — na página 113.

(2) O toque dos búzios de madrugada, ao sol posto e à noite, antes e depois da ceia, é um costume que se usa principalmente na freguesia de S. Eulália e arredores. Mas usa-se apenas no tempo da sementeira, até à véspera do dia de Santos.

(3) A copa consta de jaqueta, capote, saões, pelico e tapa-cu. Os apeiros representam o correamo com que prendem as juntas ao arado.

eles... e que trabalhava dez vezes mais. Homens como os da nossa camada já não torna a haver... E então os bois?!... Eram como muralhas... Hoje são chibos... que não podem com os *atimbaldes*...»

— «Ó Domingos, *alembra-te* daquele boi *Bandarra*, que eu amansei ós três anos, em casa do avô do nosso amo, além no Seixo?... Era um *alimal* mais alto que a torre da igreja!...»

— «Inda dizes se *m'alembro!*... Foi da minha junta numa sementeira que lá fiz... Por sinal que tive de lhe tirar as manhas... Com ele e com o camarada — o *Esbandalha* — *esnoquei* mais raizes de azinheira do que cabelos tenho na cabeça...»

— «E tu não *t'acordas* do *Soldado*, um boi joeiro, retinto, que lá nas Barrocas aventou com toda a *malta* ao ar? A mim não sei como não me arrebetou!... *Ferrei* um estoíro tão valente que me caiu a *espinhela*, por sinal que andei em curativo com o tio Paulo, que foi quem me pôs bom...»

— «Não me fales no *Soldado*... A ele e ao *Medronho* — um boi como um *alifante*, que podia com uma *almiara* — pus-lhe uma carrada de lenha para a vila, tão grande que afundiou as pedras das calçadas. *Tamém* o ferrador, para quem era a lenha, meteu-me nas unhas doze vinténs, dois pães e uma morcela rosqueira, que parecia um paio... Bem os ganhei... Que eu não carregaria tanta lenha, se não soubesse a coragem dos bois e não contasse com a *molhadura* do mestre...»

— «*Tá* visto... Uma pessoa, quando os amos mandam carregar presentes para *qualquera*, logo vê-se a criatura *afroxa*. Se *afroxa*, bom é o presente... se não *arreia*, ou *arreia* pouco... que se *amole*... Leva-se-lhe pouco e ruim... Que saibam onde caem as coisas...»

— «Isso de sorte com *molhadoras*, já lá vai... Dantes, sim, que se *arrecebiam* boas e *muntas*. Agora, os amos não querem saber de franquezas... Mandam menos presentes... estão sovinas que nem galegos.»

— «E dos poucos que a gente vai levar, os almas do diabo que os apanham escorregam uma *regularia*...»

— «Quanto mais ricos, menos se *descosem*... E os nossos amos, vão-lhes na *piugada*... cada vez mais *sumitigos*. Nos nossos tempos corria pouco dinheiro mas havia mais *olhamentos*... Coisas de que eu *m'alembro!*...»

E com recordações e comentários desta ordem, os pobres homens continuam andando e cavaqueando sobre os seus bons tempos, afirmando factos estupendos, que se não vêem hoje, no seu entender.

Entretanto, os rapazes que vinham atrás, aproximam-se dos parladores mastações e passam-lhe adiante, como mais lesto que são. Sem lhes ligarem importância, os novos seguem o seu caminho, trocando confidências sobre derriços e coisas concomitantes. Aventuras da mocidade, que lhes sucederam ou precenciaram nas últimas noites, ou nessa mesmo, há poucas horas ainda, quando arruaram pela aldeia.

Afinal, todos chegam aos arados, mal começam a enxergar-se os primeiros

arrebois da aurora. Se não há luar, as enteichaduras distinguem-se vagamente à beira da *torna*, erguidas como ficaram de véspera, ou em terra, derrubadas pelo vento. Os bois também já lá estão ou vêm chegando. Estão próximos ou chegados com certeza, porque lhes soam os chocalhos.

.....

Homens e gado, tudo está a postes, aguardando a agarra. Os bois, deitados uns, outros em pé. As parelhas, umas engatadas aos carros, para irem espalhar a semente; outras, com as cangas apenas. O pessoal, de cigarro aceso, vê-se disperso ou reunido em volta de aprazível fogueira, previamente preparada para livrar do frio. O passatempo é agradável, mas dura pouco. Não tarda que o abegão não diga abruptamente: — «Vá de agarrar...»

A esta intimação correspondem os ganhões dirigindo-se às enteichaduras e a cada qual *apeirando* ⁽¹⁾ a que lhe pertence, se à chegada não tinham apairado. Em seguida cada ganhão trata de agarrar os bois da sua junta, para os pôr em tiro como de facto põe, sem esforço grande. No acto de se agarrar, o bojeiro dá diferentes indicações e ordens sobre o paradeiro dos bois e a composição das juntas. Os ganhões redargem, trocam à partes, formulam perguntas, até que prendem o gado à canga e ao arado. ⁽²⁾ Por sua vez, simultâneamente, os carreiros engatam as parelhas às enteichaduras. Entretanto, um ou dois vai primeiro com as muares e carros, distribuir os sacos de semente pela terra que se calcula semear durante o dia. Acompanha-o o sementeiro.

Distribuição de semente e agarra de gado, ocasionam animação de parola. Mas como sejam horas de enregar, o abegão atalha as falácias, iniciando a faina. ⁽³⁾ Arrimado à junta, com uma das mãos no rabanejo e a outra na aguilhada, o chefe da lavoura põe a andar os bois, e grita: — «Vá fora!...» Como quem diz: — «Basta de paleio... vamos a isto...» E vão todos, de melhor ou pior catadura, embora façam *caramunha* contra a pressa do abegão. ⁽⁴⁾

.....

A lavoura principia e o dia amanhece. Bandos de alvéloas, chiando famélicas, caem sobre a lavoura de fresco, saltitando e debicando nos vermes que o arado desenterrou. Os bois e as muares quase as pisam, mas as avezinhas mal se desviam para voltarem prestes à sua tarefa utilíssima. Nada as detém, nem a geada intensa, nem o passo dos animais. Uma ou outra paga as custas, viti-

(1) Apeirar significa, pôr na canga e cangalhos o apeiro, as corneiras e as brochas, isto é, todo o correame com que os bois se prendem e sujeitam à canga.

A enteichadura dos bojeiros é apeirada pelo ganhão que lhes serve de apeireiro.

(2) Em determinadas zonas, a prisão dos bois à canga, obedece à praxe de cada boi alternar de lugar em cada dia, para não serem *erreiros* — para se habituar em a lavar do lado direito e do esquerdo. Assim o que hoje fica à direita, amanhã passa para a esquerda e o da esquerda para a direita. Como indicação, à solta de cada tarde, a canga fica encostada ao timão, com as pontas dos cangalhos voltadas para o lado oposto ao que ficou na tarde anterior. O lado indicado pelas pontas dos cangalhos é o que primeiro se preenche com o boi correspondente.

(3) Começa, se entende que são horas de começar. Sendo cedo, não enrega em seguida à agarra, mas passado tempo. Entretanto, persiste o cavaco.

(4) À este respeito veja-se o conteúdo do parágrafo — *Horas de agarra* — na página 251.

mada pela brutalidade dos homens, mas a grande maioria persiste desbichando, sem se importar com ingratições.

Neste meio tempo o sol interrompe magestoso, lá ao largo, em terras de Espanha, e à sua aparição o quadro ilumina-se com ridente fulgor, insuflando vida ao cenário que se desenrola. Os pássaros surgem de toda a banda, em pequenos voos, denunciados por meigos cantares; as juntas apressam o andamento avolumando o som dos chocalhos e esquilões, e os moços da lavoura, invade-os uma satisfação inequívoca, que revelam cantando modinhas amorosas, das que lhes evocam recordações... E os bois, os próprios bois que sulcam a terra, ouvindo esse bulício sugestivo, e quiçá descobrindo os seus semelhantes nas pastagens próximas, soltam languidos berros, que são a nota grave deste concerto matutino. A mesma terra, lavrada de há pouco, aparenta associar-se aos esplendores da natureza. Ao vermo-la saturada de humildade, a evaporar em abundância, como ela evapora sempre nesta hora, talvez alguém diga, que os vapores da terra, confundindo-se com o bafo que exalam os bois, formam como que nuvens de incenso, que se erguem no espaço, em homenagem ao Criador.

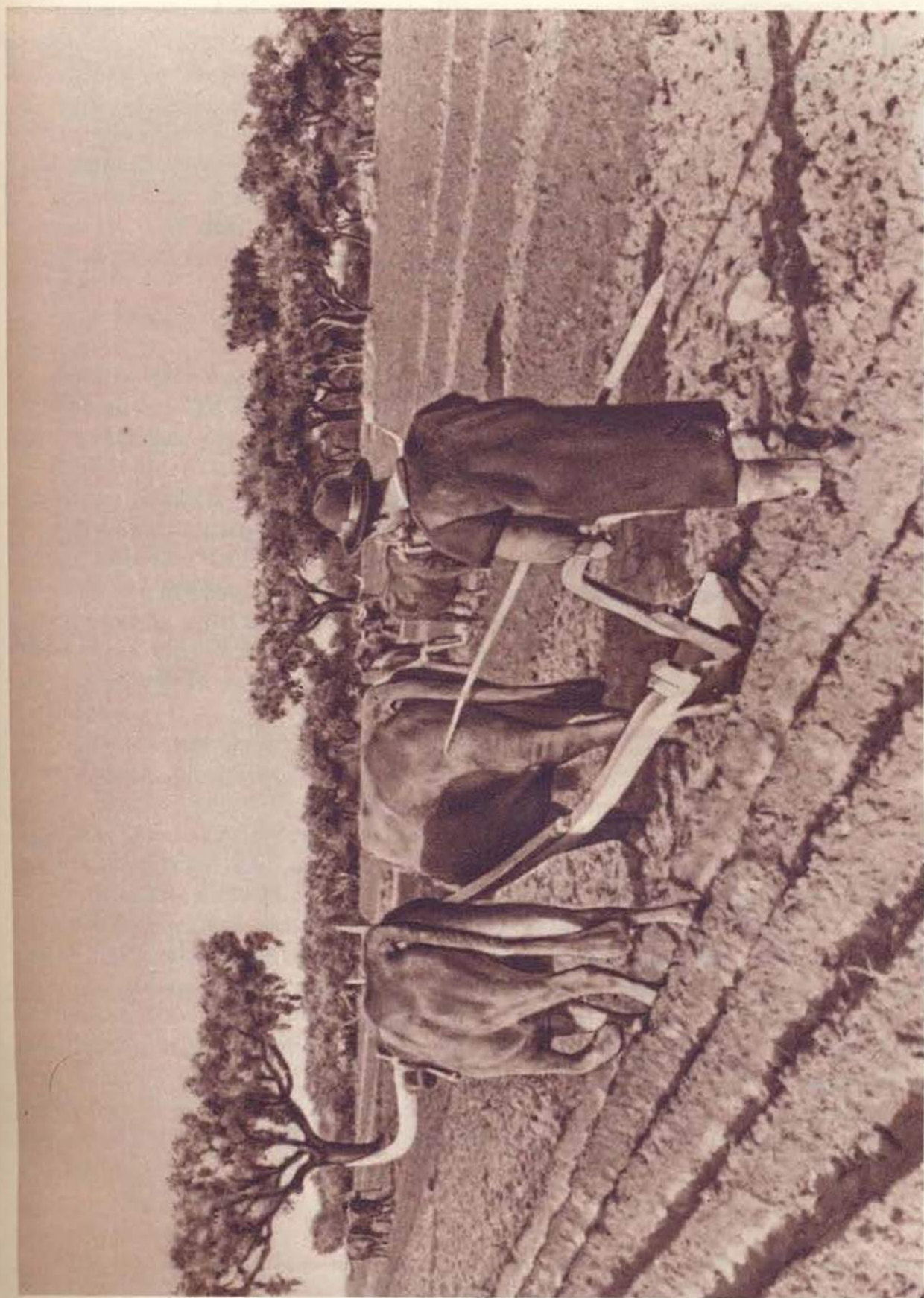
.....

A manhã prossegue amena, permitindo que a lavoura siga sem incidente estranho. O sol principia a aquecer e os ganhões tratam de despir as jaquetas para, em mangas de camisa, lavrarem à vontade. Muitos arregaçam-se, exibindo braços atléticos de invulgar musculatura.

Enquanto eles vão lavrando com ou sem jaqueta, na estrada próxima, no cume do outeiro, aparecem algumas mulheres vindas da vizinha aldeia, de caminho para a ribeira, com cestos de roupa à cabeça.

— «Lá vêm elas!...», diz o ganhão que primeiro as bispou. E acrescenta: — «Vá, rapazes, *arrimem-lha* a valer... que se não gabem que passaram sem a apanhar...» E os instigados, solteiros pela maior parte, notando a aproximação das mulherzinhas, saudam-nas com a vaia da praxe, em vozearia doida e gestos truanescos. Uns rinham como cavalos, outros espinoteiam e zurram como burros, diversos assobiam e muitos soltam apóstrofes rudes, que seriam ofensivas se as não tomassem por chalaça. Mas tomam.

De entre as atingidas pelos apupos, há matronas sisudas e raparigas circunspectas que nada respondem escudando-se no aforismo de que «mulher honrada não tem ouvidos». Mas as outras, as que gostam de «falar mal» e ouvir pior, voltam o troco na mesma espécie de moeda. Simulando indignação, param-se, defrontam-se com os provocadores e, em voz esganiçada, acoimam-nos de quantos apodos lhes lembram: — «Oh! cambada de chibos relaxados!... Filhos de *púcara*... vão rinchar às zorras das mães!... Nós não *semos éguas*... Lá o viço que têm... Fora brutos!... Súcia de piolhosos... *Alimaís!*... Ponham cabrestos... Comam palha!»... E' isto o que os da malta querem ouvir. Ainda as mulheres guincham toda a casta de impropérios, já lhes redarguem assim: — «Fora gulosas!... Quantas chávenas de café *boeram* hoje?!...



Enterrando a semente

Bruxas!... *Badias!*... Tabacosas!... Voluntárias!... Feias!...» E homens e mulheres prosseguem neste coro de *amabilidades*, até que elas se calam, afastando-se. Eles continuam gritando-lhes, enquanto as não perdem de vista. Depois, riem-se da brincadeira. Elas também a vão comentando com prazer, posto aparentassem ir à serra. Há por acaso uma ou outra que encordoa. Mas a maioria, gosta. No íntimo, encontram imensa graça àqueles dichotes frescos, em que dizem e ouvem o que lhes vem à bola. Demais, sabem que tirarão a desforra a seu tempo, quando trabalharem nas mondas e noutros serviços. ⁽¹⁾

O dia cresce e a lavoura prossegue. Mais de um ganhão tem olhado para o sol, a observar-lhe a altura, como que a interrogá-lo se já serão horas de paragem:— «Devem ser... não pode tardar...» — monologam para consigo.

Efectivamente, daí a pouco, o abegão faz parar a junta, levanta o arado, ⁽²⁾ empurra-o, larga a aguilhada, deixa os bois em paz e grita:— «Água!...»

As demais juntas, vendo parar a do abegão, instintivamente aceleram o passo e estacam, unindo fileiras. Os que as guiam, procedem como o abegão, deixando os arados e chegando-se à barrica da água para beberem e folgar. Vai de aguada e de descanso para homens, bois e muares. Os homens comem a *cunha*, ⁽³⁾ as parelhas aquietam-se, reparando as forças, e os bois fazem outro tanto, ruminando tranquilamente. Conhece-se-lhes pelo olhar que lhes agrada a quietude.

Voltando aos homens, o tempo voa-lhes nos 30 minutos que o intervalo dura. Aquilo, para eles, é uma delícia. De pé ou sentados, em pequenos grupos, ou em um só, vemo-los galhofeiros, a comerem, a brincarem e a parlarem. Abordam assuntos diversos, vindo sempre à baralha o fabrico do marrocate e a carestia do tabaco. Do tabaco, fala-se e pragueja-se, quando vai de cigarrada, aí pelo fim da aguada. Não obstante, quase todos *gastam*, entregando-se ao vício. O abegão, é o primeiro a puxar da petaca, seguindo-se-lhe os ganhões e outros. Os ganhões fazem o cigarro a preceito, devagarinho, com os matadores do estilo, na manha de protelarem a folga. No picar da cigarrilha de dez reis, no machucar do tabaco, no enrolar da mortalha e no fusilar dos *petiscos*, para acenderem a isca e por fim a *tocha*, que de antemão saboreiam, buscam pretexto para demoras maliciosas. Todavia, de pouco lhes vale o stratagem, que por sabido não pega. O abegão, em lhe parecendo, bota fumo, caminha para a *piscola* e reata o serviço, sem se importar que os cigarros dos outros estejam ou não acesos.

(1) Sobre as *baias* das mulheres aos homens, leia-se o artigo — *Mulheres* — na página 95. Os homens só dão *baias* às mulheres quando andam a lavrar. Noutros quaisquer serviços são inadmissíveis.

(2) Para os bois descansaram.

(3) Falcas de pão com sobejos da ceia ou da merenda, como queijo, toucinho, etc.

Um minuto depois, toda a gente está a postos, a paragem termina, e a lavoura movimenta-se como antes da aguada.

Das dez horas em diante aparecem dos lados da aldeia grupos de garotos, de cordas a tiracolo ou enroladas à cintura. Caminham descalços e rotos, às carreirinhas, como que atraídos para os arados. Os pobrezitos vêm à lenha, às raizes das cepas, para as transportarem à cabeça. Pequenotes mas prestadios. Tão novitos e já andam ao «feixe», para alimentarem a lareira do casebre onde habitam com os pais. Pobrezitos...

Em boa verdade, a lenha não é o único motivo que os atrai à lavoura. Para os mais deles, o que os impele a estas caminhadas, é a fome que sentem e que decerto saciarão ali entre a ganharia, onde lhes darão à merenda quantos marrocatos queiram comer. E o pão de centeio sabe tão bem aos pobres que não alcançam outro! Quem lhes dera a eles terem-no sempre em abundância!...

O bando dos rapazelhos espalha-se por entre as *píscolas*. Cada garoto procura, lépido, um ganhão parente ou afeiçoado, de quem espera obter *arrei-gotas*. É pretensão justa, facilíma de obter, que todos conseguem. Qualquer dos da ganharia, vendo acercar-se-lhe o rapazinho preferido, chama-o e diz-lhe:— «Anda cá Chico... dá aqui um rego, enquanto faço o cigarro... Segura-te com ele, que é levezinho... Logo dou-te um arado partido, que escondi além nas pedras... E arranco-te cepas... Verás...»

À voz de «dar», o Chico luz-lhe o olho e aceita a proposta. Muito ancho, segura o rabanejo, toca na junta, e lá se mete a lavrar, todo ufano por fazer de homem. Não acerta o passo, cambaleia, maneja mal a aguilhada, mas lá se aguenta, provocando observações e reparos que mais o embaraçam.

Enquanto vai de lavoura, o rapaz vence as dificuldades, sacrificando a estética e os preceitos da regra. Mas às voltas, vê-se grego, por não poder virar o arado e a junta. Sem embargo, insiste nas tentativas, para mostrar jeito e vontade. O ganhão quer auxiliá-lo, mas ele opõe-se, observando-lhe:— «Espere... deixe ver se posso sòzinho...» E insiste, fazendo força. Num arranco de energia puxa tanto, que as mãozitas escapam-se-lhe do rabanejo e zás desequilibra-se e vai com os costados ao chão. Toda a ganharia ri, chacoteando o rapaz, que desiste do intento, aceitando a intervenção do ganhão.

Num vai-vém constante, os arados prosseguem no seu trabalho cultural, lavrando baixas e encostas. O dia convida, os bois podem e o abegão «puxa». Não faltam elementos para o serviço luzir, e mais luziria se não houvesse os enredos de costume — as inevitáveis paragens de juntas, por efeito de madeira partida, umas; para satisfação de impreteríveis necessidades pessoais, outras, e o entretém de arados por fora das *píscolas*, a cortar as *lobas* e a encher cantos.

A despeito de tudo, despacha-se a valer. A maré não pode ser melhor, a terra assopra e o gado mexe-se. Mas as horas passam, e aí às dez e meia, o abegão pára de aguada. É a segunda da manhã, e dura só o suficiente para

se beber e cigarrar de fugida. Em decorrendo uns dez minutos, o abegão diz: — «Vamos a ela... o revezo está a chegar...» E a seguir, voltam ao *tango* sem mais preâmbulos. De resto, ainda não têm dado meia dúzia de voltas, e já os bois mugem por sentirem aproximar-se os que vêm substituí-los. Um minuto mais, e eis que chega o revezo da tarde. Chega sem grande ruído, ouvindo-se os chocalhinhos dos novilhos e alguns poucos esquilões das juntas pimponas. ⁽¹⁾

Abegão e ganhões, mal o revezo se espalha por entre as *píscolas*, como que a entregar-se à canga e ao trabalho, param e soltam os animais que trazem, passando a agarrar os recém-chegados.

Os almocreves também soltam as parelhas, não para revezarem, mas para irem merendar. Só o maioral dos bois se conserva na expectativa, de cacheiro às costas, de pé, atrás do gado, observando-o cuidadoso, para que não fuja à prisão. Nesta atitude gesticula, impertiga-se e dá indicações sobre os bois e novilhos que se hão-de prender.

— «Oh! mano Zé! então qual agarro hoje?...» — pergunta-lhe um ganhão desastrado, que bota abaixo os bois que lhe confiam.

— «Hoje — responde o boieiro — já que deste cabo do *Foloza* e do *Pintasilgo*, entrego-te o *Traidor*, que não *acua p'ra'i* assim. Se o botares a terra, como ós outros, *prégunta* vida nova... *Noss'amo*, paga-me para olhar pelo seu remédio...» E, volta-se para diferentes que aguardavam instruções e diz-lhes: — «Tu, *Camoezas*, agarras o *Maranhaque*, que é jeitoso para o novilho... E tu, *Assorda*, deixas hoje o *Vinagre*, que anda estio, e bota a fateixa ó *Capitão*, que está de boa vida há uma semana...»

Os da lavoura aceitam as indicações do boieiro, e este, prosseguindo, exclama sentencioso:

— «Inda estão quatro novilhos para amansar. Vamos lá ver a quem tocam...» E chega-se ao abegão, ou o abegão a ele, conferenciando ambos, baixinho, sobre o assunto anunciado. Pronto se entendem os dois, e, a seguir, ou nesse entretanto, oferecem-se ganhões para amansar os bichos. Se não há oferecimentos voluntários, o boieiro alvitra, até o encargo ser aceite por tantos ganhões quantos os precisos para as *amansias*...

Distribuídos os novilhos, o maioral faz-lhes a apologia nos seguintes termos:

— «O *Torradinho*, com que fica o *Murcela*, há-de sair letra asseada. E' grande e tem muita pele... Aquele amarelo, carapito, que vai pr'ó *Cantista*, é leve como um pássaro... anda sempre *encabritado*... Não tem muito corpo, mas rijo como canelos... O *barrigana*, *borquilho*, que escolheu o *Filhozes*, é

(1) Trouxe para o caso o sistema da lavoura de revezo e não o de *singelo*, porque o uso do revezo é essencialmente alentejano. Do de *singelo*, que também se está adoptando muito, encontra o leitor suficientes referências no artigo — *Nas merendas ao meio dia* — na página 252 e noutra com a epígrafe — *Singelos e revezos* — na página 249.

curto mas sobra-lhe *madeira*... Grosso e *atochado*... Se sair zorro, arrima-se-lhe graxa de aguilhão e verão como ele esperta... O irmão, o *Damasco*, também tinha *doaire* de badana e depois foi o que se viu... fino como um corall... Agora o barateiro é este risso, retinto, bem armado de corna... Este é que é o rei da baralha... Vem da raça do *Poeta*, aquele boi maior da junta do abegão... Se sair bom, hei-de ajuntá-lo com o meu... Verão vocês a junta *faia* que deles se faz... Olha lá, oh Cupido, tu que o agarras, põe-lhe *Brilhante*, para calhar com *Diamante*, nome do meu...⁽¹⁾ E agora, rapazes, tenham sentido e *astúcia* com todos... haja cuidado, se querem sair-se bem da acção... *Bonda* que no ano passado ficassem dois rendidos... Mal empregados!... Sempre futurei que *encascassem*... mas qual história!...»

Os exortados respondem:

— «Isto é uma sorte... Os novilhos são como as *belancias*: só se lhes conhece o vidonho, depois de se abrirem.»

Certo ganhão brioso, que estava de parte, dirige-se ao boieiro, observando-lhe:

— «Ora, mano Zé, se vocemecê quisesse, ajuntava o meu novilho, com o do Guelas... Emparceiram bem... dão uma junta real... verá...»

— «Não metem mal, não... Pois ajunta-os... Toma tacto com eles...»

Ainda o maioral não tinha concluído, já outro ganhão lhe falava assim:

— «Se me deixassem, *tamém* eu fazia uma ajuntada: o meu com o do Manteigas!...»

— «Nada, nada... deixemo-nos de mais ajuntadas...» E a meia voz, monologa em tom de censura:

— «Não têm *astúcia* para um e já querem dois... Nunca vêem lobos pequenos... *Baia* uns impostores!...»

O pretendente embucha e não insiste, renunciando a educador de juntas.

Demora a agarrar dos bois e dos novilhos, porque a dos últimos demanda trabalho e arteírices, que só surtem efeito à custa de manha e de paciência. Mas com geito e pachorra tudo se consegue, embora haja trambulhões e correrias, intercaladas por incidentes e peripécias que não vêm para o caso, por terem cabida noutro lugar.⁽²⁾

As juntas, uma vez agarradas, conservam-se de pé, aguardando submissas, pelo labutar da tarde, que pouco demorará. Só revelam indisciplina as dos novilhos da amansia, não quebrados de forças, nem domados pelo ensino.

Novos e indóceis, refilam e barafustam contra a prisão, posto que não consigam libertar-se, o que os exaspera, explodindo-lhes a raiva em pulos de corça e berros espumantes. Pulam, berram e correm, arrastando a enteichadura

(1) O boieiro chama seu ao novilho que traz de *amansia*, não porque seja propriedade dele, mas por pertencer à junta com que lavra. Os ganhões também dizem: — «Os meus bois, a minha junta, o meu novilho, etc.» É uso geral.

(2) No capítulo — *Gados* — e na parte respeitante ao gado vácuum.

e o camarada — o boi madrinha — que lhes modera os ímpetos e naturaliza as forças. Por fim a pressão do arado, aquietam-os como os adultos e mansos, mas sempre desconfiados e cabisbaixos.

Entretanto, nas proximidades das enteichaduras, permanecem as reses que sobejam e os bois que saíram da canga. Estes vão-se deitando sobre o alqueive, em descanso irresistível.

Nesta altura os homens passam a merendar, a pequena distância dos arados, em volta de quaisquer pedras ou arrifes. Os garotos da lenha já lá estão empoleirados, com o feixe em preparo, aguardando a *falca* do pão, que se não fará esperar e repetir, até mais não quererem. Próximo, vê-se a barrica da água, o saco dos marrocates e o taleigo dos queijos. São os comestíveis que constituem a merenda para o pessoal, a esta hora do meio dia. ⁽¹⁾

.....

Toda a gente come no espaço de 40 minutos, decorridos despercebidamente, como é de prever. Aí pelo final, o abegão chama os rapazitos da lenha e dá-lhes marrocate pela última vez, observando-lhes:

— «Agora, em acabando de comer, toca de arranjar os feixes... E depois, *zunam* caminho da aldeia... Nada de *caraiβα*, que se faz tarde... Se se demoram, a raposa branca sai-lhes ó caminho... Não se acautelem...»

Os garotos sorriem e respondem:

— «A gente não tem medo das raposas...»

Enquanto se come, e depois mesmo, na cena final da cigarrada, bisbilhotava-se em todos os tons e géneros, esfuziando as graçolas tarimbeiras, *ganhoais*, acolhidas com aplauso de muitos, reprovação de poucos e indiferentismo de alguns. Os tagarelas falam pelos cotovelos, como se costuma dizer, e os fumadores chupam cigarros como vagens, ou pontas enegrecidas — *carochas* de cigarros anteriores. Os que falam, falam sem conta nem medida, e os que fumam, fumam de espaço, devagarinho, para economizarem tabaco e entreterem tempo, se os deixarem. Que não deixam, está claro. Em sendo horas de entregar, o abegão ata o saco dos marrocates, recolhe o taleigo dos queijos e dispõe-se a lavar. Os ganhões, em que lhes custe, seguem o exemplo do mandante, e daí a segundos, todos estão a postos, de rabanejo na mão e juntas em tiro, a lavarem com o revezo da tarde.

Neste meio tempo o boieiro ajuda toca os bois soltos, assobia-lhes de modo significativo e fá-los seguir para a pastoria do invernadouro, deixando o maioral a substituí-lo na lavoura. Só os carreiros e o embelgador continuam em

(1) Sobre a merenda ou refeição do meio dia, vejam-se os pormenores insertos no capítulo — *Alimentação* — nas páginas 113 e 114 e também o parágrafo — *Nas merendas ao meio dia* — na página 252.

Quando as lavouras funcionam próximo das aldeias, as mulheres dos que lavram, usam ir aos arados, de cestos e panelas à cabeça, com a olha, afim de jantarem com os maridos e filhos. Os homens comem assim à sua custa, mas recebem do abegão os marrocates e o queijo que lhes pertence. Este costume igualmente se observa nos domingos em que se lavra. E então as mulheres não se prendem com distâncias. Vão onde os maridos estejam até a longitude de seis quilómetros. Vejam-se as páginas 135 e 136 — *Costumes dos Campónios* — artigo — *Vida doméstica*.

descanso, aguardando que merendem as parelhas e a besta da belga. Depois lá vão também lavrar, como fizeram de manhã.

.....

De tarde, a lavoura segue o seu curso ordinário, posto que mais vagarosamente que de manhã. As muares lavram com o mesmo despacho, é certo, mas não os bois que, em regra, têm menos poder que os outros da manhã. Os bois, como velhos, são demorados no passo, e os novilhos, por inexperientes e ariscos, nada adiantam nas primeiras voltas. Ao princípio só pulam e berram, dando água pela barba aos homens, que os amansam. E pela tarde fora, também fazem pouco de jeito, salvo se já têm dias de trabalho e de ensino. Mas nem assim despacham como o gado sabido e possante. Bois madraços e novilhos de amansia, põem à prova o jeito e as unhas dos ganhões. Destes, encontram-se alguns com pachorra e habilidade bastante; mas outros, não reúnem esses requisitos, sendo pelo contrário, iracíveis e impacientes. Desta falta de aptidões, resulta a frequência com que certos brutamontes invetivam os pobres animais, procurando amedrontá-los com exclamações iracundas, de palavrões estúpidos e obscenos. Os seguintes, muito usados, dão uma ideia pálida de tais *meiguice*: — Raios te partam, zorro de um cão!... Oh boi de aquele filho de curta...» Se no momento o amo aparece de improviso, o criado procura emendar, acrescentando: «... que o vendeu...» O amo, se ouve, faz que não ouve, ou observa: — «Essa venda já veio tarde...» Quando não responde por esta outra forma: — «Vê lá de quem são...» E afasta-se, por saber que a grosseria proferida pelo criado provém de hábitos velhos, destituídos de intenção ofensiva. Estava servido o lavrador se ligasse importância a essas bagatelas. Ele não vai aos arados para se abespinhar com o calão dos que o servem. Vai para ver lavrar muito e a preceito. A pé ou a cavalo, caminha ao lado do abegão, trocando impressões, transmitindo ordens. De vez em quando, desvia-se e estaciona em qualquer ponto culminante, a observar o passo das juntas, o jeito dos ganhões e o *tempero* dos arados. Querendo certificar-se de tudo, dá também umas assumadas pelas juntas e parelhas entretidas a cortar *lobas* e encher cantos. *Entretidas*, é o termo apropriado. Aquilo de cortar *lobas* por entre pedregulhos, constitui serviço de enredo, muito de molde para se fazer *cera*. Assim, o lavrador não lhe falta que fiscalizar nos arados em acção, onde passa o melhor do dia, com perfeito manifesto. Bem se diz que «a calvagadura em que o lavrador monta, quando assiste à lavoura, tanto ou mais que uma ou duas juntas.»

.....

Lavra-se com o possível despacho e semeia-se na proporção que a lavrada cresce. O semeador, de sementeiro ao ombro, vê-se a distância, semeando a lança, pelas belgas que o norteiam. Adiante, o embelgador manobra a jangada, traçando as belgas que norteiam o semeador. Todos enfim laboram na cultura e sementeira da seara.

A tarde declina, e o abegão, observando o sol, pára de aguada. E' a pri-

meira da tarde e a terceira do dia. Decorre como a primeira da manhã, demorando vinte a vinte e cinco minutos.

Durante a paragem, os novilhos mostram-se fatigados, a arfarem com violência, escorrendo-lhes o suor sobre a pelagem espessa e fulfa. Nos fracos, o cansaço é enorme e angustioso. Dá pena vê-los a escancararem a boca, de língua fora, espumantes. Alguns deitam-se rendidos e extenuados. Outros, recebem carícias dos homens que os amansam, carícias nem sempre aceites, antes repelidas com assopros e marradas, que suscitam risotas. Uma pândega.

.....

A aguada conclui e as *píscolas* voltam a manobrar animadas pelas cantigas dos ganhões, sempre despreocupados e infatigáveis. Por entre as cantorias dos rapazes e a faina que se desenvolve, surgem os incidentes habituais, como partir-se madeira, saírem juntas, repararem-se enteichaduras, etc. São entaves que nunca falham; cenas infalíveis, próprias do cenário.

Aí às quatro horas ou quatro e meia, tem lugar a última aguada, que decorre de fugida, nuns escassos dez minutos. O pessoal, quase não arreda do rabanejo por saber que a paragem é curta. Vê-se que o dia está por pouco e que o descanso tem de ser breve. O sol vai baixo, prestes a esconder-se, de modo que as juntas e os homens já projectam sombras gigantescas, que vão crescendo, à medida que a tarde avança.

Depois da aguada, a lavoura move-se como anteriormente, mas a animação fraqueja, posto se ouçam as vaias dos ganhões às mulheres que por acaso se avistam em regresso da ribeira ou de outra procedência. Mas são assuadas frouxas e fugazes, quase constrangidos, sem a espontaneidade e entusiasmo que caracterizam as de manhã. A hora do sol posto, mais predispõe ao sossego e à concentração do espírito, do que a bulícios de troças e retoíças. Tem de se entrar em pacatice ordeira, e entra-se evidentemente.

Duas voltas mais e o sol esconde-se por completo, deixando apenas a luz purpurina do crepúsculo. As alvéolas e outros passarinhos vão rareando, prestes a desaparecerem; os ganhões emudecem e aquele meio, em que mourejam dezenas de homens e de quadrúpedes, entra num período de mutismo, que seria absoluto se o não quebrasse a *loiça* ⁽¹⁾ dos bois e das muares.

De súbito, o abegão pára a sua junta, entra na lavrada, crava a aguilhada no solo e brada forte: — «Ferra!...» Corresponde a dizer: — «Vá de soltar... acabou-se por hoje...»

Ao brado do abegão, as juntas todas, compreendendo-lhe o alcance, aceleram a marcha e, num momento, unem fileiras, fazendo alto. Os ganhões largam desde logo os rabanejos e as aguilhadas, como quem se alivia de fardos importunos. A seguir, cada junta é *desacornerada* pelo homem que a trás, mas nenhum larga os bois sem que o abegão dê o exemplo. Os apressados esperam pelos retardatários, e o abegão aguarda por todos. A solta, tem de ser geral e

(1) Por *loiça*, neste caso, entende-se os chocalhos, esquilões e esquilas.

uniforme. Todos procuram *desacorneirar* com presteza, e todos concluem por tomar a atitude de solta, cada qual agarrado ao boi que primeiro tem de largar. O abegão faz outro tanto, e os subordinados passam a fitá-lo atentamente, para obedecerem de pronto ao sinal que dele aguardam. Nesta ocasião o silêncio é notório e impressionante. Os bovinos e as muares, parados e quietos como estátuas, não agitam os chocalhos nem esquilas; os homens, mal se mexem, sem proferir uma palavra. Perturbar a cena, seria espaçar-lhe o desfecho.

Alfim, o chefe da lavoura relanceia o olhar, certifica-se que nada falta, e imediatamente, descobrindo-se, diz respeitoso: — «Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!...»

Acto contínuo, abegão e ganhões, como se a electricidade os movesse, desabrocham o boi que tinham seguro pelo chavelho, largam-no e desabrocham e levantam a canga ao da parte oposta, soltando-o também. Todos ficam soltos num abrir e fechar de olhos, espalhando-se por entre as enteichaduras e arredores, a intentarem comer nos arrifes e vales. De ordinário, procuram em vão, mas em que encontrassem, não os deixariam lambujar. O boieiro depressa lhes assobia em tom de marcha, e, sendo necessário, o cajado reforça a ordem, pondo-os a caminho da pastagem, no seu passo vagaroso e cadenciado.

As parelhas saem ao mesmo tempo dos arados, indo algumas engatar nos carros que trouxeram de manhã. Engatadas ou não, seguem para o monte de canga no cachaço, com os almocreves no dorso ou na taleira dos carros.

Effectuada a solta, acaba o silêncio e ressurgê a animação. Entre o pessoal da ganharia cruzam-se os ditos, as ordens e os reparos, em voz alta, abanfando o tinir dos esquilhões. Um contraste frisante com o sossego da hora e a solidão do meio. Entretanto, os ganhões encostam as cangas aos arados e cada um enrola à pressa o seu apeiro. O abegão, enrolando o que lhe pertence, mostra-o e diz: — «Quem o quer?» Aquele a quem por escala, incumbe o encargo de *apeireiro*,⁽¹⁾ responde: — «Eu... hoje toca-me...»

Por forma análoga à do abegão, procede o maioral dos bois, entregando o apeiro a outro ganhão, que lhe compete levá-lo. É pronto, nada mais entretém a ganharia, a não ser munirem-se dos capotes e das jaquetas que largaram de manhã. Depressa tomam isso tudo, e a seguir marcham para o monte, a pé ou nos carros, conforme a longitude, as instruções do amo ou a vontade do maioral das parelhas⁽²⁾

Ao iniciar-se a marcha, ou à solta, um dos da malta assopra o búzio, tirando sons agudos, que se ouvem ao largo, nas lavouras vizinhas. De lá correspondem igualmente e, deste modo, os sons dos búzios, cruzando-se no espaço, anunciam a solta do trabalho e significam a saudação de despedida de umas

(1) Sobre *apeireiros*, veja a segunda nota da página 250.

(2) Os ganhões só vão em carros, da lavoura para o monte e vice-versa, quando a distância é grande. E ainda nestas circunstâncias, é necessário que o amo assim o ordene, ou que o maioral das mulas consinta, se o lavrador não dá instruções neste sentido. Dando-as, cumprem-se, seja em que sentido for.



A Piscóla

para outras ganharias. Exactamente o mesmo que fizeram de madrugada à hora do almoço, e como farão dentro em pouco, à entrada e à saída da ceia. São cumprimentos e sinais exclusivos da época, que se observam a rigor, havendo buzina e quem a saiba tocar.

.....

A luz do crepúsculo — «o ar do dia» — vai-se extinguindo, e a noite avizinha-se, bonançosa e linda, como é frequente na quadra outonal. Brilham no infinito algumas estrelas, que os ganhões contemplam e apreciam na sua caminhada para o monte, em regresso da lavoura. O brilho das estrelas e a limpidez da atmosfera, sugere-lhes raciocínios singulares, que dão origem a comentários e tiradas filosóficas, algo estapafúrdias. De argumento em argumento, concluem que nada percebem porque nada lhe ensinaram e pouco «tiram do «sentido». De resto — acrescentam — aquilo das estrelas, do céu, da lua e do sol, são «coisas de fundamento», obra de Deus, que nem os homens de letras sabem explicar. Um ou outro nega esta pretendida ignorância dos homens de letras, mas a maioria afirma que sim, que a gente de saber, tanto lê que treslê, nada pescando do que vai lá por riba. O que dizem a esse respeito são contos da carochinha, para embarrilarem os *lambaruços* que não têm letras nem tretas. E nisto concordam quase todos. Os que discordam, têm de meter a língua na caixa, para não os acoimarem de parvos e impostores. Passam, pois, todos, a outros assuntos mais consoantes com os seus parcos conhecimentos. E assim prosseguem na marcha, inteiramente alheados dos problemas complexos em que antes se envolveram.

Das proximidades circunvizinhas, soam os balidos das ovelhas que recolhem ao bardo; a chocalhada das vacas e bois, a pastarem no invernadouro; o grunhir dos porcos, a entrarem para as curraladas e o coaxar das rãs nos charcos e ribeiros. De espaço a espaço, das azinheiras nudosas e seculares, as aves nocturnas piam os seus queixumes agourentos, e, lá no alto, no monte, de onde as luzes se distinguem, frouxas e amortecidas, os cães fazem ouvir os seus latidos de alarme, como bons vigias que pressentem a aproximação de alguém.

De facto, minutos depois, a ganharia e os carros pisam o terreiro do monte, animando-o com sussurros e vozeiras. Os rafeiros emudecem então, agitam a cauda e correm cabisbaixos a afagar os recém-chegados, como que a pedirem-lhe perdão de os não terem conhecido.

Daí a um quarto de hora, se tanto, o abegão grita; — «À ceia!...» A esta chamada, ninguém deixa de acudir. Ganhões, carreiros e outros, que porventura trabalham sob o comando do abegão, ou de seus delegados, todos comparecem a ceiar, como estejam presentes.⁽¹⁾ Ceiam sem fastio, é claro, e a seguir saem. Os ganhões vão para a cozinha, a parolar e pernoitar,⁽²⁾ e os carreiros para a

(1) Veja-se a página 29 do artigo — *A vida nos montes* — e o parágrafo — *Ceia* — nas páginas 116 e 117.

(2) A cozinha dos ganhões, nas noites do outono e do inverno, torna-se o ponto de reunião da criadagem rústica. Em convívio alegre passa-se o serão com palestras diversíssimas e em pagodeiras estúrdias, com ficou consignado nas páginas 17 a 19, no parágrafo — *Casinha dos ganhões* — e como tenciono pormenorizar, sob outra forma, em artigo próprio, que insereirei mais adiante.

cavaliça das mulas. ⁽¹⁾ O abegão e o sota só recolhem ao seu alojó ⁽²⁾ depois de levantarem a mesa, de entregarem a ceia aos malteses e de ouvirem as instruções do amo, para o trabalho do dia seguinte, se o amo reside no monte. Neste entretanto, soa de novo a buzina, assoprada por qualquer que saiba. Dos ganhões — cumpre acrescentar — os moços solteiros nem sempre recolhem à cozinha, após a ceia. Os mais deles põem-se na *pireza*, a caminho da aldeia, calcurriando a pé e de pau na mão, por veredas e atalhos, com o fim de passarem o melhor da noite pela terra: — primeiro, a arruarem e cantarem de súcia com os «parceiros» amigos; depois, a falarem com os namoros pelo postigo das habitações. Vão gozar, dizem eles. E gozam realmente, se lhe acreditarmos o que afirmam.

SERVIÇOS PRELIMINARES E COMPLEMENTARES DA LAVOURA

Gradagens Efectuam-se sobre as lavradas que precedem as sementeiras de trigos de primavera e de grãos de bico, e ainda depois, na definitiva que tapa a semente. Para as searas outonais, as gradagens usam-se nas terras muito enterroadas, antes da sementeira, sobre o ferro «de revolta», ou seja o penúltimo. O último «ferro», logo subsequente à sementeira, nunca se grada. Fica sempre de sulcos abertos, para escoarem melhor as águas das chuvas.

A maioria dos lavradores persiste em usar a grade antiga, rústica, de madeira, provida de «facas». Que também já se empregam as grades modernas articuladas. Últimamente vai-se adoptando a do sistema *Osborne*, que dá bons resultados. Nas «terras soltas», bem enserviçadas de alqueive, uma gradagem com a *Osborne*, aplicada pelas «águas novas», depois da terra abrolhar, dispensa a lavrada de *revolta*.

Limpeza das terras

Desmoitas Antes ou depois de se prepararem os alqueives, as terras respectivas, com excepção das que se destinam a grãos de bico ou chicharos, são desmoitadas, a enxadão ou alvião, do mató que as suja e «embaraça». ⁽³⁾ Igual benefício se dispensa às rastolhices a queimar, para segunda seara e aos pousios que se tencionam semear «à face», e que só se lavram uma vez, por ocasião da sementeira.

Do manto em questão, predomina o piorno, na maioria das zonas; noutras

(1) Os carreiros dormem na cavaliça das mulas para tratarem as parelhas. Antes de recolherem definitivamente, vão aviaz-se de rações para o gado, indo o maioral receber ordens do amo, como este reside no monte. Vejam-se artigos: — *Cavaliças* — na página 17 — *A vida nos montes* — na página 29 — *Maioral das mulas e carreiros* — nas páginas 75 a 77.

(2) A cozinha chamada do abegão, é exclusiva deste e do sota. Veja-se a página 20.

(3) As terras próprias para grãos e chicharos, na grande maioria dos casos, têm apenas algumas moitas de piorno ou carapeteiros. São estas moitas que geralmente ficam por cortar, em obediência a uma antiga costumeira. Segundo a tradição, os grãos e chicharos semeados em terra desmoitada do piorno, *melam* com maior facilidade, produzindo pouco e mal. É uma superstição infundada, que os factos e a experiência desmentem.

poucas, o sargaço; e ainda em outras, o piorno, a giesta e diversos, numa miscelânea avassaladora de pastos e chaparros.

Há desmoita superficial e desmoita radical. A primeira, posto que destrua pela raiz os arbustos pequenos, como giesta, sargaço e rosmaninho, corta de leve outros maiores — piorno, carrasco, carapeteiro, etc., derrubando-lhes as hastes e descabeçando-lhes a cepa, quando muito. ⁽¹⁾ O raizame maior, arreigado e profundo, continua intacto na terra, apto a renovar, como de facto renova em poucas semanas, apresentando rebentões vicejantes. De modo que a moita ostenta a mesma altura e vigor quando, passados anos, volta a ser cortada, para preparo de outra seara.

A desmoita radical, chamada *arranque*, consiste em extrair a cepa totalmente, a não rebentar mais, ou só tarde e sem viço.

Antigamente, pouco se desmoitava por este processo decisivo, ótimo, evidentemente, mas caríssimo. Hoje, em virtude do desenvolvimento das culturas cerealíferas, a desmoita pela raiz está sendo bastante usada, mórmente pelos agricultores que lavram terras suas. Faz-se sobretudo nas herdades de arvoredo. Nestas, a extinção dos moitais e carrascais tem a dupla vantagem de beneficiar as árvores e searas.

Nas herdades escassas de arvoredo, que não produzem lenha para o consumo da casa, e onde pelo contrário abunda o piorno, julga-se inconveniente o arranque total e radical deste arbusto, que, sendo desenvolvido, supre a falta de lenha. Além disso, tanto nas herdades de montado, como nas *campas*, despidas de arvoredo, o piorno, provido de rama, também serve para revestimento de almenaras, malhadas, choças e chiqueiros. Para este fim é superior a tudo mais semelhante, a ponto de se ir cortar longe, para se aplicar onde o não há.

Consequentemente, pelo que respeita ao piorno, é de crer que subsista o uso da desmoita superficial, em parte do moital, pelo menos, embora se arranque o que for tido por desnecessário e nocivo.

Com o carrasco e carapeteiro, procede-se por sistema semelhante. Cortam-se a enxadão, em desmoita superficial, ou de arranque total, se não se olha a despesas.

A giesta destroi-se pela raiz, sem grande custo, dada a fragilidade do seu raizame. Posto que renove depressa, reduz-se e extermina-se quando as lavradas se repetem de dois em dois anos ou de três em três.

Em muito maior quantidade, vegeta o sargaço, que em certos sítios abrange folhas inteiras. Arranca-se a enxadão e à mão, quando a terra está úmida. Apresentando-se rasteiro e pouco crescido, destroi-se com a lavoura da charueca, se a terra é desembaraçada e «de chão». Pois, apesar de não oferecer resistência de arranque, difícilmente se extingue. Com a facilidade que se destroi assim renova, em intensidade igual ou aproximada. Para se reduzir o sargaço e não crescer, há que arrancá-lo anualmente, persistindo nas *pelas* anuais,

(1) Vai à meia cabeça, como também se diz.

durante muitos anos sucessivos, até rarear bastante. Do contrário, vegetando à vontade nos três ou quatro anos que as folhas ficam de pousio, cobre o terreno todo, atinge considerável altura e impede o crescimento das ervas.

A desmoita de um sargaçal espesso e vasto torna-se muito dispendiosa, por barato que esteja o pessoal. A terra o que produz é, em geral, inferior, não pagando a limpeza, se o adubo ou esterco não beneficiaram a seara.

Da esteva, quase não vale a pena falar, tão pouca existe na região elvense, onde se pode classificar de planta exótica por assim dizer. Apenas uns pés por aqui e acolá, e isso mesmo numa única zona bastante limitada. Mas vingam em tal ou qual quantidade no vizinho concelho de Arronches e redondezas, posto que muitíssimo menos do que em tempos passados, não muito remotos, quando compunha manchas extensas de respeitável altura e densidade. E aí, no termo de Arronches, a xara ⁽¹⁾ desmoita-se hoje «por baixo», de arranque radical, estando quase abandonado o uso da roça.

Da roça e arranque na esteva e carrasco, escuso de pormenorizar mais, porque teria de repetir o que já disse no capítulo *Montados*, as páginas 35 e 36.

Temos por último as sarças de silvas, nos terrenos de penedios, arrifes e regatos, e ainda o rosmaninho, em terras delgadas e arenosas. As silvas costumam-se cortar à roçadoura, para depois se lhes arrancarem as raízes. O rosmaninho, sendo vasto e crescido, destroi-se a enxadão. Mas, geralmente, está ralo. Nestas condições sai fora com o arado, dispensando desmoita.

* * *

Embora se desmoite desde o fim da sementeira outonal até «cabo de maio», é sabido que o período intenso da desmoita, decorre na época do verão, e, sobretudo, depois de se recolherem as palhas, avançando pelo «S. Miguel» fora.

Em regra faz-se a desmoita com a ganharia. Mas se o serviço é muito e o tempo apertado, mete-se pessoal estranho, ajustando-se por empreitadas «a homens». Quer dizer, se a limpeza de uma folha for avaliada em 100 dias de trabalho a um homem, contrata-se a empreitada por 100 homens, ou sejam 100 jornais, à razão de 120 a 160 reis cada jornal e as competentes comedorias.

O trabalho da desmoita é dos mais violentos do campo, principalmente nos dias grandes, calmosos, em que o trabalhador maneja o enxadão, escorrendo em suor, acurvado e coberto de poeira, desde manhã cedo até pela noite fora, descansando apenas à sesta e às horas de comida. Não obstante, paga-se por salário baixo — 120 a 160 reis e comida, é claro. Não há dinheiro mais bem ganho.

Enquanto a ganharia ou camarada vai desmoitando, um ou dois homens, de forcados em punho, seguem atrás, juntando o mato cortado, para secar e arder em pequenos montões, que se denominam *caminheiras* ou *moiteiras*. Nas

(1) Em todo o alto Alentejo, a esteva é mais conhecida pelo nome de *xara*. Diz-se mais *xara* e *xaral*, do que *esteva* e *esteval*.

desmoitas de rastolhices e pousios para queimados, com destino a searas de *relvas* — «à face» — o mato cortado, não se junta, antes se espalha, de mistura com o rastolho e pasto, para melhor secar e arder. Nesta hipótese, os terrenos guardam-se do gado, para que o pasto facilite a queima.

Queimadas Moitas cortadas no verão, assim como *roças* e rastolhices, só se queimam depois do dia 15 de agosto. ⁽¹⁾ Está assim preceituado, como precaução contra incêndios em searas nos rastolhos e nas eiras. De 15 de agosto em diante, as searas estão recolhidas ou presume-se que estejam. E então vêem-se fogos por toda a parte. São as queimadas do tempo — fogos que de noite projectam clarões enormes, iluminando fantásticamente os campos circunvizinhos.

Estrumes e adubos

Entre os preparos culturais, nenhum se pantenteia mais vantajoso e eficaz do que o da estrumação e adubação das terras. A sua utilidade revela-se a cada passo; é tão conhecida, que não carece de demonstrações.

Há meio século, estrumava-se um terço dos terrenos que se estrumam na actualidade, donde se infere que também neste ponto a agricultura tem adiantado e progredido.

Nos tempos antigos e nas populações campónias, era corrente dizer-se que os estumes *escaldavam* as terras, e *gafavam* de erva as searas. Fosse por isso ou por desleixo, as estrumeiras acumulavam-se e estragavam-se nos arrabaldes dos povoados, e até em alguns montes, durante anos, como coisa inútil ou de insignificante valor. Nas povoações ninguém vendia esterco, à falta de compradores. E quem tinha onde os aplicar, descuidava disso ou applicava-os sem critério nem confiança, aparte excepções honrosas.

Preconceito semelhante havia também a respeito dos estrumes de ovelhas no pino do verão. Embora os antigos lhes reconhecessem a sua benéfica eficácia nas outras estações do ano, negavam-lha redondamente no período estival. De julho a fins de agosto, entrando por setembro, o gado lanígero nunca recolhia aos bardos, dormindo à solta onde calhava nas voltas, malbaratando esterco e urinas.

Agora já se pratica de modo diverso. Os rebanhos lanares, no estio, recolhem aos bardos nas poucas horas que repousam de noite. Claro está que a produção de estrume nestas horas, é pouco também. Mas por pequena que seja, repetindo-se em 70 a 80 dias seguidos, representa uma quantidade considerável, que se não deve desprezar. E já não se despreza, para honra e proveito do lavrador.

Nas aldeias, despertou igualmente o interesse e zelo pelo aproveitamento

(1) Antes de se queimarem as rastolhices, acceiram-se os extremos confinantes com pastagens em perigo, e bem assim os pés das árvores existentes no terreno a queimar. Desta maneira, *ressalvam-se* as pastagens e o arvoredo.

do esterco. A maioria dos moradores faz a sua estrumeira, boa ou reles, grande ou pequena, para a empregar por conta própria, ou para a vender a quem quer que seja.

Nas herdades observa-se zelo semelhante, muito maior que o de outros tempos, se bem que ainda se deparem desperdícios. A contrastar, há muitos lavradores que, além de aproveitarem rigorosamente os estrumes de sua lavoura, compram nas povoações próximas todo o que podem alcançar, a 500, 600 e 700 réis a carrada de muares. Nunca chega para as encomendas.

* * *

Os estrumes provêm das montureiras feitas com dejectos desperdícios e detritos de toda a ordem, e dos excrementos e urinas dos rebanhos em bardos, apriscos, *rociadas* e *malhadios*.

Estrumeiras Preparo bastante rudimentar. Umas voltas de vez em quando, revolvendo o estrume de cima para baixo, e eis tudo. Alguns lavradores tapam as estrumeiras com terra, preservando-as assim dos raios do sol e da chuva. Mas a maioria não se importa com isso.

Descobertas ou tapadas, em chegando o tempo próprio, o estrume remove-se para a terra a estercar, onde se distribui aos montões mais ou menos distanciados. Em seguida é espalhado à forquilha, nem sempre com acerto e igualdade, antes um pouco à toa, à minguia de critério de quem o distribui. Para evitar esse contra, há quem prefira espalhar à mão, a lanço, com mulheres, dirigidas por homem experiente. E' melhor processo, posto que mais caro e moroso. Na hipótese de se usar, convém que os montículos fiquem maiores. As mulheres enchem neles os coxos, cestos ou gamelas que trazem consigo, e, depois, com o provimento à ilhargá, seguem a espalhá-lo pela terra, como se andassem a semear.

Esterco de gado manadio De entre os melhores, destacam-se, pela quantidade e apreço, os das ovelhas, carneiros e borregos, nos bardos e apriscos, e um pouco nos acarros, à sombra das árvores, de verão. Em quantidade muito inferior, contam-se os das cabras, no bardo e malhadios circunvizinhos; os dos porcos, nas malhadas e redondezas, e, por último, os das reses bovinas, nas «camas» onde *assocegam* à noite, e junto dos mangedorais onde comem, presos.

Os estrumes de éguas de manada, quase que não merecem menção. As éguas mudam tanto de pastoria, que os seus dejectos ficam dispersos por toda a parte, sem proveito visível.

Nisto de gados, como produtores de estrumes, cabe a primazia às ovelhas e carneiros, cujos esterco são aproveitados como nenhuns, pela circunstância de os lanígeros pernoitarem e estacionarem em bardos móveis sobre o terreno a cultivar. Compostos de cancelas ou de redes de alfirmo, os bardos encerram os

rebanhos, durante a noite e de manhã, até saírem a pastar. Para aproveitamento e ampliação da estrumada, as cancelas ou as redes mudam-se de sítio uma vez por dia no outono, inverno e verão, e duas na primavera. ⁽¹⁾ Duas vezes diâriamente na primavera, porque neste tempo, o gado, durante o encerro, esterca em excesso para a capacidade de um bardo, já por se lhe retardar a solta até às 9 ou 10 horas da manhã, já por ter um passadio abundante de ervas frescas e tenras. ⁽²⁾ Ovelhas, carneiros e borregos, comem à farta na quadra primaveril, estercando e urinando muitíssimo mais que nas outras épocas.

Seja em que tempo for, a mudança das cancelas efectua-se metòdicamente «correndo-se» o terreno às fiadas ou eitos, para que não fiquem intervalos por estrumar. Estercam-se por este meio as tornas extremas da folha alqueivada, ou a alqueivar, as baixas e vales para melanciais e meloais, e outras que se tencionem semear dois annos consecutivos, sem estorvar a *traita* dos rebanhos, nem retalhar os afolhamentos. É axiomático que uma terra passada a bardos dá bem duas searas consecutivas.

Um rebanho de 400 ovelhas, acomoda-se, para dormida e encerro, num bardo de 24 cancelas de 3,75 de comprimento cada, e seis cancelas por banda, ou seja num recinto de 500 metros quadrados, aproximadamente. Para um rebanho de carneiros em número igual, o bardo tem de compor-se com 28 cancelas. Os carneiros são maiores que as ovelhas, comem mais, e portanto, maior tem de ser o recinto de encerro. Nos dos borregos, em quantidade igual, attribuida às ovelhas e carneiros, a superfície do redil costuma ser menor, bastando 20 cancelas. Quatrocentos borregos estrumarão tanta terra como 250 a 300 ovelhas. Isto enquanto novos, até ao anno. Depois, em malatos, do anno aos dois annos, podem equiparar-se às mães, para o emprego de cancelas.

Mas pondo de parte sexos e idades, tomemos para cálculos, sobre estrumações, o animal típico, a ovelha, rez predominante nos nossos rebanhos lanares. Assim, tendo em vista que 400 ovelhas estrumam coisa de 500 metros quadrados por bardo, e sendo certo que um moio de trigo em sementeira ocupa a terra de nove hectares, aproximadamente é claro que essa terra fica estrumada com 180 bardos no período de 180 dias. Se a estrumação entrar pela primavera, está sabido que se obtém em menos tempo, visto que um dia de então proporciona dois bardos.

Estas bases, embora verdadeiras, podem falhar. O valor das estrumadas, a superfície que abrangem e o tempo que demandam, dependem de causas diver-

(1) Na época do verão há quem adopte o sistema de mudar os bardos das ovelhas de dois em dois dias. O gado permanece então poucas horas no encerro, os estercoos valem menos e, portanto, reputa-se insufficiente a estrumada de uma só noite.

(2) O gado lanífero, na primavera, sai do bardo depois das nove horas da manhã, não só por ter comida em abundância no campo, que depressa o satisfaz, mas, principalmente, para não comer as ervas umedecidas pela *marzia* ou orvalhada.

É crença geral que a apascentação dos laníferos, de manhã, enquanto há geada ou *marzia*, predispõe as reses à doença da *vasquilha*.

sas, eventuais e imperiosas, que surgem frequentemente, entretendo propósitos, e gerando previsões. Em primeiro lugar há que atender ao pastado dos animais. Sendo medíocre ou deficiente, os estrumes escasseiam e a terra fica mal estrumada, tendo que se reduzir as cancelas, ou retardar-lhes a mudança, passando a ser de dois em dois dias, em lugar de todos os dias, ou uma sómente, se o costume da época for de duas vezes por dia. Com pastado abundante dá-se o inverso: ou os bardos se alargam, adicionando-se-lhes cancelas, ou mudam-se com mais frequência. O tempo também influi para o caso. Se vai ameno ou quente, deixa-se o redil espaçoso, para os animais ficarem à larga e à fresca. Se, pelo contrário, o frio aperta e o temporal fustiga, encurta-se o cercado, tirando-lhe cancelas. A frialdade e a chuva, impele os animais a conchegarem-se, de forma que, se o recinto for amplo, fica em parte devoluto e por estrumar, conseqüentemente.

Como os bardos, e para análogo aproveitamento de estrumes, os *apriscos* onde se ordenham os *alavões*, assentam-se sobre os terrenos a lavar, se isso se concilia com a situação das pastagens que as ovelhas correm. Não se conciliando, ficam onde calha melhor às voltas do gado. Os apriscos apenas se mudam duas e três vezes por semana, atendendo ao pouco tempo que as ovelhas permanecem neles. É portanto pouca a terra que estrumam. Mas era, sem dúvida, menos aqui há 30 anos, quando os apriscos não se mudavam, ou mudavam pouco, permanecendo no mesmo sítio em toda a época do ordenho.

Tendo em conta os detalhes consignados, e considerando que todo o lavrador de importância dispõe, pelo menos, de um rebanho lanar, havendo muitos com dois, três e quatro, reunindo 1.000 a 2.000 ovelhas, facilmente se concebe a alta importância dos estrumes ovinos e a quantidade de terra que fertilizam anualmente. Não obstante, toda essa terra abrange aí um terço da folha ou folhas em preparo.

Os esterços dos outros gados, beneficiam quando muito uma quarta ou quinta parte dos dois terços que as ovelhas não estrumam. Torna-se pois intuitivo que a maior porção de alqueive não se beneficia, ou beneficia-se com adubos químicos, cujo custo nem sempre é compensado. Enfim, estrumação mais barata e remuneradora que a das ovelhas e carneiros, não a há por certo. É de uma economia e vantagem que se impõe aos olhos dos menos entendidos. Basta frisar que não ocasiona despesas de transporte nem de espalhão. Os próprios animais que produzem os estrumes, são eles precisamente que os vão depor na terra a que se destinam, e na proporção que se pretende. É certo que o gado embardado sofre um tanto no encerro, com o rigor das estações, sobretudo de inverno. Mas esse dano, representa pouco ou nada, comparativamente com os lucros que o lavrador auferê na melhoria da seara. A seara estrumada por ovelhas, produz o triplo do que produziria sem estrumação ou adubo. Mais: o solo estrumado fica apto para segunda seara boa, produzindo, de futuro, melhores e mais abundantes pastagens. Quanto valem, portanto, em



A monda

reis, os estrumes dos lanígeros, por cabeça e ano? — perguntará naturalmente o leitor curioso. Resposta: o valor real, indiscutível, é difícil sabê-lo com acerto. O que se lhe atribui varia de região para região. Ao passo que em algumas zonas reputam os das ovelhas a 400 reis, os dos carneiros a 500 e os dos borregos a 200 reis por cabeça e anuidade, mais vintém menos vintém, noutras cotam-se por preços maiores ou menores, conforme o apreço que se lhes liga e a precisão que há.

Os criadores de gado ovino que compram pastagens nos olivais e esplanadas de Elvas, para aí pastarem os seus rebanhos, costumam vender-lhes os esterços aos donos dos olivais a 120 e 140 reis por noite e grupo de 100 cabeças adultas. Tratando-se de borregos, o preço baixa por via de regra, mas pouco.

* * *

A terra esterçada pelas cabras limita-se ao recinto do bardo e redondezas — as camas e malhadios — num raio de 50 a 60 metros. É uma área pequena, pelo motivo de que o bardo permanece num dado sítio, desde que principia a servir no outono até março, pelo menos, servindo somente nas horas dos ordenhos e da afilhação. Em algumas herdades, logo que entra a primavera, substitui-se o bardo permanente das cabras, por outro ligeiro em lugar próximo, que se muda todas as semanas ou de 15 em 15 dias. Desta maneira, estruma-se mais terra com visível vantagem.

Das limpezas dos bardos e dos chiqueiros dos chibos, obtêm-se alguns estrumes que se amontoam nas proximidades para se transportarem e applicarem oportunamente.

* * *

Dos porcos também se aproveitam os estrumes que produzem nas malhadas e rociadas em que dormem e param. Cada herdade susceptível de sustentar suínos, dispõe geralmente de duas a três malhadas, cada qual em folha diversa, afim de o gado ocupar a que fica no terreno do alqueive, ou a alqueivar em breve tempo. A comida dos bácoros na malhada, a sua saída e entrada diária, durante meses, e o estacionamento, por horas, de manhã e à noite, na rociada em volta, produz uma boa estrumada que se utiliza na seara em preparo, sempre que é possível. E quando se não pode utilizar imediatamente, por a malhada ficar fora do alqueive, aproveita-se no ano seguinte ou no outro subsequente. Das limpezas dos pocilhões, pocilgas, curraladas, rebolins e comedouros, que compõem as malhadas dos porcos, formam-se estrumeiras que a seu tempo se transportam para a terra. Não é coisa de grande importância, mas nem por isso se abandona.

* * *

Das boiadas e vacadas poucos estrumes se reúnem, devido ao regime manadio em que vivem, principalmente as vacas, que passam o ano à solta e a prado.

Dos bois, aproveitam-se os esterco que deixam nos mangedourais onde comem, por horas, em todos os dias de parte do outono e do inverno. Mas perdem-se os do restante tempo dessa época, quando os bois comem no invernadouro, e os que produzem de primavera e verão, a pastarem pelas coutadas e rastolhices. Quem percorre os pousios e os rastolhos, lá encontra a cada passo as bostas das reses vácuas, para ali abandonadas a esmo, em maior ou menor decomposição, até às secas e mirradas, aptas para combustível. Já não sucede assim às que ficam nas «chegadas» à palha de centeio, comida das próprias almenaras, em certas horas do dia e da noite, nos meses de novembro a fevereiro.⁽¹⁾ Os dejectos das reses, misturados com os desperdícios das palhas, removem-se para fora das almenaras, compondo estrumeiras grandes, de valor apreciável. Estas estrumeiras e as outras similares, que se reúnem nos mangedourais, em que os bois comem, presos, representam os únicos estrumes de bovinos que se aproveitam.

Adubos químicos Empregam-se os superfosfatos de cal a 12% solúveis em água, na razão de 50 quilos por alqueire de trigo em sementeira, ou sejam 300 a 350 quilos por hectare, pouco mais ou menos, segundo a composição das terras e as preocupações económicas do lavrador.

A espalhação do adubo efectua-se a lanço, por homens e mulheres, ou com distribuidor mecânico puxado a muares. Este último sistema, indubitavelmente mais perfeito, é apenas usado nas grandes lavouras e nas terras limpas onde se pode aplicar com vantagem.

Por qualquer forma, a espalhação vai a efeito antes da sementeira, e procura-se fazê-la em dias de pouco ou nenhum vento, que permitam distribuição metódica e equitativa.

Os adubos aplicam-se com reconhecidíssima vantagem em terras delgadas e arenosas de alqueive. Nas queimadas de rastolhice — relvas para segunda seara — nunca dão resultado, e outro tanto acontece nas de trigo ribeiro, de primavera. Pelo menos é o que a experiência demonstra.

A introdução dos superfosfatos na cultura cerealífera do concelho de Elvas, data aí de 1884 em diante, empregando-os somente os lavradores mais empreendedores, e estes mesmo em campos reduzidíssimos. A princípio, e por alguns anos, não se passou de experiências ligeiras de melhores ou piores resultados. Mas afinal, de há uns dez anos para cá, as adubações generalizaram-se, mercê de uma tenaz e activíssima propaganda, de resultados bastante lisonjeiros. Hoje empregam-se adubos químicos em quantidades espantosas — centenas de vagons, que anualmente se descarregam em setembro e outubro nas estações de Elvas e Santa Eulália. Então há uma febre de adubos que nem por sonhos se conceberia há coisa de meio século...

(1) Costume da freguesia de Santa Eulália.

Sementeiras outonais

São as de maior importância, nas grandes e pequenas lavouras. Qualquer dos cereais semeados no outono, atinge quantidade igual ou maior que todo o trigo ribeiro e legumes semeados de primavera.

O que se semeia Como ficou registado no começo do capítulo, semeiam-se trigos, centeio, cevada, aveia e favas. Os trigos em muito maior porção e, a seguir, a cevada, o centeio, a aveia e as favas.

Trigos Semeiam-se nas terras do alqueive, nas rastolhices de cevada e em outras de trigo que, por serem de superioridade excepcional, ainda se julgam aptas para segunda seara. Nas chamadas terras centeiras, de melhor aspecto, (terrenos arenosos e azotados) já hoje se cultivam trigos, coisa que antes se não fazia. Dão regularmente, criando muita palha se o tempo lhe decorre propício. Mas exigem mondas cuidadosas, dispendiosíssimas como nenhuma.

Os trigos moles estão mais em voga que os rijos, acentuando-se de ano para ano a sua preferência e as correspondentes vantagens na procura, rendimento e produção. Dentro em pouco, se não já, os trigos rijos cultivar-se-ão apenas nos barros absolutamente impróprios para os moles. De uns e outros semeiam-se as variedades seguintes. Moles:—de *Coruche*, *galego*, *barbela*, *ribeiro*, ⁽¹⁾ *branco*, ⁽²⁾ *Noé*, de *Rieti*, *focense* e *precoce*. Rijos:—*lobeiro*, *candial*, *anafil* e de *Santa Marta*. Nenhum se semeia tanto como o de *Coruche*, por ser o que melhor está provando, em condições de resistência e produção. O *Noé*, o de *Rieti* e o *focense*, foram introduzidos há poucos anos, como variedades prolíficas de primeira ordem, mas o resultado, posto confirme esta fama, demonstra igualmente que esses trigos têm o peço de desbagoarem à ceifa, muito mais que outro qualquer. O *precoce*, é de introdução recentíssima, e como tal ainda se não pode apreciar devidamente.

Os trigos moles da região elvense, são dos mais apreciados nos mercados do país, sobretudo os das zonas servidas pela estação do caminho de ferro de Santa Eulália. Já se têm despachado trigos de outras estações adiante, para recuarem a Santa Eulália, e daqui serem reexpedidos a Lisboa e Porto, como oriundos e procedentes das aludidas e afamadas zonas. Uma *esperteza*...

Centeio Dá-se õtımamente nos alqueives das terras arenosas e nas rastolhices estrumadas no ano de alqueive. Na freguesia de Santa Eulália semeia-se grande quantidade deste género, e mais se semeava antes quando nas areias daquela zona se não cultivava trigo mole, como hoje se cultiva. O centeio de Santa Eulália é dos mais apreciados do Alentejo. As searas de centeio estão sujeitas às contingências das outras e mais à cresta das espigas por efeito das geadas. As geadas de março chegam a estragar folhas inteiras.

(1) O ribeiro semeia-se geralmente na primavera e só excepcionalmente no inverno.

(2) O trigo branco, posto que seja *mole*, no mercado é pago como rijo e assim está sendo classificado geralmente.

Cevada Reclama terra boa, bastante estrumada. Sem estrumes produz mal, não compensando. Semeia-se quase exclusivamente nas várzeas e mahladios dos alqueives e nos ferragiais que constituem os *bafos* dos montes. Diz-se que a sua cultura não *escalda* a terra, antes a deixa em ótimas condições para a segunda seara, de semente diversa, é claro, seara que pode ser tão boa ou melhor que a primeira.

Aveia Como vale pouco, fica nas terras piores do alqueive e nas rastolhices de solo ordinário ou muito depauperado. Estas circunstância e o pouco esmero com que se cultiva, concorrem para que a sua produção seja fraca, geralmente. Semeiam-se grandes aveiais, mas não se colhe na proporção que se semeia. No concelho de Elvas, entenda-se. Nos vizinhos, de Borba e de Vila Viçosa, é importante a cultura e produção deste cereal. Da aveia diz-se que *até abril está a dormir*.

Favas Cultivam-se nos ferragiais dos montes e dos arredores das povoações, desde o princípio de outubro até princípio de novembro, o mais tardar, e sempre em terra com estrume, a pretexto de ficar um bom alqueive para cereais, se não *pegar* de favas, como, com fundados receios, se admite. O ditado antigo, de que pelos *favais vereis o mais*, não tem foros de Evangelho neste canto do Alentejo.

Os subúrbios de Elvas são os sítios do concelho onde a cultura das favas vingam melhor e onde tem uma certa importância, inferior, no entanto, à cultura dos cereais. Nas herdades, os favais nem sequer produzem o suficiente para o consumo das lovouras respectivas, tão pequenos costumam ser e tão pouco dão. Sejam como for, semeiam-se «à casa» e ao rego, ou a granel, a lanço, à semelhança do que se pratica com os cereais. Este último sistema é inovação recente no sítio. O outro, antigo, «à casa» e ao rego, ainda é preferido pela maioria dos lavradores. Um arado vai abrindo o rego; atrás segue o semeador respectivo, de cesto à ilhargá ou saco ao ombro, donde tira, por cada vez, 4 a 6 favas que deita juntas, no fundo do rego para nascerem «à casa», ou «à moita», deixando de moita a moita o espaço que julga suficiente. Atrás deste semeador vem segundo arado, cobrindo a semente e, logo depois, um terceiro, sulcando novo rego de encosto, imediatamente semeado por segundo semeador, que semeia e caminha como o primeiro. Segue-se outro arado, o quarto, a tapar a semente, pela forma do segundo. E assim sucessivamente, de modo que os arados constam de dois para cada semeador.

* * *

Seleccção das sementes Os lavradores meticolosos só lançam à terra sementes finas e apuradas, livres de ferrugem, que, de entre as de sua colheita ou por compra, escolhem e joeiram por meio de crivos e arneiros

aperfeiçoados, como o *Marot* e outros. Esta selecção impõe-se: aparta as sementes estranhas e nocivas, como o joio, o cisirão e a negrita, e, conjuntamente, separa o cereal miudo e mirrado, do cheio e são, próprio para a sementeira.

Sulfatagens Como precaução contra o mal da *ferrugem*, que ataca os trigos e aveia, usa-se, desde 1874 ou 1875, *sulfatar* as respectivas sementes com uma solução de sulfato de cobre a 2 ou 3%, preparada e aplicada dias ou horas antes de se efectuar a sementeira.

Sulfata-se por *aspersão* ou por *imersão*. Da primeira forma reune-se um pequeno monte de semente sobre o piso de qualquer casa, e aí salpica-se com uma vassoura embebida na água do sulfato, dando-se-lhe volta para a semente umedecer melhor. E repetem-se as molhas e as voltas, enquanto aparecem bagos enxutos. Em seguida ensaca-se o grão sulfatado e prepara-se outra quantidade, sendo precisa.

Por *imersão*, processo melhor e mais radical, a semente sulfata-se dentro de uma alcofa que se imerge num tino ou alguidar de água sulfatada. Assim que a alcofa se cobre de água, retira-se do banho e escorre-se, vasando-se-lhe a semente para o chão ou vasilha. Depois enche-se de novo a alcofa e procede-se como anteriormente, tantas vezes quantas for preciso.

Esta precaução de sulfatar o trigo e a aveia, como perservativo da ferrugem a que estão propensos, dá ótimos resultados. Não obstante, quando no outono se semeia trigo sulfatado em terra enxuta, esse trigo arrisca-se a nascer mal, se as chuvas vierem muito depois da sementeira. Conhecem-se exemplos que justificam este reparo. Também não é prudente sulfatar o grão muitos dias antes de o lançar à terra.

Quando se semeia. Tempo seco e tempo chuvoso Da primeira à segunda quinzena de outubro, depois de um empurrão valente à lavrada de *revolta*, entra-se com a sementeira, tomando à conta as terras *frias* e as *rastolhices*.⁽¹⁾ Da sementeira das *rastolhices* e baixas de «menos corpo», passa-se a conclusão da *revolta*, e, finda a *revolta*, reata-se a sementeira, de que já se não larga mão até se acabar de vez, como o tempo consinta. Estas são as praxes. Entretanto, há que distinguir. Assim, começa-se em princípio de outubro, se as terras têm rebentado por efeito das «águas novas», próprias do «S. Mateus» e do «S. Miguel». Se *adrega* a não chover neste período, aguarda-se que chova, mas não se espera indefinidamente. Aí por 20 de outubro, chova ou não, dê por onde der, vai a semente à terra, que o futuro não se adivinha e o tempo voa. Antes semear a tempo e em seco, a arranharem os arados, do que tarde e a más horas, a atascarem-se os bois nas terras empapadas pelas chuvas de dezembro. Lá diz o rifão: *Não tenhas dó de semear pão em pó...* Talvez que o rifão se não deva acatar em absoluto.

(1) Antigamente, até há coisa de 60 anos a sementeira começava sempre em sábado, por ser dia de Nossa Senhora, protecção se invocava para o bom êxito da seara.

E' porém sabido, que para se semear tarde, em atoleiros, sob o influxo de uma temperatura frigidíssima, mais vale adiantar em outubro, quer seja semeando em pó, quer em lamas de chuvadas passageiras, que enxuguem de pronto. As tais *lamas quentes*, que a ninguém assustam, que *oream* depressa, mercê de amenidade da temperatura e da relativa grandeza dos dias. Chover ou não chover, eis a grande incógnita. Se o futuro se adivinhasse?! Se de antemão se soubesse qual a melhor maré de sementeiras?! Mas não se sabe, ninguém desvenda esse mistério. Ainda há bandarras labregos que arrotam profecias tolas, fundamentadas no aspecto da lua e várias baboseiras, de crédito aqui há cem anos. Mas hoje, entre campónios mesmo, os bordas d'água e saragoçanos estão muito desacreditados. Por conseguinte, na incerteza do que há-de vir, o lavrador amolda-se às circunstâncias. Norteia-se pela experiência — a mestra da vida, de que o bom agricultor não prescinde, nem deve prescindir.

O que se semeia primeiro. O que se semeia último Começa-se pelas aveias, cevada e favas. Depois,

passa-se aos trigos e ao centeio. Estas são as normas correntes, que nem sempre se observam à risca. A vantagem de semear de seguida, e por completo, uma folha afastada do centro da lavoura, impõe a sementeira rápida e quase simultânea de todos os géneros que se lhe destinam. Para alguns, a época pode não ser a melhor, mas tem de se aproveitar como é. Do contrário, há que voltar lá outra vez, o que demanda caminhadas que enredam e atrasam. ⁽¹⁾ Mais: uma estiagem prolongada, ou uma invernia persistente obriga, em certos casos, a deixar-se determinada terra e ir-se para outra, alterando-se o programa que se traçara de antemão. Em agricultura tem de se ir com o tempo, e aí daquele que não reconhece esta grande verdade.

Semeadores As lavouras de 8 a 15 arados empregam um, que semeia e embelga. As de maior movimento ocupam um semeador e um embelgador, senão dois em cada serviço.

Como se semeia. A formiga, os pássaros e o vento comprometem os semeadores A passo cadenciado e de sementeiro ao ombro, caminhando pelas *belgas* ⁽²⁾ que o guiam, o semeador espalha a semente a lanço, despedindo-a com força, para se repartir melhor. A mão esvasia-se-lhe, ele enche-a de novo no sementeiro e de novo espalha,

(1) Como preceito de economia rural, é ponto assente que «levantes» de arados, de um sítio para outro distante, quantos menos melhor.

(2) Chamam-se *belgas*, às faixas de terreno, de 6 a 7 metros de largura, em que se reparte a *torna*. São indispensáveis para evitar enganos ou lacunas de vulto, o que apesar de tudo nem sempre se consegue. É frequente ficarem espaços por semear, como consequência de descuidos ou pressas. A marcação das *belgas* é representada, por regos superficialíssimos, abertos pela *jangada* ou aradinho de uma besta guiada pelo embelgador. Este, traça as *belgas* na direcção dada à lavoura, que vem atrás enterrando a semente.

Os bons semeadores, de braço, com alcance, preferem *belgas* largas, que lhes consintam manejar à vontade.

caindo a semente na terra como se fosse chuva de granizo. ⁽¹⁾ E assim vai andando e semeando, pelas *belgas* fora, «carregando» ou «levantando» a mão, segundo o caso e as circunstâncias. ⁽²⁾

O sementeiro despeja-se; o semeador interrompe a tarefa, põe o chapéu no chão para sinal, e a seguir sai da *belga*, a encher nova taleigada ali próximo, a um dos sacos. Volta depressa, de sementeiro cheio às costas, e imediatamente, reata a faina, com ou sem chapéu, para que os arados lhe não cheguem aos calcanhares, a adverti-lo de que lhes estão em cima, com a semente *apurada*, e que mais precisam na terra, para darem saída à lavoura. Manobra, pois, com persistência, pelo seguro, a salvo de apertões que o entalem. Prefere descançar menos, fugindo a «fumadas» e cavaqueiras ociosas, do que andar de lufa-lufa, a tressuar, e ainda por cima *escarneado* pelos da ganharia. ⁽³⁾ Sem embargo, durante outubro e parte de novembro, quando os dias vão calmos, o semeador precisa interromper a lida para se não adiantar em excesso. Tem de semear às pequenas porções, quase «à boca dos arados», de maneira que a semente se enterre logo, antes que os pássaros a dizimem e a formiga a leve. A formiga, sobretudo, é o pesadelo do semeador. Nos dias serenos ela sai dos formigueiros e, em legiões de milhares, trata de acarretar e juntar os grãos que encontra pela terra. Tal actividade desenvolve que, se os arados tardarem em revolver a terra, a sementeira foi-se em grande parte, e a que vingá sai às malhas, defeituosíssima. Nuns sítios, exhibir-se-há em montões de *craveiros*; noutros, pé aqui, pé acolá, por entre clareiras desertas, sem um bago sequer. A formiga abalou com eles, acarretando sempre, tenazmente, dando razão à fábula que lhe grangeou celebridade.

Nos dias ventosos, também a sementeira tem de ser feita com tacto, de maneira que o grão fique bem dividido. A formiga, os pássaros e o vento, são inimigos de temer, com que há a contar, de que o semeador se precata, como percebe do ofício e não lhe empatem as vasas. O semeador, por experiente que se julgue, nunca pode garantir que a seara virá a furo em condições de lhe botar fama. O mais pintado borra-se às vezes, quando menos o imagina...

Sementeiras vastas e sementeiras ralas Considera-se sementeira *vasta*, a que levou mais semente do que a precisa, ou estritamente necessária. Denomina-se *rala*, a que se efectuou com menos grão, do que o indispensável. Mas só depois da nascença é que se conhece a valer qual a que levou de mais ou de menos.

(1) Nos dias de *ventaneiras*, o semeador caminha paralelamente com o rego de onde o vento sopra, desviado uns dois terços do rego oposto. Se o vento bate de caras ou de costas, esteja rijo ou brando, marcha pelo centro da *belga*, semeando com igualdade para a direita e para a esquerda.

(2) Deitando mais ou menos semente, segundo a terra «pede».

É princípio aceite que a terra, seja como for, carece de menos semente no começo do outono, do que no fim, assim como precisa mais nas ante-vésperas da primavera do que depois, do meado de março em diante.

(3) Os ganhões motejam do semeador que se deixa alcançar pelos arados. Troçam-no impiedosamente.

Os sistemas de semear vasto ou ralo — se sistemas se podem chamar — têm os seus entusiastas e detractores, que, respectivamente, apregoam as supostas vantagens do que lhes merece afeição e as inconveniências do que lhes desagrada. Mas a prudência aconselha a que nem tão vasto como cabelo em cão nem tão ralo que o grão nascido apareça mal, distanciando por intervalos grandes, supérfluos, convidando a espojeiros de cotovias. Espaços de terra malbaratada, que não remunera um ceutil da cultura que recebeu.

As terras boas, «de corpo», tidas como *erveiras*, podem com mais semente do que as ruins, de pouco chão. As primeiras, só pecam por vastas, quando o exagero é notório. As segundas, as «delgadas» e «fracas», têm de ser poupadas.

Nas lavradas em rastolhices, deita-se um «baguinho a mais», do que precisariam se estivessem de alqueive. Semeadas de relvas, «comem» semente, no dizer dos semeadores.

Em qualquer das hipóteses, a sementeira rala de outono, é menos nociva no começo da época, do que depois. A seara temporã e rala, pode emendar muito se afilhar excepcionalmente bem, o que sem dúvida atenua a deficiência de sementeira. Nas searas de primavera, o sistema ralo é menos prejudicial do fim de março em diante, do que anteriormente.

Sementeiras temporãs e sementeiras serôdias Em regra, todas as searas outonais requerem sementeira temporã, maxime as aveias, a cevada e as favas, que devem estar nascidas no meado de novembro.

Os trigos e o centeio toleram alguma demora, mas nascem e medram melhor, semeando-se no apoio da temporada, dez dias antes dos «Santos», a 15 dias depois. «*Temporão, ou palha ou grão*», reza um ditado antigo. Aconselha porém a experiência que, em certos casos, se não siga o ditado muito à letra. As searas de trigo muito temporão, em terras estrumadas, arriscam-se a desenvolver-se prematuramente e a acamarem, *gradando* mal. Que o desastre da *acamação*, como se não realize em grandes parcelas da seara, é menor do que aparenta, a darmos crédito a um outro rifão, que diz: «*Quando a seara cai, levanta-se o dono...*» Bonita e animadora imagem, sem dúvida, mas deveras otimista. O «pão» que tomba, não ergue o dono, por certo.

O centeio temporão, não tomba como o trigo, mas pode suceder-lhe pior, por se adiantar mais que nenhum outro cereal. Semeado cedo, espiga nos fins de fevereiro a princípio de março, o que o põe em perigo eminente de ser crestado pelas geadas e ventanias do nordeste, tanto de temer nesses meses.

.....

Receiam-se com razão os danos apontados, mas se as circunstâncias colocam o lavrador na colisão de ter de semear muito cedo ou muito tarde, visto que a temporada propícia é curta para o grangeio a efectuar, o lavrador opta pela sementeira temporã, como a de menos contingências e a de melhor palpite.

A serôdia só prova bem nos anos temperados, que se não assinalam por secas prolongadas ou invernias rigorosíssimas.

.....

Nas sementeiras outonais, tem de se ter em vista que, à medida que o tempo avança, aumentam as probabilidades de chuvas excessivas e frios intensos, tanto piores para as searas quanto mais adiantada for a época. Dá-se o inverso do que se observa com as sementeiras de primavera, que, como nasçam bem, depois não há chuvas que as prejudiquem. É que na primavera vai-se para o bom tempo e dias grandes, ao passo que no outono, marcha-se para a quadra invernosa, de dias curtíssimos, com temperatura baixa. Portanto a primeira metade do outono, em que decorra excepcionalmente chuvosa e fria, grande tem de ser a anormalidade, para causar estragos sensíveis e irremediáveis. Esse perigo é muito mais de temer depois de 15 de novembro em diante, quando o inverno se aproxima e que Deus sabe o que dará de si. Se o inverno se demora em vir, bem está. Mas se ele se antecipa, carrancudo e tenebroso, transtornando a lavoura em plena laboração, ai da seara e do lavrador!...

Resumindo: sementeira serôdia só se faz à minguia de forças, ou por que o tempo não abonou em começo. «Quem tem força na chavelha» não se descuida para tarde.

.....

Consideram-se sementeiras muito temporãs as que se realizam até 20 de outubro. De 20 de outubro a 30 de novembro são medianamente temporãs e prometedoras como nenhuma, por calharem na «melhor maré», se o tempo não faltar. As subsequentes, de 20 a 30 de dezembro, já podem pecar por serôdias, e mais tardias se reputam as que se realizam depois, até «à Senhora da Conceição». Nesta altura, as sementeiras estão acabadas, ou vão «de cabeça abaixo», a matarem-se de vez por 12 ou 15 de dezembro. Que nos barros poucas se *arrebentam* antes do natal. Há mesmo lavradores nesta zona que prosseguem semeando depois do Natal, se a terra dá. Esses não se cingem a épocas fixas, nem circunscrevem os limites das folhas. O tempo é que os deita fora.

Semente por hectare Sob um ponto de vista geral, é difícil avaliar a quantia de semente indispensável para a sementeira de um hectare ou de outro campo maior. É muito hipotética essa avaliação, porque tem de regular-se por circunstâncias várias, tais como a ocasião em que se semeia, a natureza da terra, etc.

Abstraindo de usos excepcionais, resultantes de caprichos que não se devem tomar em conta, cada hectare, na maioria dos casos, fica suficientemente semeado com dez decalítros de trigo mole, ou uns doze de rijo, por este ser mais volumoso.

À mesma superfície, semeada com outro cereal em vez de trigo, deve receber o seguinte: sendo centeio, seis a sete decalítros; cevada, doze a treze; aveia, dezoito a vinte.

Quanto leva cada folha Se para um hectare é variável a porção de determinada semente que precisa, essa variedade mais se acentua numa folha qualquer, sempre constituída por muitos hectares, e, por conseguinte, de área grande. No entanto, é corrente as folhas das herdades estarem *tareadas* num certo número de moios de sementeira. Não obstante, levam em geral mais ou menos do que a lotação que se lhes atribui, chegando a acusar diferenças de 25 e 30%. O que se explica pelas seguintes causas.

Primeira: pouca ou nenhuma uniformidade no sistema de semear. Enquanto que uns só espalham basto, de que são apologistas, outros descambam para o ralo.

Segunda: nas épocas em que vai a efeito a sementeira. Uma folha semeada no princípio da temporada com cinco moios, precisaria de cinco e meio ou seis, se fosse semeada 40 dias depois. ⁽¹⁾

Terceira: no estado da terra que se estiver seca ou excessivamente úmida, requer mais semente que estando em boa sasão.

Em suma, a mesma folha, a mesma época, estado análogo da terra e o mesmo sementeiro, em dois ou três anos diferentes, acusam diferente quantidade de sementeira empregada, embora o género seja do mesmo. Só muito por acaso recebe porção igual à dos outros anos.

A sementeira dos cereais, como ainda hoje se pratica e praticará por largo tempo, é um trabalho imperfeitíssimo, que está longe de satisfazer.

Cálculos de geira É uso entre os lavradores calcularem a semente que se enterra diàriamente, pelo número de *geiras* empregadas em cada dia, que para o caso é o mesmo que dizer, pelo número de arados que trazem em movimento.

Todavia, para semelhantes cálculos saírem aproximados, há que indagar de uma infinidade de factores: a natureza das *geiras* — se de bois ou de muares; a época — dias grandes ou pequenos; a sasão das terras — secas ou úmidas, cruas e *resias*, ou fabricadas e fofas, «armando» ou não; a composição do solo — forte ou delgado, limpo ou enredoso; e por último, às forças e andamento do gado — se vigoroso ou fraco, se de passo ligeiro ou pachorrento.

Partindo porém da hipótese que os dias são dos de mediana grandeza da época, que a terra dá bem e é desembaraçada, que o gado está sofrível, marchando a passo certo, sem enredos de maior, aproximar-se-á da verdade quem computar a semente enterrada por dia e arado a bois, no seguinte, mais pingo, menos pingo:

Trigo, 40 litros; centeio, 25; cevada, 50; aveia, 75. Faltando qualquer dos requisitos mencionados, claro está que o resultado não corresponderá à previsão e tanto maior será o engano quanto mais falharem as bases que se tomaram.

As *geiras* representadas por arados de muares dão quase o duplo do des-

(1) No outono, compreende-se. Na primavera dá-se o inverso. Quanto mais tarde, menos semente.

pacho que as dos bois, enterrando por consequência maior porção de semente — mais um terço talvez. Isto quando bois e muares estão em análogas condições de trabalho. Uma parelha de muares, magra, cansada e velha, é natural que lavre menos que uma junta de bois gordos e novos.

Nos barros, custosos de lavar, é bastante vagaroso o passo das juntas de bois e o das parelhas de muares. Sucede, por isso, que o despacho das últimas pouco ou nada se avanta ao das primeiras.

Sementeiras de primavera

Têm importância secundária, comparadas com as do outono, quer na superfície de terreno que ocupam, quer na variedade e importância dos géneros que as representam. De cereais, apenas trigo ribeiro. De legumes, grãos de bico e chicharos. Há ainda a notar o feijão frade e o milho que se cultivam também, mas em porções mínimas e em poucas zonas.

As chamadas sementeiras de primavera — que se efectua a lanço como as outonais, sem lhes faltar a embelgação do alqueive — convém, geralmente, não se realizarem no cedo, antes de março, por causa das chuvas torrenciais e persistentes a que muito se arriscam então. Mas quem precisa de semear porções de vulto e tem pouca ucharia de arados, «aventura-se» à sorte. Se o tempo convida, lavra e semeia desde que março se aproxima até por abril fora, se não entra por maio adiante, contando com as problemáticas chuvas de junho, que falham em muitos anos malogrando totalmente as eventualíssimas sementeiras de maio, e até as do fim de abril. *Água pelo S. João, tira azeite e vinho e não dá pão*, diziam os antigos. Há exagero no dito. As chuvas podem tirar azeite e vinho, mas dão com certeza muito trigo tremês e legumes.

Trigo ribeiro Semeia-se desde fevereiro até fim de abril e princípio de maio, segundo o estado do tempo, a qualidade das terras e a força do lavrador ⁽¹⁾ Quando vai de chuva, suspende-se a sementeira, que só se reata em segurando o tempo — que o sol brilhe no espaço, sem intermitências, pondo a terra enxuta, de modo a lavar-se «às escancaradas» para ficar «como um cinzeiro».

Nos campos de Elvas e arredores, a cultura extensiva do trigo ribeiro data de 1870 a 1873, generalizando-se depois e progressivamente, até há coisa de 10 ou 12 anos, em que estacionou, senão decaiu. Desde que os adubos químicos se vulgarizaram, demonstra-se que a sua aplicação é proveitosíssima nos trigos outonais, e de escasso ou nenhum resultado no trigo ribeiro de primavera. Por isso, a predilecção que porventura houvesse para este, passou àqueles. Sem embargo, ainda se semeia muito trigo ribeiro, e maiores porções nos anos em que as chuvas obstam à conclusão das sementeiras do outono. Nesses anos angustiosos, apela-se em última instância para o trigo ribeiro, recurso final de

(1) Como preservativo contra a ferrugem, o trigo ribeiro semeado até meados de março é previamente sulfatado pela forma que se pratica com os outros trigos e a aveia. Para a sementeira do trigo ribeiro serôdio, efectuada dos fins de março em diante, prescinde-se da sulfatagem. Entende-se que nessa altura já não corre o perigo de enferrujar.

que se tira ou não partido, segundo a primavera decorre. Calhando com boa maré de sementeira e chovendo em abril, maio e junho não se lhe perde o feitio. As terras apropriadas dão colheitas de arromba. Mas se a primavera «dá à contra», que não chove ou chuvisca apenas, há searinha que nem sequer nasce. Foi o que aconteceu em 1896 e em 1907.

Grão de bico Lançam-se à terra em março e abril. Os antigos sentenciavam que: *grãos em março, nem nascidos nem no saco*. Como querendo dizer que convém semear-se de 20 de março em diante, para nascerem no começo de abril. Na actualidade observa-se esse preceito, como o tempo vá enxuto. Chovendo, a sementeira adia-se para melhor ocasião. Grãos em terra enlameada vingam mal ou perdem-se. São legumes melindrosos, como poucos. Sucede verem-se gravaçais lindíssimos, e em poucos dias, por efeito de chuvas excessivas ou por ventanias do *suão*, principiarem a amarelecer e acabarem por se estragar. *Enraivam-se*, segundo a expressão usual.

Outras vezes mostram-se enfêzados, por motivo de estiagem, e, senão quando, cai-lhes uma bâtega de água rija, que os rejuvenesce em dois dias, pondo-os sãos e ótimos. Verifica-se o prolóquio, de que: *uma boa gravaçada está no couce de uma trovoada*. Trovoada com chuvas, mas sem exágeros, compreende-se. Se for acompanhada de pedrisco, desacredita-se o rifão.

Chícharos Legume ordinário, que pouco se cultivava, e hoje menos que outrora. Hoje nem sequer se colhe para o consumo da região. Semeiam-se em fevereiro e março, nas piores terras que se destinam a legumes. Também, poucos cuidados se lhe dispensam, e por isso tudo, dão colheita escassa. Às vezes nem se colhem. Largam-se aos porcos, logo que secam as vages.

Feijão frade Fazem-se pequenas sementeiras de *sequeiro* nas várzeas de terras frescas, contíguas aos melanciais e meloais. Ao mesmo tempo que se amanha a terra para a melancia e melão, prepara-se a do feijoadal, que é semeado depois, aí pelo Santo António.

Semeadas recém-nascidas

A boa ou má nascença das searas concorre imenso para o seu resultado final. A que nasce sàdia, aguenta-se com muitos azares e, em geral, triunfa. A que vem raquítica, por melhor que o tempo lhe decorra de futuro, jàmais se robustece. É dos livros: quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita.

Como o tempo vá *amorudo* e a lavrada esteja «na conta», a seara temporã do outono, ou a serôdia de primavera, principia a apontar aos seis ou oito dias de semeada e daí a dois ou três está fora toda, nascida por completo. Seara que assim começa, traz em geral boa nascença, que mais realça se povoa a terra a preceito, acreditando o semeador. E então é um regalo admirar-lhe o aspecto:

língua de palmo, côr sàdia, risonha, a atestar uma pujança de resistênciã que enche de gozo o lavrador. Vista ao pôr do sol, duplica de encanto.

A seara serôdia de dezembro e as temporãs de primavera, de fevereiro e março, demoram a nascer, e mais, se as umidades escasseiam e as geadas apertam. Nestas condições, chegam a demorar 20 dias e as de dezembro 25 ou 30.

Venha como vier e seja de que tempo for, a seara recém-nascida denuncia logo se ficou vasta ou rala, bem ou mal repartida. Ligeiros senões, desculpam-se sem relutância. Aquilo não vai a compasso, nem o olho do homem é mira infalível. Mas se os defeitos de sementeira se destacam e avolumam, averiguam-se-lhe as causas, ajuizam-se, e, por fim, a culpa vai a quem a tem, se o crítico sabe julgar.

Toda a seara que nasce *encarreteirada*, mostrando-se às faixas ou carreteiras, umas com muita semente, outras com pouca ou nenhuma, desagrade imenso, quando se observa de caras para o sol, que o defeito se patenteia com rigorosa nitidez.

Igual ou pior aspecto accusam as que se assinalam por malhas de nascença vasta, aos montões, intercaladas por flancos com poucos ou nenhuns pés. Destas searas diz-se que ficaram *abandonadas*.

Nas *trigueiras* em nascença, também os pássaros causam estragos grandes, de péssimo efeito. Cotovias, trigueirões e calhandras — calhandras principalmente — desgrelam e arrancam milhares de pés de trigo, deixando a terra esburacada, a patentear a destruição. ⁽¹⁾

Enfim, semeadas recém-nascidas com o peço de *encarreteiradas*, *abandonadas* ou comidas dos pássaros, principiam com azar, o que já não é de bom augúrio. Emendam com o tempo, asseveram os sabichões, a quem o precalço não afecta. Histórias, replicam os interessados, convictos do contrário. E estes é que ajuizam bem. Os males em questão, embora se atenuem de futuro, à sombra do desenvolvimento que a seara toma, nunca se remedeiam em absoluto. Sabe-se que o «pão», à medida que afilha e cresce, vai tapando a terra e, assim, oculta as maselas de sementeira e os estragos de nascença. Mas quem atravessa uma folha em semelhantes condições, e a passeia, reparando, reconhece a cada passo esses achaques de origem, que de longe se não vêem.

Rastilhagens

As searas em terrenos entorroados e *enchutios*, costumam ser passadas ao *rastilho*, do primeiro ao segundo mês de nascidas, antes de *aguçarem*, como prática vantajosa para o seu desenvolvimento. A rastilhagem, esbarrunda os

(1) Maiores estragos causariam se os passareiros os não caçassem, como caçam. É considerável a quantidade de pássaros que eles apanham nas semeadas, por meio de «costelas» e outras armadilhas. Dezenas de homens vivem disso durante o outono e inverno, obtendo assim bom salário. Em dois ou três dias consecutivos apanham os pássaros e em reunindo porção de jeito, vão vendê-los às dúzias aos mercados da cidade.



torrões, rompe a crosta da terra, e, a par, destroi muita erva, posto deteriore alguns pés de trigo, o que de resto não tem importância. Se a seara peca por basta, mais lhe aproveita o *rastilho*, principalmente se lhe chove a seguir. Neste caso, recebe um serviço, melhorando «às braçadas», como se levasse uma sacha.

As rastilhagens, não convêm, nem se usam, nas terras alagadiças.

Drenagens — Valas — Sanjas e sangradeiras

Drenagens Pouco se usam por enquanto. As semeadas em terras baixas, pantanosas, não sofreriam tanto como sofrem, se, em vez de escoadas por valas, fossem drenadas a rigor. Mas compreende-se que o não sejam. As drenagens, por dispendiosas que ficam, só compensam tarde, a poder de searas sucessivas e não em uma apenas. Assim, o lavrador rendeiro retrai-se, à míngua de capitais e de estabilidade. Receia-se aventurar-se a amanhos caríssimos, que tanto podem aproveitar-lhe a ele, como ao vizinho invejoso e açambarcador, que se empenhe em empalmar-lhe a herdade. Há-os desse feitio...

Valas Antes ou depois da sementeira, procura-se escoar os terrenos baixios, por meio de valas, de diversas dimensões, a que o vulgo chama sanjas ou *sangradeiras*. Nem sempre se consegue desaguar suficientemente a seara com este preparo, mas nunca deixa de lhe ser proveitoso e, por vezes, satisfaz em absoluto. A questão é as sanjas serem em número e em condições correspondentes à extensão da terra e ao curso e volume das águas.

Desde que tenham os indispensáveis requisitos, as valas são o salvatério de muitas searas, que, por certo, morreriam afogadas de inverno, sem esse derivativo. O pior é que têm de se renovar ou reparar nos futuros anos, maxime nos terrenos arenosos, onde se deterioram e inutilizam, como em nenhuns outros. Aí, uma enxurrada qualquer, entulha-as e arraza-as, ou pelo contrário, escancara-as e afunda-as, transformando-as em abismos. Não se dá isso com as drenagens, que escoam e esgotam sem danos nem estorvos. ⁽¹⁾

O tempo

Qual é o bom tempo para as searas? Qual o mau? Eis duas perguntas a que dificilmente se responde. O futuro não se adivinha e só o futuro se encarrega de demonstrar depois qual foi o bom e qual o mau.

Por bom tempo, sob o ponto de vista agrícola, considera-se: o que reclamam as circunstâncias de momento, o que facilita os amanhos culturais, o que

(1) As valas, sanjas e *sangradeiras*, costumam ser feitas de empreitada, por homens do Douro e da Beira Alta, conhecidos por *valadeiros*, que de propósito vêm ao Alentejo. Entretêm-se por cá nesses trabalhos, desde novembro até fevereiro. Veja-se na página 88.

beneficia e auxilia as culturas, o que remedeia ou atenua anteriores desmandos atmosféricos, danosos, e, em última análise, o que parecendo mau na ocasiões depois se reconhece que foi bom, por tal ou qual motivo. Quanto ao mau, encontra-se, é claro, na razão inversa de tudo isso.

Se porém fantasiarmos um ano cheio, de ótima produção cerealífera, a experiência leva-nos a supor, que neste ano o tempo decorre ou decorreu com as feições seguintes, aproximadamente: chuvas abundantes, desde o começo do outono a vinte e tantos de outubro e dias enxutos ou pouco úmidos, por novembro fora, até princípios de dezembro. Depois, chuvas suficientes antes do Natal e, a seguir, algumas semanas de estiagem e geadas, que podem prolongar-se, sem prejuizo, até fevereiro. Do meado a fim de fevereiro, águas copiosas a abastecerem as terras. Na primeira quinzena de março, tempo *amorudo*, benigno, mais *enchutio* que úmido; na segunda, dias enxutos e dias chuvosos, predominando os primeiros. Em abril, *águas mil, coadas por um candil*, como reza a ditado, ou mais grossinhas, dispensando *coadouro*. Temos agora maio, de dias quentes e variáveis: ora sol que deslumbre, ora nublados e chuvas. Em princípio de junho, algumas chuvas e depois tempo enxuto e fresco, relativamente, até meados de julho. Daí em diante, calor intenso por julho e agosto fora, sem chuvas, para o ano fechar com chave de ouro. ⁽¹⁾

Pode haver anos bons, e há-os sem dúvida, que no todo ou em parte se desviem destas normas. Mas os que decorrem assim, são sempre ótimos — anos temperados, abundantes que «deram» a favor, desde o começo até ao fim. Pena é virem tão poucos desse *calibre*. Quase se contam como os jubileus. Os anos, em geral, ressentem-se de invernias ou estiagens, senão ambas as coisas, uma após outra, causando transtornos graves, e, em certas ocasiões, perdas desoladoras. «Manda quem pode» — diz o povo, e o lavrador aguenta,

(1) Nos adágios referentes à agricultura encontram-se noções de valor para se ajuizarem com aproximação dos factores meteorológicos que concorrem para um bom ano cerealífero. Consignarei aqui os mais frisantes, incluindo os que referi já, no decurso da narrativa. Ei-los:

Águas novas, verdadeiras, pelo S. Miguel as primeiras.

Mal vai a Portugal, quando há três cheias antes do Natal.

«O Natal, na rua; a Páscoa, em casa». Infelizmente para os lavradores, quase sempre succede o inverso: pelo Natal, chove e tem de se estar em casa; pela Páscoa, faz sol e apetece frequentar a rua.

Em janeiro, sobe ao outeiro: se o vires luzir, põe-te a rir; se verdejar, desata a chorar.

A nódoa de janeiro, não tira o ano inteiro.

Águas em janeiro, nem bom prado, nem bom palheiro.

Fevereiro, alogou a mãe no ribeiro.

Fevereiro quente, traz o diabo no ventre.

Se as «candeias» choram, vai o inverno fora; se riem, está o inverno para vir.

Março, marçação: de manhã, dia bonito; à tarde, cara de cão.

Ramos chorados, ramos melhorados.

Abril, águas mil, coadas por um candil.

Maio pardo e ventoso, faz o ano formoso.

A água das trovoadas, cria muitas ribeiradas.

Uma boa gravançada, está no couce de uma trovoada.

Águas no S. João, tiram vinho, azeite e pão.

A última parte deste adágio poderia bater certo, em tempos idos, quando se não usava a cultura dos tremezes. Hoje dá em falso, como já observei noutra lugar.

por não ter outro remédio. Por desabafo faz lamúria, que a lágrima é livre e o falar desafoço. O que seria dos chourincas, se não lhe permitissem a lamúria...

Anos de estiagens e anos de invernia Discreteia-se muito sobre quais são os piores para as searas. Costumam ser os de invernia, afirmam opiniões autorizadas. Todavia, os anos que se assinalam por estiagens medonhas, num período assás largo, que vá, por exemplo, de dezembro a fins de maio, como já se tem visto, esses são tanto ou mais nocivos que os invernosos. ⁽¹⁾ Fora desta hipótese excepcionalíssima, as secas consideram-se preferíveis às *invernas*. Sabe toda a gente do campo, que decorrem anos que, aí em março, se julgam as searas quase perdidas por falta de água, e afinal, um belo dia — quando menos se espera — vem a chuva apeteçada e tudo se salva.

Não se calcula o regozijo das populações rurais ao verem enfim as ambicionadas chuvas, caindo a potes, a remediarem em absoluto uma seca grande, que a todos preocupava. Ricos e pobres, amos e criados, velhos e novos, todos se alvorotam de alegria e todos se assomam à rua para ver chover forte e firme e se regalarem com o sussurro da água dos beirais, caindo a jorros sobre as pedras das calçadas.

Então os comentários cruzam-se de boca em boca, esfuziando radiantes pela beleza do espectáculo:

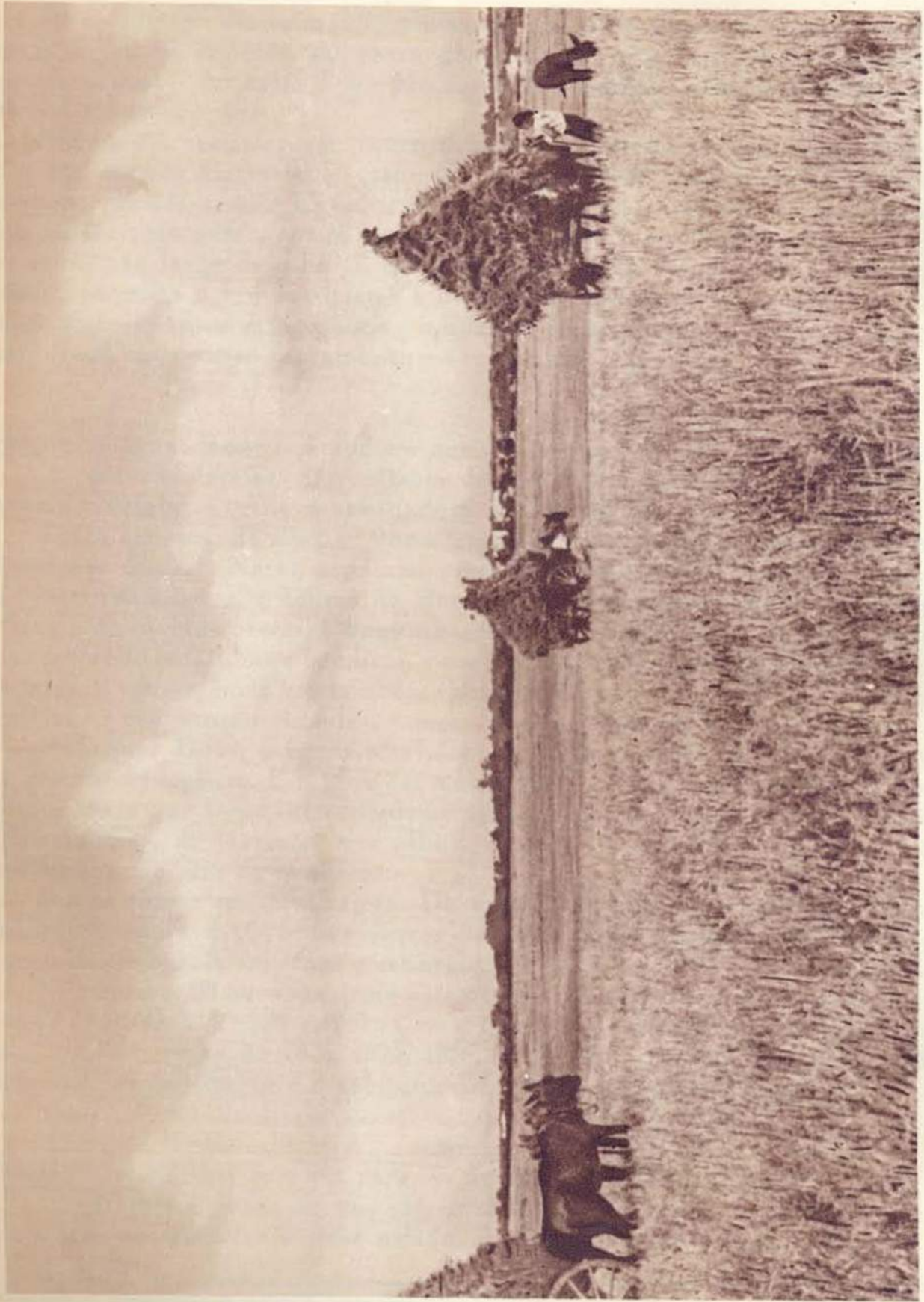
— «O dia de hoje, não há dinheiro que o pague... Isto é ouro que está a cair!... Moios e moios que se estão a fazer!... Venha água, que Deus dará pão!... Olhem como ela cai!... Até faz fumo!... Já diziam que não vinha... Aí a tem... e a abastecer... Chega às raizes, não há dúvida... Vem mesmo entre março e abril... Nosso Senhor, quando dá, é sempre em fartura...»

Entretanto, os assistentes menos entusiastas e mais perscrutadores, deixam de falar para sondarem os astros e o vento, com receio de que a rega seja passageira, de insuficiente duração. Saem pois fora, molham-se por gosto, levantam a viseira, investigam do que vai lá por cima, reparam se bate do *travessio*, do *pego* ou do *suão* e, por último, recolhem às moradias, de juízo formado sobre o que está para vir. Como bispassem sinais de água, apregoa-nos com júbilo, convencidíssimos. Se notaram o contrário, dizem-no também e em tom profético. Mal lhes vai, porém se ferem a nota do *pessimismo*. Os optimistas que os ouvem, sorriem e chasqueam, duvidando. Se não se indignam, acoimando os agourentos de mal agradecidos, de aboinhas negras, desmancha prazeres, que nunca estão satisfeitos:

— «É por isso que Deus castiga às vezes» — acrescentam.

E assim se estabelece larga controvérsia, com referências vastas a factos sucedidos e, a par, um tiroteio de palpites e presságios, que parece interminável.

(1) Sobre as estiagens prolongadas, que estragam completamente as searas, veja-se o parágrafo *Uma seca em Abril*, das *Notas e impressões* insertas mais adiante.



Acarreto do cereal para a eira

Prosseguindo: diz-se com fundamento que uma seca remedeia-se em duas horas de chuva certa, ao passo que uma *inverno* leva meses a emendar, quando emenda. As mais delas dão de revés deixando estragos insanáveis que não há sol que os cure.

Em todo o caso, seca ou *invernias* que se acentue, faz com que as populações agrícolas se alarmem de susto, na perspectiva de falta de trabalho e encarceramento de géneros. O lavrador não pensa noutra coisa. Sonha com o tempo, fala nele a toda gente, sonda os astros cincoenta vezes por dia, espreita o pôr do sol, ⁽¹⁾ não larga de olho os cataventos, manda à fava os sinais que já não vogam, consulta o seu barómetro e os alheios, com gana de os partir a todos, dá ao diabo quantos saragoços e bordas de água existam e, por último, apela para Deus, em recurso supremo, como crente que é...

Preces Não vai longe o tempo em que era costume celebrarem-se preces públicas nas igrejas, e procissões de penitência pelas ruas, logo que uma seca ou *invernias* se tornava assustadora. Por *estiagens*, principalmente.

Ainda em abril de 1896, os povos aterrados com a horrorosa seca que vinha decorrendo desde o Natal, acudiam, pressurosos e contritos, a esses actos religiosos, anunciados por dobres de sinos, e celebrados com fervor nas cidades, vilas e aldeias. Nas preces, à boquinha da noite, as multidões enchiam os templos cantando ladainhas e benditos, e nas procissões de penitência, aos domingos de tarde, a concorrência era também enormíssima, caminhando numa ordem de seriedade e compunção singular, nunca vista em procissões de outra ordem.

— «Senhor Deus, misericórdia!...» — bradava o clero, de vez em quando, no decurso do trajecto. E o povo em massa, secundava, implorando o auxílio da Virgem, para que Deus lhe concedesse água por misericórdia. Quantos pediam «misericórdia», de lágrimas nos olhos, como se tivessem praticado um crime hediondo, a moê-los de remorsos.

Isto passou-se em 1896, repito. De então para cá, no concelho de Elvas e limítrofes, nunca mais houve preces públicas nem procissões de penitência, apesar de ter havido *invernias* e *estiagens*.

Nos últimos 55 anos, as secas calamitosas de nefasta memória foram apenas as de 1874, 1875, 1896 e 1907. Como *invernias* memoráveis, prejudicialíssimas, registam-se as de 1856, 1872, 1876, 1879, 1881, 1885 ou 1886, 1895 e 1904. Sobretudo as de 1856, 1876 e 1881 que deram brado e não esquecem.

Geadas Consideram-se úteis para as searas em dezembro, janeiro e parte de fevereiro, época em que são intensíssimas, a ponto de, em muitas noites, a água *encaramelar* e ficar gelada de uns para outros dias, a contento da

(1) O «pôr do sol, encoberto», por entre nuvens grossas e escuras, é sinal de chuva. Pondo-se limpo, ou por entre nuvens rosadas, transparentes, dá indício de tempo estio.

garotada, que se diverte a partir o caramelo dos poços e charcos. As terras também apertam e endurecem pelo mesmo motivo, dando lavoura difícil. O arado entra-lhe a custo e levanta «tijolos», que só derregam em o sol aquecendo.

Nas manhãs de geadas grandes, as semeadas e os pousios oferecem um quadro notabilíssimo, de alvura severa, mas grandiosa e inconfundível. Campos vastos, transformados em lençóis alvíssimos, incomensuráveis, com os «pães» e ervas hirtas, regeladas pelo frio da noite. Tudo está branco, de orelha murcha, num torpor hibernal que meteria dó se fosse duradouro. Que não é, sabe-se. O sol criador e carinhoso, incumbe-se de derreter os gelos, restituindo aos campos a sua feição verdejante e sorridente...

Em fins de fevereiro e por março fora, ainda caem geadas fortes, que muito se receiam pelos prejuizos que fazem nos centeios e em culturas de outra ordem.

Nevões Passam-se dezenas de anos sem que se veja um de importância na zona elvense e redondezas. Quando por acaso neva, muito ou pouco, esse facto celebra-se como acontecimento sensacional, que todos correm a disfrutar. Os lavradores, então, esfregam as mãos de contentes. Lembram-se que *ano de nevão, ano de pão*. É adágio antigo que falha pouco.

Pedrisco Cai, frequentemente, com as trovoadas de primavera. E, às vezes, cai em tal quantidade e grossura que fustiga e arrasa searas inteiras, como sucedeu em maio de 1906.

Mondas (1)

Se os estrumes fertilizam o solo e o seu emprego é de transcendente utilidade para as culturas cerealíferas, as mondas consideram-se imprescindíveis na maioria das searas, como único meio de as espurgar das ervas nocivas que as gafam e empolgam.

Seara por mondar em terra erveira, ou se estraga completamente, ou fica, pelo menos, em péssimas condições de ceifa, e o pouco grão que vem a produzir sai misturado com sementes estranhas, que sujam e desvalorizam.

.....

Como a grande maioria dos labores agrícolas, este de se mondarem as searas vem de tempos afastados, quiçá remotíssimos. Uma lei de el-rei D. Sebastião de 12 de fevereiro de 1564, entre outras providências, ordenava o seguinte:

«Que os lavradores e os seareiros ou os caseiros que semeassem trigo, centeio e cevada, os mondassem nos meses de março, abril e maio, limpando-os de toda a erva e mato, e que o mesmo praticassem com os milhos aonde a qualidade das terras o requeresse. Estabeleceu que, se o dono ou rendeiro tivesse tantas terras semeadas que ele e sua família as não pudessem limpar, buscasse pessoas de fora para o ajudarem

(1) *Descarda*, chamam-lhes em Campo Maior e arredores. Creio que o termo provém de, naquela zona, mondarem-se cardos em quantidade muito superior à de outras plantas.

Seguem-se as penas dos infractores, que não eram brandas, cabendo a multa de 4.000 reais, assás pesada, ao que lavrasse um moio de sementeira e a de 2.000 reais ao que lavrasse menos. Os «seareiros e caseiros deviam pagar até 1.000 reais (30\$000 reis de hoje)». (*Lei de 12 de fevereiro de 1564. Colecção de leis estravagantes por Duarte Nunes de Leão, parte 4.ª, tit. 16.ª*). (1)

É pois antiga a prática das mondas, não há dúvida. Mas também devemos crer que este uso fosse bastante restrito outrora e sem o apuro que hoje se lhe dispensa. A própria lei citada autoriza a pensarmos assim.

Desde que se legisla para tornar obrigatória qualquer medida de alcance e se cominam penas severas para os que a não cumprem, temos de admitir que tais medidas estão pouco em uso e tão pouco que, para se generalizarem, há que recorrer aos meios coercivos. Que os nossos antepassados não morriam de amores pelas mondas e que delas faziam conceitos falsos, demonstram-no à exuberância certas máximas de alforge ainda hoje conhecidas. Exemplo:— *Trigo mondado, é trigo comprado. Negrita, pão que arrebita. Joio, faz moio, etc.* O que explicado por miudos quer dizer:— «Não mondeis, que isso equivale a comprardes a seara. Não a limpeis do *cisirão*, da *negrita* e do *joio*, que essas sementes fazem *moio* e melhoram o pão...» E aconselhavam-se absurdos tais, que só se explicam por ignorância ou mesquinhez!... Quem se atreveria presentemente a dar semelhantes conselhos?... Bem ao inverso, hoje em dia, a vantagem das mondas é geralmente reconhecida e quase todos os agricultores mondiam o máximo que podem, sem se atemorizarem com as consequentes despesas. Como a seara valha e precise, recebe pela certa esse alto benefício, desde que chegue o pessoal e o tempo. O pessoal — diga-se também — escasseia bastante em abril e maio dos anos que animam e incitam a desvelos excepcionais — mondas morosas, em searas fortes e extensas, para que não há ranchos que cheguem, nem tempo que sobeje. Faltando o tempo e o pessoal, acode-se de preferência às *folhas* e *tornas* que mais precisam, e assim se vai indo, enquanto as searas o permitem, sem estragos de maior. Depois, em elas espigando, opulentas e recostadas, como um bosque cerrado, sem se lhe ver palmo de terra, a monda tem de cessar por inoportuna e perigosa. Os benefícios que daria não compensam os prejuizos que ocasiona em tais condições. Para a erva se arrancar nessa altura, tem de se estragar e pisar muito «pão».

Mondadeiras Constam de centenas de mulheres e raparigas compondo ranchos de 12 a 30 pessoas, cada qual governado pela respectiva manageira e por um homem — o guarda de herdade, ordinariamente. (2) Os costumes do rancho, as atribuições do homem e da manageira, bem como outros detalhes correlativos, encontram-se descritos no parágrafo — *Mulheres*, na página 90. Lá se consigna a parolice do mulherio, de mistura com várias notas expansivas, desde as *baías* estrepitosas aos transeuntes que se avistam, até aos incidentes

(1) *Notas agrícolas*, do sr. A. Pires, insertas no jornal *O Elvense*.

(2) Nos barros de Elvas e nas proximidades de Campo Maior, também muitos rapazes se empregam nas mondas, de mistura com as mulheres. E até homens velhos, se escasseiam outros trabalhos agrícolas.

cômicos que surgem a toda a hora. A fuga de um lagarto ou de uma lebre, o voo de uma perdiz, o achado de um ouriço, a corrida de um ratinho e outras futilidades semelhantes, dão pretexto a pagodes de gargalhadas, sustos fingidos e correrias de fuga, que deleitam as do rancho e amofinam o encarregado. Mas é da peça. Nos trabalhos do campo, está sabido que as mulheres hão de rir, falar e cantar à grande, para darem rumor de si e para se aliviarem um nadinha. As mondas, então, predispõem-nas a valer para glaudios e partidas, entremeadas por cantorias diversas, das que estão na moda. Como as deixem, esquecem a *enfadarrilha*, que porventura as derreia, e, de vez em quando, armam em realejos, papagaios e rouxinois — em algazarra reinadia que faria rir um santo.

Depois à merenda e às sextas, há as patuscadas da *rebola*, do *salta la una*, e várias cabriolas e piruetas, em que são iméritas as descaradas e destemidas. Retouça brava, aguilhoada pelo cenário que brilha em volta. Entre os trigais banhados de luz e pujantes de seiva, com o perfume estonteante das flores, vendo os pássaros em idílios indiscretos, por uma tarde quente, as mondadeiras moças não podem alhear-se do meio excitante que as cerca. Sugestionadas pelo que vêem e ouvem, entregam-se à natureza em galas e dão ao diabo paixões, que se não casam com a verdura dos seus anos, nem com o ambiente que respiram. As velhas, coitadas, não se estarrecem com os namoros dos pássaros, nem se embriagam com o cheiro das flores. Mas também lhe chegam cócegas de dizerem coisas, e dizem-nas como sabem, sem papas na língua, nem algodão nos ouvidos.

Nas caminhadas de ida e regresso, cada mondadeira afina no diapásão que lhe agrada, esquecendo amarguras, que por acaso possa ter. As «divertidas», agrada vê-las e ouvi-las em marcha, de sacho ao ombro, com flores silvestres nos chapéus, umas cantando as «modas» predilectas, de inflexões melancólicas, caracteristicamente alentejanas, outras, acompanhando o coro com o pandeiro e as castanholas. À andarem e a cantarem, vencem as jornadas da manhã e da noite, numa despreocupação infantil e doudejante, que mete inveja a meio mundo.

Como se monda e quando A «folha» a mondar «corre-se» às parcelas de faixas, que se denominam *eitos* e que seguem em direcção «talhada» ao capricho da manageira ou do mandante. Em um *eito* se despachando, passa-se a outro e outros, com a manageira à direita do rancho e o encarregado na retaguarda, ou onde julga melhor, para fiscalizar e dirigir.

De chapéu de homem na cabeça, em trajés de coloridos alegres, a matizarem o fundo verde das searas, de saias à vontade ou ligadas às pernas, ⁽¹⁾ as mulheres

(1) Ao entrarem para uma seara assás crescida, as mondadeiras acautelam-se previamente ligando as saias às pernas, em forma de *calçanates*. Os *calçanates* põem-nas em condições de pouco molestarem o «pão» com as saias, o que nunca conseguiriam sem essa precaução. Assim mesmo, quantos pés de trigo se não tombam e enleiam por descuidos inevitáveis e pela espessura e pujança de vegetação.

põem-se em linha e de cabeça baixa, algo curvadas, mondam à mão ou com sacho, o trigo ou o quer que seja. À mão simplesmente, nas *folhas* sujas por ervas grossas de arranque fácil. Ao sacho, sempre que se queira destruir ervas rasteiras e outras muito radiculadas. Também se adopta o sistema mixto, em que ora trabalha a sacho, ora a mão, sòmente. Vai como se pode e calha, pelo que a experiência e as circunstâncias aconselham.

De ordinário, a erva fica no sítio em que se corta ou arranca. Sendo grossa ou comprida, depõe-se no fundo dos regos, para não estorvar o desenvolvimento da seara.

Quando se mondam os centeios da «sarna» de soages que os inçam, por terem escapado à lavoura da sementeira, essas ervas e outras igualmente grossas, que se arrancam então, juntam-se em alcofas, e, a seguir, despejam-se nas estradas, penedos e arrifes próximos, onde murcham e apodrecem. Não se deixam na semeada, porque vingariam de novo se lá continuassem. É facto averiguado, desde que o tempo vá úmido e as soages sejam muitas.

Monda-se em diferentes épocas, conforme a espécie e o adiantamento da seara. As de centeio vão a efeito em primeiro lugar, desde dezembro até fevereiro. Em geral, não passam de mondas ligeiras, limitadas ao arranque de *soages, saramagos, tremoços bravos e cisirão*.

Às searas de cevada, dá-se-lhes «uma passagem», como às de centeio, aí por fevereiro a março. Das de aveia, quase nada se quer saber. Quando muito, tiram-se-lhe por alto algumas ervas maiores. O seu fraco rendimento não convida a despesas de por aí além.

Temos agora os trigos, de primacial importância em qualidade e quantidade, que, por isso mesmo, recebem mondas escrupulosas e caras. Alguns precisam mondar-se duas vezes, tal é a quantidade de ervas que os sujam, tanto renovam elas e tantas nascem e medram, até a seara se pôr em *borracha*, a querer espigar. A primeira monda — que tem por objectivo principal destruir as ervas temporãs — realiza-se quando o trigo principia a tapar a terra. A segunda e definitiva, tem lugar de março em diante e é feita com maior atenção, para *extinçar* quanto possível toda a vegetação prejudicial.

Ervas que se destroem Torna-se difícil enumerar todas, mòrmente as que se confundem e baralham na multidão do anónimo. ⁽¹⁾ Das classificadas na flora popular da região, lembram-nos as seguintes: *tremoços bravos, saramagos, rinchões, soages, língua de vaca, malvas, ortigões, pampilros, alabaças, joio, cisirão, negrita, cardos* (numerosas variedades), *margãça, rabo de gato, palanque, toiceiras, espargos, cõngitas, trevo, papoila, unha-gata, almeirões, ervas, fadagosas, bredos, mentrastos, meimendro, figueiras*

(1) Grande parte das ervas miudas não têm classificação específica. Conhecem-se pela classificação comum de ervas de lévera.

doidas, erva agulha, galaritos, diabelha, azedas, setas, espadana, olho de mocho e muitas mais de somenos importância. De entre as referidas, vale a pena consignar certas particularidades das que de preferência se mondiam. Vejamos isso:

Malvas Erva grossa, vulgaríssima. Contudo, apenas se encontra nos terrenos estrumados, como «bafos» de monte, *malhadios* de gado, *rociadas* de porcos, etc.

Onde aparecem, não escapam à monda. E convém arrancarem-se em novas, ainda pequenas. Do contrário, crescem e enraízam imenso, custando a colherem-se.

Tremoços bravos Criam-se principalmente nas sementeiras em terras muito «feitas», nas queimadas de rastolhices. Impõe-se a sua extinção para facilitar a ceifa.

Ortigões Como as malvas, dão-se unicamente nas terras de que se diz serem um «bolo de esterco». Os ortigões costumam criar-se nos «arneiros» muito vastos. Formam cardumes de pés miudinhos, que picam como vespas em se lhes tocando. «Têm picos», não há dúvida. As mondadeiras que o digam. Muitas delas, para os colherem, embrulham as mãos em trapos ou no avental.

Cisirão É a ervilhaca, em diferentes variedades. O de maior crecença trepa e enleia-se pelo trigo, centeio ou cevada. Se não se destroi em pequeno, assenhoreia-se da seara e estraga-a.

Cardos Criam-se muitíssimos, de géneros diversos: cardo *manso*,⁽¹⁾ aproveitado e apreciado enquanto tenro, para mistura nas olhas de legumes; cardo *santo*, que os antigos preconizavam para tisanas; cardo *burreiro*, de que as bestas gostam bastante; cardo *leiteiro*, cuja flor se apanha e vende por bom preço, para coágulo do leite, mas raríssimo em searas, por se criar de preferência em terrenos arrifosos; cardo de *alcachofras*, gigantesco, de folhas larguíssimas, próprio das terras boas e úmidas, à margem das sanjas e ribeiros. E, finalmente, muitos outros, sem classificação própria, que infestam os terrenos de toda a ordem. A' excepção dos que ficam pequeninos, quase inofensivos para as searas, e que por isso se deixam vingar, todos mais se cortam a sacho, incluindo os *mansos* e os *burreiros*, que sobejam da procura para gente e bestas.

Joio Cresce bastante, e, de começo, as pessoas inexperientes distinguem-no mal do trigo, centeio e cevada. Prejudica pouco, mas arranca-se com interesse por causa da semente, que não sai do arneiro e, por conseguinte, desvaloriza o cereal.

(1) *Tengarrilhas*, chamam-lhe em Campo Maior.

Negríta Está no caso do joio. Tem de se destruir para evitar a semente, ainda assim, menos de temer que a do joio. A *negríta* joeira-se com facilidade, por ser miudinha e negra como grãos de pólvora grossa.

Margaça De todas as ervas daninhas é a que aparece em maior quantidade e a mais difícil de se matar em nova, tendo ainda o contra de renovar facilmente, desde que a terra lhe seja «caroável» e o tempo decorra chuvoso. Tanta *margaça*, vinga em alguns anos, que chega a abafar a seara, de modo que ou tem de ser mondada à custa de muito dinheiro, ou a seara perde-se quase toda, dando ceifa péssima. As flores da *margaça* confundem-se com os malmequeres brancos, mas mais pequenos.

Pampilros Malmequer amarelo, mais avantajado que a *margaça*. Mas criam-se em muito menor quantidade.

Soages Ervas que aparecem em abundância, logo às águas novas e que se caracterizam por folhas largas, peludas, que se alastram pela terra, até espigarem em março, dando flores roxas, conhecidas por *chupa-meis*.

Nos anos em que chove bem nos meses de setembro e outubro, as soages cobrem inteiramente os alqueives dos terrenos arenosos. E posto as lavradas de sementeira inutilizem muitíssimas, vingam ainda em percentagem suficiente para se considerarem uma praga. São de temer, e como tais se cortam a sacho, com relativa facilidade. Enquanto pequenas, usa-se retirá-las para fora das semeadas, afim de não pegarem de novo, como já disse noutro lugar.

Saramagos Pela época em que mais nascem, pela «roda» que tòmam e pela quantidade em que aparecem, têm certa analogia com as soages, posto sejam menos danosos em consequência de espigarem cedo e secarem logo. Mas antes de espigarem, alastram-se muito, o que impõe a sua destruição. Mondam-se facilmente, em virtude de vegetarem e crescerem no outono e no inverno, quando as searas estão curtas.

Papoila Erva de primavera muito conhecida, que se cria em grande quantidade nas terras «feitas» todos os anos. Nestas, dá que fazer e nunca se extingue de todo, por mais «catada» que seja.

Rabo de gato Enquanto novo, aparenta semelhanças com a seara, posto lhe sobejem característicos para se distinguir de longe. Só se cria nas terras baixas e úmidas. Cresce imenso, tanto ou mais que o trigo. A espiga é parecidíssima com a da alpista.

Língua de vaca Nas folhas e na flor, parece-se com as soages, embora alastre menos e demore bastante a desenvolver-se e a florir. Dá-se nas terras calcáreas e nas várzeas de chão, espigando em abril e maio. Corta-se

a sachos e não se arranca em absoluto por ter raízes profundíssimas, que só uma surribeira pode destruir. E mesmo assim, a extinção é temporária.

Palanque Assemelha-se ao rabo de gato, até espigar. Depois muda de aspecto, parecendo-se com a aveia, por botar espiga de *bandeira*. Nas searas pouco aparece, dando-se de preferência nos arrifes. Mas esse pouco não escapa à monda, para se evitar o mau efeito que produz.

Alabaças Dão-se nas terras «frias», baixas e «de corpo». Cortam-se a sachos, superficialmente, por terem raizame vasto e profundo.

Trevo Cria-se nas terras muito boas e úmidas. Em geral mostra-se viçoso e vasto, de modo que se não se arranca, galga a seara, passa-lhe adiante e destroi-a. Uma vez colhido, exala aroma agradabilíssimo.

Rinchões Erva grossa, raleirona, que toma grande desenvolvimento aí por março e abril. Vai fora, pelo mau efeito que produz.

Espargos Pela sua enormíssima quantidade, seriam temíveis nas searas dos barros, se os *espargueiros* os não dizimassem em pequenos, para os irem vender a Elvas e Badajoz, onde realmente os vendem por bom preço. Assim, quando chega a monda na primavera, já muitíssimos estão colhidos; criam-se, porém, tantos, que ainda escapam bastantes à monda e aos *espargueiros*.

Nos campos do concelho de Elvas criam-se «espontaneamente», e muito duas qualidades de espargos. Assim, nos arrifes e por entre os montes de peneiros dos terrenos arenosos, dão-se os espargos «brancos», que mais propriamente se deviam chamar *verdes*. Vêm cedo, logo em novembro ou antes, em seguida às «águas novas». Mais tarde, nas terras fortes, nascem os outros, os «pretos», dando-se de preferência nas semeadas. São estes os que inçam as campinas dos barros e os que abastecem os mercados das povoações. «Brancos e pretos» apreciam-se muito no princípio da época. Os «brancos» não se mondiam, por vegetarem nos arrifes, onde não fazem dano à seara.

Côngitas Vegetam às reboleiras ou moitas, alastrando-se de inverno para crescerem e espigarem aos cachos na primavera. A monda só as destroi superficialmente, em virtude do seu raizame vasto e resistente. Para se perderem de todo e não renovarem por alguns anos, seria necessário surribeirar a terra.

Almeirões Crescem no fim da primavera, deitando raízes compridas, que não cedem à mão nem ao sachos. Querendo-se acabar com eles, por algum tempo, há que destruí-los a enxadão, quando a terra se prepara do alqueive, ou no fim do verão, nas vésperas da sementeira.

Unha-gata Caracteriza-se por ser espinhosa, vir tarde e criar-se nas terras baixas próprias para trigo. Em alguns sítios é mais que a seara. Mas ainda que seja pouca, tem de se mondar, para não transtornar a ceifa.

Bredos ou ervas fadagosas Conhecem-se pela cor verde-cinzento e roxeada das folhas. Em espigando e que se lhes toque, largam um visco verdozo de cheiro e aspecto desagradável. Nascem do meado de abril em diante, por entre os trigos ribeiros e os legumes das melhores terras. Muitos trigos tremeses e grãos de bico gafam-se de bredos, sendo necessário destruí-los a sacho, enquanto novos, para a seara triunfar de semelhante peste.

A perspectiva das searas

No longo período que vai de outubro, novembro e dezembro até à colheita em maio, junho e julho, as searas variam de perspectiva e passam por diferentes fases, através de perigos e vicissitudes, de que triunfam ou não, mais por capricho insondável da Natureza, do que pela acção do homem. Os cuidados do agricultor, por maiores que sejam, reduzem-se a pouco, se forças sobrenaturais não regularem a marcha do tempo, consoante as necessidades das culturas. Em regra, o tempo é um dos principais factores do bom ou mau resultado. Sabe isso toda a gente, que não vive de fantasias.

Aspectos e impressões

Depois da nascença, as searas mostram o que já disse no artigo *Semeadas recém-nascidas*. Aspecto lindíssimo, as boas; detestável, as ruins. Das impressões que deixam ao observador, avalia-se pelos comentários que ele lhes faz. As boas, gaba-as, dizendo: — «Traz cara de jeito... calhou com a maré... dá esperanças... Vem gostosa de terra... sãdia... Não falhou um bago... E que bem nascidos!... repartidos a preceito... Com cada língua, que é uma beleza... *Verão-na pampular, se não tiver algum tope*».

Das más, observa: — «*Mala cara traz!*... Parece que tem febre... E a língua?... que fininha, que enganida... Amarela como açafião... Se não se endireita, dá *catanada*... Se isto der abono, será de uma criatura se benzer...»

Pecando por ralas, diz-se: — «Faltaram-lhe com a semente... ou levou-lha o vento... Podia com o dobro... Como a chuva lhe *casque* afoga-se em erva... Escapará, se o inverno não apertar... que afilhe à vontade... que bote boa espiga... Mas começa mal, com tanta terra às cotovias... com mau semblante...»

Para as vastas também não faltam reparos: — «*Está chegadinha*... Deitaram-lho ós punhados, sem dó... É como cabelo em cão... Não traz frio... Por agora não parece mal... Depois é que são elas... Em espigando se verá... espiguinhas fracas, das tais, que três não fazem uma... Enfim, a erva, em que

queira vir, não tem por onde... Mas se for ano dela, sempre há-de furar...
É filha da terra!...»

As searas outonais, como as puxe um tempo ameno e úmido, desenvolvem-se muito em começo e até em demasia, às vezes. Os trigos e as cevadas arriscam-se a acamar e *empancarem*, ainda em erva, apodrecendo, ⁽¹⁾ e o centeio a espigar cedo de mais, correndo o perigo eminente de ser crestado pelas geadas de março e abril. Se porém de começo predomina o tempo frio e seco, as searas *acanham-se, sumindo-se*, por assim dizer. Algumas, observadas de longe, só a terra se lhes descobre, mais parecendo alqueives em branco do que semeadas com dois meses de nascidas. «Não têm vista», no dizer do povo. Mas a este conceito, aparentemente desanimador, segue-se em regra a advertência do — «Deixem que elas despertarão...» E a seguir e para reforço, cita-se o prólogo otimista que diz: *Em janeiro sobe ou outeiro: se o vires luzir, põe-te a rir; se verdejar, desata a chorar.* Há exagero no rifão. É todavia certo que se chove em fevereiro, depois de uma seca demorada, as searas adquirem todo o vigor de que precisam, nada sofrendo com o atraso anterior. Melhor é atrasarem-se em janeiro, numa aparente letargia, consequência de tempo enxuto e frio, do que inundarem-se de água a jorros e permanecerem algadas por semanas. Com água em demasia, as searas ótimas e boas, podem porventura aguentar-se sem grandes danos, mas as sofríveis, medíocres e ordinárias, amarelecem e definham, estragando-se imenso. É que a *nódoa de janeiro, não tira o ano inteiro.* Depois de janeiro, as *nódoas* resultantes de umidades excessivas são menos danosas, mas também custam a apagar.

De fevereiro a meados de março Nesta quadra, mal vai à seara outonal que não tape a terra, alastrando-se verde e viçosa. Os trigos já então devem estar *aferrejados*, a cevada *aferrejada* ou a *desigualar* e o centeio a encanar, senão em borracha ou espigado, em risco de se perder com as geadas, perigo que subsiste por muito tempo, até a grada realizar-se. ⁽²⁾ A aveia, por via de regra, continua acanhadita, «agarrada à terra»,

(1) Há dois recursos para se evitar que a seara tombe e acame logo no cedo, em estado de erva, antes de *encanar*. E posto ambos tenham os seus perigos e inconvenientes, dão resultado ótimo, algumas vezes. Um dos recursos consiste em meter gado na seara para lhe comerem o folheto em excesso e *recuarem-na*. Neste propósito, o lavrador aventura-se a introduzir-lhe um rebanho de gado miúdo (cabras ou borregos) ou meia dúzia de reses bovinas magras. E por lá deixa andar os animais a roçarem aquilo, enquanto lhe parece que não estragam *deveras*. O outro meio é despontar a seara à foíce, cortando-lhe só as pontas do *marafonho*, com o cuidado preciso, o que se torna dispendioso e demorado. Mas talvez isso seja preferível do que meter reses na «folha». O gado sempre espezinha e não roça apenas o «pão» forte, mais arriscado a tombar. Pelo contrário, come onde lhe apetece, sem poupar o fraco, nem «castigar» no forte. Até se diz que o gado agarra-se de preferência à parte da seara menos desenvolvida.

Como quer que seja, por meio da foíce, ou a dente de reses, pode conseguir-se o que se pretende, não se abusando e havendo a sorte de chover depois, após o desponte. Se porém a seara ficar recuada ou arasada em demasia e não lhe chover a tempo de renovar e reverdecer em termos, o resultado então é desastroso, muito pior do que seria se não houvesse tal lembrança.

(2) As grandes geadas, acompanhadas de vento nordeste, nas noites de fevereiro, março e abril crestam com tal intensidade os centeios espigados e em «chora», que chegam a perder-se «folhas» inteiras.

para *dormir até abril*. Mas a que está excepcionalmente boa, desperta também e «não se agacha» à cevada.

Se neste período se acentua uma estiagem rigorosa, as favas sofrem muitíssimo, os trigos ressentem-se, o centeio aguça e toma cor cinzenta, a cevada seca-se-lhe a folha e a aveia põe-se roxa. Como, porém, lhes chova a tempo, tudo se remedeia. Mas se lhes não chove de pronto, apanham peço considerável, sobretudo o centeio, a cevada e as favas. Os trigos ainda se aguentam por uns dias mais sem prejuizo de maior.

Por março fora Do meado de março em diante, as searas acentuam o que podem ser e o que deverão dar. Como o tempo lhes decorra a favor, as boas pulam de dia para dia a afilharem e crescerem. Quanto mais medram, melhores parecem e mais animam. Quem as vê assim, viçosas e sãs, exclama encantado: — «Benza-te Deus! Não se lhe vê palmo de terra... De verde que está, *negreja*... E toda parelha... sem *morredouros* nem mazes-las!... Que *nebrezia*!... Põe marco, se for àvante...»

As mediócras «fazem-se» menos, ou por outra, demoram a desenvolver-se. Mas se o tempo as ajuda, lá se vão «compondo» devagar, emendando-se de ligeiros achaques. Mas deste feitio, os otimistas campônios dizem: — Escapa... Há pior... Afilhou pouco... mas vai engrossando... Outras de fama darão menos... E' questão de grada...» Os pessimistas afinam em tom oposto, comentando: — «Hum!... Não mostra cara de jeito... E' uma searita... Agora em erva, inda aparece... Mas depois, em secando, fica por metade... Onde não vires força, não tires sangue...»

As searas ruins de nascença não costumam melhorar com o decorrer dos dias e meses, antes, em regra, vão progressivamente acentuando a sua inferioridade de origem, desvanecendo ilusões que porventura possa haver. Quem as observa atentamente, define-as com este fraseado: «Ih, que miséria!... Um dó de alma!... O *paizinho*... só... *enganado e amargurado*!... Amarelo, como cidra!... Filhos, viste-os... Não vale um cigarro... Em lhe vindo uns *sois*, a erva abafa-a... Nem merece monda... Que espeto!...

Entre março e abril E' a época em que os favais estão em flor, já sachados. Pouco tardará que não mostrem vagens, e, a par, o companheiro do estilo, o negregado *piolho*. Em que tenham pouco, têm-no quase sempre e em quantidade nociva.

Neste meio tempo mal aparecem os grãos de bico temporões. Os serôdios ainda estão no saco ou enterrados na terra.

As searas de trigos e outros cereais continuam crescendo, sob o influxo do tempo e as condições do solo e do amanho. Umas, estão já montadas, desde março; outras, recebem agora esse benefício ou recebê-lo-ão depois, quando

lhes chegue a vez e a oportunidade. Quanto mais depressa o receberem, mais o agradecerão.

.....

O ramo nas searas Entre março e abril costuma cair o chamado domingo de Ramos. Vem pois a propósito registar o costume de se «pôr o ramo» nas searas, durante o referido domingo. Com efeito, lavradores, seareiros e criados de pensão, alcançam ramos de alecrim, benzido na igreja paroquial, por ocasião da missa do dia, e com eles compõem e ornamentam cruces, em hastes de cana, que mandam ou vão colocar logo em qualquer árvore, muro ou penedo que defronte com a seara. Assim, a seara fica entregue à protecção de Deus, que a fará medrar e produzir. E', pelo menos, esse o objectivo dos crentes e do uso em questão...

O acto de «pôr o ramo» dá pretexto a passeios e visitas às searas, tanto dos donos como dos familiares e amigos, principalmente se o tempo convida com um sol primaveril e criador. Se chove, esfria o entusiasmo, mas as cruces sempre se põem. E com maior fé: *Ramos molhados, ramos melhorados...*

Em abril Do começo de abril em diante, os trigos do outono estão «em borra-cha», a quererem espigar, ou já espigados. Pela cor e folhedeo, accusam à légua a variedade que representam, acentuando se pertencem ao grupo dos rijos ou ao dos moles. Os rijos deitam espigas de pragana, (de cor preta em alguns) maiores que as dos moles. Nestes as espigas são menos aparantosas e as de certas castas nem pragana possuem. Mas fundem melhor que os rijos, e, em verdes, são tão lindos ou mais.

Rijos e moles, como estejam bons, ostentam em abril uma pujança de vegetação soberba e luxuriante. Filhos vastos, de hastes compridas, com folhas largas pendentes, exuberantes de seiva, a tocarem-se de leve, ao sopro do vento, num murmúrio constante, que recorda o marulhar das ondas em horas de bonança.

.....

Na última quadra de abril os centeios e as cevadas completam o desenvolvimento e passam a vias de grada. Os centeios destacam-se por altura singular, muito superior à dos outros cereais. Às suas espigas, estreitas e compridas, chega-lhes enfim a *maré* de abrirem em *pendão*. Entram por conseguinte na *chora*, período crítico da frase fecundante, sujeita a grandes prejuizos, por excessos de frio ou de chuva.

Após a *chora*, os bagos desenvolvem-se e a grada efectua-se. As rolas apparecem a anunciá-la, invadindo as centieiras, onde passam a encher o papo e onde estacionam de preferênciã até emigrarem em agosto. E por lá se entretêm e nidificam, a esvoaçarem aos bandos e em casais, de penedo em penedo, de azinheira em azinheira, baixando e levantando para comerem e arrulharem...

Na quadra em que as rolas chegam, as searas accusam contrastes frisantíssi-

mós. Há-as de hastes compridas e de hastes curtas, fortes e fracas, limpas e sujas, sãdías e doentes. Há de tudo: ótimas, sofríveis, más e péssimas.⁽¹⁾ As ótimas deslumbram toda a gente que as olha a preceito. Os lavradores, então, enaltecem-nas com expressões típica, assás lisongeiras: — «Que searão!... Parece um xaral fechado... um bosque!... Uma pessoa dentro não tem por onde furar... Mal empregado, se acama... Quase que tapa um homem a cavalo... Bela!... Vejam-lhe as espigas... às vinte em cada pé!... E *farfalhudas*... de palmo e meio... E' de se lhe tirar o chapéu!... Se acabar com bem, descose-se com vinte sementes ou mais... trinta, talvez... Sabe-se lá quantas!... Muitas, pelo seguro...

As searas ruins também são julgadas pelos profissionais e curiosos que as encaram. Eis as sentenças da praxe: — «Vê-se que não emendou... Cada vez, pior... A erva abafa-a toda... O que não morreu, mirrou-se... Tem os pés enfêzados... *feverentos*, de espiguinhas amarguradas... Metade falhas... E a respeito de palha, está ó consoante com o grão... nem palha, nem grão... Em elas não prestando, fundem menos dō que se cuida!...»

Uma seca em abril Quando o mês de abril se assinala por estiagem rigorosa, que se vem afirmando desde fevereiro, essa estiagem escangalha os trigos, cevadas e aveias. Não é um desastre brusco e irremediável. Mas é um contratempo temível, de processo lento, que, protelando-se por semanas, agrava a situação dia a dia, até estragar «folhas» inteiras, antes viçosas e lindas.

Trigos ou o que seja de cereais, acusam falta de chuvas, tomando cor cinzenta, pela crecença do dia, a exibirem folha murcha, de «orelha caída», mal encarados. «Põem-se patetas», e dá dó vê-los. Sem embargo, ainda esperam e ainda se agüentam. Tanto, que de manhãzinha cedo, com as orvalhadas da *marezia*, readquirem o primitivo vigor e fescura, para o perderem de novo, às primeiras résteas de sol erguido e às rajadas açoutantes do vento *suão*, que em geral assopra, nesses períodos estiolantes e calamitosos.

A despeito de tais asares, se a certa altura as chuvas vêm em abundância, regando a fartar, os danos são fracos ou nulos, remediando-se em absoluto. Mas se a estiagem presiste na sua marcha destruidora, as searas pioram às braçadas e agonizam sedentas, morrendo às nódoas. Enquanto que nuns sítios o prejuizo é total e irremediável, noutros manifesta-se menos, por serem terras de resistência, que ainda conservam algum *sangue*.

Entretanto, os dias vão passando, o sol queima, lembrando agosto, o vento continua a açoutar e a seca completa a sua obra ruinosa, tisonando searas boas e más, sem distinção de vales nem outeiros. Apenas resistem as baixas de algum ver-

(1) Nos chamados anos bons, há sempre, por excepção, searas más, embora poucas. Como nos anos ruins, também excepcionalmente se criam searas boas, ainda que em número reduzidíssimo.

gel muito frescal. Mas isto é nada comparado com a quantidade e importância das searas que se atordoam e torram. Estas, embora em maio lhes chova, não há chuvas que as salve. Só o centeio escapa, se escapa, em razão do seu anterior desenvolvimento. Tudo mais que não seja centeio, agoniza e morre fatalmente, à míngua de umidades, numa desolação tremenda e pavorosa!...

.....

Em maio Pelo decurso de maio, desvanecem-se as dúvidas que por acaso restem sobre o próximo resultado das searas. As boas, só calamidades muito desastrosas as poderão abalar. As ruins, exceptuando as dos tremeses, fraca melhora lograrão.

No começo do mês, os trigos outonais, uns estão altaneiros, espessos e verdíssimos, com espigas formosas; outros curtos, raleirões e amarelos, de espigas fracas, revelando criação doentia que descoroçoia e aterra o dono. Há trigueiros de arromba, soberbíssimas; há outras boas, de menos espanto e algumas ou muitas das chamadas *escapadouras*, sofríveis, que ainda *consolam*. Também não faltam as de feições oposta, as *malengas*, ordinariíssimas, tão somenos e «mal amparadas», que darão a semente ou coisa parecida.

Em todas elas, por boas ou más que estejam, é vulgar perderem-se espigas com a doença do *morrão* e outras. Mas esses prejuízos são, em regra, pequenos, sem importância sensível.

.....

Os trigos ribeiros prosseguem criando-se, verdejando como limos se as chuvas os beneficiam. Por atrasados que estejam, medram a palmos, contanto que apanhem a sua rega de vez em quando. Se porém lhes faltam as águas e o sol os castiga, definham-se e perdem-se, abrasados pelo calor.

.....

Enquanto que os trigos permanecem verdes nestes primeiros dias de maio, os centeios, as cevadas e as favas alouram e secam, completando a maturação. Das favas, bem se diz: «*Maio as dá, maio as leva...*» A aveia continua verde, mas em breve «dará a cara», aloirando também.

O centeio distingue-se pela altura e perda total do folheto. As espigas do bom, condizem com a altura da palha. Extensas e peladas de pragana, dobram-se ao peso dos bagos que lhes assomam nos casulos, criados enfim, a quererem «esguichar», nutridos e belos. Que nem todas as espigas denotam beleza impecável. Entre as grandes e cheias, há as degeneradas, onde se gera e vinga o *cornilhão* (cravagem), as roidas pelo escaravelho⁽¹⁾ e as *salteadas* ou meias falidas, de casulos cheios e casulos vazios. De resto, as espigas *salteadas*, as criadoras de cravagem e as roidas de escaravelho costumam restringir-se a

(1) O escaravelho ou escaravelhão do centeio, tem as dimensões de um feijão frade e é revestido de pelos claros. Aparece quando as espigas entram em grada. Naquelas em que pouca, roia-as no todo ou em parte.

pequeninos senões, que a ninguém assustam. Pelo contrário, agradam geralmente, por serem prenúncio de colheitas fartas. ⁽¹⁾ Isto no centeio forte e recostado, naquele que se classifica um *centeirão* brutal, de perspectiva soberba. — «Bom a valer!... Não há melhor...» — dizem os que o admiram. E acrescentam: — «Como está grado... a não caber nos casulos!... Mal empregado se apanhar ruim *acefa*... Se lhe não acodem em *saraço* (verdurengo) fica metade na terra...» Com efeito, se for ceifado seco e em dias de calor, desbagoará muitíssimo, coalhando os chapéus dos ceifeiros e os sulcos dos regos.

Mas é bem melhor mostrar-se acurvado e cheio, em perigo de «espírrar» por ocasião do acarrete e da ceifa, do que tombar e empancar à grada ou do que exhibir-se direito e leve, com poucos bagos e miudos, embora com muita palha. Pode fundir muito em carradas, mas dará pouco em moios.

Resta o de aparência oposta — o ruim e curto, tido e havido como um *panasco*, de pouca palha e menos grão. Centeio assim criado, ou mal se descobre por entre os bamburrais de margança que o «afogam», ou encontra-se livre de erva em areões ordinários, por onde os lagartos rastejam a descoberto, sem estorvos de vegetação. Tudo que se cria e seca nestas condições de penúria, chama-se-lhe centeio *ensamarrado*, porque nunca lhes cai a pragana e jãmais desbagoa. Há-de desbagoar bem, se os bagos ficam mirradinhos, aderidos ao casulo, de que só desprendem depois à debulha nos cilindros da debulhadora, ou à porrada do mangual. E aí mesmo, quanto e quanto vai na palha, encerrado no casulo!...

Como o centeio, a cevada em maio, mostra-se em plena maturação, mas conservando a pragana. Em «descaindo» para secar de vez, toma cor aloirada, que depois aclara ou escurece, conforme decorre o tempo. Entretanto os pardais entram com ela e papam a que podem. Como os deixem, «depenam» espigas inteiras e muitas, sobretudo nos arredores dos montes e no das povoações. ⁽²⁾

Por via de regra, cevadeira de fama, bem encabeçada e de muita palha vai abaixo com o peso do grão e da palha. A ruim e curta, de espigas chochas ou falidas, não tomba por certo. A outra, a boa, como tombe depois de grada e a chuva a não apodreça, dá sempre muito grão, posto de muitíssimo mais se, por milagre, se aguentar de pé até a foíce a tombar. Ceifada assim, erguida sem mazelas de nenhuma espécie, produz fundas fabulosas. Mas se não se ceifa logo que seca «faz-se velha», *acorvilha* até rastejar, parte-se como o vidro, e, por fim, quando a foíce a derriba, descabeça em grande quantidade, a ponto de o solo ficar coalhado de espigas. Míngua a produção na eira, mas valoriza-se o agostadouro. Não vai ao alqueidão, mas luz nas bacoradas. Do mal, o menos.

As cevadas inferiores, ou se mostram ralas, raquíticas e desiguais, descobrindo-se mal, por entre as setas e papoilas que as inçam e sujam, ou livres de erva,

(1) O *escaravelhão* e o *cornilhão* são prenúncios de colheitas abundantes, porque os anos em que mais aparecem, são justamente aqueles em que há melhores centeiras. O *escaravelhão*, principalmente. Por isso se diz: *Ano de escaravelhão ano de pão*

(2) Causam maiores estragos nos arredores dos montes e das povoações, por afluírem aí de preferência, em resultado de nidificarem nos telhados próximos.

patenteiam igualmente a sua insignificância, branqueando no todo ou em parte, a revelarem grada ruim, resultante da pobreza do solo ou de irregularidades atmosféricas. Em anos de estiagem, deixam de espigar, muitas. Ficam em *borracha*, curtinhas, dando pouca palha e pouco grão.

O que sucede com a cevada, assemelha-se ao que se passa com a aveia em análogas condições. Notam-se aveiais de truz, avantajados de palha e de bandeira, a prometer fundas de por aí além. Para contrastar, deparam-se também outros que, se mal começaram, pior acabam. Chegam a ficar tão reles e acanhados, que mal se podem ceifar. Estes, em geral, são dos que se semeiam à face, em terras pobríssimas, já cansadas por anteriores produções, ou em terrenos folgadios, mas tão ingratos e avessos, que nem aveia produzem.

Entre os aveiais bons, poucos se encontram que não estejam tocados da *ferugem*. Alguns bastante sofrem desse peço e de outro ainda — a *alforria*. No entanto, a doença *alforria* ataca de preferência as aveias ordinárias. Aveia ruim *alforriada*, decerto que não vale nada.

Por vinte e tantos de maio, os aveiais «tomam cor» e em poucos dias secam, reclamando foíce. Do contrário as espigas abrem, escancaram-se, e os bagos abalam com o vento, ou caem por si mesmo. Não descabeçam como as da cevada, mas desbagoam mais que as do centeio. Até as formigas as esvaziam, escalando-lhes as hastes e levando-lhes o grão. Desaparece toda, por conseguinte, se não se tomba depressa. E tombada mesmo, ainda a formiga a acarreta, se estiver mal enrilheirada.

Em junho Logo nos primeiros dias, gradam, aloiram e secam os mais dos trigos, à excepção dos ribeiros tremeses, que prosseguem verdíssimos, com as espigas em agrás, «em leite.» Os outros, os que foram semeados no outono, esses, moles ou rijos que sejam, amadurecem do começo de junho em diante, ao influxo do meio e das condições em que se criaram: devagar, nos baixios úmidos e de chão; depressa, nas terras que «puxam», soalheiras e enxutias. Os trigos são e fortes, que se criaram à vontade, tomam um colorido fulvo, lindíssimo, que só se extingue a poder de dias e de sol. E que de espigas ótimas neles realçam! Que de risonhas esperanças elas sugerem!... O trigo é o rei dos cereais, cultiva-se na melhor terra e dispensam-se-lhe cuidados particularíssimos, porque dando, remunera bizarramente. Considera-se ouro de lei e do melhor quilate. Calcule-se, pois, como serão gabadas essas *trigueiras* extensas, soberbíssimas, que se encontram nos anos abundantes e que, alfim criadas, avolumam de interesse e centuplicam de valor. Gabam-se por mil expressões parecendo pouco tudo que se diga em seu louvor: — «Que *nobrezia* de seara!... É um canavial fechado... uma muralha custosa de romper! Quando a foíce a botar abaixo há-de abrir os pulsos a mais de quatro... Têm para peras os *ratinhos*... Disto há pouco... Parelho, recostado e grosso!... E as espigas?!...

Cada uma faz duas... bem criadas e cheias... de bagos como pinhões... Sim senhor, fuma-lhe a venta... Verão à ceifa o que é botar molhos e rilheiros... Rilheiros e carradas... Deve dar um esbarrunto!...» E por aquí fora, toda a gente as admira, numa catadupa de elogios, retumbantes e expressivos.

Os de condições opostas, também não escapam aos comentários dos apreciadores. Trigos que em verdes nunca prestaram, agora, em maduros e secos, pior efeito produzem. E a par destes, amargurados e reles, há porventura, outros, assás desenvolvidos, que já mostraram *fantasia*, mas que a perderam de resto, por lhe «dar o tempo à contra». Di-lo bem alto a cor anormal que tomam. Em vez de aloirarem, como os são e grados, *branqueiam* mais ou menos, acusando grada péssima. E como *branquearam*, hão-de por força fundir pouco. Pouco, em grão. Em palha, escapam.

Por bons ou maus que sejam, os trigos do outono estão secos de todo aí por 10 a 20 de junho e, a seguir, a foice entra com eles. Primeiro, nos moles, mais propensos a desbagoarem; depois, nos rijos, que não desbagoam, mas que descabeçam em estando ressequidos. Neste período, de 10 a 20 de junho, principia e efectua-se a grada dos trigos ribeiros, que vai a cabo, bem ou mal, segundo o tempo. Mal lhes irá por certo, se «apertarem» os calores do «Santo António».

Pelo «S. João», os centeios, as cevadas e as aveias, estão em terra, todos, já ceifados. Dos trigos temporões, muitos permanecem de pé e outros receberam foice. Nestas condições, vê-se a maior porção, aí por vinte e tantos de junho, tempo em que as ceifas «vão de cabeça abaixo», à parte as de certas lavouras grandes, onde se costuma acabar tarde. Entretanto, os trigos ribeiros principiam a «dar a cara», para secarem de todo, dentro de poucos dias, já em julho. Alguns vão a terra, primeiro que outros dos do outono.

Em julho Pelo «S. Tiago», não há searas verdejantes, por serôdias que sejam.

As que por acaso ainda estão de pé, mostram-se secas e acurvadas, à falta de vigor que as ampare e defenda. Até parece que mingüaram e faliram, tão velhas se põem e tanto se lhes emaranham as palhas e as espigas. Para descrédito do lavrador, estão assim como abandonadas, a servirem de gáudio à formiga e a toda a casta de bicharia.

COLHEITAS

Nesta peregrinação através dos campos, eis-nos chegados às colheitas, às almeçadas colheitas das searas, que o lavrador aguarda com impaciência, para recolher o fruto do seu longo e insano trabalho. Maior azáfama agrícola, não há por

certo nos campos do Alentejo e muito principalmente nos de Elvas e cercanias, onde a cultura dos cereais assume importância capitalíssima. Desde vinte e tantos de maio, até por agosto fora, as colheitas ocupam centenas e centenas de braços, a ponto de as ceifas, nas herdades, serem efectuadas por homens das Beiras e do Douro — os *ratinhos* — pois os campónios da região mal chegam para as gadanhas, acarretos e debulhas, onde têm que fazer de sobejo nos primeiros dois meses da época. Meses de labuta afanosa e intensíssima, pela magnitude do assunto, pelo receio de faltar o tempo propício e pelo temor de incêndios, que de súbito podem irromper, destruindo esperanças, inutilizando sacrifícios, abalando fortunas.

O recolhimento rápido das searas, para saírem a salvo de eventualidades e avarias, constitui a principal preocupação da maior parte dos lavradores. Desenvolve-se, portanto, toda a actividade, e, conjuntamente, as atenções fixam-se nos rastolhos e nas eiras, cujo labor é acompanhado de perto com singular carinho por todos que vivem no meio rural.

Nas aldeias e nos campos, as colheitas são a ordem do dia e da noite, dando margem a palestras animadas, em que as horas passam a fugir. Inquire-se e sabe-se dos «homens» de ceifa que deu cada lavrador; quando os mesmos começaram; se fazem ou não bom rastolho e quando pensam em acabar. Passando para os acarretos e debulhas, citam-se os adiantados e os atrasados, onde se carrega muito ou pouco, caminhos que dão estes e aqueles e quem sabe ou não carregar. Sobre «fundas», cada qual sentença a seu talante, e, a propósito, acrescenta-se que fulano colheu 60 moios de trigo, em tal parte; que beltrano 40 de centeio e sicrano 20 de cevada, dando o trigo a 10 sementes, o centeio a 15 e a cevada a 20.

Neste relato de fundas, se entre os circunstantes figuram lavradores, estes dizem do que lhes vai por casa. Alguns carregam a nota para aquem ou além da realidade. Não é por mal... está-lhes no feitio. Os *chorincas*, por exemplo, só falam das searas que lhe fundem pouco. Das boas, esquecem-se. Os *basófiás*, jactam-se de colherem *esbarruntos*, em tais e tais «folhas» afamadas. Das ruins... nem pio!... Há ainda outros de critério diverso, também interessante. São os *conchas*, que se encolhem como cágados, por desconfiarem dos parceiros. Lembram-se do aforismo, que a *alma do negócio é o segredo*. E no aforismo se entrincheiram, inquisilando a valer com a indescrição dos abelhudos curiosos. Esquecem-se no entanto de que têm criados; de que os criados papagueiam tudo que se passa nas casas dos amos, e que, finalmente, os criados são bisbilhoteiros incorrigíveis, apregoando e exagerando por toda a parte o que os amos semeiam e colhem...

Resumindo: das colheitas trata-se com afínco extraordinário, sem se olhar a gastos, e das colheitas fala-se à grande, como assunto momentoso, de altíssima transcendência.

.....

A faina das colheitas compreende três serviços distintos: ceifas, acarretos e

debulhas. Em começo, só se trata das ceifas. Pouco depois, entra-se com os acarretos e as debulhas, prosseguindo tudo simultâneamente, mas cada serviço com pessoal próprio e praxes diferentes. E, a par, durante o primeiro mês da época, cuida-se também da gadanha dos fenos, com gente estranha aos outros serviços. Enfim, trabalhos múltiplos e variados, com *gentio* de diferentes idades e procedências, a animarem e povoarem os campos, desde o luzir da manhã até altas horas da noite.

Ceifas

As ceifas executam-se, geralmente, com a foice braçal, manejada por homens, rapazes e mulheres, e, pouco ou nada, por meio de ceifeiras mecânicas. ⁽¹⁾ De ordinário, começa-se de 18 a 24 de maio e acaba-se de 10 a 18 de julho, ou pouco mais tarde. Dois meses, aproximadamente.

Primeiro, ceifam-se as cevadas, os centeios e as aveias, que, para o efeito, se englobam e conhecem pela denominação genérica de *segundas* ou *sementes brancas*. ⁽²⁾ Tambam-se em primeiro lugar porque secam muito antes dos trigos e porque «esperam menos», não se aguentando de pé sem prejuízo sensível. O centeio e a aveia desbagoam em grande escala e a cevada descabeça a valer.

Derribadas as *segundas*, passa-se aos trigos. Começa-se, em regra, pelos moles e conclui-se nos rijos. As praxes assim o estatuem. Mas, às vezes, ocorrem circunstâncias imperiosas e excepcionais que obrigam a abandonar as praxes. Por exemplo, adiar-se para o fim da faina restos de searas ordinárias de centeio e cevada, para se acudir de preferência a outras ótimas de trigo, dignas de aproveitamento oportuno.

.....

Ceifas por «ratinhos» Todas ou quase todas das searas em herdades são desempenhadas por esta gente. Os chamados *ratinhos* — escusado seria repeti-lo — são homens e rapazes das Beiras e do Douro, que expressamente vêm ceifar ao Alentejo, regressando às suas províncias logo que despachem a refrega.

.....

Cada lavoura ocupa de entre 15 a 50 *ratinhos*, governados por um deles — o manageiro do corte que, por sua vez, recebe ordens do chefe e patrício, o manageiro principal. ⁽³⁾ O que são, o que fazem, o que valem e o que ganham esses

(1) Veja-se o artigo *Ceifeiras*, na página 222.

(2) A razão das searas de centeio, cevada e aveia terem a classificação genérica de *segundas*, por ocasião das ceifas, deverá filiar-se na circunstância de, as mesmas searas, serem de valor secundário, comparadas com as dos trigos. Não está mal, portanto. O que porém soa mal, é chamarem-se-lhes *sementes brancas*, quando, em boa verdade, são mais escuras que as dos trigos.

(3) Manageiro principal e da «camarada» toda, repartida em vários cortes ou «camaradas» parciais, uma em cada lavoura. Manageiro do corte, é o que governa unicamente no pessoal que trabalha sob a sua constante direcção. Veja-se o capítulo *Ratinhos*.

milhares de trabalhadores, bem como os usos e regras a que se subordinam na organização e disciplina das «camaradas» e «cortes», em que se agremiam e incorporam, já o pormenorizei à larga no capítulo *Ratinhos*. É pois, desnecessário entrar em detalhes referidos. Todavia, como preito de justiça que se não deve regatear, direi uma vez mais, o que de resto sabe muita gente. Os ceifeiros beirões, vindo, como vêm, ceifar ao Alentejo, são obreiros prestimosíssimos da agricultura alentejana. Obreiros quase imprescindíveis, pela escassez de braços indígenas, que todos os anos se nota no primeiro período das colheitas e pelas aptidões que revelam em tão árduo serviço.

.....

Os *ratinhos* ceifam as grandes e as pequenas searas das herdades e ceifam-nas com desembaraço incomparável. Causa admiração a destreza e galhardia com que eles manobram a foice, ora sob a acção importuna das *marezias* da noite, ora ao calor estonteante do sol, num período de 40 a 60 dias, em que só folgam num ou dois. ⁽¹⁾ Nos demais, mourejam «a pé firme», desde o raiar da aurora até noite cerrada — durante 16 horas, em que só descansam nos intervalos das três comidas! Intervalos curtos e fugidios, ao capricho do manageiro, que não desperdiça um minuto. ⁽²⁾ O seu gosto é ver a *família* no corte, a dar-lhe saída e avanço: — os homens, a derribarem «pão»; os rapazes, a atarem.

A enrilheiração dos molhos compete a homens estranhos à «camarada». Compete a um ou dois ganhões enrilheiradores. Do acarretó da comida e da água, cuida um rapaz — o *tardão* ou mantieiro. O *tardão* e os enrilheiradores formam o grupo de auxiliares alentejanos, a quem o lavrador paga e alimenta à parte.

.....

Ceifas por mulheres Ao passo que os *ratinhos* despacham e ajustam por empreitadas as ceifas das grandes e medianas lavouras — as searas de relativa insignificância, pertencentes a seareiros e ainda algumas parcelas das grandes, em herdades vizinhas das povoações, costumam ser ceifadas a jornal, por mulheres das aldeias próximas, mediante a jorna de 160 a 180 reis «secos», por meio dia e mulher. As aprendizas nada ganham no dia da estreia. No segundo e no terceiro, ganham 80 a 100 reis; no quarto 120 e daí para o futuro o mesmo que as sabedoras.

A ceifa por mulheres era assás restrita em tempos que já lá vão. De há 10 anos para cá tem-se generalizado muito e prossegue alargando-se, de ano a

(1) Dia de Corpo de Deus e de S. João. Quando o dia de Corpo de Deus cai antes de começarem as ceifas, folgam sòmente no dia de S. João.

(2) Isto nos anos bons, em que a temporada rende. Nos ruins, de poucos afazeres, o manageiro preocupa-se muito menos com o despacho. A empreitada leva-lhe mais dias, é certo; mas enquanto ele e os companheiros se entretêm a ceifar, comem à custa alheia, por conta do lavrador. E nos anos calamitosos, a comida vale muito para quem a não possui em casa.

ano, a contento dos agricultores e das aldeanas que a executam. Estas, sem descurarem os afazeres domésticos, destinam o meio dia da manhã para ganhar com a foice o seu sustento e o dos filhos.

As mulheres ceifeiras de outrora, posto ceifassem bem, pelo que se refere a apuros e cautelas, eram poucas, ceifavam com morosidade e não apetecia empregá-las. As de hoje, contam-se aos centos, ceifam a preceito e despacham sofrivelmente. Diz-se que fazem menos que os homens das Beiras. Mas essa relativa inferioridade, compensam-na na perfeição do serviço. O trabalho delas é mais escrupuloso e perfeito que o deles, o que de sobejo se explica. Elas, trabalham a jornal, a seu salvo; eles, de empreitada e aguilhoados pelo manageiro, todo açodado em concluir, para regressar à terrinha, com as notas na algibeira e os queijos na sacola. ⁽¹⁾ O contrário das aldeanas, que quanto mais se apuram, mais salários vencem.

.....

A hora da *agarra*, para as mulheres, é a mesma dos «ratos», ou seja ao raiar da aurora. Soltam, porém, às onze do dia, tendo por única interrupção a hora do almoço. Almoço ligeiro, à custa delas, que se resume a pão, queijo, azeitonas e frutas. Por acaso almoça carne de enchido, uma ou outra de algumas posses. Quanto a serviço, apenas o da ceifa. A *atada* dos molhos e a enrilheiração incumbe a um ou dois homens agregados ao rancho. ⁽²⁾

* * *

Antes de soar a uma no campanário da igreja, as manageiras das ceifas percorrem a aldeia, batendo de porta em porta, a acordarem e chamarem o mulhierio dos seus respectivos ranchos.

— Vá arriba, perguiçosas!... Vá, que são horas...

As despertadas respondem, erguem-se e saem por entre bocejos e suspiros caminhando para o ponto de reunião, que é, ordinariamente, a casa da manageira. Seja onde for, reúnem-se em determinado sítio, e, à medida que vão chegando, dão-se os bons dias, com o «Salve-as Deus» da praxe, correspondido com um «Deus te salve» uníssono. Ou, em vez disto, outras saudações familiares, amistosas e entoadas.

Aos cumprimentos seguem-se as falácias e galhofas, numa algazarra dos demónios, que acorda e arrelia a vizinhança:

— «Credo!... façam menos barulho... menos motim... *Baia*, umas *badias*!... Nem *arreparam* em quem está nas suas casas a dormir!... *Assoceguem*, almas do diabo!...» Assim fala a manageira, reclamando silêncio. Mas as repreendi-

(1) Queijos que lhe dá o lavrador, como lembrança para a família.

(2) Os homens atam e enrilheiram pelo dia fora, enquanto há molhos para atar e enrilheirar. Se sobeja tempo também se ocupam noutros trabalhos.

das fingem não ouvir e continuam a grasnar. Só afrouxam quando entram a contas com a *lambeta* do café — costumeira moderna de que a dona da casa se incumbem, na mira em alguns lucros, ou para beber de graça, pelo menos.

Vem pois, o café e cada freguesa toma a sua chávena, a troco de dez reis. As mais amadoras tomam duas e não entram com terceira por que receiam as más línguas.

De resto, todas se pelam pelo cafèzinho, que reputam uma delícia... E melhor por certo lhes saberia, se o temperassem à vontade com açúcar em fartura...

.....

Partem, enfim, para o rastolho. Saem aí pelas duas horas da madrugada, entre ruído alarido de cantorias e toques de pandeiro, que despertam toda a gente. A cantar saem da aldeia e a cantar caminham pelas azinhagas e carreteiras, a espairecerem amarguras, a avivarem recordações... Se não fossem a cantar, ouviriam de vez em quando os chios espaçados e assustadiços das cotovias madrugadoras, ou o piar agourento dos mochos e corujas...

.....

* * *

Ao nascer do sol já as do rancho têm ceifado o bastante para se lhes avaliar o desembaraço. A retaguarda do corte vê-se juncada de *gavelas*, a atestarem que as foices agarraram cedo, antes de os pássaros saudarem festivamente os primeiros arrebois da manhã.

Depois do sol nascido, a azáfama prossegue com a tenacidade primitiva. Novas e velhas, solteiras e casadas, na medida das suas forças, todas fazem o que podem, de mangas arregaçadas e saias em *calçonates*. Não trabalham com desembaraço análogo ao dos *ratinhos*, mas mexem-se resolutas, senhoras do seu papel... E à porfia avançam, derrubando «pão» e estendendo paveias. Lá aliviam a miúdo, para dizerem coisas ou para emborcarem uns golos de água fresca que a aguadeira lhes oferece, ⁽¹⁾ mas pronto voltam à lida, dando o seu a seu dono. Como o lavrador apareça, dão-lhe as boas vindas, gabam-lhe a seara, encarecem o trabalho, e, a propósito, como *olhamento*, de que se julgam merecedoras, pedem-lhe um almoço de sopas de leite, «em fartura». O lavrador anui ou não, segundo o feitio que tem e as impressões que recebe. Se anui, retumbam-lhe os elogios e apanha vivório...

.....

Aí pelas dez horas, já as laboriosas ceifadoras fraquejam sensivelmente. A violência do serviço e o calor do sol põe-nas tontas e patetas, a suarem em

(1) A aguadeira é uma rapariga das do rancho. Vai «à vez», cada uma para cada dia, alternando-se.

bica, de rosto esbraseado. Contudo, aguentam-se até às onze, hora a que largam o trabalho, por vencerem o meio dia. Dez minutos mais e ei-las a caminho de casa descalças, de chapéu na cabeça e foice ao ombro, pisando a areia das carreiras, quente como brasas de lume. Caminham em bando, algo atordoadas e a passo ligeiro. Lá fala uma ou outra, mas o trajecto é triste e as falas são poucas. Poucas e em voz de desânimo, abafadas pela inferneira das cigarras, que a essa hora cantam furiosamente, do cimo das moitas e arvoredos. É uma «cantarela» azoicante e persistente, que predispõe à preguiça e ao sono.

.....

Afinal, ao cabo de pouco tempo, sob um sol de rachar, que lhes escalda o sangue e as alaga de suor, as caminhanes vêm-se próximas da povoação e dos seus branqueados casebres. Esta perspectiva sorri-lhe, encoraja-as e transforma-as por assim dizer. De macambúzias e estafadas que pareciam, tornam-se vivazes e parladeiras. Com efeito, mal entram no povoado, desatam a cantar alto, muito alto e em coro, ao som do pandeiro e das castanholas. De vez em quando param por momentos, a cantarem e bailarem. E daí a nada, seguem pela rua fora, a cantarem e a tocar, despertando a curiosidade. Entretanto, às portas e janelas entreabertas do casario rasteiro, assomam várias caras feminis, de trajos à frescalhona, ávidas de verem e ouvir as pobres que vêm da ceifa. Muitas são-lhe affectas e bem o mostram, exclamando: — «Coitadinhas! *esmarrenecadas* de trabalhar e inda com gana para se *adevertirem!*... O que é a mocidade?!... Divirtam-se, raparigas!... Cantar é dos anjos... Quem canta seus males espanta!...» Outras não lhes rendem louvores, antes lhes chamam nomes feios:

— «*Baia* umas *assolutas!*... *Valuntairas!*... A darem motim pelo meio das ruas, sem *ássuprema* de ninguém!... *Badias*, a alvoroçarem quem está na sua casa!... E ainda a gente as vem a ver!...» Assim se expressam as maldizentes, com cheiro de ajuizadas. São em geral carcassas rabujentas e moças recolhidas e dengosas, com pretensões a *graves*. Todas elas retouçaria cem vezes mais que as alvejadas, se se apanhassem à solta e à larga, onde não dessem nas vistas!...

.....

* * *

A atada O preparo dos molhos de «pão» estendido sob o rastolho, chama-se *atada*. Este serviço segue atrás do corte e dele se incumbem os rapazes da camarada, quando a ceifa é feita por *ratinhos*. Desempenhada por mulheres, a *atada* pertence a homens ou rapazes, que as acompanham de propósito.

Em qualquer dos casos, cada atador reúne e sobraça um indeterminado número de paveias e com elas faz o molho que aperta e ata, de joelho em terra, em nó simples, por meio de um *negalho*, previamente preparado. O *negalho*

faz-se de gavelas do próprio «pão», ou de outra coisa a jeito — junça, hastes de piorno verde, correias de trovisco e até cordeis ou *taniças*. Seja com que for, os molhos atados continuam sob o rastolho^b aguardando que os enrilheiradores os retirem, para fazerem os *rilheiros*.

A *atada* carece de fiscalização rigorosa. Do contrário fica «uma porcaria». Quando os atadores são rapazes dos *rastinhos*, essa fiscalização impõe-se em absoluto, sendo geralmente incumbida ao guarda de herdades, afim de que os garotos aldrabem o menos possível. Novatos e inexperientes, mal podem trabalhar a contento do amo, que reclama perfeição, e ao agrado dos ceifeiros, seus superiores e parentes, que lhes exigem despacho. O guarda ralha com os gaiatos, queixa-se ao manageiro, o manageiro repreende-os também, mas os rapazelhos doem-se pouco. Embora crianças, possuem manha suficiente para saberem que as *sanfonadas* do manageiro, ordenando apuro, são fogos de vistas para amaciar o guarda. Resultado: a *atada* quase nunca satisfaz, porque as paveias nem todas se aproveitam, porque os *negalhos* não prestam e os molhos desatam-se. Consequência: o guarda enfada-se com os garotos e acaba por se enfurecer com os verdadeiros culpados — os *ratinhos*, pais ou tios dos cachopos. Se fala no caso ao amo, vai-lhe dizendo que os «ratos» trazem a atar uns *fundiças* cheirando a cueiros, sem jeito para nada. E o amo observa: — «Ah! ele é isso?!... pois para o ano falaremos... Nem um só desses fedelhos ranhosos... As mães que os desmamem lá na Beira... Nada, que eu pago-lhes como homens... e por homens trato...»

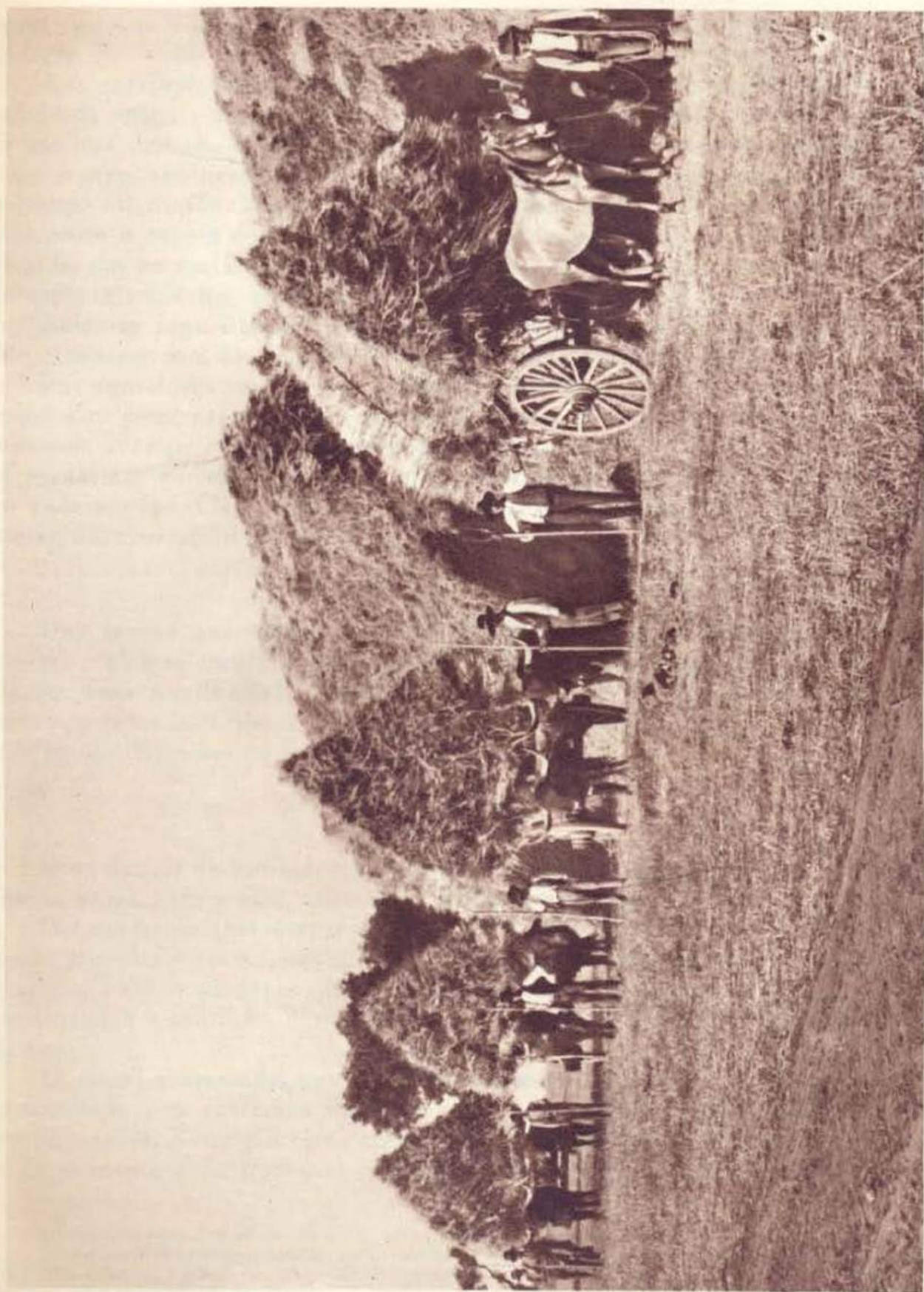
Mas no ano seguinte, quando se ajustam as ceifas, o lavrador já se não lembra do desmazelo dos rapazes, ou se se lembra, finge que se esqueceu. Sempre assim foi e sempre será assim.

Rilheiros Na região elvense e limítrofes, o vocábulo *rilheiro* aplica-se aos montes de molhos que, após a ceifa, povoam os rastolhos, e também às grandes medas que, depois, se levantam nas eiras, com o recolhimento e acumulação desses mesmos molhos. No concelho de Aviz só se designam por *rilheiros* aqueles que se erguem nos rastolhos. Os outros, os das eiras, chamam-lhes *frascals* ou *medas*, como chamam *moreias* aos primeiros, em diversas localidades.

Finalmente, os nomes de *rilheiro* ou *frascal*, nunca devem tomar-se por sinónimos de *almenara*. Em agricultura alentejana, o vocábulo — *almenara* — aplica-se exclusivamente a um grande monte de palha ou de feno, erguido e acondicionado a preceito.

Enrilheiração e enrilheiradores Dos molhos estendidos e atados por ocasião da ceifa, compõem-se imediatamente pequenos *rilheiros*, compassados, dentro da própria rastolhice, onde continuam a permanecer até ao acarreto para a eira.

O serviço de *enrilheiração* compete a homens que não se ocupam da



Enfrascalando o cereal

ceifa, mas que a acompanham, *enrilheirando*. Por isso, denominam-se *enrilheiradores*.⁽¹⁾

Aos *enrilheiradores* cumpre fazer boa *enrilheiração*, de harmonia com o estado do «pão» e do tempo que predomina. Se o cereal está *saraço* (verdurengo) os molhos deixam-se empinados, de pé, durante alguns dias, para secarem a valer e não abolorecerem. Da mesma forma se procede quando o «pão» está molhado ou úmido. Nesta hipótese, dá-se-lhes volta todos os dias, abrindo e alargando a cabeça dos molhos para ourearem as espigas e não grelar o grão. Depois, em os molhos secando e enxugando, estendem-se e enrilheiram-se com as espigas para um só lado e os talos para o outro. O «pão» enxuto e seco, enrilheira-se logo definitivamente em rilheiros grandes e aprumados, que se não repassem com as chuvas e que se prestem a carreguio fácil.

Por cautelosos que sejam os *enrilheiradores*, é raro angariarem os molhos todos. Em geral escapam-lhes muitos, e mais nos rastolhos altos, de bamborraes espessos. Nestes, sempre escapam molhos encobertos, que não vão à eira e que se perderiam em absoluto se os não aproveitassem os porcos, quando entram ao agostadouro. Os porcos aproveitam-nos, sem dúvida, mas é aproveitamento desluzido, cheirando a desperdício.

.....

Das searas que, enfim, tombadas, mostram muitos rilheiros no rastolho, diz-se: — «Vê-se que é boa... Os rilheiros, não despegam uns dos outros... Parece uma novilhada!... Muitos e grandes... E em que tivessem saído, deixavam a fama... Olhem-lhes para os ossos... Mirem esses canudos rezios, que haviam de dar tosse às foices!...»

Acarretos

Dias depois de começarem as ceifas, dá-se princípio aos *acarretos* — à remoção da seara para a eira, afim de se debulhar e recolher.

Os *acarretos* fazem-se por meio de carros puxados a bois ou a muares, senão por uns e outros, simultâneamente e em separado. Ou se acarreta a pouco e pouco, para o despacho da debulha diária, aproveitando-se de preferência as madrugadas e manhãs,⁽²⁾ ou vai de fio a pavio, durante semanas, até finalizar de vez.

O cereal acarretado, que não tem cabida para debulha imediata, reúne-se e acomoda-se nas extremas da eira, compondo rilheiros gigantesco de várias configurações. Estes rilheiros erguem-se dos lados norte e sul, deixando *libertos* o do poente e o do nascente para a eira ficar bem lavada da *travessia*, a dar

(1) *Enrilheiradores*. Veja-se pág. 86.

(2) Por serem as horas mais propícias para *acarretos*. A marezia ou orvalhada, que nessas horas costuma haver, amacia a palha e umedece o grão, o que proporciona carreguio fácil, sem o inconveniente das espigas desbagoarem ou descaheçarem, como sucede quando há calor.

direito o vento oeste — o mais predominante e o melhor para a limpeza do grão por meio de forquilha e pá.

Nas eiras onde se projecta debulhar a vapor, os rilheiros erguem-se onde calha melhor para o nivelamento da debulhadora, e erguem-se altos e largos, para evitar mudanças de máquinas, sempre demoradas e enredosas.

Pessoal dos acarretos Pertence à ganharia e ao grupo dos carreiros. Dos carros de bois incumbem-se: um, o abegão ou o sota; outro, o boieiro que lhe toca, e os restantes, a ganhões de confiança, arvorados em *carreteiros*, sob o mando do abegão. Os carros de muares são guiados e carregados pelos carreiros, compreende-se, às ordens do maioral, que também trata e conduz a sua respectiva parelha e carro.

Nos acarretos de trajectos curtos, entre os rastolhos e a eira, cada condutor de carro, de bois ou de muares, faz-se acompanhar do correspondente *molheiro*, homem ou rapaz que auxilia o carregó e descarregó das carradas. Usa-se isto para se despachar depressa e darem-se muitos *caminhos* em cada dia. Se as distâncias a percorrer vão além de 2 quilómetros, ou menos mesmo, dispensam-se os *molheiros*, porque se passa o mais do tempo no vai-vem das caminhadas. Nestas condições, trabalham carros em número par, afim de os condutores darem molhos uns aos outros e assim se remediarem.

Preceitos e usos Na refrega dos acarretos, os bois trabalham de *revez*, aos meios dias. Os do *revez* da manhã estão nos carros muito antes do amanhecer, e *carreteiam* até ao meio dia, descansando 40 a 50 minutos, das 7 às 8 horas, agarrados aos carros, enquanto o pessoal almoça. Em regra dão dois caminhos antes do almoço dos homens e outros tantos ou mais no resto da manhã. Os do *revez* da tarde agarram ao meio-dia, mas só vão para o rastolho em os ganhões jantando.

Desde que começam de tarde, até que soltam ao sol posto, dão uns três caminhos. Que de tarde e de manhã, pode variar bastante o número de caminhadas. Isso depende, principalmente, das distâncias que medeiam entre a eira e o rastolho, e as distâncias podem ser de dezenas de passos ou de um a três quilómetros.

As parelhas de muares acarretam por todo o dia, do raiar da aurora ao pôr do sol. Entretanto, o gado descansa e come na cavaliça, à hora do almoço, das 7 às 8, e bem assim ao meio-dia, pelo espaço de hora e meia a duas horas. De manhã e de tarde, dão mais caminhadas que os bois, se as jornadas não forem muito maiores. O seu passo ligeiro presta-se a menos demoras e de facto reduzem-nas bastante, com manifesta vantagem. Por esta circunstância, a maioria dos lavradores decidiu-se a fazer os acarretos com muares sòmente. Noutros tempos, via-se o contrário: os bois acarretavam muito e as muares pouco. E' que antigamente, as parelhas reduziam-se a um terço das de hoje.

No rastolho e em marcha Ainda a manhã não rompe e já os carros estão no rastolho, vindos do monte ou da eira, onde o pessoal pernóitou. Vê-se mal, mas a labuta começa para se aproveitar a *marezia* (orvalho) da madrugada — a melhor «maré», em que a palha está macia e o «pão» não desbagoa. Tudo está pois a postos: os bois, obedecendo às *chamadéiras* (varas dos carreteiros); as muares, caminhando de arreata, pela mão dos almocreves.

Carreteiros e carreiros, ⁽¹⁾ guíam a jeito de chegarem os carros rés-vés dos rilheiros, para aí carregarem à vontade. Cada veículo arrima a um rilheiro e cada carregador dispõe-se «à obrigação», auxiliado por seu *molheiro*. O gado estaciona e estaca, não arredando pé sem que a isso o obriguem. Só se mexe e barafusta, espantando-se por qualquer coisa.

Trepando para o carro, o carregador estende no leito o lençol destinado a recolher o grão que salta das espigas. Depois, do cimo do carro, acena ao *molheiro* para que principie a servi-lo. O *molheiro* pronto obedece. De forçado em punho, espeta um dos molhos e alcança-o logo ao carregador, que, por sua vez, o agarra e «aquartela», tomando outro e outros, até acondicionar todos. E então, o *molheiro* conduz o carro para segundo rilheiro, de onde ambos continuam a carregar, passando a terceiro e quarto, se assim lhes for preciso.

Durante o *carreguio*, desatam-se-lhes alguns molhos, o que arrelia os dois homens por terem de atá-los de novo e enredarem-se com isso. Estrugem portanto as pragas aos atadores da *acefa* e a quem olhava por eles.

Sobre a carrada em preparo, o carregador toma as posições que entende para melhor se desembaraçar. Ora manobra de pé, ora de joelhos e de bruços. De qualquer forma, sujeita-se a desastre sério e sobretudo no fim, no momento crítico em que se empoleira no topo da carrada, para a cerrar e atar. Então, arrisca-se a um boleu formidável ou a espetar-se nos fueiros e furar a pele. Como neste instante o carro desate a rodar sem governo, é quase certo a carrada tombar, o carro partir-se e o carregador estender-se, pelo menos. Senão ficar pior, com os ossos avariados e de tripas ao sol, à beira da sepultura. Felizmente são raros os desastres fatais, porque os acarretos fazem-se, em geral, com muares e bois mansos, experimentados e escolhidos entre os de maior confiança. No entanto, toda a cautela é pouca. Erguer carradas e limpar árvores, constituem serviços perigosos, algo temidos, a que muitos ganhões se escusam por amor às costelas. Outros, querem-nos desempenhar à força, faltando-lhes as aptidões. Não se conhecem...

À medida que os rilheiros desaparecem, as carradas vão subindo e alar-

(1) Por ocasião dos acarretos, os ganhões, condutores de carros de bois, tomam a classificação de carreteiros. Por carreiros, consideram-se somente os dos carros de muares, também conhecidos por almocreves.

gando até às pontas dos fueiros — *travadouro* — onde atingem a largura máxima. Daí para cima começam a recolher e assim vão subindo até fecharem em pirâmide, de três a quatro metros de altura.

A carrada de bois é sustida por duas cordas de linho ou de cabelo. A primeira — a travadeira — trava os molhos contra os fueiros, na altura do *travadouro*. A segunda, denominada de *inquirir*, ou de carregar, sobraça a carrada pelo centro, apertando-a e sujeitando-a de alto a baixo e de lado a lado, para evitar desaranjo e desmancho.

As carradas de muares dispensam a travadeira, por se erguerem em carros de enfueiraduras mais curtas que os dos bois. Para ficarem seguras, basta a corda de carregar.

.....

O feitiço irrepreensível de uma carrada grande exige conhecimentos e destreza que nem todos possuem. Por isso, notam-se carradas pequenas e tortas, entre grandes e corretas, de execução artística e alçado imponente.

Lá no meio do rastolho, na ocasião de se rematarem umas e outras, é da praxe fazerem-se-lhes os comentários. O pessoal puxa, pois, das petacas, e, enquanto *cigarrreia*, os sabichões de fama, com honras de *alquítetes*,⁽¹⁾ miram e remiram o carreguio. E sem ambages nem modéstia, abarrotando mestria, pronunciam o seu parecer. É muitas vezes suspeitíssimo, mas isso não os acanha. Ouçamo-los:

— Esta, vai à Camões, oh parentel!...

O «parente», responde:

— Está boa, está... Mas cá a do *cura* não se lhe agacha... Se a tua é *poeta*, a minha faz *mimoira*... Cá o rapaz tem olho e unhas... *Salomão* não faria melhor...

Um terceiro, bastante retórico, observa:

— Ambas estão *faías*, não há dúvida... E ali a do Malvarisco, *tamém* se lhe não põe *pitafe*... A dele e as de vocês, não envergonham, está bem de ver... Mas a minha, desbanca a todas... Vejam onde ela trepa!... Larga a mais não poder... E direita... Direita como um fusol!... Quem é *chastre*, canta assim!...

Já eles lhe metem folhagem... — diz a meia voz outro, menos farronca. E prossegue: — Se eu fosse *gavazola* dava-lhe *p'las* ventas com a minha... E fazia-os comer abóbora... Mas deixá-los *p'ra'i* *alanzoar*... Obras, quitam palavras!...

O abegão atalha, observando: — Cada um faz o que pode... O que se quer é molhos para cima... muitos molhos... E firmesa nas cordas... Que elas, estão

(1) Este termo de *alquítete*, adulteração de *arquitecto*, empregam-no frequentemente os campónios, como sinónimo de habilidoso, sabedor, engenhoso, etc.

a preceito, quase todas... Só ficou marrana além a do *Pencuelhas*... Alto será que se não *estrapalhe p'ró* caminho... O alma do diabo não se mete em brio!...

.....

Os comentários terminam e os carros põem-se em marcha. Antes de marcharem, os bois e as muares esforçam-se um pouco para arrancarem os rodados dos regos da rastolhice. Arrancam-nos, afinal, de uma «avançada» maior e, a seguir, caminham aos solavancos, enquanto vão na lavrada. Dezenas de passos apenas, porque a pouca distância entram no trilhado aberto pelo trânsito e logo adiante na carreteira. Cessa, portanto, a aspereza do piso e os carros passam a rodar melhor. Os almocreves guiam-nos sentados na taleira ou a pé e de arreatas na mão. Os carreteiros dirigem-nos a pé, adiante dos bois, acenando a estes com a competente *chamadeira*. Os molheiros de todos, seguem «à pata», ou acomodam-se como podem, nas traseiras das carradas. De resto, tudo jornada em marcha vagarosa, tendente a acautelar das escabrosidades dos caminhos e da importância das cargas.

Arrastando-se sob o peso enorme que transportam, os carros manchegos rangem aos sons estridentes e doloridos que os denuncia à légua. Há um não sei quê de emocionante nos rangidos amargurados desses anacrónicos veículos, que se acentua mais nitidamente às horas silenciosas da madrugada e do anoitecer. A qualquer hora que seja, posto impressione ouvi-los, agrada vê-los em marcha ronqueira, puxados por corpulentos bovinos, quase indiferentes à missão que desempenham, meio escondidos pelo volume gigantesco que arrastam. As carretas e os carros de muares seguem em sossego, ouvindo-se-lhes apenas os aljorges das bestas. ⁽¹⁾

Juntas e parelhas, todas conduzem carradas colossais, pirâmides imponentes, de acabamento arrojado, que ora deslizam pela carreteira, serenas e aprumadas, ora se inclinam e balouçam, ao impulso dos socalcos. E assim transitam até à eira, sempre vistas com interesse, sempre olhadas com atenção. Nelas caminha alfim a messe sasonada da grande cultura cerealífera, prestes a pagar as canseiras de muitos dias, o trabalho de muitos meses!...

.....

Percorrido o trajecto, entra na eira a carraria e desde logo aborda aos rilheiros, para aí descarregar. Carreteiros e molheiros confundem-se e equiparam-se nesses momentos, para, entre todos, despacharem. Enquanto uns sobem aos carros e de lá atiram com molhos, outros aparam-nos e colocam-nos no rilheiro em preparo, que assim cresce e alarga, até se erguer e cerrar. Minutos depois, os carros estão vazios e varridos, o pessoal salta-lhes para cima e a carraria volta ao rastolho, zunindo pela estrada fora, aos toques e solavancos.

(1) Aljorges pendentes dos burnis das muares, muito em uso na época dos acarretos.

Os almocreves vão nas horas de estalar, guiando de pé, sobre o leito, como equilibristas garbosos que sabem do ofício...

.....

* * *

Fundas por carrada Para se nortear em cálculos e previsões, usam os lavradores informar-se do número de carradas de «pão» em rama que lhes produzem as searas, e sobretudo as «folhas» e «tornas» mais em evidência. Sabida a conta das carradas, e conhecidas as condições em que as mesmas se ergueram e «deram», o lavrador conjectura logo do bom ou mau êxito da colheita. Engana-se algumas vezes, mas nem por isso abandona o hábito de inquirir e de avaliar. É por que o hábito está arreigado, pormenorizar-lhe-ei as bases. Assim, a funda ou quantidade de grão contido na palha de uma carrada, depende do volume da mesma, da natureza do cereal, do comprimento da palha e da grada das espigas, que tanto podem estar cheias, como falhas ou sacudidas. No entanto, uma carrada mediana, em carro de muares, cujo «pão» esteja grado, sem muita palha por aí além, atribui-se-lhe, geralmente, o seguinte: em trigo, 25 decalitros; centeio, 28; cevada, 40; aveia, 70. As que fundem isto, já dão bem. Que podem dar mais ou menos, compreende-se. Os cálculos falham com frequência, por melhor que se fundamentem.

Precauções contra incêndios

Sabe-se que as searas, depois de secas, tanto no rastolho, em pé e tombadas, como na eira, em rilheiros e calcadouros, correm o risco de serem destruídas por um incêndio, resultante de descuido involuntário ou propósito de malvadez. Por conseguinte, os lavradores previdentes acautelam-se desse perigo, recorrendo ao seguro, aceirando as eiras e fazendo guardá-las de noite pelo guarda de herdades ou por guarda próprio, ainda vigiado por aquele e até pelo lavrador. Um ou mais cães auxiliam a guardaria.

Seguros O das searas, contra o fogo posto ou casual, introduziu-se no concelho de Elvas há coisa de 27 anos. A companhia *Lealdade*, do Porto, por via do seu agente Samuel Ferreira Batista, foi a primeira que os iniciou, segurando em 7 de junho de 1883 o trigo, cevada e aveia do sr. David Rodrigues, de Varche. A seguir efectuou outros seguros, e, por sinal, teve de pagar logo parte de um ao sr. João Miguel Caldeira, então lavrador da herdade das Esquilas, concelho de Monforte.

Passado pouco tempo, a Companhia *Lealdade* fundia-se na *Tagus*, e esta, mantendo antigas normas, não quis continuar o seguro de searas introduzido por aquela. Entretanto, propôs-se a isso a Companhia *Confiança Portuense*, por intermédio do seu representante em Elvas sr. Joaquim Dias Barroso,

que realizou imediatamente vários seguros, sendo o primeiro a 25 de junho de 1883, da folha da herdade das Caldeiras, do falecido lavrador João Carlos da Costa.

Não obstante a propaganda do sr. Barroso, os seguros agrícolas efectuados em 1883, foram poucos e o mesmo aconteceu nos dois anos subsequentes. Só aí por 1890 e tantos, se generalizaram e acreditaram. E' que as experiências estavam feitas e as vantagens reconhecidas. Factores desta nova e melhor orientação, encontramos: primeiro, na seriedade absoluta da *Confiança Portuense*, que tem pago pontualmente os sinistros por ela garantidos; segundo, na propaganda e concorrência de novas companhias (*Internacional, Fomento Agrícola* e outras) que espalharam agentes e circulars por toda a parte; terceira, na melhoria de vantagens para os segurados, cujas indemnizações, de 75% que eram em princípio, passaram a ser totais, sem aumento de prémio. A indemnização integral e a propaganda activíssima dos agentes, foi o que mais influuiu para a generalização dos seguros. Quanto ao prémio estipulado, foi e é de 800 reis por cada 100\$000 reis de valor asegurado. Para as searas atravessadas por via férrea ou debulhadas a vapor, acresce o adicional de 200 reis por cada 100\$000 reis, a pretexto de ser maior o perigo de incêndio.

Eiras

O local onde se debulha e limpa a seara ou searas de todo e qualquer género, chama-se *eira*. A superfície occupada por uma eira varia de área, dimensões e preparo, conforme pormenorizei em outro lugar. ⁽¹⁾ Eiras circundadas por terrenos de rastolhice ou *pastorrais*, costumam ser defendidas por um *aceiro* largo e bem feito, que evite ou dificulte invasões de incêndios. ⁽²⁾

Para facilitar acarretos, é frequente haver mais de uma eira em cada lavoura grande, funcionando todas simultâneamente ou cada qual por sua vez. Em regra, a eira fica a uns centos de metros do monte para onde se recolhe o grão, ou donde vai a comida destinada ao pessoal. ⁽³⁾

O sombracho Junto a cada eira nota-se geralmente um espaçoso sombracho, erguido de propósito no começo de cada verão, para comodidade da ganharia e dos chegadiços que aparecem. E' um choço simples, de giesta ou

(1) Veja-se na página 21.

(2) O *aceiro* consiste em uma faixa de terreno limpo contornando toda a eira, na largura de 8 a 12 metros. Prepara-se por meio de lavoura e gradagens, ou raspando-se o terreno à enxada, de modo a ficar nu, em condições de interceptar qualquer fogo que possa vir dos arredores.

(3) Nos rocios contíguos às povoações do Alentejo, há as eiras de servidão comum para os seareiros das correspondentes localidades. Em Elvas e outras terras importantes é considerável a quantidade de cereais limpos nos respectivos rocios. Na força das colheitas, do princípio de junho até ao meado de julho, todos eles estão abarrotados de rilheiros e povoados de trabalhadores.

Interessa ver então esses espaçosos logradouros públicos, retalhados em pequeninas eiras, cada qual com o seu sombracho, e em quase todas algumas galinhas e pintos, para caçarem as formigas que dizimam o grão. As formigas nunca se extinguem em absoluto, mas os «vivos» engordam e crescem maravilhosamente.

de piorno, em forma de alpendrada, que se torna singularmente aprazível nas horas de calor. Nele se instala o pote da água, a banca da comida e os tripeços e mochos que servem de assentos. Representa, enfim, um local de descanso, de sombra ventilada e fresca, onde o pessoal come, bebe, fuma e palestra, nas horas vagas do dia, ao abrigo do sol rutilante que dardeja em volta, tisonando rastolhos e pastos. O fresco que se goza no interior do sombracho à hora do meio dia, contrasta em absoluto com o calor asfixiante que se faz sentir fora, na vastidão imensa dos campos ressequidos.

Usos Nas lides das eiras, a quantidade de pessoal ocupado, as horas de trabalho, os salários e outros usos subordinam-se ao processo de debulha que está em execução. E como há vários sistemas de debulha, a cada qual andam adestrados certas praxes e costumes que referirei oportunamente, ao tratar de cada especialidade.

Em todo caso, na alimentação do pessoal observa-se tal ou qual uniformidade, quer seja no preparo e qualidade das comidas, quer pelo que respeita às horas e local onde se come. ⁽¹⁾ Geralmente, come-se no sombracho da eira e por acaso no monte, se o monte fica a poucos passos. Em regra, almoça-se das 7 às 8 horas e janta-se ao meio-dia. A ceia tem lugar ao escurecer, nas debulhas por máquinas, e mais tarde nas de calcadouros e montões, à antiga. Nas malhas de centeio suprime-se a ceia e, em troca, serve-se a *merenda*, aí ao sol posto, ou antes.

Qualquer que seja o sistema de debulha e trabalhos acessórios, o pessoal pernoita no meio da eira ou em volta, ao relento e à fresca, onde lhe calha melhor. Se o frio aperta, os pernoitantes estendem-se ao abrigo da palha amontoada e nela chegam a envolver-se, à minguá de *copa*.

* * *

Feição das eiras Na força das colheitas, quando os serviços se multiplicam e avolumam, a eira torna-se o ponto convergente de todo o movimento da lavoura. A grandeza, disposição e variedade dos rilheiros e das almenaras; a azáfama das debulhas por este ou por aquele processo, senão dois simultaneamente e em separado; os montões de cereais limpos e a medição dos mesmos; as pilhas de sacos cheios, aguardando saída; o barulho e o movimento dos carros, uns a descarregarem molhos, outros a carregarem o grão para o celeiro; o desvio e a remoção da palha por vários sistemas, desde o da baldeação para as almenaras e redes com baldes e panais, até ao enfardamento na compressora mecânica; e outras pequenas coisas que completam aquele movimento

(1) Veja-se *Alimentação*, páginas 117 e 118.

afanoso, celebrado e apreciado pelos que estão e pelos que chegam, ⁽¹⁾ tudo isso enfim, reunido, compõe um cenário interessante, dos mais típicos e notórios da lavoura alentejana.

A eira nas colheitas é sem dúvida a grande oficina rural, de abençoada laboração. O lavrador assiste-lhe com assiduidade e carinho, coopera nos trabalhos de limpeza, dá ordens a todo o momento e do que vê e ajuiza, fixa impressões várias, algumas tão emocionantes que jãmais olvida. Impressões lisongei-ras e ótimas nos anos abundantes; tristes e amargas nos de escassez manifesta. É assim a vida do lavrador e ele o sabe muito bem pelo que a experiência lhe ensina.

Debulhas

Podem principiar entre maio e junho, quando porventura se precisa reco-lher géneros para rações de gado e fabrico de *marrocatés*. ⁽²⁾ Semelhante *apertos*, obrigam a debulhas prematuras, restringidas, em todo o caso, a pequenos calca-douros de cevada e a quaisquer *machocas* ⁽³⁾ de centeio. São colheitas antecipadas, e como tais, por vezes, sofrem contratempos, de chuvas copiosas que prejudicam e empatam o despacho ambicionado. Por isso só se fazem excepcionalmente, por necessidade absoluta.

.....

Como não surja motivo imperioso que apresse ou retarde a faina, as debu-lhas começam a valer e sem interrupção de maior, na primeira semana de junho tendo a primazia as favas e a seguir a cevada e o centeio. O trigo entra em cena no mês de julho e a aveia reserva-se para o fim da época, já em agosto, no pro-pósito de, entretanto, comerem dela, nos rilheiros, as éguas da debulha, as muares dos acarretos, a besta da água e alguma rez fraca. Os rilheiros de aveia, assim dizimados junto da eira, mingnam a olhos vistos, mas o gado engorda a vapor, por comer à farta e à franca. Esta franqueza não se compara com a prodigalidade e desperdício de outros tempos, mas ainda traduz largueza exces-siva, sobretudo nas lavouras grandes e antigas, em que se não faz caso de miudesas.

.....

Sistemas de debulha Usam-se quatro: primeiro, a patas de éguas manadias, em *cobra*; segundo, por meio de *trilhos*; terceiro, a *mangual*, por malha braçal, com homens vigorosos; quarto, à máquina debulha-

(1) Às eiras chegam curiosos de várias procedências, transeuntes das carreteiras vizinhas, ganadeiros de rebanhos a apascentarem-se em volta, caçadores, contrabandistas, gente «à boa vida» por terem abalado donde estavam, inválidos mendigos, etc.

Todos que chegam são considerados *chegadicos* e todos partilham das sopas da ganharria, querendo. Em troca, muitos deles incorporam-se no trabalho por algum tempo, afim de se entreterem, ou para fazerem jusa admisão se nisso se em-pnham. Outros, solicitam a ferramenta de um parente ou amigo na mente de lhe darem «uma ajuda».

(2) Pães de centeio.

(3) Pequenos lastros de centeio que se malham e limpam excepcionalmente, afim de se farinar e panificar em seguida

dora, movida a vapor. O primeiro sistema, aplica-se indistintamente a todos os cereais e legumes; o segundo, usou-se muito no trigo, mas já passou à história pelo menos nas eiras de grande movimento; o terceiro, exclusivo para o centeio, também vai estando abandonado, e finalmente, o quarto, o da debulha a vapor, a prevalecer sobre os outros, porque satisfaz à maravilha para todo o género de cereais.

* * *

Calcadouros Dá-se este nome às unidades de cereal em rama que se depõem no lastro da eira para imediata debulha por éguas ou a trilho. No acto de se estenderem, apresentam a configuração de montões volumosos, que depois baixam e alargam, à maneira que a palha assenta com a debulha.

Os calcadouros preparam-se a toda a hora que seja preciso, mas estendem-se com mais frequência de manhã cedo. E, ou se fazem de molhos recém-vindos do rastolho, nos sítios em que se tenciona debulhar, ou se compõem com o «pão» que se reserva nos rilheiros e que a braço se conduz ou arremessa para o lastro. De qualquer maneira, aquilo que se vai debulhar é prèviamente desatado à foice para não embaraçar a debulha.

Quando por acaso se trata de centeio, os molhos, embora desatados, colocam-se, empinados e unidos, contornando-se uns aos outros, em vez de se estenderem a esmo e a baldão, como se usa no trigo, na cevada, na aveia e nos legumes.

Com o centeio principia-se por se colocar um molho direito no centro do lastro, e, em volta, vão-se-lhe encostando outros, em posição semelhante, até o calcadouro se arredondar na circunferência que se quer.

O calcadouro grande, de vinte a trinta carradas, convém ser debulhado por duas cobras de éguas, a trabalharem nele simultâneamente, mas em separado e desencontradas uma da outra. Para os pequenos, de seis e vinte carradas, basta apenas uma cobra, maior ou menor, conforme a quantidade da palha.

Debulha por éguas As éguas introduzem-se no calcadouro jungidas em *cobra* e sobre ele giram aceleradas, em voltas sucessivas, durante horas e horas, até que à força de correrem e pisar conseguem «fazer» a palha, desprender as espigas e debulhar o grão. Mas antes de prosseguirmos em maiores detalhes, retrocedamos um pouco para consígnar os preliminares que antecedem a introdução das éguas e bem assim os costumes em voga neste género de debulha.

Para o trabalho em questão, as éguas são prèviamente jungidas em linha, depois de se prepararem com ferraduras nos cascos e calças de couro nas quartelas. Sendo muitas, repartem-se em gurpos de 6 a 8 ou 10 éguas, e cada grupo desses toma o nome de *cobra*.

A *cobra*, grande ou pequena, apresta-se com uma corda de linho ou de cabelo, e tantos colares de análoga procedência, quantas sejam as éguas a

encobrir. À corda (*cobralha*) prendem os colares, atando-se cada um ao pescoço de sua égua, de modo a ficarem todas presas e encobradas; — presas em condições de se poderem soltar facilmente. A seguir, senão antes, é encabrestada a égua de uma das extremidades — égua mansa, sabedora e escolhida a preceito para trabalhar à mão do eguação. Na extremidade oposta à «da mão», figura a «da ponta», recrutada entre as melhores e mais ligeiras.

Dentro do calcadouro ou à beira dele, nos momentos de intervalo destinados às voltas do calcadouro por meio de forcados e forquilhas, as éguas mudam-se e alternam-se nos lugares que vinham ocupando. Assim é necessário para haver equidade na execução do trabalho, pois que a debulha fatiga-as muito em determinados lugares e pouco ou nada noutros. Ao passo que a égua «da mão» mal se mexe, por andar vagarosamente num giro reduzidíssimo, a «da ponta», estafa-se na marcha, por contornar a galope a circunferência do calcadouro. As intermediárias, trabalham e fatigam-se menos que a «da ponta» e tanto menos quanto mais se acercam da outra, que fica à mão do eguação.

Consequentemente, de vez em quando, mudam-se as dos lugares forçados e violentos para os outros menos custosos e as destes para aqueles. Isto na hipótese de todas estarem em iguais condições de resistência, ou aproximadas, pelo menos. Não estando, as possantes e trenadas ocupam alternadamente a ponta, o centro e imediações e as fracas e velhas substituem-se nos lugares de menos custo — «na mão» e imediações. As poldras *primeiriças* ou de *amansia* (de dois e três anos de idade), nunca trabalham «na ponta», nem «na mão». Geralmente, ficam num lugar de exercício moderado, onde se fatiguem pouco.

.....

A debulha por éguas era a preferível antes de se vulgarizarem as debulhadoras a vapor. Só a não usavam os pequenos lavradores e os seareiros que, não possuindo éguas, nem as obtendo de empréstimo ou alugadas, debulhavam, à falta de melhor, com umas bestitas quaisquer, senão recorrendo aos trilhos, como ainda hoje praticam alguns. Afóra estes, todos preferiam as éguas, porque elas são, com efeito, os animais de maior préstimo para a debulha de cereais. Hoje mesmo, muitos lavradores continuam a utilizá-las nesse trabalho, que realmente despacham com garbo inexcusável.

A auxiliar e completar a debulha, ou seja a cuidar dos calcadouros, estendendo-os, voltando-os e limpando-os, bem como a remover e almenarar a palha, figura nas eiras o pessoal preciso, sob a direcção do abegão ou de quem o represente. Este pessoal compreende homens e rapazes de diversas idades e aptidões ⁽¹⁾ incluindo velhos e rapazolas, quase inadmissíveis nas debulhas a vapor e inaceitáveis em absoluto nas malhas braçais. A debulha por éguas e trilhos, é de molde a empregar gente de toda a ordem, desde que seja dirigida por encarregado zeloso e sabedor.

.....

(1) Ganhões anuais, temporeiros e a dias, de mistura com rapazes de temporada e a jorna. Veja-se *Pessoal de uma lavoura*, pág. 55 e 64.

Quando se «agarra e solta» — Intervalos A ganharia «agarra» antes das éguas e «solta» muito depois. De manhã, «agarra» aí ao nascer do sol, tratando logo da baldeação das palhas, do preparo das almenaras, limpesas por concluir da véspera, medições, etc. E simultaneamente, enquanto uns se ocupam nas lidas mencionadas, outros estendem calcadouros ou arneiram trigo. Em poucas palavras, a «família» agarra e solta conforme o adiantamento dos serviços e segundo o vento dá. Soprando do travessio e havendo calcadouros debulhados, aproveita-se a maré, limpando-se a valer e de vontade logo ao amanhecer, durante o dia todo e pela noite fora.

Para maior despacho, chega-se a reforçar o pessoal com gente de outras ocupações. Se, pelo contrário, o vento é fraco ou nulo, o trabalho começa tarde e acaba cedo, arrastando-se vagaroso e desluzido, com o desânimo característico da calmaria que reina. — «Hoje não dá cubiça», dizem os trabalhadores.

Desde que se principia de manhã até à noite, o pessoal descansa duas vezes: das sete às oito, para almoçar e do meio-dia à uma para jantar. À ceia, comem-na depois da solta.

* * *

A debulha As éguas entram para o calcadouro das seis às sete da manhã, botam fora ao meio-dia para beberem e comer, ⁽¹⁾ voltam a debulhar de tarde e soltam-se definitivamente aí às cinco horas. No exercício de debulha, são conduzidas por um homem prático — o eguariço, ordinariamente — que as governa e manobra com um flexível e formidável açoite. O qual açoite zune de vez em quando, ora em estalos estridentes e inofensivos, ora assentando de firme nos quadris das executantes. Elas compreendem o estímulo, doi-lhes, alvoroçam-se e animam-se. De princípio resvalam e afocinham a cada passo por falta de apoio no piso e por que a palha as afunde até à barriga. Mas a pouco e pouco vão-se equilibrando e em breve acertam, quarteando e torneando o calcadouro sem o mínimo atrito, em circunvoluções donairosas, de um rodopio estonteante.

Com esse revoltar febril, em que o açoite estaleja, pronto se esmaga a palha à superfície e pronto ela se tritura e esmaga, mostrando-se «feita». A seguir, os ganhões dão-lhe volta cautelosa com os forcados, de maneira que a triturada, depois de remexida e sacudida ⁽²⁾ vai para baixo e a de baixo, inteira, vem para cima. Isto, tratando-se de trigo ou de legumes. Se se trata de centeio, cevada ou aveia, a palha à superfície em vez de voltada é extraída ao de leve com as forquilhas e com as forquilhas se põe fora. A que por fim resta, quando a debulha termina, representa uma fracção insignificante que sai ao vento.

(1) Vão beber onde haja água mais próximo e comem no rilheiro da aveia, por espaço de uma hora a hora e meia.

(2) Sacode-se para que o grão debulhado caia no lastro e não se embrulhe na palha.

Enquanto os homens dão volta à palha, a cobra continua debulhando, mas num campo restrito, que o pessoal faculta, se pode. Havendo impossibilidade de ambos os serviços prosseguirem a par, as éguas suspendem e aproveita-se-lhes a paragem, mudando-as de lugares. Ou vão entretanto debulhar noutra calcadouro disponível. Depois tornam ao sítio que deixaram e à tarefa que interromperam. E aí, de novo em cena, não esmorecem. Pelo contrário, continuam a correr garbosas e ágeis, a arregaçarem os braços e a mostrarem as ferraduras *poídas*, brilhando ao sol como se fossem de prata. De longe em longe a velocidade bota-as fora em desmandos de confusão, que remedeiam num instante, por instinto próprio ou por que a isso os obriga o açoite do eguariço.

Nesses desmandos arrastam palhas e espigas, que os homens recolhem à procedência para evitar desperdícios de efeito desagradável.

À debulha prossegue, entrecortada pelas voltas de que a palha carece, até ficar em condições de limpeza ao vento. Fica, afinal, com a palha grossa ou miuda, ao estilo da localidade ou ao capricho do lavrador. ⁽¹⁾ As éguas retiram então para outro calcadouro ou desencobram de vez, sendo horas de solta. Saem enfim da refrega e saem bastante enxovalhadas, de cabelo sujo e empastado por motivo do pó e do suor. Mas não revelam cansaço, tão alegres se mostram e tanto rincham para as crias. ⁽²⁾ Mais tarde, ou logo a seguir, no acto de as desprenderem da cobra, vemo-las de novo radiantes e rinchonadas, a darem de mamar às crias e a afagarem-nas com ternura. De vez em quando esquecem os poldrítos e tratam de si: — sacodem-se das moscas que as perseguem e das sujidades que as afeiam. As moscas, o suor, o pó e as praganas incomodam-nas bastante. Por isso, uma vez em liberdade, todas alçam o rabo e todas se espojam na terra. Daí a nada, éguas e crias, tudo desata a correr e espinotear, em retouça brava, a caminho da água e do rilheiro, para refrescarem o sangue e restaurarem as forças. ⁽³⁾ Trabalharam oito a dez horas, com ligeiras interrupções.

(1) Conforme é o cereal, assim demora a debulha. O que entretém menos é a aveia e a seguir a cevada, os trigos moles e o centeio. Os trigos rijos opõem resistência singular, sobretudo o lobeiro, genuíno tipo dos durázios. Este, dá que fazer, tão arreigado se conserva nas espigas e tão filamentososa é a palha. Para as éguas e os trilhos o debulharem convenientemente, precisam de muito mais tempo do que para os outros cereais. Chegam-se a meter carros nos calcadouros, afim de rodarem adiante das éguas e lhe facilitarem o serviço.

(2) Enquanto as éguas debulham, as crias que lhes pertencem estão encerradas em qualquer curral ou cercado próximo, que tenha sombra. Não havendo cercado, os poldrítos ficam em liberdade, nos arredores da eira e do rilheiro da aveia, onde comem. No rilheiro param pouco, depois de se fartarem. Preferem retouçar à larga e envolverem-se entre as mães. Isto perturba o regulamento da debulha e por conseguinte o pessoal espanta-os e fá-los sair do calcadouro. Mas teimam em voltar e voltam dezenas de vezes, enquanto se não enfadam de *carábia*. Aquilo agrada-lhes muito para tentarem chuchadeira nas tetas das mães e depois enfileirarem na cobra, fazendo figura. O que é o instinto da imitação!...

(3) Posto seja difícil calcular sob uma forma genérica qual a porção de cereal que uma égua debulha em cada dia, não será despropósito atribuir-se-lhe o seguinte:

Trigos moles	35 a 40	decalitros
Trigos rijos.	15 a 20	»
Centeio . . .	40 a 45	»
Cevada . . .	45 a 50	»
Aveia . . .	60 a 70	»

Isto são meros cálculos, em que não pode haver absoluta confiança. Para o despacho em questão, concorrem muitos factores importantes de condições variáveis. Número, aptidões e desembaraço do pessoal, criação do género em debulha, com pouca ou muita palha, de espigas bem ou mal gradadas; dimensões do calcadouro; temperatura do dia, etc.

Limpeza ao vento Na maioria dos casos, o calcadouro debulhado passa a imediata limpeza. Só permanece por limpar, à falta de vento ou quando se impõe o despacho de outros atrasados. Também acontece limparem-se dois ao mesmo tempo, mas em separado e com o pessoal diverso, é claro. Um ou quantos sejam, antes de se passarem à forquilha, são previamente ancinhados e varridos da circunferência para o interior, afim de ocuparem menos campo. Perdem então a forma circular que tinham e adquirem a quadrangular, melhor ou pior delineada.

Quando um calcadouro ocupa área grande, o abegão traça-o previamente, de norte a sul, dividindo-o em duas metades, para a do lado do poente ser limpa em primeiro lugar.

Em regra, as horas da tarde são as preferidas para os serviços de limpeza. Prefere-se a tarde porque a essas horas há geralmente calcadouros debulhados e porque das três em diante costuma soprar «boa travessia» (vento oeste), circunstância valiosa de singular apreço. O vento *travessio*, batendo rijo e certo, como de ordinário bate nas tardes e noites de verão, despacha mais e melhor que outro, principalmente que o do *suão*, o pior de todos, pela sua notória e aborrecível inconstância. Com efeito, o *suão* ou leste, tanto se faz sentir em rajadas e redemoinhos violentos, que baralham e transtornam os serviços, como se cala de todo, durante horas e dias. Tempo desluzido, horas de calmaria asfixiante, em que as limpezas chegam a interromper-se pela impossibilidade absoluta de prosseguirem. Empates de eiras, para desespero do lavrador e arrelia do abegão. Aos ganhões, agrada-lhes...

De lenços ao pescoço, a livrarem-se das praganas, homens e rapazes, após os preliminares descritos, entram no lastro, colocam-se em linha e dispõem-se a limpar. A limpar deveras, por meio de forquilhas e com a acção do vento, factor imprescindível.

O abegão ocupa a extrema de onde corre o vento; os ganhões ficam entre ele e o *palheiroiro* — um ganhão qualquer, colocado na outra extrema, de onde desvia a palha que o vento arrasta. Desvia-a de vez, a ficar fora.

Abegão e ganhões, em posição de atiradores, enchem as forquilhas, atiram-nas ao ar e despedem-lhe o conteúdo, seguindo de norte a sul e vice-versa. E o vento lá abala com a palha, arrastando-a pelos ares, em torvelinhos caprichosos e poeirentos, ao passo que o grão cai no solo, de mistura com os troços de palha e outras impuridades. Por seu turno, o encarregado aventeja com maior desembaraço e preceito. À sua forquilha, de dentadura mais cerrada que a dos outros, enche-se no grão já «aventejado» pelos ganhões. Faz as *pelas*,⁽¹⁾ que assim se diz em fraseologia de eiras.

(1) Vai afastando o grão livre de palha, mas ainda muito sujo com troços, cachos das espigas, bonicos das éguas, torções, etc. É enfim o grão já aventejado pelos ganhões e que de novo vai ao ar. O abegão quando o aventeja, dá-lhe a volta precisa para cair a jeito de se estender pela eira em faixas paralelas, que se denominam *pelas*. Os ancinhos penteiam-nas depois, catando-as das impuridades que contêm. É talvez esse o motivo por que lhe chamam *pelas*.

Em suma, o grão «aventejado» vai tombando para o lado do vento e a palha segue ao inverso, em rumo oposto. Se por ventura ainda cai dentro do calcadouro, de novo a atirarão ao ar, para sair de vez, ou para cair próximo do *palheiro* e este a desviar. Assim às avançadas, de norte para sul e de sul para norte, desempalha-se ⁽¹⁾ um calcadouro em duas horas ou menos, desde que o vento ajude. Porque sem vento de feição e certo, nada de jeito se faz. Em mudando de repente, que bata de caras ou às avessas, com redemoinhos impertinentes, o trabalho transtorna-se, a eira suja-se e os limpadores enfadam-se. Enfadam-se, por não poderem suportar as palhas e a moinha, que lhe flagelam o rosto e lhe martirizam os olhos.

.....

Desempalhado o calcadouro, varre-se-lhe para dentro os bagos arredios e o mais que se encontra. Tudo varrido em volta, amontoa-se suficientemente para, em montão ou à *pela*, se limpar a preceito com o auxílio das pás. A palha saiu à forquilha, como ficou dito. Resta separar os *cachos*, ⁽²⁾ os bonicos das éguas, etc.

O abegão ou outro homem entendido, senão dois, de pá em punho, entram a contas com a tarefa, apedejando o grão e a murraça que o envolve. Em frente dos homens das pás trabalham os dos ancinhos e baleios, três ou quatro pelo menos. Quantos sejam, à medida que os bagos caem no chão, largando nuvens de pó, vão-nos baleando e ancinhando a capricho, extraindo-lhe as impuridades. Tanto trabalham os das pás e os dos ancinhos e baleios que em menos de uma hora o montão está passado e limpo. — «Pronto!» — diz o abegão, cravando a pá no montão. E os camaradas imitam-no, largando as ferramentas. Depois, vai de cigarrada e de paleio, sobre a funda do género e da qualidade que aparenta.

.....

O trigo limpo e amontoado vai depois ao crivo ou arneiro para se joeirar das sementes, torrões e pedrinhas, que porventura lhe restem. É quase o mesmo se faz ao centeio com muita areia, o que é inevitável nas eiras térreas, não calçadas. Para esse caso, empregam-se crivos de ciranda, que separam rapidamente o centeio da areia que o suja. Na cevada e na aveia, prescinde-se de arneiros. Conforme ficam da limpeza à pá, assim se mede e ensaca. Dos legumes, arneira-se apenas o grão de bico.

Malhas A malha é uma debulha braçal que se aplica ao centeio. Desempenham-na homens robustos e sabedores com o auxílio de *manguais*. Esteve muito em voga noutros tempos, ainda hoje se vê nas lavouras pequenas,

(1) Nas eiras diz-se *desempalhar* e não *desempalhar*.

(2) *Cachos* chamam-se aos fragmentos das espigas, que no todo ou em parte, escaparam à debulha. Contêm grão, é claro, que merece aproveitar-se e que se aproveita realmente, debulhando-se à parte no «levante das eiras». Em Campo Maior chamam-lhe *granças*.

Os cachos de cada espécie de cereal vão-se juntando à parte, num montão afastado, que se debulha e limpa no fim da época. Isto no caso de se reunir porção avultada que valha a pena.

mas virá a acabar depressa, tão pouco se vai usando. Além de razões económicas, mais ou menos discutíveis, determina esse abandono, não só a rapidez e perfeição dos modernos sistemas de debulha, como a falta de braços e a expansão da cultura cerealífera. As colheitas de hoje, pela importância que têm atingido, impõem o abandono de processos morosos, que, a manterem-se, dariam em resultado não se concluírem os serviços na quadra estival, única apropriada.

O período propício para as malhas, limita-se ao mês de julho e à primeira quinzena de agosto — a época dos dias quentes, de orvalhadas ligeiras. Dos meados de agosto em diante, as *mareias* ⁽¹⁾ costumam ser grandes e isso não convém para o serviço em questão. Por conseguinte prefere-se debulhar o centeio à máquina e até com éguas. Mas em primeiro lugar opta-se pela debulhadora, que no centeio despacha muitíssimo, contrastando a valer com o ronceirismo dos *manguais*.

No entanto, as malhas foram tão usadas outrora e obedeciam a praxes tão originais, que seria indesculpável omiti-las. Eis, pois, esses pormenores, recolhidos, é claro, na região elvense, ou para melhor na zona de Santa Eulália, onde a cultura do centeio é de importância primacial.

De ordinário, o serviço da malha executa-se numa eira de ocasião, melhor ou pior preparada em qualquer vale inculto, «bem lavado da travessia». O pessoal compõe-se de uma «camarada» de oito homens e excepcionalmente de 10 ou 12. O essencial é computarem número par. Se for ímpar, o que só acontece por caso de força maior, os malhadores trabalham irregularmente, de má vontade — *malham à cadela*, fora das regras que a experiência aconselha. Também está averiguado que oito homens despacham relativamente mais e melhor que 10 ou 12. Nas eiras de searas muito grandes, costumam funcionar duas ou mais «camaradas» de oito homens cada uma, trabalhando em separado ou mesmo juntos, se o total dos homens não excede a 16. E tanto podem pertencer à categoria de «criados anuais», como à de ganhões assoldados ou à de jornaleiros a dias. De qualquer classe de que procedam, todos tomam a classificação transitória de *malhadores* e todos sabem do ofício, à parte os novatos — aprendizes — um a dois por «camarada».

Cada grupo ou «camarada» é dirigido por um mandante — o abegão ou o sota, e, no impedimento de ambos, por outro criado anual, de confiança e desembaraço. Se, contra o costume, o pessoal consta de jornaleiros apenas, o que de entre eles «faz cabeça», intitula-se *manageiro* e ganha 40 reis diários a

(1) Por *mareias* designam-se as umidades das orvalhadas e nublados que aparecem frequentemente nas manhãs de agosto. Estas *mareias* e as *cacimbas* ou nubladas que por vezes as acompanham, embora o sol intenso venha depois dissipá-las, como em geral vem antes das 9 horas, deixam umidade bastantes no centeio, tornando-se impossível malhá-lo em termos, sem apanhar um *aqueção*. Frio ficou de madrugada e frio permanece pela manhã fora. Os bagos amolecem e incham, arriçados às espigas; a palha põe-se *corrente*, quase a escorrer água. Só portanto dá malha proveitosa em o sol o aquecendo por algumas horas.



Transportando palha enfardada — Formando o frascal

mais que os companheiros. Que isto de um assalariado de ocasião governar malhas, nunca foi vulgar nem vantajoso.

.....

Enquanto que nas eiras de debulhas por éguas se moureja desde o alvorecer até ao pôr do dia e mais tarde, nestas exclusivas de malha, agarra-se de dia claro, solta-se cedo, com sol às vezes, e nas horas úteis dão-se intervalos de descanso demorado, aliás indispensáveis à violência do trabalho.

A malha do centeio é por assim dizer uma empreitada diária, de despacho e rendimento sabido. Pronta a tarefa da praxe, está o jornal ganho, embora sobeje o dia. E sobeja quase sempre. Esta circunstância apreciam-na tanto os serviçais, que por ela preferem a malha a outra ocupação rural de muito menor violência.

* * *

Vai de erguer, ao aclarar do dia. Quem quer, come a *cunha* ⁽¹⁾ e quem pode, fuma um pouco. Os previdentes consertam os *manguais*, cosem os sapatos e fazem vassouras. Ligeiros entretenimentos, de aproveitar o tempo, até serem horas de trabalho.

Às seis da manhã principia-se. De ordinário principia-se por se almenarar a palha malhada de véspera e de véspera removida para o sítio em que vai ficar. Com forcados e baldes, os malhadores avolumam as almenaras em preparo, erguendo-as assim, dia a dia, metódicamente. Depois, à medida que as vão elevando, penteiam-nas com os ancinhos grandes e batem-na com as aguilhadas. Dão-lhes enfim a forma e solidez necessária para escoarem as águas das chuvas e resistirem aos impulsos dos vendavais. Também se usa não se almenarar. Em vez disso, enfarda-se ou enfeixa-se. Se se enfarda, não são os malhadores que enfardam. Mas se se enfeixa, a eles incumbe esse encargo, a essa hora matinal, mediante gratificação ou sem ela. De qualquer maneira, a almenararem ou enfeixarem, demoram pouco tempo. ⁽²⁾

.....

Aí às 7 horas ou antes, conforme «a cara do dia», o mandante suspende a arrumação da palha e trata de estender a camada, ⁽³⁾ — o centeio que se propõe

(1) Um pedaço de pão e queijo ou azeitonas.

(2) Palha de centeio que se enfeixa, destina-se a enchimentos de enxergões e albardas para gastos da casa ou para venda ao público. No entanto, muitas vezes os malhadores e outros serviçais enfeixam alguma em separado, para as suas necessidades caseiras, mediante concessão obsequiosa do lavrador. E até sucede obterem permissão do amo para nas horas vagas prepararem uma ou outra caçradita de palha em feixes, afim de as irem vender por sua conta e de si auferirem alguns tostões. O amo não empobrece por isso e o criado remedeia a sua vida.

(3) A camada para oito homens, abrange uma área de 17 a 18 metros de comprimento por 9,5 de largura, ou sejam 160 metros quadrados aproximadamente. A que se estende para mais homens, regula-se por dimensões correspondentes ao número dos malhadores e na proporção que se risca para a dos oito, tendo sempre em vista que oito homens despacham mais, relativamente, que 10, 12 ou 16. Em todo caso, e para qualquer hipótese, a maior ou menor superfície de camada, depende do critério de quem a prepara. O encarregado brioso, risca e estende à franca, mas em termos, cõscio de que tirará bem e muito, sem estragar. O de «mãos grandes» talha à larga e arrima-lhe molhos sem conto, decidido a tirar muitíssimo, sem grande esforço, não se lhe importando com o inconveniente de assim deixar muito centeio na palha. O perçuiçoso faz camadas pequenas, a pretexto de as sacudir bem, o que nem sempre executa.

malhar até à hora do meio dia. Nesse propósito começa por fazer a *cubela* — um cordão de palha deposto sobre o lastro da eira, na extrema do nascente, direcção de sul a norte, indicando a extensão a ocupar. Delimitada a *cubela*, o abegão manda vir molhos dos rilheiros que ladeiam a eira e os ganhões vão-lhos trazendo. O abegão e um auxiliar desatam-nos, desdobram-nos e estendem-nos Estendem-nos «às fiadas», com as espigas para o lado do nascente em condições de se não emaranharem. Por último, o lastro enche-se e a camada vê-se estendida a capricho, assemelhando-se a uma esteira descomunal, que ali se desenrolasse. Então os malhadores miram-na e remiram-na, exagerando-lhe as dimensões. Para terem que falar, «bramam» que as fiadas são muitas e os *cavalos* ⁽¹⁾ darão que fazer. — «Abóbora com esta *assorda!*... Esta, desbanca à de ontem... E às dos mais dias... Neste caminhar *estrapalha-se* todo em metade do tempo... Não bonda a jorna ser pouca, senão tirarem-nos a pele!...»

O mandante não responde. A chiada dos ganhões é da peça e da peça é ele não responder ou responder com «anedotas», ao consoante das que ouviu. Sem fazer caso do que lhe dizem, ele e outros passam a travar a camada, nas suas quatro faces. Travam-na, encostando-lhe um cordão de molhos intactos, ainda por desatar. É' precaução da praxe, tendente a amparar a palha na ocasião de ser malhada. Feito isto, os malhadores retiram para o *sombracho*, onde os aguarda o almoço. Entretanto, o centeio estendido vai aquecendo ao sol, para melhor espirrar, quando os manguais o zurzirem.

.....

Almoçam umas sopas abundantes, tendo por conduto azeitonas ou queijo.

Após o almoço e as fumadas subsequentes, cada homem pega no seu mangual e todos se dirigem para o sítio da camada. Entram nela, tomam posições ⁽²⁾ e começam a malhar o primeiro *cavalo*, na direcção de poente a nascente. Começam por uns prelúdios de ensaio, a experimentarem os «paus» e a mostrarem as aptidões. Daí a nada as experiências acabam, o compasso acerta-se e a tarefa desenvolve-se, à voz e gesto do mandante. Enquanto os manguais dos de uma das frentes se erguem e revolteiam, os dos da outra frente caem de chofre na palha e nas espigas, zurzindo-as deveras, com acerto e prontidão. A refrega é rija e as pancadas retumbam, num vai-vem cadencioso, que faz saltar o grão e tressudar os homens. O sol afogueia-lhes a pele e alaga-lhes o corpo, mas eles, por enquanto, desdenham do calor e do sol como *encascados* no «ofício» e avezados a *ressolanas*. Ora malham a pé firme, enèrgica-

(1) Por *cavalos*, subentendem-se as parcelas em que arbitrariamente se divide a camada, afim de se ir malhando por partes, às *pagelas* e não de cabo a rabo, sem intermitências. Portanto, cada um *cavalo*, consta da porção de palha e de espigas que fica de permeio entre os malhadores e que eles vão malhando frente a frente, pela forma que se verá adiante. A camada para oito homens costuma-se compor de dez *cavalos*, talhados à vontade, a capricho do encarregado.

(2) Ocupando a extrema da camada que fica ao sul, os malhadores dividem-se em dois grupos de número igual, collocam-se em frente um do outro, ambos em linha, e de permeio, a separá-los, fica o centeio que vão malhar, e que é, de resto, uma das parcelas ou *cavalos* em que a faina se divide. Numa das pontas de qualquer das linhas, malha o encarregado; noutra, das opostas à do mandante, manobram os da *pica* — o homem ou homens que malham de soslaio com força e jeito, *picando* a palha solta. Entre os das pontas e os da *pica*, trabalham os principiantes.

mente, ora avançam a passo, dando exemplo os das pontas. ⁽¹⁾ Ao cabo de alguns minutos chegam à extrema do nascente, abatem os manguais, tomam fôlego e estacam, por segundos. São momentos de alívio, em que se enxugam de suor, a respirarem ofegantes. E' que esta primeira zurza de mangual é das mais forçadas e custosas. E' aquela que assenta na palha a *descoroar* — a batê-la em cheio e com força, quando ela resiste muito, por estar unida e inteira.

Da *descoroação* passa-se a nova tarefa, indo a efeito do nascente ao poente. E a seguir, chegam-lhe terceira, em rumo oposto ao da segunda. Três sovas tezas no *cavalo* atingido, rematando a última por um estímulo do abegão, que brada alto: — «Forte!... «Forte!» repetem aos companheiros, obedecendo à voz do chefe. E os manguais de todos, vibram e revoltam-se nos ares, descarregando pancadas de arromba sobre o colmo do centeio.

Pronto um *cavalo*, tratam de outro e outro, até mais não haver. A malha do último traduz um arranco de energia forçada, que seria insustentável se a refrega prosseguisse. De rosto rubro, sangue a escaldar e suor a escorrer-lhes pela camisa à vela, os malhadores não dissimulam o extenuamento que os oprime. Mal acabam saem da camada, atiram ao largo com os manguais e caminham a cambalear para o *sombracho*. No *sombracho* entram meios tontos e aí entramos, ei-los a contas com a água do pote, bebendo-a sôfregos, para refrescar a valer os pulmões ressequidos. Com que ansiedade eles emborcam o latão da água e o disputam de mão a mão numa avidez gluttona, de sede abrasadora!...

A água empanturra-os e o cansaço rende-os. Uns assentam-se onde podem, a fumar devagarinho e de viseira carregada; outros estatelam-se no meio do chão, sem forças nem pachorra. E à sombra e à fresca, aproveitam este primeiro intervalo de descanso, indispensável e reparador. E' a *ferra*, como se diz lá nas eiras. Vinte minutos decorridos, a *ferra* termina e o labor reata-se.

Saindo do *sombracho* arrastados pelo dever, os malhadores destrinçam a palha malhada e desviam-na para fora com os forcados e ancinhos. Depois dividem-na e amontoam-na em *borregos*, para a removerem a braços. De cada *borrego* tomam conta dois homens, que na base lhes introduzem dois manguais, de lado a lado, a servirem de padiola. E com os manguais os levantam e removem para o sítio das almenaras. Os *borregos* representam montões bojudos, de peso escasso, em relação ao volume. Por isso mesmo, transportam-nos sem custo, quase a correr, dando ensejo a episódios engraçados, se entre os da camarada há tipos estúrdios, amadores de partidas. ⁽²⁾

(1) Os que não «acertam» o passo e a pancada do mangual, fazem má companhia e acusam inexperiência ou desma-zelo, que pode ocasionar danos. Pancada de mangual em falso, isolada ou fora de tempo, facilmente atinge e maltrata o malhador fronteiro. Por isso, os que praticam essa falta, são acremente censurados pelos companheiros.

(2) A mais festejada é a seguinte: qualquer malhador corpulento, de conluio com outros, introduz-se à socapa no centro de um *borrego* e aí se agacha e oculta, aguardando o desfecho. Entretanto, os conluídos empregam várias artimanhas para convencerem dois novatos a transportarem a palha que encobre o latagão. Os instados caem, e lá vão muito lampeiros a carregarem com o *borrego* visado, cujo peso estranham logo. Mas aguentam impando, sem perceberem a causa. Por fim largam o fardo e o mistério desvenda-se-lhes. De improviso, como um fantasma, surge-lhes do meio da palha, o tal homem escondido, que ao vê-los fila-se-lhes às pernas procurando mordê-los e tombá-los. Então a surriada irrompe uníssona e os logrados aguentam-na, de boa ou má catadura. Os bisonhos vão à serra, mas nem por isso os troçam menos.

Acarretados os *borregos*, reúne-se a palha que ainda resta malhar — porção diminuta, que, por ter ficado debaixo da outra, não foi batida suficientemente. É portanto batida de novo e com força, numa tarefa retumbante — a *remalha* — que se despacha depressa. Acto contínuo, salta fora o colmo remalhado e a seguir estende-se uma nova camada, semelhante em tudo à que se acabou de despachar. Esta de agora, destina-se à tarefa da tarde, ficando em condições aí ao meio-dia. No entanto, só se malha ao levantar da sesta, das duas horas em diante. Neste meio tempo, o sol aquece-a de firme, para depois se fazer melhor como *esvaída* que se põe.

Ao meio-dia os homens jantam no sombracho a clássica *olha*, com ou sem *badana*.⁽¹⁾ E no sombracho dormem a sesta — hora e meia ou duas horas.

Nos sábados nunca há sesta. Tanta pressa têm de abalar para a aldeia, a gozar a folga domingueira, que a antecipam de véspera, adiantando o trabalho e aprontando-o muito cedo.

Erguem-se da sesta por entre bocejos e suspiros. E lá vão a malhar, como quem vai para a força.⁽²⁾ A malha da tarde é idêntica em tudo à outra da manhã, com a correspondente *ferra* ou intervalo de descanso. Depois da *ferra* e dos serviços subsequentes, já relatados, baleia-se a *espigada*⁽³⁾ e a *moinha* que ficou sobre o grão. Essa murraça toda, bota-se fora imediatamente com os ancinhos e vasculhos, passando-se logo à última limpesa, a qual compreende o produto da camada da manhã e o do da tarde, ou seja a funda total do dia. O centeio malhado e sujíssimo, coalha o lastro por completo, mas as pás dos malhadores, desenvolvendo uma poeirada medonha, vão-no atirando ao ar e concentrando-o no solo, a ponto de em poucos minutos o juntarem no meio da eira⁽⁴⁾ para o limparem desde logo ao sopro do vento. Basta para isso uma ligeira viração.

Com efeito, neste propósito de limpesa geral, o abegão, ou alguém por ele, passa à pá o centeio em montão, enquanto que pela frente outros o baleiam e

(1) *Badana* e toucinho com legumes nos dias «de carne», ou sejam segundas, terças, quartas e quintas. Legumes temperados de azeite, nas sextas e sábados. Veja-se *Alimentação*, página 117.

(2) Ao erguer da sesta, o malhador que «se fica» a dormir, não acudindo à chamada do abegão, arrisca-se a soírer a pirraça do enterro. Eis o que isso é:

Dois ou três ganhões estúrdios, arvoram-se em padres, pondo a camisa de fora, a fingir de sobrepeliz e a cinta ao pescoço, à maneira de estola. E enquanto os «padres» se revestem, outro patusco, arvorado em sacristão, depõe junto do morto a indispensável «caldeirinha de água benta» — um bazzanhão grande, dos da comida, cheio de água, onde imergem dois baleios de palha, que servem de hissopes. Preparada a cena, todos se acercam do pseudo-defunho, que, alheio à brincadeira, continua ressonando. E então, os pretendidos clérigos, aproximam-se-lhe e aspergem-no em cheio, com os baleios embebidos na água, ao mesmo tempo que lhe cantam vários arremedos de resposos, numa vozeria atroadora. A vítima acorda ao efeito da bulha e da molhadela, esfrega os olhos, ergue-se de um salto, e, ainda antes de se erguer, já roga pragas e ameaças contra os que o rodeiam. Chama-lhes judeus, gente sem lacha (vergonha), falsos, etc. Os investivados, riem-se ainda mais, sem se importarem com isso. Por fim, também ri o queixoso, para «dar-se à pândega» e o deixarem em paz.

(3) Fragmentos de espigas, com pouco ou nenhum grão.

(4) Juntam-no em um montão quando os malhadores são oito ou dez. Sendo doze ou dezasseis formam-se dois montões.

ancinham das impuridades, à maneira que vai caindo. Ao cabo de meia hora ou menos, a pá descobre o objecto que servia de sinal, ⁽¹⁾ prova clara de que o montão está passado e o centeio em condições de sair. De sair sem demora, que o lastro tem de ficar varrido e vacantio, para se encher de novo, na manhã imediata. Mede-se pois logo, medida *arrapazada*, que chegue à «conta da tabela» e até a dar crescenças.

.....

Mais trapaça menos trapaça, a medição termina e o resultado vê-se. ⁽²⁾ Se realmente excede ao ambicionado *quarteiro* por homem, os malhadores arrotam «franquezas». Se pelo contrário falta, explicam o fracasso por motivos estranhos, imperiosos. O centeio estava sacudido, tinha muita palha, etc. Entretanto, a par dos comentários sobre a funda do dia, o abegão anota a quantidade que acabaram de medir. Os moios são *assentes* à navalha, que os regista no cabo da pá, abrindo uma moissa grande para cada um. As fracções *alqueires*, que excede à unidade *moios*, ou sejam os chamados *piques*, também o mandante regista pelo mesmo sistema, mas em pau diverso provisoriamente, até comporem um moio. Em se atingindo os 60 alqueires, o moio dos *piques* é registado em moissa grauda, no cabo da pá, onde os outros figuram.

Conforme concluem, empilham os sacos cheios, onde não façam estorvo, ou vão despejá-los no montão que juntam no extremo da eira. Mas se calha a jeito de saída imediata, não empilham nem despejam. Em vez disso, os carros arrimam e os homens atiram os sacos para os carros que sem demora carregam, rodando logo ao seu destino. De qualquer forma, a eira desobstrui-se, a faina termina e o dia ganha-se. A merenda aguarda os malhadores no sombracho, e eles apressam-se a ir comê-la. ⁽³⁾

Merendam à vontade e em sossego, ao pôr do sol ou antes, com o apetite vulgar de quem trabalha no campo. Depois fumam e caturram até que a noite avança e o sono chega.

Rendidos pelo sono, deitam-se por onde encontram abrigo, se o fresco é demasiado. Fazendo calor estiram-se à vontade onde corra o ar. Isto pelo que respeita aos homens maduros e mastaços. Os novos, mal engrolam a merenda, raspam-se à formiga, a caminho da aldeia...

(1) O sinal, costuma ser um sapato velho, que se coloca em frente do homem da pá, na base do montão, quando principiam a passá-lo.

(2) Antes da medição, os molhadores dizem das suas, sobre o centeio «que tiraram» e a «funda» que dará. No centeio dos pimpões, topa arriba «do que é dado» — desbanca dos 15 alqueires (quarteiro) taxados a cada malhador. A propósito cabe aqui uma observação. A velha sentença de cada homem «tirar» 15 alqueires de centeio por dia, é uma convenção arbitrária, bastante falível. Oito homens «parelhos» e desembaraçados, podem *quarteiar* e ir além do *quarteiro*, sem esforço grande. E esses mesmos homens, em centeio de condições mesquinhas, trabalhando o máximo que podem, acontece-lhes ficarem muito àquem do estatuido, «tirando» apenas moio e meio ou menos. Para ambas as hipóteses, influi poderosamente a qualidade do centeio. Sendo ruim ou de espigas sacudidas, nunca pode fundir bem. Estando, pelo contrário, grosso e por desbagoar, dá fundas de esbarrunto, que permite «franquezas» à *família*. Os dias secos e quentes, auxiliam o trabalho; os frescos e úmidos, dificultam-no, chegando a impedi-lo. Bastam uns chuviscos.

(3) Merenda de *gaspacho* ou de batatas cozidas, de azeite e vinagre. Nas sextas e sábados comem sopas de leite, em vez de *gaspacho* ou batatas.

Debulhas à máquina. — Sua adopção. — Usam-se nas eiras de quem possui máquinas e nas de outros lavradores que as alugam. — Contratos de aluguer. — Caminhadas de umas para outras eiras

No capítulo *Alfaias Agrícolas*, páginas 225 a 229 desta obra, pormenorizei a introdução e vulgarização das debulhadoras na região elvense. Como lá digo, a primeira debulha a vapor efectuada nos campos de Elvas e vizinhanças, fez-se no ano de 1879, na herdade da Gromicha, por iniciativa do lavrador Joaquim Lúcio do Couto. Mas isto foi um ensaio passageiro. As debulhadoras só funcionaram eficazmente aí por 1890, quando o governo as adquiriu e as facultou de aluguer aos lavradores, facto que também registei por miudos no já citado capítulo. Mesmo depois de 1890 a inovação de debulhas à máquina, embora agradasse como novidade, circunscreveu-se apenas a algumas zonas. Só pegou a valer do ano de 1896 em diante. Desde então, em cada nova colheita, vêem-se aumentar os maquinismos de debulha. No último verão (1911) funcionaram na região elvense vinte e cinco debulhadoras, construídas nas casas Clayton, Ruston, Marshall e Garrett, predominando as Ruston de tipo mediano e as Clayton, grandes. ⁽¹⁾ Muitas delas, tanto grandes como pequenas, debulham somente as searas dos respectivos donos. Outras, antes ou depois dos donos as utilizarem nas suas eiras, vão debulhar fora, nas dos lavradores dos arredores, que não podem ou não querem ter máquinas. ⁽²⁾ Estes alugam-nas àqueles, mediante a percentagem de 5 a 6% sobre o rendimento da debulha e com a cláusula de, o que aluga, fornecer combustível e água. Quanto a pessoal, o dono da máquina paga ao maquinista, ao fogueiro, aos dois alimentadores e a oito ou dez homens auxiliares. Por sua vez, o dono da seara paga aos restantes trabalhadores precisos e dá comida a todos, sem exceptuar o maquinista e o fogueiro. ⁽³⁾ Também lhe cumpre facultar uma parelha de muares ou junta de bois para «dar saída» à palha, ⁽⁴⁾ acarretar água e combustível. O acarreto dos cereais em grão para o celeiro corre igualmente por conta do lavrador. ⁽⁵⁾

As máquinas de aluguer transportam-se para as eiras à custa de quem as aluga. O primeiro lavrador que as utiliza não as devolve à procedência. Em as não precisando, outro as levanta e retira, para por sua vez as empregar em análogas condições. Assim, só o último a aproveitá-las é sobrecarregado com o encargo da recondução ao depósito, se porventura anuí a isso.

(1) Últimamente, estão a adoptar-se também as Clayton pequenas, que a experiência demonstra serem ótimas.

(2) Divergem as opiniões quanto à vantagem de o lavrador ter debulhadoras em alugá-las. Há quem esteja em circunstância de possuir um aparelho de debulha e não o tenha, preferindo alugá-lo todos os anos. Outros, desejam possuí-lo mas não podem por falta de capital. Por isso resignam-se a alugá-lo.

(3) Da totalidade, salários e comida ocupado numa eira de debulhas a vapor, dir-se-há mais adiante.

(4) Para dar saída à palha, se a palha não é imediatamente enfiada por compressora a vapor. Sendo, não há remoção e portanto economisa-se essa despesa.

(5) Embora a seara debulhada e limpa vá geralmente da eira para o celeiro, acontece também sair uma ou mais porções, directamente para o caminho de ferro.

Nas caminhadas de umas para outras eiras, as debulhadoras e locomóveis vão em separado e cada qual atrelada a parelhas de muares, dirigidas pelos carreiros e acompanhadas de pessoal suficiente para remover os embaraços e entranças ocasionados pelas escabrosidades dos caminhos e por quaisquer precalços que surjam. Embaraços e acidentes vulgares, que se conta com eles e que se previnem a tempo. Os maus caminhos escangalham os maquinismos e estafam o gado que os arrasta. Arrastar, é o termo. As parelhas conduzem pelas carreiras escalavradas esses maquinismos pesadíssimos, em marchas vagarosas, interrompidas, de vez em quando, por avarias e embaraços, ou de propósito até, para descanso momentâneo. Nas puxadas «de peitos acima», o gado tem de redobrar de esforço, tirando a custo. Por boas que as muares sejam, sempre ofegam e suam nesses arranques, de ladeira arriba, em que espicham o rabo e desacertam o passo. Negariam sem dúvida, se as não animassem os carreiros. Dos carreiros, um, o da parelha do tronco, vai escarranchado na lança, em posição arriscada; ⁽¹⁾ os outros seguem adiante, cada qual montado numa das muares, da sua respectiva parelha. Nos sítios de mau caminho, põe-se a pé o da parelha da frente, guiando a jeito de a livrar das pedras, a evitar os topes. De pé ou a cavalo, os homens falam às bestas, animam-nas e, por último, chegam-lhe com as arreatas. É recurso extremo, de resultado decisivo. Geralmente, às primeiras arreatas, as bestas arrancam, vencendo a subida. E senão arrancam, é porque a canga se parte, obrigando a demoras.

Com o andamento de intervalos enredosos, ou sem embaraços de maior, a caravana atravessa campos e aldeias, dando rumor de si pelo sussurro dos rodados a vozear dos carreiros. — «Olhem as *mánicas!*... aí vêm as *mánicas!*...» — diz a garotada das terras, bispando o trem de debulha. E à chamada do rapazio, acodem os mirones ociosos e as mulheres «previstas». Todos querem «dar fé» das *mánicas*, de quem as acompanha, a quem pertecem e para onde vão. As máquinas chegam em breve ao povoado, detêm-se um pouco ou continuam rodando. Entretanto, a gente do povo acompanha-as com os olhares, admiram-lhes as engrenagens e aprecia-as a seu modo. ⁽²⁾

Outrora viam-nas mal. E diziam: — «Um raio as partisse... que vêm roubar o trabalho ó pobre... Abrasadas fossem todas... Em havendo fogos, *elas* que os vão apagar... Veremos se os apagam sem lá irem os pobres...» Agora já não lhes rogam pragas nem as lembram para os fogos. Agora encaram-nas bem e reconhecem-lhes a utilidade. Até lhes exageram as vantagens e o despacho, se entre os circunstantes há quem as perceba ou passe por perce-

(1) Tão arriscada que em agosto de 1911 o maioral de mulas Manuel Joaquim Cartucho, guiando nessa posição a parelha do tronco que transportava a debulhadora, foi arremessado da lança por um tope qualquer, sendo logo colhido pela máquina, que o esmagou e matou imediatamente.

(2) Quando as debulhadoras se introduziram na região elvense, os trabalhadores rurais ficaram descoroçoados e descontentíssimos. Persuadiram-se que as máquinas de debulha vinham cercar-lhes o trabalho e, conseqüentemente, minuar-lhe o salário. Sucedeu porém o inverso: o trabalho aumentou e o salário subiu, o que já tive ensejo de acentuar no parágrafo «Debulhadoras» — a páginas 228 e 229. E porque o salário subiu e o trabalho aumentou, a má vontade dos ganhões campônios transformou-se em simpatia e dedicação, que aproveita a lavradores e criados.

bê-las. Pessoa que trabalhe nas máquinas em ocupação de destaque, ⁽¹⁾ quando fala no assunto, reveste-se de uns ares de entendido que o guinda a sabichão.

.....

A jornada efectua-se e as máquinas entram enfim na eira, onde as arrimam aos rilheiros que têm de debulhar. ⁽²⁾ As parselhas desengatam-se e soltam-se. Soltam-se depressa, por entre os comentários do pessoal sobre os incidentes da viagem e o «poder» dos *alimaís*. Gaba-se a força e a *arnela* das mulas de coragem e «derrotam-se» as «trapaceiras» e as *tanjonas*, que destoam da parceirada. Fala-se de todas, mais ou menos, nos poucos minutos que demora a solta do gado até ao seu alojamento na quadra ou no rilheiro. Depois, os homens tratam de si também, indo comer a refeição própria da hora e da ocasião. Homens e animais comem e descansam em sossego, livres de uma jornada ronqueira, que estafa as parselhas e enquisila o pessoal. Para evitar estes inconvenientes seria preferível que os motores das máquinas em questão, fossem viadoras potentes e não locomóveis simples. A circunstância das caminheiras se transportarem por si mesmo, comboiando as debulhadoras e sirandões, é de grandíssima vantagem para o lavrador. O lavrador efectua assim facilmente a mudança dos maquinismos, gastando menos tempo do que gasta com a tracção animal, e sem o perigo de arrombar as muares. Mas as viadoras custam um dinheirão, que as torna inacessíveis à maioria dos agricultores. Por isso, só funcionam duas em todo o concelho de Elvas.

Debulhadoras grandes e debulhadoras pequenas Por grandes, classificam-se as de 1^m,37 de largura, acionadas por locomóveis de 10 a 12 cavalos. Por pequenas ou medianas, consideram-se as de 1^m,07, movidas por locomóveis de 6 ou 7 cavalos. ⁽³⁾ Estas introduziram-se há menos tempo e, no entanto, estão a prevalecer sobre as grandes. E porquê? Porque as debulhadoras pequenas custam consideravelmente menos, transportam-se melhor, resistem mais e dão rendimento aproximado do das maiores. As grandes despacham mais, evidentemente. Mas essa diferença não compensa as desvantagens do custo e os embaraços das mudanças, sobretudo, quando se conta com remoções frequentes, por caminhos escabrosos e longos. E é isso que acontece na maioria dos casos. Por conseguinte, a debulhadora pequena torna-se preferível. Já é, ou será depressa, a máquina típica da região elvense.

(1) Máquinas, fogueiros, alimentadores e abegões.

(2) Antes de encetarem a debulha, são escrupulosamente alinhadas e niveladas pelo maquinista e fogueiro, com auxílio dos trabalhadores.

(3) A locomóvel de sete cavalos dá melhor resultado. A de seis, é insuficiente para as debulhas dos trigos.

O aparelho de debulha — Pertences e acessórios — Bomba para incêndios — Peças sobreceletes

Da configuração e aspecto de um aparelho de debulha de cereais, veja-se o que foi dito no parágrafo *Debulhadoras*, a páginas 225 a 229. O *fagulheiro*, mais conhecido por *sirandão*, deixa de funcionar nas debulhas em que se não tritura a palha, o que só sucede na do centeio.

Às três máquinas componentes do aparelho, já referidas, há que adicionar os pertences indispensáveis e outros acessórios secundários. Eis a lista dos primeiros:

Um jogo de correias de volante para os tambores.

Três lanças para engate das parelhas que puxam as máquinas, ao tronco.

Dois oleados ou encerados impermeáveis, para cobertura da debulhadora e locomóvel no armazém e em viagens.

Calços patentes e travões.

Um jogo de chaves.

Outro dito de ferramentas miudas, incluindo as «de fogo».

Duas escadas para subir à locomóvel e à debulhadora.

Tudo isto acompanha o aparelho de debulha comprado em qualquer casa fornecedora. São pertences imprescindíveis, incluídos no custo total das máquinas. Resta enumerar os acessórios, que se adquirem e pagam em separado. São os seguintes:

Um macaco da força de 10 toneladas. ⁽¹⁾

Um torno de ferro portátil, apropriado a cravar-se no solo, para funcionar nas eiras, em pequenos consertos de ocasião. ⁽²⁾

Seis correntes de ferro para tiro das parelhas, que se engatam de reforço a auxiliarem a parelha do tronco nas mudanças e caminhadas.

Um carrinho de mão para se removerem os sacos que se vão enchendo às bicas da debulhadora.

Dois tinos para depósito de água, de capacidade não inferior a 400 litros cada um. ⁽³⁾

Um barril ou outra vasilha para depósito da água que aspira a bomba da locomóvel.

Um balde ou caldeiro com que se atire água para apagar o cinzeiro da fornalha.

Uma grade-rojão de madeira, com tirantes de corda para arrasto e desvio da palha. ⁽⁴⁾

(1) Em alguns contratos de compra de debulhadoras, inclui-se o macaco no custo do aparelho. Noutros, não.

(2) Não é absolutamente necessária a aquisição do torno. Mas convém bastante e por isso usa-se muito.

(3) Quem não quer ou não pode usar tinos, remedeia-se com quaisquer outras vasilhas: barris usados, potes, etc.

(4) Arrasto e remoção que se efectua com o auxílio de uma parelha de muarees.

Um caixote de madeira, em condições de aparar e receber o grão limpo, saído da máquina. ⁽¹⁾

Quatro forquilhas de ferro.

Quatro alcofas.

Duas almotolias para os óleos de lubrificação.

Uma arca de madeira para arrecadação de ferramentas miudas.

A par destas coisas e como medida de prevenção de lavrador endinheirado ou cautoloso, vê-se em algumas eiras (poucas por sinal), uma bomba de tirar água com a correspondente mangueira e agulhetas para acudir a incêndios. É precaução de valor, mas não tanto como se pode imaginar. Fogos em eiras alentejanas, mau é que apareçam. Em aparecendo, alastram-se e desenvolvem-se com tal intensidade e rapidez, que se torna difficilimo apagá-los a tempo, com bombas ou sem elas.

Para remediar de pronto as pequenas avarias das máquinas no trabalho das debulhas, há junto das mesmas, ou no armazém respectivo, uma provisão de peças miudas, sobressalentes, a que se recorre de vez em quando para substituir outras idênticas que se inutilisaram:— anilhas e rebites, pentes, facas, ligadores, etc. E conjuntamente, como artigos indispensáveis de consumo grande, costuma haver uma abundante reserva de artigos vários para limpeza da locomóvel:— desperdícios de algodão, atilhos, empanque hidráulico, etc.

Combustível — Emprega-se de preferênciã a lenha de azinho e a cepa de piorno, ⁽²⁾ coisas que o lavrador possui quase sempre. E quando as não possua, compra-as aos colegas vizinhos por preços módicos. O carvão de pedra Cardiff, usa-se também à falta de lenha. Mas emprega-se pouco porque sai muito caro. ⁽³⁾ O combustível de qualquer espécie representa despesa importante que se avoluma ou reduz conforme a capacidade e o zelo do fogueiro. Aquele que sabe e quer, economiza muitíssimo. O que não sabe ou não faz caso, gasta em excesso.

Água — Na maioria das eiras, a água para alimentação da locomóvel é outro encargo considerável, embora inferior ao do combustível. Havendo-a próximo — dezenas de metros apenas — empregam-se duas mulheres a acarretarem-na em cântaros. Ficando longe — e muitas vezes fica a 800 metros e mais

(1) Em muitas eiras, usam-se sacos em vez de caixote. Os sacos, abotoados pela boca às bicas da debulhadora, logo que se enchem, vão sendo retirados, sem que vá medido o seu conteúdo. É mais simples, mas menos regular. O caixote, dispensa a suspensão dos sacos. A maneira que se vai enchendo, vai-se-lhe retirando o grão por meio do decalítro, medindo-se logo assim a rigor para dentro dos sacos e em termos de se conhecer a fundo o rendimento exacto da debulha.

(2) Lenha de sobro, por descortçar, não convém. O seu emprego é um perigo de incêndio, pelas muitas faulhas que produz.

(3) Diz-se que o fogo do carvão de pedra deteriora e gasta muito mais o material da locomóvel do que o outro de lenha.

— a sua condução para a eira faz-se numa pipa, em carro de muares ou de bois. Este acarreto entretém, ordinariamente, uma parelha desde manhã até à noite, como pequenos intervalos.

Óleos e vaselina — Impõe-se uma abastada provisão destes artigos, absolutamente indispensáveis para a lubrificação das máquinas. Além de os haver em porção suficiente junto da debulha, existe reserva em depósito. ⁽¹⁾ Emprega-se a vaselina amarela e diversos óleos das marcas Shafting (óleo fino), Crank Case (óleo grosso) e outros. A despesa e gasto da vaselina e óleos corre sempre por conta do dono da debulhadora.

Pessoal que empregam as máquinas. — Atribuições e deveres das diversas entidades

Um aparelho para debulha de cereais, com debulhadora grande de 1,^m37 de largura accionada por locomóvel de 10 a 12 cavalos, ocupa o seguinte pessoal:

Um maquinista: trata das máquinas e superentende na debulha. Um fogueiro: cuida da locomóvel e auxilia o maquinista. Dois alimentadores: revezando-se um ao outro de vez em quando, *alimentam* a debulhadora, metendo-lhe o «pão» em rama às braçadas. Um trabalhador, munido de foice, a cortar os negalhos dos molhos e a arrimar estes ao alimentador. Outro, de forcado em punho, a chegar os molhos ao da foice. Quatro a seis, a desalojarem com forcados os molhos do rilheiro ou montão e a chegá-los ao alcance dos dois antecedentes, que ficam próximos do alimentador. Um, a retirar a moinha, com ancinho; dois, a desviarem a palha e a fazerem os *borregos*; outros dois ao arrojo ou grade da palha, a ampararem-no, auxiliando a parelha de muares no arrasto dos *borregos* para o local das almenaras. Dois mais, à boca da máquina: um, a retirar os sacos que se vão enchendo e a pôr os vasis, ou a medir do caixote para os sacos e outro a remover os sacos cheios no carrinho de mão, ou a auxiliar o carreguio para os carros de muares. Total, 17 a 20 homens, incluindo o abegão, chefe da ganharia que, às vezes, é um dos que mede e ensaca. E ainda há a acrescentar os dois carreiros das parelhas da palha e da água.

As debulhadoras mais pequenas ocupam quase tanto pessoal como as grandes, excepto no grupo dos homens que desata e chegam os molhos. Estes costumam ser menos alguns. ⁽²⁾

Dos 17 a 20 homens acima mencionados, há que particularizar os seguintes:

(1) Quando por acaso se esgotam as reservas de óleos, vaselinas e as várias peças miudas necessárias para reparações inadiáveis, quem as precisa obtém-nas facilmente de empréstimo dos vizinhos proprietários de outras máquinas.

(2) Pouco pessoal em debulhas a vapor traduz quase sempre em economia negativa.

Maquinista É a alma da debulha. Tudo que se relaciona com a instalação e funcionamento dos maquinismos está sob a sua direcção e responsabilidade. Montagens, alinhamentos, nivelações, laboração, repertos, lubrificações, reparos triviais, limpesas, etc., tudo isso lhe pertence executar e dirigir com auxílio do fogueiro, de modo que as máquinas funcionem bem, afinadas em termos, debulhando na perfeição, sem paragens de azar, ⁽¹⁾ a denunciarem desleixo ou ignorância.

É igualmente o maquinista que regula as horas do trabalho e do descanso, sendo ele que dá o sinal de apito para a agarra e a solta, bem como o das cigarradas e os de «paragens» repentinas, por motivos de precalços.

Resumindo: maquinista brioso, que saiba do ofício, não lhe falta que ver e corrigir. E vê de facto, intervindo de vez em quando com notório resultado. A sua oportuna intervenção influi poderosamente no rendimento do aparelho, na perfeição do serviço e na laboração e conservação das máquinas. Seja ele indolente e ignorante e o despacho será pouco, o grão sairá partido e sujo e a debulhadora terá avarias e precalços a toda a hora, como engenhoca velha, sem préstimo nenhum.

Fogueiro Além de coadjuvar o maquinista em tudo que possa, sem prejuizo dos seus afazeres próprio, incumbe-lhe levantar-se ao romper da manhã para acender a fornalha e a água aquecer em termos de a locomóvel trabalhar ao nascer do sol ou antes. Cuida pois da locomóvel, alimentando-a, regulando-lhe a pressão, lubrificando-a e limpando-a. Nas horas de paragem, retira-lhe a cinza e os resíduos incombustíveis que pejam a fornalha e o cinzeiro. À tarde, depois da solta, abre-lhe as válvulas e limpa a tubagem e o mais que é preciso. Pelo dia adiante, tanto em plena laboração como nos intervalos, lança água em abundância no cinzeiro e proximidades, para evitar a saída de faulhas e brasas. Neste particular, o fogueiro tem de ser muito cauteloso. Qualquer descuido ou imprevidência pode originar um incêndio de resultados desastrosos.

Salários do maquinista e do fogueiro Quando se implantaram as debulha a vapor, os maquinistas ganhavam 2\$000 reis diários e o fogueiro 600 a 800 reis tendo ambos comida por conta do lavrador. ⁽²⁾ Hoje ganham menos: o maquinista 1\$200 a 1\$500 reis e o fogueiro salário semelhante ao dos ganhões ou pouco mais. Os dois continuam a comer à custa do lavrador e à parte da ganharia. Também há lavouras onde o maquinista das debulhas é um criado anual «da pensão» (abegão ou guarda), que no período das eiras deixa a sua ocupação habitual ⁽³⁾ e vai dirigir as máquinas, ganhando por isso uma soldada

(1) Saltos de correias, fractura de peças miudas, qualquer obstáculo, etc.

(2) Comida semelhante à dos ganhões, tendo a mais carne do porco ensacada, todos os dias e pão de trigo em vez de centeio.

(3) A qual ocupação é incumbida temporariamente a outro criado de confiança.

superior. Ainda é uso pouco visto, mas será por certo o mais corrente, num futuro próximo.

Nos primeiros dois anos de debulhas a vapor, os maquinistas e fogueiros respectivos, eram, em geral, homens estranhos à região, vindos dos grandes centros, onde adquiriram habilitações nas escolas oficiais e nas casas fornecedoras de máquinas agrícolas. Mas quase todos revelavam pouca prática e nenhuma vontade de se aperfeiçoarem. Vieram porém dois homens novos, de excepcionais conhecimentos, de reconhecida competência e extraordinariamente devotados à difusão e ensino da mecânica agrícola. ⁽¹⁾ E com tal empenho e proficiência se dedicaram a esse ensino prático, entre os naturais da região, que o resultado correspondeu, indo além do que se esperava. Os naturais da região, ao cabo de uns três anos de convívio e prática com tão bons mestres, já fazia concorrência aos estranhos e pouco depois não só tomavam conta de todos os aparelhos de debulha das redondezas, como ainda se incumbiam de outros a funcionarem em eiras assás distantes por esse Alentejo fora. Vila Boim, Barbacena e Santa Eulália, três povoações rurais importantes do concelho de Elvas, dão um contingente de pessoal de primeira ordem para tratar dos aparelhos de debulha e para trabalharem com eles.

O abegão — Nas debulhas a vapor, o abegão não dá as horas da *agarra*, nem as da *solta*. Isso, como já notei, está compreendido nas atribuições do maquinista. Em compensação, o chefe da ganharia toma nota da quantidade de género que se debulha diariamente, habilitando-se a dar a conta ao amo, no fim da quinzena e toda a vez que o amo lhe pergunte.

Como nos outros serviços, o abegão manda nos ganhões, trabalhando entre eles e onde vê mais precisa a sua assistência. Tão depressa está no topo do rilheiro, de ferramenta nas unhas, a atizar os brios dos que chegam os molhos e os desatam, como vem a baixo, a reparar na saída da moinha, da palha e do grão. Às bicas da debulhadora, ora mede e ensaca, ora incumbe isso a outro homem capaz — o sota, quase sempre. Ele ou o sota, à maneira que os sacos se enchem e saem, vai registando as saídas no contador de madeira, pendente da debulhadora.

Também o abegão fiscaliza o trabalho da debulhadora, observando se parte muito ou pouco grão, se sai limpo ou sujo e se vai na palha em percentagem de importância. Neste propósito, não dá ordens ao maquinista, mas comunica-lhe o que vê e o que sente. Se o serviço lhe não agrada, por considerá-lo imperfeito e porco, reclama remédio de pronto para que não haja que dizer e o amo se não queixe. O maquinista atende-o, se pode e sabe. Se não pode ou não sabe, desculpa-se de qualquer maneira. Por sua vez, em calhando, o maquinista trata igualmente de ouvir o abegão, quanto ao desenvolvimento a dar às máquinas e

(1) Estes beneméritos propagandistas foram os senhores António Filipe de Jesus, conceituadíssimo regente agrícola, hoje administrador de uma das mais importantes lavouras do concelho de Elvas e Sebastião Vitorino Bragança, artista inteligentíssimo de Portalegre e mecânico de comprovado valor, muito conhecido em todo o Alentejo.

ao apuro da debulha. Se lhe hão-de meter muito ou pouco «pão», se o trigo deve sair selecionado por classes, como convém que fique a palha, etc. Enfim, os dois entendem-se e combinam-se menos mal. Mas se por acaso divergem, o abegão participa o facto ao lavrador para que ele providencie. Resumindo: a fiscalização do abegão só é eficaz, se ele tem competência e se o amo lhe dá a autoridade precisa. Do contrário, o maquinista faz o que entende e quer, sem se importar com o abegão. ⁽¹⁾

Alimentadores Como tais se designam os homens que se ocupam exclusivamente em *alimentar* a debulhadora. São dois sempre, para se revezarem de vez em quando. Vestidos de blusa, com os braços defendidos por braçadeiras de couro e os olhos resguardados por óculos escuros de rede, enquanto um, lá em cima, de cócoras ou de joelhos, braceja constantemente à boca da debulhadora, alimentando-a à farta com os molhos que os ganhões lhe chegam, ⁽²⁾ — o outro, sentado em baixo no chão, ao abrigo de qualquer sombra, descansa e fuma tranquilamente, a refazer as perdas de energia que esgotou pouco antes. Tem de ser assim, que a labuta de alimentar, árdua e extenuante, é excessiva para um só homem por todo o dia. Dois, alternando, custa-lhes a dar conta, em condições de a debulhadora produzir em abundância e não escassamente, à minguia de *mantimento*. Alimentar à minguia ou devagar, atrasa o serviço, encarece-o e desacredita o alimentador. Este, se quiser cumprir, tem de manobrar com desembaraço, sem fraquejar. Meio minuto que interrompa ou afrouxe, logo a debulhadora o acusa no seu sussurro oco, de movimentos em vazio. É' pois um trabalho forçado e fatigante, que só despacham a contento homens moços «de poder».

Os alimentadores apesar de só trabalharem metade do tempo útil, visto que se revezam um ao outro, ganham um salário de mais 60 a 80 reis que os dos outros ganhões. Merecem-no bem.

Quanto a comida, numas eiras rancham em comum com a ganharia; noutras, separam-nos dos ganhões, para comerem com os das máquinas.

Despacho da debulhadora Para o rendimento avultado ou reduzido de uma debulhadora, concorrem factores diversos que, por variáveis e falíveis, desacreditam os melhores cálculos. A debulhadora despacha muito se trabalha sem embaraços, na devida afinação; se não tem paragens extraordinárias de asares e mudanças; se a alimentam com fartura e a preceito e se o «pão» está grado e com pouca palha. Se porém, funciona mal, se pára com frequência, se a alimentam pouco, se o grão falta nas espigas, ou se a palha

(1) Como já acentuei noutra lugar, o abegão, em algumas lavouras, acumula as funções de chefe da ganharia com as de maquinista. Neste caso, é ele que tudo manda e de que tudo dá conta ao lavrador.

(2) Chegam-lhe os molhos do rilheiro, ao lado erguido, ou das carradas que se descarregam na ocasião da debulha. A chegada dos molhos é fácil e pronta quando se efectua dos carros ou do alto do rilheiro. É demorada e custosa, quando vem da base do rilheiro.

é muita, o rendimento torna-se mesquinho e a debulhadora não dá vantagens. É menos ainda dá, se em vez de um desses contras, se conjugam dois ou mais, como sucede às vezes.

Assim, admitida tanta hipótese, se porventura se acerta num cálculo desses, é questão de acaso.

No entanto e como simples aproximação, aí vai uma nota do que em média pode despachar diariamente uma debulhadora grande, das de 1,^m37, bem governada e melhor alimentada, sem asares de maior, em searas de boa funda, que não tenham muita palha:

Trigos moles . . .	20 a 25	moios
» rijos . . .	16 a 20	»
Centeio	25 a 30	»
Cevada	30 a 35	»
Aveia	40 a 45	»

As debulhadoras pequenas tiram um bocado menos, mas a diferença não é muito grande.

As quantidades mínimas acima fixadas, já traduzem um bom rendimento, como média diária para toda a época. As máximas, então, devemos considerá-las ótimas, excepcionais mesmo.

Nos trigos, a debulhadora dá resultados diametralmente opostos de dia para dia e de seara para seara. Em trigos de muitíssima palha, mal grados, o rendimento em grão chega a ser tão escasso, que não vai além de dez moios por dia.

.....

Horas de agarra. — A debulhadora, em acção. — O almoço. — Entre o almoço e a «cigarrada» da manhã. — Continuação da faina. — O jantar. — Refrega da tarde. — Segunda «cigarrada». — Mudanças de máquinas. — Avarias. — Impressões diversas. — Ao cair da tarde. — A solta. — Quanto se tirou. — A ceia ou merenda. — Depois da ceia

À excepção do fogueiro, que logo ao luzir da manhã acende a fornalha da locomóvel e apita a erguer, todo o pessoal «agarra» ao nascer do sol em ponto. Antes, o maquinista faz silvar a máquina e ao ouvirem-na os da eira, todos acodem à «obrigação», entretanto a locomóvel principia a accionar a debulhadora. Todos a postos e preparados, ⁽¹⁾ a faina começa, desenvolve-se e intensifica-se. Num instante, homens e máquinas tudo manobra na perfeição, se o

(1) Preparados com lenços ao pescoço e os olhos defendidos por óculos fumados, de rede, a preservar das preganas, da moinha, das palhas e do pó. Alguns, de ocupação menos sujeita a esses flagelos, prescindem de tais precauções. Outros, porém, não as dispensam nem as podem dispensar. Estão neste caso os alimentadores e os que tratam da moinha e da palha.

realejo ⁽¹⁾ não desafina, por qualquer asar ou descuido. A faina das primeiras horas da manhã, com o pessoal refeito pelo descanso da noite, dá em regra um rendimento proporcionalmente maior ao das outras horas do dia, como não haja o senão de a manhã estar muito úmida e o «pão» fazer-se mal. ⁽²⁾ Estando a manhã boa, as máquinas na afinação e o pessoal cuidadoso, o aparelho funciona lindamente, numa laboração certa e metódica, sem trepidações nem precalços.

No alto da debulhadora, firme no seu posto, o alimentador destaca-se imenso pelo desembaraço que revela e pela foiteza que mostra. Nervoso e decidido, alimenta incessantemente e a preceito, desdobrando os molhos que lhe vêm à mão e atirando-os às braçadas para os batedores em giro, que desde logo os apresam, engolem e esfrangalham, numa velocidade vertiginosa. Nesse persistente redopio, todo o grão salta das espigas e segue os seus trâmites de limpeza. Dos primeiros crivos vai aos alcatruzes e dos alcatruzes corre aos arneiros, indo depois a um crivo rotativo, onde se acaba de limpar e de onde sai logo, afluindo às bicas da máquina e delas correndo de firme para os sacos ou caixote. Por sua vez a palha «faz-se» também e lá vai saindo às lufadas no couce da debulhadora. A palha conforme sai passa ao crivo do fagulheiro, onde o mesmo a separa da moinha e de alguns restos de grão. O fagulheiro agita-a de contínuo até a despejar no chão, sem bagos nem moinha. Do chão a desviam logo dois homens, como também é desviada a moinha respectiva. Ambas as coisas não mais se juntam e antes se afastam por meio de um rojão, que uma parrelha arrasta, auxiliada por dois ganhões.

Parrelha e homens não cessam de remover a palha e a moinha, arrastando-as em «borregos» volumosos que deixam a distância e em separado, onde não façam estorvo à debulha. ⁽³⁾ Assim; todos os que povoam a eira mexem-se e trabalham nos seus respectivos lugares, desde o grupo dos ganhões que do rilheiro servem os molhos ao alimentador, até aos que enchem os sacos e os carregam para os carros.

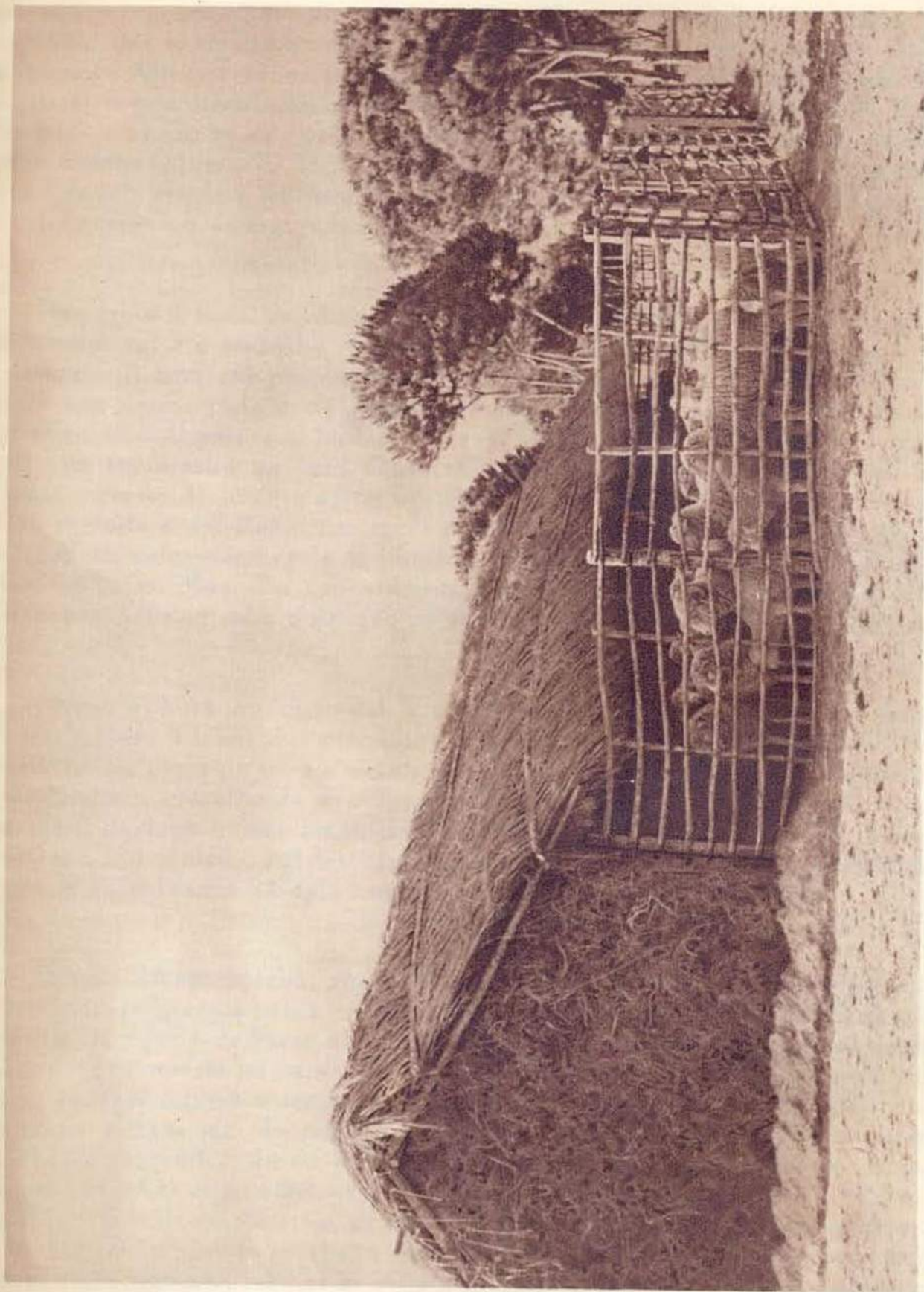
Às sete da manhã ou às sete e meia, a máquina silva e o pessoal suspende. É a chamada ao almoço, que faz parar tudo. Os homens largam os serviços, tiram os óculos, lavam-se nas vasilhas de água e lá vão a almoçar ⁽⁴⁾ e descan-

(1) Em linguagem figurada, por vezes faceta, os homens do campo chamam *realejo* a toda a espécie de maquinismos em movimento. E tanto gostam do termo que ainda lhe forçam mais o significado. Chegam a aplicá-lo ao conjunto de quaisquer coisas volumosas que se removem, como utensílios transportados em carros, etc.

(2) Em tais condições de muitas umidades ou chuvas, tem de se interromper a debulha. As máquinas param e a ganharia vai trabalhar noutros serviços.

(3) Tanto a palha como a moinha ficam amontoadas a centenas de metros da debulhadora, aguardando oportunidade de prensagem ou de acomodação a granel, em almenaras. Isto na maioria dos casos. Outras vezes, a palha e a moinha são prensadas e almenaradas logo que saem do aparelho de debulha, havendo para isso maquinismos próprios e pessoal exclusivo. É um sistema vantajoso que se não usa muito por falta de tempo, de compressoras e de pessoal. O funcionamento simultâneo do aparelho de debulha e do trem de prensagem, dão à eira excepcional animação, com a vantagem de um aproveitamento de palhas muito maior do que prensando-se ou almenarando-se ulteriormente, no levante das eiras.

(4) Veja-se *Alimentação*, a páginas 117.



Cabana de ovelhas (ovil)

sar no sombracho, até às oito ou oito e meia. Neste meio tempo fala-se do muito ou pouco que a máquina está a tirar e do bom ou mau serviço que ela faz: — se parte ou não o trigo; se sai sujo ou limpo, etc. E a propósito há confrontos entre tais e tais debulhadoras e estes ou aqueles maquinistas. Quanto às debulhadoras, uns são pelas *claytas* (Clayton), outros pelas *russas* (Ruston) e alguns pelas *marsas* (Marshall). Dos maquinistas falam conforme a labutação e a *queda* que têm pela criatura em foco. Do Bragança quase nunca se esquecem por ser o mais antigo e o de maior fama.

.....

Decorrida a hora do almoço, um novo silvo chama a *família* ao trabalho. A *família* vai e o trabalho reata-se de pronto, na intensidade que tinha anteriormente. E com afã prossegue até às dez e meia, em que a locomóvel, silva outra vez, anunciando a *cigarrada* da manhã — um pequeno intervalo de descanso entre o almoço e o jantar. Ao soar o silvo, todos param. Quem quer, fuma no sombracho ou fora. Quem não fuma, descansa apenas. Dez minutos depois, ouve-se de novo o apito, acabando a *cigarrada* e chamando à refrega. E lá se volta a debulhar com igual empenho e com maior calor. Calor do sol, entenda-se; calor que flagela os homens, escaldando-lhes o sangue, abrasando-lhes as faces. Mas eles aguentam-se a pé firme, no cumprimento do dever. Estão avezados ao sol e o sol não os vence.

.....

Chega a hora do meio-dia e a locomóvel apita, chamando ao jantar. A seguir cessa o labor das máquinas, dos homens e do gado. O gado vai para o rilheiro da aveia ou para a cavalariça do monte, a comer a ração. Os homens, abandonam o aparelho da debulha, sacodem-se do pó e da moinha, lavam-se nos tinos da água e, em contínuo, vão para o sombracho a fazerem hora ao jantar. Nesta altura o sol dardeja raios de fogo, que ferem a vista e abrasam a terra. No sombracho há uma sombra preciosa, que todos aproveitam.

.....

Dentro do sombracho, enquanto os ganhões se sentam nas tripeças ou *burros* que ladeiam a banca — o abegão vai despejando a *olha* da asada de cobre para os alguidares de barro que tem à mão. Tantos alguidares, quantos os precisos para figurarem na banca, ao alcance do pessoal. O abegão enche-os, coloca-os na mesa e toma o seu lugar à cabeceira da banca. Desde logo, todos os da ganharia migam pão de centeio para o caldo da *olha*, até mais não caber. O abegão suspende e diz: — «Com Jesus!...» — É como se dissesse: — «Vamos a isto...» — Os comensais assim o compreendem, abordando às sopas e ao cozido, depois de amolecerem as sopas no caldo que as embebe. Comem devagar e em sossego, muito de espaço, a aproveitar-lhes a comida. Se entram bem nas sopas e nos legumes, melhor se atiram à *boia* e à *morcela*, senão à *badana* que

por acaso apanham. ⁽¹⁾ Comem à franca e à vontade, sem vislumbres de fastio, como quem não sofre do estômago nem de achaques semelhantes. Quem trabalha bem, é de razão comer muito. E eles trabalham a valer, como poucos. Não há melhores trabalhadores em todo o Alentejo.

À parte da ganharia, o maquinista e o fogueiro jantam de uma marmita a sua *olha* de legumes, algo melhor que a dos ganhões. Mete mais carne e acompanha-a o pão de trigo.

Depois do jantar dormem a sesta. Jantar e sesta entretêm hora e meia a duas horas. Maquinista zeloso só demora o indispensável para se comer à franca e dormir-se um pouco. Em lhe parecendo, levanta-se e faz ouvir o apito. É a chamada à tarefa da tarde, a que os da ganharia respondem erguendo-se e espreguiçando-se. Mas lá vão todos para os seus lugares em redor do aparelho, ou em volta da debulhadora. Não vão muito alegres, mss vão dispostos a cumprir.

* * *

A debulha a vapor nas primeiras horas da tarde, vai a efeito como a das últimas da manhã, isto é, sob a acção sufocante de um calor intensíssimo. O calor facilita o preparo da palha e a debulha do grão. Mas abate a energia dos homens, que apesar de grande não é de todo insensível à aspereza do clima nessas horas tórridas de temperatura africana.

Ao meio da tarde dá-se a segunda *cigarrada*, igual ou semelhante à outra da manhã. A propósito de *cigarradas*, cabe aqui um parêntesis. Tanto a da manhã como a da tarde, só tem lugar nos dias em que não há enredos de paragens forçadas por motivo de avarias ou por mudança de máquinas de um rilheiro para outro. Nos dias em que há enredos desses, as *cigarradas* suprimem-se ambas ou uma pelo menos. Nem são precisas. Se se trata de avaria, desde que o aparelho suspende até que o reparo se efectua e as máquinas voltam a funcionar, o pessoal descansa, fuma à vontade e diz o que entende, a propósito ou despropósito do caso. ⁽²⁾ Com as mudanças de rilheiro para rilheiro acontece quase o mesmo. Posto se façam a braços, a pouco e pouco, aos empurrões e força de toda a gente da eira, no final, essa gente disfruta a compensação do seu trabalho excepcional. Enquanto o maquinista nivela e afina o aparelho na sua nova instalação, os da ganharia, pelo menos, fumam e folgam o seu

(1) Veja-se *Alimentação*, a páginas 117 e 118.

(2) O pessoal descansa e fuma quando se vê que o reparo da avaria demora pouco, um quarto de hora, por exemplo, ou um pedacinho mais. Prolongando-se o conserto, o pessoal ocupa-se noutro qualquer trabalho da eira. E se o reparo demora ainda mais, a ganharia levanta da eira e vai trabalhar fora.

pedaço, maior ou menor conforme a demora do conserto. Interrupções extraordinárias, sempre atrasam a debulha, ocasionando descansos maiores que os das *cigarradas*. Mas tem de ser assim. As mudanças impõem-se nas eiras de grandes debulhas, com muitos rilheiros.⁽¹⁾ As avarias também se contam com elas. E verdade, verdade, apesar de previstas, toda a vez que aparecem, arrelham bastante o maquinista e o lavrador. Sobretudo quando acusam rombo grosso, ou se repetem a miúdo, o que é vulgar nos aparelhos velhos ou escangalhados. Com chavecos desses, há dias de tanta macaca que a toda a hora surgem paragens de asar: — agora é porque se quebrou um pente dos corta-palhas; logo, amolga-se outro; mais tarde, salta a correia do volante; caldeia-se um bronze; a locomóvel não toma água; os arneiros escangalham-se, etc., etc.

Do meio da tarde em diante, o aparelho de debulha continua a laborar quanto pode, melhor ou pior, segundo as circunstâncias. Se as circunstâncias favorecem numa conjugação de factores propícios, torna-se atraente observar o trabalho acelerado das máquinas e a saída do cereal. Ao cair da tarde já o «gentio» trabalha de melhor gana, livre do calor abafadiço que o tortura e quebranta na maior crecença do dia. À tardinha o calor é bem menor, e, em regra, muito atenuado pelo vento Oeste — a aprazível *travessia*, que reanima e enrija. O ambiente melhora, os corpos refrescam e a eira anima-se ao influxo dessa aragem agradabilíssima, certa e persistente. Assim, a refrega da debulha e dos acarretos, prossegue mais intensa e vivás, sobretudo a dos acarretos para os celeiros, que se efectua de preferência a esta hora. Carros a chegarem e carros a sairem, engatados a boas parelhas, rodando ligeiros e ruidosos em caminhadas repetidas e apressadas. Por outro lado nota-se igualmente a chegada de vários curiosos, ganadeiros de rebanhos a pastarem ali perto, ou criaturas estranhas à casa. Chegadiços diversos, que vêm dar o seu passeio a ver as máquinas, a observar as debulhas, a saber das fundas, a pedirem palha, ou sòmente a falam com este ou aquele da sua camada, senão com todos, incluindo o lavrador. Que falem ou não, os da eira mal os ouvem e entendem. Entregues ao trabalho, sob a vigilância dos mandantes, ao trabalho se aplicam com afã, tanto mais animados quanto mais refresca a tarde e mais se aproxima a solta. E a locomóvel lá continua a accionar a debulhadora, que prossegue laborandó metódica, a debulhar o grão e a «fazer» a palha, num sussurro continuado e infundível.

Ao sol posto, a locomóvel silva de espaço e pela última vez, anunciando a

(1) Para evitar mudanças frequentes, convém levantar rilheiros grandes e largos, em grupos de dois, paralelamente erguidos, ficando de permeio espaço suficiente para se instalar a debulhadora e si laborar muito mais tempo, sem mudança, do que labora quando se arrima a um só rilheiro. Mas isto, é vantajoso para o despacho da debulha, tem o inconveniente de avolumar o risco de perda das máquinas no caso de incêndio. Lume que apareça em um dos dois rilheiros, como não seja apagada de pronto, comunica-se logo ao rilheiro fronteiro, deixando o aparelho de debulha entre dois fogos medonhos, que o atingirão por certo, deteriorando-o bastante ou inutilizando-o em absoluto.

A debulhadora, pelo menos, arrisca-se a arder totalmente, com menos probabilidades de salvação do que se estivesse encostada a um só rilheiro.

solta. Ao som do apito, enquanto as máquinas vão afrouxando lentamente até pararem, os ganhões e os alimentadores largam o trabalho, tiram os óculos, sacodem-se das palhas e lavam-se nos tinos. Ao mesmo tempo desengatam as muares da palha e da água, para irem comer e descansar. À trabalharem em volta do aparelho, continuam por minutos os dirigentes da debulha e seus ajudas: — o maquinista e o fogueiro, a tratarem das máquinas; o abegão e o sota a ultimarem a medição, o ensaque e o carreguio, se porventura *adrega* haver carreguio para os carros. Haja ou não, tudo se despacha de pronto, concluindo a lida pela anotação dos moios ou sacos que a debulhadora tirou em todo o dia e pelo assento dos moios saídos para o celeiro. Dos primeiros, toma nota o abegão e o maquinista; dos segundos, só os regista o abegão. De ordinário, à anotação do que se tirou, assistem o lavrador (sempre que está na eira), alguns trabalhadores e os chegadiços curiosos, que privam com os «cabeças». Então repetem-se os comentários da praxe sobre a funda da seara e o trabalho do dia. Pisa-se e repisa-se o que já foi dito, mas não importa. As apreciações sobre a seara e a debulha são tema obrigatório do cavaco à solta e às refeições.

.....

Afinal, o abegão conclui os afazeres da eira e aos das máquinas acontece outro tanto. Consequentemente, um e outros voltam as costas à eira e vão até ao *sombracho*, a tratar da merenda. ⁽¹⁾ Merenda para eles e para os da ganharia, que os aguardam impacientes.

Instantes depois, ganhões e «governos» merendam o gaspacho do estilo, batatas de azeite e vinagre, ou sopas de leite. É conforme o dia da semana e os usos da casa. Seja o que for, comem quanto querem e dizem quanto sentem. Em comendo saem para fora do *sombracho* a gozarem à vontade o fresco da noite, em serão de dichotes e brincadeiras. Brincadeiras de jogos e de forças, entremeados de partidas aos pacóvios. «Armam-nas» os estúrdios, muito dados a *judiarias*. Com isso riem e retouçam, até que se enfadam e sossegam. Depois, deitam-se ao relento, por aqui e acolá, pela eira fora, à luz da lua ou das estrelas. E todos dormem tranquilos, a sono solto, restaurando energias de que tanto carecem. Tudo repousa enfim na eira, à excepção do guarda, que anda num vai-vem constante, seguido do seu apreciável companheiro — o cão fiel e «sentido», que nada lhe escapa, ladrando furioso à menor desconfiança...

.....

Os montões nas eiras — a enxuga ao sol Tanto nas debulhas por éguas como nas que se efectuam à máquina e até nas das malhas, os cereais debulhados são, por via de regra, medidos e ensacados de vez no sítio em que se limpavam, seguindo depois em carros para os celeiros ou caminho de ferro. Mas em muitas ocasiões, procede-se

(1) A refeição do sol posto, tanto lhe chamam *ceia* como *merenda*. É conforme calha.

de outra forma. O grão medido e ensacado, em vez de sair para o seu definitivo destino, é apenas removido para um local próximo, dentro da eira, onde se despeja dos sacos e onde se vai acumulando em montão ou montões, que dia a dia, aumentam de volume. Cada montão desses, chega a representar dezenas de moios, assim expostos à soalheira durante dias e dias.

Por dois motivos se explica este uso: ou por que o vagar dos carros é pouco para acarretos distantes, que se podem adiar, preferindo-se outros mais imperiosos, como os da seara em rama, ou por que estando o grão úmido, precisa de sol e de ar até se pôr enxuto e ressequido. Nem em condições opostas se deve enceleirar, sob pena de fermentações desastrosas, que mal se remedeiam. Trigos, centeio, cevada e aveia, tudo precisa enxugar bem, antes de se recolher. E as cevadas mais que os outros géneros Por enxutas que pareçam, é de boa prudência pô-las ao sol por muitos dias, a apanharem as *ressolanas* de julho ou de agosto, como preservativo eficaz contra a *ponilha* e o *gorgulho*.

Medições Fazem-se com o decalitro quadrado e ainda às vezes com o antigo alqueire, desde que se não trate de vendas ou pagamentos. Nos cereais, quer que se empregue a medida decimal, quer se adopte o velho alqueire o uso corrente no termo de Elvas é medir-se «de raso», sem exceptuar a aveia, que noutras regiões vai de cogulo. Nos legumes, usam-se os dois sistemas, prevalecendo o de *cogulo* e no alqueire e o de *raso* no decalitro.

* * *

Há muitos modos de medir. Quem sabe a valer, mede como quer e entende. Quem não sabe ou sabe pouco, mede sem uniformidade nem consciência, descambando, geralmente, para medição avantajada, prejudicial a quem vende. Os medidores de profissão, sabem tanto «da arte» que tornam a medida escassa ou farta, segundo as intenções com que medem. Aquilo neles é elástico feito na *perfeição*, com toda a limpesa aparente. E' questão de mais ou menos *endróminas* na maneira de rasarem com o pau e nas pancadas à medida, no acto de a encherem e voltarem.

Nas eiras, quando apenas se trata de géneros a remover para os celeiros da casa, a medição respectiva faz-se sem preocupações de rigorosa legalidade. Conforme o propósito a que se visa, assim vai. Mede-se por qualquer das seguintes formas: medida «franca», a nunca dar quebra, antes crescença; medida «de *bigote*», ⁽¹⁾ assás avantajada, para dar muita crescença; medida *arrapazada*, metendo pouco, para fazer número de medidas e avultar a «funda» do dia ou a

(1) Medida «de *bigote*», consiste em encher bem a medida, sem o pau a arrasar de todo, antes pelo contrário, deixando-lhe propositadamente um pequeno cogulo numa das extremidades. Esse cogulo, é o chamado *bigote*.

grandeza do montão. ⁽¹⁾ Medida direita, «de pau e ferro», a preceito de não dar «quebras» nem «crescenças», é raríssimo fazer-se. Resumindo: a medição dos cereais presta-se a trapaças de toda a ordem, que mais se avolumam com um medidor habilidoso, falho de escrúpulos. Por isso vai-se abandonando o sistema de vendas «à medida» e adoptando-se o de «a peso», que é, sem dúvida, mais racional e menos adaptável a tramoias.

(Não foi encontrado o original que se referia a esta parte do capítulo.
Vide nota no fim do volume).

..... onde os empilham ou despejam. Se se trata de carreguio imediato para os carros, os carreiros ajudam, e, a propósito, vão falando sobre a «atada» dos sacos e do peso que lhes notam. E o medidor continua a medir e a contar alto, desde o número 1 a 29 (sendo alqueirão a medida) ou de 1 a 39, na hipótese de medir com o decalitre. No primeiro caso, ao ver que vai em 30, em vez de dizer: — «Trinta!...» — diz alto: — «*Talhas*, uma...» (ou as que são). No segundo (tratando-se do decalitre), abstém-se de gritar: — «Quarenta!...» para dizer forte: — «*Talhas*, tantas!...» Por outras palavras, em lugar de contar as medidas até perfazer um moio de 60 alqueires ou 80 decalitros, ⁽²⁾ conta somente até meio moio e a essa quantidade chama *talha*. Era assim antes, invariavelmente. Na actualidade, nem sempre se conta assim. Hoje em dia, vai-se abandonando a unidade *talhas* e adoptando-se a de *sacos*. O medidor, em vez de contar até 30 alqueires ou 40 decalitros, restringe o conto ao número de medidas que despeja em cada saco. E em todos bota quantidade fixa, igual: — 6 alqueires ou 8 decalitros, nas medições para sacaria do lavrador com destino ao celeiro; 10 decalitros, nos sacos fornecidos pelos negociantes, quando se medem cereais a conduzir para o caminho de ferro. ⁽³⁾ Estes últimos não vão cheios mas pesam bastante, sobretudo os que levam trigo. Sacos com trigo a dez decalitros cada um, fazem mau cabelo aos ganhões e carreiros que lhes passam pelas costas. Nessas ocasiões dizem eles com razão: — «Se quem o merca lhe passasse pelos lombos, não mandava enchê-los tanto...»

(1) É o caso das medições nas malhas de centeio, em que os malhadores pretendem demonstrar que «tiraram muitos», que limpam e despacham muitos alqueires ou decalitros de centeio.

(2) Por *talha*, entende-se uma unidade de 30 alqueires ou meio moio. O antigo alqueire do termo de Elvas, ainda em voça e um dos mais pequenos do país, corresponde a 13,39. Um moio equivale a 803 litros. Mas para arredondar número e por tácita convenção entre a lavoura e o comércio, assentou-se que o moio de Elvas seja equiparado a 80 decalitros. Por isso quando se mede com o decalitre, conta-se uma *talha* de 40 em 40 decalitros. Em algumas eiras, na maioria talvez, tratando-se de géneros com destino aos celeiros do lavrador respectivo, mede-se ainda com o velho alqueire — o tradicional *alqueirão*, como lhe chamam os ganhões.

Nas medições por efeito de venda ou em pagamento de rendas, foros e pensões, só se mede com o decalitre quadrado. Mas isto faz-se por obediência à legalidade. Os medidores de ocasião (abegões e outros serviçais da lavoura), se os deixassem manobrar à sua vontade, mediriam sempre pelo alqueire. Do decalitre, não gostam. Alegam que medem melhor e mais depressa com o alqueire — medida maior e de mais despacho. Apego à tradição, que há-de ir desaparecendo.

(3) Os sacos dos lavradores costumam ser pequenos e estreitos, de capacidade para 8 decalitros ou pouco mais. Os dos negociantes e os de aluguer, são muito mais largos, comportando doze decalitros.

O apuramento final — No levante da eira — «Cachos e varreduras» Aí pelos meados de agosto, as debulhas estão de resto, prontas ou quase. Mal se aprontam, trata-se do «levante da eira», que é como quem diz, do aproveitamento do grão,⁽¹⁾ que escapou à debulha ou à limpeza. Escapa sempre, mais ou menos, conforme os cuidados do pessoal, o processo e a execução da debulha, a preparação da eira, etc. Assim, neste propósito de aproveitamento radical, a moinha dos trigos debulhados à máquina, passa-se ao vento e desse trabalho resulta apurar-se quase todo o grão escapado à limpeza primitiva. Os *cachos* (fragmentos de espigas)⁽²⁾ que saem ao ancinho quando se limpam os montões das debulhas por éguas, são afinal debulhados juntos no fim da época, dando origem a um derradeiro calcadouro. Antigamente o trigo apurado deste calcadouro era, em geral, aplicado ao fabrico do pão caseiro da lavoura. Da debulha do centeio por éguas ou a manguais, retira-se e junta-se uma considerável porção de *espigada*⁽³⁾ «por fazer» ou «mal feita» que é por último repisada ou batida de novo, dando ainda um rendimento de apreço. Enfim, dos assentos dos rilheiros e das varreduras finais da eira, também se recolhe tanto ou mais grão, que da *espigada* e dos *cachos*. A limpeza simultânea dos «cachos e varreduras», constitui o derradeiro serviço das eiras dos trigos e do centeio. É em geral serviço de um dia, que se faz a rigor e escrupulo, para se aproveitar quanto possível, o que tanto custa a criar. É neste aproveitamento cuidadoso que se funda a conhecida locução popular alentejana: *Fulano, ganhou tanto, fora «cachos e varreduras»*.

Palhas Conforme saem «feitas» das máquinas, dos *calcadouros* ou das *camadas*, assim se desviam da eira para onde não causem estorvo e onde se possam amontoar provisoriamente, em condições de se almenararem ou pensarem à vontade. Se o desvio é curto, de alguns metros apenas, faz-se à forquilha. Se pelo contrário tem de ficar a distância, há que juntar a palha em montões e removê-la por meio de rojão e cordas, puxados por bois ou muares. Este uso é próprio das debulhas a vapor, em que se impõe o afastamento das palhas para sítio mais afastado do que o usado nas debulhas por éguas. A palha do centeio malhado, também sai da eira, acumulada em *borregos*,⁽⁴⁾ que os próprios malhadores removem, como já pormenorizei noutro lugar.

.....

A granel, conforme saem das debulhas, ou em fardos, as palhas são recolhi-

(1) Trigo ou centeio. Da cevada e da aveia não se quer saber tanto. O que escapa à debulha e à limpeza, bem o aproveitam depois os gados, sem prejuizo para o lavrador.

A propósito de aproveitamentos convém notar que as debulhadoras boss, dirigidas por maquinistas hábeis e cautelosos, deixam escapar menos trigo na moinha do que as velhas ou mal governadas.

(2) No termo de Campo Maior, chamam *gransas* aos fragmentos das espigas conhecidas por *cachos* no concelho de Elvas.

(3) *Espigada*, nas eiras de malhas em centeio, equivale a *cachos* nas eiras dos trigos.

(4) Por *borregos* denominam-se os montões grandes de palha que se juntam nas eiras para se removerem logo a braço ou por meio de animais.

das em almenaras ⁽¹⁾ e palheiros, para assim se conservarem até saírem para o consumo da lavoura ou exigências do mercado. A almenaração a granel ou em fardos, é feita pelos ganhões, a pouco e pouco, durante a temporada das debulhas ou no remate das mesmas, indo então de fio a pavio, sem levantes de maior. Como quer que seja, o feitio e cobertura (*assetamento*) das almenaras, é confiado ao risco e direcção de um homem entendido que as faça e *aseteie* em condições de se destacarem pela sua execução de aprumo, altura e revestimento. Revestimento expesso de piorno ou colmo, colocado a preceito, sem lhe faltar o cordão tecido a pouca altura da base e o *cerradouro* em cima, no fecho. Têm de ficar assim acauteladas, para se defenderem um pouco das investidas dos pardais que as acometem e deterioram no inverno. Os pardais tanto investem e esgravatam no tapume das almenaras que lá conseguem introduzir-se entre o colmo e a palha, para aí comerem e nidificarem. E hibernam lá aos bandos, dando ensejo a que os apanhem ao *candeio*, à rede e a tiro.

.....

Antigamente ninguém prensava palha. Esta, conforme saía dos calcadouros, mais ou menos «feita» assim a granel se transportava e arrecadava. O transporte a distâncias era e é neste caso efectuado por meio de carros armados de grandes redes de junça ou de linho. As quais, desde o cimo da *enfueiradura* do carro onde «abotoam», até em baixo, ao fundo da «bolsa», a quase rojar pelo chão, uma vez calcadas e cheias, compunham e compõem carradas gigantescas, de um bojo tal, que chegam a pejar as vias públicas por onde transitam. Carradas aparentemente enormes, de grande volume, mas de pouco peso, relativamente. Este sistema de condução, que ainda subsiste (para as palhas a granel, entende-se), é moroso, incomodativo e caro. O moderno sistema de fardos, prensada, reduz bastante o volume da palha, dando margem a carradas de mais fácil carreguio, com muito maior peso e quantidade de palha.

Se não houvesse enfardamentos nem prensagens, seria economicamente impossível transportar as palhas em caminho de ferro, na escala e vantagens com que hoje se transportam. A granel, não dava a conta e por isso pouco ou nenhuma se exportava dantes.

.....

Aí por 1875 é que na região elvense principiou a usar-se o enfardamento das palhas, que se destinavam à venda e saída pelo caminho de ferro. Enfardamento deficientíssimo por meio de sacas que se enchiam de palha e depois se ligavam com cintas de ferro, apertando-as uma prensa de madeira muito rudimentar. Este processo acabou de todo, ao fim de poucos anos, substituindo-o com vantagens outros sistemas de fardos comprimidos por boas compressoras movidas a gado algumas e a vapor outras — a grande maioria delas, sem dúvida. A enfardadeira a vapor é, de facto, a mais perfeita, mais potente e de

(1) Almenaras grandes ou pequenas que se levantam nos arredores das eiras e nas cercanias dos montes.



Um contra-luz da vida nos campos

maior rendimento — 380 a 500 fardos diários, com o peso de 30 a 34 quilos cada um. ⁽¹⁾ Qualquer que seja o sistema de prensagem, a palha entra a granel para a caixa da enfardadeira e em resultado da pressão que sofre, sai de lá mecânicamente em fardos comprimidos, duros como pedras e amparados por três arames que os seguram de lado a lado em todo o comprimento. Na palha do centeio, há quem empregue dois arames em vez de três. Mas isso é uma economia negativa que prejudica a perfeição da enfardagem.

É sabido que as palhas tinham noutros tempo, um valor diminuto, apesar de se colherem menos e bem menos do que se colhem hoje. Como o seu consumo se restringia quase exclusivamente às necessidades locais, os sobejos eram em geral avultados, crescendo de ano para ano, sobretudo nas zonas em que predomina bastante as culturas cerealíferas. Tantas palhas sobejavam antigamente por essas herdades fora, à falta de exportação, que as de menos valor ou mais antigas era vulgar reduzirem-se a estrumes, depois de removidas para baixios úmidos, onde iam *curtindo*, a pouco e pouco. À algumas, como as de centeio, deitava-se-lhe fogo nas próprias almenaras ou eram previamente espalhadas nos alqueives e aí se queimavam no fim do verão. E as de boa qualidade que fazia pena transformar em estrume ou cinzas, compunham avultadíssimos depósitos, que permaneciam intactos anos e anos.

Na actualidade e por via de regra, o valor das palhas é bastante superior ao dos tempos antigos, apesar de hoje em dia haver colheitas em muito maior quantidade. O preço, porém, varia imensíssimo de ano para ano, descendo bastante nas boas colheitas e subindo muito nos anos escassos, de estiagens grandes, no inverno e primavera. Hoje, como ontem, a palha é um artigo que o lavrador sempre franqueia com singular generosidade. Cara ou barata que esteja, o lavrador de boamente a dá, às muitas pessoas pobres que lha pedem pelo ano adiante e sobretudo na ocasião da colheita. Almocreves, pequenos carvoeiros, vendedores ambulantes, donos de estalagens, burriqueiros, ciganos, ganadeiros, toda a gente pobre, enfim, que dispõe de umas bestitas quaisquer, todos pedem e obtêm palha dos lavradores dos sítios, compadre, amigo ou padrinho. Em geral, a dádiva varia somente na quantidade. Com a palha sucede o que se passa com a chamiça nos «matos». Em a havendo, é do estilo dar-se aos pobres que a pedem. São usos velhos, quase patriarcais, dos poucos que ainda restam.

.....
* * *

A almenaração e arrecadação das palhas, é, repito, o derradeiro serviço das colheitas cerealíferas. Aí fica, pois, referido nos seus detalhes de vulto, como já

(1) Isto no caso de todo o aparelho ser bem dirigido e bem servido por pessoal sabedor. Com gente madraça ou ignorante, o despacho é bastante menor.

O pessoal indispensável a uma enfardadeira a vapor consta do seguinte:

Um encarregado; um alimentador e caixeiro a meter a palha na prensa; um corta-arames; dois brecadores a ligar os arames e um acaretador dos fardos. Total, seis homens ou cinco pelo menos.

antes deixei pormenorizado, todos os outros que se dispensam ao preparo, cultura e recolhimento das searas, principal riqueza do Alentejo. Grão e palha, demandam serviços demorados, dispendiosos e constantes. Desde o primeiro «ferro» do alqueive até ao levante das eiras — um período de 18 meses — quantos cuidados, quantos entraves, quantos desenganos!... E tudo isso o lavrador suporta, sem desalento de maior, posto se queixe a toda a hora dos contratemplos que sofre a cada passo. Mas queixa-se por se queixar, por desabafo, por ouvir dizer que a lágrima é livre. Habitado aos revezes da vida, o lavrador experimenta-os e aceita-os como ossos do ofício — sofrimentos ingénitos da sua rude profissão, cujos asares e bafejos ele bem sabe que resultam principalmente de causas superiores à vontade humana. Se num ano avesso e mau, colhe pouco ou nada, outro lhe virá propício e abundante suprir as faltas daquele. E com isso se conforma. Com efeito, a vida do lavrador gasta-se num ciclo de esperanças lisongeiras, alimentadas por uma fé arreigada que nunca o abandona.

Searas «a quarto» — Searas de obrigação — Searas de favor O capítulo *Searas* ainda

não está concluído. Falta decerto pouco para a sua conclusão; mas esse pouco tem importância. E por que a tem, não ficará no olvido. Assim, após a referência e descrição das grandes searas pertencentes aos lavradores, há que aludir às pequenas e pequeníssimas dos criados da lavoura, dos seareiros e ainda por acaso de uma ou outra criatura estranha que a alcança por favor ou recompensa.



NOTA DOS EDITORES

Tendo falecido em Elvas a 18 de maio de 1922 o saudoso autor deste trabalho, o seu primeiro editor viu-se obrigado a fechar o volume sem tão interessante estudo estar concluído, porque a morte, que o roubou aos carinhos da família e dos amigos, privou-o de completar a sua obra, tão preciosa para o estudo da vida da lavoura do Alto Alentejo. Passados tantos anos sobre a época em que ela foi escrita, por certo que também alguns dos seus informes careceriam de ser actualizados, afim de corresponderem aos dias de agora. Entenderam, porém, os promotores desta nova edição não tocarem no que o falecido Autor deixou escrito, conservando intacto o texto da primeira edição, que apenas se modificou quanto à ortografia.

I N D I C E

Páginas

I

AS HERDADES — O que são as herdades — Nomes por que se conhecem, etc.	1 a 2
Topografia — Lindas e afolhamentos — Area e lotação — Dimensões — Possuidores — Arrendamentos	2 a 10

II

OS MONTES — São as casas de residência nas herdades, e, cumulativamente, sedes de lavoura — Herdades sem monte e montes que não se aplicam a centros de lavoura — Montes grandes e montes pequenos	11 a 12
Situação e aspecto — A paisagem — Almenaras e medas — Hospitalidade que se franqueia nos montes — Construções.	12 a 13
Casa de habitação — Casa de entrada — Dispensa — Cozinha — Amassaria	13 a 15
Acomodações agrícolas e pecuárias — Celeiros — Queijeira — Forno — Casa de lã — Cavalariças — Palheiro — Cocheira — Atafona — Casinha dos ganhões — Casinha do abegão — Cabanas — Galinheiro — Casa dos pintos — Chiqueiro	15 a 21
Arredores — Eira — Poços e chafarizes — Malhadas dos porcos — Bardo das cabras — Quinta, horta ou quinchoso	21 a 24
A vida nos montes — Como se passa o tempo — De madrugada, à hora do almoço — A saída para o trabalho — O lavrador e a lavradora — Avios e outros afazeres — Os asselos de portas adentro — Transeuntes e visitantes — Ao sol posto e à noitinha — A sossega	24 a 29

III

OS MONTADOS — Arvoredos de azinho e sobro — Confusão entre <i>matos</i> e <i>montados</i> — Azinheiras, sobreiros e chaparros	31 a 32
Criação — Azinheiras e sobreiros, provêm de antigos carrascais	32 a 33
Tratamento — Lavoura — Limpeza das Serras — Arroçamento — Desmoita — Roça — Os «cortes» — Desbastes	33 a 38
Produtos — Bolota — Cortiça — Lenhas — Carvão — Rama — Encabeçamentos ou lotação	38 a 49
Fruição da bolota — A «malta» — Sistemas de fruição — Engorda de «varas» de porcos — Aproveitamento com «gado de vida» — Apanha da bolota.	49 a 52
Contingências prejudiciais — Boleteiros — pombos — O burgo	52 a 53

Longevidade — Azinheiras e sobreiros vivem muitíssimos anos — A azinheira sobretudo é de uma longevidade incalculável	53 a 54
---	---------

IV

PESSOAL DE UMA LAVOURA — Criado de ano, de temporada e a dias — Sua denominação, segundo o período porque se contratam — Agrupamentos	55 a 56
Criadagem permanente — Entidades que a constituem.	56 a 57
Pessoal transitório — Quem o compõe	57
Soldadas — Vencem-se de duas classes — De que constam — Época dos ajustes — Preceitos e praxes que os regulam — Pelos introitos de S. Mateus — No dia de contas	57 a 64
Salários — Preços médios por dia e homem, em relação às diferentes épocas do ano — Usanças que precedem os ajustes — Instabilidade dos jornaleiros.	57 a 64
Aumento das soldadas e salários — Causas que motivam a subida.	64 a 65
Particularidades de cada ocupação — Guarda de herdades — Abegão — Sota — Boieiros — Ganhões — Maioral de mulas — Carreiros — Carpinteiros — Cozinheiro — Amassador — Pacote — Criado de cavalos — Roupeiros — Leiteiro — Perunzeiro — Hortelão — Semeador — Embelgador — Corta-ramas — melancieiro — Gadanheiros — Enrilheiradores — Tardão — molheiros — Guarda da eira — Ceifeiros — Tosquiadores — Cordoeiros — Valadeiros — Lançarote.	65 a 89
Mulheres — Empregam-se: nos apanhos da azeitona e da bolota; na espalhação dos estrumes e adubos; nas mondas, sachas e colheitas de legumes e um pouco nas ceifas — Salário e horas de trabalho — Quem as governa — As «baías» — Como passam os serões — A «paga» aos domingos	90 a 95
Ganadeiros — Distinção entre ganadeiros e maiorais — Categorias — Procedência — Ajustes — Soldadas — Pegulhais — Tendências e hábitos — Trajos — Malhadas — Chocalhos — Guardadores de gado vácuum: boleiros; vaqueiros; açougueiro; novilheiro — Guardadores de gado cavalariço: eguariço; poldreiro — Porqueiros: maiorais; entregue de porcas; farroupeiro; vareiro — Soldada de um porqueiro, com pegulhal — Pastores: maiorais; entregues; alavoceros — Guardadores de gado caprino: cabreiro; chibateiro — Alfeireiros.	95 a 112
Alimentação — Praxes que a regulam — Avios ou comedorias — Refeições — Comidas habituais desde o S. Mateus até maio: almoço; merenda; ceia — O trato no verão, desde o 1.º de junho até 20 de setembro: almoço; jantar; merenda; ceia — Comidas melhoradas em dias de «nomeada»: pelas matanças do fumeiro; durante o Carnaval; no dia da «agarrança»; pela Páscoa; em quinta-feira de Ascensão; pelos Santos; pelo acabamento da sementeira; por bodas e batizados; jejuns.	112 a 123
Dias feriados — Os que se guardam a rigor — Os que se guardam ou não, conforme as circunstâncias — Os que nunca se guardam	123 a 124

V

COSTUMES DOS CAMPÔNIOS — Naturalidade e domicilio — A' excepção dos «ratinhos», a grande maioria dos serviços nascem e residem nas povoações dos arredores. Diligência para adquirirem, de propriedade, casa na aldeia 125 a 126

Habitações — Cuidados de conservação e asseio — Casa dianteira — Quarto de cama — Outros compartimentos — Quintal — Os «vivos» 126 a 132

Vida doméstica — Detalhes que a definem — Predomínio da mulher sobre o marido — Como cuidam das crianças — Negação á escola — A amizade dos pais, só se avigora quando os filhos começam a ganhar no campo — Desavenças conjugais — Batisados — Bodas — Enterros — Trajos — Alcinhas — Tratamentos 133 a 168

Diversões — Pouca propensão para folguedos — De romarias notáveis, a do Senhor da Piedade, em Elvas — Bailes — Festas e touradas — Jogos — Pelo Entrudo — Na noite de serração da velha 168 a 190

VI

OS RATINHOS — Designam-se por *ratinhos* os homens que em maio saem das Beiras para ceifarem as searas do Alentejo — Sua divisão em camaradas — O manageiro — A viagem — Carácter — Ajustes — Alimentação — Auxiliares alentejanos — Nas ceifas — As contas — O regresso 191 a 210

VII

ALFAIAS AGRÍCOLAS — Persistência dos instrumentos antigos de lavoura — Introdução de alfaias 211 a 212

Descrição alfabética da alfaiaria agrícola antiga e moderna, usada na região 212 a 240

Aprestos de cavalgaduras — Para muares em serviços de carro e arado — Nas éguas e cavalos «montados» dos lavradores — Nas éguas dos guardas, vaqueiros e eguariços — Em muares de aparelho — Nas burras dos ganeiros — Nas bestas de carga, dos montes — Nos machos e burros dos almocreves arrieiros 240 a 243

VIII

SEARAS — O lugar que occupam na agricultura alentejana — O seu desenvolvimento — Serviços culturais 245 a 248

Lavouras — Animais e instrumentos que se empregam — Singelos e revezos — Distribuição das juntas — Horas de «agarrar», dias amenos e dias de chuvas — Nas merendas do meio-dia — Aguadas — A solta — Alqueive — Lavradas de alqueive e lavradas de sementeira — Tornas, cantos, boquilhões e lobas — Armação das tornas — Píscolas — De águas fora e de águas tomadas — Preceitos diversos — mudanças de ferros — mudanças de relhas — Madeira partida — Golpes nos bois — Geiras 248 a 267

<p>A lavoura no outono — Sua intensidade — Pessoal que se emprega — Seu luzimento — amanhã — Salários, altos ou baixos — Prognósticos — horas de agarra e solta — Recordações e comentários — As baias — Horas da aguada e descanso — Revezos e solta dos animais</p>	<p>267 a 282</p>
<p>Serviços preliminares e complementares da lavoura — Gradagens — Limpeza das terras: Desmoitas; queimadas — Estrumes e adubos: estrumeiras; esterco de gado manadio; adubos químicos — Sementeira outonais: o que se semeia; trigos; centeio; cevada; aveia; favas — Seleccção das sementes — Sulfatagens — Quando se semeia — Tempo seco e tempo chuvoso — O que se semeia primeiro. O que se semeia último — Semeadores — Como se semeia — A formiga, os pássaros e o vento, comprometendo os semeadores — Sementeiras vastas e sementeiras ralas — Sementeiras temporãs e sementeiras serôdias — Semente por hectar — Quanto leva cada folha — Cálculos por geira — Sementeiras de primavera: trigo ribeiro; grão de bico; chicharos; feijão frade — Semeadas recém-nascidas: boa ou má nascença; seu resultado final; vasta ou rala; seus defeitos e averiguações — Rastilhagens: costumes; prática — Drenagens — Valas — O tempo: qual o bom tempo e qual o mau — Anos de estiagens e anos de invernias — Preces — Geadas — Nevões — Pedriscos — Mondas: mondadeiras; como se monda e quando — Ervas que se destroem: malvas; tremoços bravos; ortigões; cisirão; cardos; joio; negrita; margaça; pampilros; soagens; saramagos; papoila; rabo de gato; língua de vaca; palanque; alabaços; trevo; rinchões; espargos; cõngitas; almeirões; unha-gata; bredos ou ervas fadagossas — A perspectiva das searas: fases; cuidados — Aspectos e impressões: depois da nascença; aspectos; tempo; desenvolvimento; resultados — De fevereiro a meados de março — Por março fora — Entre março e abril — O ramo nas searas — Em abril — Em maio — Em junho — Em julho</p>	<p>282 a 321</p>
<p>Colheitas — Ceifas por «ratinhos» e mulheres — A atada — Rilheiros — Enrilheiração e enrilheiradores — Acarretos: pessoal dos acarretos; preceitos e usos no rastolho e em marcha; fundas por carradas — Precauções contra incêndios: seguros — Eiras: sombracho; usos; feição das eiras — Debulhas: sistemas de debulhas; calcadouros; debulha por éguas; quando se «agarra e solta»; intervalos; a debulha; limpeza ao vento; palhas; debulhas à máquina; sua adopção — Usam-se nas eiras de quem possui máquinas e nas de outros lavradores que as alugam — Contratos de aluguer: Caminhadas de umas para outras eiras — Debulhadoras grandes e debulhadoras pequenas — O aparelho de debulha — Pertences e acessórios — Bomba para incêndios — Peças sobreceletes — Combustível — Agua — Óleos e vaselina — Pessoal que empregam as máquinas — Atribuições e deveres das diversas entidades — Maquinista — Fogueiro — Salários do maquinista e do fogueiro — Outras notas sobre ambos — O abegão — Alimentadores — Despacho da debulhadora — Horas de agarra — A debulhadora em acção — O almoço — Entre o almoço e a «cigarrada» da manhã — Continuação da faina — O jantar — Refrega da tarde — Segunda «cigarrada» — Ao cair da tarde — A solta — Quanto se tirou — A ceia ou merenda — Depois da ceia — Os montões nas eiras — A enxuga ao sol — Medições — O apuramento final — No levante da eira — «Cachos e varreduras» — Palhas — Searas a «quarto» — Searas de obrigação — Searas de favor</p>	<p>321 a 370</p>

APÊNDICE

A Caminho da Cegonha
(Novela Regionalista)

ESTE trabalho é um dos primeiros do Autor, que com ele tentou o seu labor no campo da ficção literária. Incluindo-o nesta edição de O ATRAVÉS DOS CAMPOS, pretendem os seus editores prestar a esta feição do grande escritor a homenagem que lhe é devida.

ERA aí pelos introitos do S. Mateus. As chuvas outonais ainda não tinham aparecido e a estiagem do verão, que fora comprida e aspérrima, ameaçava prolongar-se indefinidamente, para flagelo das mulheres da aldeia, que se viam em palpos de aranha para obterem água suficiente às necessidades do consumo.

Os quatro poços contíguos à povoação, de há muito que estavam absolutamente secos. No fundo de todos, como que a atestar as diabruras do rapazio, amontoavam-se pedras de diferentes tamanhos, misturadas com vários fragmentos de origens diversíssimas. Mas, a respeito de amostras de água, que era o que naturalmente neles devia haver, nem sequer uma gota!

Encontrava-se sim, mas em pequeníssimas quantidades, nas fontes desviadas meia légua e mais, o que demandava um trabalhão insano para aquela gente infeliz, que forçosamente tinha de vencer a pé essas distâncias grandes e incômodas, máxime quando percorridas três e quatro vezes por dia e noite, como acontecia ordinariamente.

Mas que remédio, senão abraçar a cruz com heroica resignação! As pobres criaturas assim o compreendiam também, e portanto resignavam-se com melhor ou pior vontade. Costumadas desde a infância a uma vida de atritos e amarguras, arrostavam pacientemente com mais esse sacrifício, que de resto era apenas uma sombra de outros cem vezes maiores, que se lhes deparavam a cada passo, na senda dolorosa da sua humilde existência. Todavia, lá de longe em longe, o desfalecimento anuviava-lhes o espírito, e então maldiziam o seu triste *fadário*, invetivando os protegidos da fortuna, que não sabiam o que era sofrer!...

Mas esses desabafos não passavam de fraquezas momentâneas, que se esvaíam como fumo. Por que, afinal, as jornadas ao poço, a par de muitas canseiras e fadigas, concorriam, igualmente, para uns certos atractivos que compensavam menos mal aquelas marchas violentas. Eram um ensejo esplêndido para as caminhantes narrarem umas às outras o que ocorria na paróquia, desde a coscovilhice rasteira e banal, até às imoralidades de sensação escutadas com avidez pelas gulosas do escândalo. E o ensejo aproveitava-se sempre, não se perdendo um minuto.

Nestas circunstâncias, a população feminina andava num vai-vem constante a caminho da «Cegonha» — uma nascente bem reles, mas a melhor das imediações, principalmente quanto à qualidade da água, que asseveravam ser ótima. Até se dizia que o Santos, mestre de letras, que viera de Campo Maior sofrendo atrozmente da bexiga, depois que bebera da Cegonha, nunca mais importunara o Dr. Vicetto com a massada gratuita da introdução da algália.

Com tais predicados, e sabido o rigor da estiagem, é fácil de avaliar e apreço da famosa água, espécie de maná divino, cubiçado com sofreguidão por um enxame de criaturas. Mas o depósito despejara-se havia um par de meses, e por conseguinte quem quisesse encher, tinha de esperar que lhe coubesse a vez, por que aquilo ia por sua ordem e altura. O pior porém, é que a nascente continuava a *afalciar* a olhos vistos, e já quase que não corria. As umidadezinhas que ainda lacrimejavam as fendas das rochas, iam-se acumulando no fundo do poço e aí se conservavam quinze ou vinte minutos, o tempo preciso para se encher o covacho. Depois caía lá o chocalho e... pronto... e ficava todo esgotado.

Mas que originalidade é essa de servir o chocalho para se tirar a água do poço? dirá provavelmente o leitor. Não se admire, excelentíssimo senhor: são costumes dos povos. Lá diz o ditado: *cada terra com seu uso; cada roca com seu fuso*. E o fuso, que no caso presente é o chocalho, após a sua natural aplicação, isto é, depois de servir por muitos anos para compostura das reses bovinas, passa pela amputação do badalo e, assim desprovido do toscó apêndice, serve de balde ou caldeiro. Quem não tem chocalho não bebe — dizem por epigrama os estranhos à aldeia. Mas só não bebe quem não quer. Apesar da água ser pouca e dispendiosa, até na casinha do mais pobre se dá da melhor vontade a todos que a vão pedir. Assim se confirma a boa e generosíssima hospitalidade alentejana, que não encontra rival em toda a terra portuguesa.

Reatando porém a narração, fica evidenciado que o sítio da Cegonha era naquela época calamitosa um constante acampamento do mulherio indígena, que ali se entretinha horas e horas com uma paciência extraordinária. Verdade seja que elas procuravam

distrair-se por mil maneiras, todas tendentes a esquecer a arrelia da espera e a aridez do local. De dia sentavam-se à sombra de uma vetusta e copada azinheira, onde costuravam ou faziam meia, quando não se penteavam umas às outras, porque para tudo havia ocasião. E ao mesmo tempo que manejavam a agulha ou moviam o pente, tagarelavam com frenesi sobre os assuntos locais, especialmente se se discutiam os namoros de parentes, ou as qualidades das quatro senhoras da aldeia — das *graves*, como lhe chamavam por consideração algo irónica as suas rústicas comparoquianas. E se por último Morfeu as acometia, elas rendiam-se-lhe de boamente, por que enfim, uma sestazinha naquelas alturas é mesmo de apetecer. E então as raparigas, que se pelam por uma soneca! Dava gosto vê-las para ali estendidas à frescalhona, sobre as musgosas lages do granito, apenas com uma saiazinha curta sobre a camisa, com os seios à vela e os cabelos desgrenhados, num abandono natural, voluptuoso, excitante!

Entretanto enche-se a poça.

O facto fora espreitado de antemão por muitas interessadas, e agora que se realiza, produz o costumado alvoroço, especialmente naquela a quem pertence a vez. Pudera, se a pobre pode enfim encher o seu bojudo cântaro de barro!

Um só, bem entendido. Mais não pode ser. Se a água sobejar, pertence à espera imediata. É a *direitura*, ou, melhor dizendo, o costume, que se observa escrupulosamente, embora não conste do bolorento cartapácio das posturas municipais. Supomos que é por isso mesmo que o costume se cumpre à risca.

Mas seja ou não, pouco importa isso. O que é certo é que a dona da vez, mal o covacho encheu, arrima logo à fonte, ajeita a bilha, desenrola a corda do chocalho e zás... catrapuz... lá vai o dito para o fundo do poço, de onde logo se ergue a transbordar, esguichando-lhe a água pelas dezenas de buraquinhos de que está crivado, mercê da acção do tempo e da continuidade do serviço.

Efectuado o enchimento do cântaro, a boa da mulherzinha coloca-o à cabeça e dispondo-se a partir, grita para as outras:

— Haja saude! bem té logo, filhas, que eu cá me sumo!..

As companheiras *acarradas* à sombra da árvore, contestam-lhe com um bocadinho de inveja:

— Ala, que se faz tarde! Olha não te enganes no caminho! Dá lá soidades!..

E parte. Parte triunfante com a sua carga, deixando encostados ao redor do poço um cardume de cântaros e chocalhos de diversos tamanhos, que ainda ali permanecerão horas e horas, testemunhando a penúria da nascente e a constância do mulherio.

E os ganadeiros que percorriam a rastolhice vizinha, *traiteando* uns a alfeirada dos novilhos, outros a bacorada dos erviços, ao verem aquela cena desoladora nunca deixavam de murmurar pesarosos: — Que de *esperas* há hoje na Cegonha!..

* * *

Uma hora da madrugada. Noite serena. Luar esplêndido.

Aí à Cruz da Veleza, caminhavam para o poço, a Vitória à Pingalha e a Luisa à Ratuca, duas mocetonas de truz, capazes de embeçarem o mais sisudo eclesiástico.

Ao longo da vereda escabrosa e ingreme por onde elas seguiam, tudo era triste e medonho. A' direita, os pedregulhos colossais da gruta da Lapinha; à esquerda as ruínas dos velhos casarões da Ladeira; na frente a desmantelada cruz de pedra que dava o nome ao sítio, e na retaguarda o humilde cemitério da aldeia, com dois ciprestes únicos e a via férrea, com os seus esguios postes telegráficos, avejões sinistros que na sua imobilidade constante, infundiam tétrico pavor aos fanáticos supersticiosos.

O zumbido impertinente dos arames, quebrando o silêncio sepulcral daquela hora misteriosa, era mais outra nota esquisita que imprimia singular aspecto àquele ponto ermo e solitário.

As raparigas à medida que venciam a costa, assim aceleravam o passo falando alto, muito alto, na intenção manifesta de afugentarem o medo que ambas sentiam involuntariamente, a despeito do seu carácter resolutivo, pouco dado a pieguices.

— Ai comadre! Sinto um tremor nas pernas!.. Sempre cuidei que fosse mais tarde...

Se soubesse que era tão cedo, não vinha à fonte a esta hora. Até se me eriçaram os cabelos, quando ouvi soar a uma!...

— Olha cá, Luisa, *tamen* eu não vou com a cera toda junta, e mais não sou *cagarola*... Uma pessoa sair de casa, assim fora de horas, e para sítios tão *soturnos*!... Onde quer está um desavergonhado que pode fazer pouco da gente... E então se nos aparece algum medo?... ou alguma alma do outro mundo... Que a mim, afigura-se-me que tudo isso são *enzonas* das criaturas velhas, que se querem *adevertir* com a *familia* moça! Pois se eu ainda não vi nenhum medo, e já tenho uma *catrefa* de anos. Tu já viste, comadre — pergunta a Vitória com interesse.

— Eu não — responde a outra. E acrescenta: — Mas dizem que os *ai*, e bruxas... e lobis-homens... e mouras encantadas...

— Lá mouras encantadas, a modo que é verdade havê-las. Se as não houvesse, de má sorte chamariam *Oiteiro da Moira*, além àquele que se está vendo em *Vila Cova*.

— Pois isso é velho — confirma a Luisa.

E a Vitória prossegue:

— O que me a mim dá que pensar é dizerem que na noite de S. João, à meia-noite, a moura quebra o *encante* e aparece cá em baixo na ribeira, ali ao pego da Azenha. Se será verdade?!...

Entretanto alcançaram o topo da colina, e logo depois entraram na caleja de Safará — azinhaga estreita e tortuosa, ladeada de muros antiquíssimos, revestidos de espessos silvados, que ali se desenvolviam à vontade, para melhor vedação das vinhas confiantes.

A Luisa, que sentia aumentarem-lhe os receios, à medida que avançava, murmurou impaciente:

— Amaldiçoada seja a caleja esta, que tão *escusa* é!... Muito passa quem é pobre!...

Neste comenos, o regougo agudo e prolongado de uma raposa, ecoou lúgubrememente por aquele escampado fora, ferindo os tímpanos da pobre moça que nunca agoirava bem do cantar das raposas.

A Vitória, que lhe conhecia o fraco, exclamou jovial:

— Olha a grande zorra, como ela canta forte!... E está *perlichinho* de nós... Soa dali logo... Havia de ela assomar aqui, que eu gostava de lhe ver o *rabazolho*!

— Pois eu não! Nem a quero ver, nem ouvir. Só eu sei o que sinto no *entierior*, quando ouço de noite aquelas *ladronas* velhacas. Lembram-me os lobis-homens...

E calou-se repentinamente. Reparara em duas luzinhas que brilhavam sobre o verde escuro dos silvados, e que afinal não passavam de dois lindíssimos pirilampos. Mas ela, que ao tempo só pensava em lobis-homens e fantasmas, imaginou logo bruxaria.

— Que será aquilo, Vitória?

— Ora! o que há-de ser tonta? Nem *sequera* vês que são dois *arem-cus*. *Tamém* tens medo deles?

— Não, dos *arem-cus* não me arreceio. Mas afigurava-se-me outra coisa... Se isto tudo é tão medonho!

— É medonho, é. Mas que lhe havemos de fazer. O melhor é desterrarmos pensamentos tristes!...

Com estas e outras práticas, as duas moças levavam de vencida o solitário caminho da azinhaga, cuja desembocadura já avistavam perto, descobrindo-se então o opulento chaparral do Baldio do Conde, que era como que o vestibulo do estiolado vergel onde ficava o poço da Cegonha, ponto terminus da sua jornada.

Em certa altura ambas se recolheram ao silêncio, seguindo sempre a passo ligeiro, próprio de gente nova, que não cansa facilmente. Mas de súbito, a Pingalha estacou, e disse a sério:

— *Tato*... temos obra!...

Algo de extraordinário sucedia. Ela não procederia assim por futilidade de pirilampos, ou outras semelhantes. Havia novidade de respeito, com certeza. Em todo o caso não se atrapalhou. O que fez foi tocar no braço da Luisa e dizer-lhe baixinho:

— Não vês um vulto, além ao fundo da caleja, mesmo ao canto, assim como coisa de de criatura que está assolapada?

— Vejo sim — respondeu a companheira, visivelmente assustada. E observando melhor, acrescentou a tremer: — Ai *nina* que é um homem!... Algum maroto capaz de implicar com a gente!...

Efectivamente, junto ao muro do lanço da Safara, descobria-se o corpo de um homem agachado. Permaneceu assim coisa de dois minutos. Depois ergueu-se com um vara-pau na mão, e em seguida olhou logo para todas as direcções, como a certificar-se de que ninguém mais o veria. Parece que reconheceu isso mesmo, porque imediatamente deu alguns passos para o centro da azinhaga, onde parou. Ali assobiou de um modo especial, encostando-se ao pau, de rosto voltado para as raparigas, que fixava com atenção. As duas sentiram um calafrio pelo corpo todo. A Ratuca teve de amparar o cântaro com a mão, para não atirar com ele a terra: tremia como varas verdes. E batendo castanholas diz para a outra:

— Ai, Vitória, que trabalhos tão grandes!... E que tanganho com que ele se *apezuhnha*, o amaldiçoado!

— Fala baixo, mulher, que a *embrechada* não pára aqui. Verás tu que o marmanjo não vem sozinho... Toma sentido além para a *quina* do Vale de Andorinha, que há-de bispar a cabeça de outro moicante que se assoma e esconde logo, como quem está com escovinhas... Olha, lá apareceu ele agora todo... E que brêgeiro que é o patife... Andar em fralda de camisa! E vem para cá... traz uma coisa na mão... Isto é *môlhada* dos dois por força!...

A Luisa julga-se perdida. Nem ao menos ouve os comentários da Pingalha. A chorar, recorre à protecção celeste:

— Valha-nos a Senhora do Rosário!

A Vitória também não está afoita. Ouvindo a súplica da companheira, acrescenta comovida:

— Sim, valha-nos Nossa Senhora. E o Senhor da Piedade nos acuda!...

Entretanto, o homem que viera da esquina do muro, dirigiu-se para o outro do pau, que permanecia quieto no meio da estrada. Chegou-se a ele, pousou no solo o objecto que segurava, e, acto contínuo, começaram ambos a falar baixo. Evidentemente eram companheiros. E um e outro fitavam com persistência as duas raparigas, que por seu turno já tinham parado também, à respeitosa distância de uns 300 passos.

Passado um instante, os dois desviaram-se um pouco, e colocaram-se de modo a estorvarem a marcha às moças, se por acaso elas avançassem.

As pobres ficaram geladas. A Pingalha, porém, chamou a si uns restos de força moral de que ainda dispunha, e disse resolutamente: — Seja o que Deus quiser! Para diante é que é o caminho... toca a andar...

— Não, Vitória, não — obtemperou a Luisa com voz sumida. — E' melhor voltarmos para traz e desatarmos a fugir.

— Es parva! Pois não vês que se fugirmos, eles, querendo, pilham-nos logo!

A tão sensata observação, a Ratuca não atina com resposta de jeito. Por fim titubeia:

— Ai comadre da minha alma! Isto é o fim da nossa vida! Aqueles mariolões são capazes de nos matar. Pelo menos dão-nos uma untura valente, que nos deixam a pão e laranja. E se for só isso?!... Ui!... que dor de barriga que eu tenho!...

A Vitória está tão absorta, que nem dá pelas lamentações da amiga. Sente-se igualmente perplexa, atônita, sem se atrever a caminhar para diante, conforme tinha dito.

E' nessa ocasião que os dois soltam estrepitosas gargalhadas. E sem mais aquelas, os presumidos *moicantes* adiantam-se para as raparigas, zurrando e espinoteando como uns doidos. O da camisa de fora grita de largo:

— *Arrenquem* daí, suas badanas medrosas!... Que tal foi o *sirote*?!

E o do pau observa-lhe em chacota:

— Deixa-as, parente! Deixa-as! que estão entupidas!... Tomem ar *pavonas*! Tomem vento, se não querem morrer de susto! A apostar que a Luisa bota cheiro!...

E a Pingalha e a Ratuca reconhecendo as vozes dos dois, exclamam admiradíssimas:

— O Ventosas!...

— O Carrapichana!...

— Quem tal havia de dizer! — conclui a primeira, deveras assombrada.

— E é verdade! — corrobora a segunda, ainda estupefacta.

Eram efectivamente eles. Eram o Chico Ventosas e o Tomé Carrapichana, dois rapagões alentados e estúrdios: o primeiro, namoro encartado da Vitória; o segundo, derriço fiel da Luisa.

Aquilo tudo fora pirraça lembrada por ambos, duas horas antes, quando se juntaram na praça da aldeia para regressarem ao trabalho. Até esse tempo haviam passado a noite de namoro com elas mesmo, que lhes disseram estarem tratadas para saírem de madrugada à fonte na mente de se demorarem pouco com a espera de vez. Isto revolveu-lhes o miolo. Vieram-lhes cócegas de segunda entrevista, lá fora ao luar, no caminho do poço. São as melhores, disseram eles para consigo, evocando cenas semelhantes, sucedidas frequentemente.

Por conseguinte, ao saírem da povoação, acordaram logo no plano da empresa. Iriam esperá-las um bocado mais adiante, aí prás bandas das vinhas. Depois, quando as lobrigassem, meter-lhes-iam medo por qualquer maneira, que as assustasse bastante... — E' uma pançada de rir que um homem apanha! concluíram eles muito joviais, muito espirituosos.

— És um velhaco! um maroto!... — disse a Pingalha para o seu Chico, mostrando-se furiosa. Teres a pouca vergonha de nos sair ao caminho, como fazem os ladrões!... E se eu morresse de susto?! —

— Então agora pões-te arisca?... — observa-lhe ele, à laia de galanteio.

— *Tis-tó* cão! que eu não sou besta. Começa com alarvidades e verás quem é esta amiga. Ora o atrevido!... Sempre há cada farsoleiro!...

O Chico começa a arrepender-se da chalaça. Aquela descompostura, assim à queima roupa, doia-lhe como picadas de alfinetes.

Necessariamente, tinha de mudar de tática. Precisava deitar água na fervura. Senão entornava-se o caldo, e isso não lhe convinha.

— *Baia* um gênio *condenado*! — redarguiu ele, procurando ameigar a voz. E depois, com modos humildes: — *Caramba*, mulher, que de tudo desconfias! Se queres, peço-te perdão!... Olha sabes o que te digo? dá-me o cântaro, que eu to levo até além adiante. E entrementes, ouves umas coisas que eu te quero contar. Sim, deixa-te de amuos... aquilo foi brincadeira... Cá por mim estão as pazes feitas. Toma lá um figo... é dos verdiais... E oferece-lhe o saboroso fruto.

A Pingalha ouvia em seco. Nem pio. De resto lá para com os seus botões monologava:

— Que diabo, as *trapuchas* têm de acabar. Se eu morro-me por ele!... Está dito... aceito as pazes. Mas não lhe mostro o focinho logo às primeiras!...

Nestas intenções tirou o cântaro da cabeça, entregou-lho, e disse-lhe bruscamente:

— A vontade que me dá é quebrar-to na cara! Mas larga para cá o figo... E recebendo-o, agradece com uma palmada teza sobre as mãos do Ventosas. — E' a paga — disse ela rindo. E seguiram ambos para diante, aos sopapinhos um no outro. Estavam congraçados.

Ouçamos a Luisa. Esta, saindo do torpor em que ficara, mediu com circunspecção o alcance da pirraça e não gostou. Pareceu-lhe forte demais.

Por consequência voltou-se para o Carrapichana e exprobo-o:

— Se cuidas que estou bem contigo, enganas-te. Agora vejo que não tens *lacha* nenhuma! Apareces-me aqui a horas mortas, e assim de camisa de fora com os ensaiados!... Quem te deu essas confianças?! —

Ele sorri, e responde:

— As confianças tomei-as eu... E a respeito da camisa de fora... são coisas... Foi preciso assim... —

— E para quê? Para que foi isso?

— Para te trazer contente, que é só no que cuido! Para te molhar a boca, prenda da minha alma!... — E voltando atrás, o Tomé corre como um gamo ao sítio onde pousara o volume que trouxera na mão, e dele tira um formoso cacho de uvas, que se apressa a oferecer à Luisa. — Toma lá tonta... Come-as à minha saúde! Fui caçá-las ali ao bacelo. Por isso é que despi o colete e pus a fralda à vela. Quis assim meter medo ó *pachelgas* do viuheiro... Como ele fugiria a escape, se visse lá dentro este fantasma! Se lhe não

desse para me atirar alguma chumbada, que tudo podia ser. Por isso me raspei logo... Aquilo foi num *flaute*... O Ventosas ficou de fora à espreita, a ver em que paravam as modas!...

Mas a Ratucha não aceitara as uvas. Ia sòmente ouvindo o que o namorado lhe dizia. Por último, quando ele pareceu terminar, ela observou-lhe:

— E é com esse carão deslavado que me contas acções dessas! Porventura, pedi-te eu alguma vez para que furtasses uvas para mim ou para *qualquera*? E' onde pode chegar a *desfachatez*! E olhar eu para um menino desta laia, que furta uvas de outrem e sai às moças de noite! E eu que lhe dei *creto*! E eu que lhe meti no bico que vinha p'r'aquí e mais a Vitória!... O que falta, é que agora apareça alguma má língua, que nos apanhe aqui de *súbato*, a ver-nos de paleio sòzinhos no meio da caleja!... Não era preciso mais p'ra ficar desonrada nas bocas do mundo!...

E ao lembrar-se de que naquele momento grave, corria perigo a sua honra impoluta até então, a honesta rapariga rompeu num choro copioso, que atrapalha bastante o atrevido Carrapichana. Quase que se comoveu.

— Ora não há uma coisa assim! — exclama ele, meio desorientado. — Fiz-lhe a partida cuidando que a fazia rir, e vai desata-me a chorar! E a chorar porquê? Por nada, a bem dizer. Pois então tirar uma pessoa um esgalho de uvas numa vinha destas, que é uma *latma* de terra, é coisa que faça mal a alguém?!... (*Indignando-se*) E os zangonais dos vinheiros por que as não dão, quando um homem lhas pede para se fazer novo, ou para matar um desejo?! Mas isso dão eles, que é festa. Se fosse p'ra alguma *raftona* que lhes mostrasse os dentes, ou p'ra algum basofão que lhes acenasse com a *pataca*, era logo! Mas cá p'ró pobre, que não afrouxa tabaco, nem aveza *cheta* ou coisa que o valha, isso cruza. Inda ontem, quando à boquinha da noite aqui passámos de vírmos da obrigação, e que eles estavam *espernegados* além nas pedras a botarem fumo e a venderem *lampanas*, nós lhes pedimos à boa paz um cacho p'ra cada um. Pois os *filhos de curta*, fora as mães, puseram-se a rir da gente, com ares de escárneo. E o preguiçoso do Pau Vestido respondeu à boca cheia: — Estão verdes!... Nós enchemo-nos de brio e não lhe voltámos troco. Que eu ainda disse devagarinho: *agora fanças tu*, chibato sarnoso! mas deixa estar que ainda te hei-de puchar pela *gadelha*!... E fomos p'ra diante. Mas assim que os vimos pelas costas, eu disse escamado p'ró Chico: — Pois não a havemos de pregar àqueles bel-droguellos sovinas? E ele respondeu: — «E' só *amanhem*!» E foi o que fizemos, p'ra que não façam pouco dos rapazes... Que digam agora que estão verdes!

E o Tomé julgando-se justificado, remata a defesa envergando o colete e a vèstia ao mesmo tempo que acrescenta com doçura:

— Já tu vês, Luisa, que se furtei não foi por mal; foi por um despique!...

— Mas eu não gosto de despiques — observa ela, com restos de choro.

Ele finge que não a ouve, e continua brandinho:

— Não chores, filha... anda, aceita as uvas!...

— Já te disse, Tomé, que eu não como uvas furtadas. Tenho *escrúpalo*!

— Qual *escrúpalo* nem *escrúpalos*! Eu cuido que não é pecado uma pessoa furtar uma *regularia* para comer... E mais disso, não foste tu que furtaste!...

E o Carrapichana, persistindo na sua ideia, qual outro demónio, tentando uma segunda Eva, chega o pomo proibido mesmo aos lábios da pequena, dizendo-lhe muito dengoso:

— Ao menos este *esgalhinho*!... Vá, aceita!... — suplica ele, derretendo-se como manteiga em fins de julho.

E como «*água mole em pedra dura tanto bate até que fura*», a Luisa, dando razão ao prolóquio, deixa perceber um risinho bonançoso, indício seguro de tácita condescendência.

— És o diabo a atentar-me! — arrulha ela com meiguice. — Eu a não querer pecar e tu... *zumba*... *ateimando* sempre! Não me atentes, homem... não me atentes... (*Reflectindo*) Só se deres um pataco às almas. Se me prometes isso, aceita.

— Pois darei o pataco, está dito.

— Palavra de honra?

— Palavra de honra, está bem de crer. Para prova aí vai o *cepo*. (*Estende-lhe a mão*) Aperta, papoila!...

— Ora, deixemo-nos de tolices. P'ra que diacho te hei-de apertar a mão? I Basta a palavra.

— Anda lá, aperta sempre. É a maneira de o negócio ficar valioso!

Ela então rende-se de todo. Já não tem forças para resistir mais. Aquilo de ele prometer o pataco às almas, com aperto de mão à mistura, enterneceu-a tanto que lhe esqueceram todos os escrúpulos, que por acaso ainda lhe restassem.

Deram pois as mãos, está sabido. E é claro que ficaram com elas enlaçadas por muito tempo, num êxtase eloquente, deleitoso. Estavam bêbedos de amor.

— Se te parece, Luisa, é melhor irmos ali *p'ra o pé* da parede e conversaremos uma migalhinha, sentados. Se vier alguém, eu escondo-me detrás dos carapateiros, e tu finges que estás a atar as ligas.

— E isso não parecerá mal?

— Mal porquê? Ninguém nos vê!...

— Mas podem-nos ver.

— Qual história!... Se vier *gentio*, eu escondo-me.

— Bem, vá lá. Mas há-de ser por pouco tempo...

Ela arrimou o cântaro junto das silvas, e sentou-se no chão, muito ligeira.

Ele já lá estava, aguardando-a impaciente.

E ao senti-la ali, a seu lado, ombro com ombro, face com face, pegou-lhe na mão e apertou-lha com furor.

— És mais bonita que a rainha! — diz-lhe ele num ataque de entusiasmo.

Ela embeíça e finge protestar:

— Credo, Tomé! Pois eu posso comparar-me com rainhas? I Os teus olhos enganam-te... Mas verdade que fosse, o *lúcaro* era teu. Não hei-de eu ser tua?

— Isso são favas contadas — confirma ele muito ufano.

Mas, imediatamente assaltado por um pensamento sombrio, que raras vezes olvidava, perde o tom faceto e observa macambúzio:

— O pior é a volta das sortes... Se tiro número baixo, amolam-me! E uma vez na tropa, adeus casamento por estes anos mais chegados!

E o Carrapichana, prevendo a realização das suas hipóteses mofinas, passa ao estado colérico e explode:

— *Ratos partam os ladrões que nos mandam a ser soldados!*...

A Luisa escutava-o com singular atenção. Desde que ele falara em sorteio, ela ficara a tremer.

Não o queria soldado por coisa nenhuma. Parecia-lhe que em ele assentando praça se esqueceria logo dela, para ir arruar lá pela cidade, de namoro com as criadinhas finórias — uns estafermos amarementos, umas lambisgoias esgrouviadas que só têm imposturice no corpo!... E esse abandono podia ser completo... a ponto de casar com uma das tais!... Mas se com etesse semelhante traição — Deus lhe perdoasse — mas haviam de lho pagar. Iria ter com os dois e chamar-lhes-ia, a ele, tratante, falso, relaxado; a ela, gata podre, cara feia, pelada!... E em desabafando tudo, trataria de se deitar na *linha*, para o com boio a reduzir a frangalhos, por não querer viver mais.

Tais eram as intenções da Ratucha, se por ventura se realizassem os seus funestos pressentimentos.

— Não me fales em coisas tristes — diz-lhe ela, suspirando, após a praga dele. E ao mesmo tempo, não podendo disfarçar o que sentia, os seus belos olhos negros verteram duas lágrimas diamantinas, que lhe rolaram pelas faces rosadas e louças, como indício evidente do seu amargo desgosto.

O Tomé compreendeu aquelas lágrimas. Já as conhecia de outras ocasiões.

— Tens razão, Luisa. Perdoa a minha lembrança... *Que também não é p'ra choros*, por ora. E mais disso, quem sabe se eu serei soldado. Tenho fé que não... Mas se o for, nunca me esquecerei de ti.

— Juras? — perguntou ela ansiosa.

— Juro, sim. Juro-to, como homem de palavra que não volta atrás.

E levou-lhe a mão aos lábios, beijando-a repetidas vezes.

A Ratucha recebeu os ósculos do amante como choques eléctricos, que a faziam

voltar ao êxtase de venturas em que se enebriara antes, quando ele a gabara.

As expansões entusiásticas irroperam-lhe da alma, veementes, sinceras, arrebatadas.

— Ah Tomé! és um moço como um cravo! *P'ra* mim vales mais do que o rei!... mais do que todos os homens! Quero-te muito... muito... E lançou-lhe um olhar eloquentíssimo, repassado de ternura, repleto de languidez.

Ele ficou deslumbrado. Nunca a vira tão formosa. Quis corresponder-lhe, mas não pôde. Sentia-se embatucado. Por fim gaguejou:

— Tu estimas-me a valer, mas eu inda te quero mais. És uma borreguinha!... E passou o seu braço potente e musculoso sobre os largos ombros dela, forçando-a suavemente a unir o seu rosto meigo e pequenino, ao dele correcto e varonil.

As suíças do Carrapichana roçavam ligeiramente sobre as faces da Luisa, que se contraía nervosa ao estímulo das comichões.

— Larga-me, Tomé!... Larga-me... que isto não está a calhar... — diz-lhe ela titubeando, sem forças para resistir.

— *P'ra* que te hei-de largar, filha, se assim gozamos tanto!...

E sem a atender, ele estreitou-a ainda mais, beijando-a com delírio.

E os dois entregaram-se doidamente àqueles requintes de volúpia que os materializaram de todo...

Por fim, regressaram à vida normal. Que remédio! ela tinha de seguir para a fonte; ele para a herdade. Então é que se lembraram da Vitória e do Ventosas.

— E eles a esperarem pela gente! — diz a Ratucha, com a sua ingenuidade de camponesa.

— Conversa, Josué! Logo eles esperam por nós... Há que estão *emanchados* — observa o Carrapichana com malícia. E acrescenta: — Mas vamos andando que se faz tarde; eles aparecerão, se quiserem...

E puseram-se em marcha, sem trocarem uma frase até à saída da caleja. Ali olharam para todos os lados, mas a respeito de Ventosas e de Pingalha, *nicles*. Onde estarão aqueles marotos? pergunta a Luisa com mostras de surpresa.

O Tomé responde:

— Ora onde hão-de estar!... Estão *p'r'ai a gozarem*, detrás de alguma moita...

Mas a Ratucha queria certificar-se. Chamou em voz alta.

— Vitória!... Oh Vitória!...

— Já lá vou, mulher... já lá vou... — responde a Pingalha, de um arrife de pedras, encoberto por uns sobreiros.

E confirmando a promessa, a Vitória amanha o lenço, agarra a bilha e põe-na à cabeça, dispondo-se a partir. O Chico porém segura-a pelo braço e diz-lhe rindo:

— Então abalas, sem dizeres adeus? Pois eu não te largo, sem me despedir de ti. E zás, prespega-lhe nos lábios dois beijos prolongados e luxuriosos, que foram o epílogo forçado de um drama de erotismo.

Mas a Vitória, sempre resoluta e azougada, fixa-o com modos brègeiros e diz-lhe:

— Ainda não estás farto, guloso?!

E sem esperar resposta, dá-lhe um sacão violento, fugindo-lhe dos braços, e partindo a correr para a estrada, ao mesmo tempo que exclamava alto:

— Aí vou Luisa... aí vou...

Encararam-se. Encararam-se e envergonharam-se. A Ratucha comenta:

— Boa a fizemos, Vitória! Estarmos *p'r'aqui* enredadas de parola com os rapazes, assim sòzinhas... duas moças solteiras!...

— Pois por sermos solteiras é que isso não parece mal, tonta — observa a Pingalha aparentando indiferença. E conclui: — Eu cá não me apoquento... Será o que tiver de ser... (*Reflectindo*) Sabem o que lhes digo... nós, as fêmeas, marchemos já *p'rá* fonte e vocês, os machos, girem *p'ró* trabalho.

— Falas com cabeça, mulher — observa a Luisa. — Quanto mais depressa nos apartarmos, melhor. Se nos descuidamos, ainda nos topam juntos.

— Pois *p'ra* que nos não *topem* é *zunirmos* sem demora.

— Ainda é cedo — observa o Chico.

Mas, antes que elas lhe demonstrassem a falsidade da afirmativa, ouvem-se vozes de gente e latidos de cães que, vindos do lado da aldeia, pareciam soar de perto.

— Ai que *semos bispados!* — exclama a Ratuca, um pouco desorientada.

A Vitória adverte impassível:

— Nada de *arreceios* que nos não *pescam*... O *sencial* é darmos às canelas... E vocês, rapazes, tomem a vereda do monte e sumam-se-nos das vistas.

Os rapazes obedeceram, e as raparigas esgueiraram-se pela estrada fora, num passo ligeiro e miudinho, que depressa as levaria ao fim da jornada.

Entretanto as vozes estranhas passaram a ouvir-se mais distintamente, e os cães, esganiçando-se com fúria, soltavam aqueles latidos agudos e dissonantes que caracterizam os podengos na pista do coelho.

* * *

Chegaram finalmente.

Sobre a facha de calçada irregularíssima que circunda o poço famigerado, depuseram as bilhas e os chocalhos, depois de soltarem um suspiro profundo, que tanto significava saudades lidibinosas das peripécias recentes, como explosão de queçília por não apanharem a *vez*, que era, pelo visto, de mulhierio mais aguçoso, como indicava a presença de alguns cântaros vasilos, para ali emborcados a esmo, Deus sabe desde quando.

— Ai *nina!* quem havia de adivinhar? I... Não *bonda* esfalfar-se a gente a passo de cavalo, tão longe, senão chegarmos cá e fazermos cruces!... Três... quatro... cinco... seis... seis esperas!... Anda, comadre Pingalha, aguenta lá esta mecha!... Não *abalemos* daqui, menos das oito horas!

— E é chuchar, comadre Luisa... Nem tudo são rosas... Sim, não sei se me entendes...

— Quem serão as das esperas? — pergunta a Ratuca, não prestando atenção à piada da amiga.

A Pingalha responde-lhe:

— Essas que forem devem estar estiraçadas, além debaixo da azinheira. Vamos até lá. O mais certo é termos de as arremedar.

— Se temos! Eu nem posso com as pernas! E o corpo... e tudo!...

E as duas dirigiram-se para a árvore, onde encontraram efectivamente as mulheres a que se referiam.

— Salve Deus a vocemecês, todas!

— Deus as salve, raparigas!

— Caramba, que isso é que é madrugar.

— Mais madrugou vocemecê, tia Leocádia — contestou a Pingalha.

— Enganas-te filha: eu vim *ontem*. Cheguei aqui à meia p'r'ás onze. Mas vocês não vieram sós!... Soa p'r'ai bulha... gente... cães...

— Viemos sòzinhas, sim senhora. Isso que ouve são caçadores. Desde lá de baixo, que lhes ouvimos as falas.

— Pois são caçadores, são. Lá aparecem eles. Se me não engano, um é o padre capelão... e o outro... deixa ver se o descubro... ah!... é o senhor Lourenço dos Cortiços. Conheço-o p'lo modo de andar. Parece que anda peiado... Oh, que dois cadeleiros!... — conclui mordazmente a tal tia Leocádia. E como ela desse o ponto, todas fizeram coro, cruzando-se os comentários picarescos sobre o moral dos recém-vindos.

— Têm manha como sete raposas.

— Velhacaria, é que eles têm.

— O que querem é falar mal. Estão sempre com *picardia!*

— Pois *p'ra* mim vêm de carrinho — observa a Gadanha, matrona pimponaça com ares de doutora. E continua: — Se eles baterem aqui, e começarem com larachas, não-de ouvi-las! E eu que me regalo toda por dar um arreção teso nestes *barrascos arrabaceiros!*

— Pois batem cá, mana Inês — nota a Luisa, desgostosa, depois de olhar para a estrada.

E não se enganava. Os caçadores, que eram os mesmos que a Leocádia presumira, saíram da vereda e cortaram em direcção às mulheres, ao passo que os cães ladravam frenéticos, por pressentirem ali perto pessoas desconhecidas.

— *Joia!*... *Gibola!*... *Pinoia!*... — gritou alto o padre Simões, que não queria malquistar-se com as do poço por causa da canzoada.

Mas as cadelas ignorando as intenções do amo, explodiam dezenas de *bé-béus*, cada vez mais ameaçadores, mais encarniçados.

— Aqui, *Pinoia!*... — berrava furioso o capelão, com voz de general em chefe. Mas, qual *Pinoia!* As podengas continuavam a ladrar furiosas, sem se importarem com o dono.

— Está você um bom *pato-moleque* — diz ao capelão o bojudo sr. Lourenço, na sua vozinha pausada e insonsa. Depois, para justificar o apodo, acrescenta: — Quer ver como eles se calam?... Aqui, *Diamante!*... Caluda já!... — ordenou o senhor dos Cortiços, interrompendo as palavras com a demora pachorrenta de um conta gotas mecânico. E o *Diamante* calou-se imediatamente, e voltou logo atrás, arrastando à obediência todas as *Pinoias* e *Giboias*. Foi triunfo para o sr. Lourenço e um desastre para o padre Simões.

— Ora vê, *seu padrecal!* Veja, o que é um homem entender da poda. No latim me ganha você, mas a mandar cães e a fazer pontarias isso... *bolho!*...

O capelão encavacou com a troça, a ponto de jogar a seguinte bisca:

— Você, *seu acalca-túbaras*, é esperto, lá isso é. Mas não lhe valeu a *finura* quando *matou* o coelho *empiolhado!*... E ferrou-lhe uma gargalhada satânica, que deixou apoplético o zorro do senhor Lourenço.

— Você mente! mente como um judeu!... Olhe não seja mais verdade ir você à meia noite aos *gambozinos*, ao pátio da Joana do Laranjal...

— Mau! senhor Lourenço, mau!... Isso não é para nós... Quem tem telhados de vidro não atira aos do vizinho. (*Adocicando as maneiras*) E o amigo, vamos, que as tem feito boas. Que me diz daquela espera às lebres, acolá nos Lobatos? Ah, *seu maganão!* Dessa vez não foi você o *empiolado!*...

— Ora, há que tempos que isso passou!...

— Que fosse há muito tempo, ou há pouco, não importa. A partida deu-se, e o amigo não nega, hein?!

— Homem, cale-se para ai, não ouçam as da fonte. Olhe que estamos ao pé delas... Agora é que vamos conhecer as três perdigotas que vinham *encasaladas*...

— Bons dias, minhas flores, cumprimenta muito cortês o manhoso do padre Simões, dirigindo-se às camponesas.

— Vivam lá, senhoras moças — sauda ronceiramente o velho Lourenço.

— Bons dias tenham vocemecês *tamém* — respondem algumas.

— Não sei como se atrevem a estar aqui de noite — diz o capelão a pretexto de parola.

— E sem *companha* de homens — acrescenta o dos Cortiços com intenção avelhacada.

— Nem *precisemos* deles... — adverte a Gadanha, mostrando mau focinho.

— Lá isso precisam — contesta-lhe o padre. — Se não precisassem, vinham sós e não acompanhadas.

— Pois nós vimos sòzinhas — replica a Leocádia.

— A's vezes, mana.

— Sempre.

— Sempre é modo de dizer. Pelo menos algumas.

— Como assim?

— Como eu lhe digo, comadre.

— E mais eu — acrescenta o senhor Lourenço sorrindo a seu modo.

— Não entendo — contesta a Leocádia.

— Pois é fácil de entender — redargue o capelão. E prossegue: — Quero eu dizer, que entre vocemecês há quem venha de noite ao poço, acompanhada de homem ou homens. Viram estes que a terra há-de comer.

— E estes — aduz o Lourenço arregalando um dos olhos com o dedo indicador. Depois acrescenta: — E não era uma só... eram duas... ou quatro, para melhor, duas fêmeas e dois machos... dois casais de perdizes!...

A Ratucha e a Pingalha estremeceram de susto.

— Mas que *arcas encoiradas* são essas? — pergunta a Leocádia, um pouco intrigada. E a Gadanha acrescenta:

— Vá, digam quem são. Nada de nabos em sacos!

— Sim, que não façam umas o feito e outras carreguem com a fama — comentam várias sujeitas atacadas de puritanismo.

O senhor dos Cortiços responde:

Quem hão-de ser? São essas que nos traziam a dianteira. Vocês dirão quem eram...

— A Vitória!... a Luisa!... — exclama ao mesmo tempo a maioria do auditório.

Espanto geral.

Era para isso. Depois das duas terem afirmado que vinham sós, e agora descobrir-se o contrário, quem não havia de estranhar? Pobres moças!... Sois dignas de lástima, não só pela falta que cometestes, mas também por verdes a vossa reputação abocanhada por dois linguareiros viperinos que de tudo fazem troça.

Confundidas pelo choque, elas nem sabiam o que alegar, tão atarantadas estavam. Por último a Pingalha cobrou o ânimo e responde serena:

— Pois viemos na *companha* de homens, não há dúvida. Mas esses homens não nos fazem vergonha: um era o meu irmão e o outro o irmão da Luisa. Se ainda agora dissemos que vínhamos sós, foi por eles nos deixarem lá longe, onde aparta a *carreteira* de Fontalva. Não é verdade isto, senhor padre capelão?

— Que eles se apartaram de vocemecês, lindinhas, é verdade e mais que verdade. Agora se eles eram os seus irmãos, isso não sei, porque os não conheci.

— Todos somos irmãos — gagueja em tom de mofa o senhor Lourenço, que era um alho para indirectas.

Intervém então a Gadanha:

— Não lhe deite pimenta, seu pardal pansudo! As raparigas vieram com os irmãos de verdade, com aqueles que são filhos das suas mães e dos seus pais, entendeu! Você como só pensa na pouca vergonha, cuida que os mais são o mesmo.

— Que tal está a centopeia! — exclama de cara à banda o senhor dos Cortiços.

— Antes centopeia que cadela relaxada, ouviu?

— Não vale zangar, comadre — observa o astucioso capelão, deitando água na fervura.

— Eu não me zango. Mas não consinto que na minha cara se faça pouco de quem é pobre. Bem vê, que nem todo o mato é ourégãos.

A Leocádia que estava a embirrar com a questão, e que procura ensejo para dizer dichotes, atalha o despique falando assim:

— Deixem-se de *trapuchas*, que não é *p'ra* tanto. Vamos a saber: para onde vão os *meninos* à caça?

— Eu, *senhora D. Leocádia*, sigo à toa por essas herdades fora, a *salto*. E aqui o amigo dos Cortiços, como lhe doem os esparvões, fica ali na fonte do Lobo, a armar aos pássaros. É agora a sua mania.

— E já fez o bebedouro, senhor Lourenço?

— Então havia de estar por fazer, tonta! Aquilo arranja-se de véspera.

— E o *agáchiz*?

— Também.

— Quem puxa o cordel?

— Ora essa! puxo eu... ou tu, se quiseres vir comigo.

— Agradecida, mas não aceito.

— Porquê?

— Porque não calbo no *socho*.

— Ora se cabias... anda vem... Está tão *gettozinho*!...

— Nada, não senhor... fico-lhe obrigada. Que entrem bem os passarinhos é o que eu desejo. Sempre me dará um, não é verdade?

— Um ou dois, como tu quiseres. Um pintassilgo, não?

— Um pintassilgo, pois, dos velhos, daqueles que têm barrete.

— Serás servida, descansa. — E voltando-se para o lado da Gadanha, o sr. Lourenço fita-a com um sorriso agaiatado e diz-lhe: — Tu, minha velhota, também hás-de provar na festa. Se a caçada for boa, dou-te um verdelhão.

— Dê-o a quem quiser, que a mim não me faz falta.

— Deveras?

— Já lhe disse.

— Então não fazemos as pazes?

— Com você senhor diabo, nem bem nem mal.

— Mas comigo bem, não, comadrinha? — pergunta muito manteigueiro o padre Simões, roçando-se pela interrogada.

Ela empurra-o e contesta-lhe:

— Com vocemecê é a mesma coisa. Vocemecê e ele são da mesma *jolga*.

— Apre com a serpente!... Vamo-nos embora, senhor Lourenço, que estamos a perder pólvora. A manhã está a luzir e nós aqui, feitos *marteleiros*, a passarmos por tolos.

— Por tolos e alarves — rumoreja a Gadanha, com uns gestos de nojo.

O senhor dos Cortiços rosna por entre dentes:

— Vamo-nos embora, vamos, que isto é caça brava. Elas amansarão!... E marcharam imediatamente, soltando umas apóstrofes curtas e secas, que decerto não aprenderam nos compêndios de civilidade.

A contestação vibrou em estilo análogo, ainda que a Leocádia riu-se muito, por ser esse o seu feitio. Até lhes gritou:

— Cautela com a gaita!

Eles nem ao menos a ouviram. O senhor Lourenço, que não era de calibre a sofrer mossa com vitupérios do belo sexo, esqueceu logo o incidente. Agora ia todo absorto no aperfeiçoamento do bebedouro, que ainda tencionava modificar, para a rede cair melhor.

O padre Simões, pelo contrário, ficara tão enofrado com a descomponenda que apanhou por tabela, que as suas ideias concentraram-se todas num projecto de desforra, em que, vingando-se das moçoilas, havia também de entalar o *pategas* do senhor Lourenço. Porque, em seu entender, este, com as suas zombarias tolas, é que tinha provocado a hostilidade do *pequename*. E semelhante fiasco punha-o fulo com o velho dos Cortiços, a ponto de monologar colérico:

— Que mostrengo aquele! Só sabe dizer chocarrices!...

Enquanto às mulherzinhas, é forçoso confessar que cada uma fez a sua apreciação picante sobre a conduta dos dois. A propósito veio à baila o caso da Ratuca e da Pingalha, que foi discutido por miudos. Afinal, atendendo à precedência da acusação e ouvidas as explicações das increpadas, resolveu-se reabilitá-las de todo. Segundo a opinião geral, a Vitória e a Luisa tinham critério bastante para regeitarem a companhia de outros rapazes que não fossem seus irmãos.

.....
Meia hora depois, tudo era silêncio nas cercanias da Cegonha. Das mulheres do poço, umas tinham regressado à aldeia, com os cântaros cheios; outras, aguardando a vez, dormitavam junto dos penedos próximos, vencidas de todo pelo sono da madrugada. A Luisa era talvez a única que continuava de vigília. As comoções violentas porque passara antes, atacaram-lhe a imaginação fantasiosa e apaixonada. Assim, o seu cérebro escandecido, longe de se entregar ao repouso reparador, agitava-se revoltado num turbilhão de pensamentos, que lhe contraíam os músculos numa insistência angustiosa, verdadeiramente febril.

* * *

Ao cair da tarde de um domingo de dezembro, o pequeno adro da igreja paroquial regorgitava de curiosos de ambos os sexos, que a todo o custo queriam ver a boda do Chico Ventosa e da Vitória à Pingalha, que àquela hora se realizava, ali, no interior do templo, perante um rebanho de convidados.

— O que tarda a sair! — diziam várias aldeãs impacientes com os filhos a tiracolo.

— Pois agora não há bênçãos — observa a Maria Rita, que campa por entendida em coisas de liturgia.

— É que estão com o assento — redargue sentenciosa a mulher do sacristão.

— Lá saem, já... Lá saem!... Com efeito, à porta principal da igreja assomaram os noivos, os padrinhos e os convidados, saindo todos para o adro em direcção à casa da boda.

Principiam os comentários:

— Que bonita vai!

— Hum! nem por isso. Leva olhos de chorar.

— Pois não havia de chorar? São coisas que chegam fundo. Eu que o diga!

— E que chore. Por isso não é mais feia. Tomaram muitas...

— E o vestido... olhem que é da moda.

— Foi feito á das Eusébias.

— Ai, *nina*, a capela!... Coisa asseada!...

— Veio da cidade. Do Manuel do Cavallo. Dez tostões...

— Coitadinha! Nossa Senhora a ajude.

— E o noivo! olhem o noivo! O que vai de sério! Tem olheiras!...

— Mas bem vestido!...

— Bota fina!

— Colarinho de lustre!

— Botões de ouro... alamares de prata... um dinheirão!...

— Mas não leva abotoadura...

— Se já se não usa!... Nem reparam que as calças são de *portinhola*. Pois eu, foi para o que olhei logo...

— Um moço bem *estreado*, sim senhora... Aquilo deve ser rijo e durázio. *Tamém* apanha um peixe!...

Neste meio tempo o cortejo atravessava as alas da multidão, por entre os olhos perscrutadores dos basbaques, que não queriam desperdiçar o mais ínfimo pormenor.

Segundo o uso local, os noivos e o acompanhamento iam graves e cerimoniaes, cumprimentando para a direita e para a esquerda, ao mesmo tempo que agradeciam as flores e os grãos de trigo que lhes atiravam das janelas e das portas, em obediência ás costumeiras. No meio da comitiva, destacava-se, solene e magestoso, o velho pároco da freguesia — o padrinho-prior — octogenário de virtudes exemplaríssimas, que há meio século servia a paróquia com evangélica dedicação. Os sinos tangeram os repiques do estilo, e desde logo as crianças que enxameavam o terreiro aos saltos e cabriolas, vieram unir-se aos convidados, formando o couce do préstito, numa desordem e indisciplina bulhenta, própria dos poucos anos.

Alguns mais ladinos, tresmalhavam da chusma, e acercavam-se do venerando sacerdote, dizendo-lhe em tom humilde:

— A sua bênção, senhor padrinho!

E o padre Albuquerque, levando a mão ao barrete, descobria a sua formosa cabeleira branca e correspondia risonho:

— Deus vos abençoe, meus filhos. — E atirava-lhes com as amêndoas que lhe haviam oferecido na igreja, expandindo-se numa alegria santa e simples, só própria de quem é bom.

Chegaram por fim á casa dos noivos. A' porta da rua aguardam-nos um bando de moças das mais flamantes da terra que, jubilosas e folgasãs, espargem sobre o séquito pétalas de várias flores. A vizinhança tresporda pelos portados das habitações e a rua coalha-se de gente de toda a casta que acode a ver a boda. Repetem-se, enfim, as cenas do adro da igreja, com tanta ou mais curiosidade.

A noiva e a madrinha voltam-se para o povo e fazem a mesura do costume, para não faltarem ás praxes. E em seguida, metem-se em casa, tendo então lugar a cena dos parabéns. Que ventura e que prazer para a Vitória e para o Chico! Realizaram finalmente os seus sonhos dourados! Entretanto, os padrinhos desenhencilham-se da turba que enche a casita, e regressam á rua, empunhando a bolsa das amêndoas, rebuçados e confeitos, que atiram ás mãos cheias, sobre a onda do povoleu.

— *P'r'aquí!... P'r'aquí!...* — bradam de todos os lados, em tons variadíssimos. E os garotos, caindo de chofre sobre as guloseimas que lhes espalham, esmurram-se e espezinham-se reciprocamente, rindo uns e chorando outros, tudo num berreiro agudíssimo e descompassado, que se ouve a meia légua.

— *P'r'aquí!... P'r'aquí!* — continuam a gritar de todas as bandas, num entusiasmo fremente, característico...

Entretanto, alguém saboreia o espectáculo por uma forma bem diversa. Esse alguém é o capelão e o seu inseparável Lourenço, ambos assistindo ao pagode do casório, do peitoril de uma janela.

O primeiro, de gorro e *cache-nez*, namorava descaradamente a Joana do Laranjal. O segundo, não vendo o coirão dos seus afectos, olhava luxurioso para as mulheres bonitas, e com isso se resignava.

Mas, à chegada do préstito, acordaram de pasmaceira que os erotizava e ficaram maravilhados com a formosura da noiva. E contemplando-a por instantes, vieram-lhe recordações facetadas das cenas ocorridas há meses nas proximidades da Cegonha.

O padre, rememorando os factos, nota:

— Ou hoje, ou a manhã em que nós a bispámos de sapeira com ele!

— Hoje, goza ela mais!... — replica o senhor dos Cortiços, com o seu risinho brejeiro.

— Isso, quem sabe — objecta o capelão.

— Não tem que saber. Hoje, é em cheio!... Tomara você estar-lhe na pele — diz o Lourenço com ares de troça, olhando de esguelha para o padre Simões.

— *Vade retro*, seu atrevido! Ora o *abetarda*, com que se havia de sair!...

E os dois, encarando-se com cinismo, desataram a rir desbragados, como passarões de papo de rola que se entendem perfeitamente. Bons tipos!

Duas palavras sobre a Ratucha:

Desventurada! Desde aquela memorável manhã, tão fértil em acontecimentos, nunca mais pôde sorrir. Desde então, parece que um anjo mau se comprazia em a torturar atrozmente, roubando-lhe os carinhos extremos daqueles que idolatrava.

A mãe morrera-lhe no hospital. O Tomé, lá fora sentar praça em lanceiros, por ter tido o infortúnio de tirar o número baixo.

Bem o pressagiava ela, a infeliz, quando se debulhava em lágrimas por tais suposições. Mas isso ainda era o menos.

Após os sucessos da Cegonha, aos sofrimentos inatos do seu temperamento nervoso, juntaram-se outros morais e físicos que por seu turno agravaram aqueles, pondo-a num abatimento tal que causava dó vê-la e ouvi-la.

Primeiro, sentiu desfalecimentos, náuseas e calafrios. Depois, outros sintomas mais alarmantes e pronunciados vieram acusar-lhe um estado crítico... vexatório.

Estava grávida!... O cúmulo das desventuras!... Ao tempo já era órfã de todo. Sòzinha, no mundo!... O pai, mal a conhecera, a mãe finara-se, o amante... era soldado... Pensou suicidar-se. Mas renunciou à ideia, por covarde e aviltante. Viveria. Seria mãe e esposa. O Tomé jurara-lhe fidelidade. Escreveu-lhe, relatando-lhe tudo, tudo! Ele não respondeu. Não receberia a carta, supôs ela. Escreveu-lhe outra vez. Nada. Terceira carta. O mesmo mutismo. Indagou. Veio-lhe o desengano. Ele, o traidor, que vilmente a seduzira, olvidara-a por uma meretriz de bordel, com quem vivia amancebado! Infamíssimo procedimento!

E a desditosa Ratucha, vendo-se desonrada e escarnecida por aquele que amava desde a infância, rolou desmaiada pelo chão, estorcendo-se em contorsões horríveis que lhe disfiguravam o rosto.

Quando voltou a si, pareceu-lhe um sonho. Mas fulminou-a logo a realidade, a triste realidade. Chorou então muito... Depois as lágrimas exauriram-se, e apenas lhe ficou a escuridão da alma negra como uma noite tempestuosa.

Pobre Luisa!



Execução gráfica da Neogravura Limitada,
Travessa da Oliveira (à Estrêla), 4 a 10
——— Telefone 64426 — Lisboa ———

